

BRASILIANA

5.ª SERIE DA

BIBLIOTHECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SUB-DIRECCAO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — Baptista Pereira: *Figuras do Imperio e outros ensaios* — 2.ª edição.
- 2 — Pandiá Calogeras: *O Marquez de Barbacena* — 2.ª edição.
- 3 — Alcides Gentil: *As Idéas de Alberto Torres (synthese com indice remissivo)*.
- 4 — Oliveira Vianna: *Raça e Assimilação* — 3.ª edição (augmentada).
- 5 — Augusto de Saint-Hilaire: *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo (1882)* — Trad. de Affonso de E. Taunay — 2.ª ed.
- 6 — Baptista Pereira: *Vultos e episodios do Brasil*.
- 7 — Baptista Pereira: *Directrizes de Ruy Barbosa* — (Segundo textos escolhidos).
- 8 — Oliveira Vianna: *Populações Meridionaes do Brasil* — 4.ª edição.
- 9 — Nina Rodrigues: *Os Africanos no Brasil* — (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profusamente illustrado — 2.ª edição.
- 10 — Oliveira Vianna: *Evolução do Povo Brasileiro* — 2.ª edição (illustrada).
- 11 — Luiz da Camara Cascudo: *O Conde d'Eu* — Vol. illustrado.
- 12 — Wanderley Pinho: *Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cote-gipe* — Vol. illustrado.
- 13 — Vicente Licínio Cardoso: *A' margem da Historia do Brasil*.
- 14 — Pedro Calmon: *Historia da Civilização Brasileira* — 2.ª edição.
- 15 — Pandiá Calogeras: *Da Regencia á queda de Rozas* — 3.º volume (da serie "Relações Exteriores do Brasil").
- 16 — Alberto Torres: *A Organização Nacional*.
- 17 — Alberto Torres: *O Problema Nacional Brasileiro*.
- 18 — Visconde de Taunay: *Pedro II*. — 2.ª Ed.
- 19 — Affonso de E. Taunay: *Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVII)*. — 2.ª Ed.
- 20 — Alberto de Faria: *Mauá (com tres illustrações fóra do texto)*.
- 21 — Baptista Pereira: *Pelo Brasil Maior*.
- 22 — E. Roquette-Pinto: *Ensaio de Antropologia Brasileira*.
- 23 — Evaristo de Moraes: *A escravidão africana no Brasil*.
- 24 — Pandiá Calogeras: *Problemas de administração*.
- 25 — Mario Marroquim: *A lingua do Nordeste*.
- 26 — Alberto Rangel: *Rumos e Perspectivas*.
- 27 — Alfredo Ellis Junior: *Populações Paulistas*.
- 28 — General Couto de Magalhães: *Viagem ao Araguaya* — 4.ª edição.
- 29 — José de Castro: *O problema da alimentação no Brasil* — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: *Pelo Brasil Central* — Ed. illustrada.
- 31 — Azevedo Amaral: *O Brasil na crise actual*.
- 32 — C. de Mello-Leitão: *Visitantes do Primeiro Imperio* — Ed. illustrada (com 19 figuras).
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: *Meteorologia Brasileira*.
- 34 — Angyone Costa: *Introdução á Archeologia Brasileira* — Ed. illustrada.
- 35 — A. J. de Sampaio: *Phytogeographia do Brasil* — Ed. illustrada.
- 36 — Alfredo Ellis Junior: *O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano* — 2.ª edição.
- 37 — J. F. de Almeida Prado: *Primeiros Povoadores do Brasil* — (Ed. illustrada).
- 38 — Ruy Barbosa: *Mocidade e Exilio (Cartas ineditas. Prefaciadas e annotadas por Americo Jacobina Lacombe)* — Ed. illustrada.
- 39 — E. Roquette-Pinto: *Rondonia* — 3.ª edição (augmentada e illustrada).
- 40 — Pedro Calmon: *Historia Social do Brasil* — 1.º Tomo — *Espirito da Sociedade Colonial* — 2.ª edição illustrada (com 13 gravuras).
- 41 — José-Maria Bello: *A intelligencia do Brasil*.
- 42 — Pandiá Calogeras: *Formação Historica do Brasil* — 3.ª edição (com 3 mappas fóra do texto).

- 43 — A. Saboya Lima: Alberto Torres e sua obra.
- 44 — Estevão Pinto: Os indígenas do Nordeste (com 15 gravuras e mappas) — 1.º volume.
- 45 — Basílio de Magalhães: Expansão Geographica do Brasil Colonial.
- 46 — Renato Mendonça: A influencia africana no portuguez do Brasil — Ed. illustrada.
- 47 — Manoel Bomfim: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
- 48 — Urbino Vianna: Bandeiras e sertanistas bahianos.
- 49 — Gustavo Barroso: Historia Militar do Brasil — Ed. illustrada (com 50 gravuras e mappas).
- 50 — Mario Travassos: Projecção Continental do Brasil — Prefacio de Pandiá Calogeras — 2.ª edição ampliada.
- 51 — Octavio de Freitas: Doenças africanas no Brasil.
- 52 — General Couto de Magalhães: O selvagem — 3.ª edição completa, com parte original Tupy-guarany.
- 53 — A. J. de Sampaio: Biogeographia dynamica.
- 54 — Antonio Gontijo de Carvalho — Calogeras.
- 55 — Hildebrando Adcloly: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.
- 56 — Charles Expilly: Mulheres e Costumes do Brasil — Traducção, prefacio e notas de Gastão Penalva.
- 57 — Flausino Rodrigues Valle: Elementos do Fôlk-lore musical Brasileiro.
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem á Provincia de Santa Catharina (1820) — Traducção de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior: Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.
- 60 — Emilio Rivasseau: A vida dos Indios Guaycurús — Edição illustrada.
- 61 — Conde d'Eu: Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, commentadas por Max Fleiuss) — Edição illustrada.
- 62 — Agenor Augusto de Miranda: O Rio São Francisco — Edição illustrada.
- 63 — Raymundo Moraes: Na Planície Amazonica — 4.ª edição.
- 64 — Gilberto Freyre: Sobrados e Mucambos — Decadencia patriarchal rural no Brasil — Edição illustrada.
- 65 — João Dornas Filho: Silva Jardim.
- 66 — Primitivo Moacyr: A Instrucção e o Imperio (Subsidios para a historia de educação no Brasil) — 1828-1853 — 1.º volume.
- 67 — Pandiá Calogeras: Problemas de Governo — 2.ª edição.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz — 1.º tomo — Traducção e notas de Clado Ribeiro Lessa.
- 69 — Prado Maia: Atravez da Historia Naval Brasileira.
- 70 — Affonso Arinos de Mello Franco: Conceito de Civilisação Brasileira.
- 71 — F. C. Hoehne — Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI — (Pesquisas e contribuições).
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire — Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
- 73 — Lucia Miguel-Pereira — Machado de Assis — (Estudo Critico-Biographico) — Edição illustrada.
- 74 — Pandiá Calogeras — Estudos Historicos e Politicos — (Res Nostra.) — 2.ª edição.
- 75 — Affonso A. de Freitas: Vocabulario Nheengatú (vernaculizado pelo portuguez falado em S. Paulo) — Lingua Tupy-guarany. (com 3 illustrações fóra do texto).
- 76 — Gustavo Barroso: Historia secreta do Brasil — 1.ª parte: "Do descobrimento á abdicção de Pedro I" — Edição illustrada.
- 77 — C. de Mello-Leitão: Zoologia do Brasil — Edição illustrada.
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz — 2.º tomo — Traducção e notas de Clado Ribeiro Lessa.
- 79 — Craveiro Costa: O Visconde de Sinimbu — Sua vida e sua actuação na politica nacional — 1840-1839.
- 80 — Oswaldo R. Cabral: Santa Catharina — Edição illustrada.
- 81 — Lemos Brito: A Gloriosa Sotaina do Primeiro Imperio — Frel Caneca — Ed. illustrada.
- 82 — C. de Mello-Leitão: O Brasil Visto Pelos Ingleses.
- 83 — Pedro Calmon: Historia Social do Brasil — 2.º Tomo — Espirito da Sociedade Imperial.
- 84 — Orlando M. Carvalho: Problemas Fundamentais do Municipio — Edição illustrada.
- 85 — Wanderley Pinho: Cotegipe e seu Tempo — Ed. illustrada.
- 86 — Aurelio Pinheiro: Á Margem de Amazonas — Ed. illustrada.

- 17 — Primitivo Moacyr: A Instrução e o Imperio — (Subsidios para a Historia da Educação no Brasil) — 2.º volume — Reformas do ensino 1854-1888.
- 18 — Helio Lobo: Um Varão da Republica: Fernando Lobo.
- 19 — Coronel A. Lourival de Moura: As Forças Armadas e o Destino Historico do Brasil.
- 20 — Alfredo Ellis Junior: A Evolução da Economia Paulista e suas Causas — Edição illustrada.
- 21 — Orlando M. Carvalho: O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco.
- 22 — Almirante Antonio Alves Camara: Ensaio Sobre as Construções Navaes Indigenas do Brasil — 2.ª edição illustrada.
- 23 — Seraphim Leite: Paginas de Historia do Brasil.
- 24 — Salomão de Vasconcellos: O Fico — Minas e os Minas da Independencia — Edição illustrada.
- 25 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: Viagem ao Brasil — 1865-1866 — Trad. de Edgar Süsssekind de Mendonça — Edição illustrada.
- 26 — Osorio da Rocha Diniz: A Politica que convem ao Brasil.
- 27 — Lima Figueiredo: Oeste Paranaense — Edição illustrada.
- 28 — Fernando de Azevedo: A Educação Publica em São Paulo — Problemas e discussões (Inquerito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).
- 29 — C. de Mello-Lettão: A Biologia no Brasil.
- 100 — Roberto Simonsen: Historia Economica do Brasil — Ed. illustrada em 2 tomos — 100 e 100-A.
- 101 — Herbert Baldus: Ensaio de Ethnologia Brasileira. — Edição illustrada.
- 102 — S. Froes Abreu: A riqueza mineral do Brasil — Edição illustrada.
- 103 — Souza Carneiro: Mythos Africanos no Brasil. — Edição illustrada.
- 104 — Araujo Lima — Amazonia — A Terra e o Homem — (Introdução á Anthropogeographia) — 2.ª edição.
- 105 — A. C. Tavares Bastos: A Provincia — 2.ª edição.
- 106 — A. C. Tavares Bastos: O Valle do Amazonas — 2.ª edição.
- 107 — Luis da Camara Cascudo: O Marquez de Olinda e seu tempo (1792-1870) — Edição illustrada.
- 108 — Padre Antonio Vieira: Por Brasil e Portugal — Sermões commentados por Pedro Calmon.
- 109 — Georges Raders: D. Pedro II e o Conde de Gobineau (Correspondencia inedita).
- 110 — Nina Rodrigues: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil — Com um estudo do Prof. Afranio Peixoto.
- 111 — Washington Luiz: Capitania de São Paulo — Governo de Rodrigo Cesar de Menezes — 2.ª edição.
- 112 — Estevão Pinto: Os Indigenas do Nordeste — 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos indigenas do nordeste brasileiro).
- 113 — Gastão Cruis: A Amazonia que eu vi — Obidos-Tumuc-Humac — Prefacio de Roquette-Pinto — Illustrado. 2.ª edição.
- 114 — Carlos Süsssekind de Mendonça: Sylvio Romero — Sua Formação Intellectual — 1851-1880 — Com uma indicação bibliographica — edição illustrada.
- 115 — A. C. Tavares Bastos — Cartas do Solitario — 3.ª edição.
- 116 — Agenor Augusto de Miranda — Estudos Piauhyenses — Edição illustrada.
- 117 — Gabriel Soares de Souza: Tratado Descriptivo do Brasil em 1587 — Commentarios de Francisco Adolpho Varnhagen — 3.ª edição.
- 118 — Von Spix e Von Martius: Atravez da Bahia — Excerptos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
- 119 — Sud Mennucci: O Precursor do Abolicionismo — Luiz Gama — Edição illustrada.
- 120 — Pedro Calmon: O Rei Philosopho — Vida de D. Pedro II — Edição illustrada.
- 121 — Primitivo Moacyr: A Instrução e o Imperio (Subsidios para a Historia da Educação no Brasil) 3.º volume — 1854-1889.
- 122 — Fernando Saboya de Medeiros: A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Imperio e os Estados Unidos da America.
- 123 — Hermann Wätjen: O Dominio Colonial Heilandez no Brasil — Um Capitulo da Historia Colonial do Seculo XVII — Tradução de Pedro Celso Ushôa Cavalcanti.

- 124 — Luiz Norton: A Córte de Portugal no Brasil — Notas, documentos e cartas diplomaticas da Imperatriz Leopoldina — Edição illustrada.
- 125 — João Dornas Filho: O Padroado e a Igreja Brasileira.
- 126 e 126-A — Augusto de Saint-Hilaire: Viagens pelas Provincias de Rio de Janeiro e Minas Geraes — em 2 tomos — Edição illustrada. Traducção e Notas de Clado Ribeiro de Lessa.
- 128 e 128-A — Almirante Custodio José da Mello: O Governo Provisorio e a Revolução de 1893 — 1.º Volume, em 2 tomos.
- 129 — Afranio Peixoto: Clima e Saude — Introducção bio-geographica á civilização brasileira.
- 130 — Major Frederico Rondon: Na Rondônia Occidental — Edição illustrada.
- 131 — Hildebrando Accioly: Limites do Brasil — A fronteira com o Paraguay — Edição illustrada com 2 mappas, fórs do texto.
- 132 — Sebastião Pagano: O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817 — Edição illustrada.

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140 — São Paulo

D. Pedro II e o
Conde de Gobineau

1989

Votre lettre m'a fait comme toujours
beaucoup de plaisir
Je vais télégraphier à Rio pour le livre dont
vous parlez.
Je compte être le 6 Juin à Vichy et il
me tarde de continuer mes études lingu-
stiques.
Ma santé est bonne et je m'occupe
autant que je puis

Votre tout affectueux
J. Pedro d'Alcantara

Versailles 30 Mai 1891

Série 5.^a

BRASILIANA

Vol. 109

BIBLIOTHECA

PEDAGOGICA

BRASILEIRA

GEORGES RAEDERS

Director do Lyceu franco-brasileiro de S. Paulo
Professor na Faculdade de Philosophia, Sciencias e Lettras
da Universidade de S. Paulo

D. Pedro II e o Conde de Gobineau

(CORRESPONDENCIAS INEDITAS)

EDIÇÃO ILLUSTRADA



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre

1938

DE GEORGES RAEDERS.

FICÇÃO:

Départs. — (esgotado)

La dernière des Amazones, roman brésilien.

HISTORIA

Le comte de Gobineau au Brésil.

D. Pedro II e o Conde de Gobineau.

D. Pedro II e seus confrades, os escriptores e sabios
(no prelo)

TRADUÇÕES (do Portuguez)

Eça de Queiroz: *La Relique* (com prefacio de Valéry-Larband).

José de Alencar: *O Guarany*, sob o titulo: *Le Secret de l'Indien.*

Tristão de Athayde: *Fragments de Sociologie Chrétienne*
(em collaboração com Jean Duriau).

EM PREPARAÇÃO:

— *Portugal do meu coração.*

— *As Origens do Romantismo brasileiro* (3 vols.)

(I) *Gonçalves de Magalhães e o indianismo litterario.*

(II) *Gonçalves Dias.*

(III) *José de Alencar.*

PEDAGOGICA (em collaboração com Vilhena Moraes)

— *José, le bon élève brésilien, — mon premier livre de français* (Cia. Editora Nacional).

— *Images et Visages de France — mon deuxième livre de français* (Cia. Editora Nacional).

I N D I C E

Introdução	11
CAPS.	
I — 1870: Gobineau volta á França	17
II — A Guerra franco-alemã	29
III — A “commune” de Paris	41
IV — 1871: Primeira viagem de D. Pedro fóra do Brasil	50
V — O Conde de Gobineau nomeado ministro de França na Suecia	71
VI — Chegada de Gobineau a Stockholmo ..	78
VII — O anno de 1873 em Stockholmo	109
VIII — Anno de 1874: A questão religiosa no Brasil. Publicação das “Pleiades”, de Gobineau	152
IX — Anno de 1875: “La Renaissance”	188
X — Segunda viagem de D. Pedro II fóra do Brasil — (1875 - 1877)	210
XI — Gobineau em Roma. A situação européa em 1878	238
XII — 1879: A Reforma eleitoral no Brasil	274
XIII — 1880: A Emancipação ..	318
XIV — Anno de 1881	346
XV — 1882: O ultimo anno de vida de Gobineau	359
— Originaes francezes das cartas de Gobineau e de D. Pedro II	373
— Indice dos nomes citados	621

INTRODUÇÃO

O anno que o conde de Gobineau passou no Rio de Janeiro como ministro da França, lhe pareceu insupportavel. (1) De sua estadia na America Latina elle só trouxe lembranças desagradaveis ou humilhantes. (2) Em momento algum, este homem intelligente e generoso tentou comprehender o Brasil e seus habitantes, ce-go pelas theorias que elle proprio se creara "de toutes piéces", e para seu proprio uso. "Não sou muito curioso para olhar fóra de mim mesmo, escreveu elle um dia a D. Pedro II e Vossa Magestade sabe que em mim a objectividade é menor que a subjectividade". (Carta de 14 de Agosto de 1878).

A theoria das Raças, exposta no "Essai sur l'Inégalité des Races Humaines" não tem base segura nem historica nem philosophica; sabe-se, no emtanto o uso nefasto que della fizeram certos allemães e que delle faz actualmente o regimen hitlerista.

D. Pedro II estava disposto a acolher o escriptor com fervor e sympathia. Antes mesmo da chegada do diplomata ao Rio, escrevia elle ao barão de Cotegipe, seu ministro das Relações Exteriores, a 19 de Fevereiro de 1869: "O novo ministro da França, o Conde de Gobineau, que talvez chegasse no paquete de Bordéos é-me recommendado, e conheço-o por suas obras litterarias. Si elle quizer ver-me antes da recepção official, com muito prazer lhe fallarei amanhã ás 6 da tarde ou no domingo ás 11 da manhã ou ás 6 da tarde". (3)

O primeiro encontro do soberano brasileiro e do escriptor francez foi o começo de uma grande amizade

que nunca se desmentiu. No entanto, não podia haver homens mais diferentes um do outro que D. Pedro II e Gobineau. O Imperador era calmo, ponderado, prudente; Gobineau frisava o paradoxo até a violencia e a injustiça extremas. O primeiro era liberal, democrata e simples; o segundo intransigente, arrogante, aristocrata. Idéas completamente oppostas, mesmo em litteratura e na arte. "Nós fallamos de tudo, escreveu Gobineau referindo-se a uma de suas numerosas palestras que tinha com o imperador muitas vezes por semana no palacio de S. Christovão, fallamos de tudo e ainda de outras cousas e nem sempre somos da mesma opinião. Quando a discussão torna-se acalorada, eu me desculpo, mas elle pede-me que continue. Elle é muito mais liberal que eu; tambem é seu mistér... Elle me atormenta por causa de mathematica, creio que não chegaria a me jogar no meio dos algarismos. Que fariam ahí meus livros e minhas estatuas?"

"O Imperador, dizia elle ainda, é constitucional", ao passo que, elle, conde de Gobineau, é "menos que pouco", e contradiz D. Pedro "em suas preferencias que pedia pelas constituições á moderna sobre qualquer outra forma de governo". Gobineau admirava muito Lucius Cornelius Sylla "este cirurgiãõ, este carniceiro... este scelerado augusto... este Titan... que, fazendo cortar tantas cabeças, restaurou a dominação patricia e poz a ordem e a disciplina na republica consolidada." (4) Este elogio exaggerado de um tyranno cruel irritava um imperador, que supprimiu a pena de morte e soffria duramente quando seus conselheiros tomavam medidas severas contra seu povo. (5)

Juntos, elles discutem sobre a emancipação dos escravos que D. Pedro queria apressar; sobre as emigrações para o Brasil, principalmente as emigrações de ca-

tholicos do Sul da Allemanha. Nada de protocollar em suas relações. Elles fazem mutuamente troca de livros. D. Pedro faz presente a Gobineau de uma "pagaie" e de um arco. Gobineau entalha o busto do Imperador. D. Pedro vae á provincia de Minas Geraes; de todos os membros do corpo diplomatico acreditados no Rio, o unico convidado a acompanhar-o foi o ministro de França. E quando, no meio de uma representação da Ristori no Rio, Gobineau teve uma altercação violenta com o Dr. Saboia, onde elle não tem o melhor papel, o Imperador esforça-se por arranjar as cousas e obter, delicadamente, o "rappel" de seu amigo.

Logo que chegou em França, Gobineau começa a escrever a D. Pedro. Esta troca de correspondencia entre Gobineau e D. Pedro durará onze annos, isto é até a vespera da morte de Gobineau. A primeira carta de Gobineau é endereçada ao imperador de sua propriedade de Trye, a 24 de Julho de 1870; a ultima (28 de Agosto de 1882) que tem uma letra tremula e quasi illegivel, partirá de Roma, foi escripta um pouco menos de dois mezes antes de sua morte em Turim.

São essas cartas que publicamos. Ellas apresentam um interesse documentario dos mais vivos. Gobineau sabia perfeitamente a lingua portugueza que aprendeu e muito bem, durante sua estada no Brasil; comtudo é em francez, e em excellente francez, que D. Pedro lhe escrevia sempre.

Falta um certo numero de cartas á collecção, que, provavelmente, se perderam. Os originaes das cartas do Imperador acham-se conservados na Bibliotheca Nacional e Universitaria de Strasbourg a ella offerecidos pelos herdeiros (Fonds Gobineau). Os originaes das cartas de Gobineau a D. Pedro II pertencem aos archivos do castello d'Eu e são de propriedade de S. A. I. D. Pe-

dro de Orleans e Bragança, neto do Imperador, a cuja liberalidade os historiadores tanto devem, e que de bom grado autorisou esta publicação.

O saudoso Maurice Lange que foi professor na Universidade de Strasbourg e um dos melhores biographos do autor de "*L'Inégalité des Races Humaines*", escreveu que as cartas do imperador "attestavam a persistencia da amizade pelo Imperador como a curiosidade, a firmeza de seu espirito" e que seria bom "si chegassemos a vel-as publicadas". (6)

Quanto ás cartas de Gobineau a D. Pedro, Maurice Lange procurou-as em vão. Por seu lado, o principal biographo de Gobineau, o allemão Ludwig Schemann, escrevia em 1916: "Tive, infelizmente, pouca sorte, ao procurar as cartas endereçadas a D. Pedro. Ainda que por duas vezes tenha recebido uma resposta affirmativa, S. Alteza Imperial a Senhora d'Eu não encontrou occasião para me deixar estudar estas cartas, e agora que a distancia entre nós e o mundo francez é tão grande, (7) resta-me pouca esperanza de poder fazel-o num futuro proximo". (8)

Na realidade essas cartas, como os outros documentos que pertenceram ao Imperador D. Pedro II, estavam guardados em caixas e difficeis de consultar. Todos esses archivos são agora accessiveis aos buscadores, graças ao magnifico trabalho do grande erudito e historiador brasileiro, o Snr. Alberto Rangel, a quem S. A. I. D. Pedro de Orleans e Bragança, confiou o cuidado de classificar-os.

E' o texto integral dessas cartas que publicamos; supprimimos tão sómente as formulas de cortezia, sempre as mesmas e sem interesse aqui.

NOTAS

(1) Ver nosso trabalho: *Le comte de Gobineau au Brésil*, com numerosos documentos ineditos (Nouvelles Editions Latines, 7 rue Servandoni, Paris VI.e — 1935).

(2) Sua "historia" com o Dr. Saboia.

(3) *Cartas do Imperador D. Pedro II ao barão de Cotegipe* ordenadas e annotadas por Wanderley Pinho, do Instituto Historico Brasileiro, do Instituto Historico da Bahia (Companhia Editora brasileira, São Paulo) p. 59.

(4) *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines* tomo II, p. 245 e p. 246.

(5) Para mais detalhes, ver: *Le Comte de Gobineau au Brésil*, capitulo X, pagina 44 e seguintes.

(6) Maurice Lange — *Le Comte Arthur de Gobineau, étude biographique et critique*, Strasbourg, 1924 — p. 164.

(7) 1916: em plena grande guerra.

(8) Ludwig Schemann — *Gobineau: Eine Biographie*, 1916, tomo II p. 718.

CAPITULO I

1870: GOBINEAU VOLTA Á FRANÇA

O Conde de Gobineau, cansado, doente, tendo enfim, obtido a licença que elle pedia já ha muitos mêses, deixa o Brasil e volta á França (maio 1870). Elle espera nunca mais voltar á America, e não nega que apesar de seus embaraços pecuniarios, preferiria ser posto em disponibilidade, a reassumir um cargo que lhe trazia tão penosas recordações. Elle deixa no Brasil ao menos um amigo na pessoa do Imperador. Por sua vez, D. Pedro II lastima o erudito diplomata e suas sábias palestras dos domingos no palacio de S. Christovão. Mas elle está todo entregue ás preocupações que lhe dá ainda a guerra do Paraguay, guerra longa e cruel, que só terá fim em março de 1870, por morte de Lopez II. Nesta contenda com o Paraguay, escrevia nessa época, o sabio Agassiz que viajava o Brasil, o povo brasileiro deve ser considerado como o porta-bandeira da civilisação. . . . O Brasil, nesta lucta, merece a sympathia do mundo civilisado”.

Chegando á França, o Conde de Gobineau, retira-se para sua propriedade em Trye, districto de Oise, perto de Paris. Ahi é que foram escriptas as primeiras cartas de Gobineau ao Imperador. Ahi tambem que Gobineau foi surprehendido pela guerra provocada pela Prussia. As respostas de D. Pedro, ás quaes o es-

criptor francez faz allusão, (cartas de 6 de julho e 2 de agosto de 70) não foram encontradas. E' provavel que ellas tenham desapparecido na tormenta, o castello de Trye tendo soffrido com a invasão prussiana.

Gobineau a D. Pedro II

Castello de Trye (Oise)
24 de Julho de 1870.

Magestade,

Tenho a honra de enviar a Vossa Magestade os dois cadernos que Sua Alteza teve a bondade de me confiar com uma carta do Sr. Renan. (1) Queria que os detalhes com que elle estuda o assumpto, fossem agradaveis ao Imperador. Minha impressão é que elle se sentiu satisfeito com a sua leitura e seu exame. Elle fallou-me do trabalho de traducção com bastante interesse e quando eu lhe disse que a versão de Isaie estava começada, creio que elle sentiu um grande desejo de ter igualmente conhecimento logo que esta esteja prompta. O Snr. Mérimée (2) acha-se ainda muito doente, mas assim que tiver recuperado algumas forças, tenciona agradecer a Vossa Magestade pelas armas que o Imperador se dignou fornecer-lhe. Não tive occasião de ver o Snr. de Rougé. (3) Por ora ausentaram-se todos de Pariz e é preciso esperar o inverno.

O movimento litterario, é bastante pobre actualmente. Não direi precisamente que é por causa da guerra actual, pois, é certo, não ser esta muito propicia para

o reanimar; mas a verdade é que, ainda assim, os tempos actuaes não se adaptam a este genero de actividade, em nosso paiz pelo menos. Que este fogo se reanime e se intensifique um dia, eu o quero crer para não des-
esperar de um bem certamente necessario para uma nação; mas, em summa, a verdade é que a chamma não se percebe; o que ha são as cinzas e não se vê brilhar grande cousa sob estas cinzas. Noto até que ponto os homens que fizeram da cultura do espirito um mistér especial, e que deste modo chegaram a persuadir a toda a nação que para escrever era preciso ter alguma patente como para ser negociante, medico ou engenheiro, esquivam-se elles mesmos ao alvo que tiveram a pretensão de guardar para si sós e procuram tornar-se hoje em dia homens politicos e gente de negocios. Temos disso um triste exemplo na pessoa do infeliz Snr. Prevost-Paradol (4) que se suicidou por aperceber-se, assim me dizem, um pouco tarde, que o movimento liberal que elle pensara poder invocar como para justificar a sua adhesão a um partido até então sempre por elle combatido, não era o liberalismo como elle havia comprehendido. São destas loucuras que eu não estou preparado a comprehender nem a desculpar. Espero que a grande crise actual não seja muito longa e que sáia dahi algum bem.

Como não quero que ignore, Senhor, o pouco que chega ao meu conhecimento, sei de uma bella publicação feita na Allemanha, por Flugel, o Editor de Koran. Elle imprime neste momento a especie de encyclopedia arabe de Ennedyn, intitulada: *Thrist-al Ouloum*, o catalogo das Sciencias. Infelizmente, com uma idéa bastante pedante, frequente do outro lado do Rheno; elle dá o texto, notas, commentarios e nada de traducção, de maneira que o proveito será escasso.

O busto de Vossa Magestade (5) retardado por uma série de contratempos, doença de um pratico, negligencia de um outro, aborrecimentos inseparaveis da esculptura, ficará prompto, eu o espero, até o fim de Agosto. O marmore é optimo, e o que está feito, até agora, me satisfaz completamente. Estou ainda com febre e de tal modo sobrecarregado de aborrecimentos e embaraços de negocios de toda especie, que ainda não pude ver a Senhora condessa de Barral, o que penso fazer na proxima semana...

Gobineau a D. Pedro II

Castello de Trye (Oise)

2 de Agosto de 1870.

Magestade,

Acabo de receber a carta de Vossa Magestade com data de 8 de Julho e não sei como agradecer ao Imperador todas as atenções dispensadas a mim e aos meus. Continuo, com effeito, com um pouco de febre. Espero que com o tempo tudo passará; mas estou tão atarefado que quereria bem não ter que me preoccupar com isto.

Já enviei a Vossa Magestade os dois manuscritos e a carta do Snr. Renan. (6) Não tornei mais a ver este desde sua viagem interrompida ao Spitzberg e não sei si, nas circumstancias actuaes, elle iria retomar o seu curso. Em todo caso, não me parece que isto possa tardar muito.

Terei em breve a honra de vos enviar, Senhor, algumas notas para o *Prometheu* (7) que eu bem quizera

ver terminado e *em versos*. Seria um lindo monumento e a elle dou grande importancia.

Nada me causa maior alegria dô que a palavra *até logo* que me diz ainda Vossa Magestade e penso já no proximo anno com enthusiasmo. O Imperador tinha já motivos de grande interesse para animar seu espirito com esta idéa. Mas parece-me que agora o exame da vida européa será ainda mais attrahente e instructivo do que teria sido ha tres mezes. Os factos que se produzem neste momento não deixarão de annunciar resultados bem graves e de fazer subir, á superficie das cousas, tantas verdades essenciaes que haverá um estudo bem importante e já prompto sob as vistas, e grandes conclusões a tirar de tudo o que se vir. E' chocante no mais alto gráo, ver como esta nação encara a questão com a seriedade que merece e, si é difficil á gente mostrar-se indifferente a esta manifestação do espirito publico que acaba de dar ao Exercito mais de 100.000 voluntarios alistados em poucos dias, creio que não se pôde ficar menos impressionado presenciando-se com que união se esforçam os não combatentes preparando subscrições, ambulancias, soccorros de toda especie para os exercitos.

Ouso citar ao Imperador um facto completamente opposto que se presencêia na Allemanha. E' notorio que as populações do Sul, Bavieros, Wurtembergos, caminham com a maior repugnancia em soccorro da Prussia e é preciso levar á força os "landwehrs". O que é muito significativo e constitue o ponto sobre o qual eu queria chamar a attenção de Vossa Magestade, é que a emigração sempre importante nos paizes que indico e nas margens do Rheno manifesta-se e vae manifestar-se cada vez com maior intensidade, visto os meios de subsistencia escassearem. Não acha o Imperador que o

Brasil teria um grande interesse em tomar medidas para chamar a si a emigração dessas populações catholicas, para a activar, a prender, a seduzir? Parece-me isto uma bôa partida que, jogada convenientemente, tiraria o Brasil de seu grande isolamento no ponto de vista da emigração geral e lhe daria o que ha de melhor e de mais desejavel, isto é, colonos agricolas. Eu veria nisto o corollario muito feliz do grande trabalho de emancipação que occupa tão justamente o pensamento do Imperador. Ainda uma vez parece-me que esta questão conduzida com firmeza, decisão e, o que é essencial, uma grande honestidade, poderia ser como uma graça providencial nos destinos do Brasil... (8)

Gobineau a D. Pedro II

Castello de Trye (Oise)

19 de Agosto de 1870.

Magestade,

Tenho em mãos a carta de Vossa Magestade. Em que estado ella nos veio encontrar! O Imperador sabe o que nos aconteceu (9) é, por minha parte, estou horrorisado em ter tido razão nas minhas previsões; mas razão de uma maneira tão horrorosa que absolutamente não pensava ter. Uma tal guerra começada sem exercito preparado, sem chefes idoneos, sem armazens, sem nada! Mas não é nem o momento, nem o gosto que me poderiam levar a considerar tudo isto nesta hora. A França permanecerá maior ainda desta vez, pois são horriveis as condições que lhe são feitas, mas assim

mesmo ella ha de sahir-se bem. Vossa Magestade conhece nossos successos em Metz. Não duvido nada que desta vez pegamos a Fortuna pelos cabellos e que vamos rechassar resolutamente os Prussianos entre a Moselle e Châlons. (10). Toda esta planicie está coberta de trabalhos de defesa. Foi aqui, Vossa Magestade lembra-se que os Francos unidos aos Visigodos derrotaram Attila. Nós derrotaremos, além disso, os filhos de Alberto de Brandeburgo. O marechal Bazaine conseguiu fazer um movimento de concentração e elle dá agora a mão aos corpos formados em Châlons e que estão em disposições admiraveis. Em toda a França a organização se faz com tal rapidez que é impossivel fazer-se uma idéa. Aqui eu formo quatro batalhões de guarda nacional e minha vida passa-se a correr de uma aldeia a outra. Na proxima semana terei meus quatro batalhões promptos; Vossa Magestade pôde imaginar o que seja um paiz inteiro levantado. Hontem á noite, eu tinha em minha aldeia quinhentos camponezes reunidos das comarcas visinhas; confusão, gritos, mulheres, crianças e, no meio de toda esta algazarra, fiz nomear e reconhecer os officiaes. Espero que depois me darão alguma occupação. Si a crise actual puder ensinar á sociedade do seculo XX, que não se conduza, não se faça viver e não se vença nem com as massas, nem com as machinas, mas somente com os corações e os espiritos, ella não terá custado muito caro.

Observo um ponto consideravel. O jacobinismo está agonisante. Elle quiz se mostrar, e arrastar-se mesmo a um exito. Foi a gente baixa da plebe que o pegou pela garganta. Isto é digno de ser notado, e uma vez que com Vossa Magestade, graças á sua indulgente bondade, posso fallar com confiança, eu não calarei que a situação dominante, isto é, a que existirá após a expulsão dos Prussianos, será das mais delicadas e das mais

diffíceis. O que resultará, é impossivel prever. Os chefes militares victoriosos, o exercito decidirão certamente de tudo, de uma forma ou de outra, e é claro que o jacobinismo nada poderá fazer. As populações não querem nem que se falle disso, isto é evidente e, por toda a parte a guarda nacional o suffocaria. E' seguramente um grande ponto ganho. Vossa Magestade me julgará certamente bastante optimista em face de uma situação tão grave e que está longe de ser clara; estou bem persuadido que tenho razão. Receio mesmo ver Vossa Magestade rir-se á lembrança de algumas de minhas opiniões. (11) Mas não se trata de theoria no momento actual e a verdade apparece tal como ella é sem que o homem seja dispensado de cumprir o seu dever...

Gobineau a D. Pedro II

Castello de Trye (Oise)
10 de Setembro de 1870.

Magestade,

O que acontece neste momento é sem exemplo em toda a Historia da França. Nem Azincourt, nem Poitiers, nem Waterloo podem ser comparados a isto, e 80.000 homens que depõem as armas, é um facto inaudito que ninguem comprehenderá sem uma apreção de causas bem deploraveis e bem profundas.

Vossa Magestade sabe qual era a minha opinião sobre a situação da França; mas eu pensei que ainda tivéssemos cincoenta annos de vida; e não tínhamos sinão alguns mēses. Não posso escrever o que vi, o que pen-

so, o que ouço. Estou persuadido de que o coração de Vossa Magestade está profundamente affectado com o que nos acontece.

Eu vos escrevo, Senhor, no meio de uma confusão inexplicavel. As populações das immediações do Oise se escondem, tomadas de panico; a aldeia está cheia de camponezes desorientados, homens, mulheres, crianças, bois, carneiros, carroças carregadas de moveis e de aves domesticas, de colchões, de tudo o que se possa imaginar. (12) Os habitantes de Trye portam-se bem; todas as casas estão cheias desses infelizes. Ha um tal fazendeiro que hospeda umas vinte pessoas e vinte e cinco a trinta cabeças de gado. Uma das causas desse panico é o abandono de muitas comarcas por seus respectivos prefeitos que se escaparam sem avisar ninguem. Vendendo-se abandonados, os camponezes julgaram-se perdidos e deixaram tudo. Morre gente pelas ruas. Uma mulher velha foi enterrada ante-hontem no canto de um campo. Do outro lado de Trye, na Normandia, outras correntes de fugitivos produzem um accumululo de gente sem nome. Eu contenho com esforço, e multiplicando as exhortações, todos os que chegam aqui para os impedir de se jogar nesse turbilhão que trará uma miseria indizivel si continuarem a andar. Os animaes morrerão de cansaço, os homens não terão mais nem provisões nem recursos. Todos me attendem e tenho a honra de ver triplicada no momento a população de minha comarca. Mas não é sem custo que consigo segurar meu proprio povo. Corre o boato de que as columnas prussianas dirigem-se em direcção do Rouen para apoderarem-se do valle do rio Sena e ameaçar o Havre. Si isto acontecer, a onda armada rolará sobre nós e é isso que amedronta o nosso paiz. Vejo-me obrigado a fallar todo o dia para acalmar o povo, para attenuar as noticias tristes, e para exaggerar os boatos consoladores e repe-

tir a todo instante que, aconteça o que acontecer, eu não sahirei do meu cantão. Não me deixam ir nem mesmo a Beauvais. N'uma palavra, Vossa Magestade não pôde imaginar um panico, um terror mais absoluto e uma disposição mais prompta a acceitar como verdadeiras as exaggerações de medo o mais absurdo. Eis o que fizeram de nossas populações.

Seguramente o presente não é alegre, mas que será do futuro si o moral deste povo não se transformar completamente? O que o governo (13) faz nestes ultimos dias é muito moderado e prudente; mas a herança que elle administra está num tal estado que o proprio Deus, só poderia fazer alguma cousa a força de milagres.

Quando estive em Paris, o numero que ouvi dizer de bobagens e de loucuras é inconcebivel e está claro que este desgraçado povo, bem latino neste ponto como em outros, banha-se até saciar-se e nutre-se da manhã á noite na fanfarronada e na mentira. Só de ler os jornaes sente-se a gente tomada de raiva ao ver que nem uma situação como esta pôde tornar as victimas mais ajuizadas...

NOTAS

(1) D. Pedro II apreciava muito a obra do Snr. Renan, com o qual entra pessoalmente em relação epistolar nessa epocha, graças ao intermedio de Gobineau. Esta carta, em opposição a umas outras que lhe são posteriores, não foi encontrada.

Esses cadernos, confiados a Gobineau por Renan, encerravam as traducções do Psalmo de Ruth, feitas pelo imperador. Desde alguns annos o soberano estudava com paixão o hebraico e o grego. Para mais detalhes, ler: visconde de Taunay: *O Grande Imperador* (Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1932) — pg. 84 e pg. 109.

(2) Prosper Mérimée (1803-1870), autor de "Carmen", archeólogo, membro da Academia franceza e da Academia de Inscripções e Bellas Lettras, — morreu em Cannes, dois mezes depois desta carta 23 de Setembro, sem ter podido agradecer a D. Pedro as armas indigenas que este lhe tinha enviado.

(3) Visconde Olivier de Rougé (1811-1872), archeólogo e sábio em linguas orientaes. Desde 1860, professor de philologia e de archeologia egypcia no Collegio de França.

(4) Lucien-Anatole Prévost-Paradol, (nascido em 1829) jornalista e membro da Academia franceza. Seus "Estudos sobre os moralistas francezes" se leem ainda. Republicano, acabou concordando com o governo de Napoleão III. Este enviou-o como encarregado de negocios da França nos Estados Unidos. Elle suicidou-se, pouco depois de sua chegada, á noticia da guerra franco-prussiana. Deixou um filho, que se suicidou como elle.

(5) O busto que se acha actualmente no Museu Historico do Rio ficou muito tempo sem ser identificado. (Ver Snr. Roquette Pinto: *Diario Official de São Paulo*, agosto de 1929).

(6) Ver nota 1.

(7) D. Pedro tinha começado a traducção do *Prometheu acorrentado* de Eschyle em portuguez. O manuscrito, ainda ine-

dito, desta traducção, figura nos archivos imperiaes do Castello d'Eu. O imperador encarregou o barão de Paranapiacaba da transcripção de sua traducção em versos. (Ver o estudo publicado pelo erudito Sr. A. de E. Taunay na edição de *O Grande Imperador*, de seu illustre pae, o visconde de Taunay, ob. cit. p. 86). Esta traducção em versos, do barão de Paranapiacaba foi publicada na *Revista do Instituto Historico e Geographico brasileiro* (LXVII, 2.^a 5).

Quanto ao estudo bastante curioso, escripto por Gobineau a proposito d'esta traducção, publicámol-o nós mesmos em nosso trabalho: *Gobineau au Brésil* (p. 155 a p. 164).

(8) A opinião de Gobineau sobre a emigração dos Allemaes do Sul para o Brasil corresponde á de D. Pedro que, effectivamente, tinha sempre procurado atrahir esses colonos de elite. Foi particularmente com o auxilio destes que elle fundou Petropolis.

(9) A França e a Prussia estavam em guerra desde 2 de Agosto. A guerra declarada pela França era desejada pela Prussia desde muito tempo. A falsificação da "depêche" d'Ems por Bismarck arrastou Napoleão III, quasi contra sua vontade, nesta infeliz aventura.

(10) Gobineau bem depressa perdeu as suas illusões. Apesar de sua coragem, o exercito francez, mal aparelhado, mal commandado, ia ser esmagado pelo seu adversario.

(11) As theorias sobre a inferioridade das raças latinas e a superioridade das raças germanicas — (Georges Raeders: ob. cit. p. 54).

(12) Vimos o mesmo triste espectaculo se desenrolar nos mesmos lugares em Agosto de 1914.

(13) Alguns dias antes, 3 de Setembro, Napoleão III tinha sido feito prisioneiro em *Sedan* com todo o seu exercito. A 4 de Setembro o Imperador era derrotado e substituido por um Governo de defesa nacional, composto de Gambetta, Jules Ferry e outros.

CAPITULO II

A GUERRA FRANCO-ALLEMÃ

Desde o dia 19 de Setembro de 1870, os allemães cercavam Paris com 200.000 soldados de Infantaria, 34.000 cavalleiros e 900 peças de Artilharia. Uma parte da França estava occupada pelo inimigo. O governo francez tinha-se refugiado em Bordeus. Guilherme, rei da Prussia, tinha installado seu quartel general em Versailles, onde, dentro em pouco, far-se-ia coroar imperador da Allemanha.

N'um sabbado, dia 28 de Janeiro de 1871, após um penoso cerco de quatro menses da parte dos allemães e uma resistencia encarniçada da parte dos francezes, a cidade de Paris foi obrigada a render-se. O armisticio de Versailles, concluido logo depois entre Bismarck e o governo provisorio francez, teve por resultado o tratado de Francfort (10 de Maio 1871). A França perdia a Alsacia e a Lorena, e devia pagar em tres annos á Allemanha cinco milhões de francos. Um exercito de occupação seria mantido no Norte e Este á custa da França, até o pagamento completo da indemnisação de guerra. A França respeitou a sua assignatura e todos os francezes acceitaram bem duros sacrificios para desobrigar-se o mais depressa possivel da divida que lhe tinha sido imposta.

O conde de Gobineau, "conselheiro geral" do "Oise", fica no meio das populações de sua região occupada pelo invasor, e fez o mais que pôde para tranquillizar e ajudar a essa gente. Seu pensamento intimo deamente e muito seus actos. Com effeito, elle considera a derrota da França como um castigo e o triumpho da Prussia como uma desforra legitima da raça aryana sobre uma raça latina degenerada. Nessa época, elle chega mesmo a escrever um artigo nesse sentido, artigo esse que elle não ousára publicar, e que só foi conhecido graças a seu biographo allemão, Ludwig Schemann, e somente em 1918. (O que aconteceu em França em 1870, nos *Nachgelassene Schriften des Grafen Gobineau*, 1918). Importantes trechos desse trabalho foram publicados na revista *Europe* (15 de Fevereiro de 1923). O editor allemão não tem razão de se servir, em plena guerra, deste escripto como argumento contra as raças latinas. Pois como disse o Snr. Affranio Peixoto na Academia Brasileira de Letras: "Parece que em 1914-1918 não foram os arianos, mas sim os latinos, os victoriosos. Gobineau foi uma antecipação invertida dos Spengler e Kaiserling: apenas matou a raça vencida em 1870, enquanto estes mataram o Occidente; porque não venceram no Marne".

Assim, si Gobineau calumniou o Brasil e os brasileiros, elle não calumniou menos seus proprios compatriotas. Sua theoria, tão falsa, das Raças conduziu o honesto gentilhomem a injustiças indignas de si.

Não temos as cartas endereçadas, nessa época, por D. Pedro II ao conde de Gobineau.

Gobineau a D. Pedro II

Castello de Trye (Oise) perto de Beauvais.
7 de Janeiro de 1871.

Magestade,

Permitta-me Vossa Magestade que eu comece esta carta exprimindo os votos os mais sinceros e os mais ardentes para a felicidade do Imperador e da Imperatriz assim como de Suas Altezas Imperiaes. O anno que acabou foi bom para o Brasil e um grande successo militar, o fim de uma guerra deploravel, contribuiam singularmente para o esplendor do reinado de Vossa Magestade. (1) Desejo de toda minha alma que os menses do presente anno não sejam menos fecundos em felizes acontecimentos. Ouso accrescentar que si um principe merece, em nossos dias, gloria e triumphos, é certamente Aquelle que... não me deixaria dizer neste ponto meu pensamento.

Quanto a nós, Senhor, somos decididamente infelizes e em toda a profundeza do infortunio. O paiz e a gente estão igualmente affectados. Na parte da França que se acha occupada pelos exercitos allemães, a passagem das tropas, os alojamentos militares, as requisições, o resultado frequente de conflictos armados crearam uma situação que Vossa Magestade pôde facilmente imaginar. Onde o governo de Bordéos exerce sua acção, passa-se quasi a mesma cousa, mas em proveito das tropas francezas; receia-se a apparição dos allemães e faz-se além disso o recrutamento geral que deixa milhares de familias sem paes, sem irmãos, sem amparo e numa miseria indescriptivel. Vossa Magestade viu que não quizeram reunir uma Constituinte, nem uma assembléa

qualquer; um decreto recente dissolveu as Municipalidades, os Conselhos de districtos e os Conselhos geraes e incumbe os prefeitos de providenciar a tudo por meio de delegações. O resultado é uma anarchia illimitada e, si Paris succumbir, está claro que nem por isso teremos a paz. Onde pois a conclusão? Quando poderemos esperar sahir das ruinas e começar a reconstruir o que ficou por terra? Eis, eu creio, o que ninguem pôde dizer, mas é evidente que, si a destruição material é grande, o desastre moral é illimitado. O Imperio espalhou o verme por toda parte e as almas carcomidas estão arruinadas. Uma das cousas curiosas a observar, é que o que nos conduz á hora actual, por falta de um pessoal differente, são os subalternos do Imperio. A delegação dos Negocios Estrangeiros é composta de dois ou tres dos infimos de ha cinco mêses. Essa gente quiz absolutamente me reenviar ao Rio. Si ali eu pudesse viver, ali teria ficado. Além do que não sei de que maneira representaria actualmente a França, junto de Vossa Magestade. Supponho que o Imperador é bastante bom para querer ver-me representar um tal personagem. Não que eu tivesse má vontade em cumprir uma missão activa para a defesa nacional; mas voltar ao Brasil não teria nada de analogo, isto seria uma méra sinecura e a representação da Republica, — o que não é de meu geito. (2). Fiquei pois aqui. Os batalhões da guarda nacional que eu tinha organizado não quizeram bater-se; para as companhias de voluntarios que eu quiz formar, apresentaram-se *quinze homens*, dos quaes, um por um, veio no dia seguinte dizer-me que sua assignatura nada queria dizer e pedia-me que eu não contasse com elle. Procurei fazer tambem alistamentos; encontrei quatro bebedos dos quaes desembarcei a aldeia; é um feliz resultado, mas bem fraco. Em todo caso, não me lastimo. Fui mais feliz que meu

visinho, o marquez de Mornay. Elle tinha mil e oitocentos homens; elle quiz conduzil-os em perseguição aos Prussianos que se dizia estarem desbaratados e sem armas nos bosques. Cento e cincoenta bravos seguiram-no até a metade do caminho. Uma vez lá, declararam que não iriam mais longe e foi preciso voltar atraz. Pelo menos, a mim declararam-me a tempo o que queriam e o que não queriam fazer. Então reduzido ao papel o mais pacifico, senti-me feliz em poder arranjar os negocios da cidade de Beauvais no momento em que ella foi occupada; o Conselho Municipal agradeceu-me enviando-me uma carta assignada por todos seus membros; em seguida, garanti do melhor modo as trinta e sete comarcas que formam meu cantão; exceptuando-se uma só, onde quatro casas foram queimadas, mas nenhum damno pessoal, não houve violencia de especie alguma. Pediram-me para intervir em muitas outras partes do departamento, assim o fiz e consegui, entre outras, fazer diminuir de 30.000 Frs. a 10.000 a contribuição exigida a uma comarca que tinha escondido armas. Naturalmente, os Senhores republicanos, depois de terem recusado de todas as maneiras, a vir bater-se quando eu lhes fornecia os meios, gritaram bem alto que eu estava vendendo Beauvais aos Prussianos; mas, em summa, e ainda que me tenham querido matar (conforme o que me disseram, mas ninguem veio para m'o confirmar) tudo isto parece dissipar-se. O que não se dissipa, é a situação em que me vejo impellido e sem sahida, e pois que Vossa Magestade teve a infinita bondade de me perguntar como poderia ser-me util nas circumstancias actuaes, vou dizel-o com toda sinceridade e como um dever de gratidão.

Sem nenhum recurso no presente, arruinado pelos alojamentos e requisições, e não podendo esperar um porvir que pôde tardar muito, parto para Constantino-

pla onde um amigo garante-me uma occupação. (3) Si será sufficiente ou insufficiente, ainda não sei; mas o peor é o nada em que me acho. A Senhora Gobineau e Christine ficam em Trye, primeiro porque sua presença salvaguarda a propriedade; segundo, porque não disponho de meios para leval-as actualmente. Nada tenho; desde o mez de Agosto, nada pude sacar em Pariz e daqui por diante nada terei a sacar pois estou em disponibilidade e devo a todo mundo na redondeza. Si Vossa Magestade digna-se condescender em enviar-me quinze mil francos autorisando-me a restituil-os assim que isto me seja possível, (4) prestar-me-ia um grande serviço e de um modo que dobraria o valor do beneficio. Além disso, si o Imperador quizer encarregar-me de alguma cousa que lhe possa ser agradável, eu me sentiria inteiramente satisfeito. E' com grande alegria que fico sciente de vossa intenção, Senhor, de ir emfim a Petropolis. Isto será um descanso e horas disponiveis que serão, eu o vejo, admiravelmente aproveitadas.

A intenção que Vossa Magestade tem de continuar as duas traducções de *Isaias* e de *Prometheu* me causa um prazer extremo. Continuo a ter pela segunda uma predilecção accentuada e assim que tiver o menor meio para a ella me dedicar, continuarei as notas que os acontecimentos actuaes não me permittiram terminar. Com a ajuda da excellente bibliotheca do Barão de Prokesch, espero poder trabalhar neste assumpto predilecto, em Constantinopla e apressar-me-ei em enviar o conjuncto a Vossa Magestade. Mas, eu o repito ainda, desejaria infinitamente que a traducção fosse em versos. Parece-me que o portuguez presta-se perfeitamente ás conformidades metricas da tragedia de Eschylo e isto não seria, a meu ver, um grande acrescimo de trabalho, nem sobretudo um trabalho esteril e sem recompensa. Peço a Vossa Magestade que pense nisto. No tocante a

Isaias, espero que o Imperador se dignará dar-me tambem communicação e eu a mostrarei ao Senhor Renan que m'a pediu com antecedencia. Não duvido, ainda que o Imperador nunca me tenha fallado em suas cartas, que os manuscriptos do *Psalmo de Ruth*, e que enviei ao Rio pela Legação de Vossa Magestade, lhe tenha chegado ás mãos.

Vossa Magestade soube da morte do pobre Mérimée. (5) A ultima vez que o vi, elle pretendia escrever ao Imperador para agradecer-lhe a respeito do arco. Não sei si conseguiu fazel-o. Elle estava peor de sua bronchite, mas ainda mais desesperado com os acontecimentos e sobretudo com a quêda do Imperio. Elle disse abraçando-me quando eu o deixei: "O que me consola, é que não tenho muito tempo para viver" e partiu para Cannes onde morreu. Despir-se inteiramente de toda sensibilidade foi o empenho de toda sua vida, entretanto a tristeza causou-lhe o derradeiro golpe e eis o que são os sentimentos, as opiniões e as pretensões humanas. Estimava muito Merimée e sinto vivamente a sua perda.

Que Vossa Magestade não me julgue numa completa inactividade intellectual, no meio desta perturbação. Meus amigos procuram vender na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Russia minhas collecções de pedras gravadas asiaticas e de manuscriptos arabes, persas e afghans. E' um negocio avaliado em cento e sessenta mil francos e si pudesse effectuar-se promptamente, isto me seria uma grande ajuda. Mas as cousas podem demorar; o que eu quero dizer é que fiz catalogos, e sobretudo o de minhas pedras gravadas é uma verdadeira historia da Arte asiatica desde a época das pedras não talladas até nossos dias.

O manuscrito augmenta naturalmente, e muito, o valor e a importancia de meus 540 entalhos (amethystas, onyx, cornalinas de todos os tempos e de todos os formatos conhecidos) pois dellas dá a classificação completa e o enunciado das mudanças de estylos e de escolas. Tambem refiz, revi, completei um romance intitulado: *Marsille Torella* (6) que vou ver se colloco na Belgica. Emfim, reuno todas as minhas forças para começar *quem sabe* em Constantinopla um *mui grande trabalho* do qual terei a honra de fallar a Vossa Magestade si o acaso me permittir e si as circumstancias me ajudarem no emprehendimento desta obra consideravel. E' egualmente provavel que daqui a pouco publicarei um volume sobre os negocios actuaes. As livrarias apressam-me para que eu termine o manuscrito o mais cedo possivel e lhes entregue. Escreveram-me de Petersbourg que a *Historia dos Persas* ahi foi muito apreciada e os sabios orientaes della fazem grande uso em suas citações. Estou encantado pois com elle ganhei amigos incognitos que me teem dado, ultimamente, provas tocantes de estima e de affeição...

Não quero deixar de dizer a Vossa Magestade que o busto do Imperador está prompto. Elle está em Pariz. Ficou maravilhosamente bem em marmore e não terei grande cousa a retocar, caso isto seja preciso. A Senhora Gobineau julgal-o-á e o enviará á Inglaterra logo que as communicações fiquem restabelecidas, si não fôr preciso meu retoque. Peço a Vossa Magestade, caso me honre com sua resposta, que me envie sua carta á Senhora Condessa de Barral que saberá fazel-a chegar ás minhas mãos...

Gobineau a D. Pedro II

Castello de Trye (Oise)
11 de Fevereiro de 1871.

Magestade.

Acabamos de fazer as nossas eleições para a Constituinte e, com oito deputados, não ha um só republicano verdadeiro; todos são conservadores. O Senhor Duque d'Aumale está em primeiro lugar e não duvido que elle tenha sido nomeado tambem em outros departamentos. Eu, naturalmente, segui de perto as operações do escrutinio e arranjei-me de modo a que a candidatura de Sua Alteza Real fosse acceita como devia ser em todo o cantão de que disponho. Minhas trinta e sete comarcas adoptaram, em grande maioria, a lista que eu lhes tinha dado. Neste ponto de vista, tudo vae bem. Temos esperanças, e creio que bem fundadas, de que todos os departamentos visinhos escolherão de preferencia os conservadores e, na realidade, realistas. E' bem possivel que o Sul da França se mostre, aqui e ali, um pouco jacobino, mas, em summa, nada vejo, em tudo o que estamos presenciando ha seis mēses, no fundo das cousas, a não ser na superficie, que faça alterar a opinião que, por muitas vezes, exprimi a Vossa Magestade, quando então eu previa mui proxima a quēda da organização napoleonica; não ha republicanos sinceros em França, e além disso, os demagogos podem assassinar alguns individuos, queimar alguns castellos, mas não saberiam tentar hōje, mesmo com qualquer probabilidade de exito, formar um governo.

Isto não quer dizer que não estejamos na imminencia de perigos consideraveis. Eis, a meu ver, os dois

principaes: a falsa prudencia, a desmoralisação profunda e, numa palavra, o embrutecimento da nação.

Chamo falsa prudencia esta idéa que teem muitos *velhos politicos*, como os amigos do Snr. Dufaure e outros: não apressemos o advento da monarchia e deixemos uma republica transitoria se interpôr entre os ultimos dias da invasão e o começo de um regimen definitivo. E' preciso ter cautela. Sabe-se como o provisorio começa, principalmente em França, e ninguem pôde prever como acabará. Quando o Snr. Thiers votou em 1848 a favor do Principe Luiz Bonaparte, elle chamava a isto ir adiante, este incendio supposto durou 21 annos e custou muito caro. Si tivermos uma republica postica, o que dahi sahirá, não sabemos. Parece-me possivel termos em breve a realeza; que de difficuldades a esperam, disso não duvidamos um só instante, mas vale mais fazer frente a ellas que augmental-as. Quanto a mim, sou realista ás claras, fallo nesse tom a meus collegas do Conselho-Geral e estou convencido de que fariamos mal em nos jogarmos nos manejos de um machiavelismo bastante arriscado.

No que diz respeito ao estado da desmoralisação geral, é impossivel, Senhor, fazer-se uma idéa completa. Ha seis mêses sustenta-se esta população unicamente de mentiras. Ella julga-se victoriosa dos Allemães em toda a linha e como os resultados vão de encontro a esta maneira de ver, ella arranja tudo dizendo-se trahida. A ignorancia é tão profunda em todas as classes, e o habito de não contar com o valor moral dos homens tão enraizado que não se admite mais nem os meritos da honestidade, do talento, da previdencia, da sciencia das cousas, nem os desastres causados pela impericia e incapacidade e as loucas ambições. Todo o mundo é trahidor, todo o mundo vende o paiz; porque? com que interesse? de que maneira? E' que ninguem reflecte an-

tes de fallar e as cousas vão tão longe neste habito de demencia que eis o que eu constato todos os dias: um homem vota em favor do Snr. Duque d'Aumale e, ao mesmo tempo, denuncia com furor o General Trochu como traidor. Pergunta-se porque o General Trochu traiu sua causa? Resposta: é que elle queria restabelecer os Principes de Orleans! — Mas, objecta-se; o Senhor tambem quer restabelecel-os pois deseja a realeza do Senhor Conde de Pariz (7) e é servir mal o futuro soberano entregando a capital aos Estrangeiros. — O interlocutor sacode os hombros e fica convencido de que, vós tambem, sois um amigo dos Prussianos. Dahi resulta que o eleitor que vota bem é quasi tão perigoso è tão disposto a atacar, a matar e a incendiar como o eleitor que vota mal. Razão patente para que se apresse a constituir um poder regular e definitivo afim de restabelecer o equilibrio de todas as cousas.

Quanto a mim, Senhor, não posso partir; estou preso por causa das eleições, e tambem pelo Conselho Geral onde vamos tentar achar um meio de repellir uma contribuição de guerra de onze milhões que nos impõe a autoridade allemã, e emfim por uma nova occupação que temos ainda em Trye. Não sei porque espero não precisar recorrer ao auxilio de Vossa Magestade. Si as cousas se accomodarem de maneira que eu fique no serviço, talvez não seja preciso...

NOTAS

(1) A Guerra do Paraguay.

(2) Gobineau não quer mais voltar para o Brasil. No emtanto aceitará d'ahi a pouco d'“essa gente” que elle despreza um posto diplomatico em Stockholm.

(3) Seu velho amigo, o conde de Prokesch-Osten, ministro da Austria em Constantinopla. O emprego procurado na Turquia lhe foi concedido, mas Gobineau não partiu.

(4) O que D. Pedro teria concedido a seu amigo mas Gobineau não teve necessidade desse dinheiro.

(5) 23 de Setembro de 1870.

(6) Trabalho que não foi publicado e é ainda inedito:

(7) O conde de Pariz era filho mais velho do rei Luiz Philippe, e por conseguinte pertencia ao tronco mais novo dos descendentes de Henrique IV. Elle inclinou-se deante das pretensões ao throno, de seu primo, o conde de Chambord, neto do rei Carlos X e unico descendente do tronco mais velho. Uma primeira tentativa de restauração monarchica em favor do conde de Chambord, que se chamava já Henrique V, abortou pela recusa do proprio pretendente, em 27 de Outubro de 1873. Depois da morte do conde de Chambord, que não deixou filhos, as pretensões ao throno de França voltaram ao conde de Pariz e, depois d'elle e até nossos dias, a seus descendentes, em linha directa.

CAPITULO III.

A "COMMUNE" DE PARIZ

Depois da tomada da capital franceza e á conclusão do armistício de Versailles entre a França e a Prussia, o conde de Gobineau volta a Paris. Elle ahi é surpreendido pelo movimento revolucionario conhecido sob o nome de "Commune" e que estalou bruscamente no começo de março de 1871. Sob os olhos dos allemães, uma guerra civil se prolongou durante dois mēses. As consequencias foram terriveis. Os revolucionarios parizienses incendiaram com petroleo as *Tuileries*, o *Louvre*, o "*Palais-Royal*", a *Cour des Comptes*, o "*Palais de Justice*", a "*Prefecture*", o "*Hôtel de Ville*", os "*Magasins généraux*", a "*Garé de Lyon*" e casas um pouco em toda a parte. A mais, assassinaram, sem julgamento, seus refens: o arcebispo de Pariz, Mgr. Darboy; — Bonjean, primeiro presidente da "*Cour des Comptes*"; sacerdotes, seminaristas, soldados da policia e guarda-civis. A repressão das tropas leaes, do governo de M. Thiers foi sem piedade. O numero de mortos durante esse periodo de lucta teria sido de 20.000. Por outro lado, 50.000 prisioneiros foram julgados por conselhos de guerra, dos quaes 3.500 foram condemnados á morte e executados e 13.000 condemnados á deportação. (ver o livro do Snr. Marc André Fabre: *Les`Drames de la Commune*, Paris — 1937).

Felizmente, Gobineau pôde escapar de Pariz e ficou-se provisoriamente em Versailles. E' pena que as cartas que possuímos dessa época não sejam numerosas. Os acontecimentos de Pariz e a vida em Versailles sob a occupação allemã, vistos pelo grande escriptor francez, teriam certamente tomado um realce surpreendente.

Gobineau a D. Pedro II

Pariz, 10 de Março de 1871.
Avenue Joséphine, 83.

Magestade,

Quizera bem jamais ver um dia em que eu não soubesse como escrever a Vossa Magestade. Quando esta carta chegar ás mãos do Imperador, já se terão passado mezes desde que uma tão grande infelicidade feriu a familia Imperial. (1) Só agora tive conhecimento della na miseravel situação desta triste época e a senti com toda a força e a dôr de um coração muito affeioado a Vossa Magestade. Não ousou imaginar qual seja a disposição de alma e de espirito dos augustos habitantes de São Christovão. No emtanto, desde que soube do acontecido, minha dedicação transporta-me constantemente em pensamento ao pé de vós e eu quizera que um e outro vissem aqui a expressão mal definida, mas a verdade bem profunda de uma affeição sem limites e como só pôde inspirar a mais sincera veneração.

Não me sinto com coragem para escrever muito hoje á Vossa Magestade, pois estou inteiramente domina-

do por esta idéa que ha cousas e momentos na vida ante os quaes todos os interesses de raciocinio, de apreciação, de previsão cessam e tornam tudo igualmente indifferente. Hoje só posso exprimir ao Imperador minha gratidão por todas as delicadezas com que me tem constantemente cumulado, por sua indulgencia, por sua lembrança da qual as suas cartas me trazem de uma maneira tão delicada para mim, a preciosa expressão; eu não posso sinão fallar-lhe de minha affeição inviolavel pela Imperatriz e por Si, affeição que me une profundamente a todas as maguas de sua augusta casa, e lhe pedir se digne ver aqui o testemunho do mais profundo e inteiro respeito com os quaes sou, Senhor, de Vossa Magestade Imperial, o mais dedicado e attento servidor.

Gobineau a D. Pedro II

Pariz, 22 de Março de 1871.

Magestade,

A Senhora Condessa de Barral entregou-me hontem á noite a carta de Vossa Magestade datada de 25 de Fevereiro. Obedecendo ao Imperador não tocarei mais no assumpto.

A singular convulsão que tomou a cidade de Pariz ainda continua. Os amotinadores, senhores absolutos da situação, e não tendo podido esquentar a imaginação com sufficientes pretextos para violencias, não sabem o que fazer; o governo por sua vez não sabe tambem como agir, e o que chamamos a *população* honesta (não

sei porque motivo qualificam-na assim) e que até agora pouco se interessou, começa a agitar-se para defender suas lojas. Aliás uma bôa parte dos jacobinos e dos piores, não tendo sido consultados pelos Catilinas do momento, representam o papel de libertadores. Creio que mais tarde veremos o que são os benefícios do diabo; não é menos verdade, creio eu, que seremos tirados do embaraço em grande parte por elle.

Trata-se de chamar o duque de Broglie ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Ha quinze dias faz elle seu apprendizado de homem pratico em Londres. Em geral, o governo do Senhor Thiers (2) parece praticar mais ainda do que o antigo regimen napoleonico, esta rara maxima que para desempenhar um mistér, a condição indispensavel é não 'sabel-o.

Por mim, estou desanimado de esperar; mas todos meus amigos repetem-me e juram que é preciso esperar, e eu espero. Mas eu quizera estar em Constantinopla.

Minha senhora e Christine estão ainda em Trye mas creio que partem amanhã para Copenhague. (3) Si saquearem o Castello, a perda será menor do que ahi permanecer d'ora avante sustentando os "mobiles", os pobres, os "patriotas" de todas as cores. E terei assim inquietações de menos; como estão de accôrdo que eu livre de muitas miserias e males o Cantão, e o Departamento, são de opinião que me matem, o que não me impede, aliás, de ser popular, mas meus partidarios formando a maioria e compostos de gente honesta veriam com curiosidade e interesse a cara que eu faria em tal caso. E' uma grande nação e, evidentemente bem latina; sua raça não se pôde negar.

Não creio que Mérimée tenha deixado muitas obras posthumas. Elle foi sempre um grande amigo de conversar, pouco inclinado ao trabalho e, nestes ultimos an-

nos, não fazia quasi nada; aliás, elle estava muito doente.

Envio a Vossa Magestade a Estela de Mésa, Rei de Nével. E' muito interessante e por diversas razões, historico, philologico.

Renan escreveu quatro grandes artigos sobre a situação actual, mas hesita em publical-os e seus amigos não o aconselham a fazel-o. Segundo a opinião bastante acertada que Vossa Magestade fez d'elle e a verdade indubitavel que o Imperador comprehendeu, Renan detesta a Republica e tem um horror profundo e instinctivo aliás bem razoavel por tudo o que é impiedade. Os partidos jacobinos são-lhe pois intoleraveis. Elle venera a idade média e detesta Béranger. (4) Elle é pois, neste momento, tão odioso aos partidos agitadores como o póde ser um padre. Isto não é sinão uma das poucas excentricidades dos tempos actuaes. Elle julga que si a tranquillidade se restabelecesse, o *Corpus Inscriptionum Semiticarum* poderia começar a apparecer no proximo anno. Eu o desejaria vivamente, pois é de um interesse extremo. Espero no proximo correio enviar a Vossa Magestade algumas annotações sobre o *Prometheo*. Sinto que o Imperador o negligee; mas desejo muito a redacção em versos, para della fazer uma obra digna do texto, do autor primitivo e do traductor. Vejo, pelo que Vossa Magestade me diz de seus trabalhos sobre Isaias, o *Cantico* e as *Lamentações*, que deste lado é que se dirigem os vossos estudos neste momento. Mais uma razão para que eu deseje a prompta appareição do *Corpus semitica*...

Gobineau a D. Pedro II

Versailles, 9 de Maio de 1871.

Magestade,

Tenho em mãos o bilhete que Vossa Magestade se dignou escrever-me e que a Senhora Condessa de Barral me entregou. Não fallo do seu conteúdo sinão para dizer ao Imperador como me sinto commovido com suas attenções. Espero, neste momento, que no final de contas os meus negocios se arranjarão sem grande difficuldade, e permanecendo no caminho em que estou empenhado, eu me limitarei a agradecer ao Imperador o testemunho de interesse com que me honrou, do qual guardarei uma eterna lembrança e uma gratidão absoluta. (5)

A Senhora de Barral disse-me que Vossa Magestade tinha fixado mais ou menos para 12 de Junho a época de sua chegada á Europa. Senti uma grande alegria e alguma surpresa. (6) Estou verdadeiramente radiante por ter-me encontrado com a Senhora de Barral, pois, sem este acaso, o Imperador desembarcaria em Southampton e eu só viria a saber pelos jornaes.

O Senhor Thiers participa-me a sua intenção de me enviar ao Norte; si o acaso coincidir que seja a Copenhague, eu espero ir de lá á Inglaterra para ter a honra de cumprimentar a Imperatriz e Vossa Magestade em seu desembarque.

Já ha alguns dias nota-se grandes melhoramentos na situação do governo em face de Pariz; os esforços começam a produzir fructos verdadeiros; Issy (7) deve ser tomado na hora actual e, em qualquer caso, não po-

derá resistir por muito tempo. Afinal, parece calcular-se que, daqui a quinze dias mais ou menos, a insurreição de Pariz estará provavelmente extincta. E', certamente, o mais triste episodio de nossas adversidades; pôde-se razoavelmente esperar que este será o ultimo golpe desferido contra a vaidade da nação, por rude que elle seja. Todavia, os embaraços constitutivos só se farão sentir, verdadeiramente, após o abrandamento deste accesso de febre ardente. Então, somente, ver-nos-emos em face da questão de organização.

Creio que a maior difficuldade, talvez invencivel, que se oppõe a uma solução solida, é menos a resistencia do que a ductilidade bastante excessiva das massas. Ha, na realidade, cinco partidos em França; mas sob esta realidade que é de forma, ha uma realidade mais forte ainda, porque ella é de fundo; é que a grande maioria dos Francezes não têm verdadeiramente um partido tomado, e está prompta a adherir a todo chefe que seja um homem de genio, que não commetta faltas, que não contrarie nenhum interesse, nem capricho algum, a quem tudo se pedirá sem nada retribuir, de quem se fallará mal todo o dia e que deverá estar de pé. Eis o ideal politico de todos os povos ingovernaveis e, em particular, da raça latina. Não sei si será facil encontrar este phenomeno nos tempos de hoje. Como em verdade é um homem de carne e osso e não uma constituição que se quer, dirigiram-se os olhos para o lado do principe da casa de Bourbon; elle conserva-se silencioso e immovel e tivemos a surpresa de constatar que a inquietação popular aspirava a uma restauração imperialista; é certo tambem que um plebiscito constituiria actualmente uma imprudencia extrema neste sentido; entretanto, diante dos ultimos successos militares e oratorios do Snr. Thiers, as eleições municipaes tendo dado resultados republicanos moderados, dahi conclue-

se que o povo francez quer hoje á testa dos seus destinos o Snr. Thiers. Mas, evidentemente, dahi é preciso tambem concluir, imperiosamente, que um homem é indispensavel, e o principe recuando para uma distancia cada vez mais pronunciada, e estando o Snr. Thiers já muito edoso, teremos de fazer face, uma manhã, ás eventualidades.

A Senhora de Barral me diz que Vossa Magestade estava disposto a achar a resistencia a todo transe digna de sua approvação na occasião da guerra contra os Alemães. Uma vez que o Imperador deve ir á Europa, Elle convencer-se-á com seus proprios olhos de que a Historia judiciosa não perdoará jamais a falta commetida depois da derrota de Sedan por ter ousado continuar a guerra sem ter um só meio material, e mais ainda, sem um só meio moral de a fazer utilmente. Exceptuando-se alguns assassinatos, não existe siquer aqui a energia do mal e o que se passa em Pariz, no meio deste Terror sem violencias reaes e deste frenesi revolucionario sem paixão, é disto a prova convincente...

NOTAS

(1) Em 7 de Fevereiro de 1871 morre em Vienna, com a idade de 24 annos, victimada por uma febre typhoide, a princeza D. Leopoldina, segunda filha de D. Pedro, nascida no Rio a 13 de Julho de 1847, casada em 15 de Dezembro de 1864 com o principe Augusto, duque de Saxe Cobourg e Gotha.

(2) Chefe do governo provisorio desde a queda de Napoleão III e logo depois primeiro presidente da III.^a Republica franceza.

(3) A Snra. Gobineau vae ao encontro de sua filha Diane que tinha desposado em Athenas o barão de Guldencrone, ajudante de ordens de Georges I da Grecia, e que então se achava em missão official na Dinamarca.

(4) Poeta e "chansonnier", (1780-1857) Jean-Pierre de Béranger consagrou sobretudo seu talento a cantar a gloria de Napoleão I; isto lhe valeu as graças de Napoleão III.

(5) D. Pedro sciente de que o conde de Gobineau se achava na necessidade, ajudou-o com suas rendas. Este auxilio foi recebido com a mesma delicadesa com que tinha sido offerecido.

(6) A morte de sua filha, a princeza Leopoldina, lucto que o commoveu profundamente, e a saude da Imperatriz impelliram o imperador, no começo de maio de 1871, a pedir ao Parlamento, de accordo com a constituição, uma licença para ir visitar a Europa, que elle não conhecia. Pela primeira vez, a 25 de Maio, elle deixou o Brasil em companhia da Imperatriz. Deixou como regente do Imperio, sua herdeira, Dona Izabel, condessa d'Eu.

(7) Issy, nos arrabaldes proximos de Pariz, foi um centro particularmente obstinado da resistencia dos revolucionarios.

CAPITULO IV

PRIMEIRA VIAGEM DE D. PEDRO II FÓRA DO BRASIL (1871)

O pedido de licença feito, conforme as exigencias da Constituição, por D. Pedro á Camara dos Deputados, não foi concedido sem opposição e, particularmente sem a opposição aggressiva e insolente de José de Alencar.

“O deputado José de Alencar, escreve o Snr. A. O. Viveiros de Castro (*Contribuição para a biographia de D. Pedro II*, p. 579; Rev. do Instituto Historico e Geographico, tomo esp. 1925), depois de profligar o luxó do poder pessoal, reconheceu que, em principio, uma viagem seria muito util ao Imperador, porque elle, que estava acostumado a ver os homens de cima para baixo, precisava ir vê-los tambem horizontalmente, para melhor reconhecer a verdade de que os verdadeiros revolucionarios não são os homens de convicção profunda, mas aquelles que, depois de terem adulado os reis, sugando-lhes a seiva, descem para a praça publica; e, além disso, o soberano teria o ensejo de ver applicados praticamente os verdadeiros principios constitucionaes.

Mas sustentou que a viagem era inopportuna, porque era geral o desassoccco, o paiz estava descrente, cansado de esperar reformas ha mais de dez annos promettidas; e não era, quando o Governo agitava o facho

da emancipação, a occasião mais propria para o defensor perpetuo do Brasil se apartar do paiz.

O orador confessa o seu acanhamento em fazer opposição á concessão da licença, porquanto não havia um só brasileiro que não fizesse ardentes votos pela saúde de s. m. a imperatriz; mas, como o variado clima do Brasil offerencia todas as condições precisas para reparar os estragos de qualquer molestia, sómente no caso dos medicos mais abalisados declararem indispensavel a viagem á Europa, se deveria deixar ao imperador inteiramente livre a conciliação dos seus deveres de soberano e de homem.

O visconde do Rio-Branco respondeu no dia seguinte, contestando que houvesse na viagem imperial a menor sombra de poder pessoal, sendo determinada, como allegou o Governo, pelo precario estado de saúde de s. m. a imperatriz.

A situação do paiz não offerencia a gravidade que lhe attribuia o orador opposicionista: a questão do elemento servil era grave de certo, mas de ha muito estava aberta a discussão, e, desde que se queria respeitar a propriedade e consultar os verdadeiros interesses nacionaes, essa questão não poderia offerecer graves perigos. Si era exacto, como se affirmára, que o imperador tinha muito que aprender na Europa, não era menos certo que lá poderia servir de modelo de virtude, de saber e de dedicação á causa publica.

A licença foi, como não podia deixar de ser, concedida, e os imperiaes viajantes partiram para a Europa no dia 25 de Maio, a bordo do vapor inglez Douro."

O Snr. Thiers, então chefe do governo, mandou o conde de Gobineau, como enviado especial, apresentar os respetos da republica franceza ao Imperador do Brasil, na fronteira franco-hespanhola.

De mais, o soberano desde sua chegada a Lisbôa, havia escripto a seu amigo, dizendo-lhe que fazia questão de o ver sem tardar. Gobineau contou de uma forma pittoresca, este encontro com o seu imperial amigo. (1) O Imperador, que sentia ver a França sob o jugo allemão, não se demorou lá. (2) Chegado a Andaye no dia 26, embarcou logo após, a 29, para a Inglaterra, em Calais. Voltou ao Brasil, em 31 de Março de 1872, após um anno apenas de ausencia. Sua estadia em Pariz foi de curta duração. O Snr. Faure-Biguet, em um bello trabalho sobre Gobineau, conta assim as occupações do Imperador em Pariz:

“E desde sua installação no hotel Scribe, o imperador reclama a presença de Gobineau e quer que esteja sempre a seu lado, que lhe traga os sabios e artistas que deseja conhecer. A imperatriz por seu lado, faz immediatamente amizade com Clémence e Christine. Ella recebe todos os dias ás cinco horas; é preciso que a condessa de Gobineau e sua filha lá estejam.

Pariz conhecia apenas o Brasil nessa época pelo “Brasileiro”, de “La Vie Parisienne” de Offenbach. Na vespera do dia em que D. Pedro devia ser recebido no palacio do Elysée, o Snr. Thiers apercebe-se ancioso de que não tinha idéa alguma do que fosse o hymno nacional brasileiro. A toda pressa, chamou Gobineau em seu auxilio. O hymno brasileiro? Diabo! Certamente existia um hymno brasileiro, mas qual seria? Provavelmente Arthur conhecel-o-ia; mas não se lembrava mais. Thiers fica desolado; é preciso um hymno, custe o que custar. Não se pôde receber o Imperador sem o seu hymno. Arthur, acompanhado por Mme. de Thiers, poz-se á procura. E’ uma caminhada louca pelas ruas de Pariz, em todas as casas de musica. “Tem o Senhor o hymno brasileiro?” Que infelicidade! ninguem sabe o que seja. Emfim, um raio de esperança:

em casa de Durand, descobre-se em uma estante algumas musicas que veem de lá. Arthur aprecia muito a musica, mas não a póde ler. Como saber si essas pequenas notas pretas escriptas em papel branco representam o hymno brasileiro? Leva-se a musica para a casa de uma amiga, senhorita Blunt, sobrinha de Byron, que é excellente musicista. A senhorita Blunt põe-se ao piano, e toca á primeira vista. Alegria! Gobineau reconhece a musica. E' certamente o hymno brasileiro. Este é levado triumphalmente para o Elysée. E os musicos da guarda republicana passam a noite a orchestral-o e estudal-o. A honra da presidencia está salva.

As tardes em casa da imperatriz eram deliciosas. A antiga governante do imperador, a condessa de Baral, animava-as com sua graciosa vivacidade, e os principes de França ahi vinham diariamente. Na intimidade, elles eram de uma familiaridade encantadora. A' primeira vez que Christine viu entrar o duque de Nemours, acreditou ver o fantasma de Henrique IV, tal era a semelhança. O duque achou engraçado este terror, e no dia seguinte enviou-lhe uma bonita photographia.

Durante essas recepções, D. Pedro fechava-se quasi sempre n'um salão visinho com algumas personalidades celebres nas sciencias e letras que Gobineau lhe apresentava.

— Onde está o imperador? perguntavam.

— Elle está aqui com os doutores, respondia a imperatriz". (Faure-Biguet: *Gobineau*, p. 292).

Os soberanos trouxeram para o Brasil, seu genro o duque de Saxe, viuvo recente, e seus dois netos: D. Pedro e D. Augusto.

Gobineau a D. Pedro II

Pariz, 6 de Julho de 1871.
57, Rua de Chateaudun.

Magestadc,

Ao deixar Vossa Magestade (3) occupei-me em executar os seus desejos. Fallando sobre isso com algumas pessoas, pareceu-me que entre os homens capazes de interessar em mais alto gráu Vossa Magestade, acham-se: O Snr. Claude Bernard, (4) da Academia Franceza e da Academia de Sciencias. Como physiologo não vejo outra pessoa neste paiz capaz de competir com elle. O Snr. Berthelot; (5) entre os chimicos mas principalmente os chimicos de espirito philosophico (variedade assaz rara em França onde a raiva da especialidade causa estragos de uma maneira bastante calamitosa para depreciar sensivelmente o nivel da intelligencia), o Senhor Berthelot, é, eu creio, um dos que fallam melhor e expõem o mais claro e o mais utilmente idéas notaveis. O Snr. Rougé: (6) a este nada accrescentarei pois o Imperador já o conhece e o aprecia. O Snr. Mohl: (7) E' um orientalista notavel e erudito. Elle termina neste momento a traducção completa do *Schah-Namèh*, trabalho longo e difficil e, a mais, elle tem o merito de conhecer de perto todo o mundo sabio europeu. E' um allemão espirituoso que se interessa pela biographia de todas as pessoas doutas, emprestandolhes então um quê de divertido. O Snr. Renan: nada tenho de particular a accrescentar a seu respeito, pois estou certo de que o Imperador quer que este nome figure na lista.

Como litterato, o Snr. Taine (8) parece-me tambem capaz de aguçar a curiosidade de Vossa Magestade. Entre os homens da nova escola, é elle um dos mais brilhantes e dos que mais se interessaram por uma grande diversidade de assumptos.

Vejo-me obrigado a dizer aqui a Vossa Magestade que alguns homens conhecidos e mesmo celebres me parecem de um manejo mais difficil e que as suas relações não teriam encantos; O Snr. Theophile Gautier, (9) por exemplo. Nestes Senhores o porte não é sempre igual ao espirito que se lhes attribue e é impossivel convencel-os a lavar as mãos, tanto no physico como no moral. Entretanto, Vossa Magestade que olha, não sómente por prazer, mas tambem para sua instrucção, pensará talvez que a contemplação destas partes não nobres da litteratura importa a idéa completa que della quer fazer e, neste caso, nada mais facil que citar estes Senhores.

Tudo aqui renasce com mais vida, com mais força. Parece que a Alexandria romana devia ter este mesmo genero de vitalidade...

Gobineau a D. Pedro II

Pariz, 16 de Agosto de 1871.
57, Rua de Chateaudun.

Senhor (10)

Não faço outra cousa sinão pensar em Vossa Magestade e comtudo não tenho coragem para vos escrever. Sinto que o Imperador deve estar de tal modo do-

minado pela quantidade de cousas novas que vê, os quadros espalhados sob os vossos olhos têm um tão grande interesse por si mesmos e emprestam sobretudo um tão grande encanto á natureza do espirito que os contempla, que não tenho, por assim dizer, vontade que pensê em mim. O que eu queria, o que espero obter um dia, é conhecer as impressões que tudo isto vos causou, o mundo intellectual que planejou, as conclusões que dellas tirou. Isto seria seguramente uma das cousas raras entre as raras, um exame feito por Vossa Magestade, na sua idade, pela primeira vez, munida como está de tantos meios de julgamento e julgando emfim do alto cargo que occupa. Não me occorre nada de comparavel. Talvez quando Carlos Quinto foi das Flandres á Hespanha e da Hespanha á Italia teve occasião de ver logares tambem novos para elle. Mas só vejo esta analogia na historia. Vossa Magestade certamente apreciará, mas desdenhará tambem. Talvez, eu diria quasi, provavelmente, o que apparece a Vossa Magestade como sendo o mais consideravel, não é absolutamente o que o espirito habitual das pessoas politicas põem em primeiro plano. Não me admiraria de modo algum que Walter Scott vos parecesse ter deixado traços no espirito inglez e no seu modo de cultura que os dois Pitt (11) reunidos cavaram na politica. Emfim, vivo na esperanza de reviver um dia, ainda que por duas horas e isto seria bem curto, um dos domingos de São Christovão que exerceram em mim uma influencia tão duravel.

Aqui, cada qual procura tranquillisar-se como pôde. A paixão que domina este paiz acima de tudo, não é a regeneração num gráu qualquer, é o repouso. Deseja-se com vehemencia adormecer nos braços do Senhor Thiers. Ha quinze dias, a Assembléa estava resolvida a não mais vir a Pariz; hoje, ella parece ahí in-

clinar-se novamente e penso que ficará nisto. Tudo retoma o seu curso tanto como as forças o permitem. Os trabalhos litterarios reanimam-se um pouco como tudo o mais.

Renan trabalha em seu *Corpus Inscriptionum Semiticarum* e confesso que considero esse trabalho como um dos mais importantes que se faz actualmente. Elle occupa-se tambem com enthusiasmo de seu novo volume sobre os tempos apostolicos e pensa seriamente ir a Roma em Outubro para rever os lugares que deseja descrever.

Tinham começado a publicação das cartas de Catharina de Medicis, e era esta uma obra bem importante para a historia do seculo XVI. A Rainha mostra-se ahi sob um aspecto nobre e bem afastado do character melodramatico em que os philosophos do tempo voltariano quizeram ridicularizal-a. Desejo vivamente que os trabalhos verdadeiros sobre os Valois se multipliquem. Nós sabemos tão mal a historia em França que só poderíamos ganhar em mudar nossas idéas neste ponto.

Reabriram-se as bibliothecas e os Muscus, e, apesar de todos os negocios enfadonhos e estereis que me devoram, tive no emtanto tempo de ir fazer algumas pesquisas na esplendida bibliotheca do Arsenal, tão rica em manuscriptos e em correspondencias do seculo XVI e o estabelecimento dos Archivos do Ministerio da Guerra que quasi não é procurado.

No emtanto, tudo está ainda muito languido, salvo as publicações de circumstancia sobre a guerra, como por exemplo, o livro do Senhor General Chanzy (12) sendo que a segunda e a terceira edição estão promptas, antes mesmo que a primeira esteja á venda. E' preciso deixar passar esta onda.

Quando tenho a honra de escrever ao Senhor de Alcantara não posso deixar de encher paginas sobre paginas, o que talvez não seja muito bom no momento; mas de nada me serve estar convencido disso. O espirito arrebatava-me, mas principalmente o coração. Onso pedir-vos, Senhor, queira apresentar minhas respeitadas homenagens assim como as de todos os meus á Senhora de Alcantara que, como espero deve estar satisfeita com suas viagens. Todos nós desejamos egualmente que o Senhor não esqueça a affeição sincera e o inteiro e profundo respeito que vos devotamos, com os quaes, sou, Senhor, vosso venerador e creado...

Gobineau a D. Pedro II

Pariz, 7 de Setembro de 1871.

Senhor,

Tenho em mãos a vossa carta datada de 2 de Carlsbad. Sinto-me sinceramente satisfeito ao pensar que a Senhora de Alcantara ahi faz estação. Acho isso excellente e estou persuadido de que tirará bom proveito para sua saúde. Acho mesmo que depois da grave doença que teve no Rio e tantas outras cousas, já era tempo de cuidados particulares. Tomo parte por todos os modos nas emoções tão vivas, tão alegres e tão surprehendedentes que a vista de tantas cousas novas e escolhidas, produzem em Vossa Magestade e que não podiam deixar de o impressionar. Como o mundo é bello quando se vê o que a vida inteira dos paizes dá e resume de mais grandioso e imagino

bem a impressão que tereis do Egypto, tendo por primeira guia nessa terra a estrella de Alexandre. Peço-vos, não deixeis durante a vossa estadia no Cairo, de entrar na mesquita de El-Ahzar. E' a Universidade do paiz. Vereis ahi os professores ensinando no paeo ao lado das columnas. Qualquer que seja a sciencia, é toda a sciencia da Africa Oriental com tantas recordações e um aspecto tão antigo. Estou convencido, Senhor, que ficareis entusiasmado pelo Egypto, por Suez, pelo Cairo, pela ilha de Rhodes! E' tão lindo! Meu pensamento está sempre convosco! Como tenho vontade de ouvir-vos fallar de tudo isto, e quando voltardes á Europa, haveis de preferir esta morte ao que nós chamamos de vida. Emfim, o mez de Dezembro ha de vir. Por mim desejo-o ardentemente; mas por vós, não. Então, já tereis atravessado esse mundo de cousas maravilhosas para o qual fostes feito. Não deixeis, em nome dos céos, de ver ao menos a Attica, Mycênes e a velha Tyrins; ella acha-se no mesmo estado em que Hercules, seu destruidor, a deixou. Mas que visão da idade heroica! Quando tiverdes visto tudo isso, estou certo de que o mundo vos parecerá outro.

Escrevi á minha Senhora transmittindo-lhe tudo o que a Senhora de Alcantara teve a gentileza de lhe dizer por vossa bocca e mais o que o Senhor houve por bem accrescentar. Sem duvida, arranjarei as cousas de maneira a que Vossa Magestade possa ver toda a familia reunida em Dezembro. Todos vão bem. Meu genro está em Cadix numa fragata e deve voltar em Outubro á Copenhague. Não sei como vão as cousas, cada dia que passa torna mais intensa a affeição sem limites que vos consagro. Ousarei supplicar-vos que não abuseis desmedidamente de vossas forças, ainda que sejais bastante forte...

D. Pedro II a Gobineau

Alexandria, 28 de Outubro de 1871.

Snr. Conde,

Após uma bem enfadonha tempestade, eis-me desde esta manhã na cidade de Alexandria, de Cesar e de Napoleão.

Durante a travessia bem escabrosa ao sahir do Adriatico, contemplei de longe as Ionianas, o cabo Matapan e o Taygete, vendo, de bem perto, sob o esplendido luar destas paragens, a ilha de Creta, com seu monte Ida. Como sinto não visitar a Grecia!

Já vi as principaes cousas que mais interessam nesta cidade e estou de accordo com Mariette-Bey e Brugsch (13). Sigo amanhã para Suez por estrada de ferro e percorrerei todo o canal, voltando igualmente por estrada de ferro a Ismaile e de lá ao Cairo. As pyramides de Ghisch e de Iokaroh, assim como a necropole de Béni-Hassan não serão esquecidas e, no dia 12 partirei novamente para Brindisi. Adeus! Não tenho mais tempo.

Minha Senhora vos envia affectuosas lembranças extensivas á vossa familia á qual me recommendo.

Vosso muito affeiçãoado

D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Castello de Trye (Oise)
12 de Novembro de 1871.

Senhor,

Recebi a carta que vos dignastes escrever-me de Alexandria. A estas horas já tereis passado Brindisi de volta e o que sinto immensamente, é como o Imperador me diz, lastimar não poder visitar a Grecia. Não ver a Grecia, santo Deus! E ter traduzido *Prometheu!* Isto parece-me uma verdadeira desgraça e o é com effeito, pois estou persuadido que lastimareis constantemente ter passado á vista do Taygete e não ter desembarcado. Compreendo que o Isthmo de Suez tenha algum interesse; mas a Grecia! Não me consolarei por não poder fallar de Athenas comvosco. Estou certo que haviéis de ficar encantado com Mariette-Bey; provavelmente um pouco menos com Brugsch. Não conheço, na verdade, nem um nem outro; mas creio que não me engano persuadindo-me que o primeiro é mais interessante do que o segundo em se tratando do conhecimento pratico e plastico do Egipto, ainda que este seja um grande sabio. Tenho muita vontade de saber a impressão que vos terá causado a vista do Cairo, do alto da cidadella, seja pela manhã, seja á noite. Provavelmente achastes tambem que a Mesquita de Mehemet-Ali, ainda que seja uma obra moderna e cercada de obras primas, não é para se desdenhar. Em summa, é certo que o Cairo (a não ser que o Europeu o tenha estragado nestes ultimos annos) dá uma impressão grande e bella do Oriente musulmano, e o Nilo e os djermas com seus grandes veus! E' pena que eu não vos tenha acompanhado!

Em lugar de ver todas estas cousas immortaes, tive de me submetter a uma reeleição no Conselho Geral. Minha candidatura foi bastante combatida pelos Jacobinos e foi preciso votar uma segunda vez. Fui nomeado e acabo de chegar da sessão que foi relativamente longa; mas nossa assembléa foi bastante prudente e deixamos de lado os problemas theoreticos para tratar dos negocios reaes do paiz. O Senhor duque d'Aumale (14) é nosso presidente e elle agradou extremamente a todos, mesmo aos que estavam decididos a se mostrarem sinão hostis, ao menos reservados. No que me diz respeito, nada se decide e não consigo exito nem á direita, nem á esquerda, de maneira que na expectativa de uma solução que deve vir sempre na proxima semana, perco meu tempo indefinidamente, nada ousou começar, nada posso continuar e não me sinto muito contente...

Gobineau a D. Pedro II

Pariz, 26 de Feveiro de 1872.
57, Rua de Chateaudun.

Magestadé,

Supponho que Vossa Magestade esteja chegando em Lisboa ou mesmo já chegou. Vi mais ou menos a Senhora de Barral. Digo "mais ou menos" porque foi apenas um instante. Ella estava ainda um tanto aborrecida por ter deixado o Imperador e a Imperatriz. Mas, em summa, creio que tudo continua bem e que Vossa Magestade terá seguido até o fim o curso

de suas observações, de seus estudos e de suas experiências. Não penso sem um certo deslumbramento, na quantidade enorme de notas e de lembranças que Vossa Magestade terá para classificar. Será preciso algumas semanas para pôr isso em ordem, alguns mezes para examinar e collocar cada uma em seu respectivo gráu de importancia e, emfim a conclusão ou antes as conclusões? Este será o ponto delicado e importante. Os observadores de classe dotados como Vossa Magestade, são tão raros que um livro resultante das observações feitas nessa longa e completa viagem, seria das produções mais originaes e mais interessantes. Não sei si Vossa Magestade pensa em escrevel-o algum dia; estou certo, no emtanto, que o Imperador será da mesma opinião que eu. Mas talvez Vossa Magestade recue diante do peso que teriam os seus julgamentos. Em todo caso, não ha obrigação nenhuma de publicar um tal livro. O importante, é escrevel-o, que elle exista, e num dado momento que possa ser encontrado. Não posso me esquecer desta idéa. Uma vida tão cheia, tão bem preparada por tantas reflexões e estudos de todos os generos que, depois de ter-se conservado á parte dos objectos examinados até a madureza completa, os vê de repente, os vê completamente e em um tão grande momento de crise!... Confesso que acho esta occasião maravilhosa e, ainda uma vez, unica e nisto penso sem cessar.

Adeus, Senhor. Penso que só do Rio terei noticias de Vossa Magestade e da Imperatriz...

Gobineau a D. Pedro II

Castello de Trye (Oise)
23 de Abril de 1872.

Magestade,

Supponho que a Imperatriz e Vossa Magestade comecem a se refazer das fadigas da viagem. Supponho tambem que o Imperador coordena os seus documentos e, o que é mais necessario ainda, as suas impressões e as suas lembranças. Aqui ninguem esquece Vossa Magestade e entre outros que guardam de vós uma lembrança indelevel, nota-se o Senhor Decaisne (15) com quem me encontrei ha alguns dias, e juntos conversamos acerca do que vimos e dissemos recentemente no Grande Hotel. Este Grande Hotel tornou-se uma especie de monumento para os admiradores de Vossa Magestade e já não se passa mais neste trecho da rua tão indifferentemente como outr'ora.

No tocante á vida litteraria' neste paiz, ella é o que pode ser. O Governo pouco se inquieta e o povo não faz caso algum. Fallou-se um pouco dos livros de viagem do Senhor de Beauvoir, não porque tenham espirito e sejam escriptos numa linguagem facil, mas porque o Senhor de Beauvoir é amigo dos principes e, comtudo, não se dá attenção sinão ás declarações, justificações, explicações, declamações e divagações dos generaes e dos homens politicos (Duque de Grammout, Benedetti, etc.), sobre o que nos aconteceu e poderá ainda nos acontecer. Vossa Magestade não aprecia os generaes; não me estenderei pois sobre as producções delles; quanto aos homens politicos, anhele vivamente que as injurias que elles se dizem uns aos outros, pos-

sam servir á nossa glorificação neste mundo e á nossa salvação no outro.

Fora disso, não vejo sinão o *Nogaret* de Renan publicado até agora na *Revue des Deux Mondes* que tenha algum valor. No entanto, é pouco commentado; mas ainda uma vez, quem se interessa por esses livros em França?

Isto não impede que a viagem do Senhor general de Molke na Mesopotamia e na Asia Menor seja considerada como uma obra de genio. Esse livro acaba de ser descoberto e traduzido. Ninguem se apercebe que elle é de 1838 e, em geral, parece causar grande admiração a narração de que existe na Mesopotamia um rio chamado Tigre, que contem muita agua. Ouso assegurar ao Imperador que os Francezes não são um povo tão leviano como se pensa.

Com tudo isto, o *Corpus Inscript Semiticarum* adianta-se muito pouco...

Gobineau a D. Pedro II

Castello de Trye (Oise)

3 de Maio de 1872.

Magestade,

Tenho em mãos a carta de Vossa Magestade. Sinto-me feliz por saber que a viagem de volta foi bem e que o Imperador e a Imperatriz nella nada soffreram. Eu receava um pouco, confesso, que depois de tantas fadigas tão constantes, tão pouco communs, fadigas do corpo e contenção do espirito, tão continuadas, e, em

summa, tão longas, houvesse uma especie de reacção nervosa. Mas, felizmente, nada disto aconteceu e a estadia em Petropolis vai refazer completamente a saúde de Vossa Magestade. E' um grande emprehendimento feito e, evidentemente, um resultado consideravel obtido. Não considero, talvez, no mesmo ponto de vista que Vossa Magestade o que contaes escrever sobre a Europa. Importa, eu creio, tão somente que a exposição que o Imperador espera fazer do que viu, seja completa para que aquelles que viram a Europa ahi encontrem a somma exacta de suas impressões, emquanto que aquelles que não a viram, ahi aprendam a conhecer didacticamente o paiz. Ha pilhas de livros para estas duas cousas e mesmo entre os mais mediocres productos descriptivos encontram-se os factos que se procura. Mas o importante e o mais importante nisso, é o duplo elemento tão raro e quasi unico o qual não pode deixar de mostrar n'uma obra de Vossa Magestade, Sua personalidade como homem e Sua personalidade como soberano. Assim sendo, Vossa Magestade viu tudo minuciosamente e fez de suas observações uma apreciação tal que, seja como fôr, o exposto das impressões recebidas pelo Imperador será indiscutivelmente uma das producções mais curiosas, mais interessantes e mais instructivas destes tempos. Quando um principe expõe num livro os resultados de suas experiencias, acontece quasi sempre ser elle, ao mesmo tempo "juge et partie"; faria então uma apologia ou uma critica dos factos e das situações que teriam uma repercussão sobre si mesmo. Aqui, por uma circumstancia unica, as cousas estão arranjadas de outro modo; o Imperador está collocado como um confessor em face de um penitente mais ou menos arrependido; ou como um moralista em face de uma multidão. O que Vossa Magestade disser interessa a todo o mundo, excepto a

si proprio e, por mim, confesso que nada vejo de mais interessante e de mais curioso do que os julgamentos feitos pelo Imperador sobre tudo o que viu.

Não esqueci de dizer a Renan o que Vossa Magestade me encarregou de dizer-lhe. Escrevi a Berthelot. Só estes dois nomes estavam escriptos; mas pensei não me enganar estendendo a Decaisne e a Raynal as lembranças de Vossa Magestade. Escrevi pois a elles, e a todos eu disse, que fariam a meu ver, muito bem em escrever ao Imperador cada vez que uma nova descoberta, um livro curioso, ou um facto interessante se produzisse no seu dominio intellectual e que eu não duvidava que Vossa Magestade ahi tomasse grande interesse e não lhes fosse grato pela communicacão.

A incerteza de minha posição impede-me um pouco de trabalhar; acabei no emtanto a primeira parte de um romance e fiz tres bustos: uma *Walkiria*, a rainha *Mab* e *Santa Genoveva de Pariz*. Um medalhão que fiz no Rio está na exposiçãõ de Picadilly em Londres. Si algum dia tiver tempo, tenho intençãõ de acrescentar á minha *Historia dos Persas* a das Sassanides, mas gasto minha vida em uma escravidãõ repugnante...

NOTAS

(1) Georges Raeders: *Le comte de Gobineau au Brésil* — pag. 112 e seguintes.

(2) Moysés: *D. Pedro II* ob. cit. p. 393.

(3) O imperador voltando da Inglaterra, ahí estaciona por alguns dias somente. Elle deseja conhecer pessoalmente alguns escriptores e sabios francezes.

(4) Claude Bernard (1813-1878) “não é um physiologista, disse Pasteur, mas a physiologia mesma”. Nessa época, o sabio havia publicado seus principaes trabalhos.

(5) Berthelot (1827-1907), o amigo de Renan.

(6) Ver pagina 27 nota 3.

(7) Jules de Mohl (1800-1876), nascido na Allemanha, em Stuttgard. Elle foi primeiramente encaminhado ao ministerio evangelico e estudou a theologia em Tubingue. Mas após uma viagem á Inglaterra, onde se ligou a orientalistas notaveis, veio seguir em Pariz os cursos de Abel de Rémusat e de Silvestre de Sacy. Em 1834 elle publicou a traducção latina do livro chinês *Y King*, que o Pe. Régis havia deixado em manuscrito; fez elle mesmo uma traducção latina de *Chi-King* de Confucius (1828) e fez imprimir o livro persa dos *Fragmentos relativos a Zoroastro* (1829). Sua obra principal é a grande edição do *Schah-Namèh* de Firdoucy, publicada á expensas do Governo francez, Pariz, 1836-1855, 4 volumes gr. in. fol. A traducção completa do poema só foi feita mais tarde.

Ferdoucy ou melhor Firdaucy (Aboul-Cassem-Mansour), poeta persa, (916-1020) veio a Ghazna no tempo em que Mahmoud o Gharnévide constrangia os poetas da côrte para pôr em verso o *Schah-Namèh* (historia dos antigos reis da Persia); esquivaram-se todos, por não se julgarem capazes de um tal trabalho, Ferdoucy tomou a si este encargo. Mal recompensado por Mah-

moud, o poeta fez contra este uma satira, que se julga ser o mais bello trecho que os Persas possuem nesse genero.

Obrigado a expatriar-se, viveu quasi esquecido e morreu precisamente quando Mahmoud queria reparar a injustiça que contra elle havia commettido. O *Schah-Namè* composto de 120.000 versos, encerra um periodo de 3.700 annos. Este poema, publicado na lingua persa em Londres (1829) por Turner-Macan, 4 volumes, ao qual Gobineau dava uma grande importancia, sobretudo após sua estada na Persia, foi revelado aos sabios francezes por Mohl.

Mohl naturalisou-se francez e ponde, assim, substituir Burnouf pae na "Academia das inscripções e bellas lettras" (1814) e Faubert na cadeira de persa no collegio de França. Succedeu em 1852 a Eugène Burnouf como inspector da typographia oriental da imprensa nacional de Pariz e como secretario da Sociedade asiatica.

(8) Hippolyte Taine (1828-1895), já tinha publicado suas principaes obras. "A Historia da Literatura ingleza", "A Philosphia da Arte", "A Intelligencia". Foi sobretudo a publicação das "Origens da França contemporanea" que lhe valeu as sympathias de Gobineau.

(9) Théophile Gautier, então com a idade de 60 annos, e que falleceu no anno seguinte, (1811-1872). Pintor, poeta, romancista, critico, autor dramatico, tinha sido um dos impetuosos defensores do romantismo francez no seu principio. O desprezo de Gobineau por elle não se justifica.

(10) Desde sua chegada á Europa, D. Pedro II, que guardava o incognito, não quiz ser mais que Sr. Pedro de Alcantara. Gobineau narrou de um modo engraçado, a maneira pela qual o imperador ordenou-lhe que não o chamasse de outra forma. (Ver: Georges Raeders, *Le Comte de Gobineau au Brésil* pag. 113).

(11) O Imperador que se achava então na Inglaterra, era um grande admirador de Walter Scott. Os trabalhos do escriptor inglez, dos quaes o imperador possuia a totalidade, em inglez e em traducção franceza, cuja collecção se conserva ainda hoje no castello d'Eu, são frequentemente annotados pela mão do soberano.

(12) Antoine Chanzy (1823-1883), um dos principaes Generaes francezes durante a guerra de 1870-71. O titulo de seu trabalho, que teve quatro edições é: "La Deuxième armée de la Loire".

(13) Auguste Mariette, dito Mariette bey, nascido em Bolonha, em 1821, falleceu em 1881. Egyptologo celebre por suas excavações, elle descobriu sob a areia o famoso templo de Serapis, os tumulos dos bois Apis, etc. Falleceu no Cairo onde foi inspector geral dos monumentos, depois director do museu de Boulaq, com o titulo de bey.

Brugsch, egyptologo allemão, contemporaneo de Mariette.

(14) Henri-Eugène-Philippe Louis d'Orléans, duque d'Aumale (1822-1897) quarto filho de Louis-Philippe, rei dos francezes. Este Principe se illustrou ao mesmo tempo como soldado durante a conquista e a pacificação da Algeria da qual foi Governador em 1847, e como escriptor (fazia parte da Academia franceza). A 8 de fevereiro de 1871, foi eleito deputado do Oise por 52.000 votos com um total de 73.000 eleitores.

(15) Joseph Décaisne, nascido em Bruxellas em 1807, falleceu em Pariz a 8 de fevereiro de 1882. Modesto auxiliar de jardineiro no Museu de Historia Natural de Pariz em 1824, aprendeu a botanica analysando e desenhando milhares de plantas. Adrien de Jussieu affeiçãoou-se a elle e nomeou-o em 1833 seu auxiliar naturalista. Com este mestre, tornou-se em pouco tempo um dos primeiros botanicos europeus. Em 1847, o simples auxiliar naturalista foi nomeado membro da Academia de Sciencias e, logo depois, professor de cultura no Museu, posto que occupou durante 33 annos. Os trabalhos de Décaisne, e particularmente seu *Traité Général de botanique*, são até hoje autoridade nessa materia.

D. Pedro II conheceu o sabio durante a sua primeira estadia na Europa. E d'elle apreciava tanto a sciencia como o character.

CAPITULO V

O CONDE DE GOBINEAU NOMEADO MINISTRO DA FRANÇA NA SUECIA

O conde de Gobineau, aborredido de tudo e de todos, não se recusará a partir para Stockholmo, para onde acaba de ser nomeado ministro da França, depois de quatorze mezes de espera e de tédio. O insuccesso, pensa elle, acompanhou todas as suas empresas. Como funcionario, não é tomado a serio pelos chefes de um governo que elle despreza. Sua obra litteraria não chama a attenção de ninguem. Sua primeira, e unica, tentativa para entrar na Academia franceza, fahou. E elle considera que, ainda uma vez, foi trahido por aquelles mesmos, com quem esperava ter o direito de contar, Ernest Renan, Emile Augier e outros. Sainte-Beuve fez abertamente uma campanha contra elle. “Tenho dez vezes mais talento e valor, escrevia elle á sua irmã, do que a maior parte dos homens consideraveis de minha geração, e, apezar de meus esforços, coragem, paciencia, trabalho, nunca chegarei a nada”. Acompanhado tão somente por seu fiel creado, Honoré, que já o havia seguido ao Brasil, elle vai para a Suecia, com o coração profundamente resentido. A snra. de Gobineau e sua filha mais moça, Christine, foram ter com elle só mais tarde. “E” preciso ser um grande maroto e um imbecil ou na impos-

sibilidade de fazer outra cousa, para servir um paiz qualquer, no tempo que passa". E elle pensa, e diz: "Si eu encontrasse amanhã um emprego como escriptor, como artista, ou qualquer outro que fosse, deixaria o serviço hoje mesmo" (1).

Gobineau a D. Pedro II

Castello de Trye (Oise)
21 de Maio de 1872.

Magestade,

Acabo de ser nomeado para Stockholmo e parto no fim da semana para occupar o meu novo posto. Deixo de ser um diplomata para Vossa Magestade e não sou sinão o mais affeioado e um dos seus mais fieis servidores. Esta qualidade, não a perderei nunca, disso estou certo e como conto certamente com a continuidade das gentilezas do Imperador, peço a Vossa Magestade creia-me agora mais do que nunca prompto a receber suas ordens. Penso que os paizes escandinavos interessam Vossa Magestade ainda que não lhe tenha dado tempo de visital-os e não deixarei de Lhe submitter minhas impressões, minhas experiencias nesse paiz e, sobretudo, o que puder aprender do Estado das Sciencias e da litteraturá no meio do frio do Norte. Não creio absolutamente que se não apresente occasião de tornar a ver Vossa Magestade. As cousas futuras figuram-se-nos indecisas sobre os aspectos que possam tomar; ellas podem tomar muitos, sobretudo os mais inesperados. Sei que farei o possivel para apro-

veitar a primeira oportunidade de satisfazer a uma verdadeira e constante necessidade de respeitosa afeição.

Peço a Vossa Magestade permissão para lhe enviar a photographia de minha *Walkyria* (2). Não posso perder o habito tão precioso de submeter ao Imperador tudo o que fizer. Assim que estiver mais desoccupado, pretendo acabar talvez neste verão, meu romance das *Pleiades*, começarei depois a reunir os materiaes para um futuro livro sobre a Suecia actual e, provavelmente, me dará vontade então de trabalhar na historia dos Sassanides, mas será um trabalho bem difficil atravez de innumerous textos arabes e persas e não sei si terei uma tão grande coragem, que me falta um pouco, quando nisto penso de perto.

Faz-se um certo zun-zun acerca de uma viagem comprehendida ha muitos annos ao Oriente pelo Marechal de Molke. Este livro foi lido na Allemanha em seu tempo; desde então, elle ficou como eclipsado em sua patria por outras viagens mais recentes e mais completas.

Um traductor francez acaba de o descobrir. Traduziram-no e parece que elle encerra uma porção de cousas maravilhosas que os leitores contemporaneos não se tinham apercebido. Fora disso, nada vejo que chame a attenção, excepto a continuação dos livros militares sobre a guerra de 1870...

D. Pedro II a Gobineau

Snr. Conde,

Estais contente de ir á Suecia?

Pois bem! eu tambem estou satisfeito e, em qualquer parte, a amizade sabe encontrar o meio de se expandir.

Vossas cartas causaram-me grande alegria e espero que a nossa correspondencia continuará sempre assim. O Senhor interpretou muito bem meus sentimentos para com o Snr. Decaisne (4), mas receio não dar conta de minha correspondencia, depois da viagem á Europa que me deixou tão vivas lembranças. Procuro classificar-as em minha cabeça e é bem provavel que della diga alguma cousa por escripto, ainda que o "*scripta manent*" me faça receiar um pouco.

Vossa *Walkyria* (5) agrada-me em geral, mas nella noto novamente, que tendes um fraco pelos labios grossos que, comtudo, indicam pouca delicadesa de espirito.

Procurai fazer-me conhecer um pouco o mundo hyperboreo. Li que a litteratura sueca é bastante rica e a lingua passa por ser mui harmoniosa.

Peço-vos que vos occupeis tambem de Linné (6), que eu tanto aprecio, e dai-me informações, que me sejam talvez, desconhecidas.

Tenho sempre muito que fazer, e vereis pelos jornaes que os negocios internos e do exterior, por causa de nossos visinhos tão injustos para com o Brasil, dão-me muitos desgostos. (7)

Como sinto saudades dos domingos e de todas as occasiões de boa prosa!

Isto falta bastante aqui, e, nas entrelinhas de uma carta, não se pode dizer tudo o que se sente.

Adeus! Transmitti as vossas lembranças á minha familia que do mesmo modo vol-as retribue; pedindo-vos que me recommendeis á vossa familia, confesso-me como sempre

Vosso muito affeioado

D. Pedro.

NOTAS

(1) Correspondencia entre o conde de Gobineau e o conde de Prokesch-Osten (15 de junho de 1872) — pag. 349.

(2) Busto que elle acaba de terminar.

(3) Carta sem data. Provavelmente de 18 de junho de 1872, (ver carta de Gobineau de 21 de julho seguinte).

(4) Ver capitulo IV — nota 15.

(5) Prokesch (correspondencia — pag. 351) a quem Gobineau tinha tambem enviado a photographia de seu busto, escreveu-lhe (em 24 de junho de 1872). "Estou contente com a vossa Walkyria. Seu defeito é ser bella de mais, direi muito civilisada no verdadeiro sentido da palavra. Isto frisa a bella época de Augusto. Admiro vosso talento e vos felicito".

(6) *Charles Linné*, o mais celebre botanista do seculo XVIII, nascido em Roeskild (Suecia), a 24 de maio de 1707, morto em Upsal, a 10 de janeiro de 1778. Filho de um pobre pastor de aldeia, foi primeiramente aprendiz de sapateiro, e graças á protecção de Stoboeurs, d'Olauss Celsius, e de Rudbeck, conseguiu o aperfeiçoamento de seus conhecimentos na Universidade de Upsal. Numerosas viagens atravez o mundo inteiro, de onde trouxe importantes trabalhos sobre a botanica, lhe valeram rapidamente a admiração universal. Sua *Philosophia botanica* (Stockholmo, 1751) fundou o estudo da botanica e é ainda hoje lei nesta sciencia. Elle formou numerosos e sábios alumnos, que, encarregados de missões longinhas graças ao seu prestigioso intermedio, traziam-lhe riquezas naturaes de todas as zonas e climas.

Linné foi membro de todas as Academias da Europa, ligado a todos os naturalistas que se interessavam em enriquecer as collecções d'elle, e correspondia-se com muitos soberanos que rivalisavam para o attrahir ao pé de si.

Por ocasião de sua morte, o rei Gustavo III da Suecia quiz, elle mesmo, pronunciar sua oração funebre. Elle foi enterrado na Cathedral de Upsal.

(7) De um lado, a questão de limites com o Paraguay excitada pelo governo argentino; por outro lado, a questão religiosa, cujos debates deviam continuar até 1875 — (ver: Contribuição para a bibliographia de D. Pedro II: cap. V. A. O. Viveiros de Castro: Liquidação diplomatica da Alliança, pag. 405 e seguintes; — A questão religiosa, pag. 477 e seguintes).

CAPITULO VI

CHEGADA DE GOBINEAU Á STOCKHOLMO

O conde de Gobineau, ministro de França junto á S. M. Carlos V, rei da Suecia, chega a Stockholmo, a 7 de junho de 1872. A 10 do mesmo mez elle escreve á D. Pedro para lhe communicar suas primeiras impressões em um paiz novo para elle. E' um paiz que elle amará, o paiz dos herdeiros os mais directos de seus caros Arianos germanicos. E' um paiz sobre o qual elle sonha compor um trabalho que será equivalente a seu *Essai sobre a Inégalité des Races humaines*, projecto que elle não realisou.

Em Stockholmo elle terá tempo de trabalhar na sua obra litteraria, pois, affazeres diplomaticos, não existem mais que na época em que elle estava no Rio de Janeiro.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 10 de Junho de 1872.

Magestade,

Eis-me chegado á Stockholmo e meu primeiro cuidado é de fazer-me lembrar á Vossa Magestade, pois o Seu pensamento não me deixa.

Estou profundamente commovido com tudo o que vejo. A natureza escandinava é em extremo interessante; lindas florestas, lagos magnificos, planicies onduladas cortadas de turfeiras e, nesta estação, um calor intenso augmentado por noites inteiramente luminosas, e não sei porque chamo *noite* a um crepusculo que só começa ás 10 1/2 da noite para dar lugar ao grande sol á uma hora da madrugada.

Stockholmo é uma grande cidade, com o aspecto mais nobre do mundo: palacios italianos, jardins e relvas em todos os logares onde a historia permite que se colloque estatuas tão significativas como as de Gustavo Adolpho, Gustavo Vasa, Carlos XII, etc. Acabo apenas de chegar, nada sei ainda; mas prevejo no entanto que esta nação sueca visivelmente muito intelligente, me dará ensejo de apresentar á Vossa Magestade observações que poderão interessal-o. Estou aprendendo a lingua do paiz e, dentro de algum tempo, com o auxilio do allemão e do inglez, espero conseguir algum resultado.

Tive hoje a honra de ver o Rei. Sua Magestade a Rainha "douairière" parte amanhã com destino a Lisboa afim de ver a Imperatriz-Duqueza.

Estou disposto a aprender alguma cousa deste paiz, ainda que só com o fim de com isso entreter Vossa Magestade. Até lá não poderei dcixar de escrever ao Imperador e receio muito que minhas cartas não sejam de todo interessantes. Desde já peço pois á Vossa Magestade que me desculpe.

Sem duvida nenhuma, o trabalho de classificação das notas de viagem deve estar bem adiantado. O que me parece sobretudo ser interessante para Vossa Magestade, é que á vista de todos esses documentos, ella relembra as impressões um momento esquecidas e torna

a ver as cousas e os homens bem vivos na sua lembrança. Qual será o resultado final deste tão importante estudo? Confesso que não imagino nada de mais interessante para o espirito de Vossa Magestade, sobretudo sendo este o resultado de uma viagem na qual tantas e tão amiudadas vezes pensou, combinada a seu gosto e executada sobre um plano estudado e tão rigorosamente seguido.

Adeus, Senhor. Estou sósinho aqui, onde minha senhora e Christine virão ter commigo em Outubro...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 10 de Julho de 1872.

Magestade,

Acabo de receber uma carta da Senhora de Baral e tenho assim algumas noticias de Vossa Magestade. Mas, directamente, ha muito tempo que nada recebo e o tempo me parece bem longo.

Tenho muita vontade de saber em que ponto está agora o trabalho de redacção das notas de viagem, a direcção que tomou este trabalho e, por conseguinte, que extensão terá. E' uma das cousas mais interessantes que se possa imaginar; mas o que me interessa e muito, é saber que Vossa Magestade não abandona a idéa de acabar o *Prometheu* e sobretudo que tomou a resolução tão louvavel de o escrever em versos.

Lastimo sinceramente que o Imperador não tenha tido tempo de visitar os Reinados Escandinavos; não no sentido em que teríeis simplesmente visto alguns

paizes a mais, alem dos já visitados, mas porque parece-me evidente que esta região apresenta a situação social do mundo sob uma forma que lhe é absolutamente peculiar e não se mostra attingida pelas doenças politicas de que soffrem os outros povos do continente europeu. Ella tem alem disso, mais do que a America um passado consideravel, tradições e um gráu de cultura verdadeiramente notavel nas artes, sobretudo na pintura, (pintura de paysagens, principalmente) e na musica.

Terei certamente mais tarde occasião de fallar a Vossa Magestade da Dinamarca e da Noruega, mas deixarei praa fazel-o quando tiver uma maior experiencia pessoal de um e outro destes dois paizes. O que me limito a notar aqui, é que elles tem no conjuncto um fundo geral de semelhança com a Suecia atravez muitas variedades que lhes são proprias. Ha um mundo escandinavo que aqui não é nem o mundo allemão, nem o Slavo, nem o latino e creio que, sob todos os aspectos, elle não se mostra inferior a estes tres, sinão pelo numero minimo de seus habitantes. Sobre muitos outros pontos eu o julgo superior e não demonstrarei aqui sinão uma prova.

Emquanto o socialismo, mais ou menos representado pela classe Internacional, agita, perturba ou aterroriza o resto da Europa, aqui é absolutamente destituido de poder. Nestes ultimos mezes, diversas classes profissionais julgaram que, por muitos motivos (elevação do preço das casas, superabundancia de numerario, etc.) podiam pretender á um augmento em seus salarios. Os operarios redigiram memoriaes, na forma a mais pacifica e a menos aggressiva e os submetteram aos patrões. Não foi preciso fazer-se greve; não se viu agitação em parte alguma; os trabalhos continua-

ram como de costume nas officinas sem nenhuma ameaça de suspensão. Por sua parte, os patrões examinaram as petições e por si mesmos fizeram justiça e este negocio que teria motivado os mais graves excessos em qualquer outra parte, não deu sequer um instante de inquietação ao sentimento publico, dada a situação pacifica de toda a questão num povo instruido, pacifico e de uma brandura extrema.

Noto ainda um facto. Uma expedição acaba de partir para o polo Norte onde invernará, principalmente com o fim de fazer observações sobre o dominio da physica. Esta expedição é paga por casas de Commercio e por particulares de Stocholmo; ella nada tem de official. Não conheço uma nação na Europa onde um tal facto pudesse produzir-se. Mas o que é sobretudo muito notavel, é a organização da instrucção primaria; sentir-me-ei feliz em descrever della os principaes traços e de fazer conhecer os resultados á Vossa Magestade na proxima carta.

Vou partir para ir ao Conselho geral de meu departamento nos primeiros dias do proximo mez e na volta trarei os meus para aqui...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 24 de Julho de 1872.

Snr. Conde,

Obrigado pela vossa boa carta de Stockolmo. De lá espero outras bem interessantes da parte daquelle

que as escreverá de um paiz de caracter pessoal por assim dizer. Hoje tenho apenas tempo para accrescentar que o Imperador do Brasil sentiu-se feliz em agradecer a D. Pedro d'Alcantara, nomeando-vos gran-cruz da Rosa, e remetto-vos o diploma e a condecoração.

Estou certo que sereis o echo dos sentimentos que inspiraram a concessão desta condecoração.

Outras foram concedidas por occasião da viagem de D. Pedro de Alcantara, e posto que tenha boa memoria, sobretudo quando quer mostrar-se reconhecido áquelles que foram bons para com elle, entretanto elle apenas propoz ao Governo e insistiu junto a este, em favor dos que se achavam no caso indicado ou se distinguiam, principalmente, por seu merito individual.

Haveis de ler a lista que foi publicada e si notardes alguma ommissão, peço-vos que m'a indiqueis, pois caso ella esteja incompleta, esta falha deve ser attribuida a que eu não possa impôr minha opinião.

Todos os meus recordam-se á vossa lembrança, e peço-vos, assim como a imperatriz, para dar de nossa parte mil recommendações á Senhora Gobineau e ás vossas filhas. Como vão os vossos netinhos? Os meus ficarão em minha casa durante a viagem de Augusto (1) que parte depois de amanhã para os Estados Unidos e o Japão — elle vae fazer a volta do mundo.

Peço que me desculpeis a calligraphia, o tempo urge.

Adeus.

Vosso muito affeijoado
D. Pedro.

Gobineau a D. Pedro II

Stockolmo, 27 de Julho de 1872.

Magestade,

Acabo de receber neste instante a carta de Vossa Magestade datada de 18 de Junho. Espero que minhas duas cartas de Stockolmo tenham igualmente chegado ás vossas mãos e sinto-me feliz por ter comprehendido que o Imperador interessava-se em conhecer os paizes escandinavos.

Estou aqui, num meio inteiramente novo para mim. Grandes tendencias, um grande amor á liberdade, nenhuma propensão real á Republica nem á destruição violenta do que quer que seja; um camponio Norueguez, orgulhava-se em dizer nò outro dia que, apóz mais de mil annos de existencia politica, seu paiz nunca fez nemi desejou fazer revolução e, dizia ao mesmo tempo, que o governo e as classes superiores, teem uma disposição real a não separar a sua vida da do povo; eis ahi os grandes factos da existencia escandinava actual; pode-se observal-os na Dinamarca, como nos Reinos-Unidos, assim como na Finlandia sob a dominação russa e, é alguma cousa que surprehende e encanta para o tempo actual. Nem tudo é bom, nem tudo está bem; neste mundo vivemos e a elle temos que nos conformar; mas um caracter geral de brandura, de paciencia e espirito de transacção envolve a situação inteira; constitui-se o caracter e isto é para encantar. Noto que a preocupação prende-se bem menos a constituir ou a destituir os poderes, o que é a tendencia essencial tambem das nações romanas, do que a diminuir o proprio poder e a enaltecer as indi-

vidualidades, e tornal-as menos sujeitas á tutela e conformal-as de maneira a que não haja perigo em sua emancipação gradual. A religião parece-me exercer, como instituição de estado, uma influencia bem fraca sobre os espiritos. A lei, na verdade, parece dar ao lutheranismo, como dogma reconhecido, uma autoridade que não tem em lugar nenhum; ella tem aversão ás conversões e affecta, sobretudo, uma desconfiança assignalada pela fé catholica. Não se pode, legalmente, deixar de ser protestante da confissão de Augsburgo, sendo neste caso o dissidente obrigado a comparecer previamente perante um tribunal ecclesiastico que o obriga a expor as causas de sua mudança; deseja-se que elle resista aos argumentos; escruta-se e fatiga-se a sua consciencia. Ora, os Suecos não apreciam mostrar-se em publico; como consequencia, todo este aparato os assusta e, quasi sempre, ficam lutheranos para não passar por esta especie de exhibição. Mas, naturalmente, não teem mais fé e si a religião de estado conseguiu manter-se até agora, é preciso confessar que não foi sem sacrificar a essencia e consentindo a não mais sondar as consciencias. Realmente, quando os Suecos eram catholicos, não pareciam ter mais zelo de que teem hoje pela orthodoxia legal. O Christianismo veio tarde para elles. Elle foi mal, imperfeitamente adoptado. O antigo paganismo enraizou-se nos costumes, em todas as lembranças, e elle é a poesia; elle está ligado a toda a gloria antiga, elle personifica bem a denominação que os homens do Norte exerceram em certo tempo sobre todo o universo romano; as imaginações succas nunca deixaram de apreciar-o, é preciso convir que um grande fundo sinão de odinismo, ao menos de naturalismo, existe nos espiritos, donde resulta uma indifferença religiosa que é geral, mas de nenhum modo hostile e que, por isso, não

chega ao atheismo dogmatico; observa-se um desmazelo nos costumes que aliás aqui sempre existiu, que não convem absolutamente a uma nação christã mas que é perfeitamente explicavel no ponto de vista pagão. Este desmazelo de costumes nota-se particularmente nas moças; é muito raro nas senhoras casadas. Elle não melindra os Suecos que o explicam de mil maneiras. O certo é que o numero de nascimentos illegitimos ignala, annualmente, o dos nascimentos legaes, proporção que não se vê em parte alguma. E' um mal, sem duvida, mas não é um mal proveniente de depravação e o numero de mulheres prostitutas é quasi insignificante na Suecia. O dinheiro quasi nada vale nessas transacções irregulares. Estou persuadido que si a moral da juventude se acha bastante attingida, seguramente, a vida geral do povo está bem menos que em nosso paiz. E' provavel, que com o tempo, os casamentos, em lugar de augmentar, diminuirão, porque as mulheres, tendo aqui grandes facilidades para se crear situações independentes, como no magisterio onde são admittidas de preferencia aos homens, nos bancos, onde exercem as funcções de escripturarias, a medicina, etc., não se preoccupam em dar-se aos aborrecimentos de familia. Nota-se o mesmo phenomeno na America, nos Estados Unidos, entre as mulheres de origem germanica. E' preciso não esquecer que esta raza só admittiu o casamento regular com muita difficuldade.

Fiz enviar de Pariz para Vossa Magestade um pequeno volume, contendo tres novellas (2) que acabo de publicar. Terminei hontem um muito longo artigo sobre as *Emigrações Europeas nas duas Americas* que destino a uma Revista. Espero que elle interessará Vossa Magestade.

Compreendi e participei de todos os aborrecimentos de Vossa Magestade. Ella tem bem máos visi-

nhos! (3) Como quizera poder contribuir de qual-quer maneira para distrair-A e entretel-A. Não perderei de vista Linné (4). Para isso irei a Upsala em Setembro e, quando souber o idioma Sueco falarei sobre litteratura em minhas cartas. Creio que existe um mundo de cousas para ver e para dizer. Farei tudo para encontrar a sombra dos domingos do Rio que jamais esquecerei.

Vou por tres semanas ao Conselho Geral de meu departamento e volto sem demora...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 4 de Setembro de 1872.

Magestade,

Chego em Stockholmo e encontro uma carta de Vossa Magestade notificando-me do que D. Pedro de Alcantara d'Elle obteve em meu favor ().

Não sei como fazer para agradecer ao Imperador suas attentões para commigo. Disso recebo neste momento uma prova bem evidente e significativa. Ousarei no entanto confessar que D. Pedro de Alcantara me é ainda mais caro que o Imperador e que meu profundo respeito para com aquelle não é maior que minha inviolavel affeição por este: estou certo de que ambos estão bem persuadidos disto. Mas como prezo em conservar o logar que creio merecer em um cantinho da lembrança do homem, que me é talvez mais caro ainda do que a indulgencia do soberano!

Chego de meu conselho e tudo passa-se tranquillamente em França, pobre paiz bem doente e que tão cedo não se poderá curar. Quanta cousa para nos aborrecer e eu não estou disposto a voltar atraz na resolução que tomei de tudo fazer para me por em vias de deixar o serviço e empregar mais livre e utilmente para mim e para os outros o que posso ter de faculdades. Portanto, volto mais resolvido do que nunca a estudar os paizes escandinavos completamente e sob todos os aspectos. Entendi-me com uma revista de Pariz. o *Correspondant*. Não sei si Vossa Magestade a recebe. Ella conterà d'aqui a pouco um trabalho meu sobre as *Emigrações européas nas duas Americaric*. Como nesse numero trata-se da emigração ao Brasil, fal-a-hei, em todo caso, enviar a Vossa Magestade.

Gostaria de saber em que ponto está o Imperador na redacção de suas notas de viagem. Vossa Magestade não me falla mais nada em sua ultima carta. E' um ponto que me interessa em excesso, por si mesmo e tambem porque eu quizera muito que elle não se extendesse demasiado sobre os outros trabalhos e principalmente sobre a traducção do *Prometheu*, ao qual é natural que eu tome um grande interesse. Peça a Vossa Magestade dizer-me em que ponto está.

Trata-se aqui com insistencia de pôr os tres reinos do norte sob um regimen de unidade monetaria; a difficuldade está em que se desejaria e com razão aproveitar desta occasião para fazer a unificação com o systema decimal, mas pede-se á França que abandone o seu duplo padrão, para só conservar o padrão ouro. Isto seria muito a desejar.

Eis a photographia de Linné que Vossa Magestade verá talvez com prazer. E' segundo uma bonita gravura...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 16 de Setembro de 1872.

Magestade,

Vejo nos jornaes que os negocios argentinos acomodaram-se e sinto-me feliz por saber Vossa Magestade livre de um aborrecimento; mas conta-se tambem que registraram-se desordens no Rio a proposito das eleições e que teria sido preciso reprimil-as (6). Talvez exagere-se muito; em todo caso, tudo que affecta Vossa Magestade affecta-me tambem e gostaria de saber que estas desordens não deixaram vestigios no coração do senhor D. Pedro de Alcantara.

Tivemos um pequeno acontecimento na familia. A Senhora de Guldencrone teve uma filha (7); ella deseja, assim como sua mãe e sua irmã, que eu o participe á Vossa Magestade e á Imperatriz. Não deixo de o fazer. E' uma nova creaturinha, neste mundo, que será um dia dedicada e affeiçãoada á Casa Imperial.

Quero dizer já uma palavra que Vossa Magestade me anima a dizer: não sei, si nas listas de condecorações concedidas a Francezes, se acha o senhor Oliva, esculptor. Em todo caso, ficaria bem contente que seu nome ahi figurasse; pois Vossa Magestade aprovou seu busto de S. Vicente de Paulo (e note-se que elle o fazia durante as violencias da "commune"), e sua estatua do abbade Duguerry; em seguida, dirigiu elle o serviço dos operarios para o marmore que fiz de Vossa Magestade, desempenhando-se com bastante zelo. E' um homem de bem que uma cruz de cavaleiro da Rosa,

vindo após a viagem de Vossa Magestade e testemunhando assim a sua benevolencia, cumularia de alegria. Uma vez que o Imperador autorisou-me a fallar, fallo pelos pequenos.

Occupo-me muito em estudar o Sueco e espero poder ler dentro de pouco tempo. E' s obretudo o de que tenho necessidade. Estou mais decidido do que nunca a escrever um livro sobre os tres reinos escandinavos, que fará symetria com a minha *Historia dos Persas*, mostrando o que fez e o que é ainda o mais puro tronco da raça germanica. E' impossivel estar aqui sem ser surprehendido a todo momento pela solidéz deste povo. Aqui nada se vê que se assemelhe a esse ardor febril, geralmente doentio, que se observa nas nações latinas quando não estão na dissipação esteril ou na prostração. Ha aqui uma actividade continua que se traduz por um progresso constante e normal, que proseguem as populações do paiz, sem sobresaltos de especie alguma.

A emigração não excede, não attinge o numero de nascimentos. O commercio maritimo multiplica suas relações no estrangeiro, principalmente na Inglaterra e na America do Norte, e noto que o intercurso é tão consideravel e de tal forma favoravel aos armadores Suecos que uma companhia de navegação de Stockolmo distribue, actualmente, um dividendo de 37% a seus accionistas.

Emfim, a agricultura prospera realmente, o que supõe um grande emprego de trabalho e de intelligencia em um clima como este. Alem disso, é a classe agricola que fornece quasi todos os membros da Dieta, donde a grande felicidade deste paiz; as cidades dão pouco; os deputados são, em geral, proprietarios ruraes ou camponezes; na Suecia não havendo advoga-

dos, todos os julgamentos baseiam-se sobre memorias escriptas fazendo as vezes de advocacias, os deputados prestam nas sessões uma attenção unica ás questões de facto e aos interesses.

Um traço de character sobretudo produz aqui um resultado singular. O Sueco é senão timido, pelo menos reservado; elle nunca se decide a exhibir-se em publico; donde resulta que, na occasião das eleições, nunca ha candidatura forçada; ninguem se recommenda á escolha dos eleitores, ninguem faz profissão de fé; e até aqui não foi possivel obter para oradores de comicios senão gente sem consideração, sem credito e que ninguem escuta, pois pondo-se em evidencia, é o bastante para serem tidos como descarados. Uma consequencia natural desta ausencia de advogados e de amor á politica scenica faz com que os jornaes não tenham influencia de especie alguma; si elles recommendam um candidato, é o bastante para que os eleitores não o queiram. Por isso, elles se acautelam e contentam-se de... (8). Tudo isto, certamente, é bastante curioso no estado actual da Europa. Acabamos de ter eleições; é provavel que a Dieta futura se assemelhe muito á antiga, bastante preocupada com interesses positivos, e o antipoda do espirito revolucionario.

Adeus, Magestade. Ha uma expedição ao Polo Norte, enviada por uma sociedade de negociantes d'aqui. O inverno prematuro obriga-a neste momento a invernar no cabo Norte do Spitzberg. Quando souber alguma cousa de interessante a este respeito, escrevo-lhe a Vossa Magestade...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 4 de Outubro de 1872.

Magestade,

... Acabamos de ter aqui um grande e triste acontecimento, a morte do rei Carlos XV. Este desfecho já era de esperar, a doença era muito grave e não podia ceder. Entretanto, fica-se sempre surpreso e julgo ser na condição humana entre os diversos generos de efeitos que produz esta passagem, a admiração que occupa sempre um lugar em todas as imaginações. O Rei tinha chegado muito abattido, a Malmoe, primeira cidade de seus Estados. Elle queria partir para Stockholmo mas não poude, e precisou ir para a cama. Ás tres horas, no momento em que seus officiaes jantavam, elle chamou um, o tenente da guarda Snr. de Gullenram, um rapaz muito jovem, que era um de seus favoritos ajudantes de campo. Vendo-o elle lhe disse que tudo estava acabado, que os medicos lhe tinham dito a verdade e que antes do fim do dia estaria morto. "Estimo que assim seja, accrescentou elle, pois sinto-me muito cansado. Não me deixes, fica commigo até que eu me vá". Elle fez o jovem official sentar-se á beira de seu leito e, então, os outros, todos jovens, pois elle não tinha em sua intimidade homens de certa idade, entraram por sua vez. Elle começou a sentir-se cada vez mais fraco; no emtanto, observava em voz alta que nada sentia que annunciasse a morte. "Ainda não tenho caimbras, dizia elle; não sinto frio nas extremidades; mas isto vae chegar". Até o fim, ficou elle assim, estudando sobre si mesmo, com uma curiosidade calma, os signaes precursores da dissolução.

De vez em quando, olhava para seus officiaes e lhes sorria successivamente; mas segurava a mão do Snr. de Gullenram e conservou-a na sua até o fim. Este observou-lhe, pelas oito horas da noite: “Senhor Vossa Magestade não quer que entre o pastor? — Não, disse o Rei, eu estou muito fraco”. Julgou-se comprehender que lhe repugnava deixar-se perturbar na attenção singular que queria prestar sobre os phenomenos de seu fim, pois elle tinha uma calma e uma lucidez extraordinarias. Mas o Snr. de Gullenram insistiu e lhe disse: “Senhor, ainda que não o seja por vós, mas por nós ao menos, porque vossos officiaes gostariam bem de fazer ainda uma prece com Vossa Magestade antes de deixal-A. Então o Rei consentiu. O pastor lutherano entrou, mas emquanto este ultimo lia o officio, o Rei teve uma crise mais violenta e foi preciso interrompelo.

Passada esta crise, sentiu-se muito enfraquecido, mas seu conhecimento não o deixou um só instante. Elle não fallava mais, mas continuou a sorrir a todos os seus. Ás nove horas e alguns minutos, expirou docemente pronunciando apenas uma palavra: *Ilut!* (está acabado).

A noticia da morte do Rei chegou a Stockholmo pela manhã. Em duas horas, toda a cidade cobria-se de preto, sem nenhuma distincção de classes. Os mais pobres, as creanças da plebe não podendo vestir-se de luto, puzeram ao menos qualquer cousa de preto; todas as creadas appareceram nas ruas e no mercado vestidas de preto e isto durará ainda muito tempo. Mas o que acho particularmente extraordinario, é que com todo este testemunho de evidente affeição á lembrança e ao homem que já não existia, não se viu um só ajuntamento, ninguem interrompeu por um instante sequer o curso de sua vida. Os postos não foram do-

brados, os soldados não precisaram ficar retidos; a nação sueca chora, mas nada perturba. Quando trouxeram pela estrada de ferro o corpo de Carlos XV, em todas as estações, os camponeses de luto, interromperam por um momento seus trabalhos para trazer flores que tinham em grande quantidade; mas não se ouviu um só grito, elles choravam e em seguida voltavam a seus affazeres. Á chegada do comboio a Stockholmo, deu-se a mesma cousa, muitas flores, gente do povo, burguezes, gente da aristocracia de luto pesado e chorando em silencio, mas nada de demonstrações espalhafatasas, nem alvoroço e cada qual retomando em seguida suas occupações habituaes sem atravancar as ruas com uma dôr ociosa. Julgo, eu o confesso, que vejo aqui homens de verdade. A mudança de reino não deu lugar a nenhuma explosão de sentimentos politicos. As eleições mandam de novo á Camara os mesmos deputados, salvo algumas mudanças insignificantes.

O rei Oscar II age exactamente como seu povo; elle chora seu irmão e occupa-se dos negocios. E' um espectáculo, ainda uma vez, singular e digno de ser tomado em consideração. Não quero comtudo dizer, que não haja revolucionarios na Suecia; mas propriamente partido revolucionario não ha. O que existe é somente individualidades isoladas e ás quaes ninguem, absolutamente, dá credito.

... Adeus, Senhor, e queira encontrar aqui a expressão da mais respeitosa e sincera affeição que é a deste servidor dedicado a Vossa Magestade.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 27 de Outubro de 1872.

Magestade,

Recebi a carta que Vossa Magestade se dignou enviar-me a 5 de Setembro. Estou profundamente penalizado com a morte do visconde de Itaborahy, (9) sabendo que o Imperador perde na pessoa d'elle um bom servidor o que é um grande pesar aggravado ainda pelas circumstancias que a motivaram. Gostaria bem que Vossa Magestade e a Imperatriz pudessem ir a Petropolis durante o verão. Não é realmente bom abusar muito das forças, digo das forças physicas, mas tambem das forças moraes.

Aqui o inverno vae começar; mas não chegou por enquanto. A bruma é bastante densa e cobre as aguas do Maelar (10); as folhas cáem, mas ainda ficam muitas e são das mais lindas cores do mundo.

Estive um Upsala. Fui até lá por estrada de ferro, em duas horas. A cidade está situada em uma grande planicie que comprehende tambem a antiga Upsala, outrora capital do paganismo, distante uns vinte minutos ou meia hora de caminho, da cidade da idade media e do tempo actual.

O aspecto desta é bello e nobre. Como o commercio lá é nullo, a Universidade representa todo o movimento vital. Não se vê sinão estudantes pelas ruas, faceis de reconhecer por causa de seu barrete branco guarnecido de um galão de velludo azul. Na Suecia, estes jovens são muito socegados e vivem com os burguezes na melhor intelligencia, o que não acontece na Allemanha, nas cidades universitarias.

Ha um grande castello num lugar elevado, mas delle só resta a fachada, pois um incendio destruiu o resto do edificio. A situação é maravilhosa e descortina-se de lá um immenso horizonte. Proxima a este acha-se a Bibliotheca (11). Visitei-a com grande interesse. Nota-se ahi muita ordem e a classificação é muito judiciosa. Naturalmente, prestei homenagem ao *Codex Upsalensis* que vi em seu veneravel pergaminho vermelho e suas letras gothicas prateadas.

Vi tambem um grande numero de autographos muito interessantes da Rainha Christina, de Carlos XII e de seus generaes e, emfim, de Linné. A letra deste ultimo é pequena, miudá, elegante; tal como a de um homem feliz e que não deseja mais do que aquillo que possui. Vi tambem, em seguida, seu tumulo na cathedral e o monumento erigido por seus alumnos e admiradores. Examinando-o, pensei muito em Vossa Magestade que aprecia tanto a memoria deste excellente homem. É uma especie de brahmane escandinavo.

Quanto á cathedral (12), tem-se ahi um novo motivo para pensar que os monumentos de architectura em pedra não são o lado interessante da Suecia. Lá, a architectura nacional usa a madeira como material; as casas de madeira são muito interessantes; ellas não são antigas, mas continuam os usos os mais antigos, ao passo que a pedra só é empregada sem arte, com segura e imitando os outros paizes da Europa.

Dirigi-me em seguida á antiga Upsala. Ahi encontrei, ao pé de um terreno accidentado, os tres tumulos gigantescos considerados como sendo os tumulos dos tres grandes Deuses, Odino, Thor e Frey. Os reis ahi eram reconhecidos e proclamados, e, do alto do tumulo de Odino, fallavam ás suas bellicosas tribus, reunidas no campo. Nada mais resta da antiga cidade.

Uma pedra coberta de inscrições rúnicas mas pertencendo á epocha christã, está imbutida no muro de uma pequena igreja muito bonita e rodeada pelo mais fresco e mais encantador cemiterio. Todo este canto de pay-sagem respira a grandeza e a paz e seu aspecto rustico nada lhe tira de uma dignidade verdadeira e suave. A alguns passos de lá, em uma bonita casa, sob grandes arvores, e que não é absolutamente um albergue, uma senhora de certa idade vende idromel; é costume beber-se este licor antigo em memoria dos Deuses depois de ter visitado os tumulos. Não faltei ao rito respeitoso. Derrama-se a bebida sagrada em cornos feitos de prata. Elles trazem inscrições lembrando que foram doados pelo Rei Carlos XV e pelo Rei e a Rainha actuaes. Eis a minha peregrinação de Upsala.

Minha senhora que acaba de chegar com Christine apresenta suas respeitosas homenagens á Vossa Magestade e á Imperatriz. Ella encarrega-me de dizer ao Imperador o quanto sente-se enlevada com as recordações do Grand Hotel.

Adeus, Senhor, quizera bem receber de Vossa Magestade a nova de que algum descanso lhe é concedido e que, numa quasi liberdade, ao menos, ella ponde retomar seus trabalhos litterarios. Creio que meu artigo sobre as Emigrações será em breve enviado á Vossa Magestade e peço que me diga a sua opinião a respeito...

D. Pedro II a Gobineau (13)

Snr. Conde,

Só podeis queixar-vos do tempo, que me falta, quasi sempre, para vos escrever. Não podeis duvidar de minha amizade e do interesse que me causam vossas cartas.

A descripção da morte do rei da Suecia, (14) e do luto de seu povo, traduz bem o character dessa raça, e as informações sobre Upsala e as recordações de meu excellente Linné foram por mim recebidos como podeis prever.

Partô depois de amanhã para Petropolis e espero então poder occupar-me mais á vontade dos estudos e leituras que me interessam verdadeiramente.

Antes de receber o numero do *Correspondant*, (15) que vós me enviastes, já tinha lido vosso artigo. Está bem feito e é util ao Brasil. Nelle noto apenas alguns erros de pormenores. Esforçar-me-hei por fazel-o publicar, aqui, em portuguez.

Crêde-me quando vos digo que si eu tivesse mais tempo a meu dispôr, estas cartas seriam bem boas palestras.

Os negocios na França causam-me vivas inquietações. Essa anarchia dos espiritos pode conduzir a bem terriveis erros.

Adeus! Peço recommendar-me á Senhora Gobineau e a toda vossa familia, á qual a minha incumbe-me de dar muitas lembranças extensivas tambem a vós, e de jamais duvidar da amizade do

Vosso muito affeidoado

D. P.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 5 de Novembro de 1872.

Snr. Conde,

Communiquei á minha familia o nascimento de vossa netinha, e estais, sem duvida, convencido do vivo interesse que sentimos por tudo que possa fazer a vossa felicidade, assim como a de vossa familia.

D'aqui nada tenho de importante a vos comunicar. A traducção em prosa do *Prometheu* está feita ha muito tempo; mas não tive tempo ainda para fazel-a em versos e ahi accrescentar algumas reflexões. O tempo parece fugir-me mais do que antes, e não me sinto bem desde minha volta. Occupo-me no emtanto tanto quanto posso, e espero ter occasião de escrever o que desejais tanto ler, sem duvida pela affeição que tendes por mim.

Vossás informações sobre a Suecia são muito curiosas, e como deve ser feliz esse povo por não soffrer do flagello dos advogados! Como sou grande admirador de Linné, deveis comprehender o prazer que me causou a remessa da photographia, e, si tiverdes occasião de ir a Upsala, peço-vos para entreter-me longamente com as recordações, que encontrardes, do grande naturalista.

Os negocios de vossa patria não apresentam um aspecto bastante tranquillizador ainda que o Snr. Thiers continue a prestar grandes serviços, não somente á França, como tambem á toda Europa. Si o conde de Chambord tivesse a idéa magnanima de abdicar, como isto esclareceria o futuro da França! Que me

dizeis da actual aventura, de que é um triste exemplo, a discussão suscitada por Dumas Filho? Quando apparecerá o *Apocalypse* de Renan?

Acabo de ler vossos tres pequenos romances. O que mais me interessou foi *Akrivie Phrangopoulo*. Sois um apaixonado pela natureza da Grecia, e eu, deveis lembrar-vos o quanto fallava, comvosco, sobre o povo que habitava antigamente esse paiz que espero ver.

Traduzo Thucydite durante os momentos de descanso, e como gostaria de reler o discurso dos funerais diante das ruinas da Acropole!

Adeus, não tenho infelizmente bastante tempo, para conversar comvosco ao menos por escripto.

D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 1.º de Dezembro de 1872.

Magestade,

Já ha bem tempo que não tenho a honra de receber noticias de Vossa Magestade. Espero, no entanto, que Ella esteja bem, assim como a Imperatriz, a Senhora Princeza Imperial e os jovens principes. Muitas vezes aqui entre nós, pensamos em Vossa Magestade e fallamos do "Grande Hotel", onde, confesso, que gostaria de estar ainda onde quereria ficar sempre. Quando tornarei a ver-Vos, Magestade? Sei, certamente, que tornarei a ver o Imperador; o contrario não é possivel; mas quizera que isso fosse logo.

Temos uma estação extraordinaria. Vossa Magestade soube dos verdadeiros desastres que o amontoamento das aguas do Oceano nos Belts, o Sund refluindo de lá do Baltico, occasionaram sobre toda a costa. Houve logares do littoral dinamarquez em que o mar subiu a doze pés; aldeias inteiras desapareceram e pequenas cidades ficaram destruidas. Encontram-se em pleno mar armarios e commodas. A tempestade foi tão forte que dois navios de carvão foram a pique sob o cáes de Stockholmo. Com tudo isto, nada de frio; tivemos, nestes ultimos dias, um sol magnifico, um tempo esplendido. Estamos em dezembro na Suecia e quando muito a neve começa a annunciar-se para estes dias, mas ás 3 1/2 já é noite e daqui a 15 dias, escurecerá mais cedo ainda.

Ficamos muito inquietos a respeito da expedição do Snr. Nordenskjold ao polo norte. Ella precisou parar ao norte do Spitzberg e como reuniu-se a alguns pescadores noruegueses levados até lá pelo mau tempo e impossibilitados de voltar por causa do gelo, não se sabe si as provisões serão sufficientes para toda essa gente até março. As rennas levadas pelo Snr. Nordenskjold fugiram em numero de quarenta ou quarenta e quatro, de modos que a exploração futura se acha ella propria em perigo.

Ha, neste momento, uma questão de muito interesse para a Allemanha e para nós aqui. Creio que ella se apresentará um dia ao Brasil e, certamente, o espirito de Vossa Magestade ahi já se deteve. E' o abandono do padrão prata no systema monetario para deixar logar ao ouro como padrão unico. A tendencia geral e, creio bem fundada em argumentos, volta-se para esse lado. A Allemanha a ella converteu-se completamente e os tres reinos escandinavos lá chegarão do mesmo modo. Parece-me somente deploravel que

esta solução se ligue ao systema de fraccionamento monetario de tal modo que, como não estamos em França dispostos a acceptar o ponto de vista o mais bem acceito quanto ao padrão, acabaremos por deixar tambem de lado o modo decimal. Creio que isto será deploravel para toda gente. Fiz e faço o que posso para demonstral-o. Mas é preciso confessar que tem-se muito que fazer em Versalhes.

Não sei o que Vossa Magestade pensa da Geologia historica. A esse respeito acaba de ter um grande congresso em Bruxellas. Por minha parte, estou profundamente desgostoso. A alliança desses senhores com o darwinismo, a declaração de Sir Charles Lyell que é preciso 800 mil annos, pelo menos, para a data dos instrumentos de pedra não polida, a de Sir John Lubbock que 200 mil bastam, e ainda as declarações de meus dois sabios amigos Snr. Oppert e Snr. Quatrefages, a quem encontramos seguramente em todas as maltas de charlatães, todas estas exhibições me aborreceram um pouco.

Escrevo um trabalho bastante longo sobre estas questões, apoiando-me nas mais recentes descobertas feitas na Inglaterra na Kent's Cavern e nos trabalhos de philologia. Mas posso assegurar a Vossa Magestade que é preciso ter uma certa essencia de bom humor nativo para ocupar-se a gente de alguma cousa de intellectual no tempo de hoje. Parece-me que o tédio agarrará todo o mundo pela garganta ao menos uma vez por semana, e quando não é por um motivo, é por outro. Ha nisto uma grande vantagem. E' tornar perfeitamente comprehensivel como num certo momento da decrepitude das sociedades, todo aquelle que conservou alguma cousa de humano foge para o deserto e se faz monge...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 5 de Dezembro de 1872.

Snr. Conde,

Vossa carta de 27 de Julho interessou-me vivamente. Comprehendo como a demora da conversão dos povos escandinavos ao christianismo deva influir sobre sua moral; mas é de esperar que a civilisação ahi dará á mulher seu verdadeiro papel de mãe de familia.

Daqui, nada tenho de interessante a vos communicar, pois dos negocios politicos outra cousa não faço sinão entregar-me a boas cartas como a vossa, que me consolam dos dissabores da minha posição. Para augmental-os, acabo de perder o Visconde de Itaúna (16) o medico ou antes o amigo de trinta annos que me acompanhava á Europa, e cuja vida foi abreviada pela politica.

Minha saúde assim como a de todos os meus que se recommendam a vós e á vossa familia, é boa, mas o calor começa a ser intenso e a Camara devendo começar seus trabalhos em Dezembro, não sei si poderei fazer minha estação em Petropolis.

Até agora não recebi noticias vossas, que estou impaciente de ler, ainda que as leituras obrigatorias me tomem muito tempo. Durante a noite, não posso me occupar como antes, pois a necessidade de repouso já se faz sentir.

Adeus! Vós sabeis como me lembro de nossos domingos e dos curtos instantes de Pariz e sou

Vosso muito affectuoso,

D. Pedro.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 14 de Dezembro de 1872.

Magestade,

A palavra que mais me chamou a attenção na carta de Vossa Magestade de 5 de novembro, é que o *Imperador não se sente bem disposto*. Isto me parece tão extranho e eu estou tão acostumado a ver e a crer o contrario que experimento um grande aborrecimento. Creio que Vossa Magestade abusa de suas forças por necessidade de acção e, por assim dizer, de creação do que Ella tem no espirito, mas tambem por principio e systema de Estoicismo. Si dahi resultar que Vossa Magestade venha a ficar senão doente, pelo menos enfraquecido, não acho que seja este estoicismo a mais bella das philosophias e ousaria dizer que um pouco de sybaritismo, isto é de repouso, seria mais conforme ás maximas verdadeiras da prudencia. Peço a Vossa Magestade para nisto reflectir, pois por querer fazer muito, si Ella chegasse a precisar abster-se e ver-se condemnada a abandonar mais ou menos tantas cousas que a interessam?

Não sei porque gostaria de ver Vossa Magestade terminar o *Prometheu*. E' um tão bello trabalho, tão grande, tão nobre e cuja parte mais difficil, todo o essencial está prompto! Porque deixal-o de lado? Lembro-me bem que Vossa Magestade me tenha dito um dia que não lhe agradava ficar muito tempo com um trabalho entre as mãos. Comprehando esta idéa e ella é certamente justa; mas a condição da justeza em todas as cousas é não ir quasi até o fim de uma verdade. Por consequente, si Vossa Magestade acabasse

o *Prometheu*, teria uma bella obra feita e estou certo de que então sentiria mais prazer em relação a Thucydite.

O livro de Renan do qual me falla Vossa Magestade vae apparecer neste inverno, penso eu, e ser-vos-á então enviado sem demora, juntamente com um pequeno volume que acaba de apparecer sobre os tratados de 1815 e que me parece ser o que de melhor se fez sobre este movimento diplomatico e sobre suas causas. Tudo concorre a tornar este livro particularmente importante na hora actual. Os mesmos erros da parte da França, o mesmo temperamento doentio e confiando até a loucura, a mesma persistencia de illusões, a mesma ignorancia reflectida, intencionada de tudo o que se passa no exterior.

Não creio que a parte pessoal que eu possa ter nesta situação desastrosa, perturbe muito minha attenção; confesso que não vejo nenhuma sahida e estou mesmo convencido de que não ha para se chegar a uma solução de alguma duração. As nações latinas são nações mais ou menos gastas. Eu teria acreditado facilmente ha uns tres annos que os Italianos eram um povo mais gasto que os Francezes. Era isto um engano. Nos homens dessa nação onde a ignorancia não existe, o que lhe falta é o character. Tenho aqui perto de mim um homem conhecedor de muitos livros. Elle occupa todas as suas reflexões a procurar certas combinações de meios pelos quaes se poderá chegar a vencer os Allemães e, uma vez vencidos, é preciso, sem nenhuma compaixão, nem consideração, roubal-os, destruil-os e aniquilal-os por completo. Esta politica de novo Zeelandez não escandalisa ninguem e ninguem enxerga a crueldade, ainda bem menos a impotencia. Sahiremos deste transe actual, Deus sabe como! E teremos então um provisorio sob um nome qualquer.

Mas nada é mais humilhante para mim do que este furor vão de se sentir vencido, absolutamente como si a França não tivesse uma historia bastante gloriosa e como se isto pudesse embaciar a sua honra. Por outro lado, os Allemães fizeram, um grande erro tomando as duas provincias. Disto nada mais resta do que uma necessidade implacavel de se pôr toda a Europa em pé de guerra extenuante e numa tendencia geral á barbaria militar. Tudo isto é lamentavel.

Vivemos aqui numa paz profunda e, até agora, um inverno dos mais amenos. Os dias são muito curtos, começam ali pelas nove horas, e acabam ás tres. E' um verdadeiro paiz para se trabalhar e eu aproveito o mais que posso...

NOTAS

- (1) O principe de Saxe Cobourg, genro do imperador.
- (2) *Souvenirs de Voyage: Cephalonie, Naxie et Terre Neuve* (Plon-Paris).
- (3) Os Argentinos. Ver capitulo V, nota 7.
- (4) Ver capitulo V, nota 6.
- (5) Ver carta de D. Pedro II, de 24 de julho, na qual elle annuncia a Gobineau sua nomeação na ordem da Rosa, ao titulo de gran-cruz.
- (6) Noticias, com effeito, muito exageradas.
- (7) Filha mais velha de Gobineau.
- (8) Palavra illegivel.
- (9) Joaquim José Rodrigues Torres, Visconde de Itaboraay (nascido a 13 de dezembro de 1802 e morto a 8 de janeiro de 1872), senador e grande do Imperio, conselheiro de estado e do Imperador; foi tambem ministro da Marinha e ministro da Fazenda, presidente do Banco do Brasil e inspector geral da instrucção publica.
- (10) Lago da Suecia ao Nordeste de Stockholmo, communicando com o mar Baltico e o lago Ibiállmar. Ainda que não seja um dos maiores lagos da Suecia, elle não encerra nada menos que 1.260 ilhas, grandes e pequenas. E' no fundo deste lago que se encontram as mais antigas cidades da Suecia: Vesteras, Sigtuna, Strengnas, Upsal. Sobre suas bordas, elevam-se um grande numero de castellos e de casas de campo.
- (11) Bibliotheca, fundada ao mesmo tempo que a Universidade em 1476, e que encerra mais de 100.000 volumes e mais de 6.000 manuscriptos importantes.

(12) Cathedral construida de 1258 a 1435 sobre o modelo de Notre-Dame de Paris.

(13) Carta sem data.

(14) Ver a carta de Gobineau de 4 de outubro de 1872.

(15) Publicamos este estudo que não estava reunido em volume, em annexo ao nosso estudo: *Le Comte de Gobineau au Brésil* (pp. 130 e seguintes).

(16) Candido Borges Monteiro, Visconde de Itaúna, nascido no Rio de Janeiro a 12 de outubro de 1812, morto a 25 de agosto de 1872. Senador, Grande do Imperio, Conselheiro do Imperador, Medico da imperial camara e parteiro da Imperatriz.

CAPITULO VII

O ANNO DE 1873 EM STOCKHOLMO

Gobineau sente-se bem na Suecia. Elle pediu sua demissão de Conselheiro Geral do Oise. Elle trabalha. Elle prepara, conforme seu habito, muitos trabalhos ao mesmo tempo. Imagina uma historia da Suecia que encheria nada menos de tres volumes, mas que elle não comporá. Este trabalho será o trabalho de sua vida, proclama elle, pois sua imaginação excita-se ao pensar nesta Suecia "donde sahiram os seus". Elle escreve um grande numero de paginas da *Renaissance* e uma das lindas novellas que figurarão em breve nas *Nouvelles Asiatiques: L'Illustre Magicien*. Elle termina *Les Pléiades* que, apoz grandes obstaculos, serão publicadas em Pariz, no anno seguinte.

O tempo que elle não consagra ao trabalho, pertence á alguns amigos privilegiados. Elle conhece a snra. de la Tour, mulher do ministro da Italia, que será a paixão de seus ultimos dias.

Elle viaja. Elle percorre a Suecia na occasião da coroação do novo Rei, e tambem a Noruega.

Elle escreve muitas cartas e particularmente a seu amigo o imperador do Brasil. Este, preocupado com a politica, não pôde escrever tão amiudo como desejaria. E' tambem a politica, á qual D. Pedro está li-

gado por dever, que o impede de ler, de continuar a traducção em portuguez do *Prometheu acorrentado* de Eschylo, de classificar suas notas de viagem.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 28 de Janciro de 1873.

Magestade,

A ultima carta de Vossa Magestade causou-me uma grande alegria pelas expressões de bondade de que está cheia e vejo que o Imperador está bem disposto assim como a Imperatriz e a Senhora Princeza Imperial e os jovens principes. Isto é para nós, em nosso circulo de tres (1) que vos é inteiramente devotado, um prazer infinito; não posso dizer á Vossa Magestade o quanto n'Ella pensamos, o quanto d'Ella fallamos amiudadas vezes e, a este respeito, sinto-me feliz tambem que o artigo sobre as *Emigrações* (2) tenha merecido do Imperador a opinião de que o acha util ao Brasil. Tudo o que eu puder fazer de util nesse sentido, sendo uma expressão de meu devotamento á Vossa Magestade, fal-o-hei com prazer e para isso gostaria de encontrar muitas occasiões.

Vemos agora a vida publica da Suecia sob o aspecto particularmente instructivo e interessante da reunião parlamentar, aberta desde 19 deste mez. A abertura das Camaras fez-me pensar muito no Rio (3). O Rei Oscar II, conforme o uso, presidiu e fez o discurso do trono com o manto de principe e a corôa do ducado de Ostrogothia pois ainda não foi sagrado. A

Côrte estava em gala, os “drabants” (4) traziam o uniforme celebre dos guardas de Carlos XII; os pagens eram como os de Gustavo III. Confesso que a vista destas cerimoniaes me causou prazer. As cerimoniaes são, no fundo, as vestimentas das idéas; quando se não as conserva, perde-se as idéas gradualmente. Nada peor do que se pôr a caminho de querer conservar apenas o *essencial* das cousas, visto que, o essencial acaba por parecer elle mesmo superfluo áquelles que olham de lado ou além ou por cima. E’ esta a historia da Europa e do partido conservador ha cem annos, e o que acontecerá, enfim, na França, na Austria, na Inglaterra, na Allemanha, com todos os partidos conservadores, só Deus o sabe e ninguem mais. Estou admirado de ver o Senhor principe de Bismarck não reconhecer como elle o faz a gravidade de sua contenda actual com os catholicos (6). Elle faz jacobinismo “à tour de bras” e julga que, abalando um pilar que lhe desagrada, a casa não lhe cairá sobre a cabeça. Numa palavra, gosto, eu o confesso, até mesmo do aspecto do velho, pois estou farto do novo e acho-o mal costurado, mal cortado e, sobretudo, pouco solido. Noto ao contrario que as velhas cerimoniaes, ainda que não tivessem sinão esta unica vantagem, podem ao menos mostrar, pelo facto mesmo de seu aspecto actual, que as sociedades que ellas vestem são sãs e de bôa apparencia. Eis pois a Dieta sueca; ella é dominada por um grande partido, maioridade incontestavel; maioridade que occupa todas as commissões, não admitte nem mesmo um adversario na dos Dvomamos, maioridade resmungona, aggressiva, importuna, parcimoniosa, avarenta, mas decididamente hostile a qualquer innovação politica, fortemente affeiçãoada á monarchia, devotada aos progressos agricolas e que merece que seus adversarios a intitulem elles mesmos *o partido da Intelli-*

gencia. Quando se pensa o que significa na Europa hoje em dia a palavra *Intelligencia*, por minha parte não imagino nada mais lisongeiro do que nada ter de commum com esta absurda effervescencia cerebral. Em summa, os Suecos vivem ao lado da Europa e é como se lá não estivessem. Elles ignoram o que seja um deficit serio em seus orçamentos, não querem revoluções e si aborrecem, atormentam, irritam, seu governo, não desejam derrubal-o nem fazer crer nm só instante que nisto pensam.

Ignoro que se faça alguma cousa de muito interessante em litteratura no momento. O interesse provocado pela estela moabita do Snr. Clermont Ganneau não teve successor. Não supponho que Vossa Magestade tenha ficado muito edificado pela narração do Diluvio extrahido de Documentos assyrios feita por um Senhor Smith de Londres. Chegou-se a uma tal persuasão do idiotismo absoluto do publico, que não ha excesso ao qual a gente não se possa entregar neste sentido e que não dê resultado. Ninguem parece reflectir que nenhum povo antigo seria capaz de inventar uma baixeza tal como esta pretendida narração do Diluvio e no emtanto o Snr. Gladstone declarou publicamente que achava estas parvoices sublimes. E' verdade que o Snr. Gladstone, grande homem de estado, por outro lado, segundo dizem, faz bem má figura quando escreve sobre Homero (7).

Só ha tres dias é que começamos a ter neve; até agora nada de inverno, um tempo primaveril. E' de crer que a Suecia mudou de logar e está mais perto do Rio. Eu bem o quizera...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 16 de Fevereiro de 1873.

Magestade,

... Agora, estamos em plenos trabalhos da Dieta e agita-se uma questão que é particularmente interessante no ponto de vista pratico como no ponto de vista historico. E' de notar que na Suecia, o regimen da contribuição predial apresenta todas as variedades de... (8) de terras que estiveram em uso na Europa durante a idade feudal e, alem disso, certas particularidades que pertenceram apenas á epocha germanica, como esta por exemplo, que a propriedade não tem nenhuma especie de divida para com o Estado, nem mesmo um dever militar, o que constituia o "odel" da epocha primitiva em que o Estado não gosava nem mesmo do alto dominio sobre todos os territorios que abrangia. E' claro que esta complicação extrema das relações entre o fisco e o contribuinte dê lugar, d'ora avante, a muitas anomalias que não podem continuar. Vai-se empregar, certamente, a reforma; mas tudo faz presagiar que as modificações serão graduaes e reflectidas e que não dará lugar a essas mudanças radicaes tão usadas em outros logares. Noto mais do que nunca que este povo essencialmente livre e profundamente razoavel goza de uma consideravel dôse de vitalidade. Esta força parece-me em vias de se applicar a tudo e por toda parte e, como acontece geralmente numa tal phase da vida das nações, o que se pôde chamar os acasos de fortuna produzem-se precisamente de maneira a servir e a facilitar o movimento ascensional do povo. Assim acaba-se de descobrir que a pro-

vincia de Scania quasi toda inteira se estende sobre jazigos consideraveis de carvão. Não é um carvão de primeira qualidade e que se possa comparar ao de Newcastle. E' no emtanto de bõa qualidade para as necessidades da marinha a vapor e para estradas de ferro e o baixo preço que dahi resultará no preço do combustivel vem intensificar o desenvolvimento da industria metallurgica no paiz. Este anno, a producção das minas leva consideravel vantagem sobre as cifras dos annos precedentes e, o que é notavel, a agricultura vae pelo mesmo caminho de prosperidade. Ha alguns annos atraz, a Suecia não produzia o sufficiente para seu consumo de cereaes. Hoje ella exporta. Não é absolutamente o mesmo quadro que apresenta a Hespanha neste momento. Estou encantado de poder contemplar com meus olhos este espectaculo raro em nossos dias de uma nação que occupa os cerebros em operações mais effectivas do que as da elucubração politica. Parece-me que as relações com as Americas augmentam tambem singularmente nos portos da Suecia e talvez houvesse interesse para o commercio brasileiro, o do Pará particularmente, em consagrar alguma attenção a tudo o que pudesse despertar interesse nesta parte do mundo. Penso que elle aqui poderia fazer negociações vantajosas, sobretudo com o café cujo consumo aqui é bem grande. Ignoro completamente o que possa existir neste sentido uma vez que os documentos officiaes, nada dizem a respeito, sempre muito administrativos para serem bem conforme a caprichosa natureza das cousas verdadeiras.

Espero que a saúde de Vossa Magestade tenha retomado sua força e sua solidez ordinaria e que o Imperador não mais se ressinta das fadigas muito grandes de sua viagem. Sem duvida nada terá impedido a estadia de Vossa Magestade em Petropolis e Ella

terá experimentado alguma melhora nessa temperatura mais amena que a do Rio. Aqui temos um inverno quasi nullo. Ha gelo, patina-se; ha um pouco de neve; mas a muito custo descemos abaixo de 3 graus, o que, verdadeiramente para um paiz fronteiro aos Laponios nada é...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 9 de Março de 1873.

Magestade,

... Estamos aqui em plenos trabalhos da Dieta e agrada particularmente ver como, sob a influencia da raça, povos que se crêm governados por instituições analogas, seguem no entanto direcções completamente divergentes. Na Suecia, tem-se uma constituição representativa; um conselho de Ministros separada e collectivamente responsavel e, entretanto, o sentimento publico, o interesse geral, é que o Soberano deve agir por si mesmo, querer e impôr. O Rei Oscar II, um pouco preocupado com a popularidade do fallecido Rei, maior ainda hoje em dia do que em vida do principe, mostra-se um pouco hesitante. Accusam-no de ser timido. As gentes do Norte querem ser livres, mas querem ter um chefe e um chefe effectivo, que ordene, que domine em caso de necessidade, e de onde venha a iniciativa e, neste momento, a opposição que não deixa de ser forte, não se occupa de outra cousa sinão em diminuir as despezas do estado para reduzir assim os gastos dos subditos, mas de idéa revolucionaria não ha vestigio siquer e poder-se-ia crer na lua,

tanto a Europa e suas tendencias actuaes parecem estar longe d'aqui.

O movimento intellectual não deixa de ser bem notavel. Um homem chamado Olsen, norueguez, acaba de inventar uma nova moda de telegraphia electrica de que se falla com elogios e que dizem ser propria para agir sobre grandes distancias. Julguei que isto poderia interessar Vossa Magestade e fallo disso ao Imperador sem ter aliás nenhum conhecimento pormenorizado do facto e da questão. Informar-me-hei melhor si Vossa Magestade o desejar. Publicam-se actualmente memorias muito curiosas sobre os tempos que se seguiram a morte de Carlos XII (9) até o fim do reinado de Gustavo III e vai-se sobretudo dar ao publico as memorias do conde de Fersen (10) que acompanhava a familia real quando de sua fuga de Varenne e que esclarecerão um grande numero de documentos ineditos e dos mais interessantes sobre os negocios da França no começo da Revolução. Leio agora d'uma maneira sufficiente o Sueco para me por ao corrente desses trabalhos e nisso acho um grande prazer.

Dizia agora ha pouco a Vossa Magestade que o sentimento liberal neste paiz é de uma natureza toda particular e em nada se parece com o que chamam por este mesmo nome no resto do mundo. Eis dois exemplos dos mais notaveis. Os oradores os mais entusiastas da opposição só fallam, nestes ultimos dias, para accusar um ministro porque muitos estrangeiros tiveram autorização para possuir dominios na Suecia, sendo tida como perigosa esta ingerencia de gente de fóra na vida nacional. Deseja-se viver em si, para si, em sua casa e nada ter que ver com aquelles que não têm os mesmos interesses que os homens do paiz. Esta maneira de ver é, em certos pontos de vista, muito razoavel e, a mim, não me desagrada, pelo contrario;

mas não é isto que se chama geralmente liberalismo. Em materia religiosa da-se absolutamente o mesmo. Ninguem quer sahir da organização lutherana a mais severa. A lei de tolerancia apresentada actualmente não chega ainda a permittir o accesso aos cargos publicos aos Suecos que se fizerem catholicos e tal como está, antes de submettel-a ao voto das Camaras, é preciso que o Synodo lutherano a tenha approved. Em summa o sentimento conservador é dos mais enraizados no genio nacional e não se renuncia ao passado sinão passo a passo e com extremas precauções...

Gobineau a D. Pedro II

Stöckholmo, 9 de Abril de 1873.

Magestade,

Espero com uma certa impaciencia, eu o confesso, noticias de Vossa Magestade. Os jornaes só fallam da febre e Vossa Magestade terá ficado certamente assim como a familia Imperial no centro da cidade, pelo menos eu o receio que assim seja (11). Sentir-me-ia pois muito feliz e mais ainda que de costume em receber uma carta. Si, daqui a alguns dias, não tiver recebido, escreverei a Snra. de Barral que deve estar ao corrente de tudo e que me informará. Acaba de passar o inverno e, realmente este inverno não foi assim tão duro como certas estações que tive occasião de ver em França e na Allemanha e bem menos do que o que pude observar na Suissa. E' sempre muito difficil poder contar com as informações em taes circumstancias. Todos

querem que o anno presente seja excepcional. Entretanto, parece-me que, segundo tudo o que pude consultar, o ultimo periodo de cinco annos foi bem menos frio e que o clima tende a se modificar. Ha para isto duas razões bem claras e uma terceira que o é um pouco menos, mas que pode tambem, com o tempo, ter um certo valor. A destruição das florestas se faz sobre uma extensão e numa medida bastante consideravel. Por outro lado, a cultura do solo generaliza-se por toda parte. Sei, que em geral, a destruição das mattas passa por ter a propriedade de abaixar a temperatura; entretanto, podia dar-se o caso que nos paizes proximos ao mar, o resultado fosse opposto e que esta theoria não estivesse bem certa. A terceira razão seria o abaixamento gradual do nivel do Baltico que é bem certo. Em summa, a Suecia parece ter tendencia a se fazer uma nova temperatura.

Não tenho conhecimento de que haja em França alguma publicação de valor. Os livros sobre a guerra de 1870 continuam com as publicações dos generaes os quaes querem provar que, si elles não sahiram victoriosos, foi porque não puderam agir de outro modo. Como eu já tinha delles esta bôa opinião, estamos perfeitamente de accordo e seus trabalhos não me podem interessar. Decididamente, a politica devora e esterilisa tudo. Vossa Magestade leu o Discurso do Senhor Duque d'Áumale (12) na Academia. O interesse politico domina ahi tambem toda preocupação litteraria e é sobretudo isto que o publico nelle procurou.

Gostaria bem de saber em que ponto estão os trabalhos de Vossa Magestade. Já ha muito tempo que o Imperador nada mais me diz de suas notas de viagem. Espero, no emtanto, que a classificação de todos esses documentos esteja já adiantada e creio que é mister não retardal-a para que as recordações que são as

estacas, não fiquem meio apagadas e, o que é mais grave ainda, não se transformem no pensamento sem que disso se aperceba. E' isto uma cousa muito commum no mundo do espirito. Não somente tem-se difficuldade, no momento em que se olha as cousas ou os factos, a vel-os taes quaes são, mas a medida que o tempo passa, esta percepção está sujeita, sem que se queira, sem que se pense, ao reflexo de novos ambientes formados ao redor della e acaba-se quasi sempre por se figurar que se viu uma cousa da maneira pela qual se julga no momento tardio em que se volta a pensar nella. Este phenomeno nunca me pareceu melhor explicado que por Lewes em sua vida de Goethe.

Estou trabalhando muito e occupo-me de uma composição consideravel da qual fallarei a Vossa Magestade quando estiver certo de ter vencido as difficuldades que são bem grandes. Tenho feito tambem muita esculptura e envio a Vossa Magestade uma photographia do busto de Beatriz Portenari. Como ella morreu aos 24 annos, imaginei-a não transfigurada como Dante a pôz no Paraizo mas tal como poderia ser em vida...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 1.º de Maio de 1873.

Magestade,

Estou um pouco preocupado com o que dizem os jornaes sobre a intensidade da febre amarella no Rio. Não que eu tenha alguma apprehensão por Vossa Magestade nem pela familia Imperial, mas parece-me que

tudo isto deve ter causado muitos aborrecimentos ao Imperador. Estou tanto mais inclinado a preocupar-me com isso pois já faz muito tempo que não recebo carta de Vossa Magestade. Achando-me tão longe e na disposição de espirito em que estou, não ousou fallar receando que meus pressentimentos se tornem realidades. No entanto eu o faço, porque minhas cartas não são no fundo outra cousa sinão a expressão de meu devotamento e que o devotamento é sempre o que vale em todos os momentos.

Aqui, teremos em breve a Coroação. A Dieta mostrou o desejo de ver esta cerimonia abolida porque só pensa em fazer economias, o que é uma paixão a menos de luxo num paiz cujas finanças estão num estado o mais florescente. Os jornaes da Allemanha e da França declararam ahi ver o indicio seguro das idéas do seculo e a aurora de uma revolução. Não sei si foram estas apreciações que agiram sobre a opposição sueca; mas esta mesma opposição, a que se chama o partido dos camponeses, acaba de demonstrar por seus principaes oradores a necessidade de testemunhar seu respeito pela Corôa e a cerimonia tradicional foi deliberada e os fundos pedidos pelo governo e oncedidos de uma maneira tão unanime que não foi preciso nem mesmo recorrer a um voto. Confesso que estas cousas me agradam immenso e que, num paiz livre, como é, ahi vejo um indicio de bom senso e de verdadeira grandeza e de sentimento exacto de independencia que não encontro em logar nenhum.

Daqui serão enviadas algumas cousas interessantes para a exposição de Vienna, sobretudo trabalhos em madeira, a começar por casas e trabalhos metallurgicos; um novo fusil de infantaria de que se dizem maravilhas e que, pelo preço e qualidades praticas, seria superior ao "Chassepot" e ao Remington, emfim mui-

tos productos da intelligencia local. Não sei si Vossa Magestade ouviu fallar de um systema medicinal bastante curioso que foi inventado aqui e que se adopta actualmente na Allemanha. Dá-se-lhe o nome de gymnastica. Segundo o que pude comprehender, pois não o experimentei trata-se de pôr particularmente em acção certos musculos ou certas partes do corpo, aos quaes a actividade especial e a saúde voltam, simplesmente pelo exercicio systematico e concebido de uma maneira racional. Diz-se que, entre outras molestias, o rheumatismo, não resiste a este tratamento.

Não, ousou esperar, na preocupação em que deve estar Vossa Magestade como já disse no começo de minha carta, que o Imperador se tenha occupado de suas notas de viagem ainda menos do *Prometheu*. No emtanto, estou muito desejoso de saber alguma cousa e sobretudo de saber que o trabalho se faz e avança. Como eu dizia a Vossa Magestade, seria bem para reclear, si o tempo passasse muito sobre os materiaes, que elles ficassem murchos, que perdessem sua flor de exactidão e que Vossa Magestade não os julgasse mais, sem o querer e mesmo sem se aperceber, sinão á luz de reflexões feitas fóra de tempo, muito capazes de mudar seu character. Creio que é este um perigo real e muito a evitar .

Comecei um trabalho que será longo e que me conduz a grandes pesquisas e a leituras interminaveis. Trata-se não da historia mas da pintura da *Italia* na epocha da Renascença e não só a historia ou a pintura das artes e do desenvolvimento intellectual, mas de todos os phenomenos, desde as menores agitações da vida animal no baixo povo e nos burguezes até aos temperamentos de Cesar Borgia, de Julio II, de Leão X e de Miguel Angelo e outros de seu genero. Para isto é preciso trabalhar muito e tanto mais que tenho

sempre o pensamento de Vossa Magestade diante de mim e pergunto a mim mesmo: que dirá disto o Imperador? aprecial-o-á ou poderá ser censurado por elle?

Minha senhora e minha filha partiram para a Dinamarca e passarão o verão em Trye. Quanto a mim, tendo pedido a demissão do Conselho do Oise (certo de que nada, para nada serve) daqui não sahirei sinão para ir á Coroação norueguesa. Trondhjem encanta-me muito. Adeus, Magestade, desejo muito que minhas apprehensões quanto ao Rio sejam exageradas...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 2 de Junho de 1873.

Magestade,

Quando recebi a carta de 16 de abril, começava já a sentir-me bastante inquieto e vejo que não me enganava completamente pois Vossa Magestade queixa-se de sua saúde e acha que ella declina. Sinto-me feliz em saber que o Imperador está se tratando; confesso, no emtanto, que não tenho uma confiança absoluta nesses cuidados e receio que Vossa Magestade continue a fatigar-se muito. Eu o supponho tanto mais que Ella não me falla nada de seus trabalhos litterarios que são sempre um repouso e uma distracção para si e disto concluo, com um certo sentimento de tristeza, que as necessidades do governo a dominam, a absorvem e, por consequinte, lhe consomem mais forças do que talvez fosse preciso.

Soube pela Senhora de Barral que a Senhora Princesa Imperial e o Senhor Conde d'Eu estão em Pariz. Desejaria tambem lá estar neste momento, para lhes apresentar meus respeitos, pôr-me ás suas ordens e ter, sobretudo, noticias directas e seguras de Vossa Magestade e, desta maneira, sentir quasi que a Sua presença. Mas o mundo está cheio de infortunios e juncado de contrariedades. A Coroação sueca que acaba de terminar me tomou muito tempo. Esteve muito bonita, muito digna e a attitude das populações tudo o que se possa desejar no proprio interesse de uma nação que é feliz e que, por sua prudencia, o merece. Esteve aqui como embaixador extraordinario da França, o mesmo general de B..... que o Senhor Thiers fez questão que almoçasse com Vossa Magestade como sendo o primeiro general de cavallaria da Europa, e de quem Vossa Magestade julgou que faria melhor figura com seu cavallo. Eu tambem, eu teria preferido vel-o com seu cavallo, em lugar de o ter aqui onde só fez tolices e deixa, nesse genero, uma reputação solida. Isto não impede que seja nomeado em Pariz, Ministro da Guerra. Creio que o que acaba de acontecer, era indispensavel e eis-nos livres de um grande embaraço. Mas por quanto tempo? E a que fim poderá chegar a França? Conseguirá ella alguma cousa? Eis o que é absolutamente impossivel de se imaginar, pois, de si mesma, a nação torna-se esteril e, ainda mesmo que em seu beneficio se faça alguma cousa ella não poderá se suster. Não creio que Vossa Magestade tenha melhorado muito as tristes previsões que della fazia. Teremos, no proximo mez, a coroação norueguesa, que se fará, segundo o uso, em Trondjem. Ouvi dizer que a cathedral dessa capital afastada está quasi em ruinas, mas é ainda muito intercessante e será lá que terá lugar a cerimonia, no meio das populações vindas de

todos os recantos do Reinado e, segundo os antigos ritos. Espero sentir um verdadeiro prazer no meio de todas essas recordações conservadas por uma nação pequena mas tão forte. Terei a honra de escrever de lá á Vossa Magestade.

Estou occupado em acabar o maior romance que até agora produzi, as *Pleiades*. Não sei si elle agradará ao Imperador. Ha uma porção de cousas a respeito dos negocios e das disposições moraes da França e da época que terei de supprimir, pois, infelizmente para mim, não sou livre e nem tudo posso dizer. Ha tambem muitas pinturas de caracteres. Numa palavra, fiz do melhor modo que pude. Confesso que já não tenho muita coragem para trabalhar. E' evidente que as cousas do espirito não interessam mais o tempo de hoje e, sem querer, a gente soffre a influencia do meio em que está. E' esta uma época infeliz para certos espiritos e eu sou um delles. Peço a Vossa Magestade que se lembre de vez em quando daquelles que a estimam, porque estes não deixam de pensar n'Ella. Minha senhora está em França com Christine...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 15 de Junho de 1873.

Snr. Conde,

Muito obrigado pela photographia do busto de Beatriz de Portinari. Agrada-me, mas ainda que comprehenda o sentimento que vos inspirou, eu preferiria que

ella tivesse uma physionomia mais italiana e segundo o typo das pinturas da época que tanto me interessaram em Florença.

Recebi excellentes noticias de meus filhos que estão em Pariz, e como ellas me fizeram lembrar os dias do Grande-Hotel! Minha perna está melhor, mas impede-me ainda de fazer muitas cousas. Esta carta vos será entregue pelo Major Mursa, do exercito brasileiro. Elle dirige a exploração da mina de ferro do Ypanema e vae á Suecia por causa desse serviço. E' um official muito intelligente e que já conhece a Europa tendo estado na Suecia, após seus estudos feitos na escola de Freiberg. Eu vol-o recomendo e espero que facilitareis a sua missão pelas relações que conquistastes com as pessoas importantes desse paiz.

Adeus! Lembranças a toda vossa familia e crêde sempre na amizade do

Vosso muito afeiçãoado
D. Pedro.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 3 de Julho de 1873.

Magestade,

Ha muito tempo que não recebo noticias de Vossa Magestade. Espero no entanto que vá tudo bem para Ella e para a familia Imperial. Um verão em Stockholmo é uma cousa bem penosa. O calor é excessivo e, creio mesmo que é superior á elevação média do Rio, o que é facil de se ver, pois num tempo excessivamente cur-

to, as producções naturaes se desenvolvem e crescem, mas isto não é muito agradável; por outro lado, não ha absolutamente ninguem na cidade. Todo o mundo está no campo. Aprecio, no ponto de vista do paiz, este gosto dos proprietarios por seus dominios e seus camponezes e creio ser esta uma das razões que mantêm a união das classes e impede que se propague o sentimento revolucionario; mas disto resulta que não vejo viva alma e me acho muito só. O Rei partiu para o norte do paiz. Elle irá e talvez esteja neste momento na fronteira da Finlandia e nos districtos laponios; está sendo muito bem recebido pelas populações que se sentem muito felizes em ver o seu soberano, o que não se dava ha alguns seculos. A intenção do Rei é ir até á extremidade de seus dominios e ver o Cabonorte. De lá elle descera a Trondhjem onde terá logar a coroação norueguesa e nestes dois dias pretendo tambem seguir para assistir a cerimonia. Haverá festas as quaes serão assistidas por toda a população norueguesa. De lá, dessa antiga capital onde se realisará a sagração na velha cathedral arruinada, de estylo byzantino, a côrte irá a Christiania onde se effectuarão novas festas. Durará tudo mais ou menos um mez.

Terminei meu romance das *Pleiades* e vou publicalo em Stockholmo onde encontrei um e mesmo dois editores. Penso que o livro estará prompto lá pelo fim de novembro e não desejo enviar-o a mais ninguem a não ser ao Imperador. Logo que tiver o primeiro exemplar enviar-vos-ei, desejoso de saber a opinião de Vossa Magestade sobre um livro que considero como o meu melhor romance. Durante este inverno, de accôrdo com o meu editor sueco, occupar-me-ei activamente de um novo trabalho sobre a *Suecia*. Minha intenção é apresentar a geographia physica e a geologia do paiz; a apreciação da riqueza metallica; as raças; a mytho-

logia do Norte; a linguística; isto será para o primeiro volume; no segundo, que se estenderá provavelmente a um terceiro, publicarei a historia politica e ecclesiastica como introdução preliminar á descripção do caracter do homem sueco actual; depois a estatistica industrial, commercial e agricola e enfim o estado geral do paiz, suas causas de prosperidade futura e as... (13) que impedem certos desenvolvimentos. Desejo fazer um livro o mais completo possivel. Estou bem desejoso de saber que Vossa Magestade retomou a classificação de suas notas de viagem. Receio muito que Vossa Magestade negligencie um trabalho tão interessante e o que me entristece sobremodo, é que Ella não me diz mais nada do *Prometheu*. E' pena deixar um trabalho tão adiantado e mesmo quasi acabado...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 23 de Julho de 1873.

Snr. Conde,

Nada de grande importancia a vos communicar; pois sabeis a vida que levo, e a politica não é para mim, sinão o duro cumprimento de um dever.

Sinto-o ainda mais no dia de hoje pois ha 33 annos que carrego a minha cruz. Vosso proximo trabalho deve encantar-me, pois sou um apaixonado pela época da renascença, sobretudo depois de minha viagem á Italia. E o vosso poema sobre a guerra de *Chioggia*, onde estive tambem para melhor apreciar vossa poesia e o merito do Quadro dos *Pescadores* de Leo-

poldo Robert cuja scena está reproduzida com tanta verdade na beira do *San-Domenico*.

Como ides? Como sois feliz em poder occuparvos com paixão dessas cousas! Eu, tenho apenas o tempo para fazer justiça ao talento dos outros. Crêde-me quando vos asseguro não ter muitas vezes tempo sinão para dar, a meus olhos sobretudo, o repouso indispensavel. Acabo de receber o *Antechristo* de Renan, (14) e no entanto não posso ainda entregar-me a elle!

Berthelot não me deu ainda noticias de seus trabalhos tão importantes, e enviei a Decaisne, ha pouco tempo algumas plantas.

Adeus! Muitas lembranças á Senhora Gobineau e a vossas filhas e contaes sempre com a amizade do

Vosso muito affeioado
D. Pedro.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 7 de Agosto de 1873.

Snr. Conde,

Não esqueço aquelles que me estimam e que por sua vez me são caros e si não lhes escrevo tanto quanto quizera, nem por isso soffro menos que elles.

Na verdade, a obrigação de estar ao corrente da politica e da administração, ainda que na qualidade de monarcha constitucional só tenha que intervir raramente, toma-me muito tempo, e como não sei fazer as cousas pela metade, confesso que me sinto cansado; mas

que fazer! Fatigar-me-ia ainda mais por outro lado, a força de querer repousar. Entretanto, não esqueço as sciencias e as letras, e espero, cheio de impaciencia, vossas *Pleiades* que sem duvida me agradarão muito, pois reconheço em vós a inspiração poetica e, si não gostasse de caminhar depressa, eu não vos aconselharia sinão o *novum prematur in annum* do velho Horacio.

O trabalho de Littré (15) que estou lendo com attenção, como um estudo de reflexão sobre o que conheço, comtudo, ha muito tempo, vem-me impedindo de começar o *Antechristo* de Renan, de que já li alguns trechos nos jornaes, que me encantaram pelo estylo — o grande merito de Renan — em não fallar de sua sciencia semitica.

Como seria feliz em poder continuar esta conversa; comtudo eis que o dever me obriga a deixar-vos, mas não antes de pedir-vos, o que aliás, seria imperdoavel, para trazer-me á lembrança de vossa familia, á qual a minha se recommenda egualmente, e crer na amizade, sempre a mesma, ainda que ás vezes involuntariamente muda do

Vosso muito affeioado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 22 de Agosto de 1873.

Magestade,

O tempo passa e não recebo siquer uma carta de Vossa Magestade. Quero, no entanto, esperar que a

saude em nada contribue a esta privação que o Imperador me faz passar. A Senhora de Barral escreveu-me que a sua perna ia melhor, ainda que Vossa Magestade não tenha feito para isso tudo o que era preciso e se cança muito com occupações que talvez pudesse esquivar-se. Por isso estou quasi impaciente á espera de uma palavra do Imperador. Estive na Noruega onde passei um mez mais ou menos. Passei primeiro em Christiania e de lá fui a Trondhjem, a antiga capital, para assistir á coroação. Voltei por outro caminho, de maneiras que fiquei conhecendo uma boa parte do paiz. Parti sob uma dupla impressáo; por um lado, era uma peregrinação ao paiz de onde sahiram os meus e não era friamente que nisto pensava. Além disso, tinham-me asseverado que a Noruega era uma Suissa, (16) em miniatura, e isto aborrecia-me de antemão. Assim cheio de ensinamentos contradictorios, comecei minha viagem. Graças sejam dadas aos Deuses do Norte! A Noruega nada tem da Suissa! Não são montanhas enormes elevando-se a pique do seio de valles profundos e de onde sahem grandes rios no seio de geleiras immensas. Não é esta natureza gigantesca, mas brutal e grosseira como o povo que a habita. A Noruega é desenhada em linhas tão puras e tão finas como as perspectivas do Oise. Em muitos logares, julguei estar no meio dos declives do Taurus. E' um recanto que lembra, da maneira a mais surpreendente, o valle do Attico. Nada excede em elegancia e em magestade todas estas perspectivas; mas nada de chocante á vista; tudo é harmonioso e este verde esmeralda que cobre tudo, e os bellos "fjords" que levam o mar no seio do paiz e estes rios e estas cascatas e esta profusão de flôres que o verão espalha por todos os campos... Numa palavra, fiquei maravilhado, estou e ficarei sob esta impressáo. A população vale o paiz.

Não se fecha nada; nossas caixas e malas ficavam toda a noite na estrada; por toda parte, bom humor, alegria, acolhimento amavel e polidez muito digna. A raça é muito feia no centro, onde parece ter soffrido grandes misturas; mas no norte, ella é magnifica e é lá que o camponez conserva sua genealogia com um cuidado extremo e orgulha-se de descender dos Reis, o que dá á democracia norueguesa este profundo sentimento conservador, esta altivez e esta dignidade que outras democracias ignoram perfeitamente e mesmo muitas aristocracias. Não ha, propriamente falando, aldeias na Noruega; todas as habitações são isoladas. O norueguez quer ter espaço á volta de si, respirar ao ar e sentir-se livre de visinhos. E' a fiel reproducção dos usos antigos, não somente da Noruega, mas da raça ariana e me interessou muito encontrar na habitação norueguesa, sempre de maneira como nos tempos os mais remotos, a lembrança exacta e fiel da habitação hindú e iraniana, como a da residencia do rei merovingiano sobre o Somme e o Oise. A casa do soberano é cercada por uma série de casas agrupadas ao redor, formando as dependencias e as habitações dos creados. Nas cidades todas as casas são do mesmo modo, de madeira, excepto a Christiania que offerece pouco interesse e não é outra cousa que uma cidade européa moderna sem outro character. Mas Trondhjem é bem norueguez. Tudo de madeira! Excepto a cathedral de Olaf, a mais antiga e a mais veneravel igreja do Norte, construida pelo Santo, mais ou menos no seculo XI e erigida por artistas anglo-saxonios. Os suecos queimaram-na nas guerras do 17.^o e do 18.^o seculos. Agora a nave central está em escombros e as naves lateraes egualmente; só o côro está mais ou menos de pé; foi lá, no meio das ruinas, que se celebrou a coroação e

nunca vi nada que tivesse um caracter mais imponente. Comtudo, a igreja vae ser restaurada; votaram-se creditos e os subscriptores voluntarios dão dinheiro em abundancia. Receio aborrecer Vossa Magestade entrando em mais detalhes e limito-me a dizer que este paiz como a Suecia que, entre parenthesis, o Imperador não aprecia muito, afim de que o particularismo escandinavo tenha uma satisfação, prospera extraordinariamente; a população augmenta sensivelmente; as emigrações não attingem o numero dos nascimentos. Tive a honra de ver o principe imperial da Allemanha em Christiania. Elle pareceu-me dispensar a seus hospedes attenções um pouco protectoras. E', creio eu um homem de valor e de equidade...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 10 de Setembro de 1873.

Snr. Conde,

Vossa proxima carta deve ser bem interessante. Será a descripção da coroação do rei da Noruega na bella cathedral romana.

Quanto a mim, nada posso dizer-vos de interessante com a vida que levo. Entretanto, não me repouso por muito tempo e acabo de tomar uma grande parte na composição do livro (17) que vos envio. Seu unico verdadeiro merito é a perfeita boa fé.

Nada foi exaggerado, talvez mesmo pelo contrario, e além disso a estatistica é bem recente no Brasil.

Vossa descripção a respeito da viagem á Suecia deve ser bem importante. Quando vossas *Pleiades* brilharão a meu olhos?

Sinto-me feliz em ver, nos jornaes, que se começa a fazer justiça á vossa *Historia dos Persas*, que muito me interessou, ainda que tenhaes horivelmente offendido o meu philhellenismo.

Lastimo que a falta de tempo não me permitta reivindicar minha afeição para com os gregos, de quem reconheço no entanto os defeitos.

Adeus! Escrevo a altas horas da noite, e o dia foi cheio de serviço...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 11 de Setembro de 1873.

Magestade,

Acabo de receber a carta de Vossa Magestade datada de 23 de Julho e experimento um immenso prazer pois começava já a sentir-me inquieto quanto á saude do Imperador. Confesso mesmo que esta carta não dissipa as minha apprehensões. Nella noto, ou creio notar um matiz muito pronunciado de melancolia; tantas cousas explicam e justificam este estado de alma, que não ousou tirar conclusões. Quizera no entanto que a saude não estivesse em jogo. Noto tambem que Vossa Magestade não me falla de trabalhos litterarios sinão para se lastimar de não ter tempo para se dedicar a elles. Saber disso é para mim cousa desagradavel e triste sob todos os pontos de vista. Dis-

to concludo que Vossa Magestade não tem occasião de estar satisfeito e que todo o seu tempo lhe é tomado.

O Imperador sabe em que phase politica entrou a França com as novas esperanças de fusão. (18) Não digo que as cousas sejam impossiveis; mas, o que mais me impressiona, é ver espiritos bem formados preocupados com essa questão e nella crerem de uma maneira que me parece cega. Não tenho difficuldade em admittir que os principes tenham concordado numa medida sufficiente. Mas que o legitimista e o orleanista, que o gentilhomen e o burguez esqueçam um e outro todo o seu passado, todas as suas mutuas prevenções, todas as suas pretensões reciprocas, todos os seus preconceitos (e Deus sabe si elles os teem, uns e outros). Eis o que eu gostaria de ver para acreditar e ainda que nada negue e que muitas cousas sejam possiveis, como nunca pude observar que corpos em dissolução possam de repente voltar ao estado concreto, suspendo minha opinião. A mais, como si os negocios politicos já não estivessem bastante complexos, mistura-se, com um gráu de exaltação singular a questão religiosa e observo o effeito que produzem as peregrinações em todos estes paizes do Norte. Este effeito é incontestavelmente funesto; a hostilidade protestante ahi se reanima e não duvido que haja má vontade por parte dos governos não catholicos. Elles veriam com mais prazer do que repugnancia estabelecer-se de novo a monarchia em França; pois vêm com desconfiança e aversão o despertar de um espirito que os ameaça em suas convicções. Além de tudo isso, o immenso jacobinismo europeu continua sua algazarra e torna cada vez mais provavel, possivel, indispensavel mesmo uma applicação fortuita de dictadura. Confesso que não percebo outra cousa para o futuro. Posso me enganar, sem du-

vida, e eu o desejo de todo coração. Mas onde não se vê, nem bom senso, nem medida, nem prudencia, de nenhum modo, isto é, em todos os partidos francezes sem excepção, nada de bom se pôde presagiar.

Não sou capaz de dizer a Vossa Magestade o quanto me sensibilizou que Ella se tenha lembrado da *Guer-ra de Chioggia*. E' para mim uma solida razão para acabar este poema no qual não pego ha bem tempo. A primeira parte de minha *Renascença* está terminada; é o *Savonarole*. A segunda começada comprehende *Cesar Borgia*. Ahi experimento grande prazer e é agradável transportar-se a gente a esses tempos de fecundidade e de actividade feliz. Estou fazendo tambem uma quarta novella asiatica, o *Illustre Magico*. E' um meio de traçar os costumes e as idéas do antigo mundo oriental em sua norma actual. Emfim, acabo de terminar um busto de *Corolião*. Não ha como o trabalho no mundo...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 15 de Setembro de 1873.

Magestade,

Recebi a carta de Vossa Magestade datada de 23 de Julho e a impressão que ella me dá, é, devo confessar, um pouco triste. Talvez me engane mas, quando se tem amizade, lê-se nas entrelinhas e pôde muito bem acontecer que se veja o que não existe e desejo em extremo que não seja como estou pensando. Mas me parece que ha um pouco de melancholia no pensamento de Vossa Magestade, um pouco de aborrecimento e,

talvez tambem, um pouco de cansaço. Estou de tal modo possuido por estes receios que não poderia comprehender que fosse de outro modo, suppondo um constante gesto de estoicismo e de força de resistencia que não me parece muito commum na natureza. Eu mesmo acho tudo tão aborrecido. E, si a gente se deixa levar por pouco que seja, tudo é tão fatigante, tão pobre em esperanças fundadas e em consolações. Tão frio e tão duro! Estamos no 7.º seculo; em realidade, tudo o que se honrava outróra se vac embora, e confesso que, por minha parte, nada comprehendo do que deve vir, suppondo mesmo que haja muita cousa boa para se ver. Sem duvida, sei que Vossa Magestade tem uma paciencia, uma força de alma e uma confiança no futuro que eu não recebi do céu; mas no fim de contas é bem desagradavel, ser obrigado a recorrer sempre á virtude para tornar a vida possivel. Isto resulta que vossa carta me entristeceu e nella' penso sem cessar desde que a recebi; ousou entretanto escrever tudo isto a Vossa Magestade que é tão indulgente para commigo pelo que venho pedir perdão, com esperança de obtel-o. Em principio o Imperador tem razão de me citar o "Novum prematur" de Horacio. Seria mais conforme ás regras trabalhar regularmente, com tempo e com methodo. Mas eis o que sou incapaz de fazer. Será isto talvez um bem ou um mal, sinto que cada vez sou menos sabio e mais artista, e trabalho como posso e mesmo sem poder grande cousa. Sentir-me-ia feliz em ver terminadas as *Pleiades* para saber o que dellas pensará o Imperador. E' talvez um pouco violento sob todos os pontos. A prudencia é uma bella cousa. Não sei si jamais a tive, mas, o certo, é que della quasi nada tenho. O que venho adquirindo talvez, é uma disposição á modestia que nunca julguei tão forte.

A expedição ao Spitzberg acaba de chegar e seu chefe, o professor Nordenskjold, está encantado com seus resultados. Elle não chegou a ir até o polo como queria; comtudo todas as observações que se esperavam foram feitas; as collecções foram accrescidas de um grande numero de variedades de plantas polares e de moluscos. Executaram-se "dragages" que deram optimos resultados, ainda que nada seja de comparavel aos do *Porcuprie* e do *Eclair*. O professor Nordenskjold espera voltar ao Spitzberg dentro de alguns mezes.

A grande preocupação do momento não só aqui como em toda a Europa é as armas de guerra. Fazem-se experiencias de novos torpedos, de accôrdo com a Dinamarca e a Noruega. Participo a Vossa Magestade que me annunciam a chegada do Major Engenheiro, Snr. Souza Mursa. Si este official quizer estudar os trabalhos suecos e noruegueses, estarei á sua inteira disposição e lhe darei todas as introducções possiveis. Mas isto não era necessario dizer ao Imperador para quem nada iguala minha dedicação, minha respeitosa affeição da qual ousou enviar tambem a expressão á Sua Magestade a Imperatriz e estou certo que o Imperador o sabe bem...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 14 de Outubro de 1873.

Snr. Conde,

Deveis saber que não esqueço nunca uma affeição como a vossa.

A descripção da coroação do rei da Noruega em Trondhjem interessou-me muito. Como aprecio essas velhas igrejas em ruínas! A lembrança da Abbadia de Melrose está ainda bem viva em meu espirito.

A Senhora de Barral foi um pouco injusta pela paciencia com que cuidei minha perna e posso tranquillizar-vos, dizendo que tudo vae bem, e que não faço sinão o uso conveniente de meus meios de locomoção.

Comtudo, os negocios e a leitura me tomam muito tempo; pois quero estar um pouco por toda parte em pensamento ao menos, principalmente quando ahi posso encontrar meus amigos.

Devo ir em Dezembro a Petropolis e lá, ser-me-á permittido entregar-me um pouco mais ás occupações do espirito que prefiro, e talvez vos falle então do que me interessa. Comprehendeis que na minha posição sendo obrigado a estar ao corrente de tanta cousa, não posso dispôr sinão de muito pouco tempo para mim...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 25 de Outubro de 1873.

Magestade,

Recebi estes dias quasi ao mesmo tempo a carta de Vossa Magestade de 15 de Junho e a de 10 de Setembro. A primeira foi-me entregue pelo Major Mursa; a outra não veio ainda seguida do trabalho que o Im-

perador me annuncia o que espero com grande impaciencia. Si não o receber por estes dias, escreverei a Pariz pois a carta veio por Pariz em lugar de vir por Copenhague como de costume. Vejo que em Junho Vossa Magestade soffria ainda de sua perna; mas, desde então, as cousas vão melhor; os aborrecimentos é que ainda persistem. O Major Mursa partiu para a Franche-Comté afim de procurar os operarios de que precisa. Fallei com o Vice-Consul do Brasil daqui e lhe dei algumas indicações. Farei tudo que estiver ao meu alcance junto ás pessôas que não sejam proprietarias de forjas para arranjar os quatro operarios, tanto quanto possivel casados, de que precisa o Major. E' muito difficil porque os bons empregados são sufficientemente pagos para suas necessidades e tambem porque a prosperidade na Suecia é grande actualmente. Si não conseguir, escreverei para a Finlandia onde trata-se o minerio absolutamente como aqui, com carvão de madeira. Apesar da prosperidade actual, ha uma crise financeira em preparação e a causa primeira é bastante curiosa. E' uma repercussão da plethora de numerario que nossos 5 milhões acabam de determinar na Allemanha. Sobre este ponto, os trabalhos ficam suspensos, os industriaes não podem construir, as casas de commercio abrem fallencia, ha um desastre verdadeiro e a causa principal é que o Governo regorgitando de recursos emprehende trabalhos enormes, de uma concurrencia ruïnosa á actividade normal, emprega exclusivamente no que lhe diz respeito forças indispensaveis algures, d'onde resulta desastre geral. E' alguma cousa de analogo, sob formas differentes, ao que aconteceu na Hespanha, quando o producto das minas americanas veio armazenar-se na Torre do Ouro em Sevilha. Está pois decididamente demonstrado que um

paiz não se enriquece absolutamente com a presença do numerario, mas somente pela actividade que o produz e o distribue. Seja como fôr, esta crise violenta que faz um grande mal na Allemanha e começa a attingir-nos aqui, estender-se-á certamente à toda Europa especuladeira e contribuirá singularmente a enfraquecer o credito allemão.

A impressão das *Pleiades* foi retardada pela ausencia de caracteres pontuados alheios ao Sueco... Foi preciso fazer vir de Frankfort. Prometteram-me que devem chegar na proxima semana. Isto não prejudicou o livro pois eu o corrijo neste momento pela setima vez.

Vossa Magestade assustou-me tanto dizendo, com razão, que eu faço muitas cousas ao mesmo tempo que foi preciso algum tempo para me socegar. Mas creio, em verdade, que meu erro é mais apparente que real. E' exacto que componho e invento muita cousa duma vez; e não saberia fazer de outro modo. Mas tambem, guardo por muito tempo as cousas e difficilmente me decido a consideral-as como terminadas. Parece-me que isto vem a dar no mesmo que si eu fizesse cada uma por sua vez. Minha *Italia* está bem adiantada. Occupo-me agora de D. Cesar Borgia. O monstro é em si muito parecido com Ludovic Sforza e com os Contemporaneos, mas nestes ultimos não existe siuão o monstro; quanto ao outro havia tambem o administrador e o homem reflectido. E' uma figura terrivel e curiosa. Espero que até o fim do inverno, terci feito um bom pedaço de minha *Suecia*. Começo naturalmente pela geologia. Eu me pergunto como e porque o ferro do Brasil é identico ao ferro sueco. Será que a formação glacial ahi contribue em alguma cousa? Vossa Magestade seria muito bôa dizendo-me a sua opi-

nião neste ponto. Adeus, Magestade, meus netos Guldenchrone vão residir na Grecia perto do Rio Georges. Minha senhora passará o inverno em Pariz com Christine. Quanto a mim trabalharei como puder...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 22 de Novembro de 1873.

Magestade,

Tenho em mãos a carta de Vossa Magestade datada de 14 de Outubro e ella causou-me um prazer infinito. Vejo que a questão de saude que me inquietava, não existe mais, ou ao menos não tanto quanto pensava. Receio sempre um pouco que o Imperador se canse muito, no entanto tudo vai bem. E' o principal. Mas quando se está habituado a sentir-se bem, a gente muitas vezes abusa das forças de que não dispõe. Foi-me impossivel encontrar aqui os operarios para o major Mursa, apesar da bôa vontade com que me empenhei. A actividade industrial é actualmente tão grande na Suecia que as differentes explorações de ferro não dispõem do pessoal necessario e noto que, mesmo os emigrantes da America, voltam em grande numero para tomar parte nesse movimento. Entretanto, continuarei a procurar pois o major escreveu-me autorizando-me a isso. Elle encontrou mais ou menos o que queria. Lastimo que elle não me tenha dado seu endereço para responder-lhe. Vossa Magestade me dá uma esperança que muito me sorri; Ella me diz que, durante a estadia em Petropolis, fallar-me-á, de tudo

que me interessa. Gostaria bem que isto pudesse realizar-se e que tantas cousas nas quaes penso com verdadeira alegria, caminhassem para seu fim. Eu não queria renovar as phrases dos philosophos de todos os tempos sobre a vaidade de muitas cousas; mas no fundo, como a época actual é um espelho fiel dessas vaidades! Como faz dellas realçar a fraqueza! E, mesmo ella o faz tão bem que as cousas as mais graves do passado, tornaram-se vaidades a seu ver. Eis porque eu imagino que os trabalhos do espirito são ainda os que mais valem e os que menos enganam. Não consigo obter do impressor as primeiras folhas das *Pleiades*. Asseguram-me que é só começar e que uma vez iniciado vae depressa. Quero crer que assim seja. Mas isto não começa. Estou terminando o *Catalogo* de minhas pedras gravadas asiaticas que acabo de refazer sob um novo plano. Fiz maior distincção na classificação das differentes escolas, archaicas, gregas, assyrias, persas, e outras. Quizera que este trabalho fosse impresso neste inverno. Tudo o mais vae lentamente porque o catalogo toma-me a maior parte das horas até que esteja acabado, o que será em breve. Em Janeiro espero entregar-me sériamente ao primeiro volume da *Suecia*. Não sei nada de Pariz que valha a pena de ser examinado de perto. E' bastante curioso ver até que ponto o Darwinismo, eu digo o Darwinismo violento, faz progressos. O Instituto de França não quiz nomear o chefe da Seita membro correspondente, mas como tambem não quiz se pronunciar contra, elegeu o Snr. Lo ven, professor da Universidade de Lund e darwinista completo. E' absolutamente o methodo da época. Entrega-se a gente ao diabo; mas tem-se o evangelho no bolso; ou então vae-se confessar, mas com Voltaire em seu genuflexorio. O que noto sobretudo a proposito do progresso do Darwinismo, é que as pessoas que del-

le comprehendem os inconvenientes, formam, em geral, uma classe tão ultrajosamente ignorante e inapta que, de qualquer lado que se esteja, pôde-se ainda viver mais facilmente com o inimigo do que com elles. Tudo o que elles sabem fazer são peregrinações e essas procissões que só conseguiram fazer augmentar a intensidade do odio entre elles e seus adversarios, afastando de si muitas pessoas cheias de boa vontade e que, por consequencia, tornaram a realeza impossivel em França, e prepararam, dentro de mais ou menos tempo, através de outras tantas peripecias a volta ao Império...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 4 de Dezembro de 1873.

Snr. Conde,

Quando brilharão as *Pleiades*?

O livro sobre Cesar Borgia agrada-me á muito, pois sou um apaixonado pela idade média italiana.

Eis os vossos Guldencrone nessa Grecia que lastimo tanto não ter ainda admirado!

Daqui, nada de interessante tenho a communicar-vos. Minha saude é quasi como a de outros tempos, mas tenho mais necessidade de repouso que d'antes, e, não obstante, digo, como sempre, que não ha nada como o trabalho.

Quizera escrever-vos mais a miudo, ou antes muito mais; mas poderia eu em minhas cartas lembrar-vos, ainda que pouco, nossas conversas dos domingos?

Tem-se feito aqui conferencias politicas sobre assumptos de interesse geral e espero que este habito se acclimatará. Pretendo assistil-as até minha ida a Petropolis que aliás não se dará, sinão a 26, pois tenho ainda muito que fazer no Rio, e devo ir por estrada de ferro pela primeira vez a *Nova Friburgo*, nas montanhas. Como esta excursão faz-me lembrar a vossa em Juiz de Fóra... (19)

P. S. O Major não foi feliz em seus esforços para contractar os operarios na Suecia mas estou certo de que vós o ajudastes tanto quanto vos foi possivel. Escrevi tambem ao rei que conheci como principe real, em Londres, e parecia-me ser um excellente rapaz.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 13 de Dezembro de 1873.

Magestade,

Só agora recebi o *Imperio do Brasil na Exposição de Vienna* (20) e tive apenas o tempo de dar uma vista d'olhos bem insufficiente para a importancia e a diversidade do conjuncto. Vou lel-o bem attentamente porque de todos os lados, nelle eston extremamente interessado. Aqui estamos no inverno; mas como as idéas climatologicas são pouco certas e inexactas quando se não aprecia os factos de perto! O inverno em Stockholmo nada mais é que chuva e mau tempo, raramente um pouco de neve até o Natal e eis o curso normal das cousas; de maneiras que nestes paizes, que no Sul se imagina ser quasi eternamente gelados, a estação verdadeiramente fria só começa no mez de Ja-

neiro. E' verdade que ella dura mais ou menos quatro mezes, mas não continuamente, de maneiras que é bem supportavel. Na verdade as linhas isothermicas representam um grande papel em tudo isto, pois em Petersburgo a muito tempo que tem neve, ainda que ao extremo sul de Stockholmo. Estas questões interessam-me por causa de meus trabalhos sobre a Suecia. Acabo de ver uma cousa muito exquisita. A Rainha "donairière" da Suecia pediu-me, ha alguns dias, si eu podia dizer-lhe o que significava um sacco de seda vermelha bordado de ouro, fechado por um sello de cêra arabe e encontrado na herança da Imperatriz-Duqueza. Ella m'o enviou; descosturei o sacco que estava intacto. Este continha duas cartas officiaes em persa e uma terceira em muito mau portuguez. Era uma proposição de alliança e um projecto de tratado com a offerta de uma subvenção de 5 milhões e meio de francos, feita em 1833, ao Infante D. Miguel, para entender-se com o Imperador de Dehly, o ultimo Grão-Mogol, com o fim de expulsar os Inglezes da India. De sorte que, em 1833, havia uma conspiração da Côte de Dehly contra a Companhia e este velho projecto só se concluiu recentemente. A proposição feita ao Infante D. Miguel chegou a Lisboa depois da queda deste ultimo. As cartas ficaram esquecidas, enviaram-nas para Stockholmo e, no fim de quarenta annos, foi preciso que em Stockholmo se encontrasse um Ministro de França sabendo a lingua persa, para conhecer esta velleidade indiana. Como, por uma ironia da sorte, o principe indiano pedia ao Infante que lhe respondesse sem tardar! Ha em tudo isto, neste sacco de seda, nestas cartas escriptas em papel de flores doiradas, neste esquecimento, neste céu do Norte, uma especie de realidade romantica que recreia a imaginação.

Vossa Magestade digna-se fazer-me uma grande promessa relativamente ás suas occupações em Petropolis. Queira Deus que as circumstancias ajudem o Imperador a cumpril-a! Quizera bem ver concluidos todos os vossos trabalhos no dominio intellectual. Eu o desejo por duas razões: primeiro, porque é preciso que as arvores fructiferas produzam fructos; segundo, porque vejo ali uma gloria effectiva e inteiramente independente do resto. Ficarei extremamente alegre, contente, feliz, quando vir a obra directa, pessoal e unicamente pessoal do Senhor de Alcantara. Mas o Imperador não me diz si se trata da viagem ou do *Pro-metheu*. Quizera bem que fossem os dois e penso tanto num como n'outro. E' verdade que a viagem con-diz melhor com as vossas preoccupações, mas por isso mesmo, o outro é uma flor delicada e para os Delicados. Eu trabalho muito. Espero chegar, apesar dos aborrecimentos, a publicar as *Pleiades* e o catalogo philosophico de minhas Pedras gravadas logo no começo do proximo anno...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 25 de Dezembro de 1873.

Magestade,

Creio que posso formular todos os votos possiveis para a felicidade de Vossa Magestade, para sua saude, para seus desejos de toda especie pois sei que ninguém mais do que eu desejaria mais sincera e vivamente, tudo o que Vossa Magestade deseja. O Imperador sabe bem que isto não é apenas uma formula

convencional e o começo do anno me proporciona mais uma occasião para dizel-o. Faço-o portanto, muito feliz em poder dizer tudo o que minha amizade e meu reconhecimento inspiram. Quizera muito sobretudo que Vossa Magestade não viesse mais a sentir os aborrecimentos de uma saude precaria. Ninguem tem mais necessidade da plenitude de suas forças do que aquelle que sabe onde empregal-as e como dellas fazer uso para o bem dos que o cercam e lhe pertencem. Continuo a procurar os quatro operarios de minas de que me encarregou o Major Mursa. Infelizmente, não consigo encontrar tão depressa porque os trabalhos aqui são tão abundantes e tão bem remunerados, não havendo por isso muito enthusiasmo para a expatriação entre os trabalhadores honestos e capazes. Além disso, os contractos já estão feitos para este anno. Não desespero comtudo de conseguir e o Rei prometteu ajudar-me. Interrompi meus trabalhos habituaes para occupar-me de um artigo desenvolvido sobre a estatistica do Brasil. Elle já está um pouco adiantado e eu o destino ao *Correspondant*. Faço-o sob o ponto de vista da emigração e baseando-me sobre um facto interessante que se passa actualmente, aqui e na Allemanha. E' a volta de numerosos emigrantes que deixaram os Estados Unidos depois de terem tentado em vão arranjar uma collocação. Pareceu-me que a occasião era favoravel para expôr e fazer realçar os meritos e a riqueza de um paiz onde não se vê os inconvenientes de que se podem queixar os emigrantes. Não posso dizer todo o prazer que experimento em occupar-me de cousas que possam interessar um pouco ao Imperador. Esta estatistica do Brasil é de grande interesse. E' um trabalho claro, preciso, singelo onde os factos são apresentados com uma simplicidade que responde por sua bôa fé e em que a somma dos meritos é expos-

ta de maneira a produzir a impressão a mais feliz sem accrescentar nenhum jogo de linguagem. Bem poucos são os paizes sobre os quaes se tenha um balanço tão nitido da situação e felicito-me infinitamente que o Brasil esteja no numero dessas regiões tão apreciadas. Em meu trabalho farei o possivel para conservar o character de realidade a tudo o que tiver de emprestar á estatística. Espero enviar o artigo a Pariz lá para 15 de Janeiro.

Recebi uma carta da Senhora Mariolin dizendo-me ter recebido noticias de Vossa Magestade, carta essa que já respondeu. Sente-se extremamente sensibilizada e reconhecida. Faz-me ella, do estado dos espiritos em Pariz uma pintura que me foi confirmada por outras cartas e que não dá uma grande idéa da calma e do motivo que tantos acontecimentos desagradaveis teriam imposto aos mais loucos. O que me parece sobremodo surprehendente é a falta absoluta de saber o que se quer e tambem o que se póde fazer. Os Realistas não têm uma idéa mais nitida do que seja *monarchia* do que os democratas concebem sob a denominação de *Republica*. Em um tal turbilhão, é bem para se temer que a ultima palavra seja um Cesar qualquer.

Decididamente minhas *Pleiades* vão ser impressas este mez em Pariz e em fevereiro começará na *Revista Archeologica* a publicação do catalogo philosophico de minhas "*Entailles*". Espero que isto tenha algum interesse para a Historia da Arte. Terminei, a segunda parte da *Italia*; não exagerei a atrocidade de Cesar Borgia que é o principal personagem mas, sobretudo, não o fiz mais bello nem o rehabilitei...

NOTAS

(1) A Snra. de Gobineau e Christine foram ter com o conde de Gobineau em Stockholmo, no outomno de 1872. Ellas lá passaram o inverno e a primavera de 1873. Voltaram para a França no verão, e diversas circumstancias as impediram de voltar á Suecia.

(2) Este estudo tinha apparecido nos numeros de julho e setembro de 1872, da Revista franceza: *Le Correspondant*.

(3) Gobineau fez em outro lugar a relação da abertura das Camaras no Rio de Janeiro. Ver: Gearges Raeders — *ob. cit.* pag. 79.

(4) *Drabant* ou *trabant*: soldado a cavallo; vem da palavra allemã: *traben*, trotar.

(5) Gustavo III, morto em 1792; Charles XII, morto em 1718. Voltaire escreveu uma "Historia de Charles XII" que foi publicada em 1731.

(6) O violento combate que, na Allemanha, durante quinze annos, de 1872 a 1887, poz frente á frente de um lado os Catholicos e, de outro uma parte dos protestantes e anticlericæes agrupados ao redor de Bismarck, recebeu de um partidario deste ultimo o nome de *Kultur-Kampf* (lucta pela civilisação). As causas longinquoas deste combate assentavam sobre a hostilidade tradicional da Prussia contra os Catholicos, accusados de serem partidarios da Austria, e sobre o desejo de Bismarck de ter á sua inteira disposiçào o clero catholico, "gendarmerie Sacrée", tanto mais que este clero era muito influente. A promulgaçào da infallibilidade pontifical pelo concilio universal de 1870 trouxe consigo um schisma que se espalhou entre uns milhares de Allemães do Sul, que Bismarck se sentia feliz em sustentar. As protestaçoões do Papa, o chefe allemão respondeu com as leis de maio de 1872, 1873 e 1874 que impunham aos seminarios a vigilancia do estado, aos futuros padres a obrigaçào de tres annos de estudos nas Uni-

versidades e suprimia todas as Sociedades catholicas e os ordenados ecclesiasticos.

(7) O grande homem de estado, inglez, 1809-1898) tinha publicado em 1858 seus tres volumes intitutados: *Estudos sobre Homero e os Tempos homericos*, cujo valor é mediocre. As questões religiosas prenderam sempre a sua attenção e elle publicou dois volumes sobre este assumpto: *O Estado considerado em suas relações com a Igreja* (1840) e os *Principios da Igreja considerados nos seus resultados* (1841).

(8) Palavra illegivel.

(9) E' curioso notar que, em parte alguma, Gobineau falla da *Historia de Charles XII* de Voltaire que elle deve ter lido, ou ao menos consultado.

(10) Alex de Fersen, nascido em Stockholmo em 1750, morto em 1810, veio cedo para a França e ali commandou o regimento real-sueco. Na revolução franceza, elle foi dedicado á côrte que o tinha acolhido. Por occasião da fuga do rei Luiz XVI, em Varennes, elle proprio conduziu a carruagem do rei até o primeiro posto. Socorreu tambem a familia real detida na prisão do Temple, em Paris. De volta á sua patria, depois que Luiz XVI e Maria Antonietta tinham sido guilhotinados, elle foi muito considerado por Charles XIII que o nomeou grande marechal da côrte e "chancellor" da Universidade de Upsal. Injustamente calumniado pelo povo de ter contribuido para a morte do duque de Augustembourg, principe real, foi morto em um movimento revolucionario.

(11) Teve, com effeito, no começo de abril de 1873, uma recrudescencia de febre amarella, no Rio. Mas certos povos americanos interessados em desviar em seu proprio beneficio a emigração para o Brasil, deram a esta nova uma publicidade que não era inspirada pela piedade.

(12) Sobre o duque de Aumale, ver nota 14 do capitulo IV. O duque acabava de ser eleito para a Academia franceza. Sabe-se que elle devia legar ao Instituto de França, o magnifico dominio de Chantilly e tudo o que este encerrava de livros raros e objectos de arte preciosos.

(13) Palavra illegivel.

(14) A publicação é do mesmo anno: 1873.

(15) Em 1873 Littré publicou dois trabalhos: *La Science au point de vue philosophique et Littérature et Histoire*. E' difficil saber a qual destes dois livros D. Pedro faz allusão.

(16) Gobineau tinha sido secretario da Legação de Berna, na Suissa, no fim do anno de 1849.

(17) *L'Empire du Brésil à l'Exposition de Vienne*, Rio de Janeiro de 1874 (publicado com data posterior). O trabalho appareceu sem o nome do autor, mas o principal redactor foi Antonio Gonçalves Dias.

(18) A "fusão" entre os orléanistas cujo chefe era o conde de Pariz, neto do rei Luiz-Philippe, e os "legitimos" que tinham por chefe o conde de Chambord, neto do rei Carlos X, realisou-se a 5 de agosto de 1873. O pretendente ao thrôno de França não era mais que o conde de Chambord. Este, tendo morrido sem deixar herdeiros, foi sobre a cabeça do conde de Pariz que os realistas francezes collocaram suas esperanças de restauração.

(19) Essa excursão foi contada d'uma maneira muito interessante e viva pelo proprio Gobineau num relatorio dirigido ao ministerio das Relações Exteriores de França — ver o nosso livro: *Le Comte de Gobineau au Brésil* — pag. 96 e seguintes — e pag. 123 e seg.

(20) Ver mesmo capitulo, nota 16.

CAPITULO VIII

ANNO DE 1874: A QUESTÃO RELIGIOSA NO BRASIL, PUBLICAÇÃO DAS “PLEIADES”

O ministro da França em Stockholmo está todo entregue á escultura e á litteratura. Elle publica, emfim, após grandes difficuldades, o mais bello e o mais profundo de seus livros, *Les Pleiades*. O livro é apreciado pelas pessoas que teem um gosto delicado e as que teem espirito, mas para o grande publico, foi um fracasso. A lembrança do Brasil ahi é, pela primeira vez, evocada, ainda que de uma maneira muito discreta. Em um dos mais graciosos episodios deste livro denso, Wilfrid Nore descreve seu amor por Harriett Coxe (Edição de 1921, pp. 42 e 43).

“Quanto a Harriett ella consentiu a me ensinar o italiano e o portuguez... Ella segurava o Camões aberto sobre uma mesa e nós liamos:

E, tu Padre Oceano, que rodeas
O mundo universal e o tens cercado,
E com justo decreto assim permittes
Que dentro vivam só de seus limites...

“Ella me ensinava a pronunciar esta lingua tão nobre nas paginas inflammadas do vencedor de Diu, tão linda, e essas palavras em sua bocca, me pareciam o

mais delicioso canto de um passaro, e um dia em que ella tinha o volume sobre seus joalhos e me fazia repetir uma parte do sexto canto, que eu quiz aprender de cór, eu estava sentado em face d'ella, bem perto e quasi encostado nas pregas do seu vestido; eu estava lá, com a cabeça baixa, meus cabellos cahiam como um véu sobre o meu rosto que eu queria lhe esconder, e quando eu cheguei á estrophe cento e quatro e depois de dizer estes dois versos:

Ella lhe prometteo, vendo que amavam
Sempiterno favor em seus amores...

“Eu parei.

“O Senhor esqueceu o resto? me disse ella.

“— Não, respondi eu, e tão suavemente, que não sei si ella ouviu. Em todo caso, ella calou-se por sua vez, apoiou-se sobre as costas da poltrona e o livro cahiu por terra.”

Este episodio de Wilfrid Nore e de Harriett foi provavelmente inspirado ao autor pelo episodio de Francesca de Rimini e de Paolo Malatesta, quinto canto do “Enfer”, de Dante. Assim, D. Pedro teria sido indirectamente a fonte desta narração, pois elle fez conhecer a seu amigo não somente os *Lusiadas*, mas ainda a “prodigiosa” traducção de Dante por Longfellow.

O principal biographo de Gobineau, L. Schemann, pretende que, em nenhuma de suas outras obras, o Conde de Gobineau revelou tanto de sua propria vida como nas *Pleiades*, e teria adquirido a certeza de que é D. Pedro que ahi estaria retratado sob os traços de Johann Thesdor.

Examinando de perto o personagem, a affirmação de Schemann parece ter fundamento. Entretanto, sabemos que o autor nunca se explicou sobre este ponto.

Com o tempo, o Brasil apparecia a Gobineau sob côres menos sombrias. Quando D. Pedro II lembra com saudades suas boas conversas de domingo no palacio de S. Christovão, elle responde que se algum dia chegasse a ser bastante rico e independente, faria "entrar nos seus projectos, ir passar cada anno algum tempo perto de Sua Magestade"...

O Imperador sente falta desses domingos e tambem de suas leituras que é obrigado a sacrificar por causa da politica. Elle sente-se aborrecido pela questão religiosa suscitada pela intervenção de D. Vital, bispo de Olinda. D. Vital sustentava que um catholico, e com mais forte razão um padre, não podia ser franco-maçõ pois os franco-maçõs tinham sido excommungados. Como excommungados, todos os franco-maçõs deviam deixar as irmandades ás quaes pertenciam.

O bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa, collocou-se ao lado de D. Vital. A bulla pontifical que excommungava a maçonaria, não tinha recebido o *benepiacito* do governo imperial. Esta approvação era exigida para poder ser applicada a cidadãos brasileiros.

Juridicamente, D. Vital estava errado; elle tinha exhorbitado de sua jurisdicção e tinha-se insubordinado contra as leis do Estado. Em consequencia o seu procedimento devia ser desapprovado. Tal foi a decisão do Conselho de Estado brasileiro, ao qual o caso tinha sido submettido por maçõs da diocese de Olinda. Foi aberto um processo contra os dois bispos, que foram, um e outro, condemnados a quatro annos de prisão, mas logo amnistiados.

Certos historiadores attribuem á influencia pessoal do Imperador a severidade com a qual foram tratados os dois bispos brasileiros (para mais detalhes, ler o capitulo VIII da *Contribuição para a biographia de D.*

Pedro II, redigido pelo Snr. A. O. Viveiros de Castro — p. 477 a p. 534 — Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — 1925) ou: Wanderley Pinho: Cartas do Imperador D. Pedro ao Barão de Cotegipe (Companhia Editora Nacional, S. Paulo) pp. 233 e segs.

D. Pedro II a Gobineau

Petropolis, 15 de Janeiro de 1874.

Snr. Conde,

Desejo-vos um anno tal como o desejaes.

Nada de novo aqui. Trabalho bastante agora, mas ha tanta cousa para ler e estudar que não me resta si não bem pouco tempo para as occupações que vós me lembraes e que me são caras.

Podereis dizer-me quem é a incognita das cartas tão espirituosas de Mérimée? (1) Por emquanto só as li no artigo da "Revista"; mas estou impaciente por receber os dois volumes. A apreciação que dellas fez Taine, muito me agradou. Falla-se ahi do exercicio do arco, (2) e onde se achará aquelle que fizestes a gentileza de fazer chegar a Mérimée.

Lestes o artigo de Perrot na "Revue des Deux Mondes" sobre os *trapezistas* de Athenas? Ficareis bem contente de ver que elle representa Ulysses, e não Achilles, como o verdadeiro heróe grego.

Adeus! Espero com impaciencia vossas *Pleiades* e a historia de uma época tão interessante da Italia, que despertará ainda mais minhas recordações de Florença e de Roma.

Minha filha e meu genro estão agora em Pariz, onde procurareis vel-os certamente.

Minha filha vos envia muitas lembranças assim como a vossa familia á qual peço recommendar-me, cren-do sempre na affeição do

Vosso muito affeçoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 13 de Fevereiro de 1874.

Magestade,

Enviei ao *Correspondant* o artigo sobre o Brasil. Elle é um tanto longo. Mas esforcei-me por fazer entrar o mais possivel a substancia contida na Estatistica. Foi feito sob o ponto de vista da Emigração e queria ahi poder contribuir com alguma cousa. Agora, tenho pressa em ver o artigo publicado e saber si Vossa Magestade o approvará. Consegui tambem finalmente ver coroados meus esforços quanto aos operarios mineiros. Arranjaram-me quatro e creio que poderiamos conseguir ainda mais. O Major Mursa disse-me que precisava de quatro. E assim fiz. Escrevi ao Consul geral de Vossa Magestade, em Copenhague para pedir-lhe que enviasse ordens ao Vice-Consul que está aqui. Elle respondeu-me que já a tinha feito. Mas este ultimo parece-me que não se julga sufficientemente autorizado, pois nada decide com os operarios. Receio que estes se desencoragem e tomem outro partido. Em geral, julgo que

si Vossa Magestade deseja ter seja operarios ou emigrantes suecos e noruegueses de differentes categorias, é possivel arranjar-se. Mas seria bom facilitar os meios creando agentes consulares em differentes pontos e escolhendo gente activa. Si o Imperador acha que tenho razão, achará tambem que aquillo que posso fazer, eu o faço tanto neste ponto como em qualquer outro. Parece-me que seria interessante procurar attrahir para o Brasil uma emigração que se compõe, em geral, de gente forte, laboriosa e que em absoluto não tem idéas revolucionarias.

Temos aqui a Dieta aberta, ha uns quinze dias e tudo se faz com calma e de modo tão pacifico que nella nada ha a censurar. Não sei, no emtanto, si, com o tempo, a alta sociedade, não acabará por estragar esta situação. Pois o erro não virá por certo de baixo, o primeiro pelo menos.

Vossa Magestade segue certamente com interesse a crise religiosa da Allemanha. O Senhor de Bismarck predisse uma vez que cahiria por uma tolice commetida sem necessidade. Receio muito que sua discussão com o episcopado allemão não seja essa tolice. Elle tem a honra, neste momento, de ser o alliado e o amigo de tudo o que existe de jacobinos no mundo. (3) Não sei si o Imperador conhece um livro intitulado *An Szepter und Krone*, assignado Gregorio Samarou. Atribuiram-no ao principe George da Prussia e parece decididamente ser do Conselheiro intimo hanoveriano, o Senhor de Meding. Como romance, é mais que mediocre; mas o assumpto principal do livro, os acontecimentos de 1866, são narrados com uma precisão, um conhecimento dos homens, dos factos e dos detalhes que lhe dão um interesse dos mais surprehendentes. Todos os homens importantes desse tempo, da Allemanha, França, Russia são retratados com o maior conhecimen-

to de causa. Como é de se ver o trabalho produz uma sensação enorme em todo o norte da Europa.

Em França, o grande successo actual são as cartas á *Incognita* de Mérimée. Trata-se da senhorita Dacquín, pessoa de muito espirito e que conheço bastante. Não é menos verdade que custo a comprehender a razão pela qual ella terá sido levada a publicar sua correspondencia com um homem que tanto a amou e a vender suas cartas a um livreiro que lhe deu 40 centimos por um volume vendido. São essas imaginações modernas que me parecem ser perfeitamente aviltantes. Mas, é possível que me engane.

As *Pleiades* acabaram por ser enviadas a Pariz onde serão impressas; esse infeliz livro continuando seus infortunios, perdeu-se em caminho. Encontraram-no em Colonia um mez depois; agora, elle está nas mãos protectoras de Plon. Logo que esteja prompto, será enviado a Vossa Magestade...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 28 de Fevereiro de 1874.

Magestade,

Tive a honra de dizer a Vossa Magestade que havia encontrado os operarios metallurgicos. Asseguram-me que são excellentes. O Vice-Consul, queria, antes de contractal-os, escrever novamente ao Major Mursa e receber suas instrucções. Como o Major tinha-me autorizado a fechar o negocio sem intervir a elle mais uma vez e, achando que o caso era urgente, insisti jun-

to ao Vice-Consul para que enviasse quanto antes os operarios para o Brasil e elle garantiu-me que o faria sem tardar. Creio que si Vossa Magestade quizer outros, ser-me-á facil encontral-os ainda. Julgo que se poderia pôr a questão da Emigração em connexão com isso e eis porque escrevi o artigo, já agora em Paris e que será publicado no *Correspondant*. Creio já ter dito a Vossa Magestade que minha intenção é fazel-o traduzir para o Sueco e, si puder para o Norueguez e fazel-o publicar nos jornaes dos dois paizes. Ha utilidade em agir desse modo, porque os emigrantes voltam dos Estados Unidos em grande numero. O parecer de homens serios é que esta destinação desacredita-se dia a dia. Não seria bom aproveitar o ensejo para encaminhar ao Brasil os trabalhadores escandinavos?

Penso que Vossa Magestade deve ter lido as cartas á Incognita de Mérimée cujos extractos tanto lhe agradaram. Confesso que não me agradam tanto assim. A senhorita Daquin que conheço, é moça de muito espirito; mas creio ter ella exercido pouca influencia sobre o coração de seu correspondente. Quando o amor dá logar á amizade, vê-se (no segundo volume) que ha muito habito nesta união, pouca sensibilidade e ainda menos respeito. Não ousou criticar Grote quando Vossa Magestade falla delle de um modo tão benevolo. Ouso, no emtanto, confessar que não comprehendo perfeitamente o merito attribuido a este livro. Um escriptor, um historiador da Grecia, que, após os trabalhos de Otfried Muller e tantos outros, considera como uma trapalhada sem valor todas as narrações mysticas, parece-me, só por esta infeliz declaração, merecer pouca estima. Não creio que se possa accusar mais frieza de imaginação, mais estreiteza de julgamento, mais pequenez de espirito. Quando chegasse aos tempos em que Grote quer considerar como po-

sitivos, pergunto a mim mesmo si esta preocupação unica e sempre presente de fazer o elogio, o panegyrico absoluto dos Athenienses, sacrificando-lhes Esparta e tudo o mais da Grecia, é verdadeiramente de um homem que vê do alto. Compreendendo sem difficuldade que Grote é um "whig" e mais ainda um radical e o que elle adora no povo de Minerva, é a demagogia; mas ahi nada vejo que me tente e me faça voltar atraz sobre meu sentimento quanto á mediocridade de suas vistas. Ao contrario. Peço a Vossa Magestade que releia o que tem relação com o triste combate dos... (4) e estou certo de que o Imperador achará toda esta preocupação de justificação constante perfeitamente pueril.

Ha na Allemanha dois livros que, por differentes motivos, causam grande sensação. No que diz respeito ao primeiro, *Trey Tag*, o autor escreve um romance ou antes uma serie de romances descrevendo a historia das differentes gerações de uma familia allemã. A primeira parte, *Ingo*, passa-se no seculo IV; a segunda, *Ingraban*, no seculo VII; a terceira, *der Nest der zaunlunge*, não li ainda. Mas a primeira é uma verdadeira obra prima. Nada se pode desejar de mais eloquente, mais elevado e mais nobre. O outro livro é de caracter completamente differente. Está, do mesmo modo dividido em diversas partes. A primeira, *An Szepter und Kronen*, descreve a guerra de 1866 em seus intimos pormenores. Toda a parte romanescas é absurda, mas os retratos do Rei da Prussia, do Snr. de Bismarck, do Imperador da Austria, do Rei de Hanôvre, a batalha de Langensalza, tudo isto é narrado por alguém que está bem inteirado do que falla.

Actualmente estou lendo um livro sobre a guerra de 1870. E' menos interessante. Acreditou-se a prin-

cipio que o autor era o príncipe Georges da Prússia. Concorda-se hoje em dizer que talvez seja o conselheiro hanoveriano, Meding. Toda a Allemanha precipita-se sobre este livro, com effeito, muito interessante...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 4 de Abril de 1874.

Sr. Conde,

Acabo de receber vossa boa carta de 13 de fevereiro, mas como tardam vossas *Pleiades!* Tive nestes ultimos tempos, muitos affazeres, o que necessariamente veio prejudicar minhas occupações predilectas. No entanto, quasi terminei a leitura das cartas de Mérimée. Desejaria saber alguma cousa a respeito da Senhorita Dacquin, cujo character não me parece ser digno de estima.

O estylo de Mérimée, em 1842, escrevendo áquella a quem se dirigiu até pouco antes de morrer, muito me surprehende, pois eu não fazia uma tal idéa do autor de tantos livros que me encantaram. Cuvillier-Fleury (5) fez delle uma boa apreciação em seus dois artigos sobre o reverso da medalha. Quanto rendeu ao todo, a esta Senhorita, sua especulação sobre a agradavel fama do autor de *Colomba*? Contai-me tudo isto detalhadamente e não vos esqueçais de me traçar o retrato da *incognita*. Quem estará disposto a gastar com essas cartas? Gostaria de ahi encontrar a explicação de muitas cartas de Mérimée.

Recordai-vos de nossa conversa á bordo da "*Magicienne*" a proposito do concilio do Vaticano?

O Brasil ressentese tambem dessa ostentação intempestiva de uma força mal empregada. A proposito de *francos-maçons* que nunca se importaram com doutrinas religiosas, no Brasil, pelo menos, os Bispos esquecem a carta constitucional e as leis do paiz. O Governo não faz senão manter a independencia do poder temporal em tudo o que não é puramente espiritual. Espero, no emtanto, que a energia e a moderação do governo vencerão emfim esta resistencia, fazendo a Côrte de Roma reconhecer os verdadeiros interesses do Catholicismo. (6)

Que me dizeis do novo romance de Victor Hugo?
(7) Que queda do alto da torre de *Notre Dame de Pariz!*

Lamento não ter conhecido pessoalmente esse *Bug-Jargal* da litteratura. Os monstros reconciliam-se com a humanidade. (8) E a Academia Franceza? Felizmente, Theophile Gautier morreu a proposito. No emtanto, havia muitos outros, que deviam ser preferidos entre os novos immortaes. Emile Olivier ficou no limbo; mas a Academia, para onde iria ella uma vez que o tivesse eleito?

Tudo o que se relaciona com a França sempre me interessou vivamente, e sinto que tanta riqueza intellectual e material não seja aproveitada num sentido melhor. Volta-se as festas do Imperio (9) para dar ganhos ao commercio de luxo de Pariz!

Adeus! Fallai-me da sabia e feliz Suecia, mas crêde sempre na minha sincera sympathia pela França com todos os sentimentos que peço exprimir á vossa familia e que vos consagra o

Vosso muito affeiçoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 30 de Maio de 1874.

Magestade,

Vossa Magestade recebeu certamente as *Pleiades* (10) e o artigo do *Correspondant* (11) sobre o Brasil. Não posso dizer quanto tenho pressa em saber a impressão que este livro um pouco violento, um pouco apaixonado, terá feito no espirito de Vossa Magestade. Devo confessar que, de todos os meus trabalhos, é esse o que mais aprecio e me parece que o publico é tambem da mesma opinião. Todos os jornaes nelle fallam uns após outros. Estes com muitos elogios e aquelles, até agora pelo menos, com criticas e reservas que, na maior parte, interessam-me mais do que os elogios e que muito me lisongejam. Noto sobretudo neste ponto de vista um artigo do *Constitutional* que accusa o meu livro de assemelhar á *Astréa*. (12) Isto commoveu-me e me encantou. Nada conheço de mais bello que o Ideal da *Astréa* com o de *Amadis*. Naturalmente, meu critico acrescenta que eu não estou na vida real, e esta é tambem a opinião do Senhor de Lescure, em *La Presse*. Creio, com effeito, que entre a vida real da actualidade e o que penso, ha uma grande distancia e com isto fico encantado, pois não tenho absolutamente intenção de transpol-a. Estou actualmente muito occupado em estudar Darwin para analysar seu systema na 2.^a Edição de meu *Essai sur l'Inégalité des Races*, na qual trabalho. Porei o trabalho ao corrente de tudo o que se soube ou se propoz desde sua primeira publicação. Estou tambem muito enlevado por meu livro sobre a Renascença Italiana e, a este proposito,

devo fazer uma declaração ao Imperador. Este trabalho me é mui precioso por razões bem differentes das que me fazem apreciar as *Pleiades* mas no emtanto analogas. Vossa Magestade diz-me que aprecia tambem esta grande batalha intellectual do seculo XVI. Teria grande prazer em dedical-a a D. Pedro de Alcantara; mas, realmente, não se pode offerecer a um soberano um livro de arte. Era preciso que fosse um assumpto scientifico ou pratico. Si Vossa Magestade quizer tirar-me de um embaraço e si D. Pedro de Alcantara se dignar acceitar esta offerta de um coração que o estima, elle m'o dirá; mas não me fallará nisso e comprehendo que seja talvez difficil. No meio de todos os meus trabalhos (envio ao Imperador a photographia do *Amor Ferido*) sinto-me muito só e bastante aborrecido. Não nasci para passar minha vida em uma casa vasia e isto não me dá melhor saúde. Soube por uma palavra de Dominique de Barral que elle vae ao Rio á nossa legação, e leva a Condessa com a Senhora Princeza Imperial. Alegro-me profundamente em ver uma tal affeição approximar-se do Imperador e vejo daqui que Vossa Magestade terá muito que dizer a alguem que A pode comprehender.

A Senhorita Dacquin não é muito interessante. Ella tem espirito, e muito, e creio mesmo que deve ter tido paixão em seu tempo. E' um tanto creoula e assemelha-se ás creoulas da Guadelupe. Não é uma creatura ideal como ella mesma o provou vendendo taes cartas com um direito de "tanto" sobre cada volume. E' uma mulher corpulenta, muito morena, com cabellos negros, fallando alto, decidida, chicanista, mas nada meiga, nem divertida. Estou bem satisfeito por ter re-adquirido minhas cartas de Mérimée que estão agora

commigo e não as publicarei certamente. Creio que a venda das cartas rendeu á traiçoeira uns quinze mil francos quando muito.

Receio que a Santa Sé não seja inspirada pelo Espirito Santo quanto aos negocios deste mundo, principalmente no que diz respeito ao Brasil.

Os erros multiplicam-se por toda parte. Em nosso paiz, continua-se na apathia e tudo isto acabará mathematicamente pela volta do Imperio, o que não será certamente muito glorioso. Temo que aqui os negocios acabem algum dia por se embrulhar. O terreno é tão bom que será preciso algum tempo para estragal-o, mas a energia com a qual nelle se trabalha lá em cima é curiosa a examinar...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 16 de Julho de 1874.

Sr. Conde,

Estou ainda todo entregue á alegria da chegada de minha filha. A da condessa veio augmental-a ainda mais. Entretanto, apresso-me em dizer-vos que o romance das *Pleiades* é o que de melhor tendes escripto. Ahi abordais questões muito importantes com todo o espirito e o cunho de originalidade que vos conheço.

Sinto cada vez mais a falta de nossas palestras, si bem que encontre grande prazer e que muito me delecte na leitura de muitas paginas das *Pleiades*.

Fazei-me uma collecção de todas as analyses que dellas se fizeram, e eu accrescentarei, dentro em pouco,

a impressão de alguém que vos leu com a imparcialidade que um amigo deve ao vosso caracter.

Meu ideal de belleza feminina não é tal como o vosso *Amor Ferido*; no entanto, ahí encontro inspiração e a expressão do olhar me agrada.

Adeus! Não posso dispor de mais tempo. Os meus vos enviam muitas lembranças, assim como á vossa familia. Aceitai-as tambem do

Vosso muito affeiçoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 30 de Julho de 1874.

Magestade,

Esperiei dia a dia ter noticias de Vossa Magestade contando tambem receber uma carta da Senhora Princeza Imperial, e o resultado é que nada recebi e nunca fiquei tanto tempo sem escrever ao Imperador. Eis o que resulta deixar-se a gente dominar por uma preocupação, em lugar de fazer simplesmente o que é preciso. Não é menos verdade que espero com bastante impaciencia, mas conto no entanto que acabarei por ver satisfeito o meu desejo. Queria que Vossa Magestade experimentasse a maior alegria do mundo e desejo poder participar como sinceramente participarei e de todo coração. Vossa Magestade o sabe e não quero insistir mais. E' evidente demais para nisto muito se fallar.

Creio que Vossa Magestade deve estar inquieto com a questão ecclesiastica, pois não se trata de questão re-

ligiosa e precisamente estou admirado com esta separação que se faz dia a dia entre a alma e o corpo, entre a fé e o clero, no problema actualmente agitado no mundo.

A meu ver acharia razoavel que a Assembléa Nacional, em nosso paiz, tivesse votado a Ereccção em Montmartre de uma igreja em honra á Santissima Trindade, á Santissima Virgem, a um Santo qualquer, mas ao Sagrado Coração, julgo o effeito fóra de proposito; é uma nova devoção e que explica muito bem um dos projectos apresentados por esta nova Igreja cuja cupula representa a tiara pontifical. De maneiras que não se trata mais de dogma catholico, mas de submissão á Santa Sé infallivel. Receio que muitas pessoas bem dispostas para com a Igreja acabem por acreditar que se volta ao lamaismo.

Vossa Magestade deve ter recebido as *Pleiades* já ha algum tempo. Não estava certo do successo e, sobretudo, eu não esperava que chegasse a ser o que é. Os jornaes e as cartas que recebo de toda parte ultrapassam o que eu poderia esperar. Pretende-se que seja este o meu melhor livro, mas seguramente não é; as *Raças* são superiores neste sentido, e o meu melhor livro será o que pretendo fazer. Não obstante, confesso que aprecio as *Pleiades* e, dentro deste livro, está uma boa parte de meu coração. Certos principios de dureza como a de Symphorien Franier (13) e as opiniões expressas pelo Dr. Lanze (14): tive gosto em escrever esses trechos; certos principios de vingança que, mais tarde, farei n'outra parte bem mais duros e crueis, levaram-me á fallar dos "Gennevilliers" e dos conservadores. Chegarei gradualmente a arranhar minha preza, a esfolal-a um pouco, a feril-a rudemente, e, nuna palavra, a deixal-a em mil pedaços. Será esse então o mais bello de meus livros. Acaba de ser terminada

a publicação do *Catalogo* de minhas pedras gravadas na *Revista Archeologica* e parece ter satisfeito aos sabios. Mande copial-o á parte para enviar á Vossa Magestade. Depois fal-o-ei distribuir por toda parte e procurarei vender minha collecção. Continuo a *Renascença* e pretendo acabar, por estes dias, a 4.^a parte, Leão X. Começarei logo em seguida a 5.^a parte e penso que ahí acabarei. Tudo isto formará um importante volume e esforço-me por tornal-o digno do assumpto. Alem disso, tenho feito muita esculptura e preparo minhas notas para a 2.^a Edição das *Raças*.

Vamos ter aqui o Congresso prehistorico que terá inicio a 7 de Agosto. Enviarei as actas á Vossa Magestade. Nelle será estudada uma questão muito interessante: descobriu-se a existencia do ambar amarello na região do Pô e na Lucania, de maneira que eis a prova capital das antigas relações dos ribeirinhos do Baltico com a Asia e a Grecia bastante diminuida.

Vossa Magestade leu Haeckel? Esse darwinista furibundo attaca Agassiz (15) da maneira a mais indecente e terei a honra de combatter pelo morto.

Adeus, Magestade, minha senhora e Christine partirão para a Grecia onde Diane está prestes a dar a luz...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 14 de Agosto de 1874.

Sr. Conde,

Após a chegada de minha filha, quanto tive que soffrer! Felizmente, ella já está quasi bôa e tudo me faz esperar que me cercará de lindos netinhos.

Minhas leituras ficaram interrompidas, e os debates da Camara tomam-me tambem muito tempo. Eis porque vos escrevo tão pouco. Entretanto, não devia ter tardado tanto esta carta a quem sempre me mostrou tanta affeição; todavia esta não é senão a contra-partida da que eu vos consagro.

Farei a leitura de vossas *Pleiades* á minha filha e estou certo de que ella as apreciará como eu.

A companhia da Senhora de Barral foi para nós uma grande consolação e durante a doença de minha filha, pude ver ainda uma vez até que ponto ella me é affeioada assim como aos meus.

Com a chegada de Dominique, não falta mais ninguém; não; faltam-me ainda os nossos domingos. Queira transmittir miuhas recommendações assim como de minha familia á vossa. Minha senhora e minha filha fallam-me sempre de vós e só tenho a accrescêntar que sou sempre

Vosso muito affeioado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 18 de Agosto de 1874.

Magestade,

Acabo de receber a carta de Vossa Magestade datada de 5 de Março que me causou uma grande alegria tanto mais que ha muito tempo não tinha noticias e isto estava me deixando um tanto inquieto. Mas as

boas noticias que o Imperador me dá de Sua saúde me acalmaram e sinto-me tão contente que não tenho palavras para dizel-o. Vossa Magestade já deve ter recebido a estas horas as *Pleiades* e espero tambem que tenha em Suas mãos o artigo do *Correspondant* sobre o Brasil. Nada direi quanto a este e ainda menos do livro, deixando Vossa Magestade dizer delles o que pensar.

Ouso dizer a Vossa Magestade que achei em vossa carta uma proposição que dá mostras de herezia em materia intellectual. Dizeis, Magestade, que preferis estudar a compor porque ahi aprende-se mais. Ousarei eu emittir a idéa que se aprende muito mais produzindo do que lendo? Goethe disse e com razão que o escriptor que acaba um livro é um homem differente daquelle que o começou e nada ha que seja mais verdadeiro. Ler, estudar, passar em revista as idéas dos outros é, realmente, um trabalho preparatorio e essencial para conhecer a disposição topographica dos logares intellectuaes. Mas si se quizer exceder o exterior, ir mais longe que a superficie e entrar na profundeza das cousas, parece-me fóra de duvida que o unico processo é trabalhar por si mesmo, produzir e ir assim procurar seu minerio nas entranhas do seu proprio espirito. Mas Vossa Magestade sabe isso bem melhor que eu e é seguramente o que experimentou com seus trabalhos já bem numerosos. Por mim, desejo ardentemente ver Vossa Magestade conduzir o Eschylo ao seu gráo de perfeição. Do que resta a fazer desse trabalho (e sobretudo, como eu o desejo vivamente e o espero si Vossa Magestade decidir-se a traduzir em versos o texto grego) no que falta fazer, Vossa Magestade terá ensejo de aprender e guardar muito mais no que Ella propria produzir, que com a leitura de vinte volumes.

Estou bem longe de insistir absolutamente sobre o Eschylo em prejuizo das *Notas de Viagem*; mas por estas ultimas, o Imperador permittir-me-á que lhe confesse uma duvida. Parece-me que considerações de toda natureza podem muito bem influir no espirito de Vossa Magestade, para o impedir de dizer isto ou para fazer abreviar aquillo e, em geral, supprime-se sob a obsessão de taes necessidades, justamente o que tem mais sabor. Com o Eschylo não ha motivo para fazer taes sacrificios e é isto que me agrada.

O *Catalogo philosophico de meus Entalhos* apparece na "Revista Archeologica". Creio que foi bem acolhido pelo mundo culto e sobre elle escrevem-se cousas amaveis. E' uma espécie de historia da Arte. A interpretação de uma cornalina de trabalho archaico representando Bellerophon e Pegase sem azas serve-me de ponto de partida para um trabalho do qual occupar-me-ei sobre as Inscriptões lycianas que continúo a decifrar com o fim principal de insistir sobre minhas interpretações e meu systema relativamente ás Cuneiformes. As circumstancias são favoraveis, pois parece querer admittir-se dois pontos essenciaes de minha doutrina que foram até agora muito combatidos. Após dez annos de espera, a victoria ser-me-ia preciosa.

Continúo todos os meus outros trabalhos: as *Nouvelles Asiaticques* estarão terminadas esta semana e formarão um volume; *A Renascença* (a Italia) está em sua 3.^a parte e progride; da *guerra de Chiozza* um terço já está prompto, e preparo-me para um longo e importante negocio: a preparação da 2.^a Edição do *Essai sur l'Inégalité des Races*. Minha intenção é examinar de perto Darwin de um lado e Buckle de outro. Enfim, tenho no espirito um "pendant" das *Pleiades*, *Les voiles noirs*. Chegarei, eu espero, ao termino de tudo

isto e de outros ainda. Minha senhora passará o inverno com Diane em Athenas. Esta vae dar um quarto filho a seu marido. Christine irá naturalmente. Não deixo de transmittir a todas ellas as atenções e lembranças que o Imperador lhes envia...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 26 de Agosto de 1874.

Magestade,

Espero que a Senhora Princeza Imperial esteja bem de saúde. Estou ancioso pela primeira carta que me chegará de Vossa Magestade, afim de me sentir completamente tranquillizado neste ponto. Vejo que o Imperador e a Imperatriz devem ter soffrido mui duramente nessa occasião. Estou tão longe! Nada posso saber e mesmo nada dizer sinão quando tudo já passou. Em summa, a vida é por vezes bem mal determinada. Temos aqui o Congresso Prehistorico. A sciencia não é por forma alguma bella a ver quando já não é mais a sciencia, mas somente um instrumento de fantasias philosophicas ou politicas. Trata-se com a idade da pedra, muito menos de um problema de genese humana que de collocar a criação do homem em um ponto de vista darwinista e supprimir toda hypothese deista. Um anthropoide assignalado com todos os caracteres da animalidade como antepassado, e sahindo elle mesmo, por via de selecção mechanica do globulo de albumina, fonte commum de todos os seres! e esta theoria para destruir a religião e o idealis-

mo! Isto não é muito scientifico. A esse respeito expliquei-me energicamente com Alexandre Bertrand e Berthelot, não querendo expôr-me a chegar a dizer duras verdades ao Snr. Quatrefages e a du Oppert pelos quaes experimento o mais soberano desprezo. Numa palavra, Bertrand, queimando seus idolos, declarou francamente ao congresso que não podia reconhecer em tudo o que se descobriu até agora de monumentos do trabalho humano uma antiguidade que não dependa das mais antigas tradições historicas e elle não reconhece mais antiguidade anterior a 8.000 annos mais ou menos. Eis um exemplo de prudencia e de bom senso e eu o cumprimentei calorosamente. Bebemos á saúde do Imperador em minha casa e Berthelot encarregou-me de apresentar todos seus respeitos á Vossa Magestade. Elle não é muito forte nem muito são mas sempre cheio de vida intellectual, ainda que todos os nossos negocios de França o desgostem como acontece com cada um de nós. Voltamos tranquillamente ao Imperio e os mesmos departamentos que se julgavam republicanos ha seis mezes, descobrem que são bonapartistas.

Não tenho palavras para dizer ao Imperador quanto me sinto feliz com seu julgamento sobre as *Pleiades*. E' de todos os meus livros o que me é mais caro porque nelle eu disse uma porção de cousas que muito me interessam. Ainda as disse pela metade e um pouco encobertas, mas si chegar algum dia a ser livre (situação que aspiro de todo coração!) direi por extenso o que dellas penso e tudo o que penso. Já escrevi a Pariz pedindo os principaes artigos que se escreveram sobre meu livro e terei tambem o que acabam de me mostrar na "Gazetta d'Augsbourg". Remettel-os-ei sem tardar a Vossa Magestade e agradeço de antemão pelo que Ella me promette dizer a esse respeito. Noto

que me comparam a Mérimée, a Stendhal, a Jean-Paul; uma opinião que não me quer ser favoravel compare-me a *Astrée* e é talvez a que mais agradavelmente me sensibilizou, pois é evidente que encaro a sociedade pelo exterior para ahi encontrar o que aprecio e o que procuro. Confesso que Jean-Théodore, Aurore, Liliane, Harriet não são de todos os dias, com seus defeitos e suas qualidades, mas penso, no entanto, que elles poderiam existir.

Enviarei ao Imperador dentro em pouco tempo uma nova photographia de meu *Amor* que submetti a novo trabalho. Espero que lhe agradará mais. Adianto minha *Fleur D'Or* (a *Renascença Italiana*) mas é demorado e difficil. Penso muito em Vossa Magestade e enquanto o escrevo imagino o que d'elle pensará o Imperador...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 10 de Setembro de 1874.

Magestade,

Envio a Vossa Magestade os jornaes que pude arranjar e que trazem commentarios a respeito das *Pleiades*. Outras folhas dellas fallaram, mas com menos insistencia e é isto o que ha de mais apparente. A *Gazetta de Augsbourg* (16) tem tambem um artigo e Lord Lytton escreveu um longo artigo em uma Revista ingleza, The Fortnightly Review (17) a quem escrevi pedindo para que o envie directamente a Vossa

Magestade. E' sempre mais ou menos no mesmo tom. Comparam-me a Mérimée, a Stendhal, a *Astrée*, a Jean-Paul. E' absolutamente necessario ser comparado a alguém ou a alguma cousa. Isto não é justo; mas procura-se a filiação e, neste sentido, não deixa-se de ter razão. Actualmente minha *Fleur D'Or* occupa-me de um modo quasi exclusivo com numerosos desenhos que estou fazendo e meu busto de *Queen Mab* cujo marmore ficou esplendido. Estou para começar a 5.^a e ultima parte da *Fleur d'Or*. Preoccupo-me muito imaginando o que pensará Vossa Magestade desse livro e quizera que elle agradasse ao Imperador. Nelle ponho tudo o que posso de força, colorido, e procuro encontrar o fundo das cousas e das idéas.

Terminamos o Congresso Scientifico em Stockholmo. Após o Congresso Anti-historico vieram os estatisticos que não tiveram grande successo. Si os Pre-historicos obtiveram algum resultado, é para se suspeitar que taes reuniões eram, no fundo, ridiculas. Não se trata ahi de trabalhar mas de se exhibir diante dos grandes personagens, divertir-se, lisongear e passear, e, francamente, isto não vale a pena. Estou, não obstante, satisfeito que Bertrand tenha se armado de coragem para romper com a Historia no ponto de vista dos Geologos e reclamar pela historia razoavel.

Está de volta a expedição austriaca que foi ao polo Norte. Ella fez uma terrivel viagem e, depois de ter perdido os navios, teve que atravessar em trenós e em pequenas embarcações uma série de geleiras fluctuantes durante noventa dias. Não se poderia fazer melhor do que elles fizeram nem com mais bravura. Descobriram uma região polar que lhes pareceu continental, onde a vegetação era pobre em extremo; a fauna quasi insignificante. A intenção delles é chamar esse triste

domínio Franz-Joseph-land. O Rei Oscar convidou um dos dois chefes a passar por Stockholmo quando voltasse e eu o verei provavelmente um destes dias. Está aqui igualmente o Senhor barão de Hubner, antigo embaixador da Austria em Pariz e em Roma de quem Vossa Magestade leu provavelmente a viagem aos Estados Unidos, ao Japão e á China. E' um livro prudente, frio, secco, composto sobre um exame summario de alguns dias apoiado em memorias recebidas de toda gente nos proprios logares. Não é preciso mais que isso para produzir um livro decente o qual para nada servirá, sinão ao proprio autor quando este aprecia as homenagens. O Snr. de Hubner vem de Petersbourg onde foi recebido e tratado melhor do que se faria ao Messias, e o Rei Oscar prodigalizou-lhe igual tratamento pois teme-se que dessa penna de viajante, cáia sobre uma Côrte ou um Governo uma observação impressa de natureza difamante. Eis pois o Snr. de Hubner que não é mais embaixador, provido de uma excellente profissão! Vi muitos viajores francezes nestes ultimos tempos, sua linguagem dá poucas esperanças: uns não se lembram absolutamente de 1870, e têm por artigo de fé que o universo tem os olhos voltados para a França com uma intensa inveja; outros imaginam que se estabelecerá uma Republica solida conduzida por uma gerontocracia de tabelliães, advogados, medicos e industriaes afastados dos negocios. Enquanto isso, o socialismo ganha terreno immensamente na Allemanha e as questões religiosas o favorecem. Receio muito que o Snr. de Bismarck não veja em seus ultimos dias as labaredas dos incendios radicaes como Carlos-Magno agonisante via de sua janella as barcas normandas.

Vossa Magestade conhece *Aus der Petersburger Gesellschaft von einer Russen?* E' muito curioso e dá a idéa a mais exacta do que é a Russia actual...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 15 de Setembro de 1874.

Magestade,

Acabo de receber a carta de Vossa Magestade datada de 14. Si eu a comprehendo bem, ella dissipa minhas inquietações e meu aborrecimento e vós tendes novas esperanças pela Senhora Princeza Imperial. Estou livre de uma grande tristeza. Estar tão longe não poder em suas menores preocupações saber jamais como pensar sobre o que se deu ha um mez. Quando se vem a saber, tudo está melhor ou peor. Agora tudo vae melhor e eu louvo aos céos. Vossa Magestade terá o que tanto deseja e eu tambem pois os desejos de Vossa Magestade são tambem os meus. Devo pois confessar que esta carta me causou um prazer immenso e quero, Magestade, exprimir-vos sem demora, ainda que já vos tenha escripto ha tres dias. Fiz seguir pelo Consulado geral de Copenhague o pacote de jornaes referindo-se ás *Pleiades*; são os que Vossa Magestade teve a bondade de me pedir para completar suas impressões. Tenho pressa em ver tambem a parte critica pois agora já sei que o effeito em conjuncto foi favoravel e como reflecti muito escrevendo esse livro, defender-me-ei, penso eu, não para provar que tenho razão, mas para desenvolver ainda mais certas idéas. Disseram-me que eu tinha posto muita cousa nesse trabalho e que nelle ha materia para muitos livros. Não achei jamais inopportuno fornecer assim a algumas pessoas assumptos de reflexão e themas inacabados que ellas poderão completar e creio que um escriptor digno desse nome deve sempre fazer de modo que sua obra possa dar origem

a outras. Do *Royardo* sahio o Ariosto e da *Astrée* todos os romances de Scudery e da Calprenèdre. Minha *Fleur d'Or* que pela forma em nada se assemelha ao que tenho escripto, contém tambem muitas noções que eu nunca havia expresso. As quatro primeiras partes estão feitas; falta somente a quinta para escrever. Contudo, é neste momento que sinto quanto este plano é vasto e tudo o que ainda tenho a fazer para bem terminal-o. Antes de começar a 5.^a parte, ponho um ponto final nas quatro primeiras o que me tem dado que fazer. O que é sobretudo difficil e custoso, é recolher, conservar na memoria e fazer entrar na inspiração creadora, quantidades de elementos de historia; critica, arte e anedoctas tendo o cuidado de não afastar os factos de suas datas para que não percam seu verdadeiro sentido. 'Compôr e inventar num dado tão exigente e libertar-se de tantas cadeias, é um trabalho bem custoso. Espero que me sahirei bem e pretendo acabal-o este anno. Sinto que o successo das *Pleiades* obriga-me a fazer melhor e mais ainda; nunca experimentei uma tão forte ambição de lá chegar. Como sinto, por meu lado, a perda de meus domingos nesta disposição de espirito em que me acho! Imagino que encantos isto teria para mim, que facilidades para meu trabalho e que estimulante perpetuo eu teria em conversar com Vossa Magestade, da natureza, da especie e do fundo de temperamento de Macchiavelli, de Julio II, de Leão X e dos artistas! Quantos desenvolvimentos encontrados sem difficuldade no enthusiasmo da conversação que só acho friamente pela reflexão! Mas esses domingos, nunca os esquecerei. Si a sorte quizesse que eu visse realisada a mais cara de minhas aspirações e que eu pudesse conquistar uma pequena independencia de trabalho que me permittisse começar uma nova vida, faria entrar em meus projectos ir cada anno passar algum tempo junto

de Vossa Magestade. Porque não seria isto possível? Si conseguir vender um pouco de meus livros e si meus bustos tiverem este anno bom exito na Exposição de Pariz para onde enviarei dois e talvez tres, *Queen Mab*, *Coriolan* (em bronze) e um retrato, tudo caminhará bem. Adeus, Magestade, os meus estão na Grecia e vão bem de saúde...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 4 de Outubro de 1874.

Snr. Conde,

Recebi vossas cartas tão interessantes e cheias de sincera affeição de 30 de Julho e de 26 de Agosto. Comparei as datas e crede que eu bem quizera escrever-vos mais a miudo.

Minha filha sente-se maravilhosamente bem; alegremo-nos. Minha senhora está mais ou menos quasi sempre doente; eu sinto-me ainda forte, pela vontade sobretudo.

O que lastimo profundamente, é não poder estudar tanto como o fazia, sem me fatigar.

Vós sabeis que não sou Darwinista, e não comprehendendo mesmo aonde querem chegar esses Senhores.

Pois bem, concordo que o "*bathybius Haeckeius*" tenha sido o seu Adão, mas quem creou a albumina? Será que elles querem attribuir a Deus?! Não vos occupeis em combater taes fantasias e enviaei-nme sem demora, vossa *Renascença*. Porque fallais assim de Quatrefages? E' um homem sensato e que prestou bons serviços ás sciencias naturaes.

Espero com impaciencia os processos verbaes do congresso pre-historico de Stockholmo e, depois de os ter lido, delle fallaremos sem ter, ah, nossos domingos.

Alexandre Bertrand não é então mathematico? Que foi elle fazer no congresso juntamente com Berthelot? Peço-vos recommendar-me a este e dizer-lhe que sua correspondencia será para mim de grande valor.

Sobre as muito velhas antiguidades, direi somente que é preciso apoiá-las com provas verdadeiramente scientificas. Por minha parte aprecio muito a archeologia.

Eis o tempo de que dispunha terminado e apenas poderei acrescentar o que devcis esperar para vós e os vossos da parte de

Vosso muito afeiçãoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 6 de Novembro de 1874.

Magestade,

Espero todos os dias noticias de Vossa Magestade e acho que já faz muito tempo que nada recebo. Receio que Vossa Magestade trabalhe mais do que seria razoavel e quizera muito saber como está a Senhora Princeza Imperial. Espero que a saúde de Sua Alteza Imperial não dê mais cuidados; mas quizera saber isto positivamente. Dizem-me que o Imperador projecta uma nova viagem á Europa no proximo anno. Essa idéa muito me surprehendeu e me preoccupa em ex-

tremo. Rogo a Vossa Magestade para que me diga então onde e como poderei ir ao Seu encontro para não deixar escapar esta occasião admiravel de O ver. Estou possuido de uma esperanza que me encanta. Penso que o Imperador deve ter recebido os jornaes que fallam das *Pleiades*; enviei, os que pude encontrar. Os outros, ou não os vi, ou então nada soube a respeito. Vossa Magestade viu tambem sem duvida o artigo no *Correspondant* sobre o Brasil. Acabo de terminar a *Fleur d'Or* e occupo-me activamente das correcções. Creio que este livro apparecerá no começo do proximo anno. Confesso que delle espero alguma cousa e tudo o que posso dizer é que fiz o que pude para tornar o mais surprehendente possivel o quadro dos caracteres, dos interesses, dos homens, das cousas da Italia durante o grande periodo da Renascença. Em summa, estou actualmente terminando ao mesmo tempo tudo o que havia começado ha alguns annos; a *Fleur d'Or*, as *Nouvelles Asiatiques*, em prosa, *Amadis* e *Béovulf* escriptos no Brasil, correctos aqui e *Olaf Tryggvason* escriptos em versos. Acabo tambem de terminar um grande busto de Fauna e estou em vias de começar um mausoléu em marmore de duas figuras em tamanho natural que pretendo fazer para a Italia. Quando estiver concluido, delle fallarei a Vossa Magestade pois estou muitissimo entusiasmado com este negocio por diversas razões. Fiz tambem a maquete, o esboço de um "berserk" escandinavo indo ao combate, o corpo nú e a espada núa. Sinto-me tanto mais animado a trabalhar pois minha saúde, detestavel nestes ultimos annos, parece melhorar um pouco.

Vossa Magestade ouviu certamente fallar da nova Revista allemã *Deutsche Remdsetrau*. O primeiro numero não é grande cousa. Elle tem, a meu ver, o grande defeito de imitar a *Revue des Deux Mondes*, typo

bastante velho e sobretudo muito francez. Tem-se o direito de esperar alguma originalidade do que se faz em Berlim; sinão para que servem as pretensões? Não tenho sciencia de que se produza actualmente grande cousa em parte alguma. Vossa Magestade vê em que ponto está o movimento dos espiritos na França. Elle gira sobre si mesmo e a eleição do Pas-de-Calais e a do Oise mostram o bonapartismo redivivus. Não sei si toda esta agitação acabará em proveito dos descendentes de Napoleão que, em todo caso, não obterão nem maioridade, nem mais solidez de adhesões, nem por conseguinte, maior duração que os outros partidos; mas que tudo acabe por uma dictadura provisoria, é, creio eu, evidente. Por amor aos principios, a Italia, por seu lado, parece interessar-se em demonstrar definitivamente que a raça latina não está mais segura de suas aspirações do que os outros povos.

Adeus, Senhor, sentir-me-ei feliz quando souber como se acha, moral e physicamente, Vossa Magestade e tambem quando tiver a confirmação de sua nova viagem. Os meus estão todos na Grecia e vão bem de saúde...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 13 de Novembro de 1874.

Magestade,

Acabo de receber a carta de Vossa Magestade datada de 4 de Outubro e respondo sem demora. Sentime tanto mais feliz pois já fazia muito tempo que não

recebia noticias do Imperador. Vejo que as cousas vão de um modo satisfactorio, e é tudo o que se póde de-sejar na vida, ainda que se lhe peça sempre mais. A Senhora Princeza Imperial está bem. E' este o ponto capital e com isto sinto-me tão feliz que não sei como dizer-vos. Vossa Magestade diz-me que a Imperatriz está um pouco doente. Espero que isso nada seja de grave e que não passe de um mal estar. E já é muito; para Vossa Magestade falta sobretudo tempo para estudar. Ah! Faltarão sempre alguma coisa! Estudar, no emtanto, é hoje, de um interesse tão vital! Menos me interessa e me preocupa o espirito dos contemporaneos (pois em summa o nivel é pouco elevado) do que os factos desenvolvidos pela (18) das cousas.

A questão religiosa torna-se dia a dia mais grave na Allemanha. O incidente de Colonia, esse padre preso no altar, a mesa de communhão quebrada pela policia, o tumulto na igreja, vê-se ahi o Baixo-Imperio. Em França o catholicismo toma um caracter que nunca teve em tempo algum; é o inverso do gallicanismo de Luiz XIV, isto nada tem de commum com o methodo de ultramontanismo dos "ligueurs" do seculo XVI^o. Parece que toda idéa dogmatica e theologica apaga-se para dar logar unicamente a uma doutrina de obediencia pouco apurada. E' que as imaginações, em todos os sentidos, tornam-se a olhos vistos, ignorantes, grosseiras e levadas a um absolutismo brutal. E' a forma a mais franca do raciocinio.

Vossa Magestade censura-me por fazer pouco caso do Senhor dé Quatrefages. Eu diria, para minha defeza, que não nego tenha elle uma sciencia "des détails" e algumas pequenas descobertas no dominio das sciencias naturaes. Mas nelle reconheço ainda bem maior o espirito charlatão. Essas opiniões philosophicas, á

moda franceza actual, têm todas um fim e uma côr de partido e não um partido que se queira sustentar, mas um partido pelo qual a gente quer ser apoiado e de onde se pretende tirar lucros positivos. Esse cunho característico da maioria dos sabios francezes e das applicações que me desagradam e me desgostam em extremo, reflecte-se no Senhor de Quatrefages que é um dos typos mais notaveis dessa mesquinhez. Assim que os processos-verbaes pre-historicos estejam promptos, eu os enviarei a Vossa Magestade; mas creio que achará os resultados muito pobres. Vossa Magestade tem bem razão em fazer pouco caso do darwinismo. Acabo de ler todas as obras-primas da Escola, inclusive o livro violento, arrogante, brusco, do professor Haeckel. Tomei notas em quantidade: em verdade, não sei como atacal-o. A reflexão o reduz a cinzas sem que se lhe toque. E' um dos signaes dos tempos do darwinismo e das theorias pre-historicas. Decididamente, eu os deixarei fazer algazarra e a ella não me misturarei. Verdadeiramente não vale a pena.

Acabei o busto de minha *Fauna* e enviarei proxima-mente a photographia a Vossa Magestade. Desejo que lhe agrade mais que *O Amor Ferido* ainda que a photographia deste tenha ficado muito mal e não como o é realmente.

Estou ultimando as correcções da *Fleur d'Or*, terminada de todo. E' possível que esse livro appareça no começo do proximo anno e estou ansioso por saber o que Vossa Magestade pensará desse quadro do seculo XVIº. Estou terminando tambem as correcções do *Amadis* que Vossa Magestade conhece. Assim, antes de primeiro de Janeiro, terei terminado tudo o que tinha em mãos e começarei em seguida os *Voiles Noirs*, que será um novo romance, "pendant" das *Pleiades*. Talvez, possa tambem proxima-mente annunciar a Vossa

Magestade um novo e grande trabalho; mas para encetar-o faltam-me os meios de que não disponho actualmente. Póde ser que ainda me venham. Vossa Magestade recebeu o catalogo de meus "Intailles"? Adeus, Magestade...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 17 de Novembro de 1874.

Snr. Conde,

Acabo de receber vossas duas ultimas cartas e os jornaes em que se falla das *Pleiades*. Todos em geral fazem justiça ao merito litterario deste trabalho e repito que a sua leitura me interessou vivamente. Parecia-me escutar-vos a conversar e sinto ainda mais saudades dos nossos bons domingos. Escrevei-me sempre que quizerdes e si não faço outro tanto, o motivo vós já o sabeis.

Aqui as saúdes são regulares; pois minha senhora está quasi sempre mais ou menos doente e eu não me sinto tão bem como quando vim da Europa. Si ao menos pudesse estudar como outrora! Mas o somno me persegue e sinto necessidade de me repousar.

Quando virá o vosso novo livro para me dar algumas horas de leitura "à n'en pas démordre"?

No entanto, tenho sempre a mesma disposição para o trabalho e lastimo sobretudo não poder aproveitar durante o dia. Sinto a falta de uma boa palestra e os affazeres augmentam...

NOTAS

(1) *Lettres à une inconnue*, 2 volumes (Levy, Pariz, 1873). Esta "incognita" chamava-se Srta. Jenny Dacquin. Esta correspondencia se estende por trinta annos, e a nltima carta datada do ultimo dia de Mérimée, nos mostra o homem, reputado bastante frio, sob um aspecto inesperado.

(2) O estudo de Taine ao qual D. Pedro II faz allusão tinha apparecido em dezembro de 1873, no "Journal des Débats" de Pariz. Elle forma um capitulo da obra posthuma de Taine intitulada: *Derniers Essais de Critique et d'histoire* (quarta edição revista e augmentada, Pariz, 1909). Taine escreveu, com effeito: "Elle ia tirar o arco por ordem do medico" (pag. 227).

(3) Ver capitulo VII, nota 7.

(4) Palavra illegivel.

(5) No "Journal des Débats", do qual Cuvillier-Fleury era um dos redactores principaes.

(6) Ver prefacio.

(7) "Noventa e tres" publicado em 1873.

(8) D. Pedro II conheceu pessoalmente Victor Hugo quando de sua segunda estadia em França, em Maio de 1877.

(9) Uma grande exposição universal, a 14.^a que foi organizada na França e em Pariz desde 1798, foi installada no Champ de Mars e durou seis mezes. Desta exposição resta o feio palacio do Trocadero.

(10) O livro appareceu, enfim, publicação de Plon-Nourrit, em Pariz.

(11) Appareceu no "Correspondant", de Pariz, a 25 de Outubro de 1874.

(12) O artigo era devido a Barbey d'Aureville (*Le Constitutionnel*), 18 de Novembro de 1874.

Quando estava no Rio, Gobineau lia diariamente algumas paginas do interminavel romance de Honoré d'Urfé, tendo apparecido as duas primeiras partes em 1610, e a terceira em 1619. E elle diz que comprehende porque seus contemporaneos não o apreciam: "ce n'est pas bon pour la canaille".

(13) Symphorien Franier, o Dr. Lange; personagens do romance: *Les Pleiades*.

(14) Phrase pouco clara, como acontece muitas vezes nas cartas de Gobineau que escrevia com excessiva rapidez.

(15) Louis Agassiz, sabio suisso nascido em 1807 e fallecido em 1873, membro correspondente do Instituto de França, é ainda autoridade em materia de historia natural. O primeiro e o ultimo de seus numerosos trabalhos são consagrados ao Brasil. O primeiro, em latim, é uma descripção das 116 especies de peixes que Spix tinha trazido do Brasil: *Pices... quos collegit in pingendos curavit Spix, descripsit Agassiz* — Munich, 1829-31, com 96 estampas. O ultimo, em inglez, tem por titulo: *Scientific Results of a journey in Brazil, Geology and Physical Geography of Brazil* (Boston, 1869). Existe uma traducção franceza deste trabalho, intitulada: M. et Mme. Louis Agassiz: *Voyage au Brésil*, traduzida do inglez com autorisação dos autores por Felix Vogel, trabalho illustrado com 54 gravuras sobre madeira e contendo 5 mappas. Pariz — Hachette, 1869.

(16) Ad. V. Keller: *uur franzosischen Romanliteratur* (Beilage Zur Allgemeinen Zeitung, 31 julho, 1874).

(17) Bulwer Lytton: *A Novelty in French Fiction: Les Pleiades* *Fortnightly Review*, 1.º setembro 1874).

(18) Palavras illegiveis.

CAPITULO IX

ANNO DE 1875

O conde de Gobineau sente-se desencorajado pela indiferença que cerca as obras nas quaes elle trabalhou com mais affinco. Os editores fazem difficuldade para acceitar seus trabalhos. A *Renaissance* (*La Fleur d'Or*) que elle acaba de terminar, tem de esperar dois annos para ser publicada. Uma curta viagem a Pariz, onde os "bureaux" o recebem friamente, uma estação de cura ás aguas de Carlsbad, são os unicos acontecimentos de sua vida no decorrer do anno de 1875.

D. Pedro sente-se cada vez mais sobrecarregado pelo poder. Elle queria consagrar todo seu tempo a lêr, a escrever e a estudar. Não receia tornar-se versado no conhecimento do sanscrito. Si elle pudesse, si seu dever não o retivesse no lugar onde está, este imperador gostaria de tornar-se professor e homem de letras.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 16 de Janeiro de 1875.

Magestade,

Tenho em mãos a carta de Vossa Magestade de 17 de Novembro e, na realidade, vejo que a saúde da Im-

peratriz não é a mesma de outróra e que Vossa Magestade se cansa tanto e se poupa tão pouco que o mal estar senão o soffrimento é também mais frequente que quando eu estava no Rio. Isto muito me aborrece, pois receio muito, que o clima quente e humido não seja muito bom para restabelecer nem a Imperatriz nem Vossa Magestade. Não tive pois necessidade do dia de anno bom para saber onde meus votos e meus anhelos os mais vivos e os mais sinceros deviam ir procurar seu alvo. Desejo sinceramente que todas essas nuvens sombrias se apaguem, que a força vital tenha toda sua latitude e todo seu vigor. Estive de cama todo o mez de Dezembro com um ataque agudo do figado. A melhora é lenta. Minha senhora e Christine estão em Athenas onde se realisará o casamento de minha filha com um Capitão grego que é muito bemquisto pelo Rei e que, tendo feito a guerra durante sete annos na Africa a serviço da França, tomou parte nos desastres de 1870 e foi feito prisioneiro em Sedan. Ellas incumbem-me de exprimir respeitosamente toda a sua dedicação pela Imperatriz e por Vossa Magestade. Acabei no entanto *A Fleur d'Or*. (1) O manuscripto seguiu para Paris e espero que não tardarei muito em enviar o volume a Vossa Magestade. Este livro em nada se parece com as *Pleiades*. Quizera que a mesma bôa sorte seguisse esta nova obra, e gabo-me que o assumpto ao menos interessará Vossa Magestade que tem pelas Artes da Renascença um gosto tão vivo.

Não tenho conhecimento de que se produza em França grande cousa de importante no dominio dos trabalhos do espirito. O novo theatro da Opera (2) faz-se qualificar de obra-prima de uma decadencia burgueza; segundo tudo o que soube, parece que este julgamento é verdadeiro e vexatorio. Mas o essencial de toda decadencia e de toda burguezia é mostrar-se a gente en-

cantado com o que ellas fazem, e naturalmente satisfeito e ainda que eu o não esteja, não acho o que dizer.

Em Roma, annunciam-se descobertas sobre o monte Esquilino que devem ser de primeira importancia si é que são verdadeiras. Nada menos se falla do que de uma estatua de Venus que supportaria a comparação com o que de mais bello se conhece. Ficarei encantado quando vir a confirmação desta noticia. Isto nos consola de muitas cousas.

Na Allemanha, foi publicado o terceiro romance da série de *Freytag die Ahnen*. Provavelmente Vossa Magestade já recebeu o volume. Quanto a mim apenas o comeci. Parece-me que a Allemanha se assemelha cada vez mais ao Occidente, no modo pelo qual as preoccupações materiaes, quer politicas, quer economicas ali se espalham. Neste ponto, Vossa Magestade pôde ver que a transformação do systema monetario e a supressão do padrão prata de que é o corollario, são a causa de crises, por terem sido feitas um pouco bruscammente. Mas a precipitação faz parte do character actual da grandeza da Allemanha e, si se trata com aspereza o Snr. d'Arnim, não se dá melhor tratamento aos bispos. Aqui, vamos ter a abertura da Dieta, em presença de um orçamento de receitas saldado por um excedente de treze milhões de "sindales" e de tres milhões de outra procedencia. Isso porá toda a gente de bom humor si a paixão militar que faz propôr o serviço obrigatorio em um paiz que não tem absolutamente inclinação pela farda, não viesse provocar um pouco de discordia entre o Governo e as Camaras...

D. Pedro II a Gobineau

Petropolis, 21 de Janeiro de 1875.

Snr. Conde,

E' um amigo que vos deseja um feliz anno novo.

De saúde vamos mais ou menos; mas sobra-me sempre muito pouco tempo para minhas occupações de predilecção. Como sois feliz em poder fazer transbordar a actividade de vosso espirito em novos trabalhos litterarios e artisticos.

Vossa *Fleur d'Or* já me interessa vivamente. Della vos fallarei o mais que puder si bem que os artigos de jornaes antecipem, em parte, minhas reflexões.

Gosto de estar ao corrente do que se faz no mundo, e mesmo na roda dos artistas, o que me toma muito tempo. Descobri tambem um allemão bastante forte nos estudos philologicos, o Dr. Henning, e entreguei-me ao sanskrito. Comprehando tambem que é preciso produzir alguma cousa; mas receio fazel-o na minha posição onde se deve agir com muita reserva. Minha cabeça excita-se a miudo e o que eu deixasse sobre o papel teria ao menos o merito da sinceridade; mas a falta de tempo?

Animae-me e quem sabe um dia eu vos enviarei alguma cousa. Não conheço a revista allemã de que me fallaes e, além disso, não posso fazer leituras regulares.

Podeis estar certo do prazer com que tomei parte na vossa alegria de avô, e peço-vos transmittir a todos minhas lembranças, aos quaes os meus se recommendam e crer-me sempre

Vosso muito afeiçoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 14 de Março de 1875.

Magestade,

Recebi a carta de Vossa Magestade datada de 21 de Janeiro que me causou grande prazer por muitas razões. Primeiramente, estou muito contente por saber que vos occupaes do sanscrito. Ha no mechanismo incomparavel dessa lingua das linguas, uma força que não deixará de encantar o espirito de Vossa Magestade e estou tão convencido de que o organismo do Imperador foi feito para saboréar todas as alegrias provenientes da intelligencia que me agrada sobremodo ver abrir-se ao seu alcance uma nova fonte. Além disso, o que me agrada ainda mais, é que Vossa Magestade permite-me que insista pedindo-lhe para produzir e compôr. Não acho que um homem assim como uma arvore tenha o direito de, por uma consideração qualquer, recusar-se a dar os fructos que poderia produzir e não é tanto pelos outros como por si mesmo que elle não póde assim esquivar-se. Nada ha de mais são para a alma e para o espirito do que se dar ao trabalho de desenvolver os germens que se possui e estou plenamente convencido de que Vossa Magestade experimentaria a satisfação a mais legitima, a mais pura e a mais nobre em abandonar-se ao mais natural dos attractivos e a publicar a obra que lhe parecesse, em si mesma, digna. E não creio que esta palavra *digna* implique necessariamente ao autor uma convicção de que tenha feito uma obra prima. Não são os autores que fazem as obras primas; mas o tempo, as circumstancias, mil causas exteriores com as quaes nada se póde; trata-se somente de poder dizer-se

que se fez quanto se pôde. Cresco então que se pôde estar contente, e sobretudo, após terminar um tal trabalho sente-se a gente mais forte. Eis porque concluo que o Imperador devia deixar de lado certas considerações que podem ser muito boas, mas que, decididamente, são puramente convencionaes.

Tenho aborrecimentos com os editores, pois atrasam a publicação de minha *Fleur d'Or*, a qual a estas horas poderia já estar prompta. O manuscrito está em Pariz e não sei a quem o confiar. Vossa Magestade não pôde imaginar como se lê pouco actualmente em França. Um trabalho de um volume tem grande difficuldade em ser acceito e o que torna tudo difficil para a *Fleur d'Or*, é ter ella dois. Estou convencido de que chegaremos ao tempo em que, positivamente, nada mais se lerá do que os jornaes, e ainda, de todos os jornaes, os mais procurados são os que apresentam a mais fraca dose de pretensão á seriedade.

Mandei tres marmores para a Exposição deste anno que abre a 15 de Abril. Estou muito preoccupado com o resultado e confesso que desejo ardentemente um successo desse lado. Como eu seria feliz si pudesse dizer a Vossa Magestade que consegui o que almejo! Esperando o resultado, acabei o busto de *Fauna* e terminarei na proxima semana uma cabeça velada para dar a impressão dos andantes das Sonatas de Beethoven; esta cabeça chama-se: *Sonata appassionata*. Infelizmente, sinto-me pouco disposto ou, por outra, tão doente e passo semanas inteiras sem poder dormir. O resultado é uma tristeza profunda que não condiz com meu temperamento. E' preciso no entanto trabalhar assim mesmo, no meio de tudo, e apesar de tudo...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 10 de Abril de 1875.

Magestade,

Não ouço fallar aqui sinão da proxima chegada de Vossa Magestade. Todos os jornaes a annunciam como certa e não havia imaginado que o Imperador pretendesse vir tão longe até o Norte. Pensei que Vossa Magestade fosse aos Estados Unidos e ao Oriente, mas como eu queria estar enganado! E poder retomar dentro do maior prazo possivel meu serviço de Pariz de que sempre me lembro! Si o Imperador vier aqui, encontrará a Suecia um pouco differente de minhas apreciações de ha uns dois annos e, por isso, mais interessante num certo ponto de vista. Em 1866, este paiz tornou-se constitucional, á moderna. Elle tem duas Camaras, e o systema das quatro ordens foi abolido. Mas o Governo e a Administração continuam a funcionar segundo os antigos costumes. Por outro lado, o paiz não sabe ainda manejar suas instituições actuaes; donde, uma interrupção que manteve por muito tempo uma paz profunda. Entretanto, as questões financeiras apresentaram-se. O Ministerio quiz tratá-las como estava habituado. A Dieta as reivindica e, pacificamente, chega-se a impôr á Corôa um Ministerio do gosto da maioria parlamentar, isto é, formado de modo absolutamente novo. D'onde, grande admiração de uma e outra parte. O Rei, a Côrte, estão dispostos a considerar como innovadores perigosos os conservadores das duas Camaras; estes ultimos insistem por seus direitos. Ha nesta situação alguma analogia com os malentendidos de 1790 entre o rei Luiz XVI e os direitos moderados da Constituinte.

Não creio que seja preciso levar tão longe a comparação; mais parece-me, em todo caso, que quando um paiz, com razão ou sem ella, applica a forma actual, é fatal esperar até que o parlamento, soberano em matéria financeira, tome sua parte no manejo dos negocios. Na realidade, nota-se aqui uma perturbação evidente de equilibrio e é preciso esperar as novidades. Não sei si o Rei comprehende isto perfeitamente.

A respeito de livros, nada vejo de novo. Vossa Magestade recebe sem duvida a nova revista allemã *Deutsche Riendschau*. Quer-se fazer della aqui no norte a rival da *Revue des Deux Mondes*. E', na realidade, uma questão de influencia entre as duas linguas e, como tal, assaz curioso e interessante.

O Snr. Georges Smith publicou, sob o titulo de *Assyrian Researches*, suas elucubrações sobre os tijolos conneiformes narrando o diluvio de Visu. Como não acreditado em nada destas bellas cousas, não li o volume.

Tenho todos os aborrecimentos possiveis com a *Fleur d'Or*. Como ella pode encher dois volumes com as introduções parciaes que separam as cinco partes, os livreiros não a acceitam. Em França só se quer litteratura em mui pequenas doses. Não sei como tudo isto acabará; mas é bastante aborrecido.

Fiz um busto inspirado pela *Sonata appassionata* de Beethoven e enviei a *Valkyrie*, a *Queen Mab* e a *Etoile du Soir* á Exposição de Pariz. E' a primeira vez que estou ancioso por saber o resultado.

As *Pleiades* estão sendo traduzidas para o allemão...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 29 de Abril de 1875.

Magestade,

Os dias passam-se aqui nas cousas infinitamente pequenas. Ha uma crise ministerial, que não ata nem desata e o Rei vai fazer uma viagem á Noruega, depois virá para aqui seguindo para a Allemanha, e voltará mais uma vez, embarcando novamente para São Petersburgo e, finalmente, retomará seriamente o seu lugar e sentar-se-á, si approuver aos céos, e nada mais. Ha neste momento uma especie de peso athmosphérico que ameaça a Europa e a impede de viver. Assegura-se que tudo está tranquillo, calmo, que nada ha de ameaçador em parte alguma e ninguem acredita. Não se pode dizer que se vive só do dia de hoje, pois propriamente fallando não se vive e o mau estar é universal. Na realidade, é preciso concordar que toda situação anormal é difficil de se supportar. Uma só força preponderante e considerada neste momento como absolutamente poderosa, é uma oppressão bem dura. Esta mesma força, acha-se constrangida pelos apuros de seu papel que ella teme perder. E' ella a que mais grita de que a ameaçam e diz que tem medo do mal que se possa fazer. E' ella que reclama garantias de seus vizinhos e quer intervir até em suas legislações. Não encherça barreira nenhuma a volta de si e teria justamente necessidade de bem penetrar-se de nossa historia de 1805 a 1812. Mas creio que, fóra disso, ella não faz mais do que imitar a nossa politica de então e disso concluo que ella se empenha num grande jogo e corre grandes riscos. Sempre considerei como a maior

idiotice que jamais se tenha dito esta phrase: “Existe alguém que tem mais espirito do que Voltaire: é *Toda a gente*”. “*Toda a gente*” faz-me, ao contrario, a impressão de ser o maior imbecil que tenha jamais comido a herba do bom Deus. Mas, precisamente, por causa desta superioridade, si o Snr. Principe de Bismarck continua a excitar, irritar, e inquietar toda a gente, o buffalo voltar-se-á contra elle e, si não o creio mais espirituoso que Voltaire, acho-o mais forte do que Hercules, porque elle é todo o mundo. A consequencia é que não estou convencido da solidez da alliança dos Tres Imperadores, (3) pois não vejo o elemento constitutivo dessa solidez, ainda que comprehenda muito bem porque a alliança existe no momento. Confesso que não creio numa muito longa duração do *Statu-quo*.

De litteratura, nada ha, sobretudo em França. Ainda que me digam as cousas mais amaveis possiveis, todos os editores protestam-me que lhes é impossivel publicar minha *Fleur d'Or* porque ella abrange dois volumes e não ha mais ninguem que pense em ler dois volumes. Aqui nada mais tenho a fazer. Quizera seguir outro caminho, tanto mais que tenho muitos motivos para isso desejar. Si o Imperador quizesse escutar o que a Condessa de Barral lhe dirá sem duvida, talvez me viesse um auxilio do lado de Vossa Magestade. Reconheço francamente que estou um pouco aborrecido e desanimado; isto não é a culpa de ninguem mas do tempo, e muito mal fiz eu em vir ao mundo numa epoca em que não ha grande cousa para mim. Mas como aqui estou, é preciso que vença as difficuldades. Espero que Vossa Magestade esteja bem disposta e que realise em breve seus projectos de viagem. Tenho nisso tanto interesse que, naturalmente, não deixo de pensar...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 18 de Junho de 1875.

Magestade,

Parece-me que já ha bem tempo não recebo noticias de Vossa Magestade e, involuntariamente, fico todos os dias a espera. Supponho, no emtanto, que nada haja de desagradavel para a saúde do Imperador e da Imperatriz e consolo-me com esta idéa. Temos vivido aqui no socego profundo que nos é habitual. O Rei fez sua viagem á Allemanha o que deu logar a muitos ditos e objecções. Minha impressão é que este soberano tem na imaginação uma viva tendencia de galanteria. Sua linguagem, no sentido amavel, tem uma certa inclinação a não ficar sempre nos limites de seu pensamento e este, por sua vez, pode, algumas vezes, ir alem do util. De maneiras que, ainda assim, mesmo que elle tenha dito tudo o que se diz ter elle expresso em Berlim, não quer isto dizer que não esteja entusiasmado com a sua futura viagem a Petersburgo e, si elle fosse a Pariz, não me admiraria que se desse o mesmo. No fim de contas, não se pode negar que elle tem as predilecções da Rainha, princeza bem allemã; mas, em caso de necessidade, pode-se mesmo ser infiel ás suas predilecções. O que parece ser verdade, é um boato corrente aqui que seu projecto de organização militar, já mal recebido na ultima dieta, tem muitas probabilidades de o ser peor ainda na futura Dieta, porque os Suecos têm medo de se comprometter nas previsões guerreiras que se podem realisar na Europa.

Não sei si Vossa Magestade tem conhecimento de alguns livros interessantes. Não vejo muitos. A cor-

respondecia de Ampère (4) não me produziu tanta impressão como sobre o sentimento pariziense que, segundo me dizem, a aprecia muitissimo. E' moda, actualmente, fabricar-se semi-deuses de pessoas que não me parecem ser nem mesmo uns heróes e, como os conheci, confesso que não posso me decidir a concorrer com alguma cousa para o seu culto. O livro mais conhecido de Ampère e quasi o unico que se conhece, á sua *Histoire Romaine à Rome* cujo unico merito é ter compilado rigorosamente todos os motivos de allusão contra o Imperador Napolcão III. Compreendo o livro de Lanfrey (5) contra o primeiro membro da dynastia, mas não aprecio essa applicação symbolica da Historia. Ampère não foi mais do que um amator como mais ou menos todos os homens notaveis de sua geração que crearam, não talvez 1870, mas tudo o que se passou desde então e o que ainda se passará, e isto é ainda mais grave do que a ultima guerra.

Seguirei amanhã para Pariz, onde passarei 15 dias e, em seguida, irei a Karlsbad, porque não me sinto nada bem. Tentarei publicar a *Fleur d'Or*, na Allemanha ou na Belgica, visto ser impossivel no momento publicar em França um livro mais ou menos volumoso. Isto não me impede de trabalhar nos *Voiles Noirs* cuja primeira parte está terminada.

Tenho um busto na Exposição de Pariz, a Valkiria e dizem-me que tem feito successo.

Adeus, Magestade, si O Imperador se dignar escrever-me as cartas ser-me-ão remettidas para onde eu estiver. Aqui estarei de volta dentro de seis semanas...

Gobineau a D. Pedro II

Carlsbad, 15 de Agosto de 1875.

Magestade,

Escrevo a Vossa Magestade d'uma estação de aguas de onde o tratamento nos deixa apenas o sufficiente de cabeça e de vontade para se saber o que se faz. Mas estive tão doente no ultimo inverno que era preciso fazer algum tratamento e assim o faço. Acho que já ha muito tempo não recebo a minima noticia do Imperador! Não creio que alguma cousa grave seja o motivo deste silencio, mas quizera bem que elle se dissipasse. Tive nestas ultimas seis semanas uma vida muito agitada. Estando em ferias, fui a Pariz com a idéa de pedir e obter a troca do posto de que fallei a Vossa Magestade. Uma vez lá, scientifiquei-me de que não era tão facil e tambem não muito desejavel o que eu pretendia. Deixo pois correr as cousas, esperando que, por outro lado, conseguirei libertar-me do serviço onde está ainda mais tendente á ruina que sob o Imperio, o que se explica por cinco annos a mais. Occupei-me então unicamente das cousas donde podia esperar algum resultado para mim e fui, com effeito, mais feliz do que em tempo algum de minha vida. Vendi a um editor a *Fleur d'Or*, e a um outro as *Nouvelles Asiatiques*; estes dois livros apparecerão no proximo inverno. Compraram-me tambem, segundo o enunciado do plano que della tracei, *l'Histoire de ma famille* que termina a trilogia da *Inégalité des Races* e da *Histoire des Perses*. Estou tanto mais encantado com isto, pois receiava muito que á força de atrazar este trabalho, fosse elle o meu ultimo. Em-

fim, soube e com grande satisfação, que o busto da *Walkiria* teve bom exito na Exposição e o commerciante de objectos de arte encarregado de meus interesses quer enviar esse busto, o da *Queen Mab*, a *Etoile du soir* e um bronze intitulado *Sonata Appassionata* (de Beethoven) para a Exposição de Philadelphia. Como remate, pediram-me, sem me conhecer, um desenho para o monumento da Duqueza Melzi sobre o lago de Côme. Fiz o desenho, e em seguida o modelo em cera que agradou e estou encarregado de fazer esse bello e interessante trabalho. Estou certo de que Vossa Magestade comprehenderá toda minha alegria de ter um monumento de uma certa importancia (duas estatuas em tamanho natural) sobre esse bello lago italiano, ao centro da Escola de Vinci e de Luini. E' preciso produzir alguma cousa de valor para ser digno de tão insigne companhia. O thema é a Duqueza elevando-se ao céo, com as duas mãos extendidas para a frente, apoiando-se na mão direita de um anjo ajoelhado deante della e impelindo-a para o céo. Com a mão esquerda, o anjo desprende os espinhos da vida que retém ainda a cauda do vestido da morta. Em summa, estou radiante desta pagina de minha vida. Conseguirei talvez um dia a minha liberdade e recobrarei a saúde. Então, Magestade, si o Imperador m'o permittir, irei ao Rio apresentar-vos os meus respeitos. Isto seria para mim um sonho dourado.

No tocante a novas publicações, não sei si Vossa Magestade leu a *Histoire diplomatique de la guerre de 1875*. O autor, Snr. Sorel, (6) é meu amigo. Estou persuadido de que Vossa Magestade intercessar-se-á por este trabalho, si é que já não o leu. Este livro produz uma grande sensação em Pariz e é muito mais moderado e sério do que tudo o que até agora se publicou. A Allemanha militariza-se e torna-se pratica demais

para mostrar-se bem litteraria e manter-se na sciencia pura. Todo o mundo aqui (digo todo o mundo que não tem nisso um interesse especial) quereria a paz. Não sei si aqui acredita-se nella mais do que em nossa terra. Ha no emtanto, uma differença singular: em nossa terra, acredita-se na guerra para a primavera, emquanto aqui presume-se que seja para 1877. Não sei em que se baseiam elles...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 15 de Setembro de 1875.

Snr. Conde,

Si não vos escrevo tantas vezes como quizera, é porque os affazeres parecem augmentar dia a dia e começo a sentir-me cansado.

Comprehendo como deveis estar satisfeito. Eu tambem o estou e espero com impaciencia os vossos novos trabalhos. Não costeei a beira do lago de Côme onde se acha a villa Melzi, mas a vi de longe e esse passeio até Cadenabbia deixou-me as mais bellas impressões. Deveis estar bem inspirado para o vosso grupo.

A algumas horas do lago acha-se Milão com seu bello monumento de Vinci cujo esculptor Magni acaba de enviar-me bonitas photographias.

Recebo tanta cousa da Europa que muitas vezes me vejo em embarços para tudo examinar.

Minha viagem na provincia de São Paulo muito me interessou. E' uma das provincias que mais

prosperam. Já percorri lá mais de 700 kilometros de estrada de ferro.

Penso em minha viagem aos Estados Unidos e á Europa, mas isto não depende só de mim. Conto com-vosco quando chegar a occasião.

Porque não me fallais desses sitios de Carlsbad, de que guardo as melhores recordações?

Estou certo de que as aguas e sobretudo a hygiene vos tenham restabelecido por completo.

Minha filha vai indo bem em Petropolis, e espero dar-vos em breve a feliz noticia...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 9 de Outubro de 1875.

Magestade,

Não sei si Vossa Magestade apercebeu-se que já ha mais de seis mezes que d'Elia não recebo a menor prova de lembrança e como isto é uma grande novidade que jamais se deu nestes seis annos, não posso dizer o que sinto, a impressão que isto me produz; o certo é que isto me impressiona e, si me perguntassem si eu não a trocaria por uma outra, creio que responderia que sim. Eis-me de volta aqui e soube por accaso pois por principio pouco leio os jornaes e, durante meus tres mezes de viagem, não peguei nem mesmo n'um só, soube por accaso que a viagem de Vossa Magestade está decidida; mas não sei absolutamente o fim ou melhor sem duvida os fins da expedição nem de que lado do planeta o Imperador se dirigirá. Es-

pero pois ser melhor informado e creio que este desejo me fará ler os jornaes. Fiquei, realmente, muito contente com minha viagem á Allemanha e o que vi e ouvi, muito me interessou. E' deploravel que o grande paiz onde resoa o ya (ove il ya suona teria dito Dante), cesse por completo de ser intellectual para tornar-se especialmente militar e disposto com todas as suas forças a crear uma grande industria para sustentar e alimentar suas despesas de guerra. Mas é preciso reconhecer no emtanto que as cousas são assim. Precisamos absolutamente, me dizia um official, um exercito que abranja toda a nação para poder empregar a somma total de nossas forças e evidentemente este exercito nos arruina. Não poderiamos mantel-o por muito tempo com nossos recursos actuaes, eis porque ver-nos-emos forçados a fazer a guerra para permanecer o que somos. (7) Creio que esta apreciação não deixa de ter fundamento e o allemão tornar-se-ia assim, no centro da Europa, um *Raubvolk* (8) que ameaçaria a França, a Austria, a Italia, a Russia, os pequenos Estados, afim de prolongar sua existencia. E' bastante exquisto que á força de civilização, tenha-se chegado, em nossos dias, a estabelecer numa grande escala e exactamente o regimen inventado e applicado em parte pelos burgraves do Rheno tão criticado por todos os livros liberaes. Continuei em Berlim minhas pesquisas no dominio artistico e, positivamente, nada ha que chame a attenção. O Museu contem poucos quadros notaveis, exceptuando os frescos de Kaulbach contra os quaes muito se pode dizer mas que têm no emtanto uma certa grandeza, nada vejo, e nada vi que me tenha feito uma impressão qualquer. Estou, agora, muito aborrecido por não poder encontrar em toda a cidade de Stockholmo nem uma officina ou uma sala do tamanho que preciso. Ver-me-ei forçado a fazer em

miniatura o modelo do monumento que me foi encomendado e os operarios o augmentarão segundo uma escala dada. Preferiria executar de uma vez minha idéa tal como deverá ser. Mas tenho que ceder ante o impossivel. Rogo a Vossa Magestade que não se esqueça de mim ainda por muito tempo. O que me preoccupa, é que a Senhora de Barral tambem não me respondeu, de maneiras que ignoro o que se passa no Brasil como si ainda não se tivesse feito o seu descobrimento. Adeus, Magestade, sinto que minha carta não está muito interessante mas é bem difficil fallar sósinho...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 15 de Outubro de 1875.

Magestade,

Recebi neste instante a carta de Vossa Magestade datada de 15 de setembro e não posso dizer como me sinto satisfeito. Sentia-me já bastante inquieto. Cheguei mesmo a pensar que Vossa Magestade estivesse ainda doente como ha dois annos atraz e estou contente com o que o Imperador me diz da Senhora Princeza Imperial, do bem que lhe fez sua estadia em Petropolis. Espero o fim com uma grande impaciencia. Quanto á viagem de Vossa Magestade, é admiravel! Creio mesmo que o Imperador deve contar commigo. Vivo nesta esperanza e, ao primeiro signal, farei o que me for ordenado. Penso que Vossa Magestade irá primeiro do Rio a New York, que a Exposição de Phi-

ladelphia fixará por sua data, a data da vossa partida e que a chegada á Europa dar-se-á logo após, isto é, lá para o mez de maio ou junho. Enfim, não são mais idéas confusas que tenho diante dos olhos, mas sim uma certeza. Não fallei de Carlsbad a Vossa Magestade porque lhe descrevia outras cousas pelas quaes estava possuido. Na verdade, fiquei maravilhado com aquella aprazivel e grande planicie tão verde e tão *menlich*. Meus olhos ficaram encantados tambem com o cartaz de um negociante que com muita honra se intitula *S. Kaiserlichen Majestat des Kaiser von Brasilien Hoflifferater*. Mas confesso que foi sobretudo Eger que me enthusiasinou. A disposição da cidade é ainda como no seculo 17 com seus empenas e suas janellas adornadas de grinaldas de pedra, e suas formas irregulares e seus atrios que se me afigurava ver desfilar pelas ruas estreitas os regimentos de Wallenstein. Em seu logar eu nunca teria entrado naquelle "hôtel de ville" de aspecto tão sinistro. Mas tudo isto, é anedota, é drama moderno. A Capella do Castello que serviu ao casamento de Frederico Barberousse, eis o poema antigo! Parece-me que nada ha de mais perfeito em suas pequenas dimensões no tocante ao estylo romano e, si eu fosse um grande personagem, fal-a-ia copiar tal como ella é. Achei tambem a vida de Carlsbad bastante agradável e ha um grande numero de pessoas interessantes que difficilmente se encontraria em outro logar.

Desde que cheguei, tenho levado uma vida muito agitada. Mudei de casa ha um mez, e não consigo sahir das ruinas; mas installei-me no meio dellas e ahi trabalho com paixão. Meu livro sobre a *familia d'Ottaryal* está em via de andamento. Estou mergulhado até os olhos nas antiguidades escandinavas e creio que vêm ao meu encontro uma infinidade

de documentos sobre a idade media. Actualmente, estou encantado com um livro dinamarquez que acaba de apparecer em Copenhague, sobre os Russos. E' o que de melhor e mais completo se tem escripto, sobre a materia e delle tirarei excellentes notas. O lado critico de minha posição, é que ainda não conseguí arranjar uma sala para trabalhar, e com isto estou desolado! Tenho procurado, procurado, e não sei que fazer. E' preciso no emtanto que eu a encontre.

Com tudo isso e mais ainda com a viagem á provincia de São Paulo, Vossa Magestade deixou de lado todos seus antigos estudos, o hebraico e Eschylo, mesmo suas notas de viagem á Europa, tudo emfim. Comprehendo que assim seja; mas nem por isso deixo de lastimar e entre outras reformas que ousaria propor si algum dia se refizer o mundo, é que ha certas pessoas para as quaes as 24 horas do dia deveriam poder distender-se até chegar a 48. Emquanto espero, comprehendo perfeitamente que Vossa Magestade não possa entregar-se a tudo quanto lhe interessa...

NOTAS

(1) *La Fleur d'Or* tem por primeiro titulo tambem: *La Renaissance*.

(2) A construcção da nova Opera de Paris, começada em 1861 (a fachada terminada em 1867) foi interrompida pela guerra de 1870 e acabada no fim de 1874. O architecto era Charles Garnier (1825-1898) a quem o Imperador D. Pedro II dedicou grande estima e a elle confiando mais tarde o projecto de construcção da Opera do Rio de Janeiro.

A um seu contemporaneo, Gobineau escrevia na mesma epocha: "Vejo que julga todo o mundo que vos cerca como eu, e a opera "par dessus le marché". De um brilho falso, sem belleza nem força e nem vida real". (*Correspondance avec Prokesch-Osten*, obr. cit. p. 394).

(3) Os imperadores da Allemanha, da Austria e da Russia.

(4) Ampère (Jean-Jacques Antoine) 1800-1864, filho do celebre mathematico. Litterato tomado de uma grande paixão pelas litteraturas estrangeiras, secundou os primeiros esforços dos romanticos francezes, collaborou no *Globe* e na *Revue française*; professor no Collegio de França, membro da Academia de Inscripções e Bellas Letras e da Academia Franceza. Sua *Histoire romaine à Rome* data de 1856.

(5) Lanfrey (Pierre), 1828-1877 — Historiador. Trabalhos principaes: *L'Eglise et les philosophes du dix-huitième siècle* (1857); *Essai sur la Révolution française* (1858); *Histoire politiques des Pâpes* (1860). Sua obra capital, *Histoire de Napoléon*, 1867, é a contra-partida da historia de M. Thiers e inteiramente contra a legenda napoleonica. Voluntario durante a campanha de 1870, em seguida embaixador de França em Berna depois da paz e senador em 1875. Elle julgou em termos muito severos a Politica e a administração de Gambetta.

(6) Sorel (Albert) 1842-1906. Trabalhos principaes: *Histoire diplomatique de la guerre franco-allemande* (Paris, 1875, 2 volumes); *L'Europe et la Révolution française* (1885-1904) 8 volumes.

(7) Esta guerra, repetidas vezes evitada graças á diplomacia prudente da França, devia finalmente ser declarada pela Alemanha em agosto de 1914, e arrastar em sua ruina o mundo inteiro.

(8) Povo de presa.

CAPITULO X

A SEGUNDA VIAGEM DE D. PEDRO II FÓRA DO BRASIL (1875-1877)

Os boatos que o Conde de Gobineau ouvira a respeito de uma nova viagem do Imperador do Brasil fora de seu imperio, eram exactos. D. Pedro, acompanhado pela imperatriz, partiu para os Estados Unidos, onde elle desejava visitar a Exposição Universal de Philadelphia. Os soberanos chegaram em Nova-York a 15 de Abril. Mas em junho já estavam na Europa. Visitaram a Allemanha, Portugal, a França, a Inglaterra, a Belgica, a Hollanda, a Suissa, a Dinamarca, a Suecia, a Russia, a Turquia, o Egypto e a Terra Santa. Na Suecia, D. Pedro encontrou com grande alegria, seu amigo Gobineau.

“Elle já tomou seu serviço junto ao Imperador, pois D. Pedro começou suas peregrinações pela Suecia. E o serviço não é uma sinecura. O soberano levanta-se ás cinco horas, quer tudo ver, tudo visitar, “collecções”, academias, palacios, torres, castellos, subterraneos, minas, observatorios, sabios... Nos intervallos (geralmente de um ou dois minutos), conta Arthur, escrevo cartas para Sua Magestade. A noite no theatro até meia-noite. Eis portanto a vida destes preguiçosos cortesãos! E’ verdade que meu augusto senhor tem muito mais de Theodorico, rei dos Godos, que de

um príncipe “pommadé”. E elle acrescenta: Tudo isto ser-me-ia insupportavel si eu fosse obrigado a fazer, mas assim isto me distrae em excesso. D. Pedro escuta tudo, discute tudo, admite as contradicções e deixa cada um com a sua opinião. E’ um soberano feito para mim. Elle pretende que eu sou capaz de tudo e teria podido roubar os chinellos de Ivan o Terrível.” (Faure Biguet, ob. cit. p. 317).

A 30 de agosto (1875) Gobineau, recebe do Governo francez autorisação para deixar seu posto (1) e acompanhar o imperador. Elle parte a 5 de setembro (1876). Encontra-se com D. Pedro na Russia (2); com o imperador elle visita Moscou, que o encanta, Kiew, Odessa. Em Odessa, immenso armazem de trigo, o imperador do Brasil quiz subir numa dessas montanhas de grãos accumulados onde se afundou até o meio das pernas. Em seguida, partem para Constantinopla, depois para a Grecia. Em Athenas, Gobineau encontra não somente suas lembranças de ministro da França e seus amigos Dragoumis, mas ainda e sobretudo sua filha Diane e seus quatro netinhos. Fatigado, elle deixa o imperador que segue a sua viagem para o Oriente. (3) (outubro de 1876). Elle espera retomar seu posto na Suecia depois de haver atravessado a Italia, onde entra em relações com Richard Wagner, (novembro de 1876), a Austria, a Allemanha onde ouve os Mestres Cantores, quando um telegramma do Duque Decazes, ministro dos negocios Extranjeiros, do governo do marechal Mac-Mahon, presidente da Republica franceza, o chama a Pariz. Lá dizem-lhe grosseiramente que elle precisa pedir a sua reforma. Esta decisão teria sido o resultado de uma deliberação do grupo da esquerda da Camara dos deputados, em vista do rejuvenescimento dos quadros diplomaticos (março de 1877). D. Pedro sciente de que

seu amigo estava arruinado e talvez um pouco por sua culpa, ajudou-o delicadamente (carta do imperador, 21 de março de 1877) encomendando-lhe uma estatua, que será a *Mime*, a obra prima de Gobineau, conservada uma curta permanencia em Stockholmo, Gobineau deixa o serviço e volta á Pariz para esperar a chegada do imperador.

O imperador, com effeito, volta á Europa. Em fevereiro de 1877, elle acha-se em Roma, onde encontra Madame de La Tour (carta de 27 de fevereiro de 1877). Madame de La Tour, então com um pouco mais de trinta annos, tinha-se tornado a "Egérie" de Gobineau que, por ella, ter-se-ia separado de sua mulher. Descendente de uma antiga familia franceza, ella tinha desposado, contra a vontade dos seus, um diplomata, o conde piemontez Victor Sallier de La Tour. (Elle tinha afrancezado seu nome: della Torre); ella seguiu-o em suas peregrinações diplomaticas atravez o mundo e, em breve, se desgostou d'elle. E' em Stockholmo, onde seu marido tinha sido nomeado ministro da Italia, que ella conheceu o conde de Gobineau, de quem será a amiga dedicada e a confidente até a morte, e mesmo depois da morte. "Agrada-nos acreditar, escreveu um dos melhores biographos de Gobineau, que a amizade de Gobineau e da condessa de La Tour foi e será, até o fim, ainda que banhada de ternura, uma dessas amizades sem mancha, um desses casamentos brancos de almas nos quaes dois amantes unem seus destinos no cume de um mundo ideal. Não duvidamos que á esta amizade... Gobineau deva um renovamento, um rejuvenescimento de todo seu ser, uma renascença de suas faculdades artisticas". (4)

Na Allemanha, D. Pedro quer ver Richard Wagner, do qual elle tinha sido um dos primeiros a re-

conhecer o genio. Em 1857, já elle tinha pedido ao musico, ainda muito discutido, para compor uma obra destinada ao *Theatro Lyrico* do Rio de Janeiro e cuja execução elle proprio viria dirigir no Brasil. Mas este projecto ficou gorado. Pois uma sociedade de accionistas patrocinada pelo rei da Baviera, protector de Wagner tinha permitido ao musico fazer erigir em Bayreuth, sobre um plano original cuja primeira idéa pertencia ao musico francez Gréty, o theatro de seus sonhos. A primeira pedra tinha sido lançada a 22 de Maio de 1876, e a inauguração teve lugar em Agosto de 1876, com a representação da *Tetralogia do Annel de Niebelungen*. D. Pedro II, quiz assistir a esta inauguração.

Quando voltou a Paris, o imperador tem, ainda uma vez, Gobineau como guia. E' sobretudo os sabios e os artistas que elle gosta de frequentar. Elle vae em casa de Marjolin (carta de D. Pedro, 26 de Abril). O Doutor René-Nicolas Marjolin (1813-1895) filho do cirurgião de Napoleão I, e elle mesmo medico afamado, pertencia á Academia de Medicina e era presidente da Sociedade de cirurgia da qual tinha sido um dos fundadores. Como Ernest Renan, casado com uma filha do pintor Ary Scheffer, elle reunia em sua intimidade escriptores como seu cunhado, e pintores como Ingres e Horace Vernet, e musicos como Gounod e Rubinstein.

Foi a 22 de Maio deste mesmo anno que D. Pedro conheceu pessoalmente Victor Hugo (5). E nesse tempo que elle foi eleito membro do Instituto de França.

As cartas de Gobineau referindo-se a este periodo, desapareceram. Com certeza, durante sua viagem, o imperador guardou-as com menos cuidado que as outras.

D. Pedro II a Gobineau

Sem data. Provavelmente Outubro de 1875.

Sr. conde,

Eis-me feliz. Minha filha deu á luz uma linda criança. (6) Já o deveis saber. Estão passando ambos admiravelmente bem.

Outra noticia que vos causará certamente prazer. Vou para os Estados Unidos e dahi para a Europa, onde espero tornar a ver-vos. Visitarei Stockholmo em Agosto do anno proximo. Passarei em Pariz a segunda quinzena de Abril e o mez de Maio de 1877.

Recebi vossa carta. Terei grande prazer em ver vossas esculpturas em Philadelphia. Breve vos communicarei meu programma de viagem em que, é inutil dizel-o a Grecia se acha contemplada.

Adeus. Todos os meus falam a meude de vós e dos vossos a quem me recommendo.

Cordialmente.

D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholmo, 27 de Novembro de 1875.

Magestade,

Que eu me sinta feliz com a carta de Vossa Magestade é coisa evidente e que não precisa ser dita,

tanto mais que artigos de jornaes, embora visivelmente mentirosos, me haviam preocupado bastante em relação á saúde da Senhora Princeza Imperial e á do joven principe. Eis-me porem, plenamente satisfeito e não pensando noutra coisa senão na viagem de Vossa Magestade. Entreguei ao rei a carta do Imperador, que me fôra transmittida, e que foi recebida com muita satisfação. O rei mostrou-se solícito em fazer tudo o que puder agradar a Vossa Magestade e, para começar, pediu-me que lhe informasse como devia interpretar a palavra "incognito" que Vossa Magestade sublinhou. Respondi-lhe que, na medida em que o passado espelha o futuro, Vossa Magestade usava esta expressão no seu sentido mais rigorosamente estricto, isto é, desejava em geral que os serviços de honra fossem simplificados, não apreciava as grandes revistas de tropas e estimava, principalmente, a liberdade de ver e ouvir o que a interessa directamente. Perguntou-me o rei se Vossa Magestade accitaria a hospedagem no palacio. Respondi-lhe que o ignorava, principalmente considerando que existe aqui o Grande Hotel, que é excellente, e onde Vossa Magestade talvez pensasse estar mais á vontade, livre de empregar o seu tempo, como melhor lhe approuvesse; repeti sempre, porém, que o Imperador nada me havia dito sobre esses pontos e que eu não fazia senão formular hypotheses. Tomei, a seguir, a liberdade de dizer que seguramente interessaria de preferencia ao Imperador, em materia de homens, conhecer as personalidades scientificas ou literarias. Acrescentei que se o professor Nordenskjold, que acaba de descobrir o estuario do Ienissei, estivesse em Stockholmo, quando da passagem de Vossa Magestade, assim como o professor Hildebrand, grande antiquario sueco e conservador do Museu, Vossa Magestade naturalmente se sentiria feliz. Apressou-se o

rei em dizer-me que agiria de maneira a que elles estivessem. Pediu-me que lhe rogasse resolver soberanamente sobre a maneira por que desejaria ser recebida, acrescentando que fazia questão de não pensar o publico que o Imperador era recebido com menos respeito e honras do que na Dinamarca; que seria reconhecido, por conseguinte, a Vossa Magestade se Ella estabelecesse um equilibrio entre os dois paizes, dignando-se aceitar aqui o que aceitasse em Copenhague, afim de que o governo não fosse objecto de comparações desagradaveis. O rei estabeleceu uma lista das excursões que pensa propôr a Vossa Magestade: as minas de Danemarra, as de Falun, corridas em Dalicarlíe, visita aos castellos de Kalmar, Skooljoster, Gripsholm, ás cascatas de Trollhaltern e, finalmente, uma viagem á Christiania. Em summa, creio que Vossa Magestade terá com que se interessar. A rainha pareceu-me bastante desejosa de ver a Imperatriz. Como Vossa Magestade não diz estar com Sua Magestade, supponho que a Imperatriz virá tambem embora o Imperador não o mencione. Adeus, Magestade. Rogo-lhe obrigar-me a iniciar immediatamente meu trabalho. Nada me poderá ser mais agradavel. Que devo fazer e dizer? Digne-se Vossa Magestade reparir com a Imperatriz e a senhora Princeza Imperial as minhas respeitosas homenagens e não esquecer seu mais dedicado e leal servidor.

Conde de Gobineau.

D. Pedro II a Gobineau

The Arlington.

Washington, 2 de Junho de 1876.

Sr. Conde,

Não vos esqueço nunca. Somente ante-hontem recebi vossas cartas de 30 de Janeiro e 27 de Março. Recebera antes a de 30 de Abril. É-me difficil, durante a viagem, escrever cartas. Aguardai as boas conversações em Agosto.

Rogo nada fazerem de official por mim, na Suecia. Conheceis meus gostos e sabeis quaes as minhas preferencias em viagem. Conto comvosco como sempre.

Transmitti vossas homenagens. Podeis crer na estima de todos os meus e ter a certeza de que possuis sempre, em mim, o mesmo amigo affectuoso.

D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Gastein (7), Agosto de 1876.

Sr. Conde,

Não vos esqueci; mas o tempo é curto para tudo, como bem podeis imaginar. Gastein agrada-me muito. Gosto desse pittoresco um tanto selvagem e perto de meu hotel ha uma cascata magnifica. O ar é muito

puro e creio que minha mulher aproveitará bastante sua estadia aqui.

Vou a Bayreuth (8) para a abertura do theatro do "musico do futuro", mas a 17 ou 18 estarei em Copenhague. Sabeis como executo meus programmas. Con-to chegar a 20 em Stockholmo e vos rever então, ao menos. Permanecerei pouco tempo, porém, na Suecia, onde, espero, me evitarão tudo o que tenha caracter official.

Encontrar-nos-emos de novo em França e ahi então, por algum tempo.

A visita ás duas Universidades de Bonn e Heidelberg foi de grande interesse para mim. Falaremos dis-to assim como do resto da viagem.

Adeus. Contae sempre com a amizade de vosso dedicado

D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

A bordo do "Express", 26 de Agosto de 1876.

Sr. Conde,

Aproximo-me de Hange (9) onde espero botar o pé em terra firme ás 3 horas, depois de ter sido bastante sacudido ao ponto de deitar fóra o que tinha no estomago. Não foi absolutamente uma continuação de Stockholmo, a não ser em pensamento. A costa é um arrecife e o tempo horripelmente humido. Tenho a esperança de que esta recepção na Russia será breve compensada — mas não apenas em imaginação — por con-

trastes agradaveis e que vireis logo encontrar-me. Viaja a bordo um orientalista inglez que se prepara para o Congresso de São Petersburgo. Parece-me profundo, a julgar pelo pacote de jornaes em lingua hindú, que vive a folhear de um modo imponente.

Adeus. Encarrego-vos de cumprimentar por mim essas senhoras que foram tão amaveis para commigo, bem como esse excellente Hildebrand. Escrevei-me; ligae a Succia á Russia por meio de vossas cartas, tão cheias sempre de factos e reflexões intercessantes, emquanto não se faz possivel continuarmos nossas palestras.

Vosso muito affectuoso

D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Bayreuth, 11 de Novembro de 1876.

Gobineau,

Tudo vae bem. A "tourné" de Smyrna muito me interessou. O Museu da cidade está bem iniciado. Tem objectos notaveis; principalmente uma estatua de Bacchus e uma cabeça de Aurelien. Lamento que não o tenhais visto. (10)

A acropole da Velha Smyrna tem muralhas cyclopi-cas muito curiosas, a mil e trezentos pés acima do nível do mar. A montanha está cheia de "tumulus".

Creio que o que chamam de Talanto comporta uma falsa attribuição e deve encontrar-se dos lados de Magnesia.

Vi o baixo relevo de Niobé de que vos mostrarei um esboço feito por mim.

As ruínas de Sardes não são muito importantes. Em Epheso o que mais me commoveu foram as ruínas do estadio e do theatro, principalmente. Mr. Wood ali commetteu imperdoaveis estragos (11), no desejo de encontrar logo membros para o British Museum. No local do Templo de Diana não existe senão uma depressão repleta de destroços. Vê-se muito bem o immenso recinto, essa especie de cidade santa, bem como se reconhece a outra, profanada do Odeon, onde São Paulo pregou. Mas não se percebe, porém, em nenhum lugar o cuidado com que se fez, em Athenas, surgir, por assim dizer, da terra o theatro de Bacchus. Que recordações inapagaveis me deixou esta cidade em toda a minha excursão hellenica! A partir de hoje inicio um mundo novo. O Libano ergue-se na minha frente com seus cumes cobertos de neve, seu aspecto severo como convém a uma sentinella da Terra Santa.

Li vossas "Nouvelles Asiatiques" (12). Felicito-vos de todo o coração por tel-as escripto. E' um de vossos bons livros cheios de originalidade. Todas as novellas me interessam muito, embora, si tivesse de preferir alguma, diria que minha escolha recae sobre a "Guerre des Turcomans". E' um excellent estudo de costumes e as descrições são novas; por exemplo, o ataque dos Turcomans. Não disponho de muito tempo para dizer-vos tudo o que penso de vosso livro demasiado curto. Quando apparecerá a "Fleur d'Or"? Que bôa companhia para uma travessia maritima durante a qual tenho tempo para ler!

Foi só de Rhodes até Chypre que fui bastante sacudido. Não enjoei, entretanto, e espero tornar-me marinho regular depois de minha viagem, isto é, quando estiver em terra. Escrevei-me o mais que puderdes.

Lembranças á vossa Diane, de minha mulher e minhas, e crêde-me que se não vos escrevo mais a meudo é por faltar tempo para fazel-o, pois tendes em mim um amigo sincero.

Vosso muito affectuoso

D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Sem data.

Sr. Conde,

E' inutil dizer-vos que vossas cartas constituem um grande prazer para o amigo ausente.

Cheguei aqui hontem á noite. As ruinas grandiosas de Karhah, o bello templo de Abou-Simbel, com seu colosso sentado, de vinte metros de altura e uma physionomia transparente de admiravel doçura, e tudo o mais que vi nas margens do Nilo magestoso, não me fizeram mudar de opinião sobre a Grecia inigualavel. Em vão tento afastar a lembrança da Acropole para melhor julgar a belleza especial destes monumentos. Sabeis que não costumo exaggerar a expressão de meus sentimentos que são sempre os mais sinceros. Não tenho nenhum interesse em escondel-os e podeis acreditar no que vos digo quando affirmo que aprecio muito vossa amizade, principalmente quando imaginaes dever contrariar-me. Vossos ataques a proposito de Porezzi me espantam, mas comprehendo que prefiraes a estadia em Roma á estadia em Florença. Quanto á questão da superioridade da arte ou da sciencia, muito terei a objectar-vos, em favor da ultima, quando tiver a felicidade de encontrar-vos.

Primeiramente, desejar-vos-ei um novo anno tão feliz quanto possaes desejar, sobretudo em relação á vossa independencia artistica. Espero tambem que elle permittirá a realisação de todos os meus projectos, sendo-me tão propicio quanto o anterior. Conto principalmente com a representação da tetralogia de Wagner em Berlim. Aguardo com impaciencia vossa carta, logo que tiverdes falado com o Principe e a Princeza da Allemanha. Infelizmente não a ouvirei em vossa companhia, pois penso que não deveis abandonar vosso posto por minha causa, salvo se allegardes o desejo de rever vossa patria, onde tereis, assim, a opportunidade de me dizer adeus antes de minha partida. Estou convencido de que o vosso Governo vos concederá uma licença sem intervenção minha. Se as circumstancias fossem as mesmas de Copenhague, ou melhor, da Suecia, sabeis qual seria a minha conducta. Se pudeesse não vos largaria, pois acredito que sejais meu leal amigo e o melhor dos companheiros de viagem. Quantas vezes falei em vós ao nosso amigo Bom Retiro quando encontramos alguma cousa interessante. Sabiamos o interesse que as despertaria e o que, ainda por cima, saberieis realçar em tantas cousas notaveis.

A Palestina foi tambem cuidadosamente visitada por mim e o aspecto dos logares — alguns muito bellos e pittorescos — parecia-me sempre de accôrdo com o character dos factos ali occorridos. A planicie de Estrelon, vista do alto do Thabor, de Jerichó donde se póde quasi escorregar pelas montanhas arredondadas e aridas da Judéa, e a de Saron que vae até ás margens do Mediterraneo, são encantadoras com o lago de Genesareth á beira do qual crescem loureiros rosas. Jerusalem domina quasi toda a Terra Santa pela sua posição muito elevada e provoca uma impressão arrebatadora, qualquer que seja o lado pelo qual se contemple.

Ahi estive tres vezes, alcançando-a, da primeira, pelo lado em que Alexandre o Grande se maravilhou com o aspecto de Jaddus caminhando a seu encontro no alto da collina, diante da qual surge quasi subitamente a cidade. Senti-me, outra vez, muito impressionado tambem. Voltava do convento de S. Sabbea, esse ninho de aguia armado nos rochedos por entre os quaes corre o Cedron com impetuosidade, quando seu leito não se reduz a um amontoado de blocos de pedras escuras; e, depois de ter atravessado os desfiladeiros aridos, Jerusalem, cercada de oliveiras plantadas entre as pedras, pareceu-me um oasis celeste. Segui mais ou menos o caminho que os israelitas fizeram para attingir a terra de Chanaan e vi tudo o que havia de importante. Estudei a Biblia quanto pude.

Não posso, por ora, senão communicar-vos, rapidamente, minhas impressões da viagem a estes dois paizes, tão intimamente ligados na remota antiguidade, accrescentando apenas que encontrei em monumentos de época realmente egypcia, columnas que poderia chamar de doricas, algumas das quaes bastante elegantes. Encontram-se tambem nos baixos relevos figuras deliciosas; creio que os artistas pharaonicos teriam feito cousa muito melhor si não tivessem sido obrigados a submeter-se a certas regras de forma e proporções em todos os seus trabalhos.

Peço-vos enviar esta photographia á vossa filha Diane, transmittindo-lhe minhas homenagens. Mando-a tambem a Schmidt e a Caanaris. Espero que me desculparão o atraso.

Dai-me noticias de vosso Byron e contaí com a amizade de vosso dedicado

D. Pedro de Alcantara.

P. S. Terminarei esta carta no Cairo.

D. Pedro II a Gobineau

Sem data.

Gobineau,

Sabeis como são vossas cartas recebidas por mim. Infelizmente não as posso responder como desejara.

A viagem continua feliz e a Italia é sempre revista com encanto.

Parto ás 2,40 para Roma onde espero encontrar-me o mais brevemente possível com Madame de La Tour e rever-vos pelo menos em ephigie. Ahi de certo, permanecerei até o dia 24, partindo em seguida para Florença. Meu programma é uma realidade apesar do destino dos programmas. Não insistais mais sobre a Walkyria. Segundo o que acaba de me escrever a princeza Imperial, não a poderei ouvir em Abril, em Berlim. A execução dos "Meister Singer" me conviria muito.

Adeus. Lembranças a Mme. de Guldenkrone e caricias a seus gentis filhinhos. E crêde-me sempre vosso affectuoso

D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Sem data
Grande Albergo di Catania
A. Anget e A. Hassler.

Gobineau,

Não quero voltar ao continente europeu, sem enviar-vos estas poucas palavras que as circumstancias me permitem escrever-vos. Dir-vos-ei, em primeiro logar, que não comprehendo a attitude do duque Decazes (13), embora me communicquem que vos darão uma compensação equivalente a redução de vossos honorarios, durante a ausencia motivada pelo meu desejo de gosar de vossa companhia.

A Sicilia interressou-me muito. Que bella natureza e que bellos monumentos! Fez-me pensar na Grecia. Opportunamente conversaremos menos laconicamente.

Parto daqui a pouco para Reggio e penso estar em Napoles depois de amanhã ás 10 horas da noite.

Adeus. Pensei muito em vos, visitando Siracusa e Agrigento. Palermo é uma das cidades mais encantadoras da Italia.

Como vão vossas filhas e vossos netinhos? Acabo de receber uma carta desse excellente Messala. Adeus.

Vosso dedicado

D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Florença, 27 de Fevereiro de 1877.

Gobineau,

Só posso escrever-vos apressadamente. Roma interessou-me muito. Procurei ver o mais possível Mme. de La Tour. Já a estimo infinitamente. E' uma senhora de real merito. Vosso retrato é uma obra prima — semelhança, desenho, côr. A vestal não me agrada e fiz a Mme. La Tour uma observação que ella me disse ter feito igualmente.

Agradeço-vos ter-me proporcionado o conhecimento de uma senhora tão distincta. Já me sinto impaciente por tornar a vel-a.

Estive no atelier de Dupré (14). O Giottino da filha delle é notavel e fiquei muito contente em recebê-lo de presente. Vou collocar-o em São Christovam, no meu gabinete de trabalho. Miss Goldweel encontra-se aqui e espero tornar a vel-a hoje.

Aguardo com impaciencia vossa "Fleur d'Or", que terei duplo prazer em ler, depois de ter tido a felicidade de conhecer a pessoa a quem dedicaes a obra (15).

Adeus. Lamento profundamente não escrever-vos agora tanto quanto as bellas coisas que admiro me levam a desejar, estou certo, porém, de que não duvidais da amizade de vosso dedicado

D. Pedro de Alcantara.



D. Pedro II a Gobineau

Sem data
Hotel Royal Danieli
Veneza, de Genovesi e Campi.

Sr. Conde,

A excursão á Italia encantou-me. Florença e Veneza principalmente.

Minhas impressões se succedem tão numerosas que realmente nada vos posso dizer. Felizmente conversaremos em Pariz, onde penso ser preferivel nos encontrarmos, pois ahi vos achareis naturalmente. Mme. La Tour compartilha de vossa sympathia por mim e a correspondencia della tornou-se tambem um de meus grandes prazeres. Estimo-a dia a dia mais e comprehendo toda a dedicação que a ella devotais.

A Vestal é boa de um modo geral; mas não tem o valor de vosso retrato que é uma obra prima. Pareceu-me ter as pernas demasiado curtas e Mme. La Tour concordou com minha observação.

Que achais dos ultimos versos de Victor Hugo? (16). Nelles encontro bellas coisas.

Adeus. Acreditai que vos escrevo sempre com a mesma satisfação e lamento infinitamente não poder fazel-o mais a mende. Adeus. Recommendações a Mme. Guldenkrone e caricias a vossos netinhos. Estarei amanha em Milão e a 16 em Vienna.

Vosso dedicado

D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Vienna, 21 de Março de 1877.

Sr. Conde,

Felizmente posso responder immediatamente á vossa carta de 19, que acabo de receber.

De accordo com o que vós me escrevestes anteriormente sobre vossa disponibilidade, eu devia, por delicadeza, evitar qualquer palavra que suggestisse um consolo, que não correspondesse a um desejo que a vós competia fornecer-me os meios de satisfazer. Obrigado, pois pelo appello á minha amizade, que nunca se desmentiu e que poderia magoar-se com razão do atraso desta solicitação, como se houvesse necessidade, para isso, de me encontrardes em Berlim. Se vos marco encontro em Pariz, é porque ahí tendo a vossa casa ninguém poderá invejar uma amizade de que não tendes o direito de duvidar e cuja reciprocidade vos cabe provar agindo com toda essa franqueza que aprecio. Para que tudo se faça do modo que mais me agrada, direi a Macedo que vos escreva a proposito de uma estatua que vos encommendei ha muito e pela qual elle deve remetter-vos 15.000 francos. (17)

Pego-vos recommendar-me a Mme. Guldenkrone e crêr, confiante na minha amizade, nos sentimentos de vosso muito affectuoso

D. Pedro de Alcantara.



D. Pedro II a Gobineau

Berlim, 4 de Abril de 1877.

A. Mulhîng.

Grande Hotel de Roma.

Berlim.

Unter den Linden, 39

Gobineau,

Obrigado pela vossa bôa carta. Cheguei hontem e só hoje iniciarei o que tenho a fazer. A princeza Imperial já me falou em vós do modo por que eu-o esperava. Prometti-lhe vossas "Nouvelles Orientales". (18) Peço enviar-nos um exemplar.

Estarei em Pariz o mais tardar a 19. Ha muito não recebo noticias de Mme. La Tour.

Adeus. Até breve.

Vosso muito affectuoso

D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Pariz, 23 de Abril de 1877.

Gobineau,

Estive em vossa casa hontem mas só devieis voltar á noite de Trye. Quererieis encontrar-me mais tarde no

Vaudeville, que começa á 1 hora e meia? Occuparei os camarotes 20 e 22.

Vosso muito affectuoso

D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Pariz, 26 de Abril de 1877.

Gobineau,

Podeis pensar que escrevo ás vezes “à la minute”, por assim dizer. Depois que vós fostes embora, lembrei-me de que poderia ir á vossa casa amanha, á 1 hora e meia e dahi á casa dos Marjolin. (19)

Peço-vos prevenil-os. Adeus.

Vosso muito affectuoso

D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Pariz, 30 de Maio de 1877.

Gobineau,

Tenho tanto que fazer que não me foi possível ainda ir á vossa casa.

Se vos tivesse encontrado teriamos conversado uma hora, o que me teria causado grande prazer.

Não me esqueço da visita aos Delaroche, mas não a poderei fazer, bem como a de despedida aos Marjolin, senão no dia 8 de Junho, entre 11 e 1 hora.

Irei buscar-vos em casa. Espero-vos no hotel uma destas tardes para trocarmos algumas palavras ao menos.

Muitas lembranças á vossa filha e aos Messala. Ah! se tudo pudesse andar tão depressa quanto o pensamento!

Espero encontrar-me com o presidente um destes dias.

Vosso muito affectuoso

D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

8 de Junho de 1877.

Grande Hotel
Boulevard des Capucines.
Pariz.

Gobineau,

Estarei em vossa casa entre 11 horas e meio dia.
Cordialmente

D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

(De Londres), 29 de Junho de 1877.

Gobineau,

Em Londres é-me ainda mais difficil achar tempo para tudo Primeiramente as distancias são enormes e não encontro tão pouco as mesmas facilidades que em França, que lamentei profundamente deixar por causa dos amigos que ahí possuo, entre os quaes occupo um dos primeiros logares.

Os Blunt me agradaram muito, o mesmo não acontecendo com os modelos do monumento de Byron. O escolhido não tem nenhum caracter. Creio que se deveria esperar ainda.

Minha viagem á Bretanha foi interessante. Encontro explicação para os "dolmen" mas não para as immensas fileiras de "menhirs".

Já visitei aqui bellas galerias e as indicações de nossa excellente amiga miss Godwell muito me auxiliaram. Mme. e Mlle. de Kantzof foram tambem muito amaveis e falámos varias vezes em vós.

Adeus. Parto no dia 1.º para a Escocia e irei tambem á Irlanda, mas a 13 estarei de volta a Calais para continuar meu programma da Hollanda e da Suissa.

Adeus. Lembranças á vossa filha Diane. Contai sempre com a velha amizade de vosso muito dedicado

D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Lisbôa, 4 de Setembro de 1877.

Gobineau,

Parto no dia 8 para o Brasil, onde recordarei sempre os dias excellentes que juntos passámos. Nossa correspondencia diminuirá um pouco minhas saudades; faço votos fervorosos, entretanto, para que nos encontremos de novo. A leitura de vosso ultimo livro (20) muito me interessou. Nelle mostrais conhecer perfeitamente o character italiano e alguns dos personagens mais notaveis dessa época revivem em vossa obra, como Cesar Borgia, Julio II e Miguel Angelo. As duas phases da vida deste ultimo estão muito bem expressas, assim como o contraste entre os dois grandes artistas, os criadores de Moyés e da Madonna. Espero que a opinião publica tenha feito justiça ao vosso trabalho, principalmente na Italia. Encontrei aqui o ministro da Hollanda e sua esposa, que vos conhecem bem e com os quaes tive o grande prazer de conversar. Espero tornar a vel-os em casa do ministro do Brasil, esta noite.

Peço-vos recommendar-me á vossa filha, crendo-me sempre

vosso muito dedicado

D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 1.º de Outubro de 1877.

Gobineau,

Eis-me entregue ás minhas occupações habituaes. Sinto-me bem nesta actividade o que aliás eu esperava,

como comentámos por occasião de um de nossos passeios a Odessa. A viagem foi optima e encontrei todos os meus em perfeita saúde. Terminei a bordo o ultimo livro de Renan (21) que me interessou bastante onde elle cita, muito a proposito, vosso livro sobre o *babismo*.

Que fazeis no momento? Espero que me fallareis sempre do que mais vos interessa.

E a guerra do Oriente? Provavelmente após uma desforra da parte da Russia, far-se-á a paz. Sabeis o que penso a esse respeito.

Lembrei-me, hontem, com muitas saudades dos nossos bons domingos.

Como está vossa filha Diane? Peço-vos enviar-lhe assim como a todos os seus, lembranças do

Vosso muito affectuoso
D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 24 de Dezembro de 1877.

Gobineau,

Estou muito contente em saber-vos tão occupado. O trabalho é tambem o meu grande consolo e, no entanto, não tenho a athmosphera artistica no meio da qual viveis, para me proteger contra os miasmas da politica.

É bem viva a lembrança que guardo da cidade de Este e peço-vos para dizer ao Cardeal Hohenlohe que gostaria muito de vel-o papa para o bem da catholicidade.

Não deixeis de me dar sempre noticias dos frequentadores do Cardeal assim como daquelles que certamente vos fallarão de mim e que tenho em grande estima como o barão Rosa, amigo do Cardeal.

Já lestes o trabalho de Minghetti? Segundo um artigo da *Nuova Antologia*, parece-me ser muito importante como tudo o que Minghetti escreve. Conheceis o Padre Cursi de quem tanto se falla actualmente? O que pensam delle na sociedade do Cardeal Hohenlohe?

Peço-vos para me dar informações de um artista, nascido no Brasil, mas de familia italiana, que estuda no "atelier" do esculptor Monteverde. Eu o creio dotado de muito talento.

Parto amanhã para Petropolis onde posso levar uma vida mais a meu gosto. Lá desfructo melhor da luxuriante natureza de meu paiz, e sobra-me mais tempo para ler e estudar.

A sra. de Latour escreveu-me e aprecio cada vez mais suas excellentes qualidades que lhe valerão, sem duvida, solidas amizades.

Emfim tendes muitas cousas interessantes para me dizer em vossas cartas nas quaes gosto sobretudo de encontrar sempre os sentimentos que vos retribuo de todo coração.

De Petropolis escrever-vos-hei mais a miude. Transmitti a toda minha familia a qual vos agradece, a expressão dos vossos sentimentos. Muitas lembranças á vossa filha Diane e crêde-me sempre

Vosso muito affeiçãoado

D. Pedro de Alcantara.

NOTAS

(1) *Correspondance avec le comte Prokesh-Osten*, ob. cit. p. 406.

(2) As cartas de Gobineau sobre sua viagem com o imperador foram publicadas pela *Revue Critique* (Paris, 1.º Fevereiro de 1923) com uma apresentação de Paul Souday.

(3) Fragmentos da viagem do Imperador ao Oriente foram publicados na "Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro" sob o titulo: "Diario da viagem ao Alto Nilo, feito pelo imperador D. Pedro II em 1876, (LXXII, 2.ª, 217.)

(4) Maurice Lange: *Le comte de Gobineau*, p. 226.

(5) Voltaremos a fallar mais detalhadamente sobre essas relações, em um volume em preparação, composto de numerosos ineditos, e intitulado: *D. Pedro II e os escriptores francezes de seu tempo*.

(6) O principe D. Pedro, principe do Gram-Pará, nascido a 15 de outubro de 1875, em Petropolis.

(7) Valle austriaco, afamado por suas aguas thermicas.

(8) Ver pagina 211.

(9) D. Pedro já esteve com Gobineau, com quem em breve se encontrará na Russia.

(10) D. Pedro II e Gobineau separaram-se em Athenas (Outubro de 1876).

(11) O imperador protestou publicamente contra o vandalismo dos viajantes que, sobre pretexto de guardar lembranças, devastavam os thesouros artisticos e scientificos do paizes do Oriente e particularmente do Egypto. Esta protestação causou tal impressão que o Instituto Egypcio do Cairo mandou inseril-a em seu livro de ouro e tomou medidas immediatas para impedir

o vandalismo denunciado por D. Pedro. (Ver "Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro", tomo 75, 2.^a parte, pagina 131).

(12) Livro publicado emfim pela casa Didier Perrin, Pariz, neste mesmo anno.

(13) Ver pagina 211 (Ludwig Schemann — *Gobineau, Eine Biographie*, tomo II, p. 398).

(14) Jean Dupré (1817-1882). Apesar de seu nome francez, este esculptor é italiano, por bem dizer de origem lorena. Cèlebre sobretudo por suas obras religiosas.

(15) *La Fleur d'Or (La Renaissance)* será, com effeito, dedicada á Mme. de La Tour.

(16) *L'Art d'être grand-père* (1877).

(17) Ver pagina 212.

(18) Antes: *Les Nouvelles Asiatiques*.

(19) Ver pagina 213.

(20) *La Renaissance (La Fleur d'Or)* publicada pela casa Plon-Nourrit, Pariz.

(21) *Dialogues et fragments philosophiques*.

CAPITULO XI

ANNO DE 1878: GOBINEAU EM ROMA

A SITUAÇÃO EUROPEA

D. Pedro chegou ao Brasil e retomou suas occupa-
ções profissionacs. Elle teme “os miasmas da politi-
ca”. Mas muito dedicado a seu povo, elle lamenta as
seccas do Norte e, em companhia da imperatriz, em Se-
tembro, vae a São Paulo, cujo desenvolvimento prodi-
gioso se accentua dia a dia. “Eu espero, escreve elle a
8 de setembro, alguns dias antes de sua partida, ver os
trabalhos da estrada de ferro e tudo que interessa os
progressos desta provincia, muito mais activa que as ou-
tras”. Em seus raros minutos disponiveis, após o sans-
krito, elle estuda o arabe.

Gobineau, reformado, separado definitivamente de
sua mulher, vae viver em Roma perto de Mme de La
Tour. Elle aproveita mesmo de uma curta estadia em
França, na qual encontra-se com o conde e a condessa
d’Eu, para vender sua propriedade de Trye e romper
assim com os ultimos laços que o unem a França. Seus
projectos de livros são mais numerosos que nunca: a
tradueção completa do *Koush-Namèh*, uma *Histoire de
sa famille*, a segunda edição de *l’Inégalité des Races Hu-
maines*, um livro sobre a Hespanha, um outro sobre o
poder russo na Asia. Mas desde esse tempo é a escul-

ptura que tem um lugar privilegiado nas suas preocupações intellectuaes.

Os negocios de Roma, onde elle é um observador de primeira ordem, serão o objecto de algumas de suas cartas á D. Pedro. Com effeito, durante sua permanencia na cidade eterna, o imperador conheceu um certo numero de personagens da côrte real e da côrte pontifical. Entre os prelados, elle estima particularmente o cardeal de Hohenlohe.

Gustave Adolphe principe de Hohenlohe-Schillingenfurst, (1823-1896) que era padre, tinha-se fixado em Roma e em 1849 acompanhou o papa Pio IX a Gaète que o havia nomeado bispo *in partibus* d'Esse, depois, em 1866, cardeal. Quando as tropas italianas occuparam Roma, o cardeal retirou-se para a Allemanha onde, como prussiano (nascido em Rotembourg, perto de Fulda) tentou reconciliar o imperador Guillaume e a Santa-Sé. Isto foi em vão, pois Pio IX recusou-se a recebê-lo como embaixador. Hohenlohe voltou a Roma justamente no momento em que D. Pedro lá se achava. Suas relações amistosas com Crispi, ministro de Victor-Emmanuel tornaram-no suspeito. Após o papado de Leão XII, do qual foi quasi concorrente á séde pontifical, elle não mais teve influencia, na côrte pontifical pelo menos. Uma outra pessoa da qual o imperador guardou uma excellente lembrança é Marco Minghetti (1818-1886). Reputado por seus trabalhos de economia politica, membro correspondente do Instituto de França, Minghetti tinha-se ligado, desde a origem, ao movimento liberal de 1848, para o qual o reinado de Pio IX tinha dado o signal. Elle fez parte do primeiro ministerio laical que obteve do papa a promulgação do estatuto fundamental ou constituição dos Estados Romanos. Amigo de Cavour e, em 1860, graças a este, nomeado ministro do interior, depois presidente do Con-

selho, foi elle que assignou com a França a convenção de 15 de Setembro de 1864, na qual a Italia promettia não mais atacar o que restava dos Estados Pontificaes. Esta convenção irritou os partidarios da união italiana, pois Florença e não Roma seria a capital do reino e provocou um sangrento movimento em Turim, e a demissão do ministerio. Minghetti, então chefe parlamentar da direita, subiu ao poder em 1873. Em 1876 retirou-se definitivamente da politica.

A questão do oriente interessa tambem D. Pedro e elle pede a opinião de Gobineau, que pensa escrever um livro a esse respeito.

Alexandre II, imperador da Russia, levado por seu povo que queria a libertação dos Slavos sujeitos ao Sultão, acabou por declarar a guerra á Turquia (24 de Abril de 1877). Após uma serie de rapidas victorias, os Russos foram repellidos por Osman-Pacha deante de Plevna, cidade aberta transformada de improvisio em campo de batalha que elles em vão tentaram tomar (julho-setembro de 1877). Foram salvos de um desastre graças á intervenção de seus alliados, os rumenos. Assim como prevê D. Pedro II, bem depressa elles tomaram sua desforra e chegaram, depois de uma bem dura campanha, ás portas de Constantinopla (31 de Janeiro de 1878). O Tratado de San-Stefano, (3 de Março de 1878) que faz cessar a lucta teve, como resultado, desmembrar a Turquia da Europa. Entretanto, o tratado de San-Stefano provocava as protestações da Inglaterra e da Austria; a primeira temia a preponderancia russa, a segunda queria sua parte nas conquistas. As duas potencias, apoiadas pela Allemanha, exigiram da Russia que, em virtude do tratado de Paris (1855), o tratado fosse submettido ao exame da Europa. O Congresso, reunido em Berlim sob a presidencia de Bismarck (13 de junho - 13 de julho 1878) resolveu a questão do orien-

te conforme aos receios da Inglaterra, a ambição da Austria e aos rancores pessoases de Bismarck, e assim, longe de ser uma obra de paz, elle creou difficuldades mais graves ainda do que aquellas que já existiam. Gobineau via bem claro. Uma segunda guerra dos Balkans (1912-1913), devia ser a consequencia desse tratado, do mesmo modo que, por outro lado, a conflagração mundial de 1914.

Em 1878, o visconde de Taunay, de passagem por Roma, não deixou, a pedido insistente do imperador, de ir visitar Gobineau, (Visconde de Taynay — *D. Pedro II*, p. 193).

D. Pedro II a Gobineau

Petropolis, 22 de Janeiro de 1878.

Gobineau,

Sinto muita necessidade das vossas palestras, ao menos por escripto. Goso, aqui, de uma natureza esplendida e de mais repouso para estudar e ler, mas falta-me a companhia que procuro. Muito obrigado pois por vossa carta de 16 de Dezembro.

A epoca do conclave deve ser surprehendente de interesse e ella vos lembra um pouco as cartas do Presidente de Brosses (1). Confio ainda no bom senso humano e espero que a escolha seja tal como o exige a nossa epoca.

Senti sinceramente a morte de Victor-Emmanuel. (2) Tive a felicidade de apreciar suas boas qualidades e temo que a Italia se resinta de tão grande perda. Ganhrou-se apenas uma rainha digna desse nome.

É bem verdade o que dissestes acerca das obras da actualidade e espero com impaciencia o vosso livro so-

bre a *Histoire d'une famille* assim como a photographia de vossa *Pia de Tolomei* que me tornará mais agradaveis as recordações de tudo quanto me interessou em Sienne. Já estivestes lá? Não deixeis de visitar essa cidade unica no genero da idade-media.

Trabalhai; trabalhai como o fazeis no meio de tantos primores de arte! Isto será para vós um grande consolo, e eu vos invejo, pois vejo-me cercado de miasmas politicos.

Todos os meus vos retribuem cordialmente as lembranças; de minha parte não necessito dizer-vos o quanto lastimo a vossa ausencia.

Adeus!

Vosso muito affeçoado

D. Pedro de Alcantara.

Peço-vos recommendar-me a vossa filha assim como aos vossos pequeninos gregos.

D. Pedro II a Gobineau

Petropolis, 7 de Fevereiro de 1878.

Gobineau,

Tenho a dar-vos apenas a noticia do feliz parto, a 26 de Janeiro. (3) E' um novo bebé, muito forte e que, creio eu, será tão bonito como o mais velho cuja photographia vos envio como prometti.

Em geral, todos vão bém de saude, e eu occupando-me sempre segundo meus habitos.

Aqui, passeio a pé todas as manhãs. O tempo hontem esteve esplendido e hoje tivemos um pôr de sol de extasiar os artistas.

Muitas lembranças á vossa Diane e ás suas tão lindas crianças.

Adeus! Sempre

Vosso muito affeiçoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

19 de Fevereiro de 1878.
Roma, 18 via Cavour.

Magestade,

Tenho em mãos a carta de Vossa Magestade data-da de 24 de Janeiro e estou contente por saber que o Imperador está em Petropolis. Certamente os aborre-cimentos sobem até lá; mas creio no emtanto que al-guns ficam pelo caminho e que uma boa parte dos que lá chegam já estão mais adoçados. Por duas vezes fui procurar o Cardeal Hohenlohe sem conseguir encon-tral-o, mas elle não ignora todas as gentilezas de Vossa Magestade para com a sua pessoa. Fil-as che-gar até elle pela princeza Wittgenstein. Um que se lembra muito do Imperador é o Senhor Minghetti. Juntos conversámos uma parte da noite de hontem. Ha poucos homens tão sympathicos quanto elle. Li o seu livro, assim como o do Padre Curci. Confesso, Magestade, que os esforços de ambos parecem-me insuf-

ficientes para accommodar as cousas que caminharam depressa nestes ultimos mezes. Trata-se realmente agora de desembaraçar a Igreja das influencias jesuiticas, como era desejo do Padre Curci e do Cardeal? As cousas accommodar-se-ão reconciliando-se a Igreja com o Estado e separando-os, conforme o desejo do Senhor Minghetti? Receio que hoje em dia o que é disposição anti-catholica não se contente com taes compromissos. O Kulturkampf vae muito mais longe, por toda parte e, mesmo na Turquia, o que poderia se manter de pé ainda por muitos annos, parece já não ter grande prestigio. O mundo moderno é levado por uma especie de gravitação que caminha, neste momento, com uma velocidade redobrada e creio que muitas cousas quebrar-se-ão antes que se tenha tempo de salvá-las.

Informei-me acerca do joven esculptor Bernardelli (4) de quem Vossa Magestade me falla. Vi em casa delle um grande baixo-relevo começado para a Academia do Rio: *o martyrio de São Sebastião*. Ha muito talento nessa obra e o Senhor Bernardelli mostrou-se um homem muito trabalhador e de espirito absolutamente distincto. Puz na Exposição de Roma diversos trabalhos, entre outros uma pequena estatua de um metro de altura, de que já fallei a Vossa Magestade e cuja photographia junto a esta carta. Desejo muito que ella agrade a Vossa Magestade. Esta pequena *Pia Tolomei* parece despertar interesse entre as pessoas que a tem visto. E' o gosto do seculo XVIII, por conseguinte um reflexo do meu *Amadis* e de minhas preferencias. A estatua que estou fazendo para Vossa Magestade está adiantada mas não quero apressal-a e nella ponho todos os meus cuidados. Fiz, mais ou menos, a metade da segunda parte do *Amadis*; estou terminando um livro politico intitulado: *La IIIe. République*

française et ce qu'elle vaut. (5) Conto publical-o o mais depressa possível. Vossa Magestade espera que eu diga sem rodeios o que parece justo e verdadeiro em cada partido. Assim farei. Creio que não escreverei muitas cousas delicadas sobre este assumpto. Prosigo meus livros e meu "atelier" toma, naturalmente, a maior parte de meu tempo. Estou muito interessado pela sociedade romana. Embora ahi encontre, como em toda parte, uma somma consideravel de gente sem valor, mas esse numero não é o que predomina e é uma convenção admittida que, neste ponto, as realidades intellectuaes vão antes das phrases. Vossa Magestade conhece a Condessa Donhoff, a grande amiga da baroneza de Schleinitz. Essa senhora tem muita graça e talento. Ella passa o inverno aqui. Ainda não consegui encontrâr nem Rosa nem Rossi, pois perdendo a manhã, o dia está perdido e elles só são encontrados pela manhã. Vi o Visconti revoltado pelas demolições que se fazem das ruinas antigas. Elle tem razão. Penso como elle. Mas em que epoca, em Roma, não se fez outro tanto e peor? *Quod non fecerunt barbari, fecerunt Barberini.*

Adeus, Magestade; estou como sempre ao vosso dispor e peço-vos não esquecer-me recebendo a homenagem constante do mais profundo e affeioado respeito que transmittirá igualmente á Imperatriz e á Senhora Princeza Imperial com mil expressões da mais inteira e completa dedicação.

Conde de Gobineau.

Gobineau a D. Pedro II

Roma, 18 via Cavour.

7 de Março de 1878.

Magestade,

A Senhora Condessa de La Tour encarrega-me de dizer á Vossa Magestade que recebeu suas cartas e que muito agradece. Ha um mez mais ou menos, estando em seu "atelier", ella poz sobre o fogão uma especie de bola de zinco que lhe havia dado a princeza Wittgenstein e que continha agua quente. E esqueceu-a lá. Quando ella quiz tiral-a do fogo a peça abriu-se em duas partes, a agua fervendo saltou até o tecto, a condessa caiu por terra. Ella poderia ter morrido ou ter ficado toda queimada; sua mão direita ficou machucada e, o que a principio não se tinha visto, fracturou um pequeno osso do dedo annular. Acreditando ser apenas uma forte contusão, pois sua mão estava muito inchada, ella continuou a servir-se da mesma e é preciso que se diga para a honra da sciencia que dois medicos muito a encorajaram para que assim fizesse. Agora o osso está collado um pouco torto. Não se pode mais endireital-o e, provavelmente, ficará sempre uma pequena depressão anormal; mas o cirurgião diz e é razoavel que depois de ter supportado a atadura por uns quinze a dezoito dias os musculos retomarão toda a facilidade de seu jogo e que a Condessa poderá como de costume pintar e tocar. Mas é certamente um momento bem penoso a passar e a Condessa o supporta com um heroismo e uma grandeza de alma tanto mais admiraveis pois ter a mão assim enfaixada, amarrada,

inutilizada e comprimida, é tudo o que possa haver de mais desagradavel. Eis o que estou encarregado de explicar a Vossa Magestade e porque a Condessa não pôde responder por ora ás cartas do Imperador tendo sua mão direita nesse triste estado.

Acreditou-se a principio que Leão XIII (6) seguisse logo de inicio caminhos completamente diversos dos de Pio IX. Elle escolheu, com effeito, camareiros secretos velhos, plebeus, sabios e não mais jovens monsenhores elegantes e de boa estirpe. Mas conservou a guarda palatina que havia licenciado; chamou novamente Mgr. Macchi que elle mesmo havia dito não mais querer; não esteve em São João de Latrão, idéa que lhe haviam attribuido e, fechado no Vaticano como seu predecessor, elle espera o tempo para decidir-se e talvez tenha razão. Emquanto isso, agita-se o mundo governamental porque o Senhor Crespi tem duas mulheres, o que é com effeito, insolito. Vi o Amari ha poucos dias e recebi novos livros persas de Téhéran. Não sei si é puramente o choque destas duas circumstancias ou alguma revolução climaterica que se produz em mim, mas experimento como que um paixão para traduzir o *Koush-Namèh* (7) do qual tanto fallei em minha historia dos Persas e acompanhar esse livro de uma infinidade de notas e explicações abrangendo tudo o que se sabe acerca da historia oriental (Asia Central musulmana e iraniana) até o seculo XIII. Mas isto seria um trabalho enorme. Tenho uma encommenda que muito me agrada, pois a esculptura é o que mais gosto. Trata-se do busto da Rainha Margarida para a Sicilia, Palermo creio eu. Estou muito occupado e espero terminar satisfactoriamente. Adeus, Magestade, sinto-me feliz em ter sabido pela Senhora de La Tour do nascimento de um novo principe...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 15 de Março de 1878.

Gobineau,

Não posso escrever-vos agora mais do que poucas palavras. Vossa *Pia* agrada-me. Ha nella algo da idade media e sabeis que eu tambem tenho enthusiasmo por essa epoca. Acabo de receber a vossa carta tão interessante de 18 de Fevereiro e quizera respondel-a como ella merece. Sempre pensei que o Papa devia manter-se como tal com toda liberdade como si nada impedisse os seus passos. A Italia tem nisso tanto interesse como o proprio Papa e ella acaba de dar um bello exemplo pro occasião da morte de Pio IX e da eleição de Leão XIII. Este ultimo fez bem em escolher Franchi em lugar de Simeoni cujas maneiras me desagradaram. Em minha proxima carta, nisso fallarei lembrando-me dos bons dias que juntos passamos.

Que me dizeis da conducta da Grecia? (8) Nosso amigo Messala deve estar muito aborrecido com isso.

Vossa França acaba de perder sabios bem eminentes e os trabalhos de Claude Bernard, (9) encaminhados com tanta consciencia, não tinham somente importancia para o verdadeiro conhecimento da parte material do homem. Estais lembrado de nossa discussão sobre o alcance das sciencias e das artes?

Sim, a politica, tal como é geralmente praticada, desagrada-me muito, sobretudo quando penso nas sciencias e nas bellas-artes; mas os sacrificios encorajam-me, e meus amigos não precisam preoccupar-se com os meus desabafos. Estou muito satisfeito com o que me dizeis a respeito do pequeno Bernardelli.

Adeus! Procurai todos os meus amigos de Roma e fallai-me delles em vossas cartas.

Não tenho tempo para escrever, ainda que raramente a cada um.

Muitas lembranças á Diane e aos vossos gentis netinhos. Todos os meus vão bem e o meu netinho mais novo baptisou-se hontem.

Minha familia lembra-se sempre da affeição que nos dedicais.

Vosso muito affeicionado,

D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Roma, 18 via Cavour.
31 de Março de 1878.

Magestade,

Mil vezes obrigado pela linda photographia do joven principe. Ella casou-me uma grande alegria e fiquei muito satisfeito em ver que Vossa Magestade não se esqueceu da promessa que gentilmente me havia feito. A mão da Senhora Condessa de La Tour tem melhorado, muito lentamente, mas já está quasi bôa, e espero que este accidente não deixará sinão pequenos vestigios e principalmente nenhuma fraqueza nos dedos attingidos. Vejo muitas vezes Amari de que muito me vanglorio. E' provavel irmos, eu sob sua direcção, ao Congresso dos Orientalistas em Florença no mez de setembro do qual é o Presidente. Elle insiste energica-

mente a que eu emprenda a traducção completa e a publicação do Koush-Namèh, manuscripto unico de minha collecção de que muito fallei na minha Historia dos Persas principalmente no tocante ás epochas mui remotas. Citarei o texto persa, com notas e explicações. Já escrevi a esse respeito para a India e Téhéran. E' um trabalho enorme que me tomará alguns annos. Mas creio que no ponto de vista scientifico, haveria proveito em levar avante essa empresa. Estou muito satisfeito com o successo da *Pia* e creio que já tive a honra de dizer a Vossa Magestade que me encommendaram um grande busto da Rainha Margarida. Elle está bem encaminhado e é destinado á Sicilia. Meu "atelier" é muito visitado actualmente.

Ousarei fallar do Papa a Vossa Magestade? Sinto um certo escrupulo receando dizer ao Imperador apenas aquillo que elle sabe melhor do que eu. Mas, esperando que Vossa Magestade m'o assevere, observo no emtanto que a sahida das carruagens do Vaticano para ir procurar o embaixador da Hespanha causou uma certa impressão. Isto não se via desde 70. E' certo que no dia da Eleição, Sua Santidade quíz dar a Benção sobre o Balcão de São Pedro e em praça publica. Mas ante a opposição de toda a assistencia dos Cardeaes e dos Prelados, o Santo Padre cedeu. E' mesmo bastante provavel que elle acabe por sahir e tomar uma attitude muito differente da de Pio IX. Elle acaba de vender as carruagens e os cavalloos que, por um abuso revoltante, se conservava sem nenhuma utilidade para os empregados do Vaticano. Ouço dizer que o padre Curci não é mais do que o balão de experiencia de sua companhia que se prepara a retomal-o, allegando ter cedido apenas ante a opposição de Pio IX. Mas isto é talvez muito subtil.

Vossa Magestade conhece o triste estado das finanças de Florença. E' um *tolle* universal contra o municipio. O que promete ser curioso, são as eleições. O novo Ministerio, ainda que inteiramente radical, formou-se com difficuldade e assim mesmo accitando tres conservadores entre os quaes o Sr. Cairolí que mudou quasi no dia de sua nomeação. E' preciso dissolver a Camara. Si Leão XIII enviar os eleitores clericos ás eleições, o partido avançado tornar-se-á bastante franco...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 15 de Abril de 1878.

Gobineau,

Não preciso dizer-vos tudo o que me faz lembrar vossas cartas tão interessantes. Quizera responder á vossa de 7 de março da mesma maneira; mas a politica e principalmente o estado de algumas provincias do Norte que continuam a soffrer com a secca, não me deixam o espirito bastante livre para gosar com o que se refere ás artes e ás sciencias.

Para vós felizmente, a paixão da esculptura vos domina, e estou certo de que fareis um lindo busto da encantadora rainha da Italia.

Fallai-me della que foi tão bôa para minha senhora e para mim, assim como de todos os que conhecemos em Roma.

Creio que o novo Papa está agindo com prudencia e não perco esperanças de que as relações da Santa-Sé com o poder civil tornar-se-ão cada dia mais conformes com o que ha de razoavel, e por conseguinte de duravel

nas idéas do seculo. Quanto a Crispi, que, segundo consta, não tem somente duas mulheres, mas quasi o numero tolerado pelo Koran, e outras personalidades politicas, eu os creio mais ou menos ephemeros. Não foram elles que fizeram a unidade da Italia.

Todos vão bem de saude tanto aqui como em Petropolis onde meus filhos e os meus netinhos mais novos ficarão até as vespervas de sua partida para a Europa, que se dará a 1.º de Maio.

Agradeço as vossas felicitações pelo nascimento do pequeno Luiz que é uma linda creança. Seu irmão mais velho revela uma excellente intelligencia e o seu braciinho está melhor. No emtanto sua cura completa é o principal motivo da viagem de meus filhos á Europa.

Escrevi á Snra. de Latour e lastimo profundamente o accidente que felizmente, não foi o que se poderia recear com a pequena machina infernal da princeza Wittgenstein.

Durante a minha estadia em Petropolis, dediquei-me um pouco ao estudo do arabe que começo já a traduzir com certa facilidade. E' um novo motivo para que eu me interesse ao conhecimento do Oriente e não posso sinão animar-vos a dar proseguimento ao vosso projecto de traduzir o *Koush-Namè* acompanhando-o de notas tão preciosas para aquelles sobretudo que não poderiam, sem um guia, penetrar essa historia tão cheia de trevas.

Adeus! Recommendações minhas á Snra. Guldenkrone e aos vossos gentis netinhos, e com a expressão dos sentimentos que toda minha familia vos consagra, sou como sempre

Vosso muito afeiçãoado
D. Pedro de Alcantara.

· Gobineau a D. Pedro II

Roma, 13 de Maio de 1878.

Magestade,

Tenho em mãos a carta de Vossa Magestade datada de 15 de Abril. Estou inquieto com os aborrecimentos que a politica e sobretudo os effeitos da secca no norte causam ao Imperador, e espero que tudo isso haja melhorado. Acabei, ha uns oito dias o busto da Rainha da Italia. Todos o acham bonito e seria um crime fazer outra cousa do retrato de uma tão encantadora creatura. Ella é verdadeiramente amavel e attrahente no mais alto grau. Todas as pessoas que tiveram a honra de ser aqui apresentadas a Vossa Magestade, fallam-me nisso amiudadas vezes. Vejo sempre o Senhor Minghetti que é um espirito esclarecido e agradavel, e Bonghi cujo temperamento litterario é sobretudo uma appetencia geral em saber uma porção de cousas para poder immediatamente escrever seja lá o que fôr. Massari é um homem que se aprofunda mais nos assumptos. Elle vai publicar por estes dias um livro bastante curioso mas provavelmente incompleto sobre a vida do Rei Victor Emmanuel. Não é possivel relatar a historia numa tão curta distancia das pessoas. Elle teve nas mãos cartas extremamente interessantes. Entre outras, uma de 1851 onde o Rei dizia a seu correspondente: o futuro imperador será levado a fazer a guerra e serei seu alliado si elle fôr o mais forte. Tenho visto tambem o commandante do... (10) que continúa suas investigações, mas faço de Amari, o historiador dos Musulmanos da Sicilia, um caso particular. Vejo-o a miudo e elle

agrada-me muito. Elle ficará satisfeito em saber que Vossa Magestade está se dedicando ao estudo do arabe. Supponho que Vossa Magestade tem as fabulas de ... (10). Penso que no dia 15 deste mez apparecerá no *Correspondant* a primeira parte do meu livro: *Le Royaume des Hellènes*. Nelle direi onde estão os Gregos. Mas julguei indispensavel começar por mostrar tudo o que os Europeus têm dito e feito de loucuras a seu respeito desde 1816 até hoje. Os Inglezes começam a interessar-se muito. Por mim aconselharia aos Gregos para que não se fiem nem nos Inglezes nem em seu actual interesse mas que se mantenham o melhor possível com os Russos que, definitivamente, hoje ou dentro de um anno ou dois, serão certamente os senhores da situação.

Nunca tive tanto e tão variado trabalho como agora: esculptura, historia, a segunda parte do *Amadis*, o *Royaume des Hellènes*, a traducção do Koush-Namèh, o conjuncto caminhará mais ou menos depressa, mas acabará por chegar a seu termo. Vou para Trye lá pelo mez de Julho. Aqui estarei de volta em outubro. Espero ter a honra de ver a Senhora Princeza Imperial e o Senhor Conde d'Eu em Pariz. E' certo que Suas Altezas Imperiaes pretendem vir á Italia no proximo inverno? Si assim fôr, si Ellas aqui vierem, sentir-me-hei extremamente feliz em me pôr ás Suas ordens, o que aliás é superfluo dizer...

Entreguei a carta de Vossa Magestade á Senhora Condessa de La Tour. Seu marido está melhor e ella terminou a Vestal que ficou admiravel...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 14 de Maio de 1878.

Gobineau,

O portador desta é Alfredo Taunay, filho de Felix Emile Taunay que conhecestes no Rio e que tanto me fallava da vossa *Aphroessa* que elle apreciava como vossas poesias o merecem. Fil-o tambem conhecer todos os vossos trabalhos que apreciou igualmente. E' um rapaz de muito talento que escreve muito bem e gosta do que é bello. Sua senhora é tambem bastante intelligente e muito bem educada.

Eu vol-os recommendo pela grande affeição que dedico a essa familia e que igualmente vos consagro

Vosso muito affeioado

D. Pedro de Alcantara

Nada de novo aqui. Espero com impaciencia noticias de meus filhos e netos que estão em Lisbôa. Escrever-vos-hei dentro em breve uma carta mais longa.

Adeus!

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 9 de Junho de 1878:

Gobineau,

Acabo de receber vossa carta de 13 de Maio. Já comecei a ler o vosso artigo no *Correspondant*, (11) e vejo com prazer que estaes sempre occupado; é uma grande felicidade, digo-o por experiencia propria.

Soube por telegramma que minha familia chegou bem á Pariz. Como sois feliz em poder ir ao seu encontro!

Nada de novo aqui. Felizmente todos vão bem de saúde.

Meu professor de Arabe, o Ministro da Austria, está em ferias, mas procurarei não esquecer o que já aprendi.

Conheço algumas fabulas de Loqman, publicadas em uma chrestomathia. Estava traduzindo os contos das *Mil e uma noites*, dos quaes possúo a edição Habicht. Meu dictionario é o Freitag e a grammatica que estudei é a de Flaize.

A Sura. de Latour já me tinha escripto a respeito de sua Vestale; estou certo que será uma pintura admiravel. Escrever-lhe-hei muito em breve logo que estiver mais desoccupado para conversar um pouco por escripto. Espero que me communiqueis vossas impressões artisticas, sobretudo no tocante á Exposição de Pariz.

Muitas recommendações á vossa filha Diane e crêde-me sempre

Vosso muito affeiçãoado

D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 1.º de Julho de 1878.

Gobineau,

Quanto a novidades, daqui nada tenho a dizer-vos, que já não saibais pelos jornaes. O anno foi duro para min. A secca do Norte causa-me ainda grandes aborrecimentos.

Já li o vosso artigo sobre o reinado dos Hellenos. Creio que concluireis que se deveria ajudar esse povo como os Russos. Inteiramente de accordo e estou satisfeito que se não peça mais: “como se pode ser Grego?” Esta leitura interessou-me muito e protestarei somente contra a vossa doutrina *quia absurdum*. Póde-se raciocinar e ser patriota do fundo do coração e, quando por vezes, se nos deparam verdades que nossa razão não pode comprehender, todavia ella as admite.

Quanto á questão do Oriente, eil-a resolvida ao menos por alguns annos, e, pouco a pouco, a Turquia será dividida, parte á Europa e parte á Asia, entre as nações cujas instituições sociaes não trazem o germen da destruição, como a Turquia, ainda que soffram immensamente de mui graves defeitos.

As classes baixas revoltam-se por toda parte e tem-se negligenciado de pregar e sobretudo de praticar os bons principios.

Como a inclinação ás bellas artes deve consolar-vos e como sinto não poder refugiar-me algumas vezes sob sua tão salutar influencia.

Fallai-me sempre de vossos trabalhos e da exposição de Pariz que certamente já visitastes. Até lá quiz-se commetter um horrivel attentado contra as machinas!

Espero que a Snra. de Latour esteja completamente bôa de sua mão e pedir-lhe-hei dentro em breve uma photographia de sua Vestal que creio ainda esteja em sua casa.

Adeus! Muitas lembranças á vossa filha Diane e crêde-me sempre

Vosso muito affeigoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Roma, 25 de Julho de 1878.

Magestade,

Ha já algum tempo que não tenho a honra de receber noticias de Vossa Magestade e partirei para a França dentro de alguns dias. Irei primeiramente a Bordéos afim de compilar ainda algumas notas de que preciso para o meu livro (*l'Histoire d'une famille*) (12) aliás já terminado e que eu quizera ver publicado no proximo inverno. Penso que Vossa Magestade recebeu a primeira parte de meu livro sobre a Grecia (13) publicada no *Correspondant*. Quando voltar, estarei mais livre e começarei, com a minha traducção annotada do *Koush-Namèh*, um livro sobre a Hespanha desde a tomada de Granada por Fernando e Izabel até a queda da monarchia. Este será o "pendant" da *Renaissance*, mesma forma e mesmos desenvolvimentos. O que eu quizera sobretudo, é garantir a prompta publicação da segunda edição da *Inégalité des Races* (14) na qual nada mudarei. Não sei si já disse a Vossa Magestade que a "Renaissance" foi premiada pela Academia Franceza.

O Imperador tem certamente recebido a publicação que se faz dos resultados obtidos nas excavações de Olympia. Apparecerá muito breve a photographia de um Mercurio, da qual vi uma miniatura. E' talvez a mais admiravel estatua que ha no mundo sendo mesmo superior á Venus de Milo. Estou muitissimo interessado pelo desenvolvimento da questão do Oriente que se torna dia a dia a questão asiatica. Não se poderia imaginar, ha dez annos atraz, que este negocio caminhas-

se tão depressa; a França tornou-se nulla diante desta grande evolução após ter sustentado a doutrina de que o Mediterraneo devia ser um lago francez; a Inglaterra, estupefacta, sósinha em face da Russia e atormentando-se em vão por não saber o que fazer, uma vez que a Asia Central já está occupada assim como os planaltos que conduzem á China. Antes de quinze annos, veremos um imperio como a Historia jamais conheceu e a supremacia germanica no Occidente que durará o tempo que puder. Em face de um tal jogo, não comprehendendo como possa a gente divertir-se com o que as personalidades parlamentares e suas combinações possam operar para o enfraquecimento gradual e definitivo dos Estados. Aqui, elles são seguramente os menos doentes dos povos latinos e poderão ajudar a desmantelar os outros.

Quando chegar a Pariz, apressar-me-ei em ir apresentar meus respeitos á Senhora Princeza Imperial e á Sua Alteza Real o Senhor Conde d'Eu. Espero encontrar um e outro nas melhores disposições possiveis e saber noticias de Vossa Magestade. Ficarei algum tempo em Trye e, si o Imperador quizer escrever-me para lá, as cartas me chegarão ás mãos mais seguramente e caso seja preciso ser-me-ão reenviadas para onde eu estiver (Castello de Trye, Oise, France). Espero estar aqui de volta nos primeiros dias do mez de Outubro.

Quasi todos se foram embora. Bonghi vae para Napoles; a Senhora Minghetti está em Bolonha onde eu iria vel-a si tivesse tempo; a Condessa de La Tour parte na proxima semana para a casa de sua irmã no Piemonte e seguirá depois para as aguas de Acqui; a princeza de Teano vae para Engadina; a Condessa Dohuhoff está em Vienna e Liszt em Perth. E' uma dispersão completa. O gesso da Estatua que Vossa Magestade me encommendou, está prompto de todo e já

começaram a desbastar o marmore; mas não quero que nella se trabalhe durante minha ausencia...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 5 de Agosto de 1878.

Gobineau,

Recebi vossa interessante carta de 25 de Junho. (15) Nella vejo toda a actividade do vosso espirito com o que muito me alegro não só por vós como tambem por todos os que vos estimam.

Ah! si minhas occupações me permittissem outra existencia que não esta que levo, ainda que sempre occupado, como me sentiria feliz e então minhas leituras estariam de accôrdo com as vossas!

Hoje meu espirito está quasi unicamente absorvido com o que resultará das eleições que já se iniciaram. Não preciso dizer-vos o quanto este assumpto é antipathico ás bellas artes e ás bellas letras assim como ás aspirações da sciencia. Quando não tiverdes mais sociedade — o que se pôde assim chamar — em Roma, podereis ir a Pariz; e eu? Não tenho outro recurso a não ser os livros — quando me resta tempo e vagar para entregar-me a elles. Nunca me aborreço, queixo-me apenas da falta desta verdadeira vida do espirito.

Felizmente, chegou aqui a companhia de canto italiana. Não se pôde dizer que seja um "Tannhauser" tal como juntos ouvimos em Stockholmo, mas já ouvi os *Huguenots* que muito apreciei.

Já'li alguma cousa acerca dos Mercurios de Olym-
pia que se attribue a Praxiteles, mas ainda não vi a
photographia. Para que seja superior á Venus de Mi-
lo, é preciso que nelle se tenha attingido quasi a per-
feição absoluta.

Adeus! Escrevei-me todas as vezes que sentirdes
prazer em communicar vossa idéas e vossos sentimentos
ao

Vosso muito afeiçãoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Castello de Trye (Oise)
14 de Agosto de 1878.

Magestade,

Recchi as duas cartas que Vossa Magestade se di-
gnou escrever-me a 9 de Junho e a 1.º de Julho e não
são muito boas as noticias a respeito da secca nas pro-
vincias do Norte. Participo do aborrecimento que isto
causa ao Imperador e quizera bem ver dissipadas es-
sas preocupações. Mas passamos a vida a desejar o
fim de um aborrecimento na esperanza de uma conso-
lação. Tive a honra de ver em Pariz a Senhora Prin-
ceza Imperial. Achei-a muitissimo bem disposta assim
como o Senhor Conde d'Eu. O que sobretudo me cha-
mou a attenção, foi a apparencia sadia do jovem prin-
cipe. Fallo do mais velho; o outro estava dormindo
e delle posso apenas dizer que está bem. Quanto ao

pobre bracinho quebrado do primeiro, vae tudo muito bem e elle serve-se do mesmo com uma liberdade que augmenta dia a dia.

Da Exposição vi pouca cousa. *Não sou muito curioso para olhar fóra de minha natureza e Vossa Magestade sabe que em mim a objectividade é menor do que a subjectividade.* (16)

As Escolas Franceza e Allemã se imitam sem nada accrescentar e perdendo muito. Os Italianos copiam-nas muito mal, donde resulta estarem elles n'um grão inferior. Os Hespanhóes têm uma tela de grande merito: *Joanna a Louca*. E' cheia de idéas e a execução é digna da imaginação. Toda a esculptura, sem excepção, é assaz mediocre. Creio que em materia de arte nada há de verdadeiramente interessante a não ser a dos Inglezes. E' realmente jovem, forte e promette para o futuro. Eis tudo o que me pareceu interessante. Ha muita cousa a fazer no mundo. Estou tão convencido desta verdade como si a visse em carne e osso junto de mim e sentisse sua mão sobre meu hombro. Escrevi á condessa de La Tour transmittindo o que Vossa Magestade me disse a respeito da Vestale. Ha della uma photographia muito boa que talvez a estas horas o Imperador já tenha recebido. Entretanto nada póde dar uma idéa do colorido e da expressão geral desse maravilhoso quadro. Sei por outro lado que a Condessa está nas aguas de Valdieri perto de Cerni (Cunes) no Piemonti, e que melhorou da mão mas não vae bem de saúde. O que me afflige sensivelmente. Meu livro: *Histoire d'Ottar Yarl, Pirate norvégien, conquérant du Pays de Bray en Normandie et de sa descendance* será publicado neste inverno. Acabo de revel-o inteiramente e espero que Vossa Magestade o approvará. Mas não consigo encontrar um editor para publicar a segunda edição das *Races* exgottada ha alguns

annos e que está sendo reclamada, pois os livreiros não publicam livros que tenham mais de um volume. Eis a que ponto chegou a sciencia e a litteratura na Republica franceza. O que se publica ou se poderia publicar de uma certa importancia deve ser pago pelo autor ou pelo Governo que dia a dia se mostra menos disposto a prestar o seu auxilio. Confesso mesmo que estou admirado que Didier tenha concordado em publicar a *Histoire d'Ottar*. Chegaremos a um ponto mais baixo ainda numa nação em que nãda mais se lê a não ser o *Figaro* ou o *Rappel*. (17) Ficarei aqui até o fim do mez para ver si consigo vender Trye o mais cedo possivel. Mas é muito demorado e terei de me resignar a vendel-o com prejuizo, o que farei, na falta de melhor. Tenho pressa de ver-me em meu "atelier" de Roma trabalhando na vossa estatua cujo marmore está começado, bem como em outros trabalhos de differentes generos que comencei ao mesmo tempo, sem calcular. Mas Vossa Magestade sabe que consigo sempre chegar ao fim e, para dizer a verdade, não saberia trabalhar de outro modo. Ficaria bem contente si chegando em Roma no começo de Outubro lá encontrasse noticias e boas noticias do Imperador. No que diz respeito á questão do Oriente ou, melhor, á questão do Imperio Asiatico, não creio que a tregua seja longa e a Russia, ainda que o quizesse, não poderia impedir a marcha desta questão. Não será a ridicula occupação de Chypre que salvará a Turquia nem tão pouco os Inglezes. Estes ultimos deixaram passar o momento climaterico e cahiram em Plevna para sempre. Agora o que será da Europa com um imperio germanico do Occidente e uma agglomeração immensa como a Russia que se tornou quasi toda asiatica, isto pouco me importa e seria para lastimar si os culpados não fossem punidos...

P. S. Exponho fóra de minha carta a substancia de

dois pedidos que os interessados fazem a Vossa Magestade. O Conde Messala escreve-me que os Capitães das duas canhoneiras que tiveram a honra de conduzir Vossa Magestade, na viagem a Delphes, o Snr. Bassari e o Snr. Lambetti, assim como os Snrs. Hadjypetros, Prefeito de Policia, Kidonaki, hospede do Imperador em Cerni, os professores Postolacca, Christomanos, Crokidas e Orphanidis ficariam immensamente satisfeitos em obter a cruz de Cavalheiro da Rosa. O Conde Messala não se julgaria menos lisongeadado. E, por outro lado, o Snr. Raffalowitz, Consul Geral do Brasil em Odessa, já ha bastante tempo e Commendador condecorado por duas ordens russas, me diz o mesmo.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 8 de Setembro de 1878.

Gobineau,

Recebi hontem a vossa carta de 14 de Agosto. Espero que possaes concluir o negocio de Trye na altura dos vossos desejos.

Quando receberei a *Histoire d'Ottar-Jarl*? Compreendo vossa paixão pela subjectividade, sobretudo com a sociedade actual, mas o que posso eu fazer na minha posição sinão supportar mais ou menos o que é exterioridade? Como sinto falta das nossas palestras domingueiras!

Terça-feira, irei com minha senhora até São Paulo. Espero ver lá os trabalhos de estradas de ferro e tudo

o que interessa os progressos dessa provincia muito mais activa do que as outras.

Muito me sensibilizam os pedidos de condecorações dos quaes sois o natural intermediario, mas devo dizer-vos a conducta que preferi, em relação a esse assumpto, visto o que se passou depois de minha primeira viagem. Durante a mesma, eu disse em todos os lugares onde havia legações brasileiras que ellas poderiam propôr, para serem condecorados, todos os que julgassem dignos de as possuir, por causa de minha viagem, pois quanto a mim não recommendei ninguem junto ao Ministerio brasileiro. Em Athenas, não ha legação, mas qualquer outra poderá agir. Quero conservar-me fóra desse negocio. Após minha viagem, não se fez o que eu queria e por causa disso tive ainda outras contrariedades. Fallo-vos com toda franqueza pois faço justiça aos vossos sentimentos para commigo.

Como não sei onde se encontrará a Condessa de La Tour na chegada de minha carta, peço-vos a façaes chegar ás suas mãos.

Proximamente, após minha pequena viagem que me fará muito bem, escrever-vos-ei uma carta melhor.

Adeus! Contae sempre com o

Vosso muito affeiçãoado

D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

(sem data)

Gobineau,

Sei que gostaes de receber noticias minhas como gosto tambem de ter noticias vossas, e devo ainda feli-

citar-vos pelo vosso segundo artigo sobre o *Royaume des Hellènes*. Fazeis inteira justiça aos esforços verdadeiramente patrióticos desse povo para obter sua independência. A defesa de Nauplie por Colocotromis lembra-me nossa viagem á Grecia a qual me deixou recordações indeleveis — não deixastes mesmo de frisar sobre a difficuldade de subir até o alto da Palamidi e a conferencia do almirante de Rigny após a batalha de Navarino são narradas de uma maneira surprehendente.

O retrato do terrivel pachá de Hanina parece-me admiravel, e como é impressionante o contraste com a bella e sympathica Vasiliki!

Apreciastes a politica occidental como ella o merece. O que fez ainda a pouco o Congresso de Berlim? Eu vos animaria a escrever uma historia completa dessa época tão interessante e que o trabalho de Tocqueville nos faz conhecer de uma maneira bastante falsa.

Como vão os vossos trabalhos? A traducção do persa attrahe minha curiosidade e a época do Congresso dos Orientalistas em Florença está proxima.

Estou certo de que me fallareis alguma cousa a esse respeito e de alguns daquelles que conheço e que sem duvida a elle comparecerão.

Lestes o artigo de Bonghi sobre o Caliban de Renan?

Elle o aprecia com bastante justeza. Porque Renan não vos instrue um pouco mais no conhecimento das linguas semiticas?

Espero com impaciencia um discurso de recepção na Academia franceza, que terá, certamente, muita *personalidade*.

Tenho tido muito que fazer nestes ultimos tempos e sabeis o quanto isto me faz bem. No entanto as dis-

traçõs artisticas fazem grande falta á minha existencia, ainda que esteja prompto a voltar á grande disputa entre nós.

Adeus! Contae sempre com a amizade do

Vosso muito affeiçoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Roma, Via Solferino A.
26 de Outubro de 1878.

Magestade,

Recbi neste instante as cartas de Vossa Magestade datadas de 5 de Agosto, 8 de Setembro e uma terceira sem data. Estou em Roma ha já alguns dias. Passei um verão de muito máu humôr, por causa de negocios. Mas emfim, consegui vender Trye. Tudo corre do melhor modo possivel e regularizei minha situação de maneiras que daqui em diante estarei desçaçado neste ponto. Fui a Parma para me sentir novamente de bom humor vendo o Correggio. O que não me adiantou grande cousa e acho essa gloria um tanto exaggerada. Mas em Florença senti-me mais maravilhado que nunca á vista dos André del Sarto. Emfim, eis-me de novo em meu ““atelier” e em minha mesa a escrever. Comecei uma porção de cousas ao mesmo tempo, segundo o meu systema; trata-se agora de obter bom resultado. *Ottar Jarl* está na imprensa; mas ainda não recebi as

primeiras provas. Espero que ellas não tardem a chegar. Entregarei hoje a vossa carta á Senhora Condessa de La Tour. Ella sente-se mais bem disposta este anno e acaba de começar uma tela que promette ser muito bonita. Nada vos digo a esse respeito, porque ella fallará sem duvida a Vossa Magestade. Quanto ao Congresso de Florença, não pude ir por causa de meus negocios de Trye. Mas chegando em Roma encontrei-me com Renan que para lá seguia no dia seguinte e elle disse-me que tudo se passou muito bem em Florença, e que lá não se disse coisas ridiculas (o que é rarissimo em um congresso scientifico ou politico). Vi tambem Amari. Este tem a vantagem immensa de crer em todas essas cousas e principalmente nos discursos que lá se fazem. Renan não pensa em seu segundo volume ou para melhor dizer no *verdadeiro* volume sobre as linguas semiticas e aliás estou convencido de que elle nunca o fará. Essa especie de trabalhos não produz em França nem gloria nem mesmo reputação, nem dinheiro. Tudo o que se póde ganhar, é que um engraçado qualquer vendo o livro, diga que vós não sabeis nem o hebraico nem o arabe o que todos acreditarão, porque, numa sociedade que se tornou o que é a sociedade franceza, alguem que saiba o arabe é um insolente que sabe o que nem todos podem saber. E' pois natural que se negue os conhecimentos do autor. Não conheço outro como eu que pouco me importo com o que os outros dizem e pensam. Mas tambem afasto-me e vivo em Roma. Pedirei a Bonghi que me mostre o seu artigo sobre o *Caliban*, pois ainda não tive occasião de o ler. Acabo de terminar a maqueta do meu grupo de *Romeo e Julieta*. O marmore da estatua que estou fazendo para Vossa Magestade progride. Mostrei a photographia a Guillaume, o actual Director das Bel-

las-Artes de Pariz, que me havia felicitado pela *Pia Tolomei*, o que resultou uma grande amizade entre nós pois antes disso eu não o conhecia. A Estatua está do seu agrado. Espero vel-a no proximo anno na Exposição de Pariz e conto publicar a segunda parte do *Amadis* que está quasi no fim. Quanto á traducção do *Koush-Namèh* de que me falla Vossa Magestade, será um trabalho demorado, porque precisarei accrescentar muitas notas e bem desenvolvidas. Mas é precisamente ahi que está o prazer. Nelle trabalho com affinco actualmente. Sinto do mesmo modo muito interesse por meu livro sobre os desenvolvimentos do poderio russo na Asia. Não duvido que antes de dez annos, por meio do protectorado que exercem naturalmente sobre as populações mussulmanas do Turkestão e suas vizinhas, elles entrem na China, a subjuguem, prestem com isso um grande serviço aos Estados-Unidos, desviando desse modo de seu lado a emigração chinesa e tornem-se, antes do fim do seculo, oppressivos para a Europa occidental.

Vossa Magestade tem muita razão a respeito do Congresso de Berlim. Este negocio da Austria com a Porta é cousa que jamais se viu. Nunca se serviu ao mundo um tal caldo de ignorancia, leviandade, estupidez e de presumpção senil. Adeus, Vossa Magestade sabe muito bem que me sinto feliz em receber noticias suas; minha dedicacão para com o Imperador não está mais na phase em que os sentimentos podem diminuir, mas sim numa phase em que elles vão sempre crescendo...

Gobineau a D. Pedro II

Roma, Via Solferino.

1.º de Dezembro de 1878.

Magestade,

Não sei porque motivo estou com idéa que por estes dias terei noticias de Vossa Magestade. Chego de Tivoli onde passei algumas horas com o Cardeal de Hohenlohe e Liszt. (18) Este ultimo como sempre admiravel. Elle compõe neste momento musica sacra ao mesmo tempo que arranja para o piano uns quartettos de Beethoven. O Cardeal sempre bom e amavel, como Vossa Magestade o conhece. O acontecimento de Napoles (19) como o Imperador soube, causou aqui e em toda Italia, uma muito natural indignação. Creio que d'aqui a um certo tempo, estas especies de monstruosidades determinarão uma reacção vibrante e que resultará em prejuizo das theorias liberaes. Vossa Magestade sabe que não aprecio a incapacidade loquaz que se qualifica com esse nome. Aqui, é incontestavel que foram avisados e por diversas vezes do que se tramava. Pouco faltou para rebentar uma tentativa em Florença e uma segunda em outro lugar. Durante a viagem do Rei, foi preciso vigiar as estradas de ferro, trocar muitos empregados e até mesmo um tunnel foi occupado militarmente. O prefeito de Napoles achou que devia escrever a seu chefe, Snr. Zanardelli, Ministro do Interior, que não valia a pena preoccupar-se com os detalhes dados de antemão e com tanta precisão como nos provou a execução do plano; agora o Snr. Cairoli ferido e bastante doente (ainda que estivesse bem melhor hontem á noite) passou para o es-

tado de martyr realista; diz-se e não com menos razão que elle poderia bem ter deixado de fazer o seu discurso de Pavia. O que me admira cada vez mais nos tempos de agora, é a extensão de inconsequencia e de absurdidades que invade toda maneira de resolver os negocios.

A politica semitica do Snr. Disraeli incita a Inglaterra a pôr as mãos sobre o Chypre no momento em que se faz mistér ao governo da Rainha tornar a Europa hostile ás invasões da Russia e, sempre, para retardar o dia em que as forças britannicas se encontrarão frente a frente com as que dominam na Asia Central, pretende-se apoderar de um ponto do Afghanistan, do que resultará naturalmente a occupação de Merv. Procura-se ao mesmo tempo, dar um golpe de todo inutil nas montanhas ao sul de Peshawer. Ainda uma vez, não me lembro, fóra dos tempos byzantinos, um momento historico em que se tenha dado mostras de mais incapacidade, incompetencia e presumpção.

Mas não quero fallar sómente de politica a Vossa Magestade. O meu grupo de *Romeo e Julieta* progride como o marmore da Estatua de Vossa Magestade. Espero vel-a na Exposição da primavera em Pariz. A revisão das provas de meu livro sobre a *Histoire d'une famille* avança. Penso que, dentro de tres mezes, poderei envial-o a Vossa Magestade e estou tambem bastante adiantado na minha traducção do Koush-Namèh. Mas isto levará muito tempo. Adeus. Quizera muito ver Vossa Magestade. Mas quando isto poderá ser? Neste mundo é preciso enganar a fome com o coração. Envio a Vossa Magestade os meus melhores votos de anno novo. O Imperador sabe que não pôde haver mais respeitosos nem mais sinceros...

NOTAS

(1) Charles de Brosses (1709-1777), primeiro presidente do parlamento de Bourgogne e amigo de infancia de Buffon. Suas *Letres historiques et critiques* escriptas na Italia em 1739 só foram publicadas no anno VIII e formam tres volumes. Uma segunda edição sob o titulo: *L'Italie il y a cent ans*, 2 volumes (Pariz, 1836) esclarece as passagens supprimidas na primeira.

(2) O 1.º rei da Italia morreu em 9 de Janeiro de 1878.

(3) A 26 de Janeiro de 1878 nasce em Petropolis o principe D. Luiz de Orléans e Bragança, segundo filho do conde e da condessa d'Eu.

(4) Bernardelli fez no Brasil uma bella carreira, sendo autor dos monumentos de Pedro Alvares Cabral, de Caxias e de Alencar, no Rio.

(5) Na realidade, este trabalho só foi publicado em 1907 por Ludwig Schemann que delle escreveu o prefacio: *La Troisième République française et ce qu'elle vaut* (Trubner, Strasbourg et Plon-Nourrit, Paris).

(6) O cardeal Joaquim Vincent Pecci foi eleito a 20 de Fevereiro de 1877, por 44 votos sobre 62 votantes, na terceira apuração. Coroado a 3 de Março do mesmo anno.

(7) Ver pagina 238.

(8) Em Fevereiro de 1897, os christãos da ilha de Creta insurgiram-se, uma segunda vez, por causa dos massacres organizados pelos Turcos musulmanos. Os Gregos veem em seu auxilio e proclamam a annexação da Creta. Donde a guerra entre a Turquia e a Grecia. Esta ultima é vencida por toda parte. A guerra foi interrompida no fim de um mez (18 de Abril — 28 de Maio 1897). A união da Creta com a Grecia só será realisada depois da guerra balkanica de 1912.

- (9) Morreu em Paris, a 11 de Fevereiro de 1878.
- (10) Palavras illegiveis.
- (11) O Reinado dos Hellenicos (*Le Correspondant*, Paris 10 de Maio, 10 de Julho, 25 de Agosto, 10 de Novembro de 1878).
- (12) Publicada em 1879 sob o titulo: *Histoire d'Ottar-Jarl et de sa descendance* (Didier-Perrin).
- (13) Estes estudos só serão reunidos em volume em 1905: *Deux Etudes sur la Grèce moderne*, (Plon-Nourrit), sempre por Ludwig Schemann, que igualmente escreveu um prefacio para este livro.
- (14) A segunda edição de *L'Inégalité* apparecerá dois annos depois da morte de Gobineau: edição da casa Firmin-Didot, Paris, 1884, 2 volumes. No começo do volume se acha uma biographia do autor pelo conde de Basterot.
- (15) Esta carta não figura nos archivos.
- (16) Fomos nós que sublinhamos. Uma phrase como esta explica bem o character de Gobineau.
- (17) Os dois principaes jornaes parisienses de então. O *Rappel* perdeu muito de seu prestigio.
- (18) O grande musico teve tambem relações pessoaes e epistolares com o imperador.
- (19) Um attentado contra a pessoa do rei da Italia.

CAPITULO XII

1879: A REFORMA ELEITORAL NO BRASIL

A grande preocupação de D. Pedro II durante o anno de 1879 foi a reforma eleitoral. Póde-se dizer que a historia do reinado de D. Pedro a partir de 1879 foi a historia da eleição directa no Brasil. O imperador não se oppunha, pelo contrario, á eleição directa, mas temia que esta trouxesse consigo a revisão constitucional. Os dois grandes partidos de então, o partido liberal e o partido conservador, julgavam-na necessaria e, grande respeitador da Constituição, o imperador fez o que pôde para que isto fosse avante. Elle pôde se orgulhar justamente na “Fé de officio”, endereçado ao Visconde Taunay e publicado por seu filho, o grande historiador e erudito paulista, Snr. Dr. Affonso de Escragnole Taunay. “Muito me esforcei pela liberdade das eleições e, como medida provisoria, pugnei pela representação obrigatoria do terço, preferindo a representação uninominal de circulos bem divididos; pois o systema, ainda por óra impraticavel, deve ser o da maioria de todos os votantes de uma nação...

Trabalhei muito para que só votasse quem soubesse lêr e escrever, o que suppõe riqueza moral e intellectual, isto é, a melhor.” (1)

Assim, o imperador tem sobretudo confiança na educação das massas. Com a educação e a instrução

do povo, pensa elle, obter-se-á muito mais para a felicidade e o progresso do Brasil, do que com reformas eleitoraes. Com esta opinião Gobineau não concorda e á qual elle oppõe “um elogio de ignorancia”, bem a seu modo. D. Pedro responde que elle tem confiança em seu povo muito amado: “Meus concidadãos, escreveu elle, (15 de Junho) são dotados de qualidades que tornam o governo facil para aquelles que sabem cumprir seus deveres.”

Com effeito, elle não participa do pessimismo systematico de seu amigo francez. Este vê o mundo sob uma luz cada vez mais escura e, conforme seu habito, defende-se com prophcias. Elle prevê “uma unidade de movimento que conduz toda a Europa para um estado despotico que teria assustado Luiz XIV” (carta de 24 de Janeiro). Isto, terminará, affirma elle, “pelo advento de uma dictadura com calças vermelhas (as calças vermelhas dos soldados francezes de então).” Essas prophcias teem um accento que não podem deixar de nos impressionar pois ao mesmo tempo que o “perigo amarello” elle prevê tambem que “a Russia comerá a Europa e isto em um prazo mais proximo do que se possa imaginar” (carta de 11 de Julho).

Em presença de taes perspectivas, resta ao sabio refugiar-se em si mesmo, em seus trabalhos, ainda que estes nunca cheguem a ser publicados. “Meu livro (trata-se do *Ottar-Jarl*, ao qual elle liga uma muito grande importancia), meu livro, escreve elle, custa tanto a apparecer e começo a temer mesmo, que o editor assim procede com o fim de retardar a publicação até o começo do anno vindouro, o que para mim é indifferente. Afago em mim mesmo uma idéa. E’ de continuar todos os meus trabalhos e não mais publicar nenhum.”

Era tambem o pensamento de Candeuil, o personagem das *Pléiades* sob cuja mascara Gobineau se pin-

tara: “Sua maneira bizarra de trabalhar, seus conhecimentos vastos e seguros que accumulava em manuscritos cuidadosamente pensados e em seguida jogados ao fogo, só conseguiam distrahir-o; nada o poderia curar” (*Les Pléiades*, p. 364).

Por uma contradicção bem “gobineana”, este solitario tem necessidade de companhia, mas de uma companhia escolhida: a de Madame de La Tour, que se tornou indispensavel á sua vida; — a do Cardcal de Hohenlohe; — a de Liszt, então o “abbé” Liszt e com a idade de 68 annos e todo o esplendor de seu genio e de sua gloria. Gobineau tem necessidade da companhia dos “filhos de rei”.

D. Pedro II a Gobineau

Petropolis, 10 de Janeiro de 1879.

Gobineau,

Si não vos escrevo mais a miude, é porque tenho sempre muito que fazer. Felizmente aqui, sobra-me mais tempo para ser um correspondente mais assiduo. Sobre os negocios d’aqui, só tenho a dizer-vos que o estado das finanças é assaz difficil, mas havemos de remediar o mal com economia e medidas que favoreçam a producção.

A reforma eleitoral excita um pouco os espiritos, mas como as duas partes julgam-na necessaria, é preciso que ella se faça. No entanto, não tenho confiança senão na educação do povo. Prefiro todavia occupar-me de questões que não sejam politicas.

O mundo europeu está ainda pouco estavel e a situação do socialismo reclama medidas energicas mas que tenham em vista o futuro.

Dentro em breve haverá aqui uma exposição de bellas-artes. Dir-vos-ei alguma cousa a respeito, ainda que vivaes numa atmosphera toda artistica. E' muito natural, isto vos anima e sinto-me extremamente satisfeito por causa de vossa saúde.

Espero com impaciencia o resultado de vossos labores artisticos e litterarios, e estou certo de elles trarão á minha lembrança os tempos em que eu gozava da vossa companhia.

Liszt enviou-me a nova edição (2) de seu livro sobre Chopin e, lendo-o, lembrei-me de Bayreuth onde pela primeira vez o ouvi tocar, sentindo não poder passar, com elle e comvosco, algumas horas na villa de Este em casa do sympathico cardeal Hohenlohe.

O vapor só parte no dia 15 e accrescentarei talvez algumas palavras a esta carta. Adeus!

Vosso muito affeiçoado

D. Pedro de Alcantara.

Já li todos os vossos artigos sobre o *Royaume des Hellènes*. Fallar-vos-ei a respeito mais tarde. Que se fará por elles, os Hellenos, em virtude da promessa do famoso Congresso?

Gobineau a D. Pedro II

Roma, Via Solferino A.
24 de Janeiro de 1879.

Magestade,

O tempo v^oa e não posso escrever a Vossa Magestade todas as vezes que n'Elle penso; muitas vezes pergunto a mim mesmo o que escreverei ao Imperador e fico a pensar no que o Imperador me responderá. E' o merito constante e a superioridade da lingua sobre a penna. Não sei si as invenções modernas, do telephone (3) e outras bonitas cousas poderão resolver a difficuldade.

Roma entrega-se, neste momento, ao movimento mundano o mais pronunciado. Ante-hontem, era o Embaixador da Austria, hontem era a princeza de Teano, esta noite será não sei o que, onde vou; amanhã, é o Senhor de Kendell e a embaixada da Russia e a Senhora Minghetti e não sei mais o que. Na verdade, o grande problema para mim, é achar o meio de sahir o menos possivel sem esquivar-me de tantas pessoas boas e amaveis para com as quaes sinto uma grande gratidão; mas estou inteiramente entregue, alma e forças phisicas, a meus trabalhos. Espero que a *Histoire d'Ottar-Jarl* seja encadernada no proximo mez e conto ter a honra de a enviar a Vossa Magestade. Acabo de terminar um busto de criança que parece ter ficado muito bom e estou agora todo entregue á estatua que pertence a Vossa Magestade cujo marmore progride rapidamente e que espero, estará na Exposição de Pariz no mez de maio, depois do que irá

apresentar meus respeitos ao Imperador no Rio onde estará, em pessoa, lá para o mez de agosto, conforme supponho.

Não tenho conhecimento de que haja grande novidade nas sciencias e estou quasi certo de que nada de novo se apresenta em litteratura. Lê-se o menos possivel e a maior parte das pessoas não lê mesmo nada; mas nem por isso celebra-se menos e em altos brados as grandezas do espirito moderno, de maneiras que vae tudo absolutamente bem.

Na verdade, não admiro sinão, uma só invenção actual, a maxima inventada pelo fallecido Snr. Thiers que a Republica é a forma que menos divide os espiritos em França. Com effeito, ella caminha para não mais dividil-os. No momento em que a maioria de uma camara descobrir o meio, pelo mechanismo engenhoso da verificação dos Poderes (uma bem bonita machinasinha!) de se transformar em unanimidade pela expulsão absoluta de tudo que não fôr ella mesma, está claro que não haverá mais divisão possivel e, ao mesmo tempo, o regimen parlamentar terá chegado ao summum de sua perfeição. O que é admiravel é a unidade de movimento que conduz toda a Europa para um estado despotico cuja intensidade teria assombrado o Rei Luiz XIV. O que se torna a vida intellectual no meio de tudo isso? Ella vae definhando, como ha pouco o dizia a Vossa Magestade; comtudo, isto não impede que se divirtam menos e só os rabugentos é que se lastimam de ver o que se passa. Espero que Vossa Magestade não me confunda com essa gente mas pelo contrario esteja bem convencido de que ninguem mais do que eu deseja ver a raça latina entregar-se a todos os diabos aos quaes aliás não felicito...

Gobineau a D. Pedro II

Villa de Este - Tivoli (16 de Fevereiro de 1879).

Magestade,

Penso que faço bem em escrever d'aqui a Vossa Magestade e esta é a opinião do Senhor Cardeal de Hohenlohe que aqui me trouxe para vir passar alguns dias em sua companhia. Transmitti a Sua Eminencia as recommendações que Vossa Magestade me havia encarregado de lhe dar e o Cardeal ficou muito comovido e encarrega-me por sua vez de lembrar ao Imperador a sua respeitosa dedicação. O Padre Liszt não está aqui, mas em Perth. Pretendo escrever-lhe tambem dentro de alguns dias e não deixarei de lhe dar o recado de Vossa Magestade. Este recanto é certamente um dos mais lindos do mundo e pela belleza da natureza que nos cerca e pela magnificencia de um horizonte que mais realce dá á Cupola de São Pedro e por todas as recordações historicas que aqui se re-unem desde o Imperador Adriano. Entretanto o que mais particularmente me sensibilizou foram as pinturas do quarto que occupo, pinturas essas do puro seculo XVI e executadas por ordem do Cardeal de Ferrare, filho da Senhora Lucrece. (4) Tudo o que é romano me é absolutamente indifferente.

O que pensa Vossa Magestade de todas as bellas cousas que se fazem em França? Eis a Republica em todo o seu apogeo. Entrega-se as funcções publicas, grandes e pequenas, ao saque e, durante esse tempo, assassina-se e rouba-se nas ruas de Pariz. O que tudo isto vae durar, é bastante difficil de calcular de uma maneira segura; mas não é difficil prever-se a con-

clusão. Pode-se desde já distinguir as calças vermelhas de um general qualquer e ha mesmo quem pretenda reconhecer os traços do general assegurando mesmo ser elle, o proprio Senhor de Galiffet. Talvez não deixem elles de ter razão.

Vossa Magestade faz-me a honra de me dizer que no momento de modificar a eleição politica no Brasil, muito espera do desenvolvimento da instrucção publica. Difficilmente as populações, seja na America, seja na Europa, attingirão o gráo elevado de instrucção primaria existente na China, na Persia e na India, e não vejo o grande proveito que esta diffusão de conhecimentos possa trazer ás populações que a praticam, pelo menos em sua vida politica; quanto ao seu valor moral, é ainda bem mais claro que ella não se fez absolutamente sobresahir, e creio morrerei, como tenho vivido, na mais perfeita convicção de que não ha cousa mais absurda no mundo do que o systema representativo, ou melhor, o facto de consultar e de fazer agir no manejo dos negocios as massas populares, mais ou menos restrictas, mais ou menos numerosas, povo ou burguezia. Na pratica isto é apenas um meio de certos intrigantes fazerem fortuna, quer se intitulem conservadores, quer se digam liberaes. Tudo isto acabará na Europa pelo mais desenfreado despotismo do mundo.

Ha actualmente em Roma muitas distrações mas felizmente o Cardeal livra-me de alguns bailes e divertimentos sempre fatigantes.

As provas de meu livro fazem-se muito lentamente de maneiras que já não sei mais quando verei o fim. Mas uma vez prompto, elle irá submetter-se ao julgamento de Vossa Magestade. O Imperador nunca me fallou do livro de Taine. (5) E' um dos trabalhos

mais curiosos e mais verdadeiros destes tempos. Adeus. Espero que Vossa Magestade tenha de vez em quando algum tempo disponivel para poder occupar-se de alguma cousa alem de governo...

D. Pedro II a Gobineau

Petropolis, 24 de Fevereiro de 1879.

Gobineau,

Crede que muito me custa deixar-vos por muito tempo sem noticias minhas. Ultimamente tenho andado muito occupado com negocios e a leitura dos debates das Camaras toma-me um tempo enorme. Ignoro mesmo o que de mais interessante se publica na Europa; no emtanto, lerei sem demora os vossos recentes escriptos.

Minha vida, aqui, é bastante regular, mas o tempo não dá para fazer passeios pittorescos, como ha tantos em Petropolis, e sinto ainda mais do que no Rio a falta de uma palestra. Como me lembro dos nossos domingos de São Christovão e quanta cousa teriamos a dizer sobre o que se passa na sociedade actual!

Como sois feliz em viver no meio de tão sublimes manifestações do bello artistico! Quanto a mim, vejo apenas o que se publica em estampas e livros.

Que dizeis do Ariosto illustrado por Gustavo Doré?
(6) Dai-me sempre noticias da sociedade que frequentais em Roma e do movimento artistico que abi se produz,

Acabo de ler na *Antologie* o artigo de Bonghi sobre a situação politica da Italia. Seria bom publical-o em outras linguas.

Recebi o jornal de Bayreuth (7) inspirado por Wagner, mas não sei quando se cantará o seu *Parsifal*. Talvez Liszt possa informar-vos si tiverdes occasião de encontral-o em casa do amavel cardeal Hohenlohe.

Não fecho já esta carta, pois o paquete só partirá dentro de alguns dias...

Rio, 1.º de Março.

Ia eu fechar esta, e eis que me chega ás mãos a vossa boa carta de 24 de Janeiro. Responder-vos-hei uma carta mais extensa, ainda que não possamos conversar como aos domingos.

Felizmente estais sempre occupado e quando se tem um espirito activo como o vosso, não ha pessimismo que o possa attingir.

Adeus! Até breve.

D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Roma, a Via Solferino.

2 de Abril de 1879.

Magestade,

Permitta-me Vossa Magestade que me queixe um pouco, tanto mais que sinto um desejo enorme de o fazer. Vossa Magestade diz-me sempre no fim de suas

cartas que na “proxima vez” escrever-me-á uma carta mais longa e mais explicita, mas como nunca chega essa proxima vez, não sei si o que eu poderia contar á Vossa Magestade o interessa e a conclusão é que não sei o que dizer. E’ muito difficil fallar sósinho quando se tem ou quando se quer contar alguma cousa que vale a pena ser dita. Portanto, o inverno em Roma foi dos mais animados e sinto que Vossa Magestade não o tenha aproveitado. A Senhora Minghetti sempre muito alegre e distincta, a princcza de Teano bella e encantadora. A Senhora de Uxkull seductora e toda a sociedade muito divertida, mas o ruim é ser um tanto exhaustivo quando o trabalho está ao lado. Foi muito bem executada e por duas vezes, na sala Dante a *Nona Symphonia* de Beethoven. Naturalmente não deixei de assistir. Creio que Vossa Magestade teria ficado satisfeito. Parece-me que ainda não será este anno que se levará a scena o *Parcival* de Wagner. Pelo menos nada ouço dizer. Tenho mesmo uma carta da Senhora de Schleinitz na qual ella nada me diz a respeito e Liszt está em Perth de onde não voltará por emquanto. Não deixei de dizer ao Cardeal de Hohenlohe tudo o que Vossa Magestade me havia encarregado de transmittir-lhe. Elle quer que eu diga ao Imperador o quanto ficou sensibilizado e reconhecido e curva-se reverente aos pés de Vossa Magestade. As cousas no Vaticano não vão tão bem como ha alguns mezes e parece-me que se volta aos velhos processos. Mas isto seria muito demorado a dizer.

D. Pedro II a Gobineau

Petropolis, 21 de Abril de 1879.

Gobineau,

Ha muito tempo que não recebo noticias vossas que espero sempre com impaciencia. Vosso novo livro não deve tardar e eu o lerei logo que o receba.

Os negocios na Europa parecem ir mal. E' que ha por toda parte uma especie de epidemia moral muito difficil de curar.

Espero que me enviareis assim que a tiverdes a photographia do Mercurio de Olympia. Sei que ella ainda não appareceu.

Acabo de ler o trabalho de Carcopini sobre Dodone que muito me interessou, sobretudo acerca dos estudos nelle reunidos de Egger e de Heurey.

Minha actividade procura sempre occupar-se; felizmente não sei o que seja aborrecimento. Os dias passam-se muito depressa e não chegam para o que eu quizera fazer.

A vida de Petropolis agrada-me muito, assim como a de S. Christovão que recomeça regularmente a 26; é aparentemente mais activa que esta ultima e faz-me lembrar ainda mais os nossos domingos.

Dai-me noticias de vossas filhas e de vossos netinhos. Recebi ultimamente uma carta do excellente Messala, mas na verdade falta-me tempo para ser um correspondente como eu o quizera.

Como vão as nossas relações de Roma? Accrescentarei, talvez, amanhã, algumas palavras a esta carta antes de a fechar.

Adeus! Sempre

Vosso muito affeçoadado
D. Pedro deAlcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Roma, A Via Solferino.
21 de Maio de 1879.

Magestade,

Recebi a carta de Vossa Magestade datada de 21 de Abril e vejo que não sómente o Imperador vai bem de saúde como tambem a estadia de Petropolis tem mil encantos e a de São Christovão parece produzir impressões egualmente agradaveis. Ha certamente muitos encantos nessas bellas residencias mas o que mais agradavelmente me impressiona em tudo isto, é que Vossa Magestade se acha certamente no melhor equilibrio physico e moral sem o que os objectos que vos cercam não poderiam produzir um effeito tão feliz.

Dentro de quinze dias mais ou menos a estatua de marmore que pertence a Vossa Magestade estará completamente terminada. Guardal-a-hei commigo no maximo um mez para mostrar a algumas pessoas e em seguida partirá para o Rio. Desejo vivamente que Vossa Magestade fique contente.

O meu livro custa tanto a apparecer que começo a reccar que o editor esteja demorando assim para retardar a publicação até o começo do proximo anno, o que, na realidade, me é indifferente. Afago em mim mesmo uma idéa. E' que pretendo continuar todos os meus trabalhos e não publicar nem mais um só. Acabei ha pouco a segunda parte do *Amadis*. Vou acabar a terceira. E' possivel que não publique nada, nem mesmo minha traducção do Koush-Namèh com os commentarios e notas. A Sociedade moderna, chegou a um ponto tal, que gradualmente e num movimento muito sensivel acabará por ser odiosa. Ella é apenas ridicula e excita o "fou rire" quando se observa o que se passa em França, e quando se considera os senhores que conduzem tudo isto e, principalmente, as nações que nella nada acham a censurar. Não sahirei da Italia este anno, ainda que o tempo aqui esteja abominavel; não cessa de chover desde o mez de Outubro. Vossa Magestade soube que o Cardeal de Hohenlohe havia sido nomeado bispo de Albano. Elle não está muito contente com os seus quatro capitulos de conego. Creio mesmo que elle está pouco edificado com alguns. A Condessa Lovatelli foi nomeada membro dos Lincei por suas sabias notas, sobre tres vasos. O que causou grande satisfação no circulo de seus amigos. A Senhora Minghetti sempre encantadora e Bonghi escrevendo *omni re scibili*, o que não poderá fazer mal sinão áquelles que o lerem, mas sendo elle universalmente consagrado é o quanto basta...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 15 de Junho de 1879.

Gobineau,

Ha muito tempo que não recebo noticias vossas e isto me inquieta, pois sei que não vos poupais para o trabalho, não obstante ser este a maior consolação da vida que muitas vzez a gente é obrigado a supportar.

Espero com impaciencia o vosso ultimo livro. Minha vida é sempre aquella que vós sabeis e sinto cada vez mais falta dos nossos domingos.

Tive estes ultimos dias muitos motivos de preocupação, mas penso que tudo se acalmou novamente. Alem disso, os meus concidadãos são dotados de qualidades que tornam facil o governo áquelles que procuram cumprir seus deveres.

Espero que me dareis sempre noticias das pessoas que conheci em Roma. Acaba-se de fazer uma feliz descoberta muito importante para a archeologia no *Farnésina*. Tenho recebido ultimamente, da Escola franceza de Roma que se acha sob a excellente direcção do Snr. Geoffroy, algumas publicações que me parecem bastante importantes.

Acreditai que si não vos escrevo tanto como quizera, é porque sou obrigado a trabalhar enormemente durante o dia para estar um pouco ao corrente de cousas que preciso saber.

Que me dizeis do estado da Russia? Não me enganei nas impressões que guardei de nossa boa viagem a esse paiz.

Que novidades artisticas me dais? Que sabeis do "Parsifal" de Wagner? Tendes recebido alguma carta da Snra. de Schleinitz? Peço-vos para dizer-lhe que não me esqueço das mui curtas palestras que tanto me interessaram e que, si não lhe escrevo, é porque receio que minhas cartas não sejam tão interessantes como ella poderia esperar.

Adeus! Escrever-vos-hei mais dentro em pouco e quando tiver o vosso livro, não mais vos queixareis de meu laconismo.

Vosso muito affeiçãoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Roma, 11 de Julho de 1879.

Magestade,

Recebi neste instante a carta de Vossa Magestade datada de 15 de Junho. Muito me sensibilizaram os cuidados que o Imperador me testemunha; não tenho andado muito bom, mas isto é cousa que se vence quando se tem o que fazer. Creio que meu editor retarda a publicação de meu livro. E penso que é para não pol-o á venda senão no outomno. Soube pelo excellente barão de Javalý que Vossa Magestade anda preocupado com certos aborrecimentos. E' a condição capital e soberana, sobretudo nos tempos que correm, em que as preocupações politicas têm um caracter particularmente insípido e repugnante. Mas não nos é dado escolher nem seu tempo, nem a natureza

de seus aborrecimentos. Fiz seguir hontem a estatua de Vossa Magestade. Parece-me que ella foi muito apreciada aqui mas o meu grande desejo é que agrade a Vossa Magestade. Segui minha inclinação não fazendo uma figura pequena como a principio imaginei mas uma estatua em tamanho natural na qual puz todos os meus cuidados. Sinto sómente que o marmore não seja tão bonito como eu pedi e esperava receber, e que deixe um pouco a desejar mas isto nada influe no trabalho. Estou impaciente por saber si a opinião de Vossa Magestade ser-me-ha tão favoravel como a dos amadores de Roma e de Guillaume que viram no anno passado uma photographia do modelo.

No tocante á Russia, sou absolutamente da mesma opinião que Vossa Magestade e o proceder dos nihilistas não me surprehende absolutamente. Talvez seja isto uma consequencia de factos como o guarnecimento de moveis ou para ser mais exacto de tapetes em certas dependencias do palacio de Kiew de que Vossa Magestade talvez se lembre. Mas si esta observação mostra-me a possibilidade de deploraveis accidentes, não estou absolutamente menos convencido de que a Russia engulirá a Europa e isto num prazo mais proximo do que se poderia imaginar. Os Inglezes que têm consciencia da actual força de expansão desse imperio, creem naturalmente que este se precipitará sobre a India. Não sou do mesmo parecer. Elles apoderar-se-ão da India mas pelo movimento natural da propria India; é verdade que a visinhança com a Russia nada prejudicará. Mas o que os Russos farão antes de dez annos, é abrir, do lado do Occidente, as éclusas da immensa agglomeração humana que vive constrangida na China e é esta avalanche chinesa e slava misturada de Tartaros e Allemães do Baltico que

dará fim ás loucuras e, tambem, á civilisação euro-
péa. Os Estados Unidos que temem a invasão dos
Amarellos na direcção da California pouco ganharão.
A Europa ahi perderá tudo. E' verdade que ella já
não tem grande cousa e não merece grande interesse.
Eis o que me parece tão certo como Mané, Thécel Pha-
rés...

Gobineau a D. Pedro II

Roma, Via Montebello.
28 de Julho de 1879.

Magestade,

Supponho que Vossa Magestade, já esteja de posse da estatua quando esta lhe chegar ás mãos. E' impossivel traduzir a impaciencia com que aguardo noticias vossas para saber a impressão que a terá recebido; não sei si já disse ao Imperador que é uma *Mima*. Ella joga bolas para o ar e as apanha com sua mão esquerda. A direita acaba de pegar uma e prepara-se para jogal-a como as outras. O interesse que eu quiz dar a essa figura, resulta de sua tristeza, e, escrava asiatica, desempenha sua profissão de *Mima* sem procurar seduzir. Quiz fazer uma creação bastante melancolica e não sensual. Dizem que eu consegui. Vossa Magestade julgará.

A Italia não consegue organizar um ministério. O de hoje tem apenas forças para conservar-se de pé emquanto não se reabre a Camara. Noto que em França se dá o mesmo. O Ministerio não satisfaz nem as Camaras, nem o Presidente, nem o verdadeiro chefe,

Snr. Gambetta, mas procura-se conserval-o porque não se sabe como organizar outro. Tenho na idéa que o governo constitucional, ou antes parlamentar, tendo por resultado operar nas classes dirigentes por suffocação gradual de todo valor moral nos homens, depois de ter extinguido as mediocridades, o que não é custoso, acabará por não achar mais ningum e morrerá sob a influencia do azoto...

Recbi uma carta do Senhor Wilfrid Blunt que Vossa Magestade se dignou receber em Londres. Elle acaba de fazer em companhia da Srta. Anne Blunt uma viagem á Arabia meridional onde viu muita cousa bonita. Encontra-se agora em Smila, na India, perto do Snr. Lytton, nosso amigo commum, e procuro persuadil-o a ir ver um pouco a região de Pamir. As ultimas viagens tanto russas como inglezas são muitissimo interessantes. Supponho que Vossa Magestade leu a do Coronel Prejalowski ao lago Lob-Nour. Todo o futuro e o futuro proximo da Europa está desse lado. E' por esses caminhos que a Russia vae levar a Asia Oriental, inclusive a China, no meio do lamaçal occidental.

Presumo acabar meu livro sobre esta questão mais ou menos no principio do inverno. Já corrigi as ultimas provas do outro; mas quer-me parecer que o editor não tenciona publical-o antes de Outubro ou Novembro.

Adeus, Magestade, estou contente em saber-vos tão bem disposto, e, em summa, apezar dos aborrecimentos, acceitando a vida tal como ella é; mas confesso que tenho tambem muita vontade de ver Vossa Magestade. Quando isto poderá ser?...

Gobineau a D. Pedro II

Rio, 18 de Agosto de 1879.

Gobineau,

Eis vossa carta que é sempre um acontecimento feliz para mim que vos estimo sinceramente e como a estatua tarda a chegar, apresso-me em responder e dar-vos tambem noticias minhas. Sim, tive ultimamente aborrecimentos, mas é o estado economico do paiz que me faz pensar seriamente, ainda que a prudencia politica, consiga, com um pouco de constancia o que não é facil obter, pois os partidos são muito mal organisados, vencer as difficuldades.

Felizmente, o Norte do Brasil soffre bem menos com a secca, as chuvas não foram sufficientes, e aqui já ha mais de dois mezes que não chove. O povo começa a soffrer com a falta de agua. O céu está de uma limpidez que dá para desesperar, o verão aproxima-se e é preciso pensar com muito zelo na salubridade da cidade.

Continuo a occupar-me como sempre, mas sinto falta de boas palestras como aquellas dos domingos, e, no tocante ás bellas artes, quasi não ha o que fallar. Neste ponto estais no vosso meio e conto com o vosso parecer sobre o que souberdes e principalmente sobre o que tiverdes visto.

Que me dizeis das pinturas antigas descobertas recentemente perto da Farnesina?

Peço lembrar-me ao excellente cardeal e á sua escolhida sociedade e crêde que si não vos escrevo tan-

tas vezes como quizera, é porque estou continuamente occupado, e não é possível conversar sinão com um pouco de socego.

Adeus! Até uma outra folga que, espero, será longa. Vossa estatua será o assumpto de uma carta que vos agradará, mas virá ella?

Que noticias tendes de vossa filha Diane?...

Gobineau a D. Pedro II

Roma, 24 de Agosto de 1879.

Magestade,

Nota-se uma tal ausencia de vivo interesse em todas as cousas que creio nunca ter visto uma epocha tão vazia. Dizem que os povos felizes não tem historia; é de crer que as nações actuaes da Europa attingiram o auge da felicidade, pois nada se falla do que ellas fazem, posto que nada façam. Sinto-me inclinado a acreditar que os povos vencidos são tão calados como os povos felizes. Parece que as negociações d'aqui com a Allemanha e a Russia estavam bem encaminhadas e o interesse da religião era tão grande que se podia esperar uma solução favoravel. Mas ficou tudo interrompido por uma consideração de certa importancia. A situação financeira é bastante critica no Vaticano e o partido clerical na França e na Polonia ameaça dar cada vez menos si não houver rigor em Berlim e em Petersburgo. Esta consideração não é muito apostolica mas é preciso convir no emtanto que ella é de certa importancia. Não ha ninguem, absolu-

tamente ninguém, em Roma, neste momento. Eu mesmo, si fiquei, na mais completa solidão é porque estou mudando de atelier e o transporte de meus marmores obriga-me a ficar. A Senhora Minghetti está em Bolonha, a condessa de La Tour em Sorrento, a princeza de Teano está com todos os seus na Engadina e os embaixadores espalhados por toda a parte mas aqui ninguém. Terei ainda dois mezes de solidão. Tive dez convites para sahir, mas creio que não irei em parte alguma. Supponho que meu editor não quer publicar o meu livro senão no começo do inverno. E' a opinião de Renan que está no mesmo caso que eu e nada consegue publicar neste momento. Elle esteve aqui ha uns oito dias e vai agora fazer uma estação de banhos em Ischia; pareceu-me pouco optimista com o que se pode prever para muito breve em Pariz. Eu não o contradisse nesse ponto...

Gobineau a D. Pedro II

Roma, Via Montebello
3 de Setembro de 1879.

Magestade,

Nada ha mais certo do que este velho dictado: "não é bom que o homem fique só". Estou sózinho e acho a carga pesada. Em Roma não se acha uma só pessoa, já não digo amiga, mas conhecida. O Cardeal Hohenlohe que se suppõe estar aqui, acha-se em sua nova diocese de Albano e Liszt que acaba de ser nomeado conego ainda não veio de Perth. Em summa,

não ha viva alma! Tenho lido excessivamente e cousas de toda especie para tornar possível o trabalho de criação. Pois não tendo com quem fallar o espirito torna-se singularmente inerte. E com isso acabo de fazer uma descoberta: é que, positivamente, *Ivanhoé* é uma obra prima. Outrora, ha muito tempo, eu gostava apaixonadamente de Walter Scott; veio depois o periodo *Drang und Sturm* e a elle me entreguei como toda gente e, como sou essencialmente conciliante, repeti com a ethetica actual que *Ivanhoé* era litteratura "de pendule". Decididamente não ha julgamento mais falso. A idade media é perfeitamente verdadeira e bem reproduzida em *Ivanhoé*, sem contar a magnificencia da paysagem que é incomparavel. Somente, no tempo de Walter Scott, o tempo de Ricardo Coração de Leão e o seculo XII não eram ainda conhecidos e, em conjuncto, tomava-se toda a Idade Media em Froissart. *Ivanhoé* é pois perfeitamente verdadeiro mas transportado para o seculo XV. Ahi, não ha verdadeiramente uma critica a fazer.

Fui ver a cabeça de Antinous em casa do Marquez Vespignani. Vê-se lá bonitos detalhes, e tambem cousas bem criticaveis mas estou convencido de que tudo isto vale tanto como a maioria das estatuas e bustos romanos que, por minha parte, não admiro. Esta é a fonte de toda a esculptura honesta, mediocre e monotona. Como este assumpto poderá ser posto em discussão quando todos são unanimes em confessar que as mais bellas estatuas de Roma não são outra cousa senão copias de segunda ou terceira ou quarta mão de originaes gregos perdidos? Como desculpa allega-se então o interesse historico. Está muito bem mas então já não é mais o interesse da arte que realmente não existe senão na obra grega original, na obra da idade-

media, na da Renascença e nos bronzes pertencentes ao budhismo. Sómente, ha certas verdades bem difficéis de se reconhecer. Quantos homens ha que amam o bello e o verdadeiro em si mesmos, expressos na pintura, na esculptura e na musica?

Adeus, Senhor, espero que Vossa Magestade continue sempre bem disposto e que os aborrecimentos de toda especie não sejam muito insistentes. Como eu gostaria de ver o Imperador novamente aqui! A natureza é incomparavel!...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 27 de Setembro de 1879.

Gobineau,

Eis vossas cartas de 24 de Agosto e 3 de Setembro. Quando a solidão vos fizer soffrer, conversai com aquelle que vos é sinceramente affeçoado. Com isto ganharei duplamente, pois vossas cartas são para mim motivo de prazer e a minha solidão é ainda mais sensível que a vossa. Entretanto, o estudo alegra-me sempre, e a epoca é mais favoravel ás sciencias do que ás bellas-artes. Confessai que nesta reflexão, ha um certo espirito conciliatorio, posto que eu bem quizera voltar aos meus domingos ou á Grecia, para discutir sobre o eterno assumpto.

Como gosto de ouvir-vos fallar do nobre senhor de Abbotsford. Visitei por duas vezes o seu palacio por causa dos romances que me deliciaram desde minha adolescencia!

Foi na Escocia que eu os apreciei melhor. Como me lembro de seu *Ivanhoé!* Como elle começa bem, narrando a chegada dos viajantes a casa de Cedric. A paisagem é ahí maravilhosamente descripta quando o terrivel *Templaire* e o jovial abbade encontram *Gurth*. Lêde tambem *Waverley* e pensando nos lagos dos *Highlands*, ide admirai-os depois na natureza. Não esqueçais *Mid Lothian's Heart*. Fiz minha peregrinação a São Levaro onde se conserva ainda a casa de *Sennie Dean* o abbade... — por causa de *Lochleven* e os *Puritanos* que eu prefiro chamar *Ord-Mortality*. Escondi-me tambem atraz de um dos pilares da cripta de São Mungo em *Glascow*.

Emfim, não deixarei o Senhor *Walter Scott* sem fallar de sua encantadora bisneta que foi tão bôa para mim nesse castello em que se falla do bom e nobre senhor. Deram-me nessa occasião o autographo de um manuscripto bastante curioso que elle não terminou.

Mas os negocios vêm interromper esta tão agradável palestra e resta-me apenas o tempo necessario para dizer-vos que ainda não recebi a vossa estatua.

Penso como vós até um certo ponto. O merito das estatuas romanas não é quasi nunca original. Nunca pude habituar-me ao lado artistico do *budhismo*.

Adeus! Fallai-me sempre de vossos conhecimentos que são ainda meus em grande parte, e crêde sempre na reciprocidade da affeição do

Vosso muito affeioado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Roma, via Montebello.
30 de Setembro de 1879.

Magestade,

Recebi a carta de Vossa Magestade datada de 18 de Agosto. Estou bastante aborrecido com as graves preocupações que, neste tempo de privação no Brasil, affectam e tão justamente o Imperador. A Europa tambem vem soffrendo cruelmente por causa da temperatura. A Sicilia ficou esterilizada pela secco do inverno, emquanto o mesmo inverno inundava tudo na Italia, principalmente na Alta Italia e na França. Mas aquelles que têm o encargo de almas como Vossa Magestade não sabem esperar com paciencia. Os negocios da Asia vão de mal a peor. O desastre do Afghnistão lança a Inglaterra em uma nova serie de aventuras e, para dizer a verdade, a sua politica no mundo não é mais outra cousa. Após uma guerra em Sierra Leone, ella correu a uma campanha na Abyssinia; combate contra os Zulús, e agora, para manter a gloria mais regular que util desta ubiquidade, é preciso que vença os Afghans, os Turcomanos, ao norte do Seyndhy, após ter tomado Chypre com o fim de fazer viver os Turcos. Todo esse barulho e essa desordem não podem ir longe nem durar muito tempo sem resultar em catastrophes.

Vossa Magestade viu que em França pessoas vindas da Nova Caledonia (8) foram recebidas com o enthusiasmo da moda pelo commercio de Pariz que julga com isto mostrar-se de uma generosidade bastante

habil e dos 600 degredados que voltaram, 150 já foram detidos e encarcerados por roubo. Todo o caracter do Occidente, nos tempos de hoje, é miseravel e mesquinho acima de qualquer idéa.

Não creio que se publique grande coisa nem que se trabalhe muito. As idéas estão longe, ou antes, ellas não estão em parte alguma. Ainda não pude ver Liszt que no emtanto está em Tivoli com o Cardeal. Elle veio ver-me mas justamente nesse dia eu tinha ido fazer uma curta visita á Condessa de La Tour que, de volta de Sorrento, deteve-se em Olevano nas montanhas no alto da Palestrina. Ella está fazendo numa só tela um estudo de sete cabeças de crianças e de moças que é um bellissimo trabalho.

Estou bem deseioso de saber si a estatua chegou enfim em bom estado á Vossa Magestade e, sobretudo, si ella agrada ao Imperador, com o que eu ficaria radiante. Tenho grande anciedade em saber a sua opinião minuciosa como Vossa Magestade m'o prometteu. O Conde de La Tour sentir-se-ha feliz em occupar um cargo junto a Vossa Magestade. Ainda que eu seja muito seu amigo, o Imperador não me julgará suspeito em fallar da rectidão de seu character e da bondade de seu espirito. Eu tambem, quizera muito servir o mais cedo possivel Vossa Magestade; mas sobretudo, em condições que permitissem conversar, como no Rio ou em viagem, pois confesso que não aprecio muito as corridas "au clocher" ou as occasiões raras e agarradas pelos cabellos que só se apresentam em Pariz.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 1.º de Outubro de 1879.

Gobineau,

Não quero tardar em dizer-vos que acabo de abrir a caixa da vossa *Mima*. Ella ainda não está collocada convenientemente para ser apreciada, mas posso dizer-vos desde agora que a expressão muito me agrada.

Nada de novo. Escrevei-me a miudo, fazei com que eu possa respirar um pouco da athmosphera das bellas-artes e crêde que si o corpo começa a contar os 54 annos, o espirito é sempre joven. Como sinto saudades dos meus domingos!

Fiquei muito contente em saber o bom exito de Nordeus-Kield. Conheço esse sabio desde Philadelpia e deveis lembrar-vos que o encontrci em Stockholmo.

Como invejo a vida que levais em Roma! Os momentos de solidão compensam-se bem depressa com um duplo goso. Fallai-me de tudo o que julgais poder interessar-me.

Escrevi ha pouco tempo a Messala. Sempre amei a Grecia e nunca me esquecerei dos breves dias que lá passei.

Adeus! Acreditai sempre na sincera amizade do

Vosso muito affeiçãoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Roma, 18 de Outubro de 1879.

Magestade,

Finalmente acaba de ser publicado o meu livro e julgo que Vossa Magestade irá recebê-lo juntamente com esta carta. Isto me faz pensar em alguns assumptos sobre os quaes tenho pressa em saber a opinião de Vossa Magestade: a Estatua da Mima, em primeiro lugar e depois este trabalho. Para a primeira, chego a contar os dias, pois conto dentro em breve receber a noticia de que o marmore chegou á presença de seu juiz e desejo tanto que a impressão seja a que espero que custo a conter a minha impaciencia. Quanto ao outro, isto é o livro, é bem verdade que passei minha vida a reunir documentos e a preparar suas bases. Para elle escrevi o *Essai sur l'Inégalité des races*, para elle escrevi a *Histoire des Perses*, afim de estudar si o temperamento das raças arianas resiste e permanece o mesmo em todos os climas. Meu livro está terminado no tocante ás applicações historicas; muito breve o *Amadis* virá completal-o com as explicações intellectuaes e moraes. Sei muito bem que nos tempos de hoje, terei tanto trabalho e difficuldade como tive para terminar toda a minha obra, mas isto pouco importa. Estou adiantando a terceira e ultima parte do *Amadis* e quizera muito publicar a segunda no decorrer do proximo anno. Meu editor lamenta em altos brados a decadencia da verdadeira litteratura que infelizmente se acha bem doente. Acredito-o tanto mais que o *As-somoir* (9) do Snr. Zola attingiu agora mais de cem edições e está sendo traduzido para todas as linguas.

Um Francez que esteve aqui contou-me que o illustre Snr. Zola não dissimula o seu profundo desprezo por tudo que se fez antes d'elle; e chama os que procuram inspirações differentes das suas “de gens qui font des culbutes dans le bleu de l'azur”. Elle prefere fazel-as na lama e sae-se bem como se vê. Na verdade, o tempo de hoje é, no seu genero, admiravel; o Snr. Cataldi que chega de Pariz onde foi levar os barretes dos novos Cardeaes foi recebido pela *casa militar* do Snr. Grévy. Quando a gente pensa que se fizeram tantas revoluções e tantos discursos, que se cortou o pescoço de tanta gente innocente e se deixou a Europa de cima para baixo para no fim apparecer o Snr. Grévy com uma casa militar, é para se cahir para traz de estupefacção. E' verdade que todos os pequenos burgueses do universo estão encantados. Elles veem-se todos, e cada um, num futuro proximo, cercados de uma casa militar.

O cardeal Hohenlohe celebrou um dia destes a tomada de posse do canonicato de Liszt em Albano e convidou-me para assistir; mas, por coincidencia achava-me em Subiaco de maneiras que não pude assistil-a, com o que fiquei desolado. Começam já a voltar a Roma. Para mim que não sahi durante todo o verão, não acho essa época desagradavel. E' verdade que houve casos fataes de febre mas os engenheiros para isto contribuíram com os trabalhos do curso do Tibre. O engenheiro é seguramente um dos animaes mais nocivos da creação, não só para os monumentos como tambem para a vida do homem...

Gobineau a D. Pedro II

Roma, 25 de Outubro de 1879.

Magestade,

Recebi esta manhã as duas cartas de Vossa Magestade datadas de 27 de Setembro e de 1.º de Outubro. O Imperador pode imaginar como estava ancioso por saber si a *Mima* havia chegado em bom estado, e sobretudo si agrada a Vossa Magestade. Mas ella ainda não tinha sido collocada e si bem me parece, estava mesmo dentro da caixa. Aguardo com bastante impaciencia a opinião que Vossa Magestade me autorizou a esperar. Gostei muito do meu trabalho e enche-me de satisfação o pensar que elle teve bom exito. Tudo o que o Imperador me diz sobre Walter Scott, eu o sinto egualmente com uma vivacidade intensa. *Old Morhediley* encantou-me, eu o reli precisamente por ultimo e estou ainda maravilhado. Vou ler agora *Warwerly*. Comprehando do fundo do coração todo o prazer que Vossa Magestade sentiu em ver os lugares onde viveu o autor de tão bellas cousas e que tão bem soube amar as idéas que expoz. Estou bem disposto a me sympathisar com elle agora que a terceira parte do *Amadis* me absorve. Não creio que jamais se diga verdades mais duras em linguagem mais fria sobre a época actual e é este um mister que exerço de bom grado, pois meu odio e meu desprezo por tudo o que se faz vae crescendo sempre. Alem disso, o *Amadis* é a metaphysica do historico do *Ottar-Jarl*. A estas horas Vossa Magestade já deve ter certamente recebido, esta grande e primeira occupação de toda minha vida. Espero a opinião do Imperador a respeito, co-

mo sobre a *Mima* e outras cousas. Eis alguns themas de conversação para os domingos, caso Vossa Magestade pense ainda naquelles inesqueciveis domingos e em nossas palestras a bordo e sobre a montanha de Scutari. Que faço eu? Tudo isto voltará algum dia? Por mim desejo-o sinceramente. Mas ha de parte a parte tantos obstaculos! E os factos materiaes e o que Vossa Magestade chama, invejosos. Dos primeiros, algumas vezes, a gente consegue desvencilhar-se com o tempo; dos segundos, quasi nunca. Já não estou mais só, a Senhora de La Tour chegou mas não se sente bem disposta; chegou tambem o principe de Teano e sua encantadora senhora; o barão de Uxkull, embaixador da Russia que julgo ser pessoa muito sensata e o Snr. de Kendell em cuja casa vou jantar na companhia de Liszt o qual me pede para apresentar seus respeitos a Vossa Magestade. Os Minghetti ainda não vieram, nem Bonghi. Supponho que o Imperador já leu o livro de Renan, *l'Eglise Chrétienne*. Elle mostrá-se tão christão nesse livro e não seria para admirar que depois de ter feito a côrte á Academia, elle viesse a fazer o mesmo aos bispos. Toda a culpa tem perdão. O que vi de mais bello nestes ultimos tempos, foi o discurso do Marechal de Monteuffel ao povo de Metz. Estou certo de que Vossa Magestade é da mesma opinião. Adeus, Senhor, a Europa está numa situação que se agrava dia a dia. O mal accentuar-se-á dentro em pouco e a fome é imminente na Italia e na França. Estamos pouco mais ou menos no V.^o seculo...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 1.º de Novembro de 1879.

Gobineau,

Vossa Mima agrada-me, mas ainda não pude colloca-la de modo a dar-lhe um certo realce; dentro em pouco, conversarei comvosco a respeito; mas que saudades daquelles domingos cuja falta sinto cada vez mais.

A secca das provincias do Norte não me dá agora tantos cuidados, mas, na minha posição, tenho sempre muita cousa com que me preoccupar. Paciencia é cousa que não me falta; procuro cumprir meus deveres, mas podeis fazer uma idéa do quanto me ressinto com o pouco de liberdade que desfructo. Como vos deveis sentir bem em Roma e como são pittorescas essas montanhas do lado de Subiaco.

Fiquei muito satisfeito com a escolha do vosso amigo de Latour para a missão da Italia em meu paiz e recebê-lo-ei como elle o merece. Penso como vós a respeito da politica do Beaconsfield e a India fez-me lembrar as fabulas do vosso amigo Lord Lytton das quaes li uma traducção e gostaria bem de possuir o original. Nellas encontro muita profundeza de idéas e de espirito.

Como vai Blunt e a netinha de um dos meus poetas predilectos? Que dizeis do trabalho sobre os Mirabeau? Creio que vos agradou, pois conheço vosso character pessoal. Na verdade, a epoca tudo nivela, tudo confunde, mas que dizer, quando com a reflexão concluimos que foi sempre assim? A boa litteratura

quasi desaparece, mas as sciencias fazem sempre grandes, immensos progressos, ainda que se extendam demasiado.

Eis que estes bons momentos se vão. Felizmente, tenho deante de mim, tres dias bem folgados e espero desferrar-me com tudo o que agrada o espirito. Podeis ver portanto que não sou exclusivo em meus gostos e, sobretudo, que sou muito egoista em minhas affeições.

Escrevei-me mais a miude, fazei-me participar de vossos divertimentos tão animadores de Roma e não duvideis jamais do interesse que dou ás nossas palestras.

Adeus! Transmitti aos meus a expressão dos vossos sentimentos e todos vos agradecem muito e emfim sou obrigado a terminar esta para recommençar, logo que o permitta, a vida muito afanosa para a amizade do

Vosso muito affeçoado
D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 15 de Novembro de 1879.

Gobineau,

Recebi hontem vossa carta que muito me interessou. Ao mesmo tempo chegou-me o vosso *Ottar-Jarl* cuja leitura começarei esta noite e espero terminal-a amanhã durante o dia. Esses estudos muito me agra-

dam e, como sabeis, não protesto sinão contra o que julgo ser muito absoluto em vossa doutrina sobre as raças humanas.

A *Mima* será em breve o thema para uma boa palestra.

O que dizeis da epoca que atravessamos, é bem verdade, mas felizmente garantimo-nos com o estudo do bello e das questões que interessam o progresso da humanidade.

Escrevo ás pressas como demonstra o papel que empreguei, mas o tempo urge. Felizmente as Camaras encerraram seus trabalhos e daqui por diante posso dispor um pouco do meu tempo.

Como sinto saudades dos nossos domingos. Fazei com que eu possa revivel-os com a vossa correspondencia. A vossa parte é melhor do que a minha, mas não me dou por vencido nos sentimentos que vos consagro.

Adeus!

Vosso muito affeioado
D. Pedro de Alcantara.

Fallai-me de tudo. Acabais de visitar Subiaco e no emtanto nada me dizeis dessa garganta tão pittoresca e da igreja tão curiosa, toda medieval. Adeus!

Ainda duas palavras. A descripção *On the account of a recent journey from Bagdad to Bushire by Wilfred S. Blunt*, deve sêr muito interessante. A senhora Anne o acompanhou. Comprehendeis porque apresso-me em fallar-vos.

Gobineau a D. Pedro II

ROMA, 2 de Dezembro de 1879.

Magestade,

Sinto-me tão feliz e tão commovido com a carta que Vossa Magestade me escreveu que não tenho palavras para dizel-o. Respondo sem demora, tendo, no intimo, um constante desejo de fallar a Vossa Magestade e uma profunda magua por não vos ver. Mas que fazer? Nem sempre a gente tem o que mais quer e no emtanto se vive. Tenho pressa em que Vossa Magestade possa ver a *Mima* nas melhores condições possiveis e sob seu aspecto essencial. Fiz o melhor que pude e da maneira que mais me agradava. Quizera que em esculptura esta obra fosse das mais notaveis e mais pessoaes. Tanto mais que foi para Vossa Magestade que eu a fiz e assim contribuii tudo para que me esmerasse.

Acabei a primeira metade da III.^a parte do *Amadis* e a interrompi por algum tempo, afim de terminar com um accrescimo sufficiente de idéas; estou agora muito apaixonado pela tradução do *Koush-Nameh*. E' bastante difficil e requer muitas notas e commentarios agradaveis a fazer, mas complicados. O que é difficil torna-se interessante. Descobri o pseudonymo do autor, mas ainda não achei o seu verdadeiro nome e escrevi para a India e Teheran afim de ver se obtenho mais alguns pormenores. Mohl em seu *Shah-Nameh* (10) ignora a existencia dos *Koush-Nameh* e o nome do autor do *Bahman-Nameh* e acabo de descobrir

que os dois poemas são obras da mesma mão e do mesmo cerebro. Nada é mais curioso do que esses problemas.

Espero que Vossa Magestade tenha enfim recebido a *Vie d'Ottar-Jarl*. A maior parte das pessoas em França não comprehenderam o que eu quiz fazer e se illudem crendo que nella a idéa genealogica é tudo. Parece-me entretanto ter feito o que até hoje jamais se fez escrevendo historia sobre os homens e não sobre theorias e generalidades, e que o facto de mostrar um mesmo character e uma mesma natureza continuando-se em gerações ininterruptas vale a pena que se note. Mas o espirito francez está podre e essa gente que inventou a Republica para ver um Grévy offerer partidas de caça nos bosques de Marly a um Gambetta, nada pode conceber que não seja baixeza.

Não se vê muita gente em Roma e a vida social não começa ainda. Aliás, tenho muito que fazer para apressar-me a frequental-a quando estiver em actividade. A Rainha esteve bem doente este verão, mas assegura-se que ella está melhor e aqui chegará dentro de alguns dias. A politica geral gira com difficuldade, impellida pelas causas internas que conduzem a Europa para a sua dissolução, reprimida pelo terror geral de ver o inicio de luctas cujo fim não se poderia imaginar, e muito menos ainda suppôr o alvo. As cousas permanecerão assim por algum tempo, talvez mezes, um, dois annos, e teremos o desgosto de ver as explosões, no meio da ignorancia e da pequenez de coração e de espirito dos que hoje se chamam homens de Estado. Como eu gostaria no entanto de pensar que não ficarei muito, muito tempo, sem abraçar Vossa Magestade. A affeição é a mais bella cousa da vida e é

verdade que teríamos tanto e tanto a nos dizer! Muito daria para me encontrar com Vossa Magestade no caminho de Megara e mesmo nas montanhas da Corinthia! Eis o que vale a pena viver! Mas porque não iríamos nós á Noruega? Nada existe de mais encantador do que o caminho de Christiania a Trondhjem...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 9 de Dezembro de 1879.

Gobineau,

Estou relendo o vosso livro. Elle agrada-me sobretudo porque lendo me parece ver-vos tal como sois. Dentro de poucos dias, tereis minha opinião completa a esse respeito.

Encarreguei um artista para collocar convenientemente a vossa *Mima*, segundo minhas indicações; mas apesar da minha insistencia o trabalho ainda não foi feito, pois elle está agora cheio de serviço, e é este o motivo porque ainda não vos fallei a respeito como o desejo.

Nada de novo em minha vida. Que tal achais o discurso de Henri Martin? (11) A mim agrada-me muito.

Os artigos de Bersot sobre Cousin (12) são de grande valor. E' raro hoje em dia escrever-se como elle o fez. Ainda não li o livro de Renan. Todavia, como sabeis, sinto uma grande attracção pelas leituras scientificas onde adquiro quasi sempre alguma cousa.

Adeus! Até logo. Narrae-me a vossa vida de Roma. Que esplendida musica deveis ouvir em casa do cardeal Hohenlohe.

Adeus!

Vosso muito affeïçoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Roma, 14 de Dezembro de 1879.

Magestade,

Recebi a carta de Vossa Magestade datada de 15 de Novembro e respondo sem tardar. Ella causou-me um prazer immenso. A situação economica nas provincias do Norte, tende a melhorar, o que é uma grande cousa para o coração de Vossa Magestade e as Camaras encerraram os seus trabalhos, o que dará ao Imperador um pouco de tranquillidade. A importancia destes dois bens não é igual, mas a paz e um certo descanso que elles trazem são duas boas cousas. Por isso, procuro associar-me á verdadeira felicidade e ao menor bem estar. Ficaria muito contente em saber as impressões de Vossa Magestade acerca da *Mima* e talvez, mais ainda, sobre *Ottar-Jarl*. Quiz mostrar que a historia dos homens, isto é, das familias que são o homem completo, seria uma base mais real de conhecimentos do que as collecções vagas de generalidades que se costuma dar como explicação da Historia e que mudam cada dez annos com o espirito das populações mestiças que as imaginam, e pensei inventar assim uma novidade util a propôr.

Dei o orçamento de uma terra senhorial no tempo do feudalismo e mostrei que era uma instituição util e não totalmente oppressiva como se affirma todos os dias. Talvez Vossa Magestade veja ainda que eu disse aqui e alli, outras cousas que parecem não ter sido percebidas. Está claro que a descendencia de Ottar não é cousa indifferente para mim. O que pensaria o Imperador que me conhece tão bem si eu dissesse uma tal mentira? Mas Vossa Magestade está certamente convencido de que si fosse para contar cousas que interessassem sómente a mim, eu não me teria occupado durante tantos annos com indagações e trabalho para com elle edificar o publico. Dizia eu um dia destes a Vossa Magestade que havia recebido algumas criticas que me pareciam bem pouco razoaveis. Desde então, chegaram-me cartas completamente differentes. Um padre de Beauvois escreve-me a este respeito e elle comprehendeu perfeitamente minhas idéas e minha intenção, e prometeu-me, além disso, outras informações que serão de grande importancia para a proxima edição. O que eu espero com impaciencia, é saber a impressão de Vossa Magestade. Pois entregamo-nos com affinco a um trabalho quando este se destina a alguem a quem muito se quer. Escrevi hoje a Wilfrid Blunt a respeito do seu livro e ao Snr. Lytton para pedir-lhe que vos envie *The fable in song*, pois julgo que Vossa Magestade o receberá com mais prazer vindo d'elle que se viesse de mim ou de um anonymo. Estou mais do que nunca mergulhado na minha traducção persa e nella encontrei duas cousas muito curiosas, um catalogo de livros byzantinos que, por muito resumido que seja prova o que sempre se negou, que os Asiaticos estudaram os Historiadores de Roma da Italia tanto como os escriptos medicos ou philosophicos e que conservaram signaes das mais antigas heresias christãs que ninguem

suppunha. Estou agora traduzindo uma passagem relativa a Simão o Magico que irá encantar Renan. Mas minha maior occupação é o meu terceiro *Amadis* e o busto da *Ariana*. Estou fazendo tambem o retrato (busto) de um barão allemão. Sois de opinião que eu mande a *Histoire d'Ottar-Jarl* á Senhora Princeza Imperial da Allemanha? Não será isto abusar de sua constante bondade para commigo o que devo a Vossa Magestade? Adeus, Senhor, está fazendo um frio como nunca se viu em Roma, e que miseria! O Cardeal de Hohenlohe apresenta seus respeitos a Vossa Magestade. Liszt vae bem; Bonghi tornou a ir para Napoles mas voltará. Minghetti não me parece estar junto ao Ministerio...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 25 de Dezembro de 1879.

Gobineau,

Envio-vos os meus melhores votos para o Natal.

Bem tinha previsto que devieis ser descendente de *Ottar-Jarl*. Vosso livro interessa-me muito. Ahi descreveis, em largos traços, a idade média, e lendo o nome de Froissard, lembrava-me das mais attrahentes leituras da minha mocidade. Vosso trabalho será o assumpto de uma carta escripta com socego em Petropolis.

Quanto a *Mima*, o encarregado de collocal-a, demora de um modo que me irrita. Elle já o sabe. Gosto de fazer as cousas depressa, mas, para as obras de arte, quizera aprecial-as sempre.

Sempre muito que fazer, e leituras interessantes enchem a minha secretaria. Isto irrita-me ás vezes, mas bem depressa reflecto e resigno-me pacientemente.

Como deveis sentir-vos bem em Roma! Ah! si ao menos eu tivesse os domingos de outróra! Emfim, eu já vos disse o que me consolava alimentando tambem a actividade do espirito que, entretanto, teria necessidade de ser equilibrada pela do corpo. Mas para fazel-o, seria preciso dispôr de tempo e ter com quem conversar passeando; pois aqui, quasi não ha passeios para se ir ao acaso.

Adeus! Até logo no repouso das montanhas. Ha verdadeiramente trechos no vosso trabalho que justamente a gente só aprecia na segunda leitura.

Agora, comprehendo perfeitamente a vossa paixão pela poesia da idade média. Entre os vossos antepassados um delles adoptou o nome de um dos cavalheiros da Mesa Redonda.

Adeus! Como vae a vossa leitura de Walter Scott? Eu vos invejo.

Vosso muito affeiçãoado
D. Pedro de Alcantara.

NOTAS

- (1) Visconde de Taunay: *D. Pedro II*, p. 204 e 205.
- (2) A primeira edição da *Biographia de Chopin* por Liszt data de 1852.
- (3) O primeiro telephone foi apresentado por Bell em 1875 na Exposição Universal de Philadelphia. Diz-se que foi pelo interesse manifestado por D. Pedro a esta nova invenção que os sabios americanos comprehenderam que se não tratava de um brinquedo.
- (4) Lucrèce Borgia (1480-1519), irmã do cardeal Cesar Borgia. Celebre por sua belleza, protectora das letras e das artes. A tradição ás vezes a accusa como um monstro cheio de vicios, outras a apresenta como um modelo de todas as virtudes. Victor Hugo fez della o principal personagem de seu drama historico (1833) e, em 1834 Donizetti tomou-a para thema de uma de suas operas. O proprio Gobineau introduziu este personagem enigmatico em seu trabalho, então recentemente apparecido: *La Renaissance*.
- (5) O segundo volume do grande trabalho de Taine: *Les Origines de la France Contemporaine*, intitulado: *Revolution* (1878). O primeiro volume: *Ancien Régime* tinha apparecido em 1875, o terceiro: *Conquête Jacobine* appareceu em 1882; o quarto e ultimo: *Gouvernements Révolutionnaires* é de 1884.
- (6) *Paul-Gustave Doré* (1832-1883) pintor e sobretudo desenhista francez, celebre principalmente por suas illustrações de obras notaveis. Suas illustrações mais conhecidas são as que elle compoz para os "*Contes Drôlatiques*, de Balzac (1856); o *Inferno*, de Dante (1861), as *Fabulas de La Fontaine* (1867), as *Obras de Rabelais* (1872) 2 volumes; e o *Orlando Furioso*, 1879, in-folio, onde elle mostra uma fecundidade de imaginação e uma originalidade dignas do assumpto. O exemplar do qual falla

aqui o imperador conserva-se ainda na Bibliotheca Imperial do Castello d'Eu.

(7) *Bayreuther Blatter*. A obra do conde de Gobineau foi repetidas vezes estudada nesta revista. Assim no numero de 11 de Novembro-Dezembro de 1882: *Graf Arthur Gobineau. Ein Erinnerungsbild aus Wahnfried*. Foi o "Bayreuther Blatter" que consagrou a Gobineau o melhor artigo necrológico (Maio de 1886).

(8) Após a Revolta de Paris em 1871, 10.000 (communards) foram condemnados á deportação.

(9) *L'Assommoir* é de 1877.

(10) Ver capitulo IV, nota 7.

(11) Henri Martin, historiador e homem politico, tinha, em um discurso, se levantado contra a dissolução da Camara dos deputados pelo Presidente da Republica de então, o Marechal de Mac-Mahon.

(12) Bersot (Pierre-Auguste) [1816-1880] professor de philosophia, secretario particular de Victor Cousin quando este foi ministro da instrucção publica em 1840 — depois director da Escola Normal Superior de Paris.

Foi no "Journal des Débats" do qual Bersot era um dos principaes redactores, que appareceram os artigos sobre Victor Cousin.

Ver capitulo IV, nota 7.

CAPITULO XIII

ANNO DE 1880

O problema da emancipação dos escravos no Brasil, traçado desde muito tempo diante da opinião mundial, não se resolvia tão facilmente como teria desejado D. Pedro II e a generalidade dos Brasileiros de então. Discussões de um caracter mui violento succediam-se na Camara sem trazer verdadeiramente conclusões practicas. Verificavam-se desordens nas ruas. Fez-se fogo contra o povo. D. Pedro soffre profundamente presenciando esses tristes acontecimentos, e repetidas vezes, falla a seu amigo Gobineau, o qual demonstra pouca ternura pelas massas “tão loucas, tão tolas, tão mal inspiradas no sentido dos seus direitos” (28 de Janeiro de 1880). O Imperador continua suas viagens pelo Brasil. Depois de São Paulo, elle visita detalhadamente o Paraná, e mostra-se satisfeito.

O conde de Gobineau quasi cego e não podendo mais trabalhar, ficou profundamente desgostoso com a morte de um de seus genros, o barão de Guldencrone, por quem tinha grande estima.

Seu segundo encontro com os Wagner em Veneza, Outubro de 1880, traz um pouco de descanso a seu estoiço desespero. Madame Wagner o encanta.

Madame Wagner, Cosima (morta em 1918), era uma das duas filhas que Liszt tivera de sua longa união com

a condessa de Agoult. Casou-se em primeiras nupcias com o chefe de orchestra allemão Hans de Bulow. Divorciada, casou-se depois com Richard Wagner. Cosima foi uma grande amiga do conde de Gobineau com quem manteve interessante correspondencia ainda inedita (Bibliotheca de Strasbourg, fonds Gobineau, manuscrit 3526). Ella publica, depois de sua morte, bellas paginas a seu respeito, sob o titulo: *Erinnerungsbild aus Wahnfried*, que appareceram nas *Bayreuther Blatter*, 1882, pp. 341, 352 e publicadas mais tarde em opusculo (Stuttgard, 1907).

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 3 de Janeiro de 1880.

Gobineau,

Tendes lido noticias do Rio? Esses acontecimentos affligem-me profundamente. E' esta a primeira vez que isto succede no Rio desde 1840. Ha quasi quarenta annos que aqui presido o Governo sem que jamais fosse preciso atirar contra o povo. Felizmente, parece que tudo volta ao seu estado normal.

Eu vos escrevo uma carta mui curta e quasi que só para augurar-vos um novo anno como o desejaes. Comò sinto não poder fallar-vos acerca de vosso livro tão interessante! A *Mima* já está collocado sobre o seu pedestal. Ella muito me agrada. A sua physionomia representa alguma recordação, ou mesmo um retrato? Ella exprime bem a acção. A magreza de seus braços e de suas pernas indica a sua condição, mas eu acharia

talvez os seios um tanto desenvolvidos. Eu a contemplo a miude, sobretudo do lado direito que prefiro.

Não disponho de tempo para dizer-vos agora a minha impressão completa.

Obrigado por vossa boa carta. Sim, eu nunca me esqueço de tudo o que juntos admiramos e das nossas palestras que tanto me interessavam.

Adeus! Que noticias sabeis de vossa filha em Athenas?

Vosso muito afeiçãoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Roma, 7 de Janeiro de 1880.

Magestade,

Como nunca leio jornaes, só hoje fiquei sabendo do alarme que houve no Rio. Espero que esse facto não tenha tido consequencias deploraveis e que se tenha conseguido vencer promptamente o movimento. As cousas na America não estão no mesmo ponto que na Europa e ahi se póde ter uma certa confiança no restabelecimento da ordem o que aqui seria apenas ficticio. Vossa Magestade ouviu fallar da miseria que se agrava muitissimo em todos os paizes europeus? Em Pariz morre-se de fome, em plena rua; as cousas aqui não estão melhor; na Irlanda, é ainda peor; na Alemanha, não se sabe o que fazer; as finanças russas vão de mal a peor e por toda a parte falla-se com affecta-

ção. Quanto a mim não confio na continuação de um estado de paz que possa attingir dezoito mezes e, em todo o caso, que se prolongue muito além. Emquanto os governos temporaes sentem-se cada vez mais sacudidos pelas necessidades de toda especie, o proprio Vaticano parece tambem attingido pela miseria e começa a ver exgottarem-se todas as fontes de renda. Começa-se a não mais saber o que será feito do dinheiro de São Pedro. Receio que d'aqui a pouco tempo, não se faça grandes esforços para os expedientes e as consequencias de taes esforços.

O discurso do Snr. Taine foi lido por pessoas de meu conhecimento e segundo ouvi dizer parece que foi muito apreciado. Vejo que o de Henri Martin agradeu a Vossa Magestade. Mas d'elle não tenho idéa alguma. Vou procurar os artigos de Bersot. Mas tudo isto não é do meu gosto. Renan vae á Inglaterra no mez de Março para fazer conferencias sobre a Igreja primitiva. Elle foi chamado e penso que o Decano Senhor Stanley é um dos que pediu para que elle fosse. Blunt envia-me um discurso por elle pronunciado na Sociedade de Geographia. Remetto-o junto a esta pensando que Vossa Magestade se interessará pelo grave accidente de que quasi foi victima a Senhorita Anne. Blunt esteve prestes a soffrer um peor, pois era para elle juntar-se á missão do Coronel Cabagnari e teria sido massacrado sem duvida nenhuma. O livro acerca da nova viagem ainda não foi publicado e Blunt apressar-se-á em enviar-o a Vossa Magestade.

Supponho que Vossa Magestade está ao par dos progressos em que se acham os trabalhos destinados a fazer com que Oxus (1) volte novamente ao seu leito. Parece que os reservatorios de agua e os diques de Bokhara já foram destruidos. Como o resultado destes

melhoramentos é tornar novamente cultivavel o lado oriental do Caspio e, por consequente, reabrir este caminho ás armadas do norte e de leste, por mim considero esta questão como uma das mais importantes entre todas as que o mundo actual possa apresentar. Não posso dizer a Vossa Magestade o quanto me sinto feliz com a attenção que daes ao *Ottar-Jarl*. Recebi a esse respeito algumas cartas que me causaram grande satisfação e prevejo a segunda edição que conterà informações já promettidas as quaes me darão ensejo de aprofundar-me mais em pontos que ainda não vejo claramente, e que não esperava poder fazel-o. Como elle significa para mim a grande preocupação de meu espirito e de meu coração, Vossa Magestade póde imaginar como estou contente. Mas como vou de encontro ao espirito moderno! E' decididamente irreconciliavel e isto alegra-me como tudo o mais. Por outro lado, as pessoas de bom pensar estão escandalisadas com o pouco de consideração que eu mostro para com as categorias; positivamente eu deveria ter me contentado em viver no X.^o seculo, mas não tenho qualidades proprias ao XIX.^o...

Gobineau a D. Pedro II

Roma, 28 de Janeiro de 1880.

Magestade,

Estou muito aborrecido com as noticias do Rio e comprehendo muito bem a triste impressão que esses deploraveis acontecimentos produziram no coração de

Vossa Magestade. Nestes ultimos dias, a Senhora Condessa de La Tour e eu temos fallado muito nisso, imaginando sem cessar a maneira pela qual Vossa Magestade os ressentiria. E' bem triste que um príncipe tenha coração e cabeça quando os povos de hoje não os teem e a maior accusação que se póde fazer contra as massas, é serem ellas tão loucas, tão tolas, tão mal inspiradas no que diz respeito ao justo direito, quando ellas teem ha quarenta annos diante de seus olhos, a experiencia de um soberano como vós sois e, por outro lado, o que se passa em França mostra em que mãos se expõe a gente a cahir quando se vive ao acaso. Nada é mais repugnante do que as tristes loucuras dos tempos de hoje. Ellas nem mesmo teem por desculpa as illusões apaixonadas de ha oitenta annos.

Fico muito satisfeito em saber que a *Mima* agrada a Vossa Magestade. Era isso o que eu mais desejava. Vossa Magestade pergunta-me si é um retrato ou uma recordação. Nem uma nem outra cousa. E' puramente uma idéa e eu quiz exprimir nessa cabeça joven um "que" de severidade triste que contrasta com a dansa á qual ella se entrega. Trata-se de uma captiva.

Gostaria bem de encontrar uma igreja que me commendasse a minha Virgem. Creio já ter fallado nisso a Vossa Magestade. Nossa Senhora coroada é abençoada pelo Menino Jesus que ella traz em seus braços. E' o: *Benedicta in mulieribus*, e é curioso que ainda não se tenha pensado em fazel-a. Porém não sei si poderei executal-a algum dia. Não disponho de dinheiro sufficiente para tentar fazer antes que m'a comprem.

Vossa Magestade tem razão em relação aos seios da *Mima*. São um tanto desenvolvidos para a idade.

A *Histoire d'Ottar-Jarl* occupa-me cada vez mais. Tenho recebido novas notas de pessoas que nunca vi na

minha vida as quaes julgam que, si assim se escreve a historia das familias, dahi resultaria uma nova maneira e mais justa e mais profunda e mais interessante de ver a historia dos povos. Mas o que me interessa no mais alto gráu, é ver que no norte da França, entre as populações de origem germanica, é que se comprehende o que fiz. No Sul, em Bordéos, não comprehendem absolutamente onde eu quiz chegar. Não é isto na verdade gallo-romano?

Estou bastante adiantado em meu III.^o *Amadis* e pretendo acabal-o este anno. Hoje em dia, não ha como o trabalho pessoal e estou tão convencido disto que, já ha mais de um anno não abro um jornal. Sei as cousas apenas em conjuncto e segundo me contam, e estou tão convencido de que o mundo actual vae acabar horivelmente mal que os detalhes não me interessam. Com o trabalho, pessoal outra cousa não conseguimos senão uma inclinação cada vez mais viva e mais intima ás nossas affeições. Vossa Magestade bem póde imaginar que constantemente me preoccupo com o que fazeis e o que sentis. Eu bem quizera estar todos os domingos em São Christovão no meio dos livros de Vossa Magestade ou no pequeno salão de baixo. Creio mesmo que preferiria estar na praia de Odessa (2) em frente ao mar. Conservo, desses passeios na Criméa, uma recordação indelevel e tão enternecedora para mim! Em summa, a minha vida está tão intima e estreitamente ligada a Vossa Magestade que, cada vez que faço ou tenciono fazer ou me lembro de alguma cousa já feita que julgo ter um certo interesse, ouço dentro de mim esta pergunta: que pensará a este respeito o Imperador. Quanto vale na vida uma sincera amizade! Como não leio jornaes, recommendava-me sempre junto de Vossa Magestade á benevolencia da Senhora Princesa Imperial e o Imperador não me dizia que Ella se

achava na Europa. Soube, no dia de sua partida, que Sua Alteza Imperial tinha visto a Rainha no mesmo dia. Mas Sua Magestade a Imperatriz está agora em São Christovão e curvo-me reverente a seus pés. Adeus, Senhor, abraço Vossa Magestade com o respeito e a ternura e a dedicação que vos consagro.

Conde de Gobineau.

Gobineau a D. Pedro II

Roma, 12 de Fevereiro de 1880.

Magestade,

Nunca estive tão preocupado com Vossa Magestade como nestes dias. Essas irritantes historias do Rio puzeram-me fóra de mim mesmo, pois não cessava de pensar como Vossa Magestade devia tomal-as a peito e confesso que isto me causava um grande aborrecimento. Tudo acabou, mas eu quizera ter a certeza de que isto não deixou na alma do Imperador um ressentimento difficil de esquecer. E' a primeira vez que se dá tal cousa durante todo o seu reinado. A Condessa de La Tour e eu temos fallado sempre nisso e eu quizera estar certo de que nada tenha ficado no fundo do vosso coração, dando esse gosto que a absorpção da ingratição e da loucura tão facilmente deixam numa alma de tempera particular como a de Vossa Magestade. As cartas do Imperador são tranquillizadoras mas Vossa Magestade, menos que ninguem, jamais deixa escapar a ultima palavra sobre essa sorte de cousas e eu serei

mais injusto do que qualquer outro, com o receio de que deveria proceder de outra forma, ainda que o possa desejar.

Estou inteiramente entregue á III.^a parte do *Amadis* e por estes dias só me restará escrever os dois ultimos cantos. Em *summa*, quando estiver tudo prompto, será um poema de vinte mil versos e que trata de todos os assumptos destes tempos, darwinismo, politica e a morte da sociedade moderna. Não digo que seja uma cousa muito boa; está claro, que, si eu acreditasse ser injusto em fazer uma obra, cujo conteúdo, estivesse sob todos os pontos, forma e fundo, em contradicção com o que se ama, se approva ou se procura hoje em dia, facilmente teria desistido de começal-a e, si já tivesse começado, não a terminaria... Sei perfeitamente que encontrarei grande difficuldade em publicar as duas ultimas partes e mais ainda em fazel-as ler por um publico que tem gosto apenas para o *Assommoir* e para *Nana*. (3) O mal crescerá ainda com o *Commentario* que annexarei ao poema e que explicará tudo, sob todos os pontos de vista, esthetico, assim como social e moral, com uma franqueza absoluta e por conseguinte bastante rude. Mas, precisamente, por causa de tudo isto, vanglorio-me de ter feito uma cousa difficil, perigosa, e que, ao menos, me valerá um elogio de coragem. Si eu não disser isto a Vossa Magestade, não sei a quem me dirigir a não ser á Condessa de La Tour, para fallar do que me toca. Não quero terminar esta carta fallando só de mim; vi repetidas vezes a Senhora Ristori (4) esta semana e na precedente. Ella está encantada com a sua viagem á Suecia onde fez realmente grande successo. O Rei cumulou-a de gentilezas e em todas as cidades a população procurou imitar o Soberano. Numa palavra, ella foi recebida com ramalhetes e braçadas de flores tanto physica como moral-

mente. Eu fallei á Senhora Ristori que ia contar isso a Vossa Magestade porque ella me disse que era desagradavel contar essas cousas acerca de si mesma.

O que é bem differente e realmente bastante triste, é o estado de saúde da pobre Rainha. A sua melhora é minima e tão lenta que quasi não se nota. Acha-se aqui, a princeza Luiza da Prussia que visitou, um dia destes, os tumulos etruscos que acabam de ser descobertos na necropole de Tarquinio. Helbig que veio de lá, conta-me que esses não foram espoliados pelos ladrões da época romana, como os outros o haviam sido. Descobriu-se lá um lindo espelho e alguns vasos que parecem ser trabalho grego. Eis mais ou menos tudo o que vejo de novo por aqui. Adeus, Senhor, faço votos para que a proxima carta de Vossa Magestade me falle de boa saúde e de descanso de espirito...

D. Pedro II a Gobineau

Petropolis, 13 de Março de 1880.

Gobineau,

Podeis ficar tranquillo; o triste acontecimento do começo do anno affligiu-me profundamente, mas a convicção que tenho de ter cumprido sempre o meu dever de Monarcha constitucional, é para mim um consolo. Encontrar-me-icis na mesma disposição de espirito, e que boas palestras poderiamos ter aos domingos!

Lembro-me tambem, perfeitamente, dos momentos que juntos passamos na Cabala na margem do Mar Negro. Estou continuamente occupado; desconheço o que

seja tédio, e o estudo das sciencias tem para mim a attracção que conheceis, embora eu ame tambem com enthusiasmo as bellas artes.

A leitura do vosso *Ottar-Jarl* muito me interessou.
Lendo-o reconheço-vos a miude.

A idéa de apreciar as qualidades de uma mesma familia através as idades é bem vossa. A influencia dos meios differentes sobre os dois troncos é surpreendente, mas o caracter da origem persiste sempre.

A continuação do *Amadis* fará com que me sinta mais perto de vós, e terei assim occasião de dizer-vos o que penso sobre todas as questões que agitardes.

Amanhã estarei em São Christovão e deterei, um instante que seja, o olhar sobre a *Mima*. Vós vos queixaes de um pouco de reserva de minha parte, mas não podeis pôr em duvida, depois de todas as palestras que tivemos, a confiança que me mereceis, e está no meu caracter fallar de mim sómente quando vejo que assim é preciso para que me façam justiça.

Passarei ainda uma semana, ao menos, nestas montanhas que me agradam sobretudo pela tranquillidade que aqui encontro. Adeus!

Contae sempre com a affeição do

Vosso muito affeioado
D. Pedro de Alcantara.

Falla-se de esplendidas descobertas em Pergamo e estou á procura de photographias de esculptura das mais importantes. Escrevi a esse respeito á Princeza Imperial da Allemanha assim como a proposito do que se tem encontrado em Olympia.

D. Pedro II a Gobineau (5)

Gobineau,

Escrevem-me que estaes desanimado. Isto me afflige. De que soffreis? Coragem! Vosso amor ao trabalho deve dar-vos bastante consolação. Nelle eu as encontro, tambem, no meio dos dissabores da politica.

Nada de novo. Desci de Petropolis, talvez definitivamente. Aqui ainda está fazendo muito calor, mas lá eu não podia me entregar a certas obrigações como é preciso.

O vosso livro muito me interessa, mas creio que delle só poderei fallar-vos “à bâtons rompus”.

O que me dizeis da Russia? Parece-me que lá se volta aos tempos dos Ivans. Esse paiz necessitaria de dois ou tres Pedro o Grande.

Como sois feliz em poder vos entregar inteiramente ás vossas inclinações artisticas e a uma litteratura digna do espirito humano! Agora, olharei demoradamente a *Mima* cuja primeira impressão foi inteiramente favoravel como já vos communiquei.

Como vae a vossa traducção do persa? Quanto a mim quasi não tenho tempo para esses estudos que tanto me agradam. No entanto, faço o que posso para me desvencilhar desta politica que por vezes me suffoca.

Adeus! Sabeis o que terei de fazer dentro de poucos instantes? Tenho de me occupar com o novo organizador do Ministerio, que chegou ha pouco da Bahia, para resolver essa ingrata questão.

Escrevei-me a miude como conversavamos e contae sempre com o

Vosso amigo muito afeiçãoado
D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 24 de Abril de 1880.

Gobineau,

Que silencio e diziam-mé que não estaveis bem de saúde!

Isto me inquieta e espero ter em breve uma carta vossa que me tranquillize completamente. Nada tenho a dizer-vos a não ser que os negócios não me permittiram escrever-vos a respeito do vosso livro como pretendendo fazel-o.

Vejo tudo o que se passa na Europa e se reflecte até um certo ponto além do Oceano. E' preciso que se occupem mais seriamente com a educação do povo e não mais exploral-o por interesses mais ou menos admissiveis. Entretanto, não sou inimigo do meu seculo como vós o sois, e a doutrina da evolução é exacta em seu fundamento.

Os debates das Camaras já começaram a me privar das boas horas em que me entregava ás leituras de minha predilecção, mas estou sempre bem disposto e procuro empregar o melhor possivel minha actividade. Infelizmente, minha posição não me permite uma certa personalidade que, entretanto, eu não levaria tão longe como vós.

Que bello trabalho acaba de publicar Berthelot.
(6) Já lhe escrevi a respeito.

Adeus! Até logo! Espero que os negocios politicos — tristes negocios em geral — não me pesarão sobre os hombros.

Adeus! Sempre

Vosso muito afeiçãoado

D. Pedro de Alcantara.

Peço-vos desculpas pela calligraphia, ainda que isto pareça uma pequena vingança. (7)

Gobineau a D. Pedro II

Roma, 27 de Maio de 1880.

Magestade,

Acabo de receber a carta de Vossa Magestade datada de 24 de Abril e respondo sem tardar. Porque será que minhas cartas demoram tanto a chegar a Vossa Magestade! Receio que ellas se extraviem. Pois não tenho absolutamente impressão de ter ficado tanto tempo sem vos escrever. Sem contar que a ultima não era das melhores (la fleur des pois) quanto ao seu conteúdo. Francamente, eu via as cousas um tanto escuras porque estava soffrendo da vista e não me sentia muito bem. Peço a Vossa Magestade que me desculpe pelo pouco habito que tenho do estylo melancholico e, numa palavra, não se póde ser perfeito ainda que para isso eu me tenha esforçado, sobretudo para com Vossa Magestade que parece brincar com a minha letra.

Comtudo quando penso que não existe uma só pessoa para quem eu faça tantos esforços de calligraphia a não ser Vossa Magestade, e dizer que não consigo grande cousa! Reclamo comtudo todas as minhas pretensões á grande virtude; parece-me que escrevo neste momento como um mestre diplomado em letra de luxo, e além disso, sem um só gemido. Saúde e olhos hão de melhorar... (8) Estou certo de que Vossa Magestade vae decifrar correntemente esta formula musulmana, apesar dos discursos parlamentares. Dentro em pouco estaremos no meio das bellezas do systema. As novas Camaras abriram-se hontem, ou melhor ante-hontem. Minghetti assegurou-me que elles (os Conservadores) tinham sessenta votos a mais que os outros, o que era insufficiente para tomar conta dos trabalhos mas bastante, entretanto, para formar um nucleo consideravel; a meu ver, na pratica, isto significa que com uma coalisão de uma parte da esquerda, poder-se-á esperar alguma participação na formação de um gabinete. Elle mostra-se admirado por ver que, nas eleições em conjunto, o seu partido obteve setenta e cinco mil votos a mais que na ultima vez, o que prova, na opinião d'elle, um despertar consideravel de sympathias conservadoras no paiz. Pergunta-se, agora, o que farão os Conservadores quando tiverem o poder em suas mãos. Elles farão identicamente o mesmo que a esquerda, porque não inventaram outra cousa, d'onde conclúo que o governo parlamentar (não fallo do systema inglez adoptado na *Inglaterra*) bem depressa acabará por não mais encontrar em si mesmo outra vida possivel a não ser as imaginações á franceza: quod avertat a nobis Dominus. Massari foi reeleito e está no auge. O principe de Teano não foi nomeado; a Senhora Minghetti tem um lindo chapéo novo. Ficarei bem contente quando deixarem algum tempo a Vossa Magestade para que me

possa escrever sobre o *Ottar-Jarl*. Tenho recebido cartas excellentes a seu respeito e as pessoas que apreciam a Historia, delle se occupam. A segunda edição quando eu a fizer terá muita cousa nova. Tenho notas excellentes e espero receber outras que sel-o-ão ainda mais...

Gobineau a D. Pedro II

Roma, 1.º de Junho de 1880.

Magestade,

Espero que Vossa Magestade possa libertar-se um pouco dos prazeres da eloquencia parlamentar e tenha retomado uma parte dos seus descansos para entregar-se puramente ao trabalho do espirito. Aqui, isso vae recommençar com a nova Camara. Desejo que os resultados sejam bons mas não estou muito certo disso. Tudo na Europa toma uma direcção tão cheia de solavancos que quasi não se póde prever o futuro. A remarchão das fronteiras da Grecia não teve muito bom exito. Os Albanезes não querem absolutamente deixar o governo turco e si elles forem constringidos a ceder, pergunto a mim mesmo de que maneira a Grecia poderá manter os effeitos dessa imposição. Veremos dentro em pouco resultados singulares.

Parto depois de amanhã para a França. Ficarei em Pariz apenas alguns dias por causa de meus negocios e irei depois para perto de Beauvais, em casa do General de Clermont-Tonnerre em cuja companhia ficarei mais ou menos um mez. E' um antigo paiz dos Gournay e tenho recebido de lá informações excellen-

tes assim como de Bourges onde tambem irei provavelmente, attrahido por um archivista cheio de zelo para com o *Ottar-Jarl* de quem espero maravilhas.

E' preciso tambem que eu conte alguma cousa a Vossa Magestade. O pouco dinheiro que tenho, enviei-o para a Noruega. A Europa inspira-me, num futuro proximo, pouca confiança apesar de sua grande riqueza, e um amigo meu de Throndhjem, empregou o meu dinheiro no proprio paiz do *Ottar-Jarl*. Não sou eu bem favorecido pela sorte? Sel-o-ei ainda mais si o meu amigo Berna, da rua da Ajuda, ficar com o meu monumento funebre cuja photographia eu lhe envio por La Tour. Não duvido que este tenha chegado ao Rio e já tenha tido a honra de ver Vossa Magestade.

Jeanne (9) faz amanhã sua primeira communhão e está toda entregue ás suas devoções como deve ser, assim como a Condessa que nellas toma parte. E' nestas excellentes disposições que vou deixal-as para revelal-as sómente daqui a alguns mezes. Não conheço absolutamente o livro de Berthelot do qual Vossa Magestade faz um tão grande elogio. Mas, por um lado, não duvido que deste grande espirito, brote cousas excellentes e, como aliás, deve tratar-se de chimica, creio que a mim não interessa muito. Mas em Pariz Renan me fallará certamente algo a respeito. Elle está encantado com a sua viagem á Inglaterra, com o acolhimento que lhe deram e com os resultados de suas conferencias.

Ainda não posso trabalhar pois continuo a ter olhos para não ver como os Idolos dos Antigos. Entretanto, estou melhor e espero com a minha viagem livrar-me desta calamidade que não poderá durar eternamente. Apesar disso, acabei um dia destes um baixo-relevo que me foi encommendado por uma senhora allemã de Hanôvre e que me parece ter ficado muito bom. Mas que

difficuldade quando a gente não vê o que faz! Nunca trabalhei com tanta difficuldade. Adeus, Senhor, escreverei a Vossa Magestade assim que estiver mais ou menos accommodado...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 15 de Junho de 1880.

Gobineau,

Vossa carta de 24 de Abril muito me aborreceu. Comprehendo como deveis soffrer por causa dos olhos, sobretudo moralmente. Porque não estou eu lá para conversar; comtudo, animaevos com a convicção de uma amizade que nunca vos faltará.

Minha viagem á provincia do Paraná muito me agradou. São lindos campos semeados dessas Araucarias magnificas de 30 a 40 metros de altura.

A temperatura, quasi sempre mais baixa que 15° cent. e mesmo uma manhã baixou a — 2°, fez-me muito bem. Mas, na volta, encontrei uma infinidade de cousas a fazer e não sei quando poderei estar ao corrente de tudo o que recebi de interessante da Europa.

Proximamente, escrever-vos-ei uma boa carta. A terceira parte do *Amadis* deve ser muito interessante, e estou certo de que nelle deixastes transparecer algo de vós mesmo. Isto vos susterá sempre nas vossas luctas com a sociedade a qual nem sempre nos mostra o que tem de melhor.

Adeus! Já ha bem tempo que não recebo carta da Princeza Imperial, mas já fallei a ella a vosso respeito como o faria um amigo.

Vosso muito affeigoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Solesmes (Sarthe) (10)
25 de Julho de 1880.

Magestade,

Acabo de receber a carta que Vossa Magestade me escreveu após a viagem ao Paraná e sinto-me commovido e mui grato pela solicidade que o Imperador me testemunha. Si não me engano, sei mais ou menos o que tenho. E' uma anemia bastante pronunciada e que muito me enfraquece a qual reflectindo-se nos olhos, me reduz a um estado que me impede de ler e escrever. Receio que Vossa Magestade não me faça grandes elogios pela calligraphia desta carta a qual nem eu mesmo posso ler. Mas, em summa, creio que estou melhor e dentro em pouco contarei minhas maguas a Vossa Magestade. Fiz uma visita a minha irmã, em sua abbadia benedictina, para saber si o Governo expulsaria a commuidade como ameaçava fazel-o. Por emquanto deixam-nas tranquillias. Quizera que isto pudesse durar até que o Snr. Gambetta e seu companheiro o General de Galiffet salvem a religião, a propriedade, a familia, etc. Por óra elles nada mais pedem. Que paiz!

Parto segunda-feira para a Suissa. E' possivel que o ar das montanhas me faça bem e me restitua a vista. E' o que me dizem! Posso apenas, desta vez escrever estas poucas linhas para curvar-me aos pés da Imperatriz e lembrar a Vossa Magestade uma respeitosa affeição, uma dedicação que durará enquanto eu existir. Quem vos quer mais sinceramente que o

Conde de Gobineau.

Gobineau a D. Pedro II

Karlsbad, 12 de Agosto de 1880.

Magestade,

Disseram-me que viesse para aqui e ainda não noto melhora alguma em meus olhos. Tenho sempre grande desejo de receber noticias de Vossa Magestade, mas naturalmente com mais razão agora pois não tenho com que me distrahir devido ao deploravel estado de minha vista. O que acabo de ver na França é uma desolação abominavel. Não comprehendo como se possa ficar no meio dessa podridão e o que mais me surprehende é a baixeza e a inepcia dos que se dizem partidos conservadores. O gosto de se divertir, de perder tempo e de se tornar improprio para o que quer que seja, é mais vergonhoso nestes do que o desenvolvimento dos appetites em seus adversarios. Não creio ter ouvido uma só palavra razoavel durante os dois mezes que lá passei. Não ousou escrever mais a esse respeito por causa do estado dos meus olhos que explica, sem

justifical-o, o estado de minha letra e termino pedindo a Vossa Magestade para depôr minhas homenagens aos pés da Imperatriz e pensar no mais respeitoso e mais affeioado de seus servidores.

Conde de Gobineau.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 22 de Agosto de 1880.

Gobineau,

Vossa carta de 25 de Julho não me tranquillizou inteiramente e apresso-me em dizer-vos o quanto me interesse por saber-vos no completo gozo das bellas qualidades que tão bem sabeis fazer com que os vossos amigos apreciem. Essas palavras tinham que ser ditas por aquelle que nunca esquece as nossas palestras e todas as provas de affeição, sobretudo quando uma tão grande desgraça acaba de ferir-vos assim como a vossa filha querida. (11)

Proximamente, conversaremos da unica maneira que nos é possível. A intelligibilidade de vossa letra deve tranquillizar-nos completamente.

Peço-vos apresentar meus sinceros pezames á vossa filha Diane e contar sempre com os sentimentos do

Vosso muito affeioado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Calusen, 17 de Setembro de 1880.

Magestade,

Recebi hontem a carta que Vossa Magestade se dignou escrever-me a 22 de Agosto ultimo e que depois de ter corrido razoavelmente á minha procura acabou por encontrar-me aqui. Sinto-me extremamente comovido com tudo o que Vossa Magestade houve por bem dizer-me de affectuoso sobre a perda que acabo de sentir com a morte do barão de Guldencrone. E' uma grande desgraça para a sua familia. O que não é menos desastroso é o partido que sua mulher tomou, sem me prevenir e sem presumir a minha opinião, de ir com todos os seus filhos á França para ver sua mãe. Donde resulta cousas desagradaveis com as quaes não quero, por emquanto ao menos, aborrecer Vossa Magestade.

Meus olhos estão pouca cousa melhor mas ainda não me sinto muito bem. O que fica num triste estado, são minhas forças; não posso andar muito, nem velar, enfim nada posso fazer. Occupo-me no entanto, em corrigir a segunda parte do *Amadis* e em terminar a terceira pois tudo vae ser publicado por um editor allemão e na Allemanha. Publicarei ao mesmo tempo uma gravura de meu busto Amadis e uma de Oriane. Na capa do I.º volume figurará uma gravura do meu retrato feito pela Senhora Condessa de La Tour. E' uma grande occupação e nisso emprego todas as minhas forças. Adeus, Senhor, vou ver a Condessa de Schleinitz em Veneza e de lá voltarei para Roma. Escrever-vos-ei logo que estiver em minha casa...

Gobineau a D. Pedro II

Roma, 15 de Novembro de 1880.

Magestade,

Eis-me em minha casa. Ha quanto tempo não tenho noticias de Vossa Magestade! Escrevi ao Imperador de todos os cantos da Bohemia e do Tyrol. Mas em troca recebi sómente uma pequena carta! Em summa, não me sinto muito bem e houve momentos em que estive mesmo bem mal;mas graças aos céos hei de me livrar deste mal como de tudo o mais. Meus olhos não vão muito bem. Isto é o peor de tudo e o resultado é que apenas posso escrever umas pobres cartas do que peço muitas desculpas a Vossa Magestade.

Passei mais ou menos quinze dias em Veneza com a Condessa de Schleinitz, e em casa de sua mãe, a princeza de Halzfeld e os Wagner. (12) Fallamos muito a respeito do *Perceval* que está bem adiantado. Estive com elles dias inteiros e voltei muito satisfeito sobretudo com a Senhora Wagner de quem sempre gostei mas agora mais do que nunca.

O que diz Vossa Magestade da maneira pela qual se pratica em França a liberdade de associação e a liberdade religiosa? E' admiravel! Os padres benedictinos acabam de ser expulsos de suas casas. As benedictinas não foram atormentadas e minha irmã continua em sua casa. Mas por quanto tempo?...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 23 de Novembro de 1880.

Gobineau,

Não, eu não esqueço jamais os amigos; mas creio não ser preciso escrever-lhes algumas palavras, sómente para asseverar-lhes uma cousa de que devem ter certeza. Entretanto, um muito longo silencio estaria acima do poder de contenção da amizade.

Vossa pequena carta causou-me pois um verdadeiro prazer e espero saber dentro em breve que estaes novamente na posse de vós mesmo.

Minha vida como sempre atarefada, e, por conseguinte, nunca aborrecida. Sinto falta de uma boa palestra, mas com certos livros que nunca envelhecem fiz algo que se pareça com isso.

Nada no tocante ás bellas artes. A Opera conserva-se muda já ha muito tempo e nada de pintura ou esculptura. Contemplo mais e mais a *Mima*, na qual encontro muito sentimento. Vê-se que ella sahiu de um jacto, em um dos vossos melhores dias. O collo mesmo me parece agora natural. Como eu gostaria de conversar convosco a esse respeito! A temporada de Petropolis aproxima-se e, lá, tenho mais descanso.

Não vos fallo da sociedade actual, pois é melhor que nos resignemos. O que eu poderia dizer-vos, só iria augmentar o vosso pessimismo. Que cada um faça o possível para melhora-la.

Espero poder escrever-vos de Petropolis uma longa carta sobre o vosso livro no qual se aprende muita cousa sob uma forma que muitas vezes não promette tanto.

Que uma carta mais alegre para o Amigo bem depressa me chegue ás mãos e não receeis jamais em confiar vossas tristezas

ao Vosso muito affeiçoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Roma, 29 de Dezembro de 1880.

Magestade,

Com que immenso prazer recebi a carta de Vossa Magestade datada de 23 de Novembro! Vejo que o Imperador leva sempre o mesmo genero de vida e, si ha muitas cousas superfluas ou que não são tão suavizadas como sua natureza um pouco aspera deixaria a desejar, em summa, o habito, e a firme resolução de Vossa Magestade, consegue harmonizar tudo, o que é o ponto principal. O Almirante Duperré disse-me que um sabio, Senhor Collin, membro das Academias de Bruxellas e de Turim, e que occupa algum cargo tambem na Academia de Sciencias em Pariz, teve a honra de enviar a Vossa Magestade, por intermedio do Barão de Itajubá, um livro muito bem escripto sobre as plantas medicinaes do Brasil. Elle desejaria vivamente obter uma condecoração de Vossa Magestade e o Almirante Duperré disse-me que elle é digno de tal honra. Cumpro pois o pedido que me fez um amigo a quem sempre estimei, transmittindo esse pedido ao Imperador.

A Rainha da Italia está, também, muito bem disposta e espera-se que o inverno seja muito alegre. Quanto a mim, estou alegre porque terminei ha pouco a 3. parte de todo *Amadis*. Recebi da Senhora Wagner cartas cheias de interesse. Elle, Richard Wagner, occupa-se com o *Parsifal* para o proximo anno. Adeus, Senhor, rogo a Vossa Magestade para depor minhas homenagens aos pés da Imperatriz e receber com sua bondade costumeira a expressão da mais terna e mais completa dedicação, de seu muito affeioado e submisso servidor.

Cde. de Gobineau.

NOTAS

(1) (Hoje Amou ou Djihoun) rio da Asia que separava a Bactriane ao Sul, da Sogdiane ao Norte.

(2) Lembranças da viagem feita com D. Pedro II (ver capitulo X).

(3) L'Assommoir (1877) de Zola, *Nana*, do mesmo autor, acabava de apparecer (1880) e obteve um enorme successo junto ao publico.

(4) A celebre actriz de tragedia italiana, festejada por Larmatine e Alfred de Musset, tinha vindo ao Rio para dar uma serie de representações, no *Theatro Provisorio*. Foi após uma de suas representações que se deu a famosa altercação entre Gobineau e o illustre Dr. Saboia, (ver Georges Raeders: *ob. cit.* — p. 100). D. Pedro II, que admirava muito a Ristori, com ella teve por muito tempo relações epistolares. Em seu *Ricordi Artistici* a actriz refere-se ao imperador em termos calorosos. "Egli mi onoró, escreveu ella, della sua amicizia, della quale mi sento orgogliosa; né tempo né lontananza l'hanno potuta scemare nell'anima mia".

(5) Carta sem data.

(6) *Essai de mécanique chimique fondée sur la thermochimie* (1879) — Berthelot expõe, nesse trabalho, seu systema de mechanica chimica segundo a observação dos phenomenos de calor que acompanham invariavelmente a combinação ou a decomposição dos corpos.

(7) A calligraphia de Gobineau tornava-se cada vez mais illegivel.

(8) Formula musulmana que, por falta de caracteres apropriados, não é possivel reproduzir aqui.

(9) A filha do conde e da condessa de La Tour.

(10) Convento de Benedictinas onde Carolina irmã de Gobineau era abbadessa.

(11) Diane, a filha mais velha de Gobineau, acabava de perder seu marido, o barão de Guldencrone, antigo "aide de camp" do rei Georges 1.º da Grecia. O casamento teve logar em Athenas em 1866, quando Gobineau era ministro da França na Grecia.

(12) Ver pagina 318.

'CAPITULO XIV

ANNO DE 1881

Poucos acontecimentos se deram este anno na vida do imperador e na vida de Gobineau. Um e outro, por seu lado, sentem-se cada vez mais sós.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 7 de Janeiro de 1881.

Gobineau,

Desejo-vos muitas felicidades para o anno novo.

O que terminou não foi dos peores para mim. Entretanto, meus filhos e meus lindos netinhos aqui estão novamente e passo todos os domingos com elles em Petropolis onde estão morando por causa da mudança de clima para as crianças.

A recepção de Pasteur na Academia franceza deve ser interessante por causa dos discursos acerca de Littré, da parte do sabio crente, e de Renan, o litterato philosopho sem crenças. Entretanto, como são muitas vezes injustas as escolhas dos 39 immortaes.

Quando virá a ultima parte do vosso Amadis? Tenho pressa em ver-vos novamente bem disposto.

Adeus! Até logo e até Petropolis onde tenho algum descanso e uma temperatura que não queima como a destes ultimos dias.

Que noticias tendes recebido de Diane?

Vosso muito afeiçãoado
D. Pedro de Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Petropolis, 7 de Fevereiro de 1881.

Gobineau,

Vossa carta de 29 de Dezembro causou-me um vivo prazer pois ella me prova que voltais ao vosso estado habitual.

Quando escreverdes aos Wagner, peço dizer-lhes que me lembro sempre da minha curta estadia em Bayreuth e que estou ancioso por ler o que se diz da execução do *Parsifal*.

E da Senhora de Schleinitz que noticias me dais?

Já vos escrevi a respeito desses pedidos de condecorações. Que os ministros brasileiros indiquem essas pessoas ao Governo caso mereçam como o Snr. Collin.

Aqui trabalho melhor que no Rio apesar dos dois passeios que faço todos os dias.

Todos os meus á quem transmitto sempre vossas lembranças, estão bem de saúde, e sinto falta apenas das palestras com os amigos transatlanticos.

Interessou-me muitissimo a publicação sobre as descobertas de Pergamo feitas por Humann, a quem muito visitei em Smyrna.

Acaba-se tambem de descobrir em Athenas uma estatua de Minerva. Dizem que é muito bonita.

Vosso ultimo livro está sobre minha mesa e aqui terei tempo para escrever-vos acerca do mesmo como desejo.

Dizei-me si a photographia inclusa a esta vos faz lembrar o amigo?

Adeus! Escrevei-me mais a miude si isto vos agrada e fallai-me de tudo como nos nossos domingos em São Christovão.

Muitas recommendações á vossa filha Diane. Como vão os vossos netinhos?

Adeus! Até logo.

Vosso muito affeigoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II (1)

Romia, 22 de Março de 1881.

Magestade,

Fiquei muito satisfeito com a carta de Vossa Magestade datada de 7 de Fevereiro e que sómente agora me chegou ás mãos. Estava sem noticias de Vossa

Magestade e começava a achar o tempo um tanto longo. Quizera escrever-vos mais a miude e melhor, mas meus olhos não m'ò permitem. Espero que isto passará. Pretendo escrever á Senhora Wagner e não deixarei de transmittir o recado de Vossa Magestade. Ainda não será este anno que se executará o *Parsifal*... Mas no mez de maio em Berlim será executado o *Ring der Niebelungen*. Era para eu ir com os Wagner mas é demasiado para mim. Vel-os-ei sómente na volta em Bayreuth, para onde irei assim que elles lá chegarem. Terminei a 3.^a e ultima parte do *Amadis*, mas falta ainda corrigil-a e não posso dizer que isto seja pouca cousa. Creio encontrar ainda certas difficuldades. Entretanto o principal está feito. Como vê Vossa Magestade, as cousas vão mal na Europa. Certamente tudo isto acabará mal e para todo o mundo. E' o inconveniente de se viver em um tempo de exgotta-mento e de decadencia. Não vejo como poderíamos sahir desta situação...

Agradeço muitissimo a Vossa Magestade pelo retrato que me enviou. Confesso, entretanto, que prefiro muito mais o de São Petersburgo...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 8 de Maio de 1881.

Gobineau,

Vossa carta de 22 de Março deu-me as boas vindas quando cheguei de Minas. Será uma das provincias de maior futuro quando tiver boas estradas que

a liguem facilmente ao resto do mundo. Entretanto a aorta da estrada de ferro já foi iniciada e começa a ramificar-se. Em breve fallar-vos-ei mais detalhadamente. Lêde o que a esse respeito escreveu Sainte-Hilaire (2) na sua viagem tão interessante. Suas reflexões ainda servem para hoje.

Ide a Bayreuth e gosae do que eu só pude gosar por pouco tempo.

Espero com impaciencia a ultima parte do vosso *Amadis*.

Julgo que estais muito melancolico. Eu bem quizera ir conversar comvosco para levar-vos um pouco de meu optimismo. Crede ao menos que todos os vossos amigos gostariam de ver-vos contente.

Acabo de responder uma carta da Senhora Marjolin que é da mesma opinião que eu a vosso respeito.

Daqui nada de interessante tenho a contar-vos a não ser o que já sabeis.

Minha senhora agradece vossas lembranças. Minha filha volta só no fim do anno. Quanto a mim estudo e leio e occupo-me como sempre. Esta é a minha grande consolação assim como receber cartas daquelles a quem muito estimo.

Adeus! Até logo.

Vosso muito afeiçãoado
D. Pedro de Alcantara.

Parece que o Snr. de `Schleinitz cahiu em desagrado por causa de sua opposição a Bismark, mas estou certo de que sua senhora, possuindo um espirito tão elevado não se preoccupará absolutamente com isso.

Se fordes a Bayreuth assistir o *Parsifal*, assentai-vos na primeira fileira bem pertinho da ribalta, — de onde eu ouvi o *Rheingold* e pensai no meu pezar por não poder estar lá também.

A morte de Paul de Saint Victor (3) penalizou-me muito ainda que conheça apenas suas obras. Espero que se continuará a publicação de *Les Deux Masques*, cuja leitura me deu a impressão de estar na Grécia. Felizmente, esta acaba de se alargar um pouco, mas a ilha de Creta pertence ao Imperio Ottomano.

Não esqueço do que vos prometti acerca do vosso ultimo livro; mas as occupações succedem-se sem parar e ainda que aprecie muito as Bellas-Artes, sabeis que me é difficil deixar de ler o que me põe um pouco ao corrente dos progressos da sciencia. Contemplo no emtanto, a vossa *Mima* quasi todas as semanas e acho que reproduzistes a vossa idéa de uma maneira admiravel...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 22 de Agosto de 1881.

Gobineau,

Fiquei muito contente em receber vossa carta de 10 de julho, sobretudo porque ella me mostra que retomais a actividade de espirito que vos caracteriza.

Acabaveis entretanto de admirar em Berlim o *Ring der Niebelungen* e de reconhecer que as bellas cousas ainda nos podem enthusiasmar. Fostes também a Chameade (4) que deve ser um sitio encantador, mormente por causa das qualidades tão apreciadas da castellã.

Li, um destes dias, algumas paginas de Froissard para que o vosso amigo tenha tambem, ainda que em sonho, a impressão de gosar comvosco de tudo o que é bello. E' um recanto excellente para escrever as vossas novellas feudaes que devem ser tão emocionantes como as da Asia... Os tempos merovingianos apresentam-se a meu espirito atravez a lembrança da leitura do trabalho admiravel de Thierry (5) que quasi me encantou, mas não posso esquecer o caracter daquelles reis e principalmente o de Fredegonda, que era bem pessoal.

Lestes os ultimos livros de Victor Hugo? (6) E' para se admirar a vivacidade desse ancião e delle podemos ler muitas poesias magnificas.

Annuncia-se a proxima publicação de Marc-Aurèle de Renan, e espero-o com impaciencia. Este nome lembra-me que encontrei enfim o trabalho de Causin de Perceval que me haviéis indicado. Pretendo lel-o quando estiver mais desoccupado.

Adeus! Até logo ao menos pelo grande desejo que tenho de conversar comvosco, como nos domingos em São Christovão. Minha filha agradece muito vossas lembranças.

Vou inaugurar um destes dias o trafego da estrada de ferro do Rio á São João d'El-Rey, Oeste de Minas. Passarei uns quatro dias longe de São Christovão. Precio muito essas festas ainda que me distraham de minhas occupações favoritas.

Vosso muito affeiçãoado
D. Pedro de Alcantara.

Notei com prazer que o Snr. Berthelot foi eleito senador, ainda que a chimica na politica difficilmente logrará exito.

Adeus! Quizera escrever-vos ainda, pois meu espirito está hoje mais descansado; mas preciso occupar-me dos negocios e, confesso francamente, trata-se de publicações scientificas que me tentam.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 15 de Setembro de 1881.

Gobineau,

Fiquei muito contente com a vossa carta pois vejo que voltais ao que ereis.

Espero com impaciencia o fim do vosso *Amadis* que me fará lembrar tambem a nossa viagem á Russia.

A situação da Europa certamente não me edifica, mas não receio ou antes não espero como vós a invasão dos Barbaros.

Senti muito a morte de Saint-Victor. Creio que se continuará a publicação de seu bello trabalho: *Les Deux Masques*.

Tudo o que diz respeito á electricidade, muito me interessa actualmente. Espero que muito breve viajar-se-ha em balões. Isto será a felicidade para os amigos ausentes.

Minha senhora mostra-se mui sensivel ás vossas lembranças e pede-me para testemunhar-vos.

Aqui começa a fazer calor, mas não tanto como na Europa onde a temperatura elevou-se quasi como no Egypto...

Que travessia admiravel acaba de fazer Massari, e Mattenci morre após ter percorrido a mais longa distancia que até hoje se fez da costa oriental á costa occidental da Africa.

Os acontecimentos de hoje consolam um pouco das miserias da epoca e affirmo que a Sociedade ganhou muito, em geral, desde a Idade-Média.

Os gregos estão muito contentes com o seu novo territorio, mas elles poderiam ter ganho mais ainda si tivessem estudado melhor a solução temporaria do resto da questão do Oriente, sempre mais ou menos ameaçadora. Mas isto virá com o tempo.

Adeus! Até logo e menos laconicamente, pois pretendo fallar-vos da Exposição de electricidade.

Estou lendo o livro de Croiset sobre Pindare. Estas leituras me proporcionam esplendidos dias intellectuaes e não impedem que me entregue a minhas occupações indispensaveis.

Adeus!

Vosso muito affeiçoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Pisa, 18 de Novembro de 1881.

Magestade,

Receiava que esta carta não chegasse a tempo de encontrar Vossa Magestade no Rio e estava indeciso em si devia escrevel-a ou não; mas a senhora condessa

de La Tour escreveu-me dizendo que eu podia fazel-o e que ignora ainda o dia em que Vossa Magestade deixará o Brasil. De maneiras que pelo sim ou pelo não eu vos escrevo pois quero agradecer a Vossa Magestade pela boa carta que me chegou em Chameade, no momento em que eu ia seguir para Pariz. Fiquei lá mais ou meios umas tres semanas em casa de meu cunhado e agora estou aqui. Pensando bem, não achei o que fazer lá e o que mais admirei, é que se desfazem as ruas que vi fazer para construir outras identicas. E' uma bonita cidade que se reconstróe cada quinze dias. Tudo o mais, pareceu-me ir do mesmo modo. Tornei a encontrar Pisa no (seu) antigo methodo com sua igreja incomparavel e seu Longarno que vale a pena ser guardado. Mas não se pensa em supprimil-o.

Estive com a Senhora Marjolin e ella é sempre a mesma com os mesmos bons sentimentos e as mesmas sabias idéas como sempre a conhecestes. Escrevi-lhe esta manhã.

Pretendo ir a Roma daqui a uns quinze dias e apressar-me-ei em visitar Liszt, pois dizem-me que elle não está bem de saúde. Talvez isso seja apenas o resto de sua desastrosa queda em Weimar, e disso elle se acha completamente restabelecido. Mas daqui a pouco havemos de saber os ultimos detalhes.

Wagner está em Palermo. Eu devia ter ido com elle, mas por enquanto ainda não me sinto bastante forte para essas grandes jornadas. Tive pois que renunciar. Vel-o-ei na primavera em Bayreuth por occasião da representação do *Parsifal*. Elle está inteiramente dominado por este grande negocio e comprehendendo perfeitamente que se tenha entregue sem reserva. Elle não se applica exclusivamente com o que já fez. Mas tem idéa de fazer uma nova Opera e é muito

natural que elle pense nisso activamente. Trata-se de um thema indiano e, na realidade, um poema sobre a origem primeira deste thema immenso. Elle é bem o homem que se faz mister para pensar, conceber, e por em execução um plano desses.

Não posso pensar tranquillamente na idéa de ver Vossa Magestade. E' um prazer tão grande, que não ousou pensar nisso. Emfim parece que é certo e calculo que seja para este verão. Desejo-o a tal ponto e a alegria que isto me causa, é apenas o que posso dizer...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 4 de Novembro de 1881.

Gobineau,

Vossa carta de 1.º de Outubro mostra-me que estais mais bem disposto e sabeis o quanto isto me alegra.

Conheço e estou lendo Spencer com muito interesse.

As vossas reflexões são muito justas. A sociologia é uma synthese de todas as sciencias. *Quem muito abarca, pouco aperta!*

Espero impaciente as vossas narrações de Bayreuth, onde certamente exprimistes a Wagner a estima em que tenho o seu talento.

A leitura de tudo o que se publica a respeito da exposição de electricidade, occupa-me enormemente. O meu enthusiasmo quasi poetico pelas sciencias cresce dia a dia.

A opera *Mephistopheles* de Boito muito me agradou. Gostaria de saber a vossa opinião a esse respeito. Penso que Wagner deve considerar Boito como musico.

A opera terminou e eu volto quasi inteiramente á minha vida interior onde, todavia, encontro grandes gosos espirituaes.

Adeus! Transmitti as vossas lembranças e crêde que tendes aqui muitas pessoas que vos estimam. Os domingos de outróra estão sempre presentes na memoria do

Vosso muito affeicionado
D. Pedro de Alcantara.

NOTAS

(1) A calligraphia desta carta é quasi illegivel e muito difficil de decifrar.

(2) Uma traducção deste trabalho é publicada com um prefacio, pelo grande erudito paulista, Snr. Affonso de E. Taunay, nessa mesma collecção *Brasiliana*: Augusto de Saint-Hilaire: *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a São Paulo* (1882).

(3) Paul de Saint-Victor (1827-1881). Seu trabalho o mais celebre é consagrado ao theatro: *Les deux masques* (1880-1883) 3 volumes. Conforme o desejo do Imperador a publicação do trabalho deste autor (collecção de estudos) foi continuada.

(4) Propriedade de Madame de La Tour, em Anvergne.

(5) Augustin Thierry: *Révits des Temps Mérovingiens* (1840).

(6) *L'Ane* (1880); *Religion et religions* (1880). *Les Quatre vents de l'Esprit* (1881).

CAPITULO XV

1882: O ULTIMO ANNO

Gobineau está doente, quasi cego. Elle não pode mais ler nem escrever. Sua calligraphia torna-se cada vez mais illegivel. A paralyisia, contra a qual elle se defendê energicamente, ganha pouco a pouco seus membros. Foi-lhe preciso renunciar a esculptura. No emtanto, a esculptura causa-lhe, este anno, uma grande decepção. Com effeito, um dos motivos que o levára a installar-se na Italia, foi, além da presença da Snra. de La Tour, a encomenda que, desde 1875, lhe tinha sido feita do mausoléo da duqueza de Melzi. A piedade conjugal de um joven viuvo não imaginára nada de mais bello para honrar a memoria daquella que elle tinha perdido, e era nos jardins da esplendida residencia Melzi, á beira do lindo lago de Côme que deveria ser erigido o testemunho sumptuoso de suas saudades. Pobre duqueza! Pobre Gobineau que, em seu atelier de Milão, esforça-se com tanto fervor nesse trabalho que será sem duvida a sua obra prima! O duque casou-se novamente, e sua segunda esposa lhe diz claramente que não quer ter, cada dia, sob os olhos a lembrança da primeira: tendo esta sido sua rival outróra, ella exige para o tumulo da morta da qual tem ciumes, em lugar da esplendida capella que teria embellezado sua lembrança, a sombra ingrata de uma ca-

pella numa igreja de Jêne. E no fim de contas, após muitas contestações que exasperaram Gobineau, tudo foi rompido. O monumento terminado assim mesmo, levado como por uma provocação ao cruel destino, tornou-se muito em breve nada mais que uma “épa-ve”. Sob apparencias de estoicismo, o desespero de Gobineau accentuava-se. “A vida é o que ella é, e precisamos supportal-a”, escreve elle á seu imperial amigo.

Elle continua, entretanto, a fazer projectos. Falos-á até a morte. E terminará tambem todas as suas obras começadas. Elle escreverá as *Nouvelles féodales*. Elle escreverá uma Historia completa dos Merovingios. Elle escreverá...

Esperando, as alegrias de amizade são as unicas que lhe restam: os Wagner, a snra. de La Tour...

O primeiro encontro de Gobineau e de Richard Wagner teve lugar em Roma em novembro de 1876, graças provavelmente ao intermedio da condessa Schleinitz, amiga e admiradora de ambos. Foi em Veneza em outubro de 1880, que os dois homens se encontraram novamente. A fadiga e a doença impediram Gobineau de aceitar as sollicitações de seu amigo que queria leval-o a Bayreuth. Mas em maio de 1882, o escriptor francez passou quatro semanas com elle e assistou em Berlim á famosa audição do *Annel dos Niebelungen*.

A snra. de La Tour suavisa os ultimos dias da vida de Gobineau. E ella não o deixará sinão para deixal-o ir ao encontro da Morte. O oleo da lampada acabou-se. A lampada vae se apagar.

Gobineau a D. Pedro II

Roma, 8 de Fevereiro de 1882.
9, Via Solferino.

Magestade,

Recebi hontem a carta de Vossa Magestade datada de 7 de Janeiro. Não sei como testemunhar o meu reconhecimento por tudo o que Vossa Magestade me escreve de bom e affectuoso por occasião do anno novo! Vossa Magestade não pode duvidar da sinceridade com que formulo os mais ardentes votos para a sua constante felicidade e o que o Imperador me diz da saúde e da graça dos jovens principes causa-me uma satisfação sem par.

Espero que o Imperador tenha recebido e lido os livros que o interessam, entre outros o de Renan sobre Marc-Aurèle. (1) Elle teve a gentileza de m'ò enviar. Mas vejo-me obrigado a confessar que sinto muito pouca admiração por Marco-Aurelio, suas phrases e esse fundo de "cuistrerie" que forma o character e o bem do tempo em que elle viveu. Não posso sympathisar-me com essas cousas assim como com todos os Antoninos do mundo e os tempos em que viveram. Sou um homem da Idade-Média e ahi fico. Terei visto tambem com mais edificação do que Renan, Taine e Maury (2) cujos livros foram copiados dos meus, e ainda se tivessem a honestidade^o de dizel-o. Mas isso não convem aos tempos de hoje. Acrescentarei isso no prefacio da proxima edição da *Inégalité des Races*. Creio que é tempo de fazer uma outra edição. Vende-se, actualmente, em Roma, em proveito do livreiro, um

exemplar des *Races* por 100 francos. Mas nisso não tive absolutamente nenhum lucro. Didier o editor de tres de meus livros, *Les Religions et les philosophies dans l'Asie Centrale, les Nouvelles Asiatiques* e *Ottar-Jarl* annuncia-me que vendeu tudo, que não resta um só exemplar em sua casa, mas não me dá sequer um vintem, porque julga opportuno nada me dar. E' muito bonito mas pouco lucrativo. Liszt acaba de partir e acha-se aqui seu genro Olivier (3) a quem consultei a conselho de Liszt — e elle assegura-me que poderei pleitear mas que isto nada me adiantará. O tratado des *Ecritures Cuneiformes* foi igualmente vendido e que lucro me deu? 240 frs. Como Vossa Magestade vê, não farei fortuna com os livreiros. Os meus livros vendem-se todos e nenhum lucro me dão. Adeus Senhor, não estou muito bem disposto. Mas hei de melhorar e quando sarar, serei nem mais nem menos, do que o servidor dedicado que sou e serei sempre com o mais profundo respeito, de Vossa Magestade

Cde. de Gobineau.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 25 de Março de 1882.

Gobineau,

Obrigado por vossa carta. Ellas causam-me sempre o mais vivo prazer sobretudo porque nellas vejo que vosso espirito trabalha sempre. Espero que se

fará mais justiça ao valor de vossos escriptos e estou impaciente por receber o fim do vosso *Amadis*.

Minha vida é sempre a que sabeis... Nunca me aborreço; entretanto, muitos amigos estão longe de mim.

Estamos todos aproveitando da estadia em Petropolis para onde voltaremos esta noite, após a festa onde sentirei como sempre a vossa falta no corpo diplomatico ou, melhor, porque a vossa presença era a garantia de uma excellente palestra para o domingo seguinte.

Por óra nada estou lendo de muito interessante. A traducção de Ecclesiastes por Renan ainda não me chegou ás mãos.

O folheto do "Corpus inscriptionum semiticarum" interessou-me muitissimo.

A descoberta dos monumentos encontrados na Chaldéa occupa com razão o mundo archeologico. E' um aspecto novo do progresso das bellas artes na antiguidade.

Os meus vos enviam muitas lembranças e crede que podeis contar sempre com a affeição de

Vosso muito affeçoado
D. Pedro de Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Château de Chaméade, (4) par
le Vernet — la — Varenne, près Issoire,
Mont d'Or, France.
10 de Julho de 1882.

Magestade,

Fiquei muito satisfeito em receber uma carta de Vossa Magestade! E eu não a merecia muito, pois já ha bem tempo que me conservava mudo. Deixei Roma onde passei quinze dias, e segui para Bayreuth. O mestre levou-me a Berlim onde assisti o *Ring der Niebelungen* e, nessa occasião o mais bello triumpho que se possa imaginar. A cidade de Berlim enthusiasmou-se tanto quanto se poderia esperar e senti uma grande alegria vendo que o verdadeiramente bello podia ser no emtanto, admirado algumas vezes e por fim, quasi tanto como tolices.

A Senhora condessa de La Tour fez-me a fineza de permittir que eu a viesse ver em Chaméane e creio que aqui ficarei até o inverno e depois seguirei novamente para Roma. Chaméane é encantador; é do mais puro e mais velho estylo medieval. E' uma região de montanhas, frescas e verdes o mais possivel. Acho-me aqui sob todos os pontos tão bem como em logar nenhum.

Estou trabalhando nas minhas *Nouvelles féodales* e creio que começarei aqui uma historia completa dos Mérovingios na qual mostrarei no meio de que gentalha elles tiveram a infelicidade de viver, isto é, os Gallo-Romanos que agora se voltam para o Snr. Grévy

e o Snr. Gambetta. Terei muito que fazer mas hei de chegar ao fim. Não penso absolutamente ir a Paris neste verão. E' possível que na primavera eu vá passar algumas semanas em casa da Senhora de Schleinitz e de lá á Bayreuth para ver o Parsifal que será levado pela primeira vez.

Adeus, Senhor; vou terminár porque escrevo com certa difficuldade...

Gobineau a D. Pedro II

Castello de Chaméane, 12 de Agosto de 1882.

Magestade,

Não tenho grandes melhoras e sobretudo não vejo muito bem. Eis porque tenho difficuldade em escrever á Vossa Magestade. Terminei de todo o *Amadis*. (5) Renan offereceu-me para fazel-o imprimir em Paris. Isto muito me sensibilizou pois estou certo de que a sua opinião é outra a esse respeito, mas elle quer com isso mostrar a sua sympathia para os meus trabalhos e para commigo; donde resulta que eu lhe ficarei ainda mais reconhecido! Sendo o *Amadis* o que mais me interessa entre todos os meus livros, sinto-me mais commovido do que poderia dizer. Por isso o futuro dessa obra interessa-me tanto como até agora nunca me interessei por qualquer outra.

A Senhora de La Tour está tambem muito occupada com a restauração de Chaméane. Ella tem que fiscalizar a reconstrução de toda sua casa, o que não é pouca cousa. Mas é verdadeiramente encantador.

Não ha duvida que toda esta construcção com suas oito torres seja ao menos do seculo 13. E' verdade que ella foi reformada no seculo 16; mas o principal da construcção conservou seu character authentico da idade media.

Vossa Magestade não deve estar muito edificado com o quadro que a Europa apresenta. E' cousa que já não se via desde a destruição do Imperio Occidental, mas o que é sobretudo interessante é repetir-se absolutamente a mesma cousa e com a mesmíssima gente. Li hontem a destruição de cidades na Tunisia e, ao lado, os pormenores sobre as declarações de dedicação que acabavam de fazer os Basch Kyrs do Steppe alem de Orenburgo. Seus chefes fallavam muito bem o russo e a Imperatriz fel-os contar os pormenores de sua vida interior. E' o que se fará em Pariz dentro de alguns annos. Mas elles acamparão então perto de Saint-Denis.

Espero que Vossa Magestade não esteja muito cansado por cãusa do tempo e, talvez, no Brasil não esteja fazendo tanto calor como este anno em França.

Adeus, Senhor. Rogo a Vossa Magestade não esquecer e crer sempre em minha dedicação. Peço-vos o favor de dizer á Sua Magestade a Imperatriz que queira acceitar uma parte do profundo respeito com o qual sou de Vossa Magestade o mais sincero e profundamente affeioado servidor.

Cde. de Gobineau.

Gobineau a D. Pedro II

Roma, 28 de Agosto de 1882.

Magestade,

Recebi neste instante a carta que Vossa Magestade me escreveu a 25 de Março. Desanimado, não, não estou de modo algum, mas meus olhos não vão bem e, hoje particularmente, vejo tão mal que apenas posso seguir o que escrevo. Sinto todo o lado esquerdo entorpecido; dizem-me ser isto proveniente do figado. Eu creio, mas é incommodo. Tudo isto atormenta-me bastante e, realmente, não soffro. Mas são cousas que contrariam e eu gostaria bem de livrar-me dellas Assim sendo não posso trabalhar commodamente e ha mesmo alguns dias em que me vejo impossibilitado de trabalhar. O que mais me aborrece é ter de renunciar a esculptura. Tenho naturalmente contra mim os artistas de profissão. Pois onde já se ouviu fallar de um antigo ministro que se dedique á arte? Apenas o pobre Carpeaux admittia isso e tinha-se feito meu amigo. Guillaume tambem fez-me elogios a respeito de minha *Pia*. Mas de que me serve isto? Os profissionaes fazem mais barulho e trabalham activamente contra mim. As pessoas da aristocracia que os ouvem, se convencem facilmente de que um homem da sociedade é naturalmente incapaz de fazer qualquer cousa que preste. Fazem-me cumprimentos com os quaes pouco me importo, mas fóra de alguns retratos pagos o menos possivel, seria comprometter o seu gosto commendando-me alguma cousa. O marmore custa muito caro para que eu o empregue sem que m'o paguem, de maneiras que a moral de minha historia é

que renunciarei a esculptura. A estatua da *Mima* é apreciada e rejubilo-me com isto porque ella agrada a Vossa Magestade e lhe pertence. Será essa a minha unica estatua pois outras não poderei fazer. O monumento que eu havia feito de duas grandes figuras e que me fôra encommendado pelo duque de Melzi, o qual tornou a casar-se, e para obedecer á sua segunda mulher... não quiz mais saber d'elle e após mil aborrecimentos e prejuizos, eu o offereço ao duque d'Ajuda. O conde de La tour irá levar-lhe a photographia e si eu conseguir vendel-o por um preço infimo, desoccuparei meu "atelier" para entregal-o ao proprietario e está acabado. De maneiras que não estou muito contente por esse lado. Entregando-me a outras considerações vejo que nem Plon nem nenhum outro editor quiz fazer uma segunda edição do *Essai sur l'Inégalité des Races*. Alem disso, Plon avisa-me que os livros de Historia não se vendem e que lhe era impossivel ficar com elles. Queria apenas Romances "nem bons nem ruins", foi a sua expressão; não o *Assomoir*, sua dignidade não o permittiria; tambem não "A Prisão de Edimburgo", ninguem havia de querer lel-o. O *Amadis* naturalmente só é lido por um pequeno numero de leitores, de maneiras que para publicar a segunda e a terceira parte, é preciso que eu me encarregue das despezas como fiz para a primeira. Isto seria o de menos; mas o peor, é que os editores pouco se occupam com os livros quando o seu dinheiro não está em jogo. De tudo isto resulta que eu me sinto desanimado? Que Deus não o permitta! De modo algum! Mas acho que a vida é um pouco dura. Isto não me impedirá absolutamente de acabar a 3.^a parte do *Amadis* na qual trabalho, e caber-me-á ao menos a honra de ter feito um poema de dezoito a vinte mil versos sobre a sociedade da Idade-Media e sua continuação

na sociedade moderna. Acho que tenho sómente aborrecimentos e o sentimento de muitas injustiças. Mas Vossa Magestade pôde certificar-se de que o diabo não se orgulhará de me ter quebrado o corpo pelo meio nem me poderá obrigar a fazer um desses livros nem bons nem ruins, que tanto agradam a meu editor, e que eu não confessaria como sendo meu. Si recuperar a vista e conseguir trabalhar livremente, não ficarei mesmo, não digo de máu humor, pois não estou, mas constrangido e um pouco inquieto. Receio que a Senhora Princeza Imperial da Allemanha, com toda a sua indulgencia que eu bem pude apreciar e que muito me sensibilizou, não esteja disposta a me ver sinão como militante. Na verdade, é apenas assim que ella me conhece. Mas Vossa Magestade sabe que isto é apenas apparencia e que sendo como sou preciso de uma “concha” para não ser pisado, si isso fosse possível áquelles que exercem o poder... (6) á roda daquelle que não seja de sua especie. Adeus, Senhor; Vossa Magestade me diz: escrevei-me sempre como si conversassemos. Eis o que eu teria dito a Vossa Magestade si estivesse neste momento no gabinete do Imperador em São Christovão. Mas tenho quasi vergonha de o ter dito e não quizera que o Imperador tomasse isto como uma queixa...

NOTAS

(1) *Marc-Aurèle et la fin du Monde antique* (1881).

(2) Alfred Maury (1817-1892) erudito e archeologo francez, membro da Academia de Inscriptões e Bellas Lettras, director dos Archivos Nacionaes. Obras principaes: *Légendes pieuses du Moyen-Âge*; *Histoire des Religions de la Grèce antique*.

(3) A segunda das filhas de Liszt, tinha casado com Émile Ollivier (1825-1913), advogado e homem politico que desempenhou um papel importante no fim do 2.º imperio.

(4) Propriedade de Mme. de La Tour.

(5) *Amadis* só será publicado quatro annos após a morte de Gobineau, edição da casa Plon, por Mme. de La Tour que escreveu o prefacio sob as iniciaes de M. N. T.

(6) Palavras illegiveis.

EPILOGO

Quando D. Pedro II recebeu a carta escripta por Gobineau com data de 12 de Agosto de 1882, este talvez já tinha realisado seu destino.

A 13 de Outubro, dois mezes contados, após dizer adeus ao Imperador, o conde de Gobineau morria subitamente, sosinho, em um quarto banal de hotel em Turim.

Elle havia passado algumas semanas em Auvergne, no castello de Chaminade, junto a snra. de La Tour. Depois, bruscamente, quiz voltar á Italia. A snra. de La Tour temia deixal-o partir sosinho, pois elle estava muito fatigado. Ella tinha fixado por escripto com uma terna sollicitude, o horario do viajante.

“Quarta-feira 11. Chegada á Lyon ás 3 horas e meia. Hotel do Universo. Jantar ás 5 horas. Deitar-se ás 7. Não pagar sinão a nota do hotel. Quinta-feira, 12. Levantar-se ás 5 horas. Partir ás 5h.45 da manhã. Almoço em Culoz ás 9 horas. Guarde a mala comsigo. Chegada em Turim ás 6 horas, na companhia de Bridger (Bridger era o criado de um amigo commum).

Sexta-feira 13. Descanso”.

Descanso... Com effeito...

Os restos de Gobineau repousam no cemiterio de Turim, dominado pelos Alpes. (Arcate 1. Ampliacione N.º 87, tomba N.º 23). Uma modesta placa de marmore o lembra ao visitante distrahido...

Sete annos após esta morte, cujo tempo não diminue a lembrança, D. Pedro, desthronado pela revolução de 1889, veio fixar residencia em Pariz. Muitas vezes, no decorrer de dois annos que lhe restam para viver, o Imperador percorreu com melancholia os lugares familiares áquelle que foi o melhor de seus amigos.

O Imperador relê os livros de Gobineau. Ludwig Schemann conta que quando D. Pedro II relia as *Pleiades*, parecia-lhe estar ouvindo o proprio Gobineau.

Quantas saudades de suas longas palestras nos passeios de Pariz; saudades sobretudo de suas longas palestras no palacio de S. Christovão:

Tantas saudades!

**CARTAS DE D. PEDRO II E DO CONDE
DE GOBINEAU**

(originaes francezes)

CAPITULO I

GOBINEAU VOLTA Á FRANÇA

Château de Trye (Oise).
24 juillet 1870.

Sire,

J'ai l'honneur de renvoyer à Votre Majesté les deux cahiers qu'Elle a eu la bonté de me confier avec une lettre de Monsieur Renan. Je voudrais que les détails dans lesquels il entre sur le sujet, soient agréables à l'Empereur. Mon impression est qu'il a été très satisfait de sa lecture et de son examen. Il m'a parlé du travail de traduction avec beaucoup d'estime et quand je lui ai dit que la version d'Isaïe était commencée, je crois qu'il a éprouvé un véritable désir d'en avoir également la confiance lorsqu'elle serait prête. Monsieur Mérimée est encore très malade, mais lorsqu'il va avoir repris quelque force, il a l'intention de remercier Votre Majesté des armes qu'Elle a daigné lui fournir. Je n'ai pu voir Monsieur de Rougé. Personne n'est à Paris en ce moment et il faut attendre l'hiver.

Quant au mouvement littéraire, il est bien pauvre en ce moment. Je ne dirai pas précisément que c'est à cause de la guerre actuelle qui, assurément, n'est pas très propre à le ranimer; mais il n'est que trop vrai en tout cas que le temps n'est pas à ce mode d'activité, du moins dans notre pays. Que ce feu doive un jour ou l'autre se ranimer et se relever, je le veux croire pour ne pas désespérer d'un bien à coup sûr nécessaire pour une nation; mais, en somme, la vérité est que de flamme, il n'en paraît pas; qu'il y a des cendres et qu'on ne voit pas briller grand chose sous ces cendres-là. Je remarque

à quel point les hommes qui ont fait de la culture de l'esprit un métier spécial et qui ont contribué par ce fait à persuader à toute la nation que pour écrire il fallait être en quelque façon patenté comme pour être marchand, médecin ou ingénieur, en arrivent à désertier eux-mêmes le butin qu'ils ont eu la prétention de réserver pour eux seuls et cherchent aujourd'hui à devenir tous des hommes politiques ou des gens d'affaires. En voilà un triste exemple en ce malheureux Monsieur Prévost-Paradol qui se tue pour avoir été saisi, me dit-on, par une idée tardive que le mouvement libéral qu'il avait cru pouvoir invoquer comme une justification de son passage à un parti toujours combattu par lui jusqu'alors, n'était pas du libéralisme comme il l'avait compris. Ce sont là des folies que je ne suis pas trop préparé à comprendre ni à excuser. J'espère que la grande crise actuelle ne sera pas trop longue et qu'il en sortira du bien.

Comme je ne veux pas pourtant vous laisser ignorer, Sire, le peu qui arrive à ma connaissance, je tiens compte d'une belle publication que fait en Allemagne, Flugel, l'Editeur du Koran. Il imprime en ce moment l'espèce d'encyclopédie arabe d'Ennedyn, intitulée *Thrist-al Ouloum*, le catalogue des Sciences. Malheureusement, par une idée assez pédante, ordinaire de l'autre côté du Rhin, il donne le texte, des notes, des commentaires et pas de traduction, de sorte que le profit sera maigre.

Le buste de Votre Majesté retardé par une série de contretemps, maladie d'un praticien, négligence d'un autre, ennuis inséparables de la sculpture, sera pourtant prêt, je pense, vers la fin d'août. Le marbre est superbe et ce qui est fait, jusqu'à présent, me satisfait complètement. J'ai eu encore la fièvre et je suis tellement accablé d'ennuis et d'embarras, d'affaires de toute espèce, que je n'ai pu encore revoir Madame la comtesse de Barral, ce que je compte faire la semaine prochaine...

Gobineau à D. Pedro II

Château de Trye (Oise)
2 août 1870.

Sire,

Je reçois la lettre de Votre Majesté du 6 juillet et je ne sais comment remercier l'Empereur de toutes ses bontés pour les miens et pour moi. J'ai continué, en effet, à avoir encore un peu la fièvre. J'espère qu'avec le temps cela passera; mais je suis si occupé que je voudrais bien n'avoir pas à y prendre garde.

J'ai déjà envoyé à Votre Majesté les deux manuscrits et la lettre de Monsieur Renan. Je n'ai pas revu ce dernier depuis son voyage interrompu au Spitzberg et je ne sais si, dans les circonstances actuelles, il va reprendre bientôt son cours. En tous cas, il ne me semble pas que cela puisse tarder indéfiniment.

J'aurai bientôt l'honneur de vous envoyer, Sire, quelques notes pour ce *Prométhée* que je voudrais bien voir achevé et *en vers*. Ce serait un très beau monument et j'y attache beaucoup d'importance.

Rien ne me fait un plaisir égal à celui que me cause le mot *au revoir* que me dit encore Votre Majesté et je vais au devant de l'année prochaine de tous mes vœux. L'Empereur avait déjà bien des motifs d'intérêt puissants pour animer son esprit sur cette idée. Mais il me semble que l'examen de la vie européenne sera encore plus saisissant et instructif alors qu'il ne l'eût été, il y a trois mois. Les faits qui se produisent en ce moment ne peuvent manquer d'annoncer des résultats si graves et de faire monter à la surface des choses tant de vérités essentielles qu'il y aura une étude bien importante toute prête sous les yeux et de grandes conclusions à tirer de ce qu'on verra. Il est frappant au plus haut degré de voir comme cette nation-ci prend la question avec le sérieux qu'elle mérite et, s'il est difficile de ne pas être frappé de cette manifestation de l'esprit public qui vient de joindre à l'Armée plus de 100.000 volontaires enrôlés en quelques jours, je crois qu'on ne doit par-l'être moins

en voyant avec quel ensemble d'efforts les non-combatants préparent des souscriptions, des moyens d'ambulance, des secours de toutes espèces pour les armées.

J'ose me permettre de signaler à l'Empereur un fait d'une nature toute contraire qui se produit en Allemagne. Il est notoire que les populations du Sud, Bavaois, Wurtembourgeois, Badois ne marchent qu'avec la plus extrême répugnance au secours de la Prusse et il faut lever de force leurs landwehrs. Ce qui est très significatif et constitue le point sur lequel je voudrais appeler l'attention de Votre Majesté, c'est que l'émigration toujours forte dans les pays que j'indique et sur les rives du Rhin se prononce de plus en plus et va se prononcer davantage encore, attendu que les subsistances sont très rares. L'Empereur ne pense-t-il pas que le Brésil aurait un intérêt très direct et très pressant à prendre des mesures pour amener de son côté l'émigration de ces populations catholiques, pour l'activer, pour l'entraîner, pour la séduire? Il me semble qu'il y aurait là un coup de partie à jouer qui pourrait, s'il était mené convenablement, tirer le Brésil de son trop grand isolement au point de vue de l'émigration générale et lui donner ce qu'il y a de mieux et de plus désirable, c'est à dire des colons agricoles. Je verrais là le corollaire très heureux du grand travail d'émancipation qui occupe si justement les pensées de l'Empereur. Encore une fois il me semble que cette question menée avec fermeté, décision et, ce qui est vital, une grande honnêteté, pourrait arriver comme une grâce providentielle dans les destinées du Brésil.

Gobineau à D. Pedro II

Château de Trye (Oise)
19 août 1870.

Sire,

Je reçois la lettre de Votre Majesté. Dans quel état elle nous trouve! L'Empereur sait ce qui nous est arrivé et, pour ma part, je suis épouvanté d'avoir eu raison

dans ce que je prévoyais; mais raison d'une manière si effrayante que je n'y comptais pas assurément. Une guerre semblable commencée sans armée prête, sans chefs sérieux, sans magasins, sans rien! Mais ce n'est ni le moment ni le goût qui me pourraient porter à considérer tout cela à cette heure. La France va paraître d'autant plus grande cette fois que, dans les horribles conditions qui lui sont faites, elle se tirera pourtant d'affaire. Votre Majesté connaît nos succès sous Metz. Je ne fais pas de doute que nous avons cette fois ressaisi la Fortune par les cheveux et que nous allons battre résolument les Prussiens entre la Moselle et Châlons. Toute cette plaine est convertie de travaux de défense. C'est là, Votre Majesté s'en souvient, que les Franks unis aux Wisigoths ont écrasé Attila. Nous écraserons bien encore les fils d'Albert de Brandebourg par dessus le marché. Le maréchal Bazaine a réussi à faire un mouvement de concentration et il donne maintenant la main aux corps formés à Châlons et qui sont dans des dispositions admirables. Par toute la France on s'organise avec une rapidité dont rien ne peut donner l'idée. Ici je forme quatre bataillons de garde nationale et ma vie se passe à courir d'un village à un autre. La semaine prochaine, j'aurai mes quatre bataillons sur pied; Votre Majesté peut s'imaginer ce que c'est qu'un pays soulevé tout entier. Hier au soir, j'avais dans mon village cinq cents paysans réunis des communes environnantes; bruits, cris, tambours, femmes, enfants et, au milieu de ce tapage, j'ai fait nommer et reconnaître les officiers. J'espère qu'ensuite on va me donner quelque chose à faire. Si la crise actuelle peut apprendre à la société du XX^e siècle, qu'on ne mène, ni fait vivre et ne fait vaincre les nations ni avec des masses, ni avec des machines, mais seulement avec des coeurs et des esprits, elle n'aura même pas coûté trop cher.

J'observe un point considérable. Le jacobinisme est agonisant. Il a voulu se montrer et ramper jusqu'à un succès. Ce sont les gens du bas peuple eux-mêmes qui l'ont pris à la gorge. Ceci est très remarquable et puisque avec Votre Majesté, grâce à son indulgente bonté, je peux parler avec abandon, je ne tairai pas que la situation du dessus, c'est à dire qui existera après l'expulsion des Prussiens, sera des plus tendues et des plus difficiles.

Ce qui arrivera est impossible à déterminer à l'avance. Les chefs militaires victorieux, l'armée décideront certainement de tout, dans une forme ou dans une autre et il est manifeste que le jacobinisme ne pourra rien du tout. Les populations ne veulent pas en entendre parler, cela est manifeste et, partout, la garde nationale l'étoufferait. C'est assurément un grand point de gagné. Votre Majesté me trouvera certainement bien optimiste en présence d'une situation si grave et qui est encore loin d'être claire; je suis bien persuadé que j'ai raison. Je crains même de voir Votre Majesté sourire au souvenir de certaines de mes opinions, mais il ne s'agit pas de théorie dans le moment actuel et la vérité reste ce qu'elle est sans que l'homme soit dispensé de faire ce qu'il doit...

Gobineau à D. Pedro II

Château de Trye (Oise)
10 septembre 1870.

Sire,

Ce qui arrive en ce moment est sans exemple dans toute l'Histoire de France. Ni Azincourt, ni Poitiers, ni Waterloo n'en peuvent approcher et 80.000 hommes qui mettent bas les armes, c'est un fait inouï dont personne ne se rendra compte sans une appréciation de causes bien déplorables et bien profondes.

Votre Majesté sait quelle était mon opinion sur la situation de la France; mais je croyais que nous avions peut-être cinquante ans encore devant nous; nous n'avions que quelques mois. Je ne puis écrire ce que j'ai vu, ce que je crois, ce que j'entends. Je suis persuadé que le cœur de Votre Majesté est profondément affecté de ce qui arrive.

Je vous écris, Sire, au milieu d'une confusion peu exprimable. Les populations de la limite de l'Oise s'enfuient, affolées de terreur; le village est plein de paysans en déroute; hommes, femmes, enfants, boeufs, moutons, charettes chargées de meubles et de volailles, de matelas, de tout ce qu'on peut imaginer. Les habitants de Trye se conduisent bien; toutes les maisons sont pleines de ces malheureux. Il y a tel fermier qui loge une vingtaine de gens et vingt-cinq à trente têtes de bétail. Une des causes de cette panique est l'abandon de plusieurs communes par leurs maires qui se sont sauvés sans avertir personne. Se croyant abandonnés, les paysans se sont crus perdus et ils ont tout quitté. On meurt en route. Une vieille femme a été enterrée avant hier au coin d'un champ. Au delà de Trye, dans la Normandie, d'autres courants de fuyards produisent un encombrement sans nom. Je retiens de tous mes efforts et en multipliant les exhortations tout ce qui arrive ici pour les empêcher de se jeter dans ce tourbillon qui va produire une misère indicible s'il ne s'arrête pas. Les bêtes mourront de fatigue, les hommes n'auront plus ni provisions ni ressources. On m'écoute assez et j'ai l'honneur d'avoir triplé pour le moment la population de ma commune. Mais ce n'est pas sans peine que je retiens mon propre monde. Le bruit court que les colonnes prussiennes vont se diriger sur Rouen pour s'emparer de la vallée de la Seine et menacer le Havre. Si cela arrive, le flot armé roulera sur nous et voilà ce qui épouvante notre pays. Je suis obligé de parler toute la journée dans la rue pour calmer les gens, d'atténuer les nouvelles tristes, d'exagérer les bruits consolants et de répéter à toute minute que, quoiqu'il arrive, je ne bougerai pas du canton. On ne me laisse pas même aller à Beauvais. Bref, Votre Majesté ne peut se représenter une panique, une terreur plus absolue et une disposition plus entière à accepter comme vraies les exagérations de peur les plus absurdes. Voilà ce qu'on a fait de nos populations.

Assurément le présent n'est pas gai, mais que sera l'avenir si le moral de ce peuple n'est pas transformé du tout? Ce que le gouvernement fait depuis quelques

jours est aussi modéré que sage; mais l'héritage qu'il manie est dans un tel état que Dieu le père, lui même, n'en pourrait faire quelque chose qu'à coups de miracles.

Quand j'allais encore à Paris, ce que j'ai entendu dire de sottises et de folies est inconcevable et il est manifeste que ce malheureux peuple, bien latin sur ce point comme sur les autres, se baigne jusque par dessus la tête et se nourrit du matin au soir dans la fanfaronnade et le mensonge. Il n'y a qu'à voir les journaux pour être transporté de rage qu'une situation comme celle-ci ne puisse pas rendre les victimes sérieuses...

CAPITULO II

A GUERRA FRANCO-ALLEMÃ

Gobineau à D. Pedro II

Château de Trye (Oise)
par Beauvais. — 7 Janvier 1871.

Sire,

Votre Majesté daignera me permettre de commencer cette lettre par l'expression des vœux les plus sincères et les plus ardents pour le bonheur de l'Empereur et celui de l'Impératrice et de Leurs Altesses Impériales. L'année qui vient de s'écouler a été bonne pour le Brésil et un grand succès militaire, la fin d'une guerre fâcheuse ont singulièrement contribué à l'éclat du règne de Votre Majesté. Je souhaite de toute mon âme que les mois qui vont venir dans l'année actuelle ne soient pas moins féconds en heureux évènements. J'oserai ajouter que si un prince mérite, de nos jours, et de la gloire et des triomphes c'est certainement Celui qui... ne voudrait pas me laisser dire à ce sujet toute ma pensée.

Pour nous, Sire, nous sommes décidément malheureux et dans toutes les profondeurs de l'infortune. Le pays et les particuliers sont également atteints. Dans la partie de la France qui est occupée par les armées allemandes, le passage des troupes, les logements militaires, les réquisitions, le résultat trop fréquent des conflits armés ont créé une situation que Votre Majesté peut imaginer aisément. Là, où le gouvernement de Bordeaux exerce son action, il se passe à peu près la même chose, seulement au profit des troupes françaises; on redoute l'apparition des allemands et on a en plus la levée en masse

qui laisse des milliers de familles sans pères, sans frères, sans soutiens et dans une misère indescriptible. Votre Majesté a vu qu'on n'a pas voulu réunir une Constituante, ni une assemblée quelconque; un décret récent dissout les municipalités, les Conseils d'arrondissement et les Conseils généraux et charge les préfets de pourvoir à tout par des délégués. Le résultat est une anarchie illimitée et, si Paris doit succomber, il est manifeste que la paix ne se fera pas pour cela. Où est donc la conclusion? Quand pourra-t-on espérer de sortir des ruines et de commencer à relever ce qui est par terre? Voilà, je crois, ce que personne ne peut dire, mais il est manifeste que si la destruction matérielle est grande, le désastre moral est illimité. L'Empire avait mis le ver partout et les âmes vermoulues sont à terre. Une des choses les plus curieuses à observer, c'est que ce qui nous mène à l'heure actuelle, faute d'un personnel différent, ce sont les subalternes de l'Empire. La délégation des Affaires Étrangères est composée des deux ou trois infimités d'il y a cinq mois. Ce monde là a voulu absolument me renvoyer à Rio. Si j'avais pu y vivre, j'y serais resté. En outre, je ne sais trop de quel air je représenterais ce qui est actuellement en France, auprès de Votre Majesté. Je suppose que l'Empereur a trop de bonté pour aimer à me voir jouer un tel personnage. Ce n'est pas que je n'eusse été disposé à remplir toute mission active à la défense nationale; mais retourner au Brésil n'aurait rien d'analogue, ce serait purement une sinécure et la représentation de la République, ce qui n'est pas mon affaire. Je suis donc resté ici. Les bataillons de gardes nationaux que j'avais organisés n'ont pas voulu se battre, les compagnies de volontaires que j'ai voulu former ont produit *quinze hommes*, desquels quinze hommes un chacun est venu le lendemain me dire que sa signature ne signifiait rien et qu'il me priait de ne pas compter sur lui. J'ai cherché à faire des enrôlements: j'ai trouvé quatre ivrognes dont j'ai débarrassé le pays; c'est un heureux résultat, mais il est faible. En tout, je ne me plains pas. J'ai été plus heureux que mon voisin, le marquis de Mornay. Il avait dix huit cents hommes; il a voulu les mener prendre des Prussiens qu'on disait en déroute et sans armes dans les bois. Cent cinquante braves l'ont suivi jusqu'à moitié route. Là, ils ont déclaré qu'ils

n'iraient pas plus loin et il a fallu s'en retourner. Au moins on m'a déclaré de suite ce qu'on voulait et ne voulait pas. Alors réduit au rôle le plus paisible, j'ai été assez heureux pour arranger les affaires de la ville de Beauvais au moment où elle a été occupée; le Conseil Municipal m'en a remercié par une lettre signée de tous ses membres; ensuite, j'ai garanti de mon mieux les trente-sept communes formant mon canton; sauf une seule où quatre maisons ont été brûlées, mais où personne n'a péri, il n'y a eu aucune espèce de violence. On m'a demandé d'intervenir dans plusieurs autres parties du département, je l'ai fait et j'ai, entr'autres, réussi à faire diminuer de 30.000 Frs à 10.000 la contribution exigée d'une commune qui avait caché des armes. Naturellement, Messieurs les républicains, après avoir refusé de toutes manières, de venir se battre quand je leur en donnais les moyens, ont crié du haut de leur tête que je vendais Beauvais aux Prussiens; mais, en somme, et bien qu'on ait voulu me tuer (à ce qu'on a dit, mais personne n'est venu me le confirmer) tout cela me paraît se dissiper. Ce qui ne se dissipe pas, c'est la situation où je me vois acculé et puisque Votre Majesté a cette bonté infinie de me demander de lui dire comment Elle pourrait m'être utile dans les circonstances actuelles, je vais le faire avec toute sincérité et comme un devoir de gratitude.

Sans ressources aucunes dans le présent, ruiné par les longements et les réquisitions, et n'ayant pas le temps d'attendre un avenir qui peut tarder beaucoup, je vais partir pour Constantinople où un ami m'assure quelque chose à faire. Ce sera suffisant ou insuffisant, je n'en sais rien encore; mais le pire c'est le néant où je suis. Madame de Gobineau et Christine restent à Trye, d'abord parce que leur présence sauvegarde la propriété; ensuite, parce que je n'ai pas les moyens de les emmener actuellement. Je n'ai rien; depuis le mois d'août, impossible de rien tirer de Paris et je n'ai d'ailleurs rien à en tirer désormais puisque je suis en disponibilité et je dois à toute la terre dans mon entourage. Si Votre Majesté daignait condescendre à me faire remettre quinze mille francs en m'autorisant à les restituer aussitôt que cela me sera devenu possible. Elle me viendrait grandement en aide et d'une façon qui doublerait le prix du bienfait. En outre, si l'Empereur veut bien m'employer à quelque

chose qui puisse Lui être agréable, je me considérerai comme comblé. C'est avec un plaisir extrême que j'apprends votre intention, Sire, d'aller enfin à Petropolis. Ce sera du repos et des loisirs qui vont, je le vois, être admirablement appliqués.

L'intention où est Votre Majesté de continuer les deux traductions d'Isaïe et de *Prométhée* me cause un plaisir extrême. Je continue à avoir pour la seconde une prédilection marquée et aussitôt que j'aurai le plus petit moyen de m'y remettre, je continuerai les notes que les évènements actuels me m'ont pas permis de terminer. A l'aide de la bibliothèque excellente du Baron de Prokesch, j'espère pouvoir travailler à ce sujet favori à Constantinople et je m'empresserai d'envoyer le tout à Votre Majesté. Mais, je le répète encore, je souhaiterai infiniment que la traduction fût en vers. Il me semble que le portugais doit se prêter parfaitement aux convenances métriques de la tragédie d'Eschyle et ce ne serait pas, ce me semble, un grand surcroît de peine, ni surtout une peine stérile et sans récompense. Je supplie Votre Majesté d'y penser. En ce qui concerne Isaïe, je compte bien que l'Empereur daignera m'en donner aussi communication et je le montrerai à Monsieur Renan qui me l'a d'avance demandé. Je ne doute pas, bien que l'Empereur ne m'en ait jamais parlé dans ses lettres, que les manuscrits du *Psaume de Ruth* et que j'avais renvoyés à Rio par la Légation de Votre Majesté ne soient heureusement parvenus.

Votre Majesté a appris la mort de ce pauvre Mérimée. La dernière fois que je l'ai vu, il allait écrire à l'Empereur pour le remercier au sujet de l'arc. Je ne sais s'il l'aura fait. Il était bien malade de son catarrhe mais encore plus désespéré des choses et surtout de la chute de l'Empire. Il me dit en m'embrassant quand je le quittai : "ce qui me console, c'est que je n'ai pas longtemps à vivre" et il est parti pour Cannes où il est mort. Il a tenu à passer toute sa vie pour être absolument dénué de sensibilité et le chagrin lui a porté le dernier coup et voilà ce que sont les sentiments, les opinions et les prétentions humaines. J'aimais beaucoup Mérimée et je sens vivement sa perte.

Que Votre Majesté ne croie pas à une complète inactivité intellectuelle de ma part, au milieu du trouble

de tout. Mes amis en Angleterre, aux Etats-Unis et en Russie s'occupent de vendre mes collections de pierres gravées asiatiques et de manuscrits arabes, persans et afghans. C'est une affaire estimée à cent soixante mille francs et si elle pouvait se terminer promptement, cela me viendrait fort en aide. Mais les choses peuvent traîner; ce que je veux dire c'est que j'ai fait des catalogues, et surtout celui de mes pierres gravées est une véritable histoire de l'Art asiatique, depuis l'époque des pierres non taillées jusqu'à ce jour. Le manuscrit augmente naturellement de beaucoup la valeur et l'importance de mes 540 intailles (améthystes, onyx, cornalines de tous les temps et de toutes les formes connues) puisqu'il en donne la classification complète et l'exposé des changements de styles et d'écoles. J'ai aussi refait, revu, complété un roman intitulé *Marsile Torella* que je vais tâcher de placer en Belgique. Enfin, je réunis toutes mes forces pour commencer *peut-être* à Constantinople un *très grand travail* dont j'aurais l'honneur d'entretenir Votre Majesté si je suis assez heureux pour que les circonstances nécessaires se réunissent et me permettent d'entreprendre cette œuvre considérable. Il est également vraisemblable que je vais publier d'ici à peu un volume sur les affaires actuelles. Des librairies me font presser de terminer le manuscrit le plus tôt possible et de le leur donner. On m'écrit de Pétersbourg que *L'Histoire des Perses* y est fort estimée et de savants orientalistes en font grand usage dans leurs citations. J'en suis ravi car j'y ai gagné des amis inconnus, qui m'ont donné dans toutes ces dernières occasions, des preuves bien touchantes d'estime et d'affection...

P. S. Je ne dois pas oublier de dire à Votre Majesté que le buste de l'Empereur est fini. Mais il est à Paris. Il est merveilleusement bien réussi en marbre et je n'aurai que fort peu de choses à y faire, si toutefois cela est utile. Madame de Gobineau en jugera et l'enverra de suite en Angleterre si mon intervention n'est pas utile, aussitôt que les communications seront rétablies. Je prie Votre Majesté, si Elle daigne me répondre, d'envoyer Sa lettre à Madame la Comtesse de Barral qui saura toujours me la faire parvenir.

Gobineau a D. Pedro II

Château de Trye (Oise)
11 février 1871.

Sire,

Nous venons de faire nos élections pour la Constituante et sur huit députés, il n'y a pas un républicain réel; tous sont conservateurs. Monsieur le Duc d'Aumale est en tête et je ne fais aucun doute qu'il aura été nommé de même dans d'autres départements. J'ai, naturellement, suivi de près les opérations du scrutin et je me suis arrangé de façon à ce que la candidature de Son Altesse Royale fut admise comme elle devait l'être dans tout le canton dont je dispose. Mes trente sept communes ont, en immense majorité, adopté la liste que je leur avais transmise. A ce point de vue, tout est donc bien. On a les espérances, je crois les mieux fondées, que tous les départements voisins auront des élus conservateurs et, en réalité, royalistes. Il est possible que le Midi se montre, çà et là, un peu jacobin, mais, en somme, je ne vois rien, dans tout ce qui se passe depuis six mois au fond des choses, sinon à la surface, qui doive me faire revenir de l'opinion que j'ai exprimée souvent à Votre Majesté lorsque je prévoyais la chute très prochaine de l'établissement napoléonien: il n'y a pas de républicains sérieux en France, et, en outre, les démagogues peuvent assassiner quelques personnes, brûler quelques châteaux, ils ne sauraient, aujourd'hui, essayer, même avec quelque chance de succès, de fonder un gouvernement.

Ceci ne veut pas dire que nous ne soyons pas sous le coup de dangers considérables. Voici, à mon sens, les deux principaux: la fausse prudence; la démoralisation profonde et, pour tout dire, l'hébêtement de la nation.

J'appelle fausse prudence cette idée que je vois chez beaucoup de vieux politiques, des amis de Monsieur Dufaure et autres; ne hâtons pas l'avènement de la monarchie et laissons une république transitoire s'interposer entre les derniers jours de l'invasion et le commencement d'un régime définitif. Il faut y prendre garde. On

sait comment le provisoire commence, surtout en France et nul ne saurait prévoir comment il finira. Quand Monsieur Thiers votait en 1848 pour le Prince Louis Bonaparte, il appelait cela brûler une étape; cet incendie soit-disant a duré 21 années et coûte cher. Si on a une république postiche, ce qui en sortira devient l'inconnu. Il me semble possible d'avoir de suite la royauté; que de difficultés l'attendent, c'est ce qui n'est pas douteux un instant, mais mieux vaut y faire face que de les ajouter. En ce qui me concerne, je suis royaliste tout à découvert, je parle sur ce ton à mes collègues du Conseil-Général et je suis convaincu qu'on aurait tort de se jeter dans les méandres d'un machiavélisme fort risqué.

En ce qui est de l'état de démoralisation générale, il est impossible, Sire, de s'en faire une idée complète.

Depuis six mois on n'a nourri cette population que de mensonges; elle se croit victorieuse des Allemands sur toute la ligne et comme les résultats ne donnent guère raison à cette façon de voir, elle arrange tout en se disant trahie. L'ignorance est si profonde dans toutes les classes et l'habitude de ne compter sur aucune valeur chez les hommes, si enracinée que l'on n'admet plus ni les mérites de l'honnêteté, du talent, de la prévoyance, de la science des choses, ni les désastres causés par l'impéritie et l'incapacité et les folles ambitions. Tout le monde est traître, tout le monde vend le pays; pourquoi? dans quel intérêt? de quelle façon? C'est ce que personne ne s'arrête à se demander et les choses vont si loin dans cette habitude de démente que voici ce que je constate tous les jours: un homme vote pour Monsieur le Duc d'Aumale et, en même temps, il dénonce avec fureur le Général Trochu comme un traître. On demande pourquoi le Général Trochu a trahi sa cause? Réponse: c'est qu'il voulait ramener les princes d'Orléans! — Mais, objecte-t-on, vous voulez les ramener aussi puisque vous souhaitez la royauté de Monsieur le Comte de Paris et c'est mal servir le futur souverain que de livrer la capitale aux Etrangers. — L'interlocuteur lève les épaules et reste convaincu que, vous aussi, vous êtes un ami des Prussiens. Il résulte de tout cela que l'électeur qui vote bien est presque aussi dangereux et aussi disposé à attaquer, à tuer et à incendier que l'électeur qui vote mal.

Raison de plus pour qu'on se hâte de constituer un pouvoir régulier et définitif afin de rétablir l'équilibre de toutes choses.

En ce qui me concerne, Sire, je ne puis partir; je suis retenu par les élections, je le suis par le Conseil Général où l'on essaye de trouver un moyen de repousser une contribution de guerre de onze millions que nous demande l'autorité allemande, je le suis enfin par une nouvelle occupation que nous avons encore à Trye. Je ne sais pourquoi j'espère pourtant que je n'aurai pas besoin de recourir aux bontés de Votre Majesté. Si les choses s'arrangent de façon à ce que je reste au service, il en sera ainsi...

CAPITULO III

A "COMMUNE" DE PARIS

Paris, 10 mars 1871
Avenue Joséphine 83.

Sire,

J'aurais bien voulu ne jamais voir un jour où je ne saurais comment écrire à Votre Majesté. Quand cette lettre-ci parviendra à l'Empereur il se sera écoulé des mois depuis qu'un si grand malheur est venu frapper la famille Impériale. Je l'ai appris tard dans la misérable situation de cette triste époque et je l'ai ressenti avec toute la force et la douleur d'un coeur qui est bien attaché à Votre Majesté. Je n'ose m'imaginer quelle est la disposition d'âme et d'esprit des augustes habitants de Saint Christophe. Pourtant, depuis que j'ai su ce qui était arrivé, mon dévouement m'a constamment transporté en pensée auprès d'eux et je voudrais que l'un et l'autre trouvassent ici l'expression mal dite mais la vérité bien profonde d'un attachement sans borne et tel que la vénération la plus vraie le peut inspirer.

Je ne me sens pas le courage d'écrire beaucoup aujourd'hui, à Votre Majesté, tant je suis dominé par cette pensée qu'il y a des choses et des moments de la vie devant lesquels tous les intérêts de raisonnement, d'appréciation, de prévision cessent et qui rendent tout également indifférent. Je ne peux donc aujourd'hui qu'exprimer à l'Empereur ma gratitude pour toutes les bontés dont Il m'a constamment comblé, pour son indulgence, pour son souvenir dont ses lettres me portent d'une manière si précieuse pour moi, la précieuse expression; je ne peux que Lui parler de mon attachement inviolable

pour l'Impératrice et pour Lui, attachement qui m'unit si profondément à toutes les peines de son auguste maison et Le prier de daigner trouver ici les marques du bien profond et bien entier respect avec lequel je suis, Sire, de Votre Majesté Impériale, le plus dévoué et plus obéissant serviteur.

Gobineau à D. Pedro II

Paris, 22 Mars 1871.

Sire,

Madame la Comtesse de Barral m'a remis hier soir la lettre de Votre Majesté du 25 février. J'obéis à l'Empereur en ne lui en parlant pas davantage.

La singulière convulsion qui a pris la ville de Paris dure toujours. Les émeutiers, maîtres absolus du terrain, et n'ayant pu s'échauffer l'imagination par assez de prétextes à violences, ne savent que faire; le gouvernement ne paraît pas le savoir davantage et ce qu'on appelle *la population* honnête (je ne sais pas pourquoi on la qualifie ainsi) et qui avait tout laissé faire, commence à s'émouvoir parce qu'elle craint pour ses boutiques. D'ailleurs une bonne partie des jacobins et des pires, n'ayant pas été consultée par les Catilinas du moment, joue le rôle de sauveur. Je crois qu'on verra plus tard ce que c'est que les bienfaits du diable; il n'en est pas moins vrai que je crois qu'on va être tiré de peine en grande partie par lui.

Il est question d'appeler le duc de Broglie au Ministère des Affaires Étrangères. Il y a quinze jours qu'il fait son apprentissage d'homme pratique à Londres. En général, le gouvernement de Monsieur Thiers semble pratiquer plus encore que l'ancien régime napoléonien cette rare maxime que pour faire un métier la condition indispensable est de ne pas le savoir.

Pour moi, je suis écoeuré d'attendre; mais tous mes amis répètent et jurent qu'il faut que j'attende, j'attends donc. Mais je voudrais être à Constantinople.

Madame de Gobineau et Christine sont encore à Trye mais partent, j'espère, demain pour Copenhague. Si l'on pille un peu le Château, la perte sera moins grande que d'y rester désormais à nourrir les mobiles, les pauvres, les patriotes de toutes couleurs. Et j'aurai les inquiétudes de moins; comme on tombe d'accord que j'ai sauvé beaucoup de misères et de maux au Canton et au Département, on est assez d'avis qu'il faut me tuer, ce qui ne m'empêche pas, d'ailleurs, d'être populaire, mais mes partisans formant la grande majorité et étant composés d'honnêtes gens verraient avec curiosité et intérêt la mine que je pourrais faire en cas semblable. C'est une grande nation et, évidemment, très latine, sa race n'est pas niable.

Je ne pense pas que Mérimée ait laissé beaucoup d'oeuvres posthumes. Il a toujours été grand causeur, petit travailleur et, dans les dernières années, il ne faisait guère plus rien; d'ailleurs, il était très souffrant.

J'envoie à Votre Majesté la Stèle de Mésa, Roi de Néval. C'est fort intéressant et de bien des côtés, historique, philologique.

Renan a écrit quatre grands articles sur la situation politique, mais il hésite beaucoup à les publier et ses amis ne le lui conseillent pas. D'après l'opinion très juste que Votre Majesté s'est faite de lui et la vérité vraie qu'Elle a comprise, Renan déteste la République et a une horreur profonde et instinctive aussi bien que raisonnée de tout ce qui est impiété. Les partis jacobins lui sont donc odieux. Il vénère le moyen âge et déteste Béranger. Il est donc dans ce moment, tout aussi odieux aux partis agissants que le peut être un évêque. Ce n'est pas une des moindres singularités de ce temps-ci. Il pense que si la tranquillité se rétablissait, le *Corpus Inscriptionum Semiticarum*, pourrait commencer à paraître l'année prochaine. Je le souhaiterais vivement, car c'est d'un intérêt extrême. J'espère par le prochain courrier faire parvenir à Votre Majesté quelques annotations sur le Prométhée. Je suis peiné que l'Empereur le néglige; mais je souhaite beaucoup la rédaction en vers, pour en faire une oeuvre tout à fait digne du texte, de l'auteur primitif et du traducteur. Je vois, par ce que Votre Majesté me dit de ses travaux sur Isaïe, le *Cantique* et les *Lamenta-*

tions, que c'est de ce côté que les études de Votre Majesté sont surtout dirigées en ce moment. Raison de plus pour que je désire la prompte apparition du *Corpus sémitique*...

Gobineau à D. Pedro II

Versailles, 9 mai 1871

Sire,

J'ai reçu le billet que Votre Majesté a daigné m'écrire et que Madame la Comtesse de Barral m'a remis ici. Je ne parle de ce qu'il contenait que pour dire à l'Empereur combien je suis pénétré de ses bontés. J'espère, en ce moment, qu'à la fin mes affaires finiront par s'arranger à moindre frais que je n'ai pourtant encore quelques raisons de le craindre, et, en conséquence, demeurant dans la route où je suis engagé, je me bornerai à remercier l'Empereur des marques d'intérêt qu'il m'aura fait l'honneur de m'accorder sans avoir besoin d'en prendre autre chose qu'un éternel souvenir et une gratitude absolue.

Madame de Barral m'a dit que Votre Majesté avait fixé vers le 12 juin l'époque de son arrivée en Europe. J'en ai éprouvé une joie extrême et quelque surprise. J'ai été vraiment heureux de m'être trouvé, en ce moment, auprès de Madame de Barral, car, sans cela, l'Empereur serait débarqué à Southamton sans que je le susse autrement que par les journaux.

Monsieur Thiers m'annonce l'intention de m'envoyer dans le Nord: si le bonheur veut que ce soit à Copenhague, je me promets de revenir de là en Angleterre pour avoir l'honneur de saluer l'Impératrice et Votre Majesté à Leur débarquement.

Depuis quelques jours il y a grande amélioration dans la situation, du gouvernement vis à vis de Paris; les efforts commencent à porter des fruits réels; Issy doit être pris à l'heure actuelle et, dans tous les cas, ne pourra résister longtemps. En fin de compte, on paraît calculer

que, dans quinze jours environ, l'insurrection de Paris sera probablement éteinte. C'est certainement le plus triste épisode de nos fortunes; on se peut raisonnablement espérer que ce sera le dernier coup asséné à la vanité de la nation, pour rude qu'il soit. Du reste, les embarras constitutifs ne commenceront, vraiment, à se faire sentir qu'après l'apaisement de cet accès de fièvre chaude. Alors, seulement, on sera, vraiment, en face de la question d'organisation.

Je crois que la plus grande difficulté, peut-être invincible qui s'oppose à une solution solide, c'est moins la résistance que la ductilité trop excessive des masses. Il y a en réalité cinq partis en France; mais sous cette réalité qui est de forme, il y a une réalité plus puissante encore, parce qu'elle est de fond; c'est que très grand nombre des Français n'a pas de parti du tout et est prêt à se donner à tout gouvernant qui sera un homme de génie, qui ne fera pas de fautes, qui ne contrariera aucun intérêt, ni aucun caprice, auquel on demandera tout, auquel on ne donnera rien, dont on médira toute la journée et qui devra se tenir sur ses pieds. C'est là l'idéal politique de tous les peuples ingouvernables et, en particulier, de la race latine. Je ne sais pas si on rencontrera ce phénomène ces jours-ci. Comme en vérité c'est un homme de chair et d'os et non une constitution que l'on veut, on a commencé à regarder du côté du prince de la maison de Bourbon; il reste sielncieux et immobile et nous avons eu cette surprise de voir que l'inquiétude populaire rêvait une restauration impérialiste; il est encore certain qu'un plébiscite constituerait en ce moment une imprudence extrême dans ce sens; néanmoins devant les derniers succès militaires et oratoires de M. Thiers, les élections municipales ayant donné des résultats républicains modérés, on en doit induire que c'est M. THIERS que le peuple français veut aujourd'hui à la tête de ses destinées. Mais, évidemment, de cela il faut aussi conclure, impérieusement, qu'un homme est de rigueur, et le prince reculant dans un lointain de plus en plus prononcé, Monsieur Thiers étant vieux, nous allons rester face à face, un matin, avec des éventualités.

Madame de Barral me dit que Votre Majesté eût été disposé à trouver la résistante à outrance digne de son approbation lors de la guerre contre les Allemands.

Puisque l'Empereur va venir en Europe, Il va se persuader par ses propres yeux que l'Histoire sensée ne pardonnera jamais la faute commise après Sedan d'avoir osé continuer la guerre sans avoir un seul moyen matériel, mais bien plus encore, sans un seul moyen moral de la faire utilement. Sauf quelques assassinats, il n'y a pas même ici l'énergie du mal et ce qui se passe à Paris, au sein de cette Terreur sans violences vraies et de cette frénésie révolutionnaire sans passion en est la preuve convaincante...

CAPITULO IV

PRIMEIRA VIAGEM DE D. PEDRO II FÓRA DO BRASIL

Gobineau à D. Pedro II

Paris, 8 Juillet 1871.
57, Rue de Chateaudun.

Sire,

En quittant Votre Majesté je me suis occupé de ses désirs. En m'entendant avec quelques personnes, il m'a paru que parmi les hommes dont l'entretien pouvait intéresser davantage Votre Majesté se présentait: M. Claude Bernard, de l'Académie Française et de l'Académie des Sciences. Comme physiologue je ne vois guère personne en ce pays qui puisse lui disputer la prééminence. M. Berthelot: parmi les chimistes et surtout les chimistes doués de l'esprit philosophique (variété assez rare en France où la rage de la spécialité sévit d'une manière assez dure pour rabaisser sensiblement le niveau de l'intelligence), Monsieur Berthelot est, je crois, un de ceux qui parlent le mieux et exposent le plus clairement et le plus utilement des idées remarquables. M. de Rougé: je ne le signalerai pas autrement à l'Empereur qui le connaît et l'apprécie déjà. M. Mohl: c'est un orientaliste distingué et érudit. Il achève en ce moment la traduction complète du *Schah-Naméh*, ouvrage long et difficile et, de plus, il a le mérite de connaître fort bien tout le monde savant européen. C'est un allemand spirituel que la biographie de tous les gens doctes amuse et qui la rend, dès lors, d'une façon très amusante. M. Renan:

je n'ai rien de particulier à en dire ici, certain que l'Empereur veut le voir figurer dans la liste.

Comme littérateur, M. Taine me semble aussi devoir piquer la curiosité de Votre Majesté. Parmi les hommes de la nouvelle école, c'est un des plus brillants et de ceux qui ont touché le plus grand nombre d'objets.

Je suis obligé de faire remarquer ici à Votre Majesté que quelques hommes connus et même célèbres me paraissent d'un maniement plus difficile que leur entretien n'aurait de charmes, M. Théophile Gautier, par exemple. La tenue n'est pas égale chez ces Messieurs à l'esprit qu'on leur prête et il est impossible de les induire à se laver les mains, au physique comme au moral. Cependant, Votre Majesté qui regarde, non seulement pour son plaisir, mais aussi pour son instruction, pensera peut-être que la contemplation de ces parties non nobles de la littérature importe à l'idée complète qu'elle veut s'en faire et, dans ce cas, rien ne sera plus facile que d'apporter ces Messieurs.

Tout reprend assez vivement, assez fortement ici. Il semble que l'Alexandrie romaine devait avoir ce même genre de vitalité...

Gobineau à D. Pedro II

Paris 16 août 1871.
57, Rue de Chateaudun.

Monsieur,

Je ne fais que penser à vous et je n'ai pas le courage de vous écrire. Je sens que vous devez être tellement dominé par la quantité de choses nouvelles que vous voyez, les tableaux étalés sous vos yeux ont un si grand intérêt par eux-mêmes et en empruntent surtout un si énorme à la nature de l'esprit qui les contemple que je n'ai pour ainsi dire pas envie de vous faire penser à moi. Ce que je voudrais, ce que j'espère obtenir un jour, c'est de connaître les impressions que tout cela vous aura donné, le monde intellectuel que vous en aurez bâti, les

conclusions que vous en aurez tirées. Ce n'est assurément pas une des choses les moins rares parmi les choses rares que cet examen fait par vous, à votre âge, pour la première fois, armé comme vous l'êtes de tant de moyens de jugement et jugeant enfin de la place où vous êtes. Je ne me rappelle pas de quelque chose de comparable. Peut-être quand Charles-Quint alla des Flandres en Espagne et d'Espagne en Italie eût-il lieu de passer par des milieux aussi nouveaux pour lui. Mais je ne vois que cette analogie dans l'histoire. Vous trouverez certainement à estimer, mais à mépriser aussi. Peut-être, je dirais presque, probablement, ce qui vous apparaît comme étant le plus considérable, n'est pas du tout ce que les habitudes d'esprit des gens politiques mettent au premier rang. Je ne serais pas extrêmement étonné que Walter Scott vous eût paru avoir laissé plus de traces dans l'esprit anglais et son mode de culture que les deux Pitt réunis ont creusé dans la politique. Enfin, je vis dans l'espérance de retrouver un jour, ne fût-ce pour deux heures et ce sera bien court, un des dimanches de Saint Christophe qui ont exercé sur moi une influence que je sens durable.

On tâche ici de se remettre comme on peut. La passion qui domine ce pays au-delà de toute mesure, ce n'est pas la régénération à un degré quelconque, c'est le repos. On demande avec emportement à s'endormir dans les bras de Monsieur Thiers. Il y a quinze jours, l'Assemblée était résolue à ne plus revenir à Paris; aujourd'hui, elle paraît y incliner de nouveau et je pense qu'elle finira par là. Tout reprend autant que les forces le permettent. Les travaux littéraires se raniment un peu comme le reste.

Renan travaille à son *Corpus Inscriptionum Semiticarum* et j'avoue que je considère ce travail comme un des plus importants qu'on puisse accomplir de nos jours. Il s'occupe aussi avec ardeur de son nouveau volume sur les temps apostoliques et songe sérieusement à aller à Rome en octobre pour revoir les lieux qu'il compte décrire.

On avait commencé la publication des lettres de Catherine de Médicis, et c'était une oeuvre bien importante pour l'histoire du XVI^e siècle. La Reine s'y montre sous le jour le plus noble et le plus éloigné du caractère mé-

iodramatique dont les philosophes du temps voltairien ont jugé utile de l'affubler. Je soubaite beaucoup que les travaux sérieux sur les Valois se multiplient. Nous savons si mal l'Histoire en France que nous ne pouvons que gagner à changer nos idées là-dessus.

On a rouvert les bibliothèques et les Musées, et, malgré toutes les affaires ennuyeuses et stériles qui me dévoient, j'ai pourtant eu le temps d'aller faire quelques recherches à la délicieuse bibliothèque de l'Arsenal, si riche en manuscrits et en correspondances du XVI^e siècle et à l'établissement des Archives du Ministère de la Guerre que l'on consulte trop peu.

Pourtant, en somme, tout est encore fort languissant, sauf les publications de circonstance sur la guerre, comme par exemple, le livre de Monsieur le Général Chanzy dont la seconde et même troisième éditions sont prêtes, avant que la première soit même mise en vente. Il faut laisser passer ce flot.

Je ne puis me tenir quand j'ai l'honneur d'écrire à Monsieur d'Alcantara de remplir page sur page et c'est bien mal placé en ce moment; mais il ne me sert de rien d'en être convaincu. L'esprit m'emporte, mais surtout le coeur. J'ose vous prier, Monsieur, de vouloir bien présenter mes plus respectueux hommages ainsi que ceux de tous les miens à Madame d'Alcantara qui, je l'espère, est contente de ses voyages. Nous sommes tous aussi également désireux que vous n'oubliez pas, Monsieur, l'attachement dévoué et le respect entier et profond que nous vous portons et avec lesquels, je suis, Monsieur, votre bien obéissant et fidèle serviteur.

Gobineau à D. Pedro II

Paris, 7 septembre 1871.

Monsieur,

Je reçois votre lettre du 2 de Carlsbad. Mon premier sentiment de joie se porte sur le séjour qu'y fait Madame d'Alcantara. Je trouve cela excellent et suis persuadé que sa santé s'en trouvera très bien. J'imagine

que depuis la grande maladie de Rio et tant d'autres choses, il était grand besoin et grand temps de soins particuliers. J'entre de toutes manières dans les émotions si vives et si gaies et si saisissantes que la vue de tant de choses nouvelles et de choix vous donnent et ne pouvaient faire autrement que de vous donner. Comme le monde est beau quand on le voit dans ce que la vie entière des pays donne et résume de plus magnifique et que je m'imagine bien ce que vous allez éprouver de l'Égypte, en ayant pour premier guide sur cette terre l'étoile d'Alexandre. Je vous en prie: ne manquez pas, pendant votre séjour au Caire, d'entrer dans la mosquée d'El-Ahzar. C'est l'Université du pays. Vous y verrez les professeurs enseignant dans la cour au pied des colonnes. Quelle que soit la science, c'est toute la science de l'Afrique orientale et tant de souvenirs et un aspect si antique! Je suis convaincu que vous allez, Monsieur être enthousiasmé, de l'Égypte, de Suez, du Caire, de l'île de Rhodes! C'est si beau! Je ne vous quitte pas de la pensée! Comme j'ai hâte de vous entendre parler de tout cela et, comme en resenant en Europe, vous allez préférer cette mort à ce que nous appelons de la vie. Enfin, le mois de décembre viendra. Pour moi, je le désire infiniment ce mois de décembre; mais, pour vous, non. A ce moment, vous aurez fini de traverser ce monde d'enchantement pour lequel vous êtes tout fait. Ne manquez pas, au nom du ciel, de voir au moins l'Attique et Mycènes et la vieille Tyrinthe; elle est encore dans l'état où Hercule, son destructeur, l'a laissée. Mais quelle vision de l'âge héroïque! Quand vous aurez vu tout cela, je suis persuadé que le monde vous paraîtra tout autre.

J'écris à Madame de Gobineau tout ce que Madame d'Alcantara veut bien lui dire par votre bouche et tout ce que vous voulez bien y ajouter. Sans doute, je ferai en sorte que vous puissiez passer la revue complète de la famille en décembre. Tout le monde est bien. Mon beau fils est à Cadix sur une frégate et revient en octobre à Copenhague. Je ne sais pas comment vont les choses, chaque jour qui passe ajoute une réflexion d'attachement à la tendresse sans borne que je vous ai vouée. Oserais-je vous supplier de ne pas abuser de vos forces outre mesure? Mais vous en avez beaucoup...

D. Pedro II à Gobineau

Alexandrie, 28 octobre 1871.

Mr. le comte,

Après une assez bête tempête, me voilà depuis ce matin dans la ville d'Alexandre, de César et de Napoléon.

Pendant la traversée si rude au sortir de l'Adriatique, j'ai contemplé de loin les Ioniennes, le Cap Matapan et le Taygète en voyant, d'assez près, sous le beau clair-de-lune de ces parages, l'île de Crète, avec son mont Ida. Que je regrette de ne pas visiter la Grèce!

J'ai déjà vu les principales choses que l'on visite dans cette ville et je suis en rapport avec Mariette-Bey et Brugsch. Demain je pars pour Suez en chemin de fer et je parcourerai tout le canal, revenant en chemin de fer à Ismaïle et de là allant au Caire. Les pyramides de Ghisch et de Iokaroh, ainsi que la métropole de Beni-Hassan ne seront pas oubliées et, le 12, je repartirai pour Brindisi. Adieu! Je n'ai plus de temps. Ma femme vous envoie les meilleurs souvenirs et elle me charge aussi de mille choses aimables pour votre famille à laquelle je me recommande.

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau à D. Pedro II

Château de Trye (Oise)
12 novembre 1871.

Monsieur,

Je reçois la lettre que vous me faites l'honneur de m'écrire d'Alexandrie. Maintenant vous avez passé Brindisi en revenant et ce qui me fait une peine extrê-

me, c'est que vous me dites combien vous êtes fâché de ne pas voir la Grèce, bon Dieu! Et avoir traduit *Prométhée!* Cela me paraît un véritable malheur et l'est en effet, car je suis persuadé que vous regretterez constamment d'avoir passé en vue du Taygète et de n'avoir pas débarqué. Je comprends que l'isthme de Suez ait le l'intérêt; mais la Grèce! Je ne me console pas de ne pouvoir parler d'Athènes avec vous. Je suis persuadé que vous aurez été charmé de Mariette-Bey; probablement un peu moins de Brugsch. Je ne les connais, à la vérité, ni l'un ni l'autre; mais je ne crois pas me tromper en restant persuadé que le premier est plus intéressant pour ce qui est de la connaissance pratique et plastique de l'Égypte que le second, tout savant que soit celui-ci. J'ai une hâte extrême de recevoir surtout l'impression que vous aura produite la vue du Caire, du haut de la citadelle, soit le matin, soit le soir. Vous aurez probablement trouvé aussi que la Mosquée de Méhémet-Ali, bien qu'oeuvre moderne et entourée de chefs-d'oeuvre, n'est nullement à mépriser. En somme, il est certain que le Caire (à moins que l'Européen l'ait beaucoup gâté dans ces dernières années) donne une impression très grande et très belle de l'Orient musulman, et le Nil et les djermes avec leurs grands voiles! Faut-il que je ne vous aie pas accompagné!

Au lieu de voir toutes ces choses immortelles, je me suis soumis à une réélection au Conseil Général. J'ai été fort combattu par les Jacobins et il a fallu en venir à un ballottage. J'ai été nommé et j'arrive de la session qui a été relativement longue; mais notre assemblée a été fort sage et nous avons écarté toutes les questions théoriques pour ne faire que les affaires réelles du pays. Monsieur le duc d'Aumale est notre président et il a plu extrêmement à tous, même aux plus décidés à se montrer sinon hostiles, au moins réservés. En ce qui me concerne, rien ne se termine et ne réussit à tourner ni à droite ni à gauche, de sorte que dans l'attente d'une solution qui doit toujours venir la semaine prochaine, je perds mon temps indéfiniment, n'ose rien commencer, ne peux rien continuer et ne suis pas trop content...

Gobineau à D. Pedro II

Paris, 26 février 1872.
57, Rue de Chateaudun.

Sire,

Je suppose que Votre Majesté va arriver à Lisbonne ou même y est déjà. J'ai vu à peu près Madame de Barral. Je dis à peu près parce que ça n'a été qu'en courant. Elle était encore pénétrée du chagrin d'avoir quitté l'Empereur et l'Impératrice. Mais, en somme, je crois que tout a continué à se bien passer et que Votre Majesté aura poursuivi jusqu'au bout le cours de ses observations, de ses études et de ses expériences. Je ne pense pas sans une sorte d'éblouissement à la masse énorme de notes et de souvenirs que Votre Majesté va avoir à classer. Il y en aura pour plusieurs semaines à mettre en ordre, pour plusieurs mois à examiner et à placer à leur rang respectif d'importance et, enfin, la conclusion ou plutôt les conclusions? Ceci sera le point délicat et important. Les observateurs placés et pourvus comme Votre Majesté sont si rares que je m'imagine un livre qui serait le résultat de ce long et complet voyage comme une des productions les plus originales et les plus singulières. Je ne sais s'il est dans la pensée de Votre Majesté de l'écrire jamais; je suis sûr, pourtant, que l'Empereur partagera mon avis. Mais peut-être Votre Majesté reculera-t-elle devant le poids qu'auraient ses jugements: Après tout, il n'y a nulle obligation à publier un pareil livre. L'important, c'est de l'écrire, qu'il existe et à un moment donné qu'il puisse se retrouver. Je ne puis me détacher de cette idée. Une vie aussi pleine, aussi bien préparée par tant de réflexions et d'études de tous genres qui, après s'être conservée à part des objets examinés jusqu'à la maturité complète, les voit tout à coup, les voit si à plein et dans un si grand moment de crise!... J'avoue que je trouve cette occasion merveilleuse et, encore une fois, unique et j'y pense sans cesse.

Adieu Sire. Je pense que je n'aurai des nouvelles de Votre Majesté et de l'Impératrice que de Rio...

Gobineau à D. Pedro II

Château de Trye (Oise)
23 avril 1872.

Sire,

Je suppose que l'Impératrice et Votre Majesté commencent à revenir des fatigues du voyage. Je suppose aussi que l'Empereur classe ses documents et, ce qui est plus nécessaire encore ses impressions et ses souvenirs. Ici on ne prend nullement le chemin d'oublier Votre Majesté et j'ai, entre autres gens qui en conservent un souvenir ineffaçable, rencontré l'autre jour Monsieur Décaisne qui m'a longtemps entretenu de ce que nous avons vu et dit naguère au Grand Hôtel. Ce grand Hôtel est devenu une sorte de monument pour les serviteurs de Votre Majesté et on ne passe plus à cet endroit du boulevard aussi indifféremment qu'autrefois.

Pour ce qui est de la vie littéraire dans ce pays-ci, elle est ce qu'elle peut-être. Le Gouvernement s'en soucie peu et le public ne s'en soucie pas. On a parlé un peu des livres de voyage de Monsieur de Beauvoir, non parce qu'ils sont spirituels et facilement faits mais parce que Monsieur de Beauvoir est l'ami des princes et, du reste, on n'a guère d'attention que pour les rapports, justifications, explications, déclamations et divagations des généraux et des hommes politiques (Duc de Grammont, Benedetti, etc.) sur ce qui nous est arrivé déjà et pourra nous arriver encore. Votre Majesté n'aime pas les généraux; je ne m'étendrai donc pas sur les productions de leur esprit; quant aux hommes politiques, je souhaite bien vivement que les injures qu'ils se disent, les uns aux autres, puissent servir à notre glorification dans ce monde et à notre salut dans l'autre.

En dehors de cela, je ne vois guère que le *Nogaret* de Renan publié jusqu'ici dans la *Revue des Deux Mondes* qui ait quelque valeur. On en parle pourtant peu; mais encore une fois, qui s'occupe de ces livres-là en France?

Cela n'empêche pas que le voyage de Monsieur le général de Molke dans la Mésopotamie et l'Asie Mineure ne soit considéré comme une oeuvre de génie. On

vient de le découvrir et on l'a traduit. Personne ne s'aperçoit qu'il est de 1838 et, en général, on paraît frappé d'admiration de ce qu'il raconte qu'il y a en Mésopotamie un fleuve appelé le Tigre, qui contient beaucoup d'eau. J'ose assurer l'Empereur que les Français ne sont pas peuple aussi léger qu'on le paraît croire.

Avec tout cela, le *Corpus Inscript Semiticarum* avance fort peu...

Gobineau à D. Pedro II

Château de Trye (Oise)
3 mai 1872.

Sire,

Je reçois la lettre de Votre Majesté. Je suis bien heureux d'apprendre que le voyage de retour s'est si bien fait et que l'Empereur et l'Impératrice n'en ont pas souffert. Je craignais un peu, je l'avoue, après des fatigues si constantes, si peu ordinaires, fatigues du corps et contention d'esprit, si soutenues, et, en somme si longues qu'il y eût une sorte de réaction nerveuse. Mais, heureusement, rien de pareil n'est arrivé et le séjour de Petropolis va complètement remettre Votre Majesté à son niveau ordinaire de santé. C'est une grande entreprise finie et, évidemment, un résultat considérable obtenu. Je ne considère pas tout à fait, peut-être, du même point de vue que Votre Majesté ce qu'elle compte écrire sur l'Europe. Il importe, je crois, très peu que l'exposé qu'Elle compte faire de ce qu'Elle a vu, soit ce qu'on appelle complet et que ceux qui ont vu l'Europe y retrouvent la somme exacte de leurs impressions, tandis que ceux qui ne l'ont pas vue, y apprendront à connaître didactiquement le pays. Il y a des monceaux de livres pour ces deux choses et même parmi les plus médiocres de ces produits descriptifs on trouve les faits que l'on cherche. Mais ici l'important et le très important, c'est le double élément si rare qu'il est presque unique qui ne peut manquer d'apporter dans une oeuvre de Votre Ma-

jesté Sa personnalité comme homme et sa personnalité comme souverain. Votre Majesté se trouve de la sorte avoir vu et observé tout ce qui tombe dans sa sphère d'examen d'une façon si particulière que, quoiqu'il arrive, l'exposé des impressions reçues par l'Empereur sera nécessairement une des productions les plus curieuses, les plus intéressantes et les plus instructives de ce temps. Quand un prince a donné dans un livre les résultats de ses expériences, il est presque toujours arrivé qu'il était à la fois juge et partie; il faisait une apologie ou une critique des faits et des situations qui avaient un contrecoup sur lui-même. Ici, par une rencontre unique, les choses sont tout autrement arrangées; l'Empereur est placé comme un confesseur vis à vis d'un pénitent plus ou moins repentant; ou comme un moraliste vis à vis d'une foule. Ce que Votre Majesté dira importe à tout le monde excepté à elle et, pour moi, j'avoue que je n'imagine rien de plus intéressant et de plus curieux que les jugements portés par l'Empereur sur tout ce qu'il a vu.

Je n'ai pas manqué de dire à Renan ce dont Votre Majesté m'a chargé pour lui. J'ai écrit à Berthelot. Ces deux seuls étaient nommés; mais j'ai pensé ne pas me tromper un étendant à Decaisne et à Raynal les souvenirs de Votre Majesté. Je leur ai donc écrit et, à tous, j'ai dit, de ma part, qu'ils feraient à mon sens fort bien d'écrire à l'Empereur chaque fois qu'une découverte, un livre curieux, ou un fait intéressant se produiraient dans leur domaine intellectuel et que je ne doutais pas que Votre Majesté n'y prît grand intérêt et ne leur sût gré de le Lui communiquer.

L'incertitude de mon sort m'empêche un peu de travailler; j'ai pourtant fini la première partie d'un roman et fait trois bustes; une *Walkyrie*, la *reine Mab* et *Sainte Geneviève de Paris*. Un médaillon que j'ai fait à Rio est à l'exposition de Picadilly à Londres. Si j'ai jamais le temps, j'ai l'intention d'ajouter à mon *Histoire des Perses* celle des Sassanides, mais je gaspille ma vie dans un esclavage écoeurant...

CAPITULO V

O CONDE DE GOBINEAU NOMEADO MINISTRO DE FRANÇA EM SUECIA

Château de Trye (Oise)
21 mai 1872.

Sire,

On vient de me nommer à Stockholm et je pars à la fin de la semaine pour me rendre à mon nouveau poste. Je cesse d'être un diplomate pour Votre Majesté et je ne suis plus que le plus attaché et un des plus fidèles de ses serviteurs. Cette qualité-là, je ne la perdrai jamais, j'en suis sûr et comme je compte certainement sur l'éternité des bontés de l'Empereur, je prie Votre Majesté de me trouver maintenant plus propre que jamais à recevoir ses ordres. Je pense que les pays scandinaves intéressent Votre Majesté bien qu'elle n'ait pas eu le temps de les visiter et je ne manquerai pas de Lui soumettre mes impressions, mes expériences dans ce pays et, surtout, ce que je pourrai apprendre de l'État des Sciences et de la littérature au milieu du froid du Nord. Je ne crois pas du tout que je ne doive pas revoir Votre Majesté. Les choses futures se devinent mal dans les formes qu'elles devront prendre; elles peuvent en prendre beaucoup surtout les plus inattendues. Je sais que je ferai beaucoup pour profiter de la première possibilité de satisfaire à un besoin vrai et constant de respectueuse affection.

Je demande la permission à Votre Majesté de lui envoyer la photographie de ma *Walkyrie*. Je ne peux pas perdre l'habitude si chère de soumettre à l'Empereur tout ce que je ferai. Autant que mes devoirs vont me donner de loisir, je finirai cet été mon roman des *Pléiades*.

des, je commencerai à réunir des matériaux pour un livre futur sur la Suède actuelle et, probablement, il me viendra l'envie de travailler à l'histoire des Sassanides, mais c'est un travail fort rude à travers beaucoup de textes arabes et persans et je ne sais si j'aurai un si grand courage qui me manque un peu, je le crains, quand j'y songe de près.

On fait un certain bruit ici d'un voyage exécuté il a bien des années en Orient par le Maréchal de Moltke. Ce livre avait été lu en Allemagne en son temps; depuis lors, il a été comme effacé dans sa patrie, par d'autres voyages plus récents et plus complets.

Un traducteur français vient de le découvrir. On l'a traduit et on y croit trouver beaucoup de choses et de merveilles que les lecteurs contemporains n'y avaient pas aperçu. Hors de là, je ne vois rien de bien saillant, sauf la continuation des livres militaires sur la guerre de 1870...

D. Pedro II a Gobineau

M. le comte,

Êtes-vous content d'aller en Suède?

Eh bien! j'en suis aussi satisfait et, en tout lieu, l'amitié sait trouver le moyen de se faire jour.

Vos lettres m'ont causé une vive joie et j'espère que notre correspondance continuera toujours de même. Vous avez bien interprété mes sentiments envers M. Décaisne, mais je crains fort de ne pas pouvoir suffire à la besogne de ma correspondance, après mon voyage en Europe qui m'a laissé de si vifs souvenirs. Je tâche de les classer dans ma tête et c'est plus que probable que j'en dirai quelque chose par écrit, quoique le *scripta manent* me fasse redouter un peu.

Votre *Walkyrie* me plaît en général, mais j'y remarque comme ailleurs, que vous avez un faible pour les grosses lèvres qui, du reste, indiquent peu de délicatesse d'esprit.

Tâchez de me faire connaître un peu le monde hyperboréen. J'ai lu que la littérature suédoise est assez riche et la langue passe pour être fort harmonieuse.

Occupez-vous aussi de Linné que j'aime tant, et donnez-moi des renseignements, qui ne me seront pas, peut-être, connus.

J'ai toujours beaucoup à faire, et vous verrez par les journaux que les affaires intérieures et extérieures, à cause de nos voisins si injustes envers le Brésil, me donnent à penser.

Que je regrette les dimanches et toutes les occasions de bonne causerie!

Cela manque beaucoup ici, et, entre les lignes d'une lettre, on est toujours trop à l'étroit.

Adieu! J'ai transmis vos souvenirs à ma famille qui vous les rends en vous priant de me rappeler à votre famille, je m'avoue toujours

Votre tout affectionné

D. Pedro.

CAPITULO VI

CHEGADÁ DE GOBINEAU Á STOCKHOLMO

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm 10 juin 1872.

Sire,

Me voici arrivé à Stockholm et mon premier soin est de me rappeler au souvenir de Votre Majesté parce que son souvenir à Elle ne me quitte pas.

Je suis extrêmement touché de tout ce que je vois. La nature scandinave est extrêmement intéressante: de belles forêts, des lacs magnifiques, des plaines ondulées coupées de tourbières et, dans cette saison, une chaleur extrême augmentée par des nuits toutes lumineuses, et je ne sais pas pourquoi j'appelle *nuit* un crépuscule qui ne commence qu'à 10 heures 1/2 du soir pour faire place au grand soleil à une heure du matin.

Stockholm est une très grande ville, ayant l'air le plus noble du monde; des palais italiens, des jardins et des gazons sur toutes les places où l'histoire permet de placer des statues aussi significatives que celles de Gustave Adolphe, Gustave Vasa, Charles XII, etc. Je ne fais que d'arriver, je ne sais rien encore; mais je prévois pourtant que cette nation suédoise visiblement très intelligente, me donnera lieu de présenter à Votre Majesté des observations qui pourront l'intéresser. J'apprends la langue du pays et, en quelque temps, l'allemand et l'anglais me donnant de l'aide, j'espère arriver à quelque résultat.

J'ai eu l'honneur de voir le Roi aujourd'hui. Sa Majesté la Reine douairière part demain pour aller voir à Lisbonne l'Impératrice-Duchesse.

Je suis bien en disposition d'apprendre quelque chose de ce pays-ci, ne serait-ce que pour en entretenir Votre Majesté. Jusque là je ne pourrai m'empêcher d'écrire à l'Empereur et je crains fort que mes lettres ne manquent de tout intérêt. Je prie à l'avance Votre Majesté de me pardonner.

Sans nul doute, le travail de la mise en ordre des notes de voyage a dû faire de grands progrès déjà. Ce qui me semble surtout devoir être intéressant pour Votre Majesté, c'est qu'à la vue de tous ces documents, elle retrouve ses impressions un moment oubliées et revoit les choses et les hommes bien vivants devant son souvenir. Quel sera le résultat final de cette étude si forte? J'avoue que je ne m'imagine rien de plus intéressant pour l'esprit de Votre Majesté, surtout que ce produit d'un voyage auquel elle a si souvent et si longuement pensé, qu'elle a combiné à sa guise et exécuté sur un plan si voulu et si rigoureusement maintenu.

Adieu, Sire. Je suis seul ici, où Madame de Gobineau et Christine me rejoindront en octobre...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm 10 juillet 1872.

Sire,

Je viens de recevoir une lettre de Madame de Barral et j'ai quelques nouvelles, ainsi, de Votre Majesté. Mais, directement, je n'ai rien depuis longtemps et le temps me semble long.

Je suis bien désireux de savoir où en est à cette heure le travail de rédaction des notes de voyages, la direction qu'a prise ce travail et, par suite, l'étendue qu'il aura. C'est une des choses les plus intéressantes qui se puisse imaginer; mais ce qui m'intéresse aussi beaucoup, j'en conviens, c'est de savoir que Votre Majesté n'abandonne pas l'idée de finir le *Prométhée* et surtout qu'Elle a pris un parti sur le fait si désirable de l'écrire en vers.

Je regrette sincèrement que l'Empereur n'ait pas eu le temps de visiter les Royaumes Scandinaves; non pas en ce sens qu'il y aurait simplement ajouté la vue de quelques pays de plus à ceux qu'il avait visités déjà, mais parce qu'il me paraît manifeste que cette contrée présente la situation sociale du monde sous une forme qui leur est absolument propre et ne se montre pas atteinte des maladies politiques dont souffrent les autres peuples du continent d'Europe. Elle a de plus que l'Amérique un passé considérable, les traditions et un degré de culture vraiment remarquable dans les arts, surtout pour la peinture, (peinture de paysage, principalement) et la musique.

J'aurai certainement plus tard l'occasion de parler à Votre Majesté du Danemark et de la Norvège, mais j'attendrai pour le faire d'avoir une plus grande expérience personnelle de l'un comme de l'autre de ces pays. Ce que je me borne à remarquer ici, c'est qu'ils ont un fonds général de ressemblance ensemble et avec la Suède à travers bien des diversités qui leur sont propres. Il y a un monde scandinave qui n'est ici ni le monde allemand, ni le Slave, ni le latin et je crois qu'à tous égards, il ne se montre inférieur à ces trois que par le chiffre moindre de sa population. Sur bien d'autres points je le crois supérieur et je n'en prendrai ici qu'une preuve.

Tandis que le socialisme, plus ou moins représenté par l'Internationale, agite, trouble ou effraie le reste de l'Europe, il est ici absolument sans pouvoir. Dans ces derniers mois, différents corps d'état ont jugé que, pour plusieurs motifs (élévation du prix des loyers, surabondance du numéraire, etc.), ils pouvaient prétendre à une élévation dans les salaires. Les ouvriers ont rédigé des mémoires, dans la forme la plus pacifique et la moins agressive et les ont soumis aux patrons. Il n'a pas été question de grèves; nulle part on n'a remarqué d'agitation; les travaux ont été continués, comme à l'ordinaire dans les ateliers sans nulle menace de suspension. De leur part, les patrons ont examiné les requêtes et d'eux-mêmes y ont fait droit et cette affaire qui eût pu amener les excès les plus graves partout ailleurs, n'a même pas donné un moment d'inquiétude au sentiment public, assu-

ré d'avance de la situation paisible de toute l'affaire dans une masse instruite, patiente et d'une douceur extrême.

Je remarque encore un fait. Une expédition scientifique vient de partir pour le pôle Nord où elle hivernera, principalement dans le but de faire des observations sur le domaine de la physique. Cette expédition est payée par des maisons de commerce et des particuliers de Stockholm; elle n'a rien de gouvernemental. Je ne connais pas de grande nation en Europe ou un fait pareil se pourrait produire. Mais se qui est surtout très remarquable, c'est l'organisation de l'instruction primaire; je serai heureux d'en tracer les principaux traits et d'en faire connaître les résultats à Votre Majesté dans ma prochaine lettre.

Je vais partir pour aller au Conseil général de mon département dans les premiers jours du mois prochain et je ramènerai les miens ici...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 24 juillet 1872.

Mr. le comte,

Merci de votre bonne lettre de Stockholm. J'en attends d'intéressants par celui qui les écrira d'un pays à caractère si personnel pour ainsi dire. Aujourd'hui j'ai à peine le temps d'ajouter que l'empereur du Brésil a été fort heureux de complaire à D. Pedro d'Alcantara, en vous nommant grand-cordon de la Rose, et je vous en remets le diplôme et la décoration.

Je suis sûr que vous serez l'écho des sentiments qui ont inspiré la concession de cette décoration.

D'autres ont été accordées à l'occasion du voyage de D. Pedro d'Alcantara, et quoique sa mémoire soit bonne, surtout quand il veut se montrer reconnaissant envers ceux qui ont été bons envers lui, cependant il n'a fait que proposer au Gouvernement et insister devant celui-ci, en

faveur de ceux qui se trouvaient dans le cas indiqué ou se distinguaient, principalement, par leur mérite individuel.

Vous lirez la liste qui a été publiée et si vous remarquez quelque omission, je vous prie de me l'indiquer, en croyant, si elle est défailante, qu'elle doit être attribuée à ce que je ne puis pas imposer mon opinion.

Tous les miens se rappellent à votre souvenir, et je vous prie, ainsi que l'impératrice, de dire mille choses aimables de notre part à Mme. de Gobineau et à vos filles. Comment se portent vos petits enfants? Les miens vont rester chez moi pendant le voyage d'Auguste qui part pour les États-Unis et le Japon — il va faire le tour du monde — après demain.

Excusez la lettre, le temps me presse horriblement

Adieu

Votre bien affectionné

D. P.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 27 juillet 1872.

Sire,

Je viens de recevoir à l'instant la lettre de Votre Majesté du 18 juin. J'espère que mes deux lettres de Stockholm sont arrivées également et je suis bien heureux d'avoir compris que l'Empereur s'intéressait à connaître les pays scandinaves.

Je suis ici dans un milieu tout nouveau pour moi. De grandes tendances, un grand amour de liberté, nulle propension sérieuse à la République ni au renversement violent de quoi que ce soit; un Norvégien, un paysan se vantait l'autre jour que, depuis mille ans et plus d'existence politique, son pays n'avait jamais fait ni voulu de révolution et, en même temps, une disposition réelle dans le gouvernement et dans les classes supérieures à ne pas séparer leur vie de celle de la masse; ce sont là les grands faits de l'existence scandinave actuelle, on les

observe en Danemark, comme dans les Royaumes-unis, comme en Finlande sous la domination russe et c'est de quoi surprendre et charmer par le temps qui court. Tout n'est pas bon, tout n'est pas bien; on ne cesse pas d'être dans ce monde; mais un caractère général de douceur, de patience et d'esprit de transaction enveloppe la situation entière; on constitue le caractère et c'est de quoi charmer. Je remarque que, la préoccupation va bien moins à constituer ou à déplacer des pouvoirs, ce qui est la tendance essentielle aussi des nations romanes, qu'à diminuer le pouvoir même et à éléver les individualités, à les rendre moins soumises à la tutelle et à les conformer de manière à ce qu'il n'y ait pas de péril commun dans leur émancipation graduelle. La religion me semble exercer, comme institution d'état, une influence assez faible sur les esprits. La loi, à la vérité, semble donner au luthérianisme, comme dogme reconnu, une autorité qu'il n'a point ailleurs; elle répugne aux conversions et affecte, surtout, une défiance marquée pour la foi catholique. On ne peut, légalement, cesser d'être protestant de la confession d'Augsbourg, qu'au prix d'une comparution préalable devant un tribunal ecclésiastique qui soumet le dissident à exposer les motifs de son changement; on veut qu'il les discute; on veut qu'il résiste aux arguments; on scrute et on fatigue sa conscience. Or, les Suédois n'aiment pas à se produire en public; en conséquence, tout cet appareil les effraie et, le plus ordinairement, ils restent luthériens pour n'avoir pas à subir cette sorte d'exposition. Mais, naturellement, la foi ne leur est pas restée et si la religion d'état a réussi jusqu'à présent à se maintenir, il faut avouer que c'est en sacrifiant le fond et en consentant à ne plus descendre dans les consciences. En réalité, quand les Suédois étaient catholiques, ils ne paraissent pas avoir été beaucoup plus zélés qu'ils ne le sont aujourd'hui pour l'orthodoxie légale. Le Christianisme est venu tard chez eux. Il a été mal, imparfaitement adopté. L'ancien paganisme est resté dans les moeurs, dans tous les souvenirs, et il est la poésie; il est mêlé à toute la gloire ancienne, il personnifie bien la domination que les hommes du Nord ont exercé à un moment sur tout l'univers romain; les imaginations suédoises n'ayant jamais cessé de l'aimer il faut convenir qu'un grand fond sinon d'odinisme, du moins

de naturalisme, existe dans les esprits et, de là, à côté d'une indifférence religieuse qui est très générale, mais nullement hostile et qui, pour cela, n'aboutit pas à l'athéisme dogmatique, on observe un relâchement dans les moeurs qui a toujours existé ici, qui ne convient guère à une nation chrétienne mais qui est tout à fait explicable au point de vue païen. Ce relâchement des moeurs se fait remarquer surtout chez les jeunes filles; il existe extrêmement peu chez les femmes mariées. Il ne choque pas les Suédois qui l'expliquent de milles manières. Ce qui est certain, c'est que le chiffre des naissances illégitimes égale, annuellement, celui des naissances légales, proportion qui ne se voit guère ailleurs. C'est un mal, sans doute, mais ce n'est pas un mal provenant de dépravation et le nombre des femmes faisant métier de leur corps est presque insignifiant en Suède. L'argent entre pour très peu de chose dans ces transactions irrégulières. Je suis persuadé que si la moralité de la jeunesse se trouve fort atteinte, assurément, la vie générale du peuple l'est beaucoup moins que chez nous. Il est probable, qu'avec le temps, les mariages, au lieu d'augmenter, diminueront, parce que les femmes, ayant ici des grandes facilités pour se créer des situations indépendantes, comme l'enseignement où elles sont employées préféralement aux hommes, les banques, où elles remplissent les fonctions de commis, la médecine, etc., ne se soucient pas de se donner les ennuis de la famille. On remarque le même phénomène en Amérique, aux États-Unis, chez les femmes d'origine germanique. Il ne faut pas oublier que cette race n'a admis le mariage régulier qu'avec beaucoup de peine.

J'ai fait envoyer de Paris à Votre Majesté un petit volume contenant trois nouvelles; je viens de le publier. J'ai achevé hier un assez long article sur les *Emigrations Européennes dans les deux Amériques* que je destine à une Revue. J'espère qu'il intéressera l'Empereur.

J'ai compris et partagé tous les ennuis de Votre Majesté. Elle a de bien mauvais voisins! Que je voudrais donc pouvoir contribuer en quelque chose à La distraire et à l'amuser. Je ne perdrai pas de vue Linné. J'irai à Upsala en septembre pour cela et, quand je vais savoir le Suédois, je parlerai littérature dans mes lettres. Je crois qu'il y a des mondes de choses à voir et à dire.

Je dirai tout pour retrouver l'ombre des dimanches de Rio que je n'oublierai jamais.

Je vais aller pour trois semaines au Conseil Général de mon département et je reviens tout de suite...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm 4 septembre 1872.

Sire,

J'arrive à Stockholm pour trouver une lettre de Votre Majesté et apprendre ce que Don Pedro d'Alcantara a obtenu d'Elle en ma faveur.

Je n'en suis plus à remercier l'Empereur de ses bontés pour moi. J'en reçois en ce moment une marque bien éclatante et bien appréciée. Oserais-je pourtant avouer que dom Pedro d'Alcantara m'est encore bien plus cher que l'Empereur et que mon profond respect pour celui-là n'est pas plus grand que mon inviolable attachement pour celui-ci? Je suis sûr qu'ils en sont bien persuadés l'un et l'autre. Mais combien je tiens à conserver la place que je crois mériter dans un petit coin du souvenir de l'homme, ce qui m'est peut-être plus cher encore que l'indulgence du souverain!

J'arrive de mon conseil général et tout se passe assez paisiblement en France, pauvre pays bien malade et qui ne tourne guère encore à la guérison. Bien des choses dégoutent et je ne suis pas en train de revenir sur ma résolution de tout faire pour me mettre en état de quitter le service et d'employer plus librement et plus utilement pour moi et pour les autres ce que je puis avoir de facultés. En attendant, je reviens plus résolu que jamais à étudier les pays scandinaves de fond en comble et sous tous ses aspects. Je me suis arrangé avec une revue de Paris, le *Correspondant*. Je ne sais si Votre Majesté la reçoit. Elle contiendra prochainement un travail de moi sur les *Emigrations européennes dans les deux Améri-*

ques. Comme il y est question de l'émigration au Brésil, je la ferai, dans tous les cas, envoyer à Votre Majesté pour ce numéro là.

Je voudrais bien savoir où en est l'empereur pour la rédaction de ses notes de voyages. Votre Majesté ne m'en parle plus du tout dans sa dernière lettre. C'est un point qui m'intéresse à l'excès, et pour lui-même et aussi parce que je voudrais bien qu'il n'empiétât pas trop sur les autres travaux et surtout sur la traduction du *Prométhée*, auquel il est naturel que je prenne un intérêt très grand. Je prie Votre Majeste de me dire ce qu'il en est.

Il est ici fort question de mettre les trois royaumes du nord sous un régime d'unité monétaire; la difficulté réside en ceci que l'on voudrait avec raison profiter de cette occasion pour s'unifier avec le système décimal, mais on demande à la France d'abandonner son double étalon, pour ne garder que l'étalon d'or. Ce serait fort à souhaiter.

Voici la photographie de Linné que Votre Majesté verra peut-être avec plaisir. C'est d'après une belle gravure...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 16 septembre 1872.

Sire,

Je vois dans les journaux que les affaires argentines se sont accomodées et je suis heureux de voir Votre Majesté libre d'un souci; mais on raconte aussi que les troubles auraient eu lieu à Rio à propos des élections et qu'il aurait fallu les réprimer. Peut-être exagère-t-on beaucoup; en tous cas, tout ce qui affecte Votre Majesté m'affecte aussi et je voudrais savoir que ces désordres n'ont pas laissé de traces dans le coeur de monsieur Dom Pedro d'Alcantara.

Nous avons eu un petit évènement dans la famille. Madame de Guldencrone a eu une fille; elle désire, ainsi que sa mère et sa soeur, que je le mande à Votre Majesté et à l'Impératrice. Je n'y manque pas. C'est une nouvelle personne, en ce monde, qui sera un jour attachée et affectionnée à la Maison Impériale.

Je veux tout de suite dire un mot que Votre Majesté m'engage à dire: je ne sais, si dans les listes de décorations données à des Français, se trouve Monsieur Oliva, sculpteur. En tous cas, je serais bien heureux qu'il y fût; parce que Votre Majesté a approuvé son buste de St. Vincent de Paul (et il le faisait pendant les violences de la comunne) et sa statue de l'abbé Duguerry; ensuite, il a dirigé les travaux d'ouvriers pour le marbre que j'ai fait de Votre Majesté et y a mis beaucoup de zèle. C'est un brave homme qu'une croix de chevalier de la Rose, venant à la suite du voyage de Votre Majesté et témoignant ainsi de sa bienveillance, comblerait de joie. Puisque l'Empereur m'a dit de parler, je parle pour les petits.

Je m'occupe beaucoup d'apprendre le Suédois et j'espère pouvoir arriver à lire assez promptement. C'est surtout ce dont j'ai besoin. Je suis plus décidé que jamais à écrire un livre sur les trois royaumes scandinaves qui fera pendant à mon histoire des Perses, en montrant ce qu'a fait et ce qu'est encore le plus pur rameau de la race germanique. Il est impossible d'être ici sans être frappé à tout moment de la solidité de ce peuple. On n'y voit rien qui ressemble à cette ardeur fébrile, généralement malade, qui s'observe chez les nations latines quand elles ne sont pas dans la dissipation stérile ou dans la prostration. Il y a ici une activité soutenue et qui se traduit par un progrès constant et normal, sans soubresauts, dans tous les genres, que poursuivent les gens du pays.

L'émigration ne dépasse pas, n'atteint pas le nombre de naissances. La marine de commerce multiplie ses relations à l'étranger, surtout en Angleterre et dans l'Amérique du Nord, et je remarque que l'intercourse est si considérable et tellement en faveur chez les armateurs Suédois qu'une compagnie de navigation de Stockholm partage, actuellement, un dividende de 37% à ses actionnaires.

Enfin, l'Agriculture est dans un état réellement florissant, ce qui suppose un grand emploi de travail et d'intelligence dans un climat comme celui-ci. Du reste, et là est le grand bonheur du pays, c'est la classe agricole qui fournit presque tous les membres de la Diète; les villes en donnent peu; les députés sont, en général, des propriétaires ruraux ou des paysans; comme la Suède n'a pas d'avocats, tous les jugements se rendant sur mémoires écrits tenant lieu de plaidoiries, les députés apportent dans les sessions une attention unique aux questions de fait et aux intérêts.

Un trait du caractère surtout produit ici un résultat singulier. Le Suédois est sinon timide, au moins réservé; il ne peut jamais se décider à se donner lui-même en spectacle; de là il résulte que, lors des élections, il n'y a jamais de candidature forcée; personne ne se recommande au choix des électeurs, personne ne fait de profession de foi; et il a été impossible jusqu'ici d'avoir pour orateurs de meetings autre chose que des gens sans consistance, sans crédit et que personne n'écoute, par cela seul qu'en se mettant en évidence, on les trouve effrontés. Une conséquence naturelle de cette absence d'avocats et d'amour pour la politique scénique fait que les journaux n'ont aucune espèce d'influence; s'ils recommandent un candidat, c'est une raison pour que les électeurs n'en veuillent pas. Aussi, s'en gardent-ils et ils se contentent de... Tout cela assurément, est très curieux dans l'état actuel de l'Europe. Nous venons d'avoir des élections; il est probable que la Diète future va ressembler beaucoup à l'ancienne, très préoccupée d'intérêts positifs, et l'antipode de l'esprit révolutionnaire.

Adieu, Sire. Il y a une expédition au Pôle Nord, envoyée par une société de négociants d'ici. L'hiver prématuré l'oblige en ce moment d'hiverner au cap Nord du Spitzberg. Quand je saurai quelque chose d'intéressant sur cette affaire là, je l'écrirai à Votre Majesté...

Gobineau à D. Pedro II

Stockholm, le 4 octobre 1872.

Sire,

... Nous venons d'avoir ici un grand et triste événement, la mort du roi Charles XV. Cet événement était fort prévu, la maladie était trop grave et ne pouvait faire grâce. Cependant, on est toujours surpris et j'imagine que c'est dans la condition humaine qu'entre les divers genres d'effets que produit ce passage, l'étonnement tient toujours une place dans toutes les imaginations. Le Roi était arrivé très affaibli à Malmoe, la première ville de ses Etats. Il voulait partir pour Stockholm; il ne put pas, il lui fallut garder le lit. A trois heures, comme ses officiers dinaient, il en fit appeler un, le lieutenant des gardes, M. de Gullenram, un très jeune homme qui était un de ses aides de camp favoris. Il lui dit en le voyant que tout était fini, que les médecins lui avaient avoué la vérité et qu'il allait mourir avant la fin du jour. "J'en suis bien aise, ajouta-t-il, je suis trop fatigué. Ne me quitte plus, reste avec moi jusqu'à ce que je parte". — Il fit asseoir le jeune officier sur son lit et, alors, les autres, tous des jeunes gens, car il n'avait guère d'hommes de quelque âge dans son intimité, entrèrent à leur tour. Il commença à devenir de plus en plus faible; cependant, il remarquait tout haut qu'il ne souffrait rien qui annonçât la mort. "Je n'ai pas encore de crampes, disait-il; je ne sens pas de froid aux extrémités; mais ça va venir". Jusqu'à la fin, il resta ainsi, étudiant sur lui-même, avec une curiosité calme, les signes avant-coureurs de la dissolution. De temps en temps, il regardait ses officiers et leur souriait tout à tour; mais il tenait la main de M. de Gullenram et la conserva dans la sienne jusqu'à la fin. Celui-ci lui fit, vers huit heures du soir: "Sire, Votre Majesté ne veut-elle pas laisser entrer le pasteur? — Non, dit le Roi, je suis trop faible". On crut comprendre qu'il répugnait à se laisser troubler dans l'attention singulière qu'il portait sur les phénomènes de sa fin, car il était d'un calme et d'une lucidité merveilleuses. Mais M. de Gullenram insista et lui dit:

“Sire, si ce n'est pas pour vous, que ce soit pour nous, parce que vos officiers aimeraient bien à faire encore une prière avec Votre Majesté avant de La quitter”. Alors le Roi consentit. Le pasteur luthérien entra, mais, pendant qu'il lisait l'office, le Roi eut une crise plus violente et il fallut interrompre.

Quand il fut remis, il était tombé beaucoup, mais sa connaissance ne le quitta pas un instant. Il ne parlait plus, mais il continuait à sourire à tous les siens. A neuf heures et quelques minutes, il s'éteignit doucement et ne prononça qu'un seul mot : Ilut! (c'est fini).

Lorsque la nouvelle de la mort du Roi arriva à Stockholm, c'était le matin. En deux heures, toute la ville était en noir, sans aucune distinction de classes. Les plus pauvres, les enfants du bas peuple, ne pouvant avoir des vêtements de deuil, mirent au moins quelque chose de noir; toutes les servantes ne parurent dans les rues et au marché qu'en noir et cela durera encore longtemps. Mais ce que je trouve particulièrement extraordinaire, c'est qu'avec toute cette preuve évidente d'attachement au souvenir et à l'homme qui manquait, il n'y a pas eu un rassemblement, pas un groupe, personne n'a interrompu d'une minute le cours régulier de sa vie. Les postes n'ont pas été doublés, les soldats n'ont pas été consignés; la nation suédoise pleure, mais ne trouble rien. Quand on a apporté le corps de Charles XV par le chemin de fer, à toutes les stations, les paysans en deuil ont interrompu un moment leurs travaux pour apporter des fleurs qu'ils avaient en grandes quantités; mais on ne poussait pas un cri, on pleurait et on retournait à son ouvrage aussitôt. A l'arrivée du convoi à Stockholm, il en a été de même, beaucoup de fleurs, des gens du peuple, des bourgeois, des gens du monde en grand deuil et pleurant en silence, mais pas de démonstrations bruyantes, pas de tapage et tout le monde retournant ensuite à ses propres affaires sans encombrer les rues d'une douleur fainéante. Je trouve, je l'avoue, que je vois là des hommes. Le changement de règne n'a donné lieu à aucune explosion de sentiment politique. Les élections renvoient les députés que l'on avait, sauf quelques changements insignifiants.

Le roi Oscar II fait exactement comme son peuple; il pleure son frère et s'occupe des affaires. C'est un

spectacle , encore une fois, singulier et digne d'être pris en considération. Je ne veux pas dire, assurément, qu'il n'existe pas de révolutionnaires en Suède; mais il n'y a pas de parti révolutionnaire. Il y a seulement des individualités isolées et auxquelles personne, absolument, ne prend garde.

... Adieu, Sire, et daignez trouver ici l'expression de la plus respectueuse et entière affection qui est celle de Votre serviteur dévoué pour Votre Majesté.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm 27 octobre 1872.

Sire,

J'ai reçu la lettre que Votre Majesté a daigné m'adresser le 5 septembre. Je suis extrêmement peiné de la mort du vicomte d'Itaborahy, sachant que l'Empereur perd en lui un bon serviteur et que c'est un vif chagrin encore aggravé par les circonstances qui l'ont amené. Je voudrais bien que Votre Majesté et l'Impératrice pussent aller à Petropolis pendant la saison chaude. Il n'est vraiment pas bon de trop abuser des forces, je dis des forces physiques, mais aussi des forces morales.

Ici l'hiver va commencer; mais ne l'est pas encore. La brume est assez épaisse et couvre les eaux du Maelar; les feuilles tombent, mais il en reste assez et ce sont les plus belles couleurs du monde.

Je suis allé à Upsala. Le chemin de fer m'y a conduit en deux heures. La ville est située dans une grande plaine qui comprend aussi l'ancien Upsala, l'ancienne capitale du paganisme dont l'emplacement est à environ vingt minutes ou une demi heure de marche de la ville du moyen âge et du temps actuel.

L'aspect de celle-ci est assez beau et noble. Comme le commerce ici est nul, l'Université représente tout le mouvement vital. On ne voit guère que des étudiants dans les rues, reconnaissables à leur petite casquette

blanche, bordée d'un galon de velours bleu. Comme nous sommes en Suède, ces jeunes gens sont fort paisibles et vivant avec les bourgeois dans la meilleure intelligence, ce qui n'arrive pas en Allemagne dans les villes d'université.

Il y a un grand château sur une hauteur, mais il n'en reste que la façade, les bâtiments ayant été détruits par un incendie. La situation est merveilleuse et on découvre de là un horizon immense. Près de là est la Bibliothèque. Je l'ai visitée avec grande intérêt. L'ordre y est fort grand et la classification très judicieuse. Naturellement, j'ai rendu mes hommages au *Codex Upsalensis* que j'ai vu dans son vénérable parchemin rouge et ses lettres gothiques en argent.

J'ai vu aussi force autographe fort intéressants de la Reine Christine, de Charles XII et de ses généraux et, enfin, de Linné. L'écriture de ce dernier est petite, menue, élégante; celle d'un homme heureux et qui ne désire pas plus que ce qu'il a. J'ai vu aussi, ensuite, son tombeau dans la cathédrale et le monument élevé par ses élèves et ses admirateurs. En le considérant, j'ai pensé beaucoup à Votre Majesté qui a un goût si vif pour la mémoire de cet excellent homme. C'est une sorte de brahmane scandinave.

Quant à la cathédrale elle-même, on y voit une raison nouvelle de penser que les monuments d'architecture en pierre ne sont pas le côté intéressant de la Suède. Là, l'architecture nationale a le bois matériel; les maisons en bois sont intéressantes; elles ne sont pas anciennes, mais elles continuent les usages les plus antiques, tandis que la pierre n'est employée qu'avec dureté, sécheresse et par imitation des autres pays d'Europe.

Je me suis rendu ensuite à l'ancienne Upsala. J'y ai trouvé, au pied de quelques mouvements de terrain, les trois tumuli gigantesques considérés comme étant les tombeaux des trois grands Dieux, Odin, Thor et Frey. Les rois y étaient reconnus et proclamés, et, du haut du tumulus d'Odin, ils parlaient à leurs belliqueuses tribus, assemblées dans la plaine. De l'ancienne ville il ne reste rien de plus. Une pierre couverte d'inscriptions ruinées mais appartenant à l'époque chrétienne, est encastree dans la muraille d'une petite église fort jolie qu'entoure le plus frais et le plus charmant des cimetières.

Tout ce coin de paysage respire la grandeur et la paix et son aspect rustique ne lui enlève rien d'une dignité vraie et douce. A quelques pas de là, dans une jolie maison, sous de grands arbres, et qui n'est nullement une auberge, une dame d'un certain âge vend de l'hydromel; il est consacré par l'usage qu'on va boire cette liqueur antique en mémoire des Dieux après avoir visité les tumulus. Je n'ai pas manqué d'accomplir ce rite respectueux. On verse le breuvage sacré dans les cornes montées en argent. Elles portent des inscriptions rappelant qu'elles ont été données par le roi Charles XV et par le Roi et la Reine actuelle. Voilà mon pèlerinage d'Upsala.

Madame de Gobineau qui vient d'arriver avec Christine présente ses plus respectueux hommages à Votre Majesté et à l'Impératrice. Elle me charge de dire à l'Empereur combien elle est attachée aux souvenirs du Grand Hôtel.

Adieu, Sire, je voudrais bien recevoir de Votre Majesté la nouvelle que quelques loisirs lui sont laissés et que, dans une demie liberté, au moins, elle a pu reprendre ses travaux littéraires. Je pense que mon article sur les Emigrations va bientôt être envoyé à Votre Majesté et je la prie de me dire ce qu'elle en aura pensé...

D. Pedro II à Gobineau

Mr. le comte,

Vous ne devez que vous plaindre du temps, qui me manque, souvent, pour vous écrire. Vous ne pouvez pas douter de mon amitié et de l'intérêt que me causent vos lettres.

La description de la mort du roi de Suède, et du deuil de son peuple, peint bien le caractère de cette race, et les renseignements sur Upsala et les souvenirs de mon excellent Linné ont été reçus, par moi comme vous devez le prévoir.

Après demain, je pars pour Petropolis et j'espère pouvoir m'y occuper plus à l'aise des études et des lectures qui m'intéressent véritablement.

Avant de recevoir le numéro du *Correspondant*, que vous m'avez envoyé, j'avais déjà lu votre article. Il est bien fait et utile au Brésil. Je n'y ai noté que de petites erreurs de détail. Je tâcherai de le faire publier, ici, en portugais.

Croyez-moi quand je vous dis que si j'avais plus de temps à moi, ces lettres seraient d'assez bonnes causeries.

Les affaires en France me causent de vives inquiétudes. Cette anarchie des esprits peut conduire à de bien terribles erreurs.

Adieu! Ayez la bonté de me recommander à Madame et à toute votre famille, à laquelle la mienne me prie de dire, ainsi qu'à vous, mille choses aimables, et de ne jamais douter de l'amitié de

Votre tout attaché
D. P.

D. Pedro II. a Gobineau

Rio, 5 Novembre 1872.

Mgr. le comte,

J'ai fait part à ma famille de la naissance de votre petite fille, et vous êtes, sans doute, convaincu du vif intérêt que nous prenons à tout ce qui puisse faire votre bonheur, ainsi que celui de votre famille.

Je n'ai rien d'important à vous communiquer d'ici. La traduction en prose de Prométhée est faite depuis longtemps; mais je n'ai pas encore eu de loisir pour la mettre en vers et y ajouter quelques réflexions. Le temps semble me fuir encore plus qu'auparavant, et je ne me porte pas bien depuis mon retour. Cependant je m'occupe autant que je puis, et j'attends l'occasion

d'écrire ce que vous désirez tant lire, sans doute par l'affection que vous me portez.

Vos renseignements sur la Suède sont fort curieux, et que ce peuple doit être heureux de ne pas souffrir du fléau des avocats! Comme je suis grand admirateur de Linné, vous devez comprendre le plaisir que m'a causé l'envoi de la photographie, et, si vous allez à Upsala, entretenez-moi longuement des souvenirs, que vous y aurez trouvés, du grand naturaliste.

Les affaires de votre patrie ne présentent pas un aspect fort rassurant quoique Mr. Thiers continue à rendre de grands services, non seulement à la France, mais à toute l'Europe. Si le comte de Chambord avait l'idée magnanime d'abdiquer, comme cela éclaircirait l'avenir de la France! Que me dites-vous de l'aventure actuelle, dont la discussion suscitée par Dumas fils, est un triste exemple? Quand paraîtra l'*Apocalypse* de Renan?

Je viens de lire vos trois petits romans. *Akrivte Phrangopoulo* est celui qui m'a intéressé davantage. Vous êtes passionné de la nature de la Grèce, et moi, vous devez vous rappeler combien je questionnais, avec vous, sur le peuple qui habitait anciennement ce pays que j'espère voir.

Je traduis Thucydite pendant quelques moments de loisir, et que j'aurais voulu relire le discours des funérailles devant les ruines de l'Acropole!

Adieu, je n'ai pas malheureusement assez de temps, pour causer au moins par écrit, avec vous.

D. Pedro d'Alcantara

Gobineau à D. Pedro II

Stockholm, 1^e décembre 1872.

Sire,

Il y a bien longtemps que je n'ai eu l'honneur de recevoir des nouvelles de Votre Majesté. J'espère, cependant, qu'Elle est bien, ainsi que l'Impératrice, Madame la Princesse Impériale et les jeunes princes. Sou-

vent ici entre nous, nous pensons à Votre Majesté et nous parlons du Grand Hôtel où, j'avoue, que je voudrais être encore et où j'aurais voulu rester toujours. Quand vous reverrai-je, Sire? Je sais, certainement, que je reverrai l'Empereur; le contraire n'est pas possible; mais je voudrais que ce fût bientôt.

Nous avons une saison extraordinaire. Votre Majesté a appris les véritables désastres que l'amoncèlement des eaux de l'Océan dans les Belts, le Sund, refluant de là dans la Baltique, a occasionnés sur toute la côte. Il y a eu des points du littoral danois où la mer a monté de douze pieds, des villages entiers ont disparu et des petites villes sont ruinées. On rencontre en pleine mer des armoires et des commodes. La tempête a été si forte que deux navires de charbon ont coulé à pic sous le quai de Stockholm. Avec cela pas de froids; il y a eu, dans ces derniers jours, un soleil magnifique, un temps superbe. Nous sommes en décembre en Suède et tout au plus la neige commence-t-elle à se faire prévoir pour ces jours-ci; mais il fait nuit à 3 1/2 et d'ici à 15 jours, ce sera plus tôt encore.

On a été fort inquiet de l'expédition au pôle nord de M. Nordenskjold. Elle a dû s'arrêter au nord du Spitzberg et comme elle a été rejointe par quelques pêcheurs norvégiens emportés jusque là par les gros temps et coupés du retour par les glaces, on ne sait trop si les approvisionnements seront suffisants pour tout ce monde jusqu'en mars. Les rennes emmenés par M. Nordenskjold se sont enfuis au nombre de quarante ou quarante quatre, de sorte que voilà l'exploration future très compromise elle-même.

Il y a, en ce moment, une question qui intéressent beaucoup en Allemagne et beaucoup ici. Je crois qu'elle se présentera quelque jour au Brésil et, certainement, l'esprit de Votre Majesté s'y est déjà arrêté. C'est l'abandon de l'étalon d'argent dans le système monétaire pour faire place à l'or comme étalon unique. La tendance générale et, je crois, assez fondée en raison, tourne de ce côté. L'Allemagne s'y est convertie tout à fait et les trois royaumes scandinaves vont y arriver de même. Il me paraît seulement fâcheux que cette solution se lie au système de fractionnement monétaire d'une telle façon que, comme nous ne semblons pas en France, disposés à

accepter le point de vue le plus admis quant à l'étalon, on pourra bien finir par laisser aussi à l'écart le mode décimal. Je crois que ce sera fâcheux pour tout le monde. J'ai fait et je fais ce que je peux pour le démontrer. Mais, il faut avouer que l'on a bien des affaires à Versailles.

Je ne sais ce que Votre Majesté pense de la Géologie historique. Il vient d'y en avoir un grand congrès à Bruxelles. Pour moi, j'en suis profondément dégoûté. L'alliance de ces messieurs avec le darwinisme, la déclaration de Sir Charles Lyell qu'il faut 800 mille ans à tout le moins, pour la date des outils de pierre non polie, celle de Sir John Lubbock que 200 mille suffisent, et les déclarations de mes deux savants amis, Monsieur Oppert et Monsieur de Quatrefages, qu'on est toujours sûr de rencontrer tous les deux, dans toutes les bandes de charlatans, toutes ces exhibitions m'ont fâché un peu.

J'écris un travail assez long sur ces question là, en m'appuyant sur les plus récentes découvertes faites en Angleterre dans la Kent's Cavern et sur les travaux de la philologie. Mais je puis assurer à Votre Majesté qu'il faut un certain fonds de bonne humeur native pour s'occuper de quelque chose d'intellectuel du temps qui court. Il me semble que le dégoût prendra tout le monde à la gorge au moins, une fois par semaine et quand ce n'est pas pour une raison, c'est pour une autre. Il y a à cela un grand avantage. C'est de rendre parfaitement compréhensible comment à un certain moment de la décrépitude des sociétés, tout ce qui a gardé quelque chose d'humain s'enfuit dans le désert et se fait moine...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 5 Décembre 1872.

Mr. de comte,

Votre lettre du 27 juillet m'a vivement intéressé. Je comprends comment le retard de la conversion des peuples scandinaves au christianisme doit influencer sur leur

morale; mais il faut espérer que la civilisation y rendra à la femme son vrai rôle de mère de famille.

D'ici, je n'ai rien d'intéressant à vous communiquer, car des affaires politiques je ne fais que me rejeter sur de bonnes lettres comme la vôtre, qui me consolent des déboires de ma position. Pour les accroître, je viens de perdre le Vicomte d'Itaúna le médecin ou plutôt l'ami de trente ans qui m'accompagnait en Europe, et dont la vie a été abrégé par la politique.

Ma santé ainsi que celle de tous les miens qui se recommandent à vous et à votre famille est bonne, mais la chaleur commence à devenir forte et les Chambres devant commencer leurs travaux en Décembre, je ne sais pas si je pourrai faire mon séjour à Petropolis.

Je n'ai pas encore reçu vos nouvelles que je suis impatient de lire, quoique les lectures d'obligation me prennent beaucoup de temps. Pendant la nuit, je ne puis pas m'occuper comme auparavant, car le besoin de repos se fait déjà trop sentir.

Adieu! Vous savez combien je me rapelle nos dimanches et les courts instants de Paris et je suis

Votre tout affectionné
D. Pedro.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 14 décembre 1872.

Sire,

Le mot qui me frappe le plus dans la lettre de Votre Majesté du 5 novembre, c'est que *l'Empereur ne se porte pas bien*. Ce m'est si nouveau et je suis si accoutumé à voir et à croire le contraire que j'en éprouve un ennui extrême. Je crois que Votre Majesté pousse ses forces un peu à bout par besoin d'activité et, en quelque sorte, de création de ce qu'Elle a dans l'esprit, mais aussi par principe et système de Stoïcisme. S'il en doit résulter que Votre Majesté devienne sinon malade, du moins lan-

guissante, je ne trouve pas ce stoïcisme là la plus belle des philosophies et j'oserais dire qu'un peu de sybaritisme, c'est à dire de repos serait plus conforme aux maximes vraies de la sagesse. Je supplie Votre Majesté d'y réfléchir, car pour en vouloir trop faire, si Elle allait se trouver arrêtée et condamnée à un abandon plus ou moins de tant de choses qui l'intéressent?

Je ne sais pourquoi je voudrais voir Votre Majesté terminer le *Prométhée*. C'est un si beau travail, si grand, si noble et dont tout le plus difficile, tout l'essentiel est achevé! Pourquoi le mettre de côté? Je me rappelle bien que Votre Majesté m'a dit un jour que ce n'était pas son affaire que de s'arrêter longtemps sur un seul point. Je comprends cette idée et elle est certainement juste; mais c'est la condition de la justesse en toutes choses que de n'aller presque au bout d'aucune vérité. Par conséquent, si Votre Majesté finissait le *Prométhée*, elle aurait une belle œuvre faite et je suis sûr qu'Elle n'en trouverait que plus de plaisir à Thucydite.

Le livre de Renan dont Votre Majesté me parle va paraître cet hiver, je pense, et il sera envoyé de suite à Votre Majesté à Laquelle je fais adresser aussi un petit volume qui vient de paraître sur les traités de 1815 et qui me paraît ce qu'on a fait de mieux sur ce mouvement diplomatique et sur ses causes. Tout concourt à rendre ce livre particulièrement important à l'heure actuelle. Mêmes fautes de la part de la France, même tempérament maladif et confinant à la folie, même persistance d'illusions, même ignorance réfléchie, voulue de ce qui se passe au dehors de chez elle.

Je ne pense pas que la part personnelle que je puis avoir dans cette situation désastreuse trouble beaucoup mon regard; j'avoue que je ne vois pas d'issue et que je suis même convaincu qu'il n'y en a pas pour aboutir à une solution de quelque durée. Les nations latines sont des nations plus ou moins usées. J'aurais cru volontiers il y a trois ans que les Italiens étaient plus usés que les Français. C'était une erreur. Chez les hommes de cette nation où l'ignorance n'existe pas, c'est le caractère qui fait défaut. J'ai ici près de moi un homme qui sait assez de livres. Il occupe toutes ses réflexions à chercher certaines combinaisons de moyens par lesquels on arrivera à battre les Allemands

et, quand on les aura battus, il faudra, sans nulle compassion ni considération, les piller, les détruire et les ravager de fond en comble. Cette politique de nouveau Zélandais ne scandalise personne et personne n'en voit l'atrocité, encore bien moins l'impuissance. Nous sortirons de l'épreuve actuelle, Dieu sait comme! Et nous aurons un provisoire sous un nom quelconque. Mais rien n'est plus humiliant pour moi que cette fureur vaniteuse d'avoir été vaincus, absolument comme si la France n'avait pas une histoire assez glorieuse pour que son bonneur ne pût être terni. D'autre part, les Allemands ont fait une grande faute en prenant les deux provinces. Il n'en reste rien de plus qu'une nécessité implacable de tenir toute l'Europe sur un pied de guerre épouissant et une tendance générale à la barbarie militaire. Tout cela est lamentable.

Nous avons ici une paix profonde et, jusqu'à présent, un hiver des plus doux. Les jours sont très courts, commencent vers neuf heures, finissent à trois. C'est un vrai pays pour travailler et j'en use de mon mieux...

CAPITULO VII

O ANNO DE 1873 EM STOCKHOLMO

Gobineau à D. Pedro II

Stockholm, 28 Janvier 1873.

Sire,

La dernière lettre de Votre Majesté me cause une joie extrême par les expressions de bonté dont elle est pleine et je vois que l'Empereur est bien ainsi que l'Impératrice et Madame la Princesse Impériale et les jeunes princes. Ce nous est ici, dans notre cercle de trois qui vous sont tout dévoués, un plaisir infini, je ne puis assez dire à Votre Majesté combien nous pensons à Elle, combien nous en parlons souvent et, à ce sujet-là, je suis bien heureux aussi que l'article sur les *Emigrations* ait paru à l'Empereur mériter qu'Il le trouve utile au Brésil. Tout ce que je pourrais jamais faire dans ce sens d'utilité, étant une expression de mon dévouement à Votre Majesté, j'en voudrais trouver beaucoup d'occasions.

Nous voyons maintenant la vie publique de la Suède sous l'aspect particulièrement instructif et intéressant de la session parlementaire, ouverte depuis le 19 de ce mois. L'ouverture des Chambres m'a bien vivement fait penser à Rio. Le Roi Oscar II, suivant l'usage a présidé et fait le discours du trône avec le manteau de prince et la couronne du duché d'Ostrogothie, n'étant pas encore sacré. La Cour était en gala, les drabants portaient l'uniforme célèbre des gardes de Charles XII; les pages étaient comme ceux de Gustave III. J'avoue que la vue

de ces formes m'a causé du plaisir. Les formes sont, au fond, les habits des idées; quand on n'en conserve pas, on perd les idées graduellement. Il n'est rien de pis que de se mettre sur la route de ne vouloir conserver que *l'essentiel* des choses, attendu que cet essentiel finit par paraître lui même superflu à ceux qui regardent à côté ou au-delà ou au-dessus. C'est l'histoire de l'Europe et du parti conservateur depuis cent ans et ce qui arrivera à la fin en France, en Autriche, en Angleterre, en Allemagne de tous les partis conservateurs, Dieu le sait mais aucun homme avec lui. Je suis frappé de voir Monsieur le prince de Bismarck méconnaître comme il le fait la gravité de sa Bismarck actuelle avec les catholiques. Il fait du jacobinisme à tour de bras et s'imagine que, parce qu'il secoue un pilier qui lui déplaît, la maison ne lui tombera pas sur la tête. Bref, j'aime, j'en conviens, même l'aspect du vieux, tant je suis dégoûté du neuf et le trouve mal cousu, mal taillé et, surtout, peu solide. Je remarque au contraire que les vieilles formes, n'eussent-elles que cet unique avantage, l'ont au moins, c'est de montrer par le fait même de leur maintien actuel que les sociétés qu'elles habitent, sont assez bien portantes. Voici donc cette Diète suédoise; elle est dominée par un grand parti, majorité incontestable; majorité qui remplit toutes les commissions, n'admet pas même un adversaire dans celle des Dvomames, majorité grognon, agressive, gênante, parcimonieuse, avare, mais en définitive hostile à toute innovation politique, fortement attachée à la monarchie, dévouée aux progrès agricole et qui mérite que ses adversaires l'intitulent eux-mêmes *le parti de l'Intelligence*. Quand on pense à ce qu'est aujourd'hui en Europe ce qui s'appelle *Intelligence*, je n'imagine rien de plus flatteur que de n'avoir rien de commun avec cet absurde bouillonnement cérébral. En somme, les Suédois vivent à côté de l'Europe et n'en sont pas. Ils ignorent ce qu'est un déficit sérieux dans leur budget, ils ne veulent pas de révolution et s'ils taquinent, tourmentent, irritent leur gouvernement, ils ne veulent ni le renverser ni laisser croire un instant qu'ils y songent.

Je ne sache pas qu'il se fasse rien de bien intéressant en littérature pour le moment. L'intérêt excité par la stèle moabite de M. Clermont Ganneau n'a pas eu de

successeur. Je ne suppose pas que Votre Majesté ait été fort édifié par le récit du Déluge extrait de Documents assyriens par un Monsieur Smith de Londres. On en est arrivé à une telle persuasion de l'idiotisme absolu du public, qu'il n'est pas d'excès auquel on ne se livre à cet égard et qui ne réussisse. Personne ne semble réfléchir qu'aucun peuple ancien n'était capable d'inventer une platitude telle que ce prétendu récit du Déluge et pourtant M. Gladstone a été publiquement déclaré qu'il trouvait ces niaiseries-là sublimes. Il est vrai que M. Gladstone, grand homme d'État, d'ailleurs, à ce qu'on dit, est un bien pauvre personnage quand il écrit sur Homère.

Nous avons de la neige seulement depuis trois jours; jusq'à présent pas d'hiver, un temps printanier. C'est à croire que la Suède a changé de place et s'est rapprochée de Rio. Je le voudrais bien...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 16 février 1873.

Sire,

... Maintenant, nous sommes en pleins travaux de la Diète et une question se soulève qui est particulièrement intéressante au point de vue pratique mais aussi au point de vue historique. Il est remarquable qu'en Suède, le régime de la contribution foncière présente toutes les variétés de... de terres qui ont été en usage en Europe pendant l'âge féodal et, de plus, certaines spécialités qui n'ont guère appartenu qu'à l'époque tout à fait germanique, comme, par exemple, la propriété ne devant aucune sorte de redevance à l'État, pas même un devoir militaire, ce qui constituait l'odel de l'époque primitive où l'État ne jouissant même pas du haut-domaine sur tous les territoires qu'il embrassait. Il est bien clair que cette complication extrême des rapports entre le fisc et le contribuable donne lieu, désormais, à beaucoup d'anomalies qui ne sauraient se maintenir. On va en entre-

prendre, certainement, la réforme; mais tout fait présager que les modifications seront graduelles et réfléchies et qu'il n'y aura pas lieu à ces brusqueries radicales si usitées ailleurs. Je remarque plus qu'on jamais que ce peuple essentiellement libre et profondément raisonnable jouit d'une dose considérable de vitalité. Cette force me paraît en voie de s'appliquer à tout et partout et comme il arrive généralement dans une telle phase de la vie des nations ce qu'on peut appeler les hasards et les coups de fortune se produisent précisément de façon à servir et à faciliter le mouvement ascensionnel du peuple. Ainsi on vient de découvrir que la province de Scanie presque toute entière s'étend sur des gisements considérables de charbon. Ce n'est pas du charbon de première qualité et pouvant être assimilé à celui de Newcastle. Il est, cependant, très propre aux besoins de la marine à vapeur et du chemin de fer et le bon marché comparatif qui va en résulter dans le prix du combustible vient en aide à l'essor actuel de l'industrie métallurgique dans le pays. Cette année, la production des mines l'emporte considérablement sur les chiffres des années précédentes et, ce qui est remarquable, l'agriculture est dans la même voie de prospérité. Il y a peu d'années, la Suède ne suffisait pas à sa consommation en céréales. Aujourd'hui, elle exporte. Ce n'est pas tout à fait un tableau pareil que présente l'Espagne en ce moment. Je n'en suis que plus charmé de pouvoir contempler de mes yeux ce spectacle rare de nos jours d'une nation qui occupe chez elle les cerveaux à des opérations plus effectives qu'à celles de l'élucubration politique. Il me paraît que les relations avec les Amériques augmentent aussi singulièrement dans les ports de Suède et peut-être y aurait-il intérêt pour le commerce brésilien, celui du Pará, particulièrement, à consacrer quelque attention à ce qu'il pourrait créer d'intérêt dans cette partie du monde. Je pense qu'il y trouverait des placements avantageux, surtout pour le café dont on fait ici une très grande consommation. J'ignore tout à fait ce qui existe en ce genre et qui n'est pas donné par les documents officiels, toujours trop administratifs pour être bien conformes à la nature capricieuse des choses vraies.

J'espère que la santé de Votre Majesté a repris sa force et sa solidité ordinaire et que l'Empereur ne se ressent plus des fatigues trop grandes de son voyage. Sans doute rien n'aura arrêté le séjour de Votre Majesté à Pétersbourg et Elle aura éprouvé du bien de cette température plus douce que celle de Rio. Nous avons un hiver presque nul. Il y a de la glace, on patine; il y a un peu de neige; mais nous avons grand peine à descendre au-dessous de 3 degrés, ce qui, vraiment pour un pays frontière des Lapons ne saurait compter...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 9 mars 1873

Sire,

... Nous sommes ici en pleins travaux de la Diète et il y a un charme tout particulier à voir, comment sous l'influence de la race, des peuples qui se croient régis par des institutions analogues, suivent pourtant des directions extrêmement divergentes. En Suède, on a une constitution représentative; un conseil de Ministre séparément et collectivement responsable et, cependant, le sentiment public, l'intérêt général, est que le Souverain doit agir par lui même, vouloir et imposer. Le Roi Oscar II, un peu préoccupé de la popularité du feu Roi, plus grande désormais encore que du vivant de ce prince, se montre un peu hésitant. On l'accuse d'être timide. Les gens du Nord veulent être libres, mais ils veulent avoir un chef et un chef effectif, qui commande, qui gourmande au besoin, et d'où vienne l'initiative et, dans ce moment, l'opposition qui ne laisse pas que d'être forte ne s'emploie pas à autre chose qu'à diminuer les dépenses de l'état pour diminuer du même coup les déboursés des sujets mais d'idée révolutionnaire, il n'y en a pas trace et on se croirait dans la lune, tant l'Europe et ses tendances actuelles paraissent être loin d'ici.

Le mouvement intellectuel ne laisse pas que d'être assez remarquable. Un nommé Olsen, norvégien, vient d'inventer un nouveau mode de télégraphie électrique dont on parle avantageusement et que l'on dit propre à agir sur de grandes distances. J'ai pensé de suite que cela pourrait intéresser Votre Majesté et j'en parle à l'Empereur, n'ayant d'ailleurs aucune connaissance plus particulière du fait et de la question. Je m'en informerai mieux si Votre Majesté le désire. Il se publie en ce moment des mémoires fort curieux sur les temps qui ont suivi la mort de Charles XII jusqu'à la fin du règne de Gustave III et on va surtout donner au public les mémoires du comte de Fersen qui accompagnait la famille royale lors de la fuite de Varenne et qui mettront au jour un grand nombre de documents inédits et des plus intéressants sur les affaires de France au commencement de la Révolution. Je lis assez le Suédois maintenant pour me mettre au courant de ces travaux et j'y trouve un grand plaisir.

Je disais tout à l'heure à Votre Majesté que le sentiment libéral dans ce pays-ci est d'une nature toute particulière et ne ressemble en rien à ce qu'on appelle de ce nom dans le reste du monde. En voici deux exemples des plus remarquables. Les orateurs les plus fougueux de l'opposition ne parlent ces jours-ci de rien moins que de mettre un ministre en accusation parce que trop d'étrangers ont été admis à posséder des domaines en Suède et que l'on considère comme dangereuse cette immixtion des gens du dehors dans la vie nationale. On veut vivre en soi, pour soi, chez soi et n'avoir rien à faire avec ceux qui n'ont pas les mêmes intérêts que les hommes du pays. Cette façon de voir est, à certains points de vue, fort rationnelle et, à moi, ne me déplait pas, tant s'en faut; mais ce n'est pas ce qu'on appelle ordinairement du libéralisme. En matière religieuse il en va absolument de même. On ne veut pas sortir de l'organisation luthérienne la plus sévère. La loi de tolérance présentée actuellement ne va pas même jusqu'à permettre encore l'entrée des fonction publiques aux Suédois qui se feraient catholiques et telle qu'elle est, il faut encore qu'avant de la soumettre au vote des Chambres, le Synode

luthérien l'aît approuvé. En somme le sentiment conservateur est des plus puissants dans le génie national et on ne quitte le passé que pas à pas et avec d'extrêmes précautions...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 9 avril 1873.

Sire,

J'attends avec quelque impatience, je l'avoue, des nouvelles de Votre Majesté. Les journaux ne parlent que de la fièvre et Votre Majesté sera certainement restée ainsi que la famille Impériale au milieu de la ville, du moins je le crains ainsi. Je serais donc tout heureux et plus qu'à l'ordinaire encore d'avoir une lettre. Si, d'ici à peu de jours, je n'en ai pas, j'écrirai à Madame de Barral qui doit être au courant et qui me renseignera. Nous sortons de l'hiver et, véritablement, cet hiver n'a pas même été aussi dur de beaucoup que bien des mauvaises saisons que j'ai vues en France et en Allemagne et bien moins que ce que j'ai pu observer en Suisse. Il est toujours fort difficile de compter sur les renseignements en pareille affaire. Les gens veulent toujours que l'année présente soit exceptionnelle. Cependant, il me paraît résulter de tout ce que je consulte que la dernière période de cinq années a été fort peu froide et que le climat tend à se modifier. Il y a pour cela deux raisons très apparentes et une troisième qui l'est moins, mais qui peut aussi, à la longue, avoir une certaine valeur. Les déboisements se font sur une étendue et dans une mesure très considérable. En outre, la culture du sol se généralise partout. Je sais bien, qu'en général, les déboisements passent pour avoir la propriété d'abaisser la température; il se pourrait, cependant, que dans les pays riverains de la mer, il y eût des effets opposés et que cette théorie ne fût pas bien certaine. La troisième raison serait l'abaissement graduel du niveau de la Baltique qui est

très certain. En somme, la Suède paraît tendre à se faire une température toute nouvelle.

Je n'apprends pas qu'il y ait en France aucune publication de quelque valeur. Les livres sur la guerre de 1870 continuent avec les publications des généraux qui veulent prouver que, s'ils n'ont pas été vainqueurs, c'est qu'ils n'ont pu faire autrement. Comme j'avais déjà d'eux cette bonne opinion, nous sommes parfaitement d'accord et leurs ouvrages ne peuvent pas m'intéresser. En définitive, la politique dévore tout et stérilise tout. Votre Majesté a lu le Discours de Monsieur le Duc d'Aumale à l'Académie. L'intérêt politique domine là encore toute préoccupation littéraire et c'est surtout ce que le public y a cherché.

Je voudrais bien savoir où en sont les travaux de Votre Majesté. Il y a longtemps déjà que l'Empereur ne m'a plus rien dit de ses notes de voyage. J'espère, cependant, que la mise en ordre de tous ces documents est avancée et je crois qu'il importe extrêmement de ne pas la retarder pour que les souvenirs dont ils sont les jalons ne s'effacent pas à demi et, ce qui est souvent plus grave, ne se transforment pas dans la pensée sans qu'on s'en aperçoive. C'est une opération très ordinaire dans le monde de l'esprit. Non seulement on a peine, au moment où on regarde les choses ou les faits, à les percevoir tels qu'ils sont, mais à mesure que le temps marche, cette perception subit, sans qu'on le veuille, sans qu'on y songe, le reflet des nouveaux milieux formés autour d'elle et on finit souvent par se figurer qu'on a vu une chose d'une telle façon qui est celle où on la juge au moment tardif où on revient à elle. Ce phénomène ne m'a jamais paru mieux expliqué que par Lewes dans sa vie de Goethe.

Je travaille beaucoup et suis occupé d'une composition considérable dont je parlerai à Votre Majesté quand je serai sûr d'en avoir maîtrisé les difficultés qui sont très grandes. J'ai fait aussi beaucoup de sculpture et j'envoie à Votre Majesté une photographie du buste de Béatrice Portinari. Comme elle n'est morte qu'à 24 ans, je me la suis imaginée non pas transfigurée comme le Dante l'a mise dans le Paradis mais telle qu'elle pouvait être dans la vie...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 1.^o mai 1873.

Sir,

Je suis un peu tourmenté de ce que les journaux ont raconté à plusieurs reprises de l'intensité de la fièvre jaune à Rio. Non pas que j'aie aucune inquiétude pour Votre Majesté ni pour la famille Impériale, mais il me semble que tout ce mal a dû causer beaucoup de soucis à l'Empereur. Je suis d'autant plus enclin à me laisser aller à cette pensée qu'il y a déjà bien longtemps que je n'ai reçu aucune lettre de Votre Majesté. Dans cette disposition d'esprit où me voilà et si loin, il me semble que je ne puis parler de rien avec quelque sentiment d'arriver juste. Pourtant je le fais, parce que mes lettres ne sont au fond autre chose que l'expression de mon attachement et que l'attachement est toujours ce qu'il vaut à tous les moments.

Ici, nous allons avoir le Couronnement. La Diète avait témoigné quelque désir de voir cette cérémonie abolie parce qu'elle ne rêve qu'économies, ce qui est une passion au moins de luxe dans un pays dont les finances sont dans l'état le plus florissant. Les journaux d'Allemagne et de France ont déclaré voir là un indice certain des idées du siècle et l'aurore d'une révolution. Je ne sais si ce sont ces appréciations qui ont agi sur l'opposition suédoise; mais cette opposition elle-même, ce qu'on appelle le parti des paysans, vient de démontrer par ses principaux orateurs la nécessité de témoigner de son respect pour la Couronne et la cérémonie traditionnelle a été décidée et les fonds demandés par le gouvernement accordés d'une façon tellement unanime qu'on n'a pas même eu recours à un vote. J'avoue que ces choses me plaisent infiniment et que, dans un pays aussi libre, j'y vois un indice de bon sens et de vraie grandeur et de sentiment exact d'indépendance que je ne retrouve guère ailleurs.

On enverra d'ici quelques choses intéressantes à l'exposition de Vienne, surtout des ouvrages en bois, à

commencer par des maisons et des travaux métallurgiques: un nouveau fusil d'infanterie dont on dit des merveilles et qui, par le bon marché et les qualités pratiques, serait supérieur au Chassepot et au Remington, enfin beaucoup de produits de l'intelligence locale. Je ne sais si Votre Majesté a entendu parler d'un système médical assez curieux qui a été inventé et que l'on adopte en ce moment en Allemagne. On lui donne le nom de gymnastique. C'est autant que je puis comprendre pour ne l'avoir pas expérimenté, une mise en action particulière de tels muscles ou de telles parties du corps, auxquelles l'activité spéciale et la santé sont rendues, simplement par l'exercice systématique et conçu d'une manière rationnelle. On prétend que les rhumatismes, entr'autres, ne résistent pas à ce traitement.

Je n'ose pas espérer, dans la préoccupation que j'ai avouée à Votre Majesté au commencement de ma lettre, que l'Empereur se soit occupé de ses notes de voyages, encore moins du *Prométhée*. Pourtant, je suis bien désireux d'en savoir quelque chose et surtout d'en savoir que le travail se fait et avance. Comme je le soumettais à Votre Majesté, il serait bien à craindre, si le temps passait trop sur les matériaux, qu'ils ne fussent comme défraîchis, qu'ils perdissent leur fleur d'exactitude et que Votre Majesté ne les jugeât plus, sans le vouloir et même sans s'en apercevoir qu'à la lueur de réflexions faites après coup, très capables d'en changer le caractère. Je crois que c'est un danger réel et très à éviter.

J'ai commencé un ouvrage qui sera long et qui m'entraîne à de bien grandes recherches et à des lectures infinies. C'est non l'histoire mais la peinture de l'Italie à l'époque de la Renaissance et non pas l'histoire ou la peinture des arts du développement intellectuel seuls, mais de tous les phénomènes, depuis les plus petits tressaillements de la vie animale dans le bas peuple et les bourgeois jusqu'aux tempéraments de César Borgia, de Jules II, de Léon X et de Michel-Ange et leurs pareils. Il faut beaucoup travailler pour cela et d'autant plus que j'ai sans cesse la pensée de Votre Majesté devant l'esprit et que je me dis: qu'est-ce que l'Empereur en dira? l'aimera-t-il ou cela peut-il être blâmé par lui?

Madame de Gobineau et ma fille sont parties pour le Danemarck et passeront l'été à Trye. Moi, ayant donné ma démission du Conseil général de l'Oise (certain que rien ne sert à rien) je ne bougerai d'ici que pour aller au Couronnement norvégien. Trondhjem m'attire beaucoup. Adieu, Sire, je souhaie bien que mes inquiétudes pour Rio soient exagérées...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 2 Juin 1873.

Sire,

Quand je viens de recevoir la lettre du 16 avril, je commençais à être tout à fait inquiet, et je vois que je n'avais pas tout à fait tort puisque Votre Majesté se plaint de sa santé et trouve qu'elle faiblit. Je suis bien heureux de savoir que l'Empereur se soigne; j'avoue, portant, que je n'ai pas une confiance absolue dans ces soins là et je crains que Votre Majesté ne continue à se fatiguer beaucoup. Je le soupçonne d'autant plus qu'Elle ne me parle pas du tout de ses travaux littéraires qui sont toujours un repos et un délassement pour Elle et j'en conclus, avec un certain sentiment de tristesse, que les nécessités du gouvernement la dominant, l'absorbent et, par conséquent, lui consomment plus de forces qu'il ne faudrait peut-être.

Je sais par Madame de Barral que Madame la Princesse Impériale et Monseigneur le Comte d'Eu sont à Paris. J'aurais voulu beaucoup m'y trouver aussi en ce moment, pour leur présenter mes respects, me mettre à leurs ordres, et avoir, surtout, des nouvelles si directes et si sûres, de Votre Majesté dont j'aurais eu aussi, de cette façon, presque la présence. Mais le monde est plein de déconvenus et pavé de contrariétés. Le Couronnement suédois qui vient de finir m'a beaucoup pris mon temps. C'était fort beau, fort digne et l'attitude des populations tout ce qu'on peut souhaiter dans l'intérêt même d'une nation qui est heureuse et qui, par sa sagesse, le mérite. Nous avons eu ici comme ambassadeur extraordinaire

de France, ce même général du B... que Monsieur Thiers a tenu à faire dîner avec Votre Majesté comme étant le premier général de cavalerie de l'Europe, et dont Votre Majesté pensait qu'il serait mieux avec son cheval. Moi aussi, je l'aurais beaucoup voulu avec son cheval, au lieu de l'avoir ici où il n'a fait que des sottises et laisse, en ce genre, une réputation solide. Cela n'empêche pas qu'il ne vienne d'être nommé à Paris Ministre de la Guerre. Je crois que ce qui vient d'arriver chez nous, était indispensable et nous voici tiré d'un grand mauvais pas. Mais pour combien de temps? Et à quoi la France aboutira-t-elle? Si même elle aboutit à quelque chose? C'est ce qu'il est absolument impossible de s'imaginer, car, d'elle-même, la nation reste stérile et, si on peut en faire quelque chose, elle ne peut pas s'aider. Je ne crois pas que Votre Majesté ait beaucoup amélioré les tristes prévisions qu'elle en avait. Nous allons avoir, au mois prochain, le couronnement norvégien, qui se fera, suivant l'usage, à Trondhjem. On me dit que la cathédrale de cette capitale perdue est presque en ruines, mais encore très intéressante et c'est là que la cérémonie aura lieu, au milieu des populations accourues de toutes les extrémités du Royaume et suivant les anciens rites. Je me promets un vrai plaisir de tous ces vieux souvenirs conservés par une nation petite mais si forte. J'aurai l'honneur d'écrire de là à Votre Majesté.

Je suis occupé à finir le plus grand roman que j'aurai encore produit, les *Pléiades*. Je ne sais s'il plaira à l'Empereur. Il y a beaucoup de choses sur les affaires et les dispositions morales de la France et du temps que je vais me mettre à élaguer, car, malheureusement pour moi, je n'ai pas ma liberté et je ne peux pas tout dire. Il y a aussi beaucoup de peintures de caractères. Bref, j'ai fait de mon mieux. J'avoue que je perds beaucoup le courage de travailler. Il est trop évident que les choses de l'esprit n'intéressent plus ce temps-ci et, malgré soi, on éprouve le contrecoup du milieu dans lequel on est. C'est une époque malheureuse pour certains esprits et j'en suis. Je prie Votre Majesté de penser quelquefois à ceux qui l'aiment, parce qu'ils pensent beaucoup à Elle. Madame de Gobineau est en France chez elle avec Christine...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, le 15 juin 1873.

Mr. le comte,

Merci de la photographie du buste de Béatrice de Portinari. Il me plaît, mais quoique je comprenne le sentiment dans lequel vous l'avez fait, je lui voudrais une physionomie plus italienne et selon le type des peintures de l'époque qui m'ont tant occupé à Florence.

J'ai reçu d'excellentes nouvelles de mes enfants de Paris, et combien elles m'ont rappelé les journées du Grand-Hôtel! Ma jambe va mieux, mais elle m'empêche encore de faire bien des choses. Cette lettre vous sera remise par le Major de l'armée brésilienne Mursa. Il dirige l'exploitation de la mine de fer d'Ypanema et va en Suède à cause de ce service-là. C'est avant été déjà en intelligent et qui connaît déjà l'Europe ayant été déjà en Suède, après ses études à l'école de Freiberg. Je vous le recommande et espère que vous lui faciliterez sa commission par les rapports que avez déjà acquis avec les personnes importantes de ce pays.

Adieu! Mes bons souvenirs à toute votre famille et croyez toujours à l'amitié de

Votre bien affectionné
D. Pedro.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 3 Juillet 1873.

Sire,

Il y a bien longtemps que je n'ai reçu des nouvelles de Votre Majesté. J'espère pourtant que tout va bien pour Elle et pour la famille Impériale. Un été à Stock-

holm est une chose assez dure. La chaleur est excessive et je crois qu'elle dépasse même l'élévation moyenne de Rio, ce qui est très concevable puisqu'il faut que, dans un temps très court, les productions naturelles puissent se développer et grandir, mais ce n'en est pas plus agréable; en outre, il n'y a absolument personne en ville. Tout le monde est à la campagne. Je suis bien aise, au point de vue du pays, de ce goût des propriétaires pour leurs domaines et leurs paysans et je crois que c'est une des raisons qui maintient l'union des classes et empêche le sentiment révolutionnaire de faire des progrès; mais il n'en résulte pas moins que je n'ai personne à voir et que je me trouve assez esseulé. Le Roi est parti pour le haut-pays. Il ira et doit être en ce moment à la frontière de la Finlande et dans les districts lapons; il est parfaitement accueilli par les populations très heureuses de voir leur souvèrain, ce qui n'était guère arrivé depuis des siècles. L'intention du Roi est d'aller jusqu'à l'extrémité de ses domaines et de voir le Cap-nord. De là, il redescendra à Trondhjem où aura lieu le couronnement norvégien et je pars moi-même dans deux jours. Il y aura des fêtes auxquelles assistera toute la population norvégienne. De là, de cette ancienne capitale où le sacre aura lieu dans la vieille cathédrale ruinée, de style byzantin, la cour se rendra à Christiania où auront lieu de nouvelles fêtes. Le tout durera environ un mois.

J'ai terminé mon roman des *Pléiades* et je vais le publier à Stockholm où j'ai trouvé un et même deux éditeurs. Je pense que le livre sera prêt vers la fin de novembre et je ne désire l'envoyer à personne plus qu'à l'Empereur. Je ferai donc partir de suite le premier exemplaire que j'aurai, bien désireux d'avoir l'opinion de Votre Majesté sur un livre que je considère comme mon meilleur roman. Cet hiver, d'accord avec mon éditeur suédois, je vais m'occuper activement d'un nouvel ouvrage sur la *Suède*. Mon intention est de présenter la géographie physique et la géologie du pays; l'appréciation de la richesse métallique; les races; la mythologie du Nord, la linguistique; ce sera pour le premier volume; dans le second qui s'étendra probablement jusqu'à un troisième, je donnerai l'histoire politique et ecclésiastique comme prolégomène à la description du

caractère de l'homme suédois actuel; puis la statistique industrielle, commerciale et agricole et enfin l'état général du pays, ses causes de prospérité future et les... qui arrêtent certains développements. Je désire faire un livre aussi complet que possible. Je suis bien désireux d'apprendre que Votre Majesté a repris le classement de ses notes de voyage. Je crains beaucoup que Votre Majesté ne néglige un travail aussi intéressant et ce qui me donne des regrets surtout, c'est qu'Elle ne me parle plus du tout du *Prométhée*. C'est grand dommage d'arrêter un travail si avancé et même presque fini...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 23 Juillet 1873.

Mr. le comte,

Rien de grande importance à vous communiquer; car vous savez quelle vie je mène, et la politique n'est, pour moi, que le dur accomplissement d'un devoir.

Je ne le sens que trop ce jour-ci que 33 ans se complètent depuis que je porte ma croix. Votre prochain ouvrage doit me ravir, car je suis passionnée de l'époque de la renaissance, surtout depuis mon voyage en Italie. Et votre poème sur la guerre de *Chioggia*, où j'ai été aussi pour mieux apprécier votre poésie et le mérite du tableau des *Pêcheurs* de Léopold Robert dont la scène est figurée avec tant de vérité sur la rive de *San-Domenico*.

Comment va-t-il? Que vous êtes heureux de pouvoir vous occuper avec passion de ces choses-là! Moi, j'ai à peine le temps de faire justice au talent d'autrui. Croyez-moi quand je vous assure n'avoir souvent du temps que pour donner à mes yeux surtout, le repos indispensable. Je viens de recevoir l'*Antéchrist* de Renan, et cependant je ne puis pas encore m'y mettre.

Berthelot ne m'a pas encore donné nouvelle de ses travaux si importants, et à Décaisne, j'ai fait tantôt un envoi de plantes.

Adieu! Bien des souvenirs à Madame et à vos filles et comptez toujours sur l'amitié de

Votre bien attaché
D. Pedro.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 7 Août 1873.

Mr. le comte,

Je n'oublie pas ceux qui m'aiment et que j'aime, et si je ne leur écris pas autant que je veux, je n'en souffre pas moins qu'eux.

En vérité l'obligation d'être au courant de la politique et de l'administration, quoique dans ma qualité de monarque constitutionnel je n'y doive y intervenir que rarement, me prend beaucoup de temps, et comme je ne sais pas me mettre à demi à la besogne, je vous assure que je me fatigue; mais que faire! je me fatiguerai encore plus autrement, à force de vouloir me reposer. Cependant je n'oublie pas les sciences et les lettres, et j'attends, plein d'impatience, vos *Pléiades* qui sans doute me plairont beaucoup, car je vous reconnais l'inspiration poétique et, si je n'aimais aussi à aller vite, je ne vous conseillerais que le *novum prematur tn annum* du vieil Horace.

L'ouvrage de Littré que je lis avec attention, comme une étude de réflexion sur ce que je connais, du reste, depuis longtemps, m'a empêché de commencer l'*Antéchrist* de Renan, dont quelques extraits, que j'avais déjà lus dans les journaux, m'ont séduit par le style — le grand mérite de Renan — en ne parlant pas de sa science sémitique.

Que je serais heureux de pouvoir continuer cette causerie; mais voilà que le devoir me force à vous quitter, mais pas avant de vous prier, ce qui, d'ailleurs, serait bien inexcusable, de me rappeler au souvenir de votre famille, à laquelle la mienne se recommande également, et de croire à l'amitié, toujours la même, quoique souvent bien involontairement muette de

Votre tout attaché
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 22 Août 1873.

Sire,

Le temps passe et je ne reçois point la moindre nouvelle de Votre Majesté. Je veux, cependant, espérer que la santé n'est pour rien dans cette privation que l'Empereur me fait subir. Madame de Barral m'a écrit que la jambe allait mieux, bien que Votre Majesté ne fît pas pour cela tout ce qu'il faudrait et se permit des fatigues dont elle pouvait peut-être se passer. Aussi j'attends avec bien peu de patience un mot de l'Empereur. Je suis allé en Norvège où je viens de passer un mois environ. J'ai d'abord été à Christiania et de là à Trondhjem, l'ancienne capitale pour assister au couronnement. Je suis revenu par une autre route, de sorte que j'ai vu une très bonne partie du pays. Je parlais sous une double impression; d'une part, c'était un pèlerinage au pays d'où sont sortis les miens et je ne prenais pas froidement cette idée. Ensuite, on m'avait répété sur tous les tons que la Norvège ressemblait à la Suisse, en moins grandiose que j'en étais dégoûté d'avance. Ainsi rempli de sentiments contradictoires, j'ai commencé mon voyage. Grâce soient rendues aux Dieux du Nord! La Norvège n'a rien de la Suisse! Ce ne sont pas des

montagnes énormes s'élevant à pic du sein de vallées profondes et d'où sortent de grands fleuves au sein de glaciers immenses. Ce n'est pas cette nature gigantesque, mais brutale et grossière comme le peuple qui l'habite. La Norvège est dessinée en lignes aussi pures et aussi fines que les perspectives de l'Oise. Dans bien des endroits, je me suis cru au milieu des pentes du Taurus. Il est tel autre lieu qui rappelle de la façon la plus saisissante, la vallée de l'Attique. Rien ne dépasse en élégance et en majesté toutes ces perspectives; mais rien d'énorme à l'oeil; tout est harmonieux et cette verdure d'émeraude qui couvre tout, et ces beaux fjords qui portent la mer dans le sein du pays et ces rivières et ces cascades et cette profusion de fleurs que la saison d'été répand sur toutes les campagnes... Bref, j'ai été ravi et je suis et resterai sous le charme. Maintenant, la population vaut le pays. On ne ferme rien; nos caisses et malles restaient la nuit sur la grande route; partout, bonne humeur, gaité, accueil aimable et politesse très digne. La race est très laide dans le midi, où elle me paraît avoir subi de grands mélanges; mais, dans le nord, elle est magnifique et c'est là que le paysan conserve sa généalogie avec un soin extrême et se vante de descendre des Rois, ce qui donne à la démocratie norvégienne ce profond sentiment conservateur, cette fierté et cette tenue qu'ignorent parfaitement les autres démocraties et même beaucoup d'aristocraties. Il n'y a pas à proprement parler de villages en Norvège; toutes les habitations s'isolent. Le Norvégien veut avoir de la place autour de lui, respirer à l'air et être libre de voisins. C'est tout à fait l'usage antique, non seulement de la Norvège, mais de la race ariane et j'ai été fort intéressé à retrouver dans l'habitation norvégienne, toujours en bois comme dans les temps les plus anciens, le souvenir exact et fidèle de l'habitation hindoue et iranienne, comme de l'établissement du roi mérovingien sur la Somme et sur l'Oise. La maison du maître est une série de maisons groupées autour formant les dépendances et les habitations des domestiques. Dans les villes tout est en bois de même, excepté à Christiania qui n'offre que peu d'intérêt et n'est autre chose que la cité européenne moderne sans aucun caractère. Mais Trondhjem est bien

norvégien. Tout en bois! Sauf la cathédrale de l'Olaf, la plus ancienne et la plus vénérable église du Nord, bâtie vers le 11e. e siècle par le Saint, et érigée par des artistes anglo-saxons. Les Suédois l'ont brûlée dans les guerres du 17e. et du 18e. siècles. Maintenant la nef est en décombres et les bas-côtés également; le choeur seul est à peu près debout; c'est là, au milieu des ruines, que le couronnement a été célébré et je n'ai rien vu qui eût un plus grand caractère. Du reste, on va restaurer l'église; on a voté des fonds et les souscripteurs volontaires donnent de l'argent en abondance. J'ai peur d'ennuyer Votre Majesté en entrant dans plus de détails et je me borne à dire que ce pays là comme la Suède que, par parenthèse, il n'aime pas trop, afin que le particularisme scandinave ait sa satisfaction, est dans une prospérité extrême; la population augmente sensiblement; les émigrations n'atteignent pas le chiffre des naissances. J'ai eu l'honneur de voir le prince impérial d'Allemagne à Christiania. Il m'a semblé avoir pour ses hôtes des attentions un peu protectrices. C'est, je crois un homme de valeur et de droiture...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 10 Septembre 1873.

Mr. le comte,

Votre prochaine lettre doit être bien intéressante. Ce sera la description du couronnement du roi de Norvège dans la belle cathédrale romane.

Moi, je ne puis rien vous dire d'intéressant avec la vie que je mène. Cependant je ne me repose pas longtemps et je viens encore de prendre une assez grande part à la composition de ce livre que je vous envoie. Son seul vrai mérite est la parfaite bonne foi.

Rien n'a été exagéré, si ce n'est en moins, par crainte de paraître le contraire, et du reste la statistique ne fait que naître au Brésil.

Votre voyage sur la Suède doit être fort important. Quand vos *Pléiades* brilleront-elles à mes yeux?

Je vois avec bonheur, dans les journaux, que l'on commence à être juste pour votre *Histoire des Perses*, qui m'a beaucoup intéressé, quoique vous auriez horriblement offensé mon philhellénisme.

Je regrette que le manque de temps ne me permette pas de revendiquer mon affection pour les grecs, dont je reconnais cependant les défauts.

Adieu! Je vous écris fort tard la nuit, et la journée a été bien affairée...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 11 Septembre 1873.

Sire,

Je reçois la lettre de Votre Majesté du 23 Juillet et j'en éprouve un plaisir d'autant plus grand que je n'étais pas sans certaines inquiétudes sur la santé de l'Empereur. J'avoue même que cette lettre ne les dissipe pas. J'y trouve, ou crois y trouver une nuance assez forte de mélancolie; tant de choses expliquent et justifient cet état de l'âme, que je n'ose tirer de conclusions. Je voudrais pourtant bien que la santé n'y fut pour rien. Ce que je remarque aussi, c'est que Votre Majesté ne me parle de travaux littéraires que pour regretter de n'avoir pas le temps de s'y livrer. C'est, à tous les points de vue, une chose fâcheuse et triste pour moi à entendre. J'en conclus que Votre Majesté n'a pas lieu d'être contente et que tout son temps lui est pris.

L'Empereur sait dans quelle phase politique la France est entrée avec les nouvelles espérances de fusion. Je ne dis pas que la chose soit impossible; mais, ce qui

me frappe davantage, c'est de voir des esprits fort sérieux en être préoccupés et y croire d'une façon qui me semble aveugle. Je n'ai pas de peine à admettre que les princes aient pu se mettre d'accord dans une mesure suffisante. Mais que le légitimiste et Porléaniste, que le gentilhomme et le bourgeois oublient l'un et l'autre tout leur passé, toutes leurs préventions mutuelles, toutes leurs prétentions réciproques, tous leurs préjugés (et Dieu sait s'ils en ont, les uns et les autres!), voilà ce que je serais bien aise de voir pour le croire et bien que je ne nie rien et que bien des choses soient possibles, comme je n'ai jamais observé jusqu'ici que des corps en dissolution puissent tout à coup revenir à l'état concret, je suspens mon opinion. De plus, comme si les affaires politiques n'étaient pas déjà assez complexes, on y mêle, avec un degré d'exaltation singulière la question religieuse et j'observe l'effet que produisent les pèlerinages dans tous ces pays du Nord. Cet effet est incontestablement mauvais; l'hostilité protestante s'y ranime et je ne doute pas d'un mauvais vouloir réel de la part des gouvernements non catholiques. Ils auraient vu avec plus de plaisir que de peine la monarchie se rétablir en France; ils voient avec soupçon et malveillance se réveiller un esprit qui les menace dans ce qu'ils tiennent. Au-dessous de tout cela, l'immense jacobinisme européen continue son sabbat et rend de plus en plus probable, possible, indispensable même une application fortuite de dictature. J'avoue que je n'aperçois pas autre chose dans l'avenir. Je puis me tromper, sans doute, et je le souhaite de tout mon coeur. Mais là où ne se montre ni bon sens, ni sagesse d'aucune sorte, c'est à dire, dans tous les partis français sans exception, il n'y a pas grand chose de bon à présager.

Je ne saurais dire à Votre Majesté combien j'ai été frappé qu'elle se soit souvenue de *la Guerre de Chioggia*. C'est pour moi une raison puissante pour finir ce poème auquel je n'ai pas bravaillé depuis quelque temps. La première partie de ma *Renaissance* est finie: c'est *Savonarole*. La seconde commencée comprend *César Borgia*. J'y trouve un grand plaisir et il est agréable de se reporter à ces temps de fécondité et d'activité heureuse. Je fais aussi une quatrième nouvelle asiatique, l'*Illustre*

Magicien. C'est un moyen de peindre les moeurs et les idées de l'ancien monde oriental dans sa norme actuelle. Enfin je viens de terminer un buste de *Corolian*. Il n'y a que le travail au monde...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 15 Septembre 1873.

Sire,

Je reçois la lettre de Votre Majesté du 23 Juillet et l'impression qu'elle me donne, est, je dois l'avouer, un peu triste. Peut-être je me trompe mais, quand on aime, on lit entre les lignes et il peut fort bien arriver qu'on y trouve ce qui n'y est pas et je souhaite extrêmement que ce que j'y mets ainsi n'y soit pas. Mais il me semble qu'il y a un peu de mélancolie dans la pensée de Votre Majesté, un peu d'ennui et, peut-être bien aussi, un peu de fatigue dans sa santé. Je suis d'autant plus possédé par ces craintes que je ne pourrais comprendre qu'il en fut autrement qu'en supposant une constante dépense de stoïcisme et de force de résistance qui ne me paraît pas trop dans la nature. Je trouve moi-même tout si ennuyeux! Et, si on se laisse si peu aller que ce soit, tout est si fatigant, si pauvre en espérances fondées et en consolations! Si sec et si dur! Nous sommes au 7e. siècle; en réalité, tout ce qu'on honorait s'en va et, j'avoue que, pour ma part, je ne comprends rien à ce qui vient, en supposant qu'il y ait beaucoup de bien à y voir. Je sais, sans doute, que Votre Majesté a une patience, une force d'âme et une confiance dans l'avenir que je n'ai pas reçues du ciel; mais après tout c'est peut-être bien fâcheux, d'être obligé de dépenser toujours de la vertu pour rendre la vie possible. Cela fait que la lettre de Votre Majesté m'attriste et que j'y pense sans cesse depuis que je l'ai reçue et que j'ose écrire tout cela à Votre Majesté qui est si indulgente pour moi que

j'ose lui en demander mon pardon, avec quelque espoir de l'obtenir. L'Empereur a raison en principe de me citer le "Novum prematur" d'Horace. Il serait plus conforme aux principes de travailler régulièrement, avec du temps et en se maîtrisant. Mais voilà ce que je sais de moins en moins faire. Est-ce pour un bien, est-ce pour un mal, je suis de moins en moins savant et de plus en plus artiste et je travaille comme je peux, quand je peux et sans y pouvoir grand'chose moi-même. Je serais très heureux que les *Pléiades* soient finies pour savoir ce que l'Empereur en pensera. C'est peut-être un peu violent en toutes manières. La sagesse est une belle chose. Je ne sais si je l'ai jamais eue, mais, ce qui est certain, c'est que je ne l'ai guère. Ce que je gagne peut-être, c'est une disposition à la modestie que je me connaissais pas aussi forte.

L'expédition au Spitzberg vient de revenir et le chef, le professeur Nordenskjold, est enchanté de ses résultats. Il n'a pas atteint le pôle comme il le voulait; pourtant toutes les observations qu'on espérait ont été faites; on a augmenté les collections d'un assez grand nombre de variétés de plantes polaires et de mollusques. On a exécuté des dragages qui ont donné d'assez beaux résultats, bien que rien de comparable à ceux du *Porcuprie* et de l'*Eclair*. Le professeur Nordenskjold compte retourner au Spitzberg dans quelques mois.

La grande préoccupation du moment est pourtant toujours portée ici sur les engins de guerre, comme par toute l'Europe. On fait des expériences de nouvelles torpilles, d'accord avec le Danemark et la Norvège. Je veux dire à Votre Majesté qu'on m'annonce l'arrivée ici du Major Ingénieur, M. Souza Mursa. Si cet officier désire étudier les travaux suédois et norvégiens, je serai absolument à sa disposition et lui donnerai toutes les introductions possibles. Mais cela n'était pas bien nécessaire à dire à l'Empereur pour qui rien n'égale mon dévouement, mon respectueux attachement dont j'ose envoyer aussi l'expression à Sa Majesté l'Impératrice et je suis sûr que l'Empereur le sait bien...

D. Pedro II à Gobineau

Rio, 14 Octobre 1873.

Mr. le comte,

Vous avez dû reconnaître que je n'oublie jamais une affection telle que la vôtre.

La description du couronnement du roi de Norvège à Trondhjem m'a beaucoup intéressé. Que j'aime ces vieilles églises en ruines! Le souvenir de l'Abbaye de Melrose est bien vif dans mon esprit.

Mme. de Barral a été un peu injuste pour la patience avec laquelle j'ai soigné ma jambe et je puis vous rassurer, en vous disant que tout marche bien, et que je ne fais que l'usage convenable de mes moyens de locomotion.

Du reste, les affaires et la lecture me prennent assez de temps; car je veux être un peu partout par la pensée du moins, principalement quand j'y puis rencontrer mes amis.

Je dois aller en Décembre à Pétropolis et là, il me sera permis de me vouer davantage aux occupations de l'esprit que je préfère, et je vous parlerai peut-être alors de ce qui m'intéresse. Vous comprenez qu'étant obligé dans ma position de me mettre au courant de tant de choses, je ne peux vivre que trop peu pour moi...

Gobineau à D. Pedro II

Stockholm, 25 Octobre 1873.

Sire,

J'ai reçu presque à la fois ces jours-ci la lettre de Votre Majesté du 15 Juin et celle du 10 septembre. La première m'a été remise par le Major Mursa; l'autre n'a pas été accompagnée encore de l'ouvrage que l'Empereur

veut m'annoncer et que j'attends avec une impatience extrême. S'il ne vient pas ces jours-ci, j'écrirai à Paris puisque la lettre est venue par Paris au lieu de m'arriver par Copenhague comme d'ordinaire. Je vois qu'en juin Votre Majesté souffrait encore de sa jambe; mais, depuis lors, les choses ont mieux été; ce sont les ennuis qui persistent. Le Major Mursa est parti pour la Franche-Comté afin d'aller chercher les ouvries dont il a besoin. Je me suis entendu avec le Vice-Consul du Brésil ici et je lui ai donné plusieurs indications. Je ferai tout ce qui sera en mon pouvoir auprès des gens qui ne sont pas maîtres de forges pour obtenir les quatre ouvriers, autant que possible mariés, dont le major a besoin. C'est assez difficile parce que les bons sujets sont suffisamment payés pour leurs besoins et que la prospérité est grande en Suède en ce moment-ci. Si je ne réussis pas j'écrirai en Finlande où l'on traite le minerai absolument comme ici, au charbon de bois. Malgré la prospérité actuelle, il y a une crise financière en préparation et la cause première en est assez curieuse. C'est un contrecoup de la pléthore de numéraire que nos 5 milliards viennent de déterminer en Allemagne. Sur ce point, les travaux s'arrêtent, les industriels ne peuvent construire, les maisons de commerce font faillite, il y a désastre véritable et la cause principale en est que le Gouvernement regorgeant de ressources entreprend des travaux énormes, fait une concurrence ruineuse à l'activité normale, emploie exclusivement à ce qui l'occupe des forces indispensables ailleurs et de là désastre général. C'est quelque chose d'analogue, avec des formes différentes, à ce qui arriva en Espagne, quand le produit des mines américaines vint s'emmagasiner dans la Tour de l'Or à Séville. Il est donc décidément démontré qu'un pays ne s'enrichit nullement par la présence du numéraire, mais seulement par l'activité qui le crée et par celle qui le distribue. Quoiqu'il en soit, cette crise violente qui fait un mal infini en Allemagne et commence à nous toucher ici, s'étendra certainement à toute l'Europe spéculatrice et contribuera singulièrement à affaiblir le crédit allemand.

L'impression des *Pléiades* a été retardée par l'absence de caractères ponctués étrangers au Suédois. Il a fallu en faire venir de Francfort. On me promet qu'ils

arriveront la semaine prochaine. Cela n'a pas été malheureux pour le livre car je le corrige dans ce moment-ci pour la septième fois.

Votre Majesté m'a effrayé si fort en me disant avec vérité que je fais trop de choses à la fois que j'ai été quelque temps à me remettre. Mais je crois, tout compris, qu'il y a plus d'apparence que de réalité dans mon tort. Il est exact que je compose et invente beaucoup tout d'une fois; et je ne saurais faire autrement. Mais aussi, je garde très longtemps les choses et me décide difficilement à les considérer comme finies. Il me semble que cela revient de même que si je ne créais qu'à tour de rôle. Mon *Italie* avance assez bien. C'est de Don César Borgia que je suis occupé. Le monstre est chez lui tout pareil à Ludovic Sforza et aux Contemporains, mais chez ceux-ci il n'y a que le monstre; chez l'autre il y avait aussi l'administrateur et l'homme réfléchi. C'est une figure terrible et curieuse. J'espère qu'à la fin de l'hiver, j'aurai fait un morceau de ma *Suède* assez considérable. Je commence naturellement par la géologie. Je me demande comment et pourquoi le fer du Brésil est analogue au fer suédois. Est-ce que la formation glaciaire y serait pour quelque chose? Votre Majesté serait très bonne de me dire son opinion là-dessus. Adieu, Sire, mes enfants Guldencrone vont s'établir en Grèce auprès du Roi Georges. Madame de Gobineau passera l'hiver à Paris avec Christine. Moi je travaillerai comme je pourrai. . .

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 22 novembre 1873.

Sire,

J'ai la lettre de Votre Majesté du 14 octobre et elle me cause un plaisir infini. Je vois que la question de santé qui m'inquiétait n'existe plus, ou du moins n'existe plus autant. Je crains toujours un peu que l'Empereur

se fatigue beaucoup, cependant tout va mieux. C'est le principal. Mais quand on est habitué à être très fort, on abuse souvent des forces qu'on n'a pas. Il m'a été impossible de trouver ici des ouvriers pour le major Mursa, quelque soin que j'y aie mis. L'activité industrielle est si grande en ce moment en Suède que les différentes exploitations du fer n'ont pas assez de monde et je remarque que même des émigrants reviennent d'Amérique en assez grand nombre et prennent part à ce mouvement. Cependant, je continuerai toujours à chercher parce que le major m'écrit qu'il m'y autorise. Il a trouvé à peu près ce qu'il veut. Je regrette qu'il ne m'ait pas donné son adresse pour lui répondre. Votre Majesté me donne une espérance qui me sourit extrêmement; Elle me dit que, pendant le séjour à Pétropolis, Elle me parlera de ce qui m'intéresse. Je voudrais bien que cela put se réaliser et que tant de choses auxquelles je pense avec une joie véritable, avanceront vers leur conclusion. Je ne voudrais pas renouveler les phrases des philosophes de tous les temps sur la vanité de beaucoup de choses; mais au fond, comme l'époque actuelle est un miroir fidèle pour ces vanités! Comme elle en fait ressortir la faiblesse! Et, même, elle fait si bien que les choses les plus graves du passé, sont devenues des vanités pour elle. Voilà pourquoi j'imagine que les travaux de l'esprit sont encore ce qui vaut le mieux et ce qui trompe le moins. Je ne peux pas réussir à avoir de l'imprimeur les premières feuilles des *Pléiades*. On m'assure qu'il ne s'agit que de commencer et qu'une fois en train, cela ira vite. Je le veux croire. Mais cela ne commence pas. J'achève le *Catalogue* de mes pierres gravées asiatiques que je viens de refaire sur un nouveau plan. J'ai distingué davantage dans la classification des différentes écoles, archaïques, grecques, assyriennes, perses, et autres. Je voudrais que ce fut imprimé cet hiver. Tout le reste va lentement parce que ce catalogue prend la meilleure partie des heures jusqu'à ce qu'il soit fini, ce qui sera bientôt. Je compte en Janvier me mettre très sérieusement au premier volume de la *Suède*. Je ne sais rien de Paris qui vaille la peine d'être examiné de près. Il est assez curieux à quel point le Darwinisme, je dis le Darwinisme violent, fait du progrès. L'Institut de Fran-

ce n'a pas voulu nommer le chef de la Secte membre correspondant, mais comme il n'a pas voulu non plus se prononcer contre lui, il a élu M. Loven, professeur ici, à l'Université de Lund et darwiniste complet. C'est tout à fait la méthode du temps. On se donne au diable; mais on a l'évangile dans sa poche; ou bien l'on va à confesse, mais avec Voltaire dans son prie-dieu. Ce que je remarque surtout à propos du progrès du Darwinisme, c'est que les gens qui en comprennent les inconvénients, forment, en général, une classe si outrageusement ignorante et inepte que, quoiqu'on en ait, on peut encore vivre plus facilement avec l'ennemi qu'avec eux. Tout ce qu'ils savent faire ce sont ces pèlerinages et ces processions qui ont abouti à augmenter l'intensité de la haine entre eux et leurs adversaires, qui ont détaché d'eux beaucoup de personnes pleines de bonne volonté et qui, par contre coup, ont rendu la royauté impossible en France et préparent, dans plus ou moins de temps, à travers plus ou moins de péripéties le rotour de l'Empire...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 4 Décembre 1873.

Mr. le comte.

Quand brilleront-elles, ces *Pléiades*? Le livre sur César Borgia me plaira beaucoup, car je suis passionné de moyen-âge italien.

Voilà vos Guldencrone dans cette Grèce que je regrette tant de ne pas avoir encore admirée!

D'ici, je ne puis rien vous communiquer d'intéressant. Mas santé est presque celle d'autres temps, mais j'ai plus besoin de repos qu'auparavant, et, toutefois, je dis, comme avant, qu'il n'y a rien que le travail.

Je voudrais vous écrire plus souvent, ou plutôt souvent; mais pourrais-je dans ma lettre vous rappeler, même un peu, nos causeries des dimanches?

On a commencé à faire ici des conférences politiques sur des sujets d'intérêt général et j'espère que cette habitude s'acclimatera. J'y assisterai jusqu'à mon allée à Pétropolis qui ne sera, hélas que le 26, car j'ai encore assez à faire à Rio, et je dois aller en chemin de fer pour la première fois à *Nova Friburgo*, dans les montagnes.

Que cette digression me rappellera la vôtre à Juiz-de-Fora...

P. S. Le Major n'a pas été heureux dans ses efforts pour engager les ouvriers en Suède mais je suis bien sûr que vous l'avez aidé autant que cela était possible. J'ai écrit aussi au roi que j'avais connu comme prince royal, à Londres, et m'avait semblé un excellent jeune homme.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 13 décembre 1873.

Sire,

Je viens seulement de recevoir *l'Empire du Brésil à l'Exposition de Vienne* je n'ai encore eu le temps que d'y jeter un coup d'oeil très insuffisant pour l'importance et la diversité de l'ensemble. Je vais le lire très attentivement parce que de toutes manières, j'y suis extrêmement intéressé. Nous sommes en hiver ici; mais comme les idées climatologiques sont peu sûres et peu exactes quand on ne vit pas dans les faits! L'hiver à Stockholm n'est rien de plus que de la pluie et du mauvais temps, rarement un peu de neige jusqu'à Noël et c'est la marche normale des choses; de sorte que dans ces pays, qu'au Sud on s'imagine à peu près glacés à perpétuité, la saison vraiment froide ne débute qu'avec le mois de janvier. Il est vrai qu'elle dure à peu près quatre mois, mais pas continuellement, de sorte que c'est fort supportable. A la vérité, les lignes isothermes jouent un grand rôle dans tout cela, puisque Pétersbourg est

dans la neige depuis longtemps, quoique fort au sud de Stockholm. Ces questions m'intéressent à cause de mes travaux sur la Suède. Je viens de voir une chose très bizarre. La Reine douairière de Suède m'a fait demander, il y a quelques jours, si je pourrais lui dire ce que signifiait un sac de soie rouge brodé d'or, fermé d'un sceau de cire arabe et trouvé dans la succession de l'Impératrice-Duchesse. Elle me l'a envoyé; j'ai décousu le sac qui était intact. Il contenait deux lettres officielles en persan et une troisième en très mauvais portugais. C'était une proposition d'alliance et un projet de traité avec l'offre d'une subvention de 5 millions et demi de francs, faite en 1833, à l'Infant don Miguel, pour s'entendre avec l'Empereur de Dehly, le dernier Grand-Mogol, à cette fin de chasser les Anglais de l'Inde. De sorte qu'en 1833, il y avait conspiration de la Cour de Dehly contre la Compagnie et ce vieux projet n'a pu aboutir que très récemment. La proposition faite à l'Infant don Miguel est arrivée à Lisbonne après la chute de celui-ci. Les lettres sont restées oubliées, on les a envoyées à Stockholm et, au bout de quarante ans, il a fallu qu'à ce Stockholm se trouvât un Ministre de France sachant le persan, pour connaître cette velléité indienne. Comme, par une ironie du sort, le prince indien priaît d'Infant de lui répondre très vite! Il y a dans tout cela, dans ce sac de soie, dans ces lettres sur papier à fleurs d'or, dans cet oubli, dans ce ciel du Nord, une sorte de réalité romantique qui amuse l'imagination.

Votre Majesté daigne me faire une bien grande promesse relativement à ses occupations à Pétropolis. Plaise au ciel que les circonstances permettent à l'Empereur de la tenir! Je voudrais bien voir aboutir à un résultat tous les travaux de l'Empereur dans le domaine intellectuel. Je le voudrais pour deux raisons: d'abord, parce qu'il faut que les arbres à fruits portent des fruits; ensuite, parce que je trouve là une gloire effective et toute indépendante du dehors. Je serai extrêmement gai, content, heureux, quand je verrai l'oeuvre directe, personnelle et uniquement personnelle de Monsieur d'Alcantara. Mais l'Empereur ne me dit pas s'il s'agit du voyage ou du *Prométhée*. Je voudrais bien les deux et j'y songe presque également. Il est vrai que le Voyage rentre plus

dans les préoccupations générales, mais, pour cette raison précisément, l'autre est une fleur bien délicate et pour les Délicats. Je travaille beaucoup. J'espère arriver, malgré les ennuis, à publier, les *Pléiades* et le catalogue raisonné de mes Pierres gravées dès le commencement de l'année prochaine...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 25 décembre 1873.

Sire,

Je crois que je puis bien adresser tous les voeux possibles à Votre Majesté pour son bonheur, pour sa santé, pour ses désirs de toute nature car je sais que personne ne peut souhaiter plus ardemment et plus vivement que moi ce que Votre Majesté désire. L'Empereur sait que ce n'est pas une formule d'usage et le renouvellement de l'année ne fait que me donner une occasion d'en parler. Je le fais donc, très heureux de pouvoir dire ce que mon attachement et ma reconnaissance m'inspirent. Je voudrais bien surtout que Votre Majesté ne connût plus le retour de la mauvaise santé. Personne n'a plus besoin de la plénitude de ses forces que celui qui sait à quoi les employer et comment en faire usage pour le bien de tout ce qui l'entoure et lui appartient, Je continue à chercher les quatre ouvriers de mines dont le major Mursa m'a laissé la commission. Malheureusement, je ne réussis pas vite parce que les travaux sont si abondants et si bien payés ici qu'il y a peu d'empressement pour l'expatriation parmi les travailleurs honnêtes et capables. En outre, les engagements sont pris pour cette année. Je ne désespère pourtant pas de réussir et le Roi m'a promis de m'y aider. J'ai suspendu mes travaux ordinaires pour m'occuper d'un article développé et raisonné sur la statistique du Brésil. Il est déjà un peu avancé et je le destine au *Correspondant*. Je le fais au point de vue de l'émigration et m'appuie sur un fait intéressant qui se passe à cette heure, ici, et en Allemagne. C'est le re-

tour de nombreux émigrants qui ont quitté les Etats-Unis après avoir vainement essayé de s'y faire une place. Il m'a semblé que l'occasion était favorable pour exposer et faire ressortir les mérites et la richesse d'un pays où ne se trouvent pas les inconvénients dont les émigrants ont eu à se plaindre. Je ne puis dire tout le plaisir que j'éprouve à m'occuper de choses de nature à plaire un peu à l'Empereur. Cette statistique du Brésil est d'un extrême intérêt. C'est un ouvrage clair, précis, simple où les faits sont présentés avec une simplicité qui répond de leur bonne foi et où la somme des mérites est présentée de façon à produire l'impression la plus heureuse sans qu'aucun artifice de langage s'y ajoute. Il y a peu de pays sur lesquels on possède un bilan aussi net de la situation et je me réjouis infiniment que le Brésil soit du nombre de ces régions si parfaitement appréciées. Je ferai de mon mieux dans mon travail pour conserver le caractère de réalité à tout ce que j'aurai à emprunter à la statistique. J'espère envoyer l'article à Paris vers le 15 janvier.

J'ai reçu une lettre de Madame Marjolin qui me dit qu'elle a reçu des nouvelles de Votre Majesté et y a répondu. Elle en est extrêmement touchée et reconnaissante. Elle me fait de l'état des esprits à Paris une peinture qui m'est confirmée par d'autres lettres et qui ne donne pas une grande idée du calme et de la raison que tant d'événements malheureux auraient dû imposer aux plus fous. Ce qui me paraît surtout frappant c'est le manque absolu de savoir ce qu'on veut surtout à quoi on est propre. Les Royalistes n'ont pas une idée plus nette de ce qu'ils entendent par le mot de *monarchie* que les démocrates de ce qu'ils conçoivent sous la dénomination de *République*. Dans un pareil tourbillon, il est fort à craindre que le dernier mot soit un César quelconque.

Décidément mes *Pléiades* vont être imprimées à Paris ce mois-ci et au mois de février commencera dans la *Revue archéologique* la publication du catalogue raisonné de mes *Entailles*. J'espère que cela aura quelque intérêt pour l'Histoire de l'Art. J'ai terminé la seconde partie de *l'Italie*; je n'ai pas exagéré l'atrocité de César Borgia qui en est le personnage principal mais, surtout, je ne l'ai pas embelli ni réhabilité...

CAPITULO VIII

1874: A QUESTÃO RELIGIOSA NO BRASIL — PUBLICAÇÃO DAS “PLEIADES”

D. Pedro II á Gobineau

Pétropolis, 15 janvier 1874.

Mr. le comte,

Je vous souhaite une nouvelle année telle que vous le désirez.

Rien de nouveau d'ici. Je travaille bien à présent, mais il y a tant à lire et à apprendre qu'il ne me reste que fort peu de temps pour les occupations que vous me rappelez et qui me sont chères.

Pouvez-vous me dire quelle est l'inconnue des lettres si spirituelles de Mérimée? Je ne les ai lues encore que dans l'article de la “Revue”; mais je suis impatient de recevoir les deux volumes. L'appréciation qu'en a faite Taine m'a beaucoup plu. On y parle de l'exercice de l'arc, et où se trouvera celui que vous avez eu la bonté de faire parvenir à Mérimée.

Avez-vous lu l'article de Perrot à la “Revue des Deux Mondes” sur les *trapézistes* d'Athènes? Vous seriez bien content de voir qu'il représente Ulysse, et non Achille, comme le véritable héros grec.

Adieu! J'attends avec impatience vos *Pleïades* et l'histoire d'une époque si intéressante de l'Italie, qui éveillera encore plus mes souvenirs de Florence et de Rome.

Ma fille et mon gendre sont à présent à Paris, où vous tâcherez de les voir certainement.

Ma fille vous envoie bien des souvenirs ainsi qu'à votre famille à laquelle je vous prie de me recommander, en croyant toujours à l'affection de

Votre bien attaché
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau à D. Pedro II

Stockholm, 13 février 1874.

Sire,

J'ai envoyé au *Correspondant* l'article sur le Brésil. Il est un peu long. Mais je me suis efforcé d'y faire entrer le plus possible de la substance contenue dans la Statistique. C'est fait au point de vue de l'émigration et je voudrais pouvoir y contribuer pour quelque chose. Maintenant, j'ai hâte que l'article ait paru et de savoir si Votre Majesté l'approuvera. Je me suis aussi assez heureusement tiré de mes efforts pour les ouvriers mineurs. On m'en a procuré quatre et je crois que l'on pourrait en avoir davantage. Quatre était le chiffre que m'avait indiqué le Major Mursa. Je m'y suis tenu. J'ai écrit au Consul général de Votre Majesté à Copenhague pour le prier d'envoyer des ordres au Vice-Consul qui est ici. Il m'a répondu qu'il l'avait fait. Mais celui-ci paraît ne pas se tenir pour suffisamment autorisé car il ne conclut pas avec les ouvriers. Je crains que ceux-ci ne se découragent et ne prennent parti ailleurs. En général, il me semblerait que si Votre Majesté souhaite avoir soit des ouvriers soit des émigrants suédois et norvégiens de différentes catégories, la chose est faisable. Mais il serait bon de la faciliter en créant des agents consulaires sur différents points en les choisissant un peu actifs. Si l'Empereur trouve que j'ai raison, il trouvera aussi que ce que je veux, je le veux certainement sur ce point comme sur tous les autres. Il me semble qu'il serait

intéressant de chercher à détourner sur le Brésil une émigration qui se compose, en général, de gens solides, laborieux et nullement révolutionnaires.

Nous avons ici la Diète ouverte depuis une quinzaine de jours et tout s'y passe si doucement et si paisiblement qu'il est absolument impossible d'en rien dire. Je ne sais, cependant, si, à la longue, on ne finira pas par gâter cette situation par en haut. Car la faute ne viendra pas d'en-bas, du moins la première faute.

Votre Majesté suit certainement avec intérêt la crise religieuse en Allemagne. Monsieur de Bismarck a prédit une fois qu'il tomberait pour une sottise commise sans nécessité. J'ai bien peur que sa querelle avec l'épiscopat allemand ne soit cette sottise-là. Il a l'honneur, en ce moment, de se trouver l'allié et l'ami de tout ce qu'il y a de jacobins dans le monde. Je ne sais si l'Empereur connaît un livre intitulé *An Szepter und Krone*, signé de Grégoire Samarou. On l'a attribué au prince Georges de Prusse et il paraît décidément être du Conseiller intime hanovrien, Monsieur de Meding. Comme roman, c'est plus que médiocre; mais le sujet principal du livre, les événements de 1866, sont racontés avec une précision, une connaissance des hommes, des faits et des détails qui lui donnent un intérêt des plus saisissants. Tous les hommes importants de ce temps-ci, en Allemagne, en France, en Russie sont peints avec la plus grande connaissance de cause. Aussi l'ouvrage fait-il une sensation énorme dans tout le nord.

En France, le grand succès sont les lettres à l'*Inconnue* de Mérimée. C'est une Mademoiselle Dacquin, personne d'infiniment d'esprit et que je connais beaucoup. Il n'en est pas moins vrai que je comprends fort mal par quelle filière d'idées elle a pu être amenée à publier la correspondance avec elle d'un homme qui l'a tant aimée et à vendre ses lettres à un libraire qui lui en a donnée 40 centimes par volume vendu. Ce sont de ces imaginations modernes qui me semblent parfaitement avilissantes. Mais je me trompe probablement.

Les *Pléiades* ont fini par être envoyées à Paris pour y être imprimées; ce malheureux livre continuant ses

infortunes, s'est perdu en route. On l'a retrouvé à Cologne après un mois; maintenant, il est dans la main protectrice de Plon. Aussitôt prêt, il sera envoyé à Votre Majesté...

Gobineau à D. Pedro II

Stockholm, 28 février 1874.

Sire,

J'ai eu l'honneur de dire à Votre Majesté que j'avais trouvé des ouvriers en métallurgie. On m'assure qu'ils sont excellents. Le Vice-Consul voulait attendre pour les engager d'avoir écrit de nouveau au major Mursa et pris ses instructions. Comme le major m'avait autorisé à terminer l'affaire, sans en référer à lui de nouveau et que je trouvais la question pressée, j'ai insisté auprès du Vice-Consul, pour qu'il expédiât de suite les ouvriers au Brésil et il m'a assuré qu'il allait le faire sans plus attendre. Je crois que si Votre Majesté en veut d'autres, j'en pourrai trouver encore. Il me semble qu'on pourrait mettre la question de l'Émigration en connexion avec lui et c'est pourquoi j'ai écrit l'article, maintenant arrivé à Paris et qui va paraître dans le *Correspondant*. Je crois avoir déjà dit à Votre Majesté que mon intention est de le faire traduire en Suédois et, si je peux, en Norvégien et de le publier dans les journaux des deux pays. Il y a utilité à le faire, parce que les émigrants reviennent en assez grand nombre des États-Unis. L'avis d'hommes sérieux est ici que cette destination se discrédite tous les jours. Ne serait-il pas bon de profiter du fait pour chercher à diriger sur le Brésil les travailleurs scandinaves?

Je pense que Votre Majesté a lu les lettres à l'Inconnue de Mérimée dont les extraits lui avaient plu si fort. J'avoue que je n'en suis pas très charmé. Mademoiselle Dacquin que je connais, est une fille de beaucoup d'es-

prit; mais je m'explique qu'elle ait peu agi sur le coeur de son correspondant. Lorsque l'amour fait place à l'amitié, on voit (dans le second volume) qu'il y a beaucoup d'habitudes dans cette liaison et peu de sensibilité et encore moins de respect.

Je n'ose pas critiquer Grote quand Votre Majesté en parle de cette manière bienveillante. J'ose, cependant, avouer que je comprends mal le mérite attribué à ce livre. Un écrivain, un historien de la Grèce qui, après les travaux d'Otfried Muller et de tant d'autres, considère comme un fouillis sans valeur tous les récits mythiques, me semble, pour ce triste aveu, mériter bien peu d'estime. Je ne crois pas qu'on puisse accuser plus de sécheresse d'imagination, plus d'étroitesse de jugement, plus de petitesesses dans l'esprit. Lorsque l'on en vient aux temps que Grote veut considérer comme positifs, je me demande si cette préoccupation unique et toujours présente de faire l'éloge, le panégyrique absolu des Athéniens en leur sacrifiant Sparte et tout le reste de la Grèce est bien d'un homme qui voit de haut. Je comprends sans peine que Grote est un whig et bien plus un radical et que ce qu'il idolâtre chez le peuple de Minerve, c'est la démagogie; mais je ne vois rien là qui me tente et me fasse revenir sur mon sentiment quant à la médiocrité de ses vues. Je prie Votre Majesté de relire ce qui a trait au triste combat des... et je suis sûr que l'Empereur trouvera toute cette préoccupation de justification constante parfaitement puérile.

Il y a deux livres en Allemagne qui, à différents titres, causent une grande sensation. En ce qui concerne le premier *Trei Tag*, l'auteur écrit un roman ou plutôt une série de romans présentant l'histoire des différentes générations d'une famille allemande. La première partie, *Ingo*, se passe au IV^e. siècle; la seconde, *Ingraban*, au VII^e.; la troisième, *der Nest der zaunl oinge*, je ne l'ai pas encore lue. Mais la première est un véritable chef-d'oeuvre. Il ne se peut rien voir de plus éloquent, de plus élevé, de plus noble. — L'autre livre est d'un tout autre caractère. Il est divisé de même en plusieurs parties. La première, *An Szepter un Kronen*, expose la guerre de 1866 dans les détails intimes. Toute la partie romanesque est absurde, mais les portraits du

Roi de Prusse, de M. de Bismark, de l'Empereur d'Autriche, du Roi de Hanôvre, la bataille de Langensalza, tout cela est fait par quelqu'un qui sait ce dont il parle.

Je lis, en ce moment un livre allemand sur la guerre de 1870. C'est moins intéressant. On a cru d'abord que l'auteur était le prince Georges de Prusse. On s'accorde assez à dire aujourd'hui que c'est le conseiller hanovrien Meding. Toute l'Allemagne se précipite sur ce livre, en effet, très curieux..

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 4 Avril 1874.

Mr. le comte,

Je viens de recevoir votre bonne lettre du 13 février, mais que vos *Pléiades* me tardent! J'ai eu beaucoup à faire ces derniers temps, et, nécessairement, mes occupations de prédilection y ont assez perdu. Cependant, j'ai presque fini la lecture des lettres de Mérimée. Ecrivez-moi une notice sur cette Mlle. Dacquin, dont le caractère ne me semble pas devoir être digne d'estime.

Le style de Mérimée, en 1842, écrivant à celle à qui il s'est adressé, jusque peu avant de mourir, m'étonne fort, car je ne me faisais pas une telle idée de l'auteur de tant de livres qui m'ont charmé. Cuvillier-Fleury l'a bien apprécié dans ses deux articles sur le revers de la médaille. Combien a rapporté au total, à cette Mlle., sa spéculation sur l'agréable renommée de l'auteur de *Colomba*? Racontez-moi tout cela en détail et n'oubliez pas de me faire le portrait de *l'inconnue*. Qui battra monnaie sur ces lettres? J'aimerais à y chercher l'explication de beaucoup de lettres de Mérimée.

Vous rappelez-vous notre conversation à bord de la *Magicienne* à propos du concile du Vatican?

Le Brésil se ressent aussi de ce déploiement intempestif d'une force mal placée. A propos de *francs-*

maçons, qui ne se sont jamais souciés de doctrines religieuses, au Brésil, du moins, les Evêques oublient la charte et les lois de leur pays. Le Gouvernement ne fait que maintenir l'indépendance du pouvoir temporel dans ce qui n'est pas purement spirituel. J'espère, cependant, que l'énergie et la modération du gouvernement viendront enfin à bout de cette résistance, en faisant la Cour de Rome reconnaître les véritables intérêts du Catholicisme.

Que me dites-vous du nouveau roman de Victor Hugo? Quelle chute du haut de la tour de *Notre Dame de Paris!*

Je regrette de n'avoir pas connu personnellement ce *Bug-Jargal* de la littérature. Les monstres nous réconcilient avec l'humanité. Et l'Académie Française? Heureusement, Théophile Gautier est mort à propos. Cependant, il y en avait bien d'autres, qui devaient être préférés aux nouveaux immortels. Emile Olivier est resté aux limbes; mais l'Académie, où allait-elle depuis qu'elle l'avait élu?

Tout ce qui se rapporte à la France m'a toujours vivement intéressé, et je regrette que tant de richesse intellectuelle et matérielle ne soit pas mise à profit par un meilleur jugement. On revient aux fêtes de l'Empire pour faire gagner le commerce de luxe de Paris!

Adieu! Parlez-moi de la sage et heureuse Suède, mais croyez toujours à ma sincère sympathie pour la France et à tous les sentiments que je vous prie d'exprimer à votre famille et que vous consacre.

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 30 mai 1874.

Sire,

Votre Majesté a certainement reçu maintenant les *Pléiades* et l'article du *Correspondant* sur le Brésil.

Je ne puis dire combien j'ai hâte de savoir l'impression que ce livre un peu violent, un peu passionné, aura fait sur l'esprit de Votre Majesté. Je dois avouer que, parmi mes ouvrages, c'est un de ceux que j'aime davantage et il me semble que le public partage cette impression. Tous les journaux en parlent les uns après les autres. Ceux-ci avec beaucoup d'éloges et ceux-là, jusqu'à présent du moins, avec des critiques et des réserves dont plusieurs m'intéressent plus que les éloges et me flattent davantage. Je remarque surtout à ce point de vue un article du *Constitutionnel* qui m'accuse de ressembler à l'Astrée. Cela m'a été au coeur et m'a ravi. Je ne connais rien de plus beau que l'Idéal de l'*Astrée* avec celui d'Amadis. Naturellement, mon critique ajoute que je ne suis pas dans la vie réelle, et c'est aussi l'opinion de Monsieur de Lescure, dans la *Presse*. Je crois, en effet, qu'entre la vie réelle actuelle et ce que je pense, il y a beaucoup de chemin et j'en suis charmé, n'ayant jamais l'intention de faire la route. Je suis fort occupé en ce moment d'étudier Darwin pour analyser son système dans la 2.^e Edition de mon *Essai sur l'Inégalité des Races* à laquelle je travaille. Je mettrai l'ouvrage au courant de ce qu'on a appris ou proposé depuis sa première apparition. Je suis aussi très absorbé par mon livre sur la Renaissance italienne et, à ce propos, je dois faire un aveu à l'Empereur. Cet ouvrage m'est très cher par des raisons très différentes de celles qui me font aimer les *Pléiades* mais pourtant analogues. Votre Majesté me dit qu'elle aussi aime beaucoup cette grande bataille intellectuelle du XVI^e. siècle. J'aurais beaucoup de joie à la dédier à dom Pedro d'Alcantara; mais, réellement, on ne peut pas offrir à un souverain un livre d'art. Il faudrait que ce fut un sujet scientifique ou pratique. Si Votre Majesté trouve à propos de me tirer de peine et que Dom Pedro d'Alcantara veuille recevoir une pareille offrande d'un coeur qui l'aime, il me le dira; mais il ne m'en parlera pas et je comprends que cela peut-être difficile. Au millieu de tous mes travaux (j'envoie à l'Empereur la photographie de l'*Amour blessé*) je me trouve bien seul et assez ennuyé. Je ne suis peut-être pas bon à passer ma vie dans une maison vide et cela ne me donne pas meilleure santé. J'apprends par un mot de

Dominique de Barral qu'il va à Rio à notre légation, ce qui amène la Comtesse avec Madame la Princesse Impériale. Je me réjouis profondément de voir une pareille affection se rapprocher de l'Empereur et je vois d'ici que Votre Majesté trouvera beaucoup à dire à quelqu'un qui peut La comprendre de toute manière.

Mademoiselle d'Acquin n'est pas fort intéressante. Elle a de l'esprit et beaucoup et je crois qu'elle a dû avoir de la passion dans son temps. Elle est un peu créole et tient à des créoles de la Guadeloupe. Ce n'est pas une personne fort idéale comme elle l'a prouvé en vendant de pareilles lettres pour un droit de tant sur chaque volume. C'est une grande femme très brune, avec des cheveux noirs, parlant haut, décidée, querelleuse, pas tendre et amusante. Je suis bien aise d'avoir rattrapé mes lettres de Mérimée que j'ai maintenant et ne publierai certes pas. Je crois que la vente des lettres a pu rapporter à la *traditrice* une quinzaine de mille francs au plus.

J'ai bien peur à propos des affaires religieuses du Brésil que le Saint-Siège ne soit guère inspiré par l'Esprit Saint dans les affaires de ce monde.

Les fautes se multiplient partout. Chez nous, on poursuit la maladie de langueur et tout cela finira mathématiquement par le retour de l'Empire, ce qui ne sera certainement pas fort glorieux. Je crains ici que les affaires ne finissent par s'embrouiller un jour. Le terrain est si bon qu'il faudra du temps pour le gâter mais l'énergie avec laquelle on y travaille d'en haut est curieuse à contempler...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 16 juillet 1874.

Mr. le Comte,

Je suis encore tout à fait dans la joie de l'arrivée de ma fille. Celle de la comtesse n'a fait que l'augmenter.

Cependant, je m'empresse de vous dire que le roman des *Pléiades* est ce que vous avez écrit de meilleur. Vous y touchez à des questions bien importantes avec tout l'esprit et le cachet d'originalité que je vous connais.

Je regrette d'autant plus le manque de nos causeries, quoique je doive bien du plaisir et de la joyeuseté du meilleur aloi à la lecture de beaucoup de pages des *Pléiades*.

Faites-moi une collection de toutes les analyses que l'on en a faites, et j'y ajouterai, tantôt, l'impression de qui vous a lu avec l'impartialité qu'un ami doit à votre caractère.

Mon idéal de beauté féminine n'est pas celui de votre *Amour blessé*; cependant, j'y trouve de l'inspiration et l'expression du regard me plaît.

Adieu! Je ne puis me prendre, pour vous, plus de temps. Les miens vous envoient bien des souvenirs ainsi que pour votre famille. Acceptez-les aussi de

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 30 Juillet 1874.

Sire,

J'ai attendu de jour en jour à avoir des nouvelles de Votre Majesté et espérant aussi en avoir de Madame la Princesse Impériale et le résultat a été que je n'ai rien reçu et que je ne suis jamais resté aussi longtemps sans écrire à l'Empereur. Voilà ce que c'est que de se laisser dominer par une préoccupation, au lieu de faire simplement ce qu'il faut. Il n'en est pas moins vrai que j'attends avec bien de l'impatience et j'espère pourtant que je finirai par être satisfait. Je voudrais que Votre Majesté eût la plus grande joie du monde et y prendre

ma part comme je la prendrai sincèrement et du fond du coeur. Votre Majesté le sait et je n'y insiste pas. C'est trop vrai pour en beaucoup parler. Je crois toujours Votre Majesté dans les embarras de la question ecclésiastique, car ce n'est pas la question religieuse et je suis précisément frappé de cette séparation qui se fait de plus en plus entre l'âme et le corps, entre la foi et la cléricature dans le problème actuellement agité dans le monde.

J'aurais trouvé fort à propos que l'Assemblée Nationale, chez nous, eût voté l'Erection à Montmartre d'une église à la Sainte Trinité, à la Sainte Vierge, à un Saint quelconque, mais au Sacré Coeur je crois l'effet très mauvais; c'est une dévotion nouvelle et qui explique fort bien un des projets présentés pour cette nouvelle Eglise dont le dôme représente la tiare pontificale. De sorte qu'il ne s'agit plus de dogme catholique, mais de la soumission au Saint-Siège infaillible. J'ai peur que beaucoup de gens bien disposés pour l'Eglise ne trouvent, en ce moment, qu'on tourne au lamaisme.

Votre Majesté a dû recevoir les *Pléiades* depuis longtemps. Je n'étais pas certain du succès et, surtout je ne savais pas qu'il serait ce qu'il devient. Les journaux et les lettres que je reçois de toutes parts dépassent ce que j'aurais attendu. On veut que ce soit mon meilleur livre, assurément non; les *Races* sont davantage dans ce sens, et mon meilleur livre, sera celui que je vais faire. Néanmoins, j'avoue que j'aime les *Pléiades* et qu'il y a beaucoup de mon coeur là-dedans. Certains commencements de dureté comme Symphorien Franier et les opinions exprimées par le Docteur Lanze m'ont amusé à écrire et certains commencements de vengeance que, plus tard, je rendrai ailleurs bien autrement durs et cruels, m'ont porté à parler des Gennevilliers et des conservateurs. J'arriverai graduellement à égratigner ma proie, à l'écorcher un peu à la blesser rudement, et, bref, à la mettre en mille lambeaux. Ce sera alors le plus beau de mes livres. Dans ce moment, la publication du *Catalogue* de mes pierres gravées vient d'être terminé dans la *Revue archéologique* et paraît avoir satisfait les savants. Je le fais tirer à part et l'enverrai à Votre Majesté. Puis je l'enverrai partout et tâcherai de vendre ma collection.

Je continue *la Renaissance* et je vais finir ces jours-ci la 4e. partie, Léon X. Je commencerai aussitôt la cinquième et je pense que je finirai là. Ce sera un gros volume et je fais tous mes efforts pour le rendre digne du sujet. Puis je fais beaucoup de sculpture et je prépare mes notes pour la 2e. Edition des *Races*.

Nous allons avoir ici le Congrès préhistorique qui ouvre le 7 août. J'enverrai les actes à Votre Majesté. Il y sera traité une question assez intéressante: on a découvert de l'ambre jaune dans la vallée du Pô et dans la Lucanie, de sorte que voilà la preuve capitale des anciennes relations des riverains de la Baltique avec l'Asie et la Grèce fort infirmée.

Votre Majesté a-t-elle lu Haeckel? Ce darwiniste furibond attaque Agassiz de la manière la plus indécente et je me ferai l'honneur de combattre pour le mort. Adieu. Sire, Madame de Gobineau et Christine vont partir pour la Grèce où Diane attend un nouvel enfant...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 14 août 1874.

Mr. le comte,

Après la joie de l'arrivée de ma fille, combien ai-je eu à souffrir! Heureusement, elle est presque levée et tout me fait espérer qu'elle m'environnera de beaux petits-enfants.

Mes lectures ont dû être bien interrompues, les débats des Chambres me prenant aussi beaucoup de temps. Voilà pourquoi je vous écris si peu. Cependant je ne devais pas faire tarder cette lettre à qui m'a toujours montré tant d'affection, qui du reste n'est que la contre partie de celle que je lui voue.

Je ferai prochainement la lecture de vos *Pléiades* à ma fille et je suis sûr qu'elle les goûtera comme moi.

La compagnie de Mme. de Barral a été une grande consolation et pendant les souffrances de ma fille, j'ai

encore reconnu jusqu'à quel point elle m'est attachée ainsi qu'aux miens.

Avec l'arrivée de Dominique, nous sommes au grand complet; non; il me manque nos dimanches. Veuillez bien transmettre mes souvenirs ainsi que de ma famille à la vôtre. Ma femme et ma fille me parlent souvent de vous et je n'ai qu'à ajouter que je suis toujours.

Votre bien attaché
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 18 août 1874.

Sire,

Je viens de recevoir la lettre de Votre Majesté du 5 mars et j'en ai éprouvé d'autant plus de joie qu'il y avait longtemps que je n'en avais eu et je ne laissais pas que de ressentir une certaine inquiétude. Mais les bonnes nouvelles que l'Empereur me donne de Sa santé m'ont fort calmé et je suis plus content que je ne puis dire. Votre Majesté doit avoir reçu les *Pléiades* à l'heure qu'il est et j'espère qu'Elle a aussi l'article du *Correspondant* sur le Brésil. Je ne dirai rien de celui-ci et encore moins du livre, laissant à Votre Majesté à en dire ce qu'Elle en pensera.

J'ose avouer à Votre Majesté que je trouve dans sa lettre une proposition qui sent bien l'hérésie en matière intellectuelle. Vous dites, Sire, que vous aimez mieux apprendre que composer parce qu'il y a trop à savoir. Oserai-je émettre l'idée que l'on apprend beaucoup plus de choses à produire qu'à lire? Goethe a dit avec raison que l'écrivain qui finit un livre est un tout autre homme que celui qui le commence et il n'y a rien de plus véritable. Lire, étudier, passer en revue les idées des autres est, en réalité, un travail pré-

paratoire et essentiel pour connaître la disposition topographique des lieux intellectuels. Mais si l'on veut dépasser la surface, aller plus à fond que la superficie et entrer dans les profondeurs des choses, il ne me paraît pas douteux que l'unique procédé est de travailler soi-même, de produire et d'aller ainsi pour chercher son minerai dans les entrailles de son propre esprit. Mais Votre Majesté sait cela beaucoup mieux que moi et c'est assurément ce qu'elle a éprouvé déjà avec ses travaux déjà très nombreux. Pour moi, je désire ardemment voir Votre Majesté amener l'Eschyle à sa dernière perfection. Dans ce qui reste à faire de cet ouvrage (et surtout, comme je le souhaie vivement et l'espère si Votre Majesté se décide à traduire en vers le texte grec) dans ce qui reste, Votre Majesté trouvera plus à apprendre et à garder dans ce qu'elle produira Elle-même que la lecture de vingt volumes ne pourrait faire. Je suis très loin d'insister absolument sur l'Eschyle au détriment des *Notes de Voyage*; mais pour celles-ci, l'Empereur me permettra de lui confesser un doute. Il me paraît que des considérations de toute sorte de nature peuvent trop bien intervenir dans l'esprit de Votre Majesté, pour l'empêcher de dire ceci ou pour faire abrégé cela et, en général, c'est ce qu'on retranche sous l'obsession de pareilles nécessités, qui a particulièrement de la saveur. Avec l'Eschyle il n'y a pas de pareils sacrifices à faire et voilà pourquoi je m'y complais.

Le *Catalogue raisonné de mes Intailles* paraît dans la Revue Archéologique. Il paraît être bien reçu par le monde savant et on m'en écrit des choses obligeantes. C'est une sorte de l'histoire de l'Art. L'interprétation d'une cornaline de travail archaïque représentant Bel-lérophon et Pégase sans ailes me sert de point de départ pour un travail dont je vais m'occuper sur les Inscriptions lyciennes dont je poursuis le déchiffrement dans le but surtout de revenir sur mes interprétations et mon système relativement aux Cunéiformes. Les circonstances sont favorables, car on paraît vouloir admettre deux points essentiels de ma doctrine que l'on avait fort repoussés jusqu'ici. Après dix ans d'attente, la victoire me serait précieuse.

Je poursuis tous mes autres travaux : les *Nouvelles Asiatiques* vont être achevées cette semaine et formeront un volume; *La Renaissance* (l'Italie) en est à sa 3e. partie qui avance; la *guerre de Chiozza* est au tiers, et je me prépare à une longue et importante affaire! la préparation de la 2e. Edition de *l'Essai sur l'Inégalité des Races*. Mon intention est d'analyser de très près Darwin d'une part et Buckle de l'autre. Enfin, j'ai dans l'esprit un pendant des *Pléiades*, les *Voiles noirs*. J'arriverai, j'espère, au bout de tout ceci et d'autres encore. Madame de Gobineau passera l'hiver avec Diane à Athènes. Diane va donner un 4e. enfant à son mari. Christine ira naturellement. Je ne manque pas de les informer toutes des bontés et du souvenir de l'Empereur pour elles...

Gobineau a D. Pedro II

Stockolm, 26 août 1874.

Sire,

J'espère que Madame la Princesse Impériale est bien. Je désire vivement la première lettre qui m'arrivera de Votre Majesté, afin d'être complètement rassuré à cet égard. Je crains que l'Empereur et l'Impératrice n'aient été bien durement éprouvés en cette occasion. Je suis si loin! Je ne puis rien savoir ni rien dire que longtemps après ce qui arrive. En somme, la vie est bien mal arrangée. Nous avons ici le Congrès Préhistorique. La science n'est nullement belle à voir quand ce n'est plus la science mais seulement un instrument de fantaisies philosophiques ou politiques. Il s'agit, avec l'âge de pierre, beaucoup moins d'un problème de genèse humaine que de placer la création de l'homme dans un point de vue darwiniste et de supprimer toute hypothèse déiste. Un anthropoïde marqué de tous les caractères de l'animalité pour ancêtre, et sortant lui-même, par voie de sélection mécanique du globule d'albumine, commune

source de tous les êtres, et cette théorie pour détruire la religion et l'idéalité! Ce n'est pas fort scientifique. Je m'en suis expliqué très vivement avec Alexandre Bertrand et Berthelot, ne voulant pas m'exposer à en venir à dire des vérités trop crues à M. Quatrefages et à du Opper pour lesquels je professe le plus sou verain mépris. Bref, Bertrand, brûlant ses idoles, a déclaré nettement au congrès qu'il ne pouvait reconnaître à tout ce qu'on a découvert jusqu'ici des monuments du travail humain une antiquité qui ne se rattachât pas aux plus anciennes traditions historiques et il ne reconnaît plus d'ancienneté antérieure à 8.000 ans environ. Voilà de la sagesse, et du bon sens et je l'ai fortement félicité. Nous avons bu à la santé de l'Empereur chez moi et Berthelot m'a chargé de présenter tous ses respects à Votre Majesté. Il est bien peu fort et valide mais toujours plein de vie intellectuelle, quoique toutes nos affaires de France l'écoeurent comme elles font à chacun. Nous retournons tranquillement à l'Empire et les mêmes départements qui se croyaient républicains il y a six mois, découvrent qu'ils sont bonapartistes.

Je ne puis dire à Votre Majesté combien je suis heureux de son jugement sur les *Pléiades*. C'est de mes livres celui qui m'est le plus cher parce que j'y ai dit le plus de choses qui me tiennent à couer. Je les ai encore dites à moitié et un peu voilées mais si jamais j'arrive à être libre (situation à laquelle j'aspire de tous mes vœux!) j'en dirai aussi long que j'en pense et tout ce que je pense. J'ai écrit de suite à Paris pour avoir les principaux articles qu'on a écrit sur mon livre et j'aurai aussi celui que l'on vient de me montrer dans la Gazette d'Augsbourg. Je les enverrai de suite à Votre Majesté que je remercie d'avance de ce qu'elle me promet de me dire à ce sujet. Je remarque que l'on me compare à Mérimée, à Stendhal, à Jean-Paul; un jugement qui ne veut pas m'être favorable me compare à l'*Astrée* et c'est peut-être ce qui m'a le plus été au coeur d'une manière agréable, car il est évident que je regarde en dehors de la société commune pour y trouver ce que j'aime et recherche. J'avoue que Jean-Théodore, Aurore, Liliane, Harriet ne sont pas de tous les jours, avec leurs défauts

comme avec leurs qualités, mais je pense, cependant, qu'ils peuvent vivre.

J'enverrai dans quelque temps à l'Empereur une nouvelle photographie de mon *Amour* que j'ai beaucoup retravaillé. J'espère qu'il lui plaira mieux. J'avance ma *Fleur d'Or* (la Renaissance Italienne) mais c'est long et difficile. Je pense bien à Votre Majesté et à ce qu'elle en pensera en l'écrivant...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 10 septembre 1874.

Sire,

J'envoie à Votre Majesté les journaux que j'ai pu faire recueillir où il est question des *Pléiades*. D'autres feuilles en ont encore parlé, mais d'une manière moins insistante et c'est ce qu'il y a de plus apparent. *La Gazette d'Augsbourg* a aussi un article et Lord Lytton a fait un travail assez long dans une Revue anglaise, *The Fortnightly Review* que j'écris d'envoyer directement à Votre Majesté. C'est toujours à peu près le même ton. On me compare à Mérimée, à Stendhal, à l'*Astrée*, à Jean-Paul. Il faut absolument être comparé à quelqu'un ou à quelque chose. Ce n'est jamais juste; mais on cherche la filiation et, sous ce rapport, on n'a pas tort. En ce moment ma *Fleur d'Or* m'occupe d'une manière presque exclusive avec de nombreux dessins que je fais et mon buste de *Queen Mab* dont le marbre a très réussi. Je suis à commencer la Ve. et dernière partie de la *Fleur d'Or*. J'ai une préoccupation extrême de ce que pensera Votre Majesté de ce livre et je voudrais bien qu'il plut à l'Empereur. J'y mets tout ce que je peux de force, de couleur et je tâche de trouver le fond des choses et des idées.

Nous avons fini avec le Congrès scientifique à Stockholm. Après le Congrès antihistorique sont venus les statisticiens qui ont fait fort peu de bruit. Si les Pré-

historiques ont obtenu un résultat quelconque, c'est de laisser entrevoir que de pareilles réunions étaient, au fond, ridicules. Il y est fort peu question de travailler et beaucoup de se produire devant les grands personnages, de se faire amuser, flatter et promener, et, franchement, cela n'en vaut pas la peine. Je suis, du reste, content que Bertrand ait enfin pris le courage de rompre avec l'Histoire au point de vue des Géologues et de réclamer pour l'histoire raisonnable. Nous voyons arriver l'expédition autrichienne du pôle Nord. Elle a fait un terrible voyage et, après la perte des bâtiments, a traversé sur des traîneaux et dans de petites embarcations une série de glaces flottantes pendant quatre vingt dix jours. On ne peut mieux faire ni plus hardiment. Ils ont découvert une région polaire qui leur a paru continentale, où la végétation était extrêmement pauvre; la faune presque insignifiante. Leur intention est d'appeler ce triste domaine Franz-Joseph-land. Le Roi Oscar a invité un des deux chefs à passer par Stockholm dans sa traversée de retour et je le verrai probablement ces jours-ci. Nous avons de même Monsieur le baron de Hubner, l'ancien ambassadeur d'Autriche à Paris et à Rome dont Votre Majesté a probablement lu le voyage aux Etats-Unis, au Japon et en Chine. C'est un livre sage, froid, sec, composé sur un examen sommaire de quelques jours soutenu par des mémoires reçus de toutes mains sur les lieux. Il n'en faut pas davantage pour produire un livre honnête qui ne peut servir à rien du tout qu'à son auteur quand il aime les hommages. M. de Hubner arrive de Pétersbourg où on l'a reçu et traité mieux qu'on n'eût fait le Messie et le Roi Oscar lui prodigue un pareil traitement tant on a peur que de cette plume voyageuse tombe sur une Cour ou un Gouvernement une observation imprimée de nature dénigrante. Voilà donc M. de Hubner qui n'est plus ambassadeur, pourvu d'une excellente profession. J'ai vu beaucoup de voyageurs français tous ces temps-ci, leur langage donne peu d'espérances: les uns ne se rappellent pas du tout de 1870, et tiennent pour article de foi que l'univers a les yeux tournés sur la France avec une intense jalousie; les autres imaginent qu'il s'établira une République solide menée par une gerontocratie de notaires, d'avoués, de médecins et d'industriels retirés des

affaires. En attendant, le socialisme gagne immensément en Allemagne et les questions religieuses lui viennent en aide. Je crains bien que M. de Bismarck ne voie dans ses vieux jours les flammes des incendies radicaux comme Charlemagne mourant apercevait de sa fenêtre les barques normandes.

Votre Majesté connaît-elle *Aus der Petersburger Gesellschaft von einer Russen!* C'est très curieux et donne l'idée la plus juste de ce qu'est la Russie actuelle...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 15 septembre 1874.

Sire,

Je reçois à l'instant la lettre de Votre Majesté du 14. Si je la comprends bien, elle dissipe mes inquiétudes et mon ennui et vous avez de nouvelles espérances pour Madame la princesse Impériale. Je suis tiré d'une grande peine. Être si loin n'a pas dans ses moindres soucis de ne savoir jamais comment penser sur ce qui est arrivé il y a un mois. Quand on l'apprend, tout est mieux ou plus mal. Maintenant tout est mieux et j'en bénis le ciel. Votre Majesté aura ce qu'elle désire tant et moi aussi car les désirs de Votre Majesté sont aussi les miens. Je dois donc avouer que cette lettre me fait un plaisir extrême et je veux vous l'exprimer tout de suite, Sire, bien que vous ayant écrit il y a trois jours. J'ai fait partir par le Consulat général de Copenhague le paquet de journaux sur les *Pléiades* que Votre Majesté a eu la bonté de me demander et qui doit compléter ses impressions. J'ai bien hâte de voir aussi la partie critique maintenant que je sais que l'effet d'ensemble a été favorable et comme j'ai bien réfléchi en écrivant ce livre, je me défendrai, je pense, non pour avoir raison, mais pour développer davantage certaines idées. On m'a dit que j'avais mis trop de choses dans cet ouvrage et qu'il y a matière à plusieurs livres. Je n'ai jamais trouvé inopportun

de fournir ainsi à quelques personnes dans le monde des sujets de réflexion et des thèmes inachevés qu'elles complètent et je crois qu'un écrivain digne de ce nom doit toujours faire en sorte que de son oeuvre il en puisse sortir d'autres. Du Royardo est sorti l'Arioste et de l'Astrée tous les romans de Scudéry et de la Calprenède. Ma *Fleur d'Or* qui ne ressemble à rien de ce que j'ai écrit par la forme, contient aussi beaucoup de notions que je n'avais jamais exprimées. Les quatre premières parties sont faites; il n'en reste que la cinquième à écrire. Néanmoins, c'est en ce moment que je sens combien ce plan est vaste et tout ce que j'ai à faire encore pour le mener à bien. Avant de commencer la Ve. partie, j'amène les quatre premières à un point d'achèvement qui me coûte beaucoup de peines. Ce qui est surtout difficile et lourd, c'est de recueillir, de conserver dans sa mémoire et de faire entrer dans l'inspiration créatrice, des quantités d'éléments d'histoire, de critique d'art et d'anecdotes dont rien ne doit être dérangé de sa date pour ne pas perdre son vrai jour. Composer et inventer dans une donnée si exigeante et rester libre avec tant de chaînes est une affaire bien lourde. J'espère que je m'en tireraï et que j'aurai fini cette année. Je veux que le succès des "*Pléiades* m'oblige à faire mieux et plus grand et je ne me suis jamais senti une ambition si forte d'y parvenir. Comme je sens pour mon compte la perte de mes dimanches dans cette situation d'esprit où je me trouve! Je m'imagine quel charme cela aurait pour moi et quelles facilités pour mon travail et quel excitant perpétuel j'aurais à causer avec Votre Majesté de la nature, de l'espèce et du fond de tempérament de Machiavel, de Jules II, de Léon X et des artistes! Comme il y aurait des développements trouvés de suite dans l'élan de la conversation que je ne trouve que froidement par la réflexion! Mais ces dimanches, je ne les oublierai jamais. Si le bonheur voulait que je réussisse dans le plus cher de mes vœux et que je pusse acquérir une petite indépendance de travail qui me permit de commencer une vie nouvelle, je fais entrer dans mes combinaisons d'aller chaque année passer un temps auprès de Votre Majesté. Pourquoi cela ne serait-il pas possible? Que je vende un peu mes livres et que mes bustes aient cette année la

chance pour eux à l'Exposition de Paris où j'en enverrai deux et peut-être trois, *Queen Mab*, *Coriolan* (en bronze) et un buste-portrait, et tout pourra commencer à aller bien. Adieu, Sire, les miens sont en Grèce et se portent bien...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 4 Octobre 1874.

Mr. le comte,

Reçu vos lettres si intéressantes et pleines de sincère affection du 30 Juillet et du 26 Août. Comparez les dates et croyez que je voudrais vous écrire plus souvent.

Ma fille se porte à merveille; réjouissons-nous. Ma femme souffre toujours plus ou moins; je suis toujours assez fort encore, pour la volonté surtout.

Ce que je regrette profondément, c'est de ne pas pouvoir étudier aussi longtemps que le faisais, sans me fatiguer.

Vous savez déjà que je ne suis pas Darwiniste, et je ne comprends même où veulent aboutir ces Messieurs.

Eh bien, j'accorde que le bathybius Haeckeiuss a été leur Adam, mais qui a créé l'albumine? Est-ce qu'ils y mettent Dieu?!! Ne vous occupez pas à combattre ces fantaisies-là et envoyez-moi, vite, votre *Renaissance*. Pourquoi parlez-vous ainsi de Quatrefages? C'est un homme sensé et qui a rendu de bons services aux sciences naturelles.

J'attends avec impatience les procès-verbaux du congrès pré-historique de Stockholm et, après les avoir lu, nous en causerons sans avoir, hélas, nos dimanches.

Alexandre Bertrand, n'est-il pas le mathématicien? Qu'est-il allé faire dans le congrès ainsi que Berthelot? Rappelez-moi au souvenir de celui-ci et dites-lui que sa correspondance sera pour moi d'un haut prix.

Sur les très vieilles antiquités, je dirai seulement qu'il faut les appuyer sur des preuves vraiment scientifiques. Je suis friand d'archéologie, mais je trouve que 10 à 11 ans pour d'homme n'est déjà qu'une trop grande responsabilité pour lui.

Voilà mon bout de temps fini et je ne pourrais ajouter que ce que vous devez attendre pour vous et les vôtres de la part de

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 6 novembre 1874.

Sire,

J'attends tous les jours des nouvelles de Votre Majesté et je trouve qu'il y a longtemps que je n'en ai reçu. Je crains que Votre Majesté ne soit occupé par de-là le possible et je voudrais bien aussi savoir comment se trouve Madame la Princesse Impériale. J'espère que la santé de Son Altesse Impériale ne donne plus de soucis; mais je voudrais le savoir positivement. On me dit que l'Empereur médite un nouveau voyage en Europe pour l'année prochaine. Cette idée m'a tout à fait saisi et me préoccupe extrêmement. Je supplie Votre Majesté de me dire alors où et comment je pourrai aller La rejoindre et ne pas manquer cette occasion admirable de La voir. Je suis donc dans une espérance qui m'enchanté. Je pense que l'Empereur aura reçu les journaux parlant des *Pléiades* que je lui ai envoyés, au moins ceux que j'ai pu me procurer. Les autres ou je ne les ai pas vus, ou même je n'en ai pas eu de nouvelles. Votre Majesté a vu sans doute aussi l'article dans le *Correspondant* sur le Brésil. Je viens d'achever la *Fleur d'Or* et je m'occupe activement des corrections. J'espère que ce livre paraîtra au commencement de l'année prochaine. J'avoue que j'en attends quelque chose et tout ce que je puis dire c'est que j'ai fait de mon mieux pour rendre le plus saisiss-

sant possible le tableau des caractères, des intérêts, des hommes, des choses en Italie pendant la grande période de la Renaissance. En somme, je me trouve en ce moment achevant à la fois tout ce que j'avais commencé depuis quelques années, la *Fleur d'Or*, les *Nouvelles Asiatiques*, en prose, l'*Amadis* et *Béovulf* faits au Brésil, corrigés ici et *Olaf Tryggvason* écrit en vers. Je viens aussi de terminer un grand buste de Fauna et je me trouve sur le point de commencer un monument funéraire en marbre de deux figures de grandeur naturelle que je crois que je vais faire pour l'Italie. Quand ce sera tout à fait conclu j'en parlerai à Votre Majesté, car je suis tout à fait et pour bien des raisons diverses, enthousiasmé de cette affaire. J'ai aussi fait la maquette, l'ébauche d'un "berserk" scandinave allant au combat, le corps nu et l'épée nue. Je suis d'autant plus en train de travailler que ma santé, détestable depuis deux ans, paraît se raffermir un peu.

Votre Majesté a certainement entendu parler de la nouvelle Revue allemande *Deutsche Remdsetrau*. Le premier cahier n'est pas très remarquable. Il a, à mes yeux, l'immense défaut de singer la *Revue des Deux Mondes*, type assez vieilli, et surtout très français. On est en droit d'attendre de l'originalité de ce qui se fait à Berlin; sans quoi que valent les prétentions? Je ne m'aperçois par qu'on produit grand chose nulle part en ce moment. Votre Majesté voit où en est le mouvement des esprits en France. Il tourne sur lui-même et l'élection du Pas-de-Calais et celle de l'Oise montrent le bonapartisme *redivivus*. Je ne sais si toute cette agitation finira au profit des Napoléon qui, dans tous les cas, n'obtiendront ni plus de majorité, ni plus de solidité d'attachement, ni partant, plus de durée possible que les autres partis; mais que tout finisse par une dictature transitoire, c'est, je crois, évident. Pour l'amour des principes, l'Italie, de son côté, semble s'occuper de bien établir que la race latine n'est pas plus définitivement sûre de ce qu'elle veut que partout ailleurs.

Adieu, Sire, je serai bien heureux quand je saurai comment se trouve, moralement et physiquement, Votre Majesté et aussi quand Elle fera son nouveau voyage. Les miens sont tous en Grèce et bien portants...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 17 novembre 1874.

Mr. le comte,

Je viens de recevoir vos deux dernières lettres et les journaux où l'on parle des *Pléiades*. On fait généralement justice au mérite littéraire de cet ouvrage et je ré-pète bien qu'à lecture m'a vivement intéressé. Il me sem-blait vous entendre causer et je regrette encore davan-tage nos bons dimanches. Ecrivez-moi aussi souvent que vous le voudrez et si je ne fais pas de même, vous en savez le motif.

Les santés sont passables ici; car ma femme souffre toujours plus ou moins et je ne me sens pas encore aus-si bien qu'à mon retour d'Europe. Si je pouvais du moins étudier comme naguère! Mais le sommeil me poursuit et j'ai trop besoin de me reposer.

Quand votre nouveau livre viendra-t-il me donner quelques heures de lecture à n'en pas démordre?

Cependant, j'ai toujours la même volonté pour le tra-vail et je regrette surtout de ne pas en retirer le même profit dans la journée. La causerie me manque beau-coup et les affaires grossissent...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 13 novembre 1874.

Sire,

Je reçois la lettre de Votre Majesté du 4 octobre et je répons de suite. J'ai été d'autant plus heureux qu'il y avait bien longtemps que je n'avais des nouvelles de l'Empereur. Je vois que les choses vont aussi bien qu'el-les peuvent aller, c'est tout ce qu'on peut demander à la vie, bien qu'on la sollicite pour donner bien davantage.

Madame la Princesse Impériale va bien. C'est le point capital et j'en suis heureux au delà de ce que je puis dire. Votre Majesté me dit que l'Impératrice est un peu souffrante. J'espère que cela n'a pas de gravité et ne constitue qu'un état de malaise. C'est déjà trop; pour Votre Majesté, c'est surtout le temps d'étudier qui manque. Hélas! Il manquera toujours quelque chose! Étudier, pourtant, est aujourd'hui, d'un intérêt si vital! C'est moins l'esprit des contemporains qui me touche et m'intéresse (car en somme le niveau est bas) que les faits développés par la des choses.

La question religieuse devient chaque jour plus grave en Allemagne. L'incident de Cologne, ce prêtre enlevé à l'autel, le banc de communion brisé par la police, l'émeute dans l'église, il y a du Bas-Empire là dedans. En France le catholicisme prend une physionomie qu'il n'a jamais eu dans aucun temps; c'est l'envers du gallicanisme de Louis XIV, cela n'a rien de commun avec le mode d'ultramontanisme des ligueurs au XVI^e. siècle. Il semblerait que toute idée dogmatique et théologique s'efface pour faire place uniquement à une doctrine d'obéissance peu raffinée. C'est que les imaginations, dans tous les camps, deviennent à vue d'oeil, ignorantes, grossières et portées à l'absolu brutal. C'est la forme la plus faible du raisonnement.

Votre Majesté me reproche de faire peu de cas de Monsieur de Quatrefages. Je dirais, pour ma défense, que je ne lui dénie pas une science des détails et des petites découvertes dans le domaine des sciences naturelles. Mais je lui reconnais encore bien davantage l'esprit charlatan. Ces opinions philosophiques, à la manière française actuelle, ont toutes un but et une couleur de parti et non pas de parti qu'on veut soutenir, mais de parti par lequel on veut être soutenu et dont on prétend tirer des avantages positifs. Ce trait du caractère de la plupart des savants français et des applications qui me rebutent et me dégoûtent extrêmement, Monsieur de Quatrefages est un des types les plus marquants de cette mesquinerie. Aussitôt que les procès-verbaux préhistoriques seront prêts, je les enverrai à Votre Majesté; mais Elle trouvera les résultats bien pauvres. Votre Majesté a bien raison de faire peu de cas du darwinisme. Je

viens de lire tous les chefs d'oeuvre de l'Ecole, y compris le livre violent, hautain, cassant, du professeur Haeckel. J'ai pris des notes en grand nombre: vraiment, je ne sais même pas où attaquer cela. La réflexion le voit tomber en poussière sans même y toucher. C'est un des signes des temps que le darwinisme et les théories préhistoriques. Décidément, je les laisserai faire leur sabbat et ne m'en mêlerai pas. Cela n'en vaut vraiment pas la peine.

J'ai fini le buste de ma *Fauna* et je l'enverrai prochainement à Votre Majesté en photographie. Je souhaite qu'il lui plaise plus que l'*Amour blessé* bien que celui-ci ait été rendu fort mal et non pas tel qu'il est.

J'achève les corrections de la *Fleur d'Or*, complètement terminée. Il est possible que ce livre paraisse dans le commencement de l'année prochaine et je suis bien désireux de savoir ce que Votre Majesté pensera de ce tableau du XVIe. siècle. Je termine aussi les corrections de l'*Amadis* que Votre Majesté connaît. Ainsi, avant le premier janvier, j'aurai achevé tout ce que j'ai fait à la fois et je commencerai ensuite les *Voiles Noirs*, qui sera un nouveau roman, pendant des *Pléiades*. Peut-être, je pourrai aussi annoncer à Votre Majesté prochainement un nouveau et grand travail; mais il me faut pour cela des moyens que je n'ai pas en ce moment. Peut-être qu'ils me viendront. Votre Majesté a-t-elle reçu le catalogue de mes Intailles? Adieu, Sire...

CAPITULO IX

ANNO DE 1875

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 16 Janvier 1875.

Sire,

J'ai la lettre de Votre Majesté du 17 novembre et, au fond, je vois que la santé de l'Impératrice n'est plus tout à fait aussi bonne qu'autrefois et que Votre Majesté se fatigue si bien et s'épargne si peu que le malaise sinon la souffrance est aussi plus fréquent que lorsque j'étais à Rio. J'en suis aussi peiné que possible, d'autant plus que, je le crains fort, le climat mou et humide n'est pas très propre à remettre ni l'Impératrice ni Votre Majesté. Je n'ai donc pas eu besoin du jour de l'an pour savoir où mes vœux et mes souhaits les plus vifs et les plus attachés devaient aller chercher leur but. Je voudrais bien que tous ces nuages affaiblissants s'effacent et que la force vitale ait toute sa latitude et toute sa force. J'ai été tout le mois de décembre dans mon lit avec une attaque aigüe de maladie de foie. Je ne me remets pas vite. Madame de Gobineau marie Christine à Athènes à un Capitaine grec qui est fort bien vu du Roi et qui, ayant fait la guerre sept ans en Afrique au service de la France, a pris part aux désastres de 1870 et a été fait prisonnier à Sedan. Madame de Gobineau et Christine me chargent bien respectueusement de toutes les expressions de leur dévouement pour l'Impératrice et pour Votre Majesté. J'ai pourtant fini *La Fleur d'Or*. Le manuscrit est parti pour Paris et j'espère que je ne tarderai pas trop longtemps à pouvoir envoyer le volume à Votre Majesté. Cela ne ressemble en rien aux *Pléiades*. Je voudrais que la même bonne fortune suivit cette nou-

velle oeuvre et je me flatte que le sujet au moins intéressera Votre Majesté qui a pour les Arts de la Renaissance un goût si vif.

Je n'apprends pas qu'on produise dans ce moment grand chose en France dans l'ordre des travaux de l'esprit. Le nouvel Opéra s'est fait qualifier de chef-d'oeuvre d'une décadence bourgeoise; d'après tout ce que j'en apprend, il semble que ce jugement est vrai et accablant. Mais l'essentiel de toute décadence et de toute bourgeoisie étant d'être enchanté de ce qu'elles font, on est naturellement content et pourvu que je n'en sois pas, je n'y trouve rien à redire.

A Rome, on annonce des découvertes sur le mont Esquilin qui doivent être de la première importance si elles sont vraies. On ne parle rien moins que d'une statue de Vénus qui soutiendrait la comparaison avec ce qu'on connaît de plus beau. Je serai bien ravi de voir cette nouvelle se confirmer. Cela console de bien des choses.

En Allemagne, le troisième roman de la série de *Freitag die Ahnen* a paru. Probablement Votre Majesté a déjà reçu le volume. Je ne fais que de le commencer. Mais il me semble que l'Allemagne devient chaque jour plus semblable à l'Occident, en ce sens que les préoccupations matérielles, soit politiques, soit économiques y prennent plus de place. Dans ce sens, Votre Majesté a pu voir que la transformation du système monétaire et la suppression de l'étalon d'argent qui en est le corollaire, amènent des crises pour avoir été faites un peu brusquement. Mais la brusquerie est un peu le caractère de la grandeur actuelle de l'Allemagne et si on brusque M. d'Arnim, on ne brusque pas moins les évêques. Ici, nous allons avoir l'ouverture de la Diète, en présence d'un budget de recettes soldé par un excédent de treize millions de sindales et de trois millions d'autre provenance. Ce qui mettra tout le monde en bonne humeur si la passion militaire qui fait proposer le service obligatoire dans un pays qui n'est pas soldat le moins du monde, ne vient pas jeter un peu de discorde entre le Gouvernement et les Chambres...

D. Pedro II a Gobineau

Petropolis, 21 Janvier 1875.

Mr. le comte,

C'est un ami qui vous souhaite la bonne année.

Les santés sont passables; mais il me reste toujours peu de loisir pour mes occupations de prédilection. Que vous êtes heureux de pouvoir faire déborder l'activité de votre esprit dans de nouveaux ouvrages littéraires et artistiques.

Votre *Fleur d'Or* m'intéresse déjà vivement. Je vous en parlerai le plus long que je pourrai et quoique les articles de journaux préviennent, en partie, mes réflexions.

J'aime à être au courant de ce qui se fait dans le monde, et même dans celui des artistes, et cela prend énormément de temps. J'ai trouvé aussi un allemand très fort dans les études philologiques, le Dr. Henning, et je me suis mis au sanscrit. Je comprends qu'il faut aussi donner quelque chose de soi; mais je crains de le faire dans ma position où l'on doit garder trop de réserves. Ma tête bouillonne souvent et ce que je verserai sur le papier aurait du moins le mérite de la sincérité; mais le manque de loisir?

Encouragez moi et peut-être je vous enverrai quelque chose, un jour. Je ne connais pas la revue allemande dont vous me parlez et, de plus, je ne puis faire des lectures régulières.

Vous êtes sûr du plaisir que j'ai eu de prendre part à votre joie de grand père, et je vous prie de dire mille choses à tous les vôtres, auxquels se rappellent les miens et de me croire toujours

Votre bien attaché
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau á D. Pedro II

Stockholm, 14 Mars 1875.

Sire,

Je reçois la lettre de Votre Majesté du 21 Janvier et elle me fait un plaisir extrême pour bien des raisons. D'abord, je suis très content de vous voir vous occuper du sanscrit. Il y a dans le mécanisme incomparable de cette langue des langues, une puissance qui ne manquera pas de charmer l'esprit de Votre Majesté et je suis si convaincu que l'organisation de l'Empereur est faite pour goûter tous les bonheurs qui viennent de l'intelligence que cela me plaît particulièrement de voir s'en ouvrir à sa portée une nouvelle source. Avec tout cela, ce qui me plaît encore davantage, c'est que Votre Majesté me permette de la presser de produire et de donner. Je ne pense pas qu'un homme plus qu'un arbre soit en droit pour une considération quelconque de refuser de porter les fruits qu'il est propre à former et ce n'est pas tant pour les autres que pour lui-même qu'il ne peut pas s'abstenir ainsi. Il n'y a rien de plus sain pour l'âme et pour l'esprit que de prendre la peine de développer les germes qui sont en eux et je suis parfaitement convaincu que Votre Majesté éprouverait la satisfaction la plus légitime, la plus pure et la plus noble à s'abandonner au plus naturel des attraites et à publier l'oeuvre qui lui en paraîtra, à elle-même, digne. Et je ne crois pas que ce mot *digne* implique nécessairement une conviction chez l'auteur qu'il a fait un chef d'oeuvre. Ce ne sont pas les auteurs qui font les chefs d'oeuvre; mais le temps, les circonstances, mille causes extérieures auxquelles on ne peut rien, il s'agit seulement de pouvoir se dire qu'on a fait de son mieux. Je crois alors qu'on est content, et surtout, qu'après un tel devoir accompli on est plus fort. Voilà pourquoi je conclus que l'Empereur devrait bien passer par dessus des considérations qui peuvent être fort bonnes, mais qui, en définition, sont purement conventionnelles.

J'ai des ennuis d'éditeurs qui retardent la publication de ma *Fleur d'Or*, laquelle aurait déjà dû être prête à cette heure. Le manuscrit est à Paris et je ne sais à qui le donner. Votre Majesté ne saurait s'imaginer à quel point on lit peu maintenant en France. Un ouvrage en un volume a grand peine à se faire accepter et ce qui rend tout difficile pour la *Fleur d'Or*, c'est qu'elle en a deux. Je suis convaincu que nous allons au devant du temps où, positivement, on ne lira plus du tout que les journaux, et encore, de tous les journaux, ceux qui sont les plus lus sont ceux qui présentent la plus faible dose de prétention au sérieux.

J'ai envoyé trois marbres à l'Exposition de cette année qui ouvre au 15 avril. Je suis très préoccupé de ce qui en arrivera et j'avoue que je désire extrêmement un succès de ce côté. Comme je serais heureux de pouvoir annoncer à Votre Majesté que j'ai ce que je souhaite! Je viens, en attendant, de finir ici le buste de *Fauna* et j'achèverai la semaine prochaine une tête voilée pour rendre l'impression des andante des Sonates de Beethoven; cette tête s'appelle: *Sonata appassionata*. Malheureusement, je suis si peu bien portant ou pour mieux dire si malade et je passe des semaines entières sans pouvoir dormir. Le résultat est une tristesse morne qui n'est pas trop dans mon tempérament. Il faut pourtant travailler avec tout, à travers tout et malgré tout...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 10 avril 1875.

Sire,

Je n'entends parler ici que de la prochaine arrivée de Votre Majesté. Tous les journaux l'annoncent comme certaine et je ne m'étais pas figuré que l'Empereur viendrait si loin dans le Nord. Je croyais que Votre Majesté irait aux Etats-Unis et en Orient, mais comme je vou-

drais m'être trompé! Et pouvoir reprendre pour le plus longtemps possible mon service de Paris dont je me rappelle toujours! Si l'Empereur vient ici, Il trouvera la Suède un peu différente de mes appréciations d'il y a deux ans et, pour cela, plus intéressante à un certain point de vue. En 1866, ce pays est devenu constitutionnel, à la manière moderne. Il a deux chambres, et le système des quatre ordres a pris fin. Mais le Gouvernement et l'Administration ont continué à fonctionner d'après les précédents anciens. D'autre part, le pays ne sait pas encore manier ses institutions actuelles; de là, un temps d'arrêt qui a maintenu longtemps une paix profonde. Cependant, les questions financières se sont présentées. Le ministère a voulu les traiter comme il en avait l'habitude. La Diète les revendique et, tout doucement, on en vient à vouloir imposer à la couronne un Ministère du goût de la majorité parlementaire, c'est-à-dire formé d'une façon toute nouvelle. De là, de grands étonnements de part et d'autre. Le Roi, la Cour, sont disposés à considérer comme des novateurs dangereux les conservateurs des deux Chambres; ceux-ci insistent pour leur droit. Il y a quelque chose d'analogue dans cette situation aux malentendus de 1790 entre le roi Louis XVI et les droits modérés de la Constituante. Je ne crois pas qu'il faille pousser trop loin la comparaison; mais il me semble, en tous cas, que lorsqu'un pays, à tort ou à raison, s'est donné la forme actuelle, il est conséquent de s'attendre à ce que le parlement, souverain en matière financière, veuille sa part dans le maniement des affaires. En réalité, il y a ici une perturbation évidente de l'équilibre et il faut s'attendre à des nouveautés. Je ne sais si le Roi le comprend complètement.

En fait de livres, je ne vois rien de nouveau. Votre Majesté reçoit sans doute, la nouvelle revue allemande *Deutsche Riendschau*. On en veut faire dans le nord la rivale de la *Revue des Deux Mondes*. C'est, au fond, une querelle d'influence entre les deux langues et, à ce titre, assez curieux et intéressant.

Monsieur Georges Smith a publié sous le titre d'*Assyrian Researches* ses élucubrations sur les briques cunéiformes racontant le déluge de Visu. Comme je ne crois rien de toutes ces belles choses, je n'ai pas lu le volume.

J'ai tous les ennuis du monde pour la *Fleur d'Or*. Comme elle peut faire deux volumes avec les introductions partielles qui séparent les cinq parties, les libraires n'en veulent pas. Il ne faut plus en France que de la littérature à très petites doses. Je ne sais comment tout cela finira; mais c'est bien ennuyeux.

J'ai fait un buste inspiré par la *Sonata appassionata* de Beethoven et j'ai envoyé la *Valkyrie*, la *Queen Mab* et l'*Etoile du Soir* à l'Exposition de Paris. C'est la première fois que je suis bien anxieux du résultat.

On traduit les *Pléiades* en allemand...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm 29 avril 1875.

Sire,

Les jours se passent ici dans les infiniment petits. Il y a une crise ministérielle qui ne peut ni se dénouer ni se renouer et le Roi va s'en aller faire un voyage en Norvège, pour revenir ici et s'en aller en Allemagne et revenir encore et repartir pour Saint Pétersbourg et, enfin, rentrer tout de bon chez lui et s'asseoir, s'il plait au ciel, et puis rien. Il y a dans ce moment une sorte de lourdeur d'atmosphère qui pèse sur l'Europe et l'empêche de vivre. On assure que tout est pacifique, paisible, qu'il n'y a rien de menaçant nulle part et personne n'en croit rien. On ne peut pas dire qu'on vive au jour le jour, car on ne vit pas à proprement parler et le malaise est universel. Au fond, il faut bien convenir que toute situation anormale est difficile à subir. Une seule puissance prépondérante et considérée en ce moment comme toute puissante, c'est un poids bien lourd. Cette puissance, elle-même, est gênée par l'embarras de son rôle qu'elle a peur de voir cesser. Elle est celle qui crie le plus qu'on la menace et qu'elle a peur du mal qu'on peut lui faire. C'est elle qui réclame des garanties de

ses voisins et qui veut intervenir jusque dans leurs législations. Elle ne se croit pas assez de barrières autour d'elle et elle aurait précisément besoin de se bien pénétrer de notre histoire à nous de 1805 à 1812. Mais je crois que, loin de là, elle ne cherche qu'à imiter notre politique d'alors et j'en conclus, qu'elle joue gros jeu et court de gros risques. Je n'ai jamais considéré que comme la plus lourde sottise qui ait jamais été dite ce mot: "Il y a quelqu'un qui a plus d'esprit que Voltaire: c'est *Tout le monde*". "*Tout le monde*" me fait, au contraire, l'effet d'être la plus lourde bête qui ait jamais mangé le foin du Bon Dieu. Mais, précisément, en raison de cette supériorité, si Monsieur le Prince de Bismarck continue à agacer, à irriter, à inquiéter tout le monde, le buffle se retournera contre lui et, si je ne le crois pas plus spirituel que Voltaire, je le crois plus fort qu'Hercule, parce qu'il est tout le monde. La conséquence en est que je ne suis pas convaincu de la solidité de l'alliance des Trois Empereurs, attendu que je ne vois pas l'élément constitutif de cette solidité bien que comprenant à merveille comment l'alliance existe pour le moment. J'avoue que je ne crois pas à une bien longue durée du *Statu-quo*.

De la littérature, il n'y en a pas, surtout en France. Tout en me disant les choses les plus aimables du monde, tous les éditeurs protestent qu'il leur est impossible de publier ma *Fleur d'Or* parce qu'elle est en deux volumes et qu'il n'y a personne désormais qui songe à lire deux volumes. Je n'ai rien à faire ici. Je voudrais aller ailleurs, d'autant que j'ai bien des motifs pour le vouloir. Si l'Empereur veut bien entendre ce que la Comtesse de Barral lui en dira sans doute, peut-être me peut-il venir de l'aide du côté de Votre Majesté. Je conviens franchement que je suis un peu ennuyé et découragé; ce n'est la faute de personne mais du temps et j'ai bien mal fait de venir au monde à une époque où il n'y a pas grand chose pour moi. Pourtant comme j'y suis, il faut que je me tire d'affaires. J'espère que Votre Majesté est bien portante et réalisera bientôt ses projets de voyage. J'y suis tellement intéressé que, naturellement, j'y pense sans cesse...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 18 Juin 1875.

Sire,

Il me semble qu'il y a bien longtemps que je n'ai reçu des nouvelles de Votre Majesté et involontairement, j'attends de jour en jour. J'espère, pourtant, qu'il n'y a rien de fâcheux pour la santé de l'Empereur ni de l'Impératrice et je me console avec cette idée. Nous avons vécu ici dans le calme profond qui nous est ordinaire. Le Roi a fait son voyage d'Allemagne qui a donné lieu à beaucoup de dits et de contredits. Mon impression est que le Souvèraiu d'ici a dans l'imagination un besoin assez vif de coquetterie. Son langage, dans le sens aimable, a une certaine tendance à ne pas rester toujours dans les limites de sa pensée et celle-ci, à son tour, peut, quelquefois, s'emporter au-delà de l'utile. De sorte que, dans tous les cas, eût-il dit même tout ce qu'on veut qu'il ait exprimé à Berlin, il n'en résulte pas qu'il ne soit tout aussi empressé dans son futur voyage à Pétersbourg et, s'il allait à Paris, je ne serais pas étonné qu'il en fut absolument de même. Après tout, il n'est pas à nier qu'il a les prédilections de la Reine, princesse fort allemande; mais, en cas de besoin, on peut être infidèle même à ses prédilections. Ce qui paraît vrai, c'est un mot qui court ici que son projet d'organisation militaire déjà mal reçu à la dernière diète a beaucoup de chances de l'être plus mal encore à la Diète future, parce que les Suédois ont peur de se trouver engagés dans les prévisions guerrières qui peuvent se réaliser en Europe.

Je ne sais si Votre Majesté a connaissance de quelques livres intéressants. Je n'en vois pas beaucoup. La correspondance d'Ampère ne m'a pas produit autant d'effet que sur le sentiment parisien qui, me dit-on, en raffole. On est en train, en ce moment, de fabriquer des demi-dieux avec des gens qui ne me semblent pas être même des héros et, comme je les ai connus, j'avoue que je ne puis pas me décider à entrer pour quelque chose dans leur culte. Le livre le plus connu d'Ampère

et presque le seul connu, c'est son *Histoire Romaine à Rome* dont toute la valeur est d'avoir rigoureusement compilé tous les motifs d'allusion contre l'Empereur Napoléon III. Je conçois le livre de Lanfrey contre le premier membre de la dynastie, mais je n'aime pas cette application symbolique de l'Histoire. Ampère n'a été qu'un amateur comme à peu près tous les hommes remarquables de sa génération et ces amateurs-là ont créé, non pas 1870 peut-être, mais tout ce qui s'est passé depuis et ce qui se passera encore, ce qui est plus grave même que la dernière guerre.

Je vais partir demain pour Paris où je passerai 15 jours et, ensuite, pour Karlsbad, n'étant nullement bien portant. Je tâcherai de publier la *Fleur d'Or*, soit en Allemagne soit en Belgique, puisque tout livre un peu gros est impossible en France en ce moment. Cela ne m'empêche pas de travailler aux *Voiles Noires* dont j'ai fini la première partie.

J'ai un buste à l'Exposition de Paris, la Valkyrie et on me dit qu'il a du succès.

Adieu, Sire, si Votre Majesté daigne m'écrire on me renverra les lettres où je serai. Je reviens d'ailleurs dans six semaines ici...

Gobineau a D. Pedro II

Carlsbad, 15 août 1875.

Sire,

C'est d'ici que j'écris à Votre Majesté et comme on peut écrire des eaux où le traitement vous laisse à peine assez de tête et de volonté pour savoir ce qu'on fait. Mais j'ai été si malade l'hiver dernier qu'il fallait faire quelque chose et je le fais. Comme je trouve qu'il y a longtemps que je n'ai reçu la moindre nouvelle de l'Empereur! Je ne crois pas qu'aucune cause mauvaise soit pour rien dans ce silence mais je voudrais bien qu'il finisse. J'ai eu l'existence la plus agitée depuis six semaines. Je suis parti pour Paris en congé avec l'idée de demander et

d'obtenir le changement de poste dont j'avais parlé à Votre Majesté. Quand j'ai été sur les lieux, je me suis rendu compte que ce n'était pas trop faisable et que ce n'était pas non plus trop désirable. Je laisse donc aller les choses, espérant que, par ailleurs, je parviendrai à me dégager du service où tout est plus mûr pour la ruine que sous l'Empire, ce qui s'explique par cinq années de plus. Je me suis alors uniquement occupé des choses où il y a quelque résultat à attendre pour moi et j'ai été, en effet, plus heureux qu'à aucun autre temps de ma vie. J'ai vendu la *Fleur d'Or* à un éditeur, à un autre les *Nouvelles Asiatiques*; ces deux livres vont paraître l'hiver prochain. On m'a aussi acheté sur l'exposé du plan que j'en ai fait, l'*Histoire de ma famille* qui termine la trilogie de l'*Inégalité des Races* et de l'*Histoire des Perses*. Je suis d'autant plus ravi de cela que j'avais toujours craint qu'à force de retarder cet ouvrage, il dût être mon dernier. Enfin, j'ai appris avec bien de la joie que le buste de la *Valkyrie* avait réussi à l'Exposition et le marchand d'objets d'art chargé de mes intérêts, veut envoyer ce buste, celui de la *Queen Mab*, l'*Etoile du soir* et un bronze intitulé *Sonata Appassionata* (de Beethoven) à l'Exposition de Philadelphie. Comme couronnement, on m'a demandé, sans me connaître, un dessin pour le monument de la Duchesse Melzi sur le lac de Côme. J'ai fait le dessin et ensuite le modèle en cire qui a plu et je suis chargé de ce beau et intéressant travail. Je suis sûr que Votre Majesté comprendra toute ma joie d'avoir un monument qui a quelque importance (deux statues de grandeur naturelle) sur ce beau lac italien, au centre de l'Ecole du Vinci et de Luini. Il faut produire quelque chose qui en vaille la peine pour être digne d'une si grande compagnie. Le sujet est la Duchesse s'élevant vers le ciel, le deux mains étendues en avant et posant sur la main droite d'un ange à genou devant elle et l'élançant vers le ciel. De la main gauche, l'ange détache les épines de la vie qui retiennent encore les pans de la robe de la morte. Bref, je suis très content de toute cette partie de ma vie. J'obtiendrai peut-être un jour ma liberté et je recouvrerai la santé. Alors, Sire, si l'Empereur me le permet, j'irai bien présenter mes respects à Votre Majesté à Rio. Cela est un joli rêve pour moi.

En fait de publications nouvelles, je ne sais si Votre Majesté a lu *l'Histoire diplomatique de la guerre de 1875*. L'auteur, Monsieur Sorel, est de mes amis. Je suis persuadé que Votre Majesté sera vivement intéressé par cet ouvrage si elle ne l'a lu déjà. Il produit une grande sensation à Paris et est beaucoup plus sage et sérieux que tout ce qu'on a publié jusqu'ici. L'Allemagne devient bien militaire pour rester bien littéraire et bien pratique pour demeurer dans la science pure. Tout le monde ici (je dis le tout le monde qui n'y est pas intéressé d'une manière spéciale) voudrait la paix. Je ne sais si on y croit beaucoup plus que chez nous. Il y a cependant, une nuance singulière chez nous, on croit à la guerre pour le printemps, ici on y croit pour 1877. Je ne sais sur quoi l'on se fonde...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 15 Septembre 1875.

Mr. le comte,

Si je ne vous écris pas autant de fois que je le désirerais, c'est parce que les affaires semblent augmenter tous les jours et je commence à me fatiguer.

Je comprends comme vous devez être content. Moi aussi, je le suis et attends avec impatience vos nouveaux ouvrages. Je n'ai pas côtoyé la rive du lac de Côme où se trouve la ville Melzi, mais je l'ai vu de loin et cette promenade jusqu'à Cadenabbia m'a laissé les plus belles impressions. Vous devez être fortement inspiré pour votre groupe.

A quelques heures du lac se trouve Milan avec son beau monument de Vinci dont le sculpteur Magni vient de m'envoyer de belles photographies.

On m'envoie tant de choses d'Europe que vraiment je suis souvent dans de grands embarras pour tout examiner.

Ma tournée dans la province de Saint Paul m'a beaucoup intéressé. C'est une des provinces qui prospèrent le plus. J'y ai déjà parcouru plus de 700 Kilomètres de chemin de fer.

Je songe à mon voyage aux Etats Unis et en Europe, mais cela ne dépend pas seulement de moi. Je compte sur vous pour ce moment là.

Pourquoi ne me parlez-vous pas de ces sites de Carlsbad, dont je garde les meilleurs souvenirs?

Je suis sûr que les eaux et surtout l'hygiène vous auront remis tout à fait.

Ma fille se porte bien à Pétersbourg et j'espère vous donner bientôt l'heureuse nouvelle...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 9 octobre 1875.

Sire,

Je ne sais pas si Votre Majesté s'est aperçue qu'il y a au grand moins six mois que je n'ai pas reçu d'Elle la plus petite marque de souvenir et comme c'est une grande nouveauté qui n'est jamais arrivée depuis six ans, je ne peux pas dire ce que j'en éprouve, l'impression que cela me produit; mais il est certain que cela me fait une impression et si on me demandait si je ne la changerais pas pour une autre, je crois que je répondrais que si. Me voilà revenu ici et j'apprends par hasard parce que je lis peu les journaux par principe et que, pendant mes trois mois de voyage, je n'en ai pas même aperçu un, j'apprends par hasard que le voyage de Votre Majesté est décidé; mais je ne sais pas du tout le but ou mieux sans doute les buts de l'expédition ni de quel côté de la planète l'Empereur se dirigera. J'attends donc être mieux renseigné et je crois que ce désir va me faire lire les journaux. J'ai été, au fond, très content de mon voyage en Allemagne et ce que j'ai vu et entendu, m'a

fort intéressé. Il est malheureux que le grand pays où résonne le ya (ove il ya suona aurait dit le Dante), cesse si complètement d'être intellectuel pour devenir spécialement militaire et tendu de toutes ses forces à créer une grande industrie pour soutenir et substanter ses dépenses guerrières. Mais il faut reconnaître pourtant que les choses sont ainsi. Il nous faut absolument, me disait un officier, une armée qui embrasse toute la nation pour pouvoir mettre en jeu la somme entière de nos forces et cette armée, évidemment, nous ruine. Il nous est impossible de la maintenir longtemps avec nos ressources actuelles, c'est pourquoi nous serons forcés de faire la guerre pour rester ce que nous sommes. Je crois que le jugement est assez fondé et l'Allemand deviendrait ainsi, au centre de l'Europe, un *Raubvolk* qui menacerait également la France, l'Autriche, l'Italie, la Russie, les petits états, afin de prolonger son existence. Il est assez singulier qu'à force de civilisation, on en soit arrivé de nos jours, à établir sur une grande échelle, exactement le régime inventé et appliqué en petit par les burggraves du Rhin dont tous les livres libéraux disent tant de mal. J'ai continué mes recherches à Berlin dans le domaine artistique et, décidément, il n'y a rien de bien saillant. Le Musée contient fort peu de tableaux remarquables, sauf les fresques de Kaulbach contre lesquelles il y a beaucoup à dire mais qui ont pourtant bien de la grandeur, je ne vois rien, je n'ai rien vu qui m'ait fait une impression quelconque. Je suis, en ce moment, très ennuyé de ne pouvoir trouver dans tout Stockholm ni un atelier ni une chambre qui en tienne lieu. Je vais être forcé de faire en réduction le modèle du monument dont je suis chargé et que les ouvriers devront agrandir d'après une échelle donnée. J'eusse bien préféré exécuter de suite mon idée telle qu'elle doit être. Mais je cède à l'impossible. Je supplie pourtant Votre Majesté de ne pas m'oublier beaucoup plus longtemps. Ce qui augmente le mal, c'est que Madame de Barral ne m'a pas répondu non plus, de sorte que j'ignore autant ce qui arrive au Brésil que si la découverte n'en avait pas encore été faite. Adieu, Sire, je sens que ma lettre n'est pas fort intéressante mais il est bien difficile de parler tout seul...

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm, 15 octobre 1875.

Sire

Je reçois à l'instant la lettre de Votre Majesté du 15 septembre et je ne puis dire combien j'en suis enchanté. J'avais des inquiétudes de toutes sortes. Je me figurais presque que Votre Majesté était encore souffrante comme il y a deux ans et je suis bien heureux de ce que l'Empereur me dit de Madame la Princesse Impériale, du bien que lui a fait son séjour à Pétopolis. J'attends la fin avec une impatience extrême. Pour le voyage de Votre Majesté, c'est admirable! Je crois bien que l'Empereur doit compter sur moi. Je vis dans cette espérance et au premier signe, je ferai ce qui me sera ordonné. Je pense que Votre Majesté ira de Rio à New York d'abord, que l'Exposition de Philadelphie fixera par sa date, la date du départ de Votre Majesté et que l'arrivée en Europe n'aura lieu qu'ensuite, c'est à dire vers le mois de mai ou le mois de juin. Enfin, ce ne sont plus que des brouillards que j'ai devant les yeux, il y a aussi des certitudes. Je n'ai pas parlé de Carlsbad à Votre Majesté parce que je lui racontais d'autres choses par lesquelles j'étais possédé. En vérité, j'ai été on ne peut plus charmé de cette aimable et longue vallée si verte et si *menlich*. Mes yeux ont été touchés aussi par l'affiche d'un marchand qui s'intitule avec gloire *S. Kaiserlichen Majestat der Kaiser von Brasilien Hoflieferater*. Mais j'avoue que c'est surtout Eger qui m'a enthousiasmé. La place de la ville est encore si complètement du 17.^e siècle avec ses pignons et ses fenêtres de maisons ornées de guirlandes de pierre, et ses formes irrégulières et son parvis que je me figurais voir déboucher par les rues étroites les régiments de Wallenstein. A sa place je ne serais jamais entré dans cet hôtel de ville qui a une physionomie si parfaitement sinistre. Mais tout cela, c'est l'anecdote, c'est le drame moderne. La Chapelle du château qui a servi au mariage de Frédéric Barberousse, voilà le poème antique! Il me semble qu'il n'y a rien de plus parfait

dans ses petites dimensions en fait de style roman et si j'étais un grand personnage, je voudrais la faire copier telle qu'elle est. J'ai trouvé aussi la vie de Carlsbad très agréable et il y a force gens intéressants qu'on ne retrouverait pas aisément réunis ailleurs.

Depuis mon retour, je suis dans la vie la plus agitée. J'ai déménagé et depuis un mois, je ne puis parvenir à sortir des ruines; mais je me suis installé dans les ruines et j'y travaille avec passion. Mon livre sur la *famille* d'Ottar-Jarl est en pleine voie de construction. Je suis enfoncé jusqu'aux yeux dans les antiquités scandinaves et je crois arriver au-devant de moi une foule de documents sur le moyen-âge. En ce moment, je suis sous le charme d'un livre qui vient de paraître à Copenhague, en danois, sur les Russes. C'est ce qu'on a écrit de plus complet, de mieux sur la matière et je tirerai de là d'excellentes notes. Le vilain côté de ma position, c'est que je n'ai pu réussir encore à trouver un atelier et j'en suis désolé! Je cherche, je cherche et ne sais que faire. Il faudra pourtant bien que j'en trouve.

Avec tout cela et le voyage dans la province de Saint Paul aidant, Votre Majesté a mis de côté toutes ses anciennes études, et l'hébreu et Eschyle et même ses notes de voyages d'Europe et tout. Je comprends qu'il en soit ainsi; mais je ne l'en regrette pas moins et entr'autres réformes que j'oserais proposer si on refait jamais le monde, c'est qu'il y ait certaines personnes pour lesquelles les 24 heures du jour se puissent distendre jusqu'à embrasser 48. En attendant, je comprends bien que Votre Majesté ne pourra pas parvenir à faire tout ce qui l'intéresse...

CAPITULO X

A SEGUNDA VIAGEM DO IMPERADOR AO ESTRANGEIRO

Rio, sem data, provavelmente
Octobre de 1875.

Mr. le comte,

Me voilà heureux. Ma fille m'a donné un beau petit enfant. Vous devez le savoir déjà. Ils vont tous les deux à merveille.

Une autre nouvelle qui vous causera certainement du plaisir. Je vais aux Etats Unis et de là en Europe où je compte vous revoir. Je visiterai Stockholm en Août de l'année prochaine. La seconde quinzaine d'Avril et le mois de Mai 1877, je les passerai à Paris.

J'ai reçu votre lettre. Je serai tout content de voir vos sculptures à Philadelphie. Prochainement, je vous communiquerai mon programme de voyage où la Grèce est contemplée, cela va sans dire.

Adieu! Tous les miens parlent souvent de vous et des vôtres auxquels je me recommande.

Tout à vous
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Stockholm 27 novembre 1875.

Sire,

Que je sois heureux de la lettre de Votre Majesté, c'est si évident que ça n'a pas besoin d'être dit, et je le suis d'autant plus que des articles de journaux évidemment mensongers m'avaient causé pourtant beaucoup de soucis pour la santé de Madame la Princesse Impériale et celle du jeune prince. Me voilà tout à fait satisfait et ne rêvant autre chose que le voyage de Votre Majesté. J'ai porté au Roi la lettre de l'Empereur qui m'avait été transmise et elle a été reçue avec beaucoup de satisfaction. Le Roi s'est montré très empressé à faire tout ce qui pourrait plaire à Votre Majesté et pour commencer, m'a demandé comment il devait interpréter le mot *incognito* que Votre Majesté a souligné. J'ai répondu qu'autant que l'expérience du passé répondait de l'avenir, Votre Majesté prenait cette expression dans son sens le plus rigoureusement strict, c'est-à-dire souhaitait ordinairement que les services d'honneur fussent simplifiés, n'aimait pas les grandes revues de troupes et estimait surtout la liberté de voir et d'entendre ce qui l'intéresse directement. Le Roi m'a demandé si Vous accepteriez, Sire, de demeurer au Palais. J'ai répondu que je n'en savais rien sur tout en considérant qu'il y avait ici le *Grand Hôtel* qui est fort bon et où Votre Majesté estimerait peut-être qu'elle serait plus maîtresse de son temps; mais j'ai répété toujours que l'Empereur ne m'avait rien dit absolument sur tous ces points et que je ne pouvais former que des hypothèses. Alors je me suis permis de dire que ce qui sûrement intéresserait l'Empereur, en fait d'hommes, ce serait les personnes scientifiques ou littéraires et j'ai dit entr'autres que si le Professeur Nordenskjöld qui vient de découvrir les embouchures du Iéniséi, était à Stockholm lors du passage de Votre Majesté ainsi que le professeur Hildebrand, le grand antiquaire suédois et Conservateur du Musée, Votre Majesté en serait probablement bien aise. Le Roi s'est empressé de me dire

qu'il ferait en sorte qu'ils y fussent. Il m'a demandé de vous prier, en tous cas, de décider souverainement la façon dont Votre Majesté voulait qu'on la reçût et a ajouté qu'il tiendrait beaucoup à ce que le public ne pût pas croire en Suède que l'Empereur était reçu avec moins de respect et d'honneurs qu'en Danemarck; par conséquent qu'il serait reconnaissant à Votre Majesté de tenir la balance égale entre les deux pays et de vouloir bien accepter ici ce que Votre Majesté accepterait à Copenhague afin que le Gouvernement ne fût pas en butte à des comparaisons fâcheuses pour lui. Le Roi a fait une liste des excursions qu'il compte proposer à Votre Majesté. Les mines de Danemarck, celles de Falun, une course en Dalicarlje, la visite des Châteaux de Kalmar, de Skokloster, de Gripsholm, les cascades de Trolhaltern, enfin un voyage à Christiania. En somme, je pense que Votre Majesté aura de quoi s'intéresser. La Reine m'a paru très empressée à voir l'Impératrice. Comme Votre Majesté ne parle pas d'être avec Sa Majesté, je suppose que l'Impératrice viendra aussi sans que l'Empereur l'eût remarqué. Adieu, Sire, je prie votre Majesté de me faire commencer de suite mon service. Rien ne me plaira davantage. Que faut-il faire et que faut-il dire? Daïgnez, Sire, partager tous mes respects avec l'Impératrice et Madame la Princesse Impériale et penser à son plus attaché et plus dévoué serviteur.

Cte. de Gobineau.

D. Pedro II a Gobineau

The Arlington.

Washington, 2 Juin 1876.

Mr. le comte,

Je ne vous oublie jamais. Ce n'est qu'avant-hier que j'ai reçu vos lettres du 30 janvier, du 27 mars et auparavant celle du 30 avril. Pendant mon voyage il m'est bien difficile d'écrire des lettres. Attendez de bonnes causeries en Août.

Je prie que l'on ne fasse rien d'officiel pour moi en Suède. Vous savez quels sont mes goûts et ce que je préfère en voyage. Je compte sur vous, comme toujours.

J'ai transmis vos respects et soyez sûr que tous vous estiment chez moi et que vous avez toujours, en moi, le même.

Ami affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Gastein, 7 Août 1876.

Monsieur,

Je ne vous ai pas oublié; mais vous savez que le temps est trop court pour tout voir. Gastein me plaît beaucoup. J'aime ce pittoresque un peu sauvage et tout près de mon hôtel tombe une cascade magnifique. L'air est très pur, et je crois que ma femme gagnera beaucoup avec son séjour ici.

Je vais à Bayreuth pour l'ouverture du théâtre *du musicien de l'avenir*; mais le 17 ou le 18, je serai à Copenhague. Vous savez comment j'exécute mes programmes. Je compte arriver le 20 à Stockholm et vous revoir du moins alors, mais pour rester peu de temps en Suède où j'espère que l'on m'épargnera tout ce qui a le caractère officiel.

Nous nous rencontrerons de nouveau en France et, là, pour quelque temps.

La visite aux deux universités de Bonn et de Heidelberg a été fort intéressante pour moi. Nous en parlerons ainsi que du reste de mon voyage.

Adieu! Comptez toujours sur la même affection de votre bien attaché.

D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

à bord de l' "Express", 26 Août 1876.

Mr. le comte,

J'approche de Hange où je compte mettre le pied sur un sol ferme, à 3 h. après avoir été assez bousculé jusqu'à renverser ce qui était dans mon estomac. Ce ne fut du tout une continuation de Stockholm si ce n'est en souvenir. La côte est un récif et le temps est horriblement humide. J'espère que cette réception de la part de la Russie sera bientôt compensée — non pas en imagination — par d'agréables contrastes et que vous m'arriverez bientôt. J'ai à bord un Orientaliste anglais qui se prépare pour le congrès de S. Pétersbourg. Il me semble bien profond, du moins (à en juger) par le monceau épais de journaux en langue de l'Inde qu'il est toujours à feuilleter d'une manière imposante.

Adieu! Je vous charge de mille choses aimables pour ces dames qui ont été si bonnes pour moi et l'excellent Hildebrand. Ecrivez-moi; reliez la Suède à la Russie par vos lettres toujours si pleines de faits et de réflexions intéressantes, avant que vous puissiez continuer les causeries avec.

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Beyrouth, 11 Novembre 1876.

Gobineau,

Tout va bien. La tournée de Smyrne m'a beaucoup intéressé. Le musée de cette ville est très bien commencé. Il y a des objets remarquables; surtout une statue de Bacchus, et une tête d'Aurélien. Je regrette que vous n'y eussiez été.

L'acropole de la vieille Smyrne a des murailles cyclopéennes fort curieuses à 1.300 pieds au dessus du niveau de la mer. La montagne est emplie de tumulus.

Je crois que ce que l'on appelle de Tantale a une fausse attribution et qu'il doit être du côté de Magnésie.

J'ai vu le bas-relief de Niobé dont je vous montrerai une esquisse faite par moi.

Les ruines de Sardes ne sont pas fort importantes. A Ephèse, ce qui m'a frappé le plus, ce furent les ruines du Stade et du théâtre surtout. Mr. Wood y a commis des dégâts impardonnables en voulant trouver tout de suite des membres pour le Bristish-Museum. A l'emplacement du temple de Diane, il n'y a qu'une grande dépression remplie de débris. On voit très bien l'immense enceinte, cette espèce de ville sainte, ainsi que celle, profanée, de l'Odéon où a prêché St. Paul, se reconnaît fort bien, mais on ne reconnaît nulle part le soin avec lequel on a fait surgir, pour ainsi dire, de terre, le théâtre de Bacchus à Athènes. Quels souvenirs ineffaçables m'a laissé cette ville et toute mon excursion hellénique! Dès aujourd'hui je commence un monde nouveau. Le Liban se dresse devant moi avec ses cimes neigeuses, son caractère sévère comme il convient à cette sentinelle de la Terre Sainte.

J'ai lu vos *Nouvelles Asiatiques*. Je vous félicite, de tout mon coeur, de les avoir écrites. C'est un de vos bons livres pleins d'originalité. Toutes les nouvelles m'ont beaucoup intéressé, mais si je crois en préférer une, je dirai que mon choix retombe sur *La guerre des Turcomans*. C'est une excellente étude de moeurs et les descriptions sont vivantes, par exemple l'attaque des Turcomans.

Ja n'ai pas trop de temps pour vous dire tout ce que je pense de votre livre trop court. Quand paraîtra la *Fleur d'or*? Quelle bonne compagnie pour une traversée de mer où j'ai du temps pour lire!

Ce n'est que de Rhodes à Chypres que j'ai été assez balloté; je n'ai, cependant, rien souffert du mal de mer et j'espère devenir un peu marin après mon voyage, c'est à dire quand je serai à terre. Écrivez-moi autant que vous pouvez.

Bien des souvenirs de la part de ma femme et de moi à votre Diane et croyez que si je ne vous écris plus, c'est que le temps me manque car vous avez un ami sincère dans

Votre tous affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

(sans date).

Il va sans dire que vos lettres sont un grand plaisir pour l'Ami absent.

Je suis arrivé ici hier soir. Les ruines grandioses de Karnah, le beau temple d'Abou-Simbel à Colosse assis de 20 mètres de hauteur, et cependant, avec une physionomie respirant une douceur admirable et tout ce que j'ai vu sur les rives du Nil si majestueux ne m'ont pas fait changer d'opinion sur le Grèce sans pareille. C'est en vain que je tâche de chasser le souvenir de l'Acropole pour mieux juger de la beauté spéciale de ces monuments. Vous savez que je n'exagère pas l'expression de mes sentiments qui sont toujours les plus sincères. Je n'ai aucun intérêt de les cacher et croyez-moi quand je vous dis que j'apprécie fort votre affection, surtout quand elle croit devoir me contrarier. Votre attaque au sujet de Perezzi m'étonne, mais je comprends que vous préféreriez le séjour de Rome à celui de Florence. Sur notre question quant à la supériorité de l'art ou de la science, j'aurais aussi beaucoup à vous objecter en faveur de la dernière quand j'aurai le bonheur de vous revoir.

D'abord je vous souhaiterai une nouvelle année aussi heureuse que vous le désirez, surtout en rapport avec votre indépendance artistique. J'espère qu'elle réalisera aussi tous mes projets, étant aussi bienveillante que l'antérieure. Je compte principalement sur la représentation de la tétralogie de Wagner à Berlin. J'at-

tends, avec impatience, votre lettre après que vous aurez parlé au Prince et à la Princesse d'Allemagne. Malheureusement, je ne l'entendrai pas en votre compagnie; car je pense que vous ne devez pas quitter votre poste à cause de moi, si ce n'est en alléguant la raison de revoir votre patrie où vous aurez aussi l'occasion de me faire vos adieux, avant mon départ pour l'Europe. Je suis sûr que votre gouvernement vous donnera un congé, sans mon intervention. Si les circonstances étaient les mêmes qu'à Copenhague ou plutôt la Suède et après vous savez parfaitement qu'elle serait ma conduite. Si je pouvais, je ne vous lâcherais pas; car je crois que vous êtes mon ami loyal et le meilleur des compagnons de voyage. Combien de fois, j'ai parlé de vous à notre ami Bom-Retiro quand nous trouvions quelque chose intéressante. Nous savions quel intérêt vous trouveriez et nous feriez encore trouver à tout, de choses remarquables.

La Palestine a aussi été bien vue par moi et l'aspect des endroits, quelques uns très beaux et très pittoresques, me semblait toujours d'accord avec le caractère des faits qui s'y sont passés. Les plaines d'Estrelon vue du sommet du Thabor, de Jéricho où on se laisse presque glisser des montagnes contournées et arides de Judée et celle de Saron jusqu'à la mer méditerranéenne, sont ravissantes comme le lac de Génésareth sur les bords duquel poussent les lauriers-roses. Jérusalem domine presque toute la Terre-Sainte par sa position très élevée et produit l'effet le plus saisissant, quel que soit le côté par lequel on y arrive. J'y suis arrivé trois fois, et la première du côté où Alexandre le Grand a été frappé par l'aspect vénérable de Jaddus venant à sa rencontre sur le haut de la colline, devant laquelle apparaît presque subitement toute la ville. Une autre fois, j'avais été aussi fort impressionné. Je revenais du couvent de St. Sabbea, de ce nid d'aigle perché sur les rochers où coule le Cédron avec impétuosité quand son lit n'est pas seulement un amas de blocs de pierres noirâtres, et après avoir traversé des défilés arides, Jérusalem, entouré d'oliviers croissant entre les pierres, me semblait une oasis céleste. J'ai suivi presque le chemin des Israélites arrivant à la terre de Chanaan et vu tout ce qu'il y a de plus important. J'ai étudié la Bible autant que j'ai pu.

A présent, je ne puis que vous communiquer à la hâte ce que j'ai senti pendant mon voyage dans ces deux pays qui se lient si intimement dans la haute antiquité, et à peine ajouterai-je que j'ai rencontré des colonnes que je pourrai appeler doriques et quelques unes assez élégantes dans les monuments d'une époque vraiment égyptienne. Il y a aussi, dans les bas-reliefs, des figures charmantes, et je pense que les artistes des temps pharaoniques auraient bien mieux fait, s'ils n'étaient pas forcés à suivre certaines règles de forme et de proportions dans tous leurs travaux.

Je vous prie d'envoyer cette photographie à votre fille Diane en me rappelant à son bon souvenir. J'en envoie à Schmidt et Canaris. J'espère que l'on m'excusera de mon retard.

Donnez-moi des nouvelles de votre Byron et comptez sur l'affection de

Votre ami dévoué
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

(sans date).

Gobineau,

Vous savez comme vos lettres sont reçues par moi. Malheureusement je ne puis y répondre comme je le voudrais.

Le voyage continue à se faire avec beaucoup de bonheur et l'Italie est toujours revue avec ravissement.

Je pars à 2h40 pour Rome et je compte trouver le plus tôt possible Mme. de La Tour et vous revoir, en effigie du moins. J'y resterai jusqu'au 24 et après je partirai pour Florence. Mon programme est une vérité malgré le destin des programmes. N'insistez plus sur la Walkyrie. D'après ce que la princesse Impériale vient

de m'écrire, je ne pourrai pas l'entendre en avril à Berlin. L'exécution des *Meister singer* me conviendrait beaucoup.

Adieu! Bien des souvenirs à Mme. de Guldenkrone et des caresses à vos gentils petits enfants, et croyez-moi toujours.

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

(sans date).

Grande Albergo di Catania.

A. Angst et A. Hassler.

Gobineau,

Je ne veux retourner au Continent européen sans vous envoyer les quelques mots que les circonstances me permettent de vous écrire. D'abord, je vous dirai que je ne comprends pas la conduite du duc Decazes, quoique l'on m'écrive que l'on vous donnera une compensation équivalente à la réduction des appointements pendant votre absence, motivée par mon désir de jouir de votre compagnie.

La Sicile m'a beaucoup intéressé. Quelle belle nature et quels beaux monuments! Elle m'a fait bien songer à la Grèce. Dans une autre occasion, je vous en parlerai moins laconiquement.

Je pars tantôt pour Rheggio, et après-demain à 10h. du soir, je compte être à Naples.

Adieu! J'ai bien pensé à vous en parcourant Syracuse et Agrigente. Palerme est une des villes les plus ravissantes de l'Italie.

Comment vont vos filles et vos petits-enfants? Je viens de recevoir une lettre de l'excellent Messala. Adieu!

Votre bien attaché
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Florence, 27 février 1877.

Gobineau,

Je ne puis que vous écrire à la hâte. Rome m'a beaucoup intéressé. J'ai tâché de voir le plus possible Mme. de Latour. Je l'estime déjà infiniment. C'est une dame d'un vrai mérite. Votre portrait est un chef-d'œuvre — ressemblance, dessin, couleur. La vestale ne me plait pas et j'ai fait à Mme. de Latour une réflexion qu'elle m'a dit avoir été la sienne.

Je vous remercie de m'avoir fait connaître une dame si distinguée que je suis impatient de revoir.

J'ai été déjà à l'atelier de Dupré.

Le Giottino de sa fille est bien remarquable et je suis très content de ce que l'on m'en ait fait cadeau. Je le mettrai à St. Christophe dans mon cabinet de travail. Miss Goldwell est ici et je compte la revoir aujourd'hui.

J'attends avec impatience votre "Fleur d'Or" que je lirai avec un double plaisir après avoir eu le bonheur de connaître celle à qui vous les dédiez.

Adieu! Je regrette profondément de ne pas vous écrire maintenant autant que me fait désirer encore toutes les belles choses que j'admire, mais je suis sûr que vous ne doutez jamais de l'affection de

Votre bien attaché
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

(sans date).

Hôtel Royal Danieli.
Venise, tenu par Genovesi et Campi.

Mr. le comte,

L'excursion en Italie m'a ravi.
Florence et Venise m'enchantent.

Mes impressions se succèdent en si grand nombre que je ne puis vraiment que vous en dire un tout petit mot.

Heureusement nous en causerons à Paris où je crois que c'est mieux que nous nous rencontrions; car vous y serez naturellement.

Mme. de Latour a partagé votre sympathie pour moi, et sa correspondance est un grand plaisir pour moi. Je l'estime, chaque jour, davantage et comprends tout l'attachement que l'on a pour elle.

La Vestale est bien en général, mais n'a pas la valeur de votre portrait, qui est un chef-d'oeuvre. Elle me semble avoir les jambes trop courtes, et Mme. de Latour a trouvé juste ma réflexion.

Comment trouvez-vous les derniers vers de V. Hugo? J'y trouve de belles choses.

Adieu! Croyez que je vous écris toujours avec la même satisfaction et regrette infiniment de ne pas pouvoir le faire plus souvent. Adieu! Mes souvenirs à Mme. Guldenkrone et bien des caresses à vos gentils petits-enfants. Demain je serai à Milan et le 16 à Vienne.

Votre bien attaché
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Vienne, 21 mars 1877.

Mr. le comte,

Heureusement je puis répondre, tout de suite, à votre lettre du 19 que je reçois à l'instant.

D'après ce que vous m'avez écrit auparavant sur votre disponibilité, je devais, par délicatesse, éviter tout

mot d'une consolation qui ne correspondrait pas à un désir, que c'était à vous à me donner les moyens de satisfaire. Merci de l'appel que vous faites à mon amitié qui ne s'est jamais démentie et pourrait se plaindre avec plus de raison que vous du retard que vous avez mis à cette démarche, comme si vous aviez besoin, pour cela, de me rencontrer à Berlin. Si je vous donne rendez-vous à Paris, c'est parce qu'ayant là votre maison, personne ne jalousera une affection dont vous ne pouvez pas douter en m'en prouvant la sincérité de votre part par votre manière d'agir avec toute la franchise que j'estime. Pour que tout se fasse de la manière qui me plait entièrement, je dirai à Macedo de vous écrire sur une sculpture que je vous ai prié de faire depuis longtemps et pour laquelle il doit vous remettre 15.000 fr.

Je vous prie de me rappeler au bon souvenir de Mme. de Guldenkrone et de croire, avec la confiance d'une parfaite amitié, aux sentiments de

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Berlin, 4 avril 1877.

A. Mulhing.
Grand Hôtel de Rome.
Berlin.
Unter den Linden, 39.

Gobineau,

Merci de votre bonne lettre. Je suis arrivé hier et ce n'est qu'aujourd'hui que je commencerai mes courses. La Princesse Impériale m'a déjà parlé de vous de la manière dont je m'attendais et je lui ai promis vos "Nouvelles Orientales". Envoyez-en nous un exemplaire.

Je serai à Paris le 19, au plus tard. Il y a longtemps que je ne reçois pas de nouvelles de Mme. de Latour. Adieu! A tantôt!

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara

D. Pedro II a Gobineau

Paris, 23 avril 1877.

Gobineau,

J'ai été chez vous hier, mais vous ne deviez retourner de Trye que le soir. Voudriez-vous me rencontrer tantôt au spectacle du Vaudeville qui commence à 1h, 1/2. J'occupe les loges n.º 20 et 22 des Avant-Scène premières.

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Paris, 26 Avril 1877.

Gobineau,

Vous direz que j'écris quelquefois à la minute pour ainsi dire.

Après votre départ, j'ai reconnu que je pouvais aller chez vous, demain, à 1h. 1/2 et, de là, chez les Marjolin. Je vous prie de les prévenir de ma visite. Adieu!

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Paris, 30 mai 1877.

Gobineau,

J'ai tant à faire que je n'ai pu venir chez vous, jusqu'à présent.

Si je vous y avais trouvé, nous aurions causé une heure, et ce serait un grand plaisir pour moi.

Je n'oublie pas ma visite chez les Delaroché, mais je ne pourrai le faire ainsi que celle d'adieux aux Marjolin, que le 8 juin entre 11 et 1h.

Je viendrai vous prendre chez vous. Je vous attends à l'hôtel un de ces après-midi pour échanger quelques mots, au moins.

Bien des souvenirs à votre fille et aux Messala. Ah! si tout pouvait aller si vite que la pensée!

Je compte rencontrer le Président un de ces jours-ci.

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

8 juin 1877.

Grand Hôtel.
Boulevard des Capucines.
Paris.

Gobineau,

Je serai chez vous entre 11h. et midi.

Tout à vous
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

o (de Londres) 29 Juin 1877.

Gobineau,

A Londres, il m'est encore plus difficile de suffire à tout. D'abord les distances sont énormes et je n'y rencontre pas les mêmes facilités qu'en France que j'ai quittée avec des regrets bien profonds à cause des amis que j'y possède et parmi lesquels vous occupez une des premières places.

Les Blunt m'ont beaucoup plu, mais pas de même les modèles du monument de Byron. Le préféré n'a aucun caractère. Je crois que l'on devrait attendre encore.

Mon voyage en Bretagne a été intéressant. Pour les *dolmens* je trouve des explications, mais non pas pour les immenses alignements de *menhirs*.

J'ai déjà visité de belles galeries, ici, et les indications de notre excellente amie Miss Goldwell m'ont beaucoup servi. Mme. et Mlle. de Kantzow ont été aussi pleines de bonté, et nous avons souvent parlé de vous.

Adieu! Le 1^{er}, je pars pour l'Ecosse, j'irai aussi en Irlande, mais de 13 je serai de retour à Calais pour suivre mon programme de la Hollande et de la Suisse.

Adieu! Bien des souvenirs à votre fille Diane, et comptez toujours sur la vieille affection de

Votre tout dévoué
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Lisbonne, 4 Septembre 1877.

Gobineau,

Le 8, je pars pour le Brésil où je me rappellerai toujours les jours excellents que nous avons passés ensemble. Notre correspondance amoindrira un peu mes

regrets; cependant, je souhaiterais vivement de vous rencontrer de nouveau. La lecture de votre dernier livre m'a beaucoup intéressé. Vous y montrez connaître parfaitement le caractère italien et quelques^s uns des personnages marquants de cette époque revivent dans votre livre comme César Borgia, Jules II et Michel-Ange. Les deux phases de la vie de ce dernier sont très bien rendues, ainsi que le contraste entre les deux grands artistes, les créateurs de Moïse et de la Madonna.

J'espère que l'opinion publique a fait justice à votre ouvrage, surtout en Italie. J'ai rencontré, ici, le Ministre de Hollaude et sa femme, qui vous connaissent beaucoup, avec lesquels j'ai eu le grand plaisir de causer. Je compte les revoir chez le Ministre du Brésil, ce soir.

Je vous prie de me recommander à votre fille Diane et de me croire comme toujours,

Votre tout attaché
D. Pedro d'Alcantara.

CAPITULO XI

GOBINEAU EM ROMA

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 1^{er}. Octobre 1877.

Gobineau,

Me voilà rendu à mes occupations habituelles. Mon activité s'en trouve bien et je l'espérais, comme nous en avons causé pendant une de nos promenades à Odessa. Le voyage a été fort heureux et j'ai trouvé tous les miens en parfaite santé. Sur mer, j'ai fini la lecture du dernier livre de Renan qui m'a beaucoup intéressé et il cite, fort à propos, votre livre sur le *babisme*.

Que faites-vous à présent? J'espère que vous m'entretenez toujours de ce qui vous intéresse le plus.

Et la guerre d'Orient? Probablement après une revanche de la part de la Russie, on fera la paix. Vous savez comme je pense sur cette question là.

Je me suis rappelé, hier, avec de vifs regrets nos bons dimanches.

Comment va votre fille Diane? Je vous prie de lui envoyer ainsi qu'à tous les siens, les souvenirs de

Votre bien attaché
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 24 décembre 1877.

Gobineau,

Je suis très content de vous savoir si occupé. Le travail est aussi ma grande consolation et, cependant, je n'ai pas l'atmosphère artistique au milieu de laquelle vous vivez, pour me garantir des miasmes de la politique.

Mon souvenir de la ville d'Este est bien vif et je vous prie de le dire au Cardinal Hohenlohe que je voudrais bien le savoir pape pour le bonheur de la catholicité.

Donnez-moi toujours des nouvelles des habitués du Cardinal ainsi que de ceux qui vous parleront certainement de moi et que j'estime fort comme le baron Rosa, ami du Cardinal.

Avez-vous déjà lu l'ouvrage de Minghetti? D'après un article de la *Nuova-Antologia*, il me paraît être fort important comme tout ce que Minghetti écrit. Connaissiez-vous le Père Curci dont on parle tant à présent. Qu'en pense-t-on dans la société du Cardinal Hohenlohe?

Je vous prie de me donner des informations d'un artiste, né au Brésil, mais de famille italienne, qui étudie dans l'atelier du sculpteur Monteverde. Je le crois doué de beaucoup de talent.

Demain, je pars pour Pétropolis où je puis vivre une vie plus à mon goût. J'y jouis davantage de la nature si luxuriante de mon pays, et il me reste plus de temps pour lire et étudier.

Mme. de Latour m'a écrit et j'apprécie chaque fois davantage ses excellentes qualités qui lui vaudront, sans doute, de solides amitiés.

Enfin vous avez beaucoup à me dire d'intéressant dans vos lettres dans lesquelles j'aime surtout à rencontrer toujours les sentiments que je vous rends de tout mon cœur.

Je vous écrirai plus de Pétropolis. J'ai transmis à toute ma famille, qui vous en remercie, le témoignage de vos sentiments. Bien des souvenirs à votre fille Diane et croyez-moi toujours.

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Pétropolis, 22 Janvier 1878.

Gobineau,

J'ai bien besoin de vos causeries, par écrit au moins. Je jouis, ici, d'une nature splendide et de plus de repos pour étudier et lire, mais la compagnie que je cherche me manque. Merci donc de votre lettre du 16 Décembre.

L'époque du conclave doit être saisissante d'intérêt et elle vous rappelle un peu les lettres du Président de Bosses. Je me confie encore sur le bon sens humain et j'espère que le choix sera tel que l'exige notre époque.

J'ai regretté sincèrement la mort de Victor Emmanuel. J'ai eu le bonheur de connaître ses bonnes qualités et je crains que l'Italie ne se ressente de sa mort. On n'aura gagné qu'une reine digne de l'être.

Ce que vous dites des oeuvres de l'actualité est fort juste et j'attends avec impatience votre livre sur *l'Histoire d'une famille* ainsi que la photographie de votre *Pia de Tolomei* qui me rendra plus agréables les souvenirs de tout ce qui m'a tant intéressé à Sienne. Y avez-vous déjà été? Ne manquez pas de visiter cette ville unique dans son genre moyen-âge.

Travaillez; travaillez comme vous le faites au milieu de tant de chefs-d'oeuvre de l'art! Ce sera une grande consolation pour vous, et je vous envie, environné que je suis des miasmes politiques.

Tous les miens vous rendent cordialement votre souvenir et pour moi je n'ai pas besoin de vous dire combien je regrette votre présence.

Adieu!

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

Rappelez-moi au bon souvenir de votre fille et de vos gentils petits grecs.

D. Pedro II a Gobineau

Pétropolis, 7 Février 1878.

Gobineau,

Je n'ai qu'à vous donner la nouvelle de l'heureuse délivrance, le 28 Janvier. C'est un nouveau bébé, très fort et qui, je crois, sera aussi gentil que l'ainé dont je vous envoie la photographie promise.

Toutes les santés continuent, en général, excellentes, et moi toujours m'occupant selon mes habitudes.

Ici, je me promène à pied tous les matins. Le temps a été superbe hier et aujourd'hui il y a eu un coucher de soleil à ravir les artistes.

Bien des souvenirs à votre Diane et à ses enfants si jolis.

Adieu! Toujours

Votre bien attaché
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Rome, 18 via Cavour.
9 Février 1878.

Sire,

J'ai la lettre de Votre Majesté du 24 Janvier et je suis bien heureux de savoir l'Empereur à Pétersbourg. Certainement les ennuis montent jusque là; mais je crois pourtant qu'il en reste quelques-uns en route et que beaucoup de ceux qui arrivent sont adoucis. Voilà deux fois que je vais chercher le Cardinal de Hohenlohe sans le trouver, mais il sait toutes les bontés de Votre Majesté pour lui. Je les lui ai fait transmettre par la princesse Wittgenstein. Quelqu'un qui est fort touché du souvenir de l'Empereur c'est Monsieur Minghetti. Nous en avons causé ensemble une partie de la soirée d'hier. Il y a peu d'hommes plus sympathiques. J'ai lu son livre, j'ai lu celui du père Curci. Je vous avoue, Sire, que les efforts de l'un et de l'autre me semblent peu propres à accommoder les choses qui ont marché vite depuis quelques mois. S'agit-il bien maintenant de débarrasser l'Eglise des influences jésuitiques, comme le souhaitait le père Curci et le Cardinal? Les choses s'accommoderont-elles si on raccommode l'Eglise avec l'Etat en les faisant divorcer, ce qui est le voeu de Monsieur Minghetti? J'ai peur que ce qui est aujourd'hui disposition anti-catholique ne se contente pas de pareils compromis. Le Kulturkampf va beaucoup plus loin, partout et même en Turquie, ce qui aurait pu faire vivre encore bien des années, ne semble plus appréciable. Le monde moderne est mené par une sorte de gravitation qui chemine, dans ce moment, avec une vitesse redoublée et je crois que plus de choses vont casser qu'on n'en sauvera.

J'ai été m'informer du jeune sculpteur Bernardelli dont Votre Majesté me parle. J'ai vu chez lui un grand bas-relief commencé pour l'Académie de Rio: *le martyr de Saint Sébastien*. Il y a beaucoup de talent dans cette oeuvre et Monsieur Bernardelli s'est montré comme un homme très laborieux et d'esprit tout à fait distingué.

J'ai mis à l'Exposition de Rome plusieurs choses, entr'autres une petite statue d'un mètre de haut, dont j'ai déjà parlé à Votre Majesté et que je joins à cette lettre en photographie. Je souhaite bien qu'elle plaise à Votre Majesté. Cette petite *Pia Tolomei* paraît avoir du succès parmi les gens qui l'ont vue. C'est le goût du XIIIe. siècle, par conséquent un reflet de mon *Amadis* et de mes préférences. La statue que je fais pour Votre Majesté avance mais je ne la hâte pas et y mets tous mes soins. J'ai fait, environ, la moitié de la seconde partie de l'*Amadis*; je termine un livre politique intitulé *La IIIe. République française et ce qu'elle vaut*. Je compte publier cela aussitôt que possible. Votre Majesté s'attend de ma part à ce que je dise sans ambage à chaque parti ce qui semble juste et vrai. Je n'y manque pas. Je n'écrirai pas beaucoup de choses tendres sur ce terrain là, je crois bien. Je continue mes autres livres et mon atelier me prend, naturellement, la plus grande partie de mon temps. Je suis très intéressé par la société romaine. Non pas que je n'y trouve, comme partout, une somme considérable de non valeurs; mais ces non-valeurs ne sont pas prédominantes et c'est une convention admise que, sur ce terrain-ci, les réalités intellectuelles marchent avant les phrases. Votre Majesté connaît la Comtesse Donhoff, la grande amie de la baronne de Schelnitz. Elle a bien de la grâce et du talent. Elle passe l'hiver ici. Je n'ai pu encore attraper ni Rosa ni Rossi, parce que la matinée perdue, c'est la journée perdue et on ne les trouve que le matin. J'ai vu Visconti très enflammé contre les abattis qui se font de débris antiques. Il a raison. Je suis comme lui. Mais à quel moment à Rome, n'en a-t-on pas fait tout autant et pis? Quod non fecerunt barbari, fecerunt Barberini. Adieu, Sire, je suis comme toujours à Votre Majesté et la supplie de ne pas l'oublier en agréant l'hommage constant du plus profond et plus attaché respect que je la prie d'offrir également à l'Impératrice et à Madame la Princesse Impériale mille expressions du plus entier et complet dévouement.

Cte. de Gobineau.

Gobineau a D. Pedro II

Rome, 18 via Cavour
7 Mars 1878.

Sire,

Madame la Comtesse de La Tour me charge de dire à Votre Majesté quelle a reçu ses lettres et l'en remercie vivement. Il y a un mois à peu près, qu'étant dans son atelier, elle a placé sur le poêle une manière de boule ou de chaufferette en zinc que lui avait donnée la princesse Wittgenstein et qui contenait de l'eau chaude. Elle l'a oubliée là. Quand elle a voulu la reprendre la machine a éclaté en deux parties, l'eau bouillante est sautée au plafond, la comtesse a été renversée par terre. Elle aurait dû être tuée ou échaudée; elle a eu la main droite atteinte et, ce qu'on n'a pas vu d'abord, un fétit os du quatrième doigt brisé. Croyant n'avoir qu'une forte contusion, parce que sa main était très enflée, elle a continué à s'en servir et il faut dire à l'honneur de la science que deux médecins l'y ont fort encouragée. Maintenant l'os s'est recollé un peu de travers. On ne peut plus le remettre droit et probablement, il restera toujours une petite dépression anormale; mais le chirurgien dit et c'est assez rationnel qu'après avoir supporté le bandage quinze à dix-huit jours les muscles reprendront toute la facilité de leur jeu et que la Comtesse pourra comme à l'ordinaire peindre et faire de la musique. Mais c'est, assurément, un moment bien dur à passer et la Comtesse le supporte avec un héroïsme et une grandeur d'âme d'autant plus admirables que d'avoir ainsi la main bandée, serrée, inutilisée et comprimée, est tout ce qu'il y a au monde de plus agaçant. Voilà ce que je suis chargé d'expliquer à Votre Majesté et pourquoi la Comtesse ne peut pas répondre de suite aux lettres de l'Empereur ayant sa malheureuse main droite dans cet état-là.

On a cru d'abord que Léon XIII allait de suite prendre des errements tout différents de ceux de Pie IX. Il a en effet, choisi des camériers secrets qui sont des vieillards, plébéiens, savants et non plus des jeunes monsi-

gnori de bonne maison et élégants. Mais il a gardé la garde palatine qu'il avait commencé par licencier; il a repris Mgr. Macchi dont il avait annoncé ne plus vouloir; il n'a pas été à St. Jean de Latran, idée qu'on lui avait prêtée et, renfermé dans le Vatican comme son prédécesseur, il attend l'avenir pour se décider et peut-être n'a-t-il pas tort. Pendant ce temps, on s'émeut dans le monde gouvernemental de ce que Monsieur Crespi a deux femmes, ce qui est, en effet, insolite. J'ai vu Amari ces jours-ci et reçu des livres persans nouveaux de Téhéran. Je ne sais si c'est purement le choc de ces deux circonstances ou quelque révolution climatérique qui se fait en moi, mais j'ai comme une passion à traduire le *Koush-Namèh* dont j'ai tant parlé dans mon histoire des Perses et d'accompagner ce livre d'un monde de notes et d'explications embrassant tout ce qui peut-être su de l'histoire orientale (Asie Centrale musulmane et iranienne) jusqu'au XIII^e siècle. Mais ce serait une grosse affaire. J'ai une commande qui me charme, car la sculpture est mon état avant tout. C'est de faire le buste de la Reine Marguerite pour la Sicile, pour Palerme je crois. J'en suis fort occupé et j'espère m'en tirer à mon honneur. Adieu, Sire, je suis bien heureux de ce que Madame de La Tour m'a appris la naissance d'un nouveau prince...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 15 Mars 1878.

Gobineau,

Je ne puis plus vous écrire à présent que peu de mots. Votre *Pia* me plaît. Il y a du moyen-âge et vous savez que j'ai aussi de l'engouement pour cette époque. Je viens de recevoir votre si intéressante lettre du 18 février et je voudrais y répondre comme elle le mérite. J'ai toujours pensé que le Pape devait se tenir en Pape c'est-à-dire en toute liberté comme si rien ne gênait ses démarches. L'Italie est aussi intéressé que le même

Pape et elle vient de donner un bel exemple à l'occasion de la mort de Pie IX et l'élection de Léon XIII. Celui-ci a bien fait de choisir Franchi à la place de Siméoni dont l'abord m'a déplu. Dans ma prochaine lettre, j'en causerai avec vous en me rappelant les bonnes journées que nous avons passées ensemble.

Que me dites-vous de la conduite de la Grèce? Notre ami Messala doit en être bien peiné.

Votre France vient de perdre des savants bien éminents et les travaux de Claude Bernard, conduits avec tant de conscience, n'avaient pas seulement de l'importance pour la vraie connaissance de la partie matérielle de l'homme. Vous rappelez-vous notre discussion sur la portée des sciences et des arts?

Oui, la politique, telle qu'on la pratique généralement, m'ennuie fort, surtout quand je songe aux sciences et aux beaux-arts; mais les sacrifices m'encouragent, et mes amis n'ont pas à se préoccuper de mes épanchements. Je suis très content de ce que vous me dites du petit Bernardelli.

Adieu! Cherchez tous mes amis de Rome et parlez-m'en dans vos lettres.

Je n'ai pas de temps pour écrire, même rarement à tous.

Mille souvenirs à Diane et à vos gentils petits-fils. Tous les miens vont bien et le dernier petit-enfant a été baptisé hier.

Toute ma famille se rappelle toujours l'affection que vous nous portez.

Votre tout affectionné,

D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Rome, 18 via Cavour
31 Mars, 1878.

Sire,

Merci mille et mille fois de la charmante photographie du jeune prince. Elle m'a causé une joie extrême et je suis très heureux que Votre Majesté n'ait pas oublié la promesse qu'Elle avait bien voulu m'en faire. La main de Madame la Comtesse de La Tour va mieux, très lentement, mais elle va mieux et j'espère que cet accident ne laissera que peu de traces et surtout point de faiblesse dans les doigts atteints. Je vois beaucoup Amari et m'en loue extrêmement. Il est probable que nous irons, moi sous sa conduite, au Congrès des Orientalistes à Florence au mois de septembre. Il en est le Président. Mais il me pousse très fort à entreprendre la traduction complète et la publication du Koush-Naméh, manuscrit unique de ma collection dont j'ai beaucoup parlé dans mon Histoire des Perses surtout pour les époques très anciennes. Je donnerai le texte persan, avec des notes et des éclaircissements. J'ai déjà écrit dans l'Inde et à Téhéran à ce sujet. C'est une grosse affaire qui me prendrait des années. Mais je crois qu'au point de vue scientifique, il y aurait profit à mener à bien cette entreprise. Je suis très content du succès de la *Pia* et je crois que j'ai eu l'honneur de dire déjà à Votre Majesté que l'on m'avait commandé un grand buste de la Reine Marguerite. Il réussit bien et est destiné à la Sicile. Mon atelier est très visité en ce moment.

Parlerai-je du Pape à Votre Majesté? J'y ai quelques scrupules ayant peur de ne dire à l'Empereur que ce qu'il sait mieux que moi. Mais, en attendant que Votre Majesté me le témoigne, je remarque pourtant que la sortie des carrosses du Vatican pour aller chercher l'ambassadeur d'Espagne a fait une certaine impression. Cela ne s'était pas vu depuis 70. Il est certain que le jour de l'Élection, Sa Sainteté a voulu donner la Bénédiction sur le Balcon de Saint Pierre et publiquement sur la place. Mais toute l'assistance des Cardinaux et des Prélats

s'y étant opposée, le Saint Père a cédé. On semble douter très peu qu'il finisse par sortir et prendre une attitude très différente de celle de Pie IX. Il vient de faire vendre les voitures et les chevaux que, par un abus criant, on entretenait sans nulle utilité pour les employés du Vatican. J'entends dire que le père Curci n'est que le ballon d'essai de sa compagnie qui se prépare à le reprendre, alléguant qu'elle n'a cédé que devant l'opposition de Pie IX. Mais c'est peut-être bien subtil.

Votre Majesté connaît le triste état des finances de Florence. C'est un *tolle* universel contre le municipale. Ce qui va être curieux, ce seront les élections. Le Ministère nouveau, tout radical qu'il est, n'a pu se former avec tant de peine, qu'en prenant trois conservateurs et M. Cairoli l'est presque devenu du jour de sa nomination. Il faudra dissoudre la Chambre. Si Léon XIII envoie les électeurs cléricaux aux élections, le parti avancé devient bien malade...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 15 Avril 1878.

Gobineau,

Je n'ai pas besoin de vous dire tout ce que me rappellent vos lettres si intéressantes. Je voudrais répondre à vôtre du 7 mars de la même manière; mais la politique et surtout l'état de quelques provinces du Nord qui continuent à souffrir de la sécheresse, ne me laissent pas l'esprit assez libre pour jouir de ce qui se rapporte aux arts et aux sciences.

Heureusement pour vous, la passion de la sculpture vous possède et je suis sûr que vous ferez un buste charmant de la charmante reine d'Italie.

Parlez-moi d'elle qui a été si bonne pour ma femme et pour moi, ainsi que tous ceux que nous connaissons à Rome.

Je crois que le nouveau pape agit avec sagesse et je ne désespère pas de ce que les rapports du Saint-Siège avec le pouvoir civil deviendront chaque jour plus conformes à ce qu'il y a de juste et partant de durable dans les idées du siècle. Pour Crispi, qui, paraît-il, n'a pas seulement deux femmes, mais presque le nombre toléré par le Koran, et d'autres personnages politiques, je les crois plus ou moins éphémères. Ce ne sont pas eux qui ont fait l'unité de l'Italie.

Les santés sont bonnes ici et à Pétropolis où restent mes fils et les derniers petits-fils jusqu'à l'approche de leur départ pour l'Europe, le 1er mai.

Merci de vos félicitations pour la naissance du petit Louis qui est un très beau poupon. Son frère aîné révèle une excellente intelligence et son petit bras va mieux. Cependant sa guérison complète est le principal motif du voyage de mes fils en Europe.

J'écris à Mme. de Latour dont je regrette profondément le malheur qui heureusement n'a pas été ce que l'on pouvait craindre de la petite machine infernale de la princesse Wittgenstein.

Pendant mon séjour à Pétropolis, je me suis occupé un peu de l'étude de l'arabe que je commence déjà à traduire avec un peu de facilité. C'est un nouveau motif pour que je m'intéresse à la connaissance de l'Orient et je ne puis que vous engager à donner suite à votre projet de traduire le *Koush Namèh* en l'accompagnant de notes si précieuses pour ceux surtout qui ne sont pas à même d'entrer sans guide dans cette histoire si pleine de ténèbres.

Adieu! Mes souvenirs à Mme. de Guldenkrone et à vos gentils petits-enfants, et avec l'expression des sentiments de toute ma famille pour vous, je me dis comme toujours

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Rome, 13 Mai 1878.

Sire,

J'ai la lettre de Votre Majesté du 15 Avril. Je suis bien peiné des ennuis que la politique et surtout les effets de la sécheresse dans le nord causent à l'Empereur et je veux espérer que tout cela va déjà mieux. J'ai fini dans une huitaine de jours le buste de la Reine d'Italie. On le trouve joli et y aurait crime à faire autre chose du portrait d'une si charmante personne. Elle est vraiment on ne peut plus aimable et attrayante. Tous les gens qui ont eu l'honneur d'être présentés ici à Votre Majesté, m'en parlent souvent. Je vois assez souvent Monsieur Minghetti qui est un esprit ouvert et avenant et Bonghi dont le tempérament littéraire est surtout une appétence générale à savoir assez de choses pour pouvoir en écrire immédiatement n'importe quoi. Massari est un homme qui entre plus avant dans les questions. Il va publier ces jours-ci une vie du Roi Victor Emmanuel très curieuse mais nécessairement incomplète. On ne fait pas de l'histoire à aussi courte distance des gens. Il a eu dans les mains des lettres extrêmement intéressantes. Une entr'autres de 1851 où le Roi disait à son correspondant: le futur empereur sera conduit à faire la guerre et je serai son allié s'il est le plus fort. Je vois aussi le commandant de... qui continue ses fouilles, mais je fais un cas particulier d'Amari, l'historien des Musulmans de Sicile. Je le vois assez et il me plaît fort. Il apprendra avec bien de l'intérêt que Votre Majesté s'est mis à l'arabe. Je suppose que Votre Majesté a les fables de... Je pense que le 15 de ce mois paraîtra dans le *Correspondant* la première partie de mon livre: *Le Royaume des Hellènes*. Je dirai là-dedans où en sont les Grecs. Mais il m'a paru indispensable de commencer par montrer ce que les Européens ont dit et fait de sottises à leur sujet depuis 1816 jusqu'à ce jour. Les Anglais se mettent à s'y intéresser fort. Je conseillerais aux Grecs de ne se fier ni aux Anglais ni à leur intérêt

actuel mais de se tenir aussi bien que possible avec les Russes qui, en définitive, aujourd'hui ou dans un an ou dans deux, seront les maîtres certains de la situation.

Je n'ai jamais eu plus de travaux de toute nature que je n'en ai dans ce moment: sculpture, histoire, la seconde partie de *l'Amadis*, le *Royaume des Hellènes*, la traduction du Koush-Namèh, l'ensemble marchera plus ou moins vite mais finira par arriver à son terme. Je vais m'en aller à Trye vers le mois de Juillet. Je serai de retour ici en octobre. J'espère avoir l'honneur de voir Madame la Princesse Impériale et Monseigneur le Comte d'Eu à Paris. Est-ce que leurs Altesses Impériales ne viendront pas en Italie l'hiver prochain? S'il en est ainsi, c'est-à-dire si Elles y viennent, je serai extrêmement heureux de me mettre à Leurs ordres, il est à peine besoin de le dire...

J'ai remis la lettre de Votre Majesté à Madame la Comtesse de La Tour. Son mari va mieux et elle a terminé la Vestale qui est admirable...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 14 Mai 1878.

Gobineau,

Le porteur de cette lettre est Alfred Taunay, fils de Félix Emile Taunay qui vous avez connu à Rio et me parlait tant de votre *Aphroessa* qu'il appréciait comme vos poésies le méritent. Il fait le même cas de vos autres ouvrages que je lui ai fait connaître. C'est un jeune homme de beaucoup de talent qui écrit bien et sent ce qui est beau. Sa femme est aussi très intelligente et fort bien élevée.

Je vous les recommande avec toute l'affection que je porte à cette famille et vous voue également.

Votre bien attaché

D. Pedro d'Alcantara.

Rien de nouveau ici. J'attends avec impatience des nouvelles de mes fils et petits-fils de Lisbonne. Je vous écrirai prochainement une lettre plus longue.

Adieu!

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 9 Juin 1878.

Gobineau,

Je viens de recevoir votre lettre du 13 Mai. J'ai déjà commencé à lire votre article dans le *Correspondant*, et je vois avec plaisir que vous êtes toujours occupé; c'est un grand bonheur et je le sais par ma propre expérience.

Je sais déjà par télégramme que ma famille et tous les siens sont arrivés en bonne santé à Paris. Que vous êtes heureux de pouvoir les y rencontrer!

Rien de nouveau ici. Heureusement les santés sont assez bonnes.

Mon maître d'Arabe, le Ministre d'Autriche, est parti en congé, mais je tâcherai de ne pas perdre ce que j'ai acquis.

Je connais quelques fables de Loqman, publiées dans une chrestomathie. Je traduisais les contes des *Mille et une nuits*, et j'en possède l'édition Habicht. Mon dictionnaire est celui de Freitag et la grammaire que j'ai apprise, de Flaize.

Mme. de Latour m'avait déjà écrit sur sa *Vestale* et je suis sûr que ce sera une peinture admirable. Je lui écrirai prochainement quand j'aurai plus de loisir pour causer un peu par écrit. J'espère que vous me communiquerez vos impressions artistiques, surtout de l'exposition de Paris.

Mille choses à votre fille Diane et croyez-moi toujours

Votre bien affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 1^{er}. Juillet 1878.

Gobineau,

En fait de nouvelles je n'ai rien à vous dire d'ici, que vous ne sachiez par les journaux. L'année a été rude pour moi. La sécheresse du Nord me cause encore de profonds chagrins.

J'ai déjà lu votre article sur le royaume des Hellènes. Je crois que vous conclurez que l'on devait aider ce peuple comme les Russes. Tout à fait d'accord et je suis bien content qu'on ne demande plus: "comment peut-on être Grec?" Cette lecture m'a beaucoup intéressé et je protesterai seulement contre votre doctrine *quia absurdum*. On peut raisonner et être patriote du fond du coeur et, quant à la foi, s'il y a des vérités que notre raison ne peut pas comprendre, elle les admet toutefois.

Pour l'affaire d'Orient, la voilà arrangée pour quelques années du moins, et, petit-à-petit, la Turquie sera divisée en Europe et en partie en Asie, parmi les nations dont les institutions sociales ne portent pas le germe de la destruction, comme en Turquie, quoiqu'elles souffrent aussi énormément de bien graves défauts.

On sent les bas-fonds se soulever partout et on a oublié que trop de prêcher et surtout de pratiquer les bons principes.

Que l'amour des beaux-arts doit vous consoler et que je regrette de ne pas pouvoir me réfugier quelquefois sous leur influence si saine.

Parlez-moi toujours de vos travaux et de l'exposition de Paris que vous avez déjà dû voir. Même là on a voulu commettre un horrible attentat contre les machines!

J'espère que Mme. de Latour est tout à fait rétablie de sa main et je lui demanderai bientôt une photographie de sa *Vestale* que je crois voir encore chez elle.

Adieu! Bien des souvenirs à votre fille Diane et croyez-moi toujours

Votre bien affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Rome, 25 Juillet 1878.

Sire,

Il y a quelque temps que je n'ai eu l'honneur de recevoir des nouvelles de Votre Majesté et je vais partir pour aller en France dans quelques jours. J'irai d'abord à Bordeaux afin de recueillir encore quelques notes dont j'ai besoin pour mon livre (*l'Histoire d'une famille*) d'ailleurs terminée et que je voudrais voir paraître l'hiver prochain. Je pense que Votre Majesté a reçu la première partie de mon livre sur la Grèce qui est dans le *Correspondant*. A mon retour, je serai plus libre et commencerai, avec ma traduction annotée du Koush-Namèh, un livre sur l'Espagne depuis la crise de Grenade par Ferdinand et Isabelle jusqu'au déclin de la monarchie. Ce sera le pendant de la Renaissance, même forme et mêmes développements. Ce que je voudrais surtout, c'est assurer la prompte publication de la seconde édition de *l'Inégalité des Races* à quoi je ne changerai rien. Je ne sais si j'ai dit à Votre Majesté que l'Académie Française avait couronné la Renaissance.

L'Empereur reçoit certainement la publication qui se fait des résultats obtenus dans les fouilles d'Olympie. Il va paraître bientôt la photographie d'un Mercure; je l'ai vue en petit. C'est peut-être la plus admirable statue qui soit au monde et elle est supérieure à la Vénus de Milo. Je suis extrêmement intéressé par le développement de la question d'Orient qui devient de plus en plus la question asiatique. On n'aurait jamais pu croire, il y a dix ans, que cette affaire dût aller si vite; la France deve-

nue nulle dans cette grande évolution après avoir soutenu la doctrine que la Méditerranée devait être un lac français; l'Angleterre, ahurie, seule en face de la Russie et battant l'eau parce qu'elle ne sait que faire, toute l'Asie centrale déjà occupée avec les plateaux qui mènent sur la Chine. Avant quinze ans, il y aura un empire comme l'histoire n'en a jamais connu et la suprématie germanique dans l'Occident pour durer ce qu'elle pourra durer. En face d'un jeu pareil, je ne conçois pas bien qu'on s'amuse de ce que les personnalités parlementaires et leurs combinaisons peuvent opérer pour l'affaiblissement graduel et définitif des Etats. Ici, ils sont assurément les moins malades des peuples latins et ils pourront être employés à démanteler les autres.

Quand j'arriverai à Paris, je m'empresserai d'aller présenter mes respects à Madame la Princesse Impériale et à Son Altesse Royale Monseigneur le Comte d'Eu. J'espère trouver l'un et l'autre dans les meilleures dispositions du monde et apprendre des nouvelles de Votre Majesté. Mais je serai beaucoup à Trye et, si l'Empereur veut m'y écrire, les lettres m'y arriveront plus sûrement et au besoin me seraient renvoyées où je serais (Château de Trye, Oise, France). Je compte bien être de retour ici au mois d'octobre et dans les premiers jours.

Presque tout le monde est parti. Bonghi va s'en aller à Naples; Madame Minghetti est à Bologne où j'irais la voir si j'avais le temps; la Comtesse de La Tour part la semaine prochaine pour aller chez sa soeur en Piémont et aux eaux d'Acqui; la princesse de Teano va dans l'Engadine; la Comtesse Dohuhoff est à Vienne et Liszt à Perth. C'est une dispersion complète. Le plâtre de la Statue que Votre Majesté a bien voulu me commander, est absolument fini et on commence à dégrossir le marbre; mais je ne veux pas qu'on y travaille pendant mon absence...

D. Pedro II a Gobineau

Rio. 5 Août 1878.

Gobineau,

Reçu votre intéressante lettre du 25 Juin. J'y vois toute l'activité de votre esprit et j'en suis fort content pour vous et aussi pour ceux qui vous affectionnent.

Ah! si mes occupations ne me forçaient pas à une existence bien différente, quoique toujours bien affairée, que je serais heureux et mes lectures seraient à l'unisson des vôtres!

Aujourd'hui mon esprit est presque uniquement absorbé par ce qui pourra arriver aux élections générales qui viennent de commencer. Je n'ai pas besoin de vous dire combien ce sujet est antipathique aux beaux-arts et aux belles-lettres ainsi qu'aux visées de la science. Quand vous n'avez plus de société — ce que l'on peut nommer ainsi — à Rome, vous vous enfuyez à Paris, et moi? Je n'ai presque de ressources que dans les livres — quand j'ai du temps et du loisir pour en jouir. Je ne m'ennuie jamais, ce n'est que du manque de cette véridable vie de l'esprit que je me plains.

Heureusement, la compagnie de chant italien est arrivée. Ce n'est pas du "Tannhauser" même tel que nous l'avons entendu ensemble à Stockholm, mais j'ai déjà entendu les *Huguenots* qui ont été assez bien chantés.

J'ai déjà lu quelque chose sur les Mercurès d'olympie que l'on attribue à Praxitèle, mais je n'en ai pas encore vu la photographie. Pour qu'il soit plus beau que la Vénus de Milo, il faut que l'on y ait atteint presque la perfection absolue.

Adieu! Ecrivez-moi toutes les fois que vous trouverez du plaisir à communiquer vos idées et vos sentiments à

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Château de Trye (Oise)
14 Août 1878.

Sire,

J'ai reçu les deux lettres que Votre Majesté m'a fait l'honneur de m'écrire le 9 Juin et le 1^{er}. Juillet et Votre Majesté ne m'a pas donné de trop bonnes nouvelles de la sécheresse des provinces du Nord. Je partage tout le souci que l'Empereur en éprouve et je voudrais bien que cette cause de peine ait disparu. Mais on passe sa vie à souhaiter le départ d'un ennui et l'arrivée d'un soulagement. J'ai eu l'honneur de voir Madame la Princesse Impériale à Paris. Je l'ai trouvée merveilleusement bien portante ainsi que Mgr. le Comte d'Eu. Ce qui m'a surtout frappé, c'est la bonne mine du jeune prince. Je dis l'aîné; l'autre dormait et je sais seulement de lui qu'il va bien. Pour le pauvre petit bras froissé du premier, tout va le mieux du monde et il s'en sert avec une liberté qui augmente tous les jours.

De l'Exposition j'ai vu peu de chose. *Je ne suis pas très curieux de regarder en dehors de ma nature et Votre Majesté sait que l'objectivité est moindre chez moi que la subjectivité.*

L'Ecole française et allemande se répètent sans rien ajouter et en perdant beaucoup. Les Italiens les copient assez mal, ce qui les met au bas de l'échelle. Les Espagnols ont un tableau d'un grand mérite: *Jeanne la Folle*. C'est plein d'idées et l'exécution est digne de la pensée. Toute la sculpture, sans exception, est, assez médiocre. Je crois qu'il n'y a de vraiment intéressant en fait d'art que les Anglais. C'est véritablement jeune, fort et plein d'avenir. Voilà tout ce qui m'a semblé intéressant. Il y a immensément à faire dans le monde. Je suis aussi convaincu de cette vérité que si je la voyais en chair et os à côté de moi et sentait sa main sur mon épaule. J'ai écrit à la comtesse de La Tour ce que Votre Majesté m'a dit pour la Vestale. Il y en a une photographie assez bonne que l'Empereur a peut-être reçue à l'heure qu'il

est. Mais rien ne peut donner une idée de la couleur et de l'expression générale de ce merveilleux tableau. Je sais d'ailleurs que la Comtesse qui est aux eaux de Valdieri près de Cerni (Cunes) en Piémont, va mieux de sa main mais pas trop bien en général. Ce qui m'afflige sensiblement. Mon livre: *Histoire d'Ottar Jarl, Pirate norvégien, conquérant du Pays de Bray en Normandie et de sa descendance* va paraître cet hiver. Je viens de la revoir entièrement ici et j'espère que Votre Majesté l'approuvera. Mais je ne puis trouver un éditeur pour publier la seconde édition des *Races* épuisée depuis deux ans et qu'on demande. Mais les libraires ne publient plus des livres qui ont plus d'un volume. Voilà où en est la science et la littérature dans la République française. Ce qui paraît ou pourrait paraître de sérieux doit être payé par l'auteur ou par le Gouvernement qui s'y prête de moins en moins. J'avoue même que je suis étonné que Didier ait accepté de publier *l'Histoire d'Ottar*. On tombera plus bas encore chez une nation qui ne lit plus que le *Figaro* ou le *Rappel*. Je suis ici jusqu'à la fin du mois pour chercher à vendre Trye le plus tôt possible. Mais c'est fort long et il faudra me résigner à perdre ce que je ferai, crainte de pis. J'ai hâte de me retrouver dans mon atelier de Rome et travaillant à votre statue dont le marbre est commencé et à d'autres travaux de tous genres que je me suis mis sur les bras, sans trop calculer. Mais Votre Majesté sait que je m'en tire toujours et, pour bien dire, je ne saurais travailler sans cela. Je serais bien heureux en arrivant à Rome vers le 1^{er} octobre d'y trouver des nouvelles de l'Empereur et de bonnes nouvelles. En ce qui concerne la question d'Orient ou, pour mieux dire, la question de l'Empire d'Asie, je ne pense pas que la trêve soit longue et la Russie le voudrait-elle, ne saurait enrayer sa fortune. Ce n'est pas la ridicule occupation de Chypre qui sauvera ni la Turquie ni les Anglais. Ceux-ci ont laissé passer le moment climatérique et ils sont tombés pour toujours à Plevna. Maintenant ce que deviendra l'Europe avec un empire germanique d'Occident et une agglomération immense comme la Russie devenue surtout asiatique, je ne m'en soucie d'aucune manière et je serais bien fâché que les coupables ne fussent pas punis.

P. S. Je mets hors de ma lettre la substance de deux demandes que les intéressés adressent à Votre Majesté. Le Comte Messala m'écrit que le Capitaine des deux Canonnières qui ont eu l'honneur de mener Votre Majesté, dans de voyage à Delphes, M. Bassari et M. Lambetti, de même MM. Hadjypetros, Préfet de Police, Kidonaki l'hôte de l'Empereur à Cerni, les professeurs Postolacca, Christomanos, Crokidas et Orphanidis auraient été extrêmement heureux d'obtenir la croix de Chevalier de la Rose. Le Comte Messala n'en eut pas été moins flatté. Et, par ailleurs, M. Raffalowiaz, Consul Général du Brésil à Odessa depuis de longues années et Commandeur avec plaque de deux ordres russes, me dit la même chose.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 8 Septembre 1878.

Gobineau,

J'ai reçu hier votre lettre du 14 Août. J'espère que vous vous tirerez de l'affaire de Trye aussi bien que vous le désirez.

Quand recevrai-je l'Histoire d'*Ottar-Jarl*? Je comprends votre passion pour la subjectivité, surtout dans la société actuelle, mais que puis-je faire dans ma position sinon subir un peu trop ce qui est externe? Que nos causeries du dimanche me manquent!

Mardi, je vais avec ma femme jusqu'à St. Paul. Je compte y voir les travaux des chemins de fer et tout ce qui intéresse les progrès de cette province beaucoup plus active que les autres.

Je suis bien sensible au motif des demandes de décorations dont vous êtes le naturel intermédiaire, mais je dois vous dire la conduite que j'ai préférée, par rapport à ce sujet là, après ce qui est arrivé après mon premier voyage. Pendant celui-ci, j'ai dit dans tous les endroits où il y a des légations brésiliennes qu'elles pourraient

proposer, pour des décorations, ceux qu'elles jugeraient dignes de les avoir, à cause de mon voyage, et que moi je n'indiquerai personne au Ministère brésilien. A Athènes, il n'y a pas de légation, mais quelque autre pourra agir. Je tiens à rester en dehors de cette affaire. Après mon premier voyage, on n'a pas fait ce que je voulais et j'ai eu d'autres contrariétés à ce sujet. Je vous parle si franchement, parce que je fais justice à vos sentiments envers moi.

Comme je ne sais pas où se trouvera la Comtesse de Latour à l'arrivée de ma lettre, je vous prie de la lui remettre.

Prochainement, après mon petit voyage qui me fera beaucoup de bien, je vous écrirai une meilleure lettre.

Adieu! Et comptez toujours sur

Votre bien affectionné

D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

(sans date)

Gobineau,

Je sais que vous aimez à recevoir de mes nouvelles comme moi les vôtres, et encore je dois vous faire mes compliments pour votre second article sur le *Royaume des Hellènes*. Vous faites entière justice aux efforts vraiment patriotiques de ce peuple pour son indépendance. La défense de Nauplie par Colocotromis qui me rappelle notre voyage en Grèce qui m'a laissé des souvenirs indélébiles — vous n'avez pu manquer d'appuyer sur la difficulté de grimper jusqu'au haut de la Palamidi et la conférence de l'amiral de Rigny après la bataille de Navarin sont racontées d'une manière saisissante.

Le portrait du terrible pacha de Hanina me semble frappant, et que le contraste avec la belle et sympathique Vasiliki est touchant.

Vous avez apprécié la politique occidentale comme elle mérite. Que vient de faire encore tout à l'heure le Congrès de Berlin? Je vous engagerais à écrire une histoire complète de cette époque si intéressante et que l'ouvrage de Tocqueville ne fait connaître que d'une manière assez fausse.

Comment vont vos travaux? La traduction du persan attire ma curiosité et l'époque du Congrès des Orientalistes à Florence est déjà prochaine.

Je suis sûr que vous m'en parlerez et de quelques uns de ceux que je connais et qui comparaitront sans doute.

Avez-vous lu l'article de Bonghi sur le Caliban de Renan?

Il l'apprécie avec beaucoup de justesse. Pourquoi Renan ne vous initie-t-il pas davantage à la connaissance des langues sémitiques?

J'attends avec impatience un discours de réception à l'Académie française. Il aura, certainement, beaucoup de *personnalité*.

J'ai beaucoup à faire ces derniers temps et vous savez combien j'en suis heureux. Cependant les jouissances artistiques manquent trop à mon existence, quoique je sois prêt à revenir à la grande dispute entre nous.

Adieu! Comptez toujours sur l'amitié de

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau à D. Pedro II

Rome, Via Solférino A.
26 Octobre 1878.

Sire,

Je reçois à l'instant les lettres de Votre Majesté du 5 Août, du 8 Septembre et une troisième sans date. J'arrive à Rome depuis quelques jours. J'ai passé un

été de très mauvaise humeur avec des ennuis d'affaires. Mais enfin, j'ai vendu Trye. Tout est pour le mieux et j'ai arrangé ma situation de sorte que je suis désormais en repos là-dessus. Je suis allé à Parme pour me remettre en bonne humeur en voyant le Corrège. Cela ne m'a pas trop réussi et, je trouve cette gloire là un peu surfaite. Mais à Florence j'ai été plus ravi que jamais des André del Santo. Enfin, me revoilà dans mon atelier et à ma table à écrire. J'ai commencé beaucoup de choses à la fois, suivant mon usage; il s'agit d'arriver à bonne fin. *Ottar Jarl* est à l'imprimerie; mais je n'ai pas encore les premières épreuves. J'espère qu'elles ne tarderont plus beaucoup. Je remettrai aujourd'hui votre lettre à Madame la Comtesse de La Tour. Elle est mieux portante cette année et vient de commencer un tableau qui s'annonce comme devant être fort beau. Je ne vous en dis rien, Sire, parce qu'elle en parlera sans doute à Votre Majesté. Pour le Congrès de Florence, je n'ai pas pu y aller à cause de mes affaires de Trye. Mais j'ai trouvé en arrivant à Rome, Renan qui en est parti le lendemain et il m'a dit que tout s'est très bien passé à Florence, qu'il n'y a pas été dit de choses ridicules (ce qui est rarissime dans un congrès scientifique ou politique). J'ai vu aussi Amari. Mais il a l'avantage immense de ne pas croire à toutes ces choses là et surtout aux discours qu'on y fait. Renan ne pense pas à son second volume ou pour mieux dire au *vrai* volume sur les langues sémitiques et je suis convaincu qu'il ne le fera jamais. Ces sortes d'ouvrages ne rapportent en France ni gloire ni même réputation, ni argent. Tout ce qu'on en peut tirer, c'est qu'un drôle quelconque dise en voyant le livre, que vous ne savez ni l'hébreu ni l'arabe et tout le monde sera pour lui, parce que, dans une société devenue ce qu'est la société française, quelqu'un qui sait l'arabe est un insolent qui sait ce que chacun ne sait pas. Il est donc naturel qu'on nie qu'il le sache. Je ne connais que moi qui ne me soucie pas de ce qu'on dit et de ce qu'on pense. Mais aussi je m'en vais et je vis à Rome. Je demanderai à Bonghi son article sur *Caliban*. Je ne l'ai pas encore lu. Je viens de finir la maquette de mon groupe de *Roméo et Juliette*. Le marbre de la statue que je fais pour Votre Majesté avance. J'en ai montré la pho-

tographie à Guillaume, le Directeur actuel des Beaux-Arts à Paris, qui m'avait fait complimenter pour la *Pia Tolomei*, ce qui a déterminé entre nous une grande amitié car je ne le connaissais pas avant. Il pense bien de la Statue. J'espère quelle sera l'année prochaine à l'Exposition de Paris et que je publierai la seconde partie de l'*Amadis* qui tend vers sa fin. Quant à la traduction du Koush-Namèh dont me parle Votre Majesté, ce sera long à finir parce qu'il y faudra beaucoup de notes et très développées. Mais c'en est précisément ici le plaisir. J'y travaille avec suite en ce moment. J'ai également beaucoup d'attrait pour mon livre sur les développements de la puissance russe en Asie. Je ne doute pas qu'avant dix ans, au moyen du protectorat qui leur arrive naturellement sur les populations musulmanes du Turkestan et leurs voisines, ils n'entrent en Chine, la prennent, rendent par là un grand service aux Etats-Unis, en détournant de leur côté l'émigration chinoise et ne soient avant la fin du siècle écrasants pour l'Europe occidentale. Votre Majesté a bien grandement raison pour le congrès de Berlin. Cette affaire de l'Autriche avec la Porte est quelque chose d'inouï. On n'a jamais servi au monde un tel potage d'ignorance, de légèreté, de bêtise et d'infatuation sénile. Adieu, Sire, Votre Majesté pense très bien que je suis si heureux de recevoir de ses nouvelles; mon dévouement pour l'Empereur n'est plus à la phase où les sentiments peuvent baisser, mais à celle où ils vont toujours grandissant...

Gobineau a D. Pedro II

Rome, A Via Solferino.

1^{er}. Décembre 1878.

Sire,

Je ne sais pas pourquoi je m'imagine que j'aurai des nouvelles de Votre Majesté ces jours-ci. J'arrive de Tivoli où j'ai passé quelques heures avec le Cardinal de

Hohenlohe et Liszt. Ce dernier est toujours admirable. Il fait en ce moment de la musique sacrée en même temps qu'il arrange pour le piano des quatuors de Beethoven. Le Cardinal est toujours bon et aimable, comme Votre Majesté le connaît. L'évènement de Naples a déterminé ici, comme l'Empereur l'a vu, et dans toute l'Italie, une très naturelle émotion d'indignation. Je crois que d'ici à un temps donné, ces sortes de monstruosité détermineront une réaction très vive et qui tournera au détriment des théories libérales. Votre Majesté sait que je n'ai pas de goût pour l'incapacité bavarde qui se qualifie de ce nom. Ici, il est incontestable qu'on avait été prévenu et à différentes reprises de ce qui se tramait. Il avait failli éclater une tentative à Florence et une autre ailleurs. On avait dû, pendant le voyage du Roi, surveiller les chemins de fer, changer plusieurs employés et un tunnel a même été occupé militairement. Le préfet de Naples a trouvé à propos d'écrire à son chef le Ministre de l'intérieur M. Zanardelli que les détails donnés à l'avance avec une précision dont l'évènement a montré l'exactitude, ne valaient pas la peine d'occuper l'attention; maintenant M. Cairoli blessé est assez souffrant (bien qu'il allât assez bien hier au soir) est passé à l'état de martyr royaliste; on n'en fait pas moins remarquer avec raison qu'il aurait pu se passer de son discours de Pavie. Ce qui me frappe de plus en plus dans ce temps-ci, c'est l'extension d'inconséquence et d'absurdités qui envahit toute façon de faire les affaires.

La politique sémitique de M. Disraeli porte l'Angleterre à mettre la main sur Chyyre au moment où il s'agit pour le gouvernement de la Reine de rendre l'Europe hostile aux empiètements de la Russie et, toujours, pour retarder ce jour où les forces britanniques se trouveront en face de celles de cette puissance dans l'Asie Centrale, on vise à s'emparer d'un point dans l'Afghanistan, ce qui produira naturellement l'occupation de Merv. En même temps, on se procure un échec parfaitement inutile dans les montagnes au sud de Peshawer. Encore une fois, je ne me rappelle pas, en dehors des temps byzantins, un moment historique où l'on ait montré plus d'incapacité, d'insuffisance et de suffisance.

Mais je ne veux pourtant pas ne parler que de politique à Votre Majesté. Mon groupe de *Roméo et Juliette* avance comme le marbre de la Statue de Votre Majesté. Je compte toujours qu'elle ira à l'Exposition du printemps à Paris. La correction des épreuves de mon livre sur *l'Histoire d'une famille* avance. Je pense que, dans trois mois, je pourrai l'envoyer à Votre Majesté et je suis aussi assez avancé dans ma traduction du Kousb-Naméh. Mais cela prendra beaucoup de temps. Adieu, Sire. Je voudrais bien voir Votre Majesté. Mais quand cela pourra-t-il être? Il faut, ici bas, tromper sa faim avec du coeur. J'offre à Votre Majesté tous mes voeux de nouvelle année. L'Empereur sait qu'il n'en est pas de plus respectueux et de plus profond...

CAPIT. XII

D. Pedro II a Gobineau

Pétropolis, 10 Janvier 1879.

Gobineau,

Si je ne vous écris pas plus souvent, c'est parce que j'ai toujours beaucoup à faire. Heureusement ici, il me reste plus de temps pour être un correspondant pas très médiocre. Sur les affaires d'ici, je n'ai qu'à vous dire que l'état des finances est assez difficile, mais que l'on se tirera avec de l'économie et des mesures qui favorisent la production.

La réforme électorale agite un peu les esprits, mais comme les deux parties la jugent nécessaire, il faut qu'elle se fasse. Cependant, je n'ai confiance que dans l'éducation du peuple. Du reste, je préfère m'occuper de questions qui ne soient pas politiques.

Le monde européen est encore peu stable et la place du socialisme réclame des agissements énergiques mais qui aient en vue l'avenir.

Prochainement il y aura ici une exposition des beaux-arts. Je vous en donnerai des nouvelles, quoique vous vous trouviez dans une atmosphère tout artistique. C'est bien naturel, cela vous encourage et j'en suis extrêmement satisfait pour votre santé.

J'attends avec impatience le résultat de vos labeurs artistiques et littéraires, et je suis sûr qu'ils renouvelleront dans mon imagination les temps où je jouissais de votre compagnie.

Liszt m'a envoyé la nouvelle édition de son livre sur Chopin et, en le lisant, j'ai rêvé un peu de Bayreuth où je l'ai entendu au piano pour la première fois, en regrettant de ne pas passer, avec lui et avec vous, quelques

heures à la villa d'Este chez le sympathique cardinal Hohenlohe.

Le paquebôt né part que le 15 et peut-être j'ajouterai quelques mots à cette lettre. Adieu!

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

J'ai déjà lu tous vos articles sur le *Royaume des Hellènes*. Je vous en parlerai après. Qu'est-ce qu'on fera pour eux, les Hellènes, en vertu de la promesse du fameux Congrès?

*
Gobineau a D. Pedro II

Rome, Via Solferino A.

24 Janvier 1879.

Le temps se dévore et si je pense constamment à Votre Majesté, je n'écris pas autant et si souvent que je me raconte à moi-même ce que je vais écrire à l'Empereur et ce que je pense que l'Empereur me répondra. C'est le mérite constant et la supériorité de la langue sur la plume. Je ne sais si les inventions modernes du téléphone et autres belles affaires viendront à bout de résoudre la difficulté.

Rome est, en ce moment, dans le mouvement mondain le plus prononcé. Avant hier c'était l'Ambassadeur d'Autriche, hier c'était la princesse de Téano, ce soir c'est je ne sais quoi, où je vais; demain, c'est Monsieur de Kendell et l'ambassade de Russie et Madame Minghetti et je ne sais qui encore. En réalité, ma grande affaire, c'est de trouver le moyen de sortir le moins possible sans manquer à tant de gens bons et aimables pour lesquels j'ai une grande gratitude; mais je suis tout pris âme et forces physiques par mes travaux. J'espère que l'*Histoire d'Ottar-Jarl* va être en volume le mois prochain et que j'aurai l'honneur de l'envoyer à Votre Majesté. Je viens de terminer un buste d'enfant qui semble assez bien réussi et je suis tout à fait dominé par la statue qui appartient à Votre Majesté dont le marbre avance rapidement et qui, je l'espère bien, sera à l'Exposition de Paris au mois de mai, après quoi elle ira pré-

senter mes respects à l'Empereur à Rio où elle sera, en personne, vers le mois d'Août, je suppose.

Je ne sache pas qu'il y ait grande nouveauté dans les sciences et je suis à peu près certain, qu'il ne s'en présente aucune en littérature. On lit le moins possible et la plupart des gens ne lisent même plus du tout; mais on n'en célèbre pas moins à tour de bras les grandeurs de l'esprit moderne, de sorte que tout est absolument pour le mieux.

Je n'admire en réalité qu'une seule invention actuelle, c'est celle de la maxime inventée par feu M. Thiers que la République est la forme qui divise le moins les esprits en France. Elle est, en effet, sur la voie de ne plus les diviser du tout. Du moment que la majorité d'une chambre a découvert le moyen, par le mécanisme ingénieux de la vérification des Pouvoirs (une bien jolie petite machine!) de se transformer en unanimité pour l'expulsion absolue de ce qui n'est pas elle, il est clair qu'il n'y a plus de division possible et, en même temps, le régime parlementaire est arrivé au summum de sa perfection. Ce qui est admirable c'est l'unité de mouvement qui mène toute l'Europe vers un état despotique dont l'intensité eut effrayé le Roi Louis XIV. Que devient la vie intellectuelle au milieu de tout cela? Elle, devient bien maigre, comme je le disais tout à l'heure à Votre Majesté; toutefois on ne s'en amuse pas moins et il n'y a que les gens moroses qui regrettent de voir ce qui se passe. Je supplie Votre Majesté de ne pas me confondre avec eux et d'être au contraire bien convaincu que personne autant que moi ne désire de voir la race latine se donner à tous les diables et je n'en fais pas mes compliments à ces derniers...

Gobineau a D. Pedro II

Villa d'Este — Tivoli (16 Février 1879).

Sire,

Je pense que je fais bien d'écrire d'ici à Votre Majesté, et c'est l'avis de Monsieur le Cardinal de Hohenzollern qui m'a emmené ici pour y passer quelques jours

avec lui. J'ai dit à Son Eminence ce que Votre Majesté m'avait chargé de lui transmettre de bons souvenirs et le Cardinal en a été très touché et me charge à son tour de parler de son respectueux dévouement à l'Empereur. L'abbé Liszt n'est pas ici, mais à Perth. Je lui écrirai aussi dans quelques jours et ne manquerai pas non plus de faire auprès de lui la commission de Votre Majesté. C'est ici un des lieux assurément les plus admirables du monde et par la beauté de la nature qui nous entoure et par la magnificence d'un horizon qui grandit le dôme de St. Pierre et par tous les souvenirs d'histoire qui s'y réunissent depuis l'Empereur Adrien. Mais, pour moi, je suis plus particulièrement sensible à celui-ci que les peintures de la chambre où je suis, sont du pur XVI.e siècle et exécutées par les ordres du Cardinal de Ferrare, fils de Madame Lucrece. Tout ce qui est romain m'est assez indifférent et même quelque chose de plus.

Que pense Votre Majesté de toutes les belles choses qui se font en France? Voilà la République dans tout son épanouissement. On met les fonctions publiques, grandes et petites, au pillage et, pendant ce temps, on assassine et on vole dans les rues de Paris. Ce que tout cela va durer, il est assez difficile de le calculer d'une manière certaine; mais non pas où sera la conclusion. On peut déjà apercevoir le pantalon rouge d'un général quelconque et il y a même des gens qui prétendent reconnaître les traits du général et qui prétendent aussi que c'est nul autre que Monsieur de Galiffet. Ils n'ont peut-être pas tort.

Votre Majesté me fait l'honneur de me dire qu'au moment de modifier l'élection politique au Brésil, elle espère beaucoup dans le développement de l'instruction publique. Difficilement les populations, soit en Amérique, soit en Europe, atteindront l'état élevé de l'instruction primaire existant en Chine, en Perse et dans l'Inde et je ne vois pas trop à quoi cette diffusion des connaissances peut servir aux populations qui la pratiquent, au moins dans leur vie politique; quant à leur valeur morale, il est encore bien plus clair qu'elle n'en est pas le moins du monde rehaussée et je mourrai, je crois, comme j'aurai vécu, dans la plus parfaite conviction qu'il n'y a pas de plus grande absurdité au monde que le système représentatif, autrement dit, le fait de consulter et de

faire agir dans le maniement des affaires les masses populaires, plus ou moins restreintes, plus ou moins étendues, peuple ou bourgeoisie. Dans la pratique ce n'est jamais qu'un moyen de faire la fortune d'un nombre donné d'intrigants, soit qu'ils s'intitulent conservateurs, soit qu'ils se nomment libéraux. Tout cela finira en Europe par le plus effréné despotisme du monde.

Il y a beaucoup de plaisirs en ce moment à Rome et je m'estime assez heureux que le Cardinal m'enlève à quelques bals et divertissements toujours assez fatigants.

Les épreuves de mon livre se succèdent assez lentement pour que je ne sache plus trop quand je verrai la fin. Mais aussitôt prêt, il ira se soumettre à Votre Majesté. L'Empereur ne m'a jamais parlé du livre de Taine. C'est un des ouvrages les plus curieux et les plus vrais de ce temps-ci. Adieu, Sire. J'espère que Votre Majesté trouve pourtant çà et là quelques loisirs pour s'occuper d'autre chose que de gouvernement...

D. Pedro II a Gobineau

Pétropolis, 24 Février 1879.

Gobineau,

Croyez qu'il m'en coûte à vous laisser sans de mes nouvelles pendant longtemps. Les affaires m'ont beaucoup occupé dernièrement et la lecture des débats des Chambres me prend énormément de temps. Je deviens même un peu ignorant de ce que l'on publie du plus intéressant en Europe; cependant, je lirai tout de suite vos récents écrits.

Ma vie, ici, est fort régulière, mais le temps me manque pour des promenades pittoresques, comme il y en a tant à Pétropolis, et la causerie me fait encore plus défaut qu'à Rio. Que je me rappelle nos dimanches de St. Christophe et que n'aurions nous pas à nous dire sur ce qui ce passe dans la société actuelle!

Que vous êtes heureux de vivre au milieu de tant de sublimes manifestations du beau artistique! Pour moi, il n'y a que ce que l'on publie en fait d'estampes et dans les livres.

Comment trouvez-vous l'Arioste illustré par Gustave Doré? Donnez-moi souvent des nouvelles de la société que vous fréquentez à Rome et du mouvement artistique qui s'y produit.

Je viens de lire dans l'*Antologi* l'article de Bonghi sur l'état politique de l'Italie. Ce serait bon de le publier dans d'autres langues.

Je reçois le journal de Bayreuth inspiré par Wagner, mais je ne sais pas quand on chantera son *Parsifal*. Peut-être Liszt pourra vous en informer si vous le rencontrez chez l'aimable cardinal Hohenlohe.

Je ne ferme pas déjà cette lettre, car le paquebôt ne part que dans quelques jours...

Rio, 1^{er} Mars.

J'allais fermer cette lettre, et voici votre bonne lettre du 24 janvier. Je répondrai un peu longuement, quoique nous ne puissions pas causer comme les dimanches.

Heureusement vous êtes toujours en train et quand on a un esprit aussi actif que le vôtre, il n'y a pas de pessimisme qui y fasse brèche.

Adieu! A tantôt.

D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Rome, a Via Solferino.

2 Avril 1879.

Sire,

Je voudrais bien que Votre Majesté me permette de me plaindre un peu, d'autant plus que j'en ai une envie extrême. Votre Majesté m'écrit toujours à la fin de ses lettres qu'elle m'écrira plus longuement et plus explicitement la prochaine fois, mais je ne vois jamais venir cette prochaine fois, de sorte que je ne sais pas si ce que je puis raconter ça et là à Votre Majesté, l'intéresse un peu et la conclusion est que je ne sais trop que dire. Il est extrêmement difficile de parler tout seul si l'on doit ou si l'on voudrait raconter quelque chose qui valut la peine d'être dite. En attendant, l'hiver a été des plus

animés à Rome et je regrette bien que Votre Majesté n'en ait pas joui. Madame Minghetti est toujours très gaie et brillante, la princesse de Téano belle et charmante. Madame d'Uxkull séduisante et toute la société fort amusante, mais le mal est que c'est trop fatigant lorsqu'il y a le travail à côté. On a très bien exécuté à la Sala Dante la *Neuvième Symphonie* de Beethoven et par deux fois. Naturellement je n'y ai pas manqué. Je crois que Votre Majesté eût été satisfaite. Il ne me paraît pas que l'on doive encore donner cette année le *Parcival* de Wagner. Du moins je ne l'entends pas dire. J'ai pourtant une lettre de Madame de Schleinitz qui ne m'en raconte rien et Liszt est à Perth d'où il ne revient pas encore. Je n'ai pas manqué de dire au Cardinal de Hohenlohe tout ce dont Votre Majesté m'avait chargé pour lui. Il veut que je dise à l'Empereur combien il en a été touché et reconnaissant et se met bien aux pieds de Votre Majesté. Les choses ne vont pas si bien au Vatican qu'il y a quelques mois et il me semble qu'on retourne aux vieux errements. Mais ce serait trop long à dire...

D. Pedro II a Gobineau

Pétropolis, 21 Avril 1879.

Gobineau,

Il y a longtemps que je ne reçois de vos nouvelles dont je suis toujours impatient. Votre nouveau livre ne doit pas tarder et je le lirai tout de suite.

Les affaires en Europe semblent aller mal. C'est qu'il y a presque partout une espèce d'épidémie morale qu'il coûte beaucoup à guérir.

J'espère que vous m'enverrez la photographie de Mercure d'Olympie aussitôt que vous l'aurez. Je sais qu'elle n'a pas encore paru.

Je viens de lire l'ouvrage de Carcopini sur Dodone qui m'a assez intéressé, surtout à cause des études y jointes d' Egger et d'Heurey.

Mon activité cherche toujours à s'employer heureusement; je ne connais pas ce que c'est que l'ennui. Les journées passent trop vite pour ce dont je désire m'occuper.

La vie de Pétopolis me convient beaucoup, mais aussi celle de St. Christophe qui recommence régulièrement le 26, quoique plus extérieurement active que celle-ci et me faisant regretter davantage nos dimanches.

Donnez-moi des nouvelles de vos filles et de vos petits-enfants. J'ai reçu dernièrement une lettre de l'excellent Messala, mais le temps me manque vraiment pour être un correspondant comme je le désirerais.

Comment vont nos connaissances de Rome? J'ajouterai, peut-être, demain, quelques mots à cette lettre avant de la fermer.

Adieu! Toujours

Votre bien attaché
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Rome, Via Solferino.
21 Mai 1879.

Sire,

Je reçois une lettre de Votre Majesté du 21 avril et je vois que non seulement la santé de l'Empereur est très bonne mais que le séjour de Pétopolis est plein de charmes et que celui de St. Christophe s'annonce comme devant donner des impressions également agréables. Il y a certainement beaucoup de mérites dans ces belles résidences mais ce qui me frappe d'une manière particulièrement agréable en tout ceci, c'est que Votre Majesté se trouve bien certainement dans le meilleur équilibre physique et moral sans quoi les objets environnants ne pourraient produire un effet aussi heureux.

Dans une quinzaine de jours environ la statue de marbre appartenant à Votre Majesté sera complètement terminée. Je la garderai un mois tout au plus pour la faire voir à quelques personnes et elle partira pour Rio. Je désire bien vivement que Votre Majesté en soit contente.

Mon livre prend tant de temps à paraître que je commence à craindre que l'éditeur ne traine ainsi que pour en retarder la publication jusqu'au commencement de l'année prochaine, ce qui, au fond, m'est assez égal. Je caresse en moi-même une idée. C'est de continuer tous mes travaux et de n'en plus peublier un sel. Ainsi je viens de finir la seconde partie de l'*Amadis*. Je vais finir la troisième. Peut-être je ne publierai rien du tout, non plus que ma traduction du Koush-Namèh avec les commentaires et les notes. La Société moderne en est, à ce point, qu'elle cesse graduellement et par un mouvement très sensible d'être odieuse. Elle n'est plus que ridicule et le fou rire prend à ce qu'on voit se passer en France, et à considérer les messieurs qui mènent tout cela et, surtout, les nations qui n'y trouvent rien à reprendre. Je ne sortirai pas d'Italie cette année, bien qu'il y fasse un temps abominable; la pluie ne cesse pas depuis le mois d'Octobre. Votre Majesté a vu que le Cardinal de Hohenlohe avait été nommé évêque d'Albano. Il n'est pas trop content de ses quatre chapitres de chanoines. Il me paraît même qu'il est peu édifié de quelques uns. La Comtesse Lovatelli a été nommée membre des Lincei pour ses notices savantes sur trois vases. C'est une grande satisfaction dans le cercle de ses amis. Madame Minghetti est toujours charmante et Bonghi écrivant de *omni re scibili*, ce qui ne peut faire de mal à personne qu'à ceux qui le liraient mais il est universellement vanté et cela suffit...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 15 Juin 1879.

Gobineau,

Il y a longtemps que je ne reçois pas de vos nouvelles et cela m'inquiète, car je sais que vous ne vous ménagez pas pour le travail qui du reste est la plus grande consolation de la vie que l'on est souvent forcé de mener.

J'attends avec impatience votre dernier livre. Ma vie est toujours celle que vous savez et je sens chaque fois davantage le manque de nos dimanches.

J'ai eu ces jours derniers bien des sujets de préoccupation, mais je pense que tout est calme de nouveau. Du reste, mes concitoyens sont doués de qualités qui rendent le gouvernement facile à ceux qui tâchent de remplir leurs devoirs.

J'espère que vous me donnerez toujours des nouvelles de mes connaissances de Rome. On vient de faire une trouvaille fort importante pour l'archéologie dans le *Farnésina*. J'ai reçu dernièrement des publications qui me semblent importantes, de l'Ecole française de Rome qui se trouve sous l'excellente direction de M. Geoffroy.

Croyez que si je ne vous écris pas autant que je le voudrais, c'est parce que je suis obligé de travailler énormément dans la journée pour me tenir un peu au courant de ce que je dois savoir.

Que me dites-vous de l'état de la Russie? Je ne me suis pas trompé dans les impressions que j'ai gardées de notre bon voyage dans ce pays.

Quelles nouvelles artistiques me donnez-vous? Que savez-vous de "Parsifal" de Wagner? Avez-vous reçu des lettres de Mme. de Schleinitz. Ayez la bonté de lui dire que je n'oublie jamais les trop courtes causeries qui m'ont tant intéressé et que, si je ne lui écris pas, c'est que je crains de pas lui rendre des lettres si intéressantes, comme il pourrait s'y attendre.

Adieu! Je vous écrirai davantage tantôt et quand j'aurai votre livre vous ne vous plaindrez plus de mon laconisme.

Votre tout affectionné

D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Rome, 11 Juillet 1879

Sire, „

J^e reçois à l'instant la lettre de Votre Majesté du 15 Juin. Je suis bien touché de l'inquiétude que l'Empereur me témoigne; je n'ai pas été très bien, mais ce sont choses dont en vient à bout quand on a à faire. Je

crois que mon éditeur fait trainer la publication de mon livre. Je pense que c'est pour ne le mettre en vente qu'à l'automne. Je savais par l'excellent baron de Javalay que Votre Majesté n'était pas sans ennuis. C'est la condition mortelle et, souveraine encore plus, surtout dans le temps où nous sommes où les préoccupations politiques ont un caractère particulièrement affadissant et répugnant. Mais on ne choisit ni son temps, ni la nature de ses ennuis. J'ai fait partir hier la statue de Votre Majesté. Elle me paraît avoir trouvé ici beaucoup de bienveillance mais je désire extrêmement qu'elle plaise à Votre Majesté. J'ai suivi mon inclination en ne faisant pas une petite figure comme j'en avais eu d'abord l'intention mais une statue de grandeur naturelle à laquelle j'ai mis tous mes soins. Je regrette seulement que le marbre que j'avais demandé et espéré très beau, laisse un peu à désirer mais cela ne fait rien à l'ouvrage. J'attends avec bien de l'impatience à savoir si le jugement de Votre Majesté me sera aussi favorable que celui des amateurs de Rome et de Guillaume qui avaient vu l'année dernière une photographie du modèle.

Pour ce qui concerne la Russie, je suis tout à fait de l'avis de Votre Majesté et les entreprises des nihilistes ne m'étonnent aucunement. Peut-être est-ce une conséquence de faits pareils à l'ameublement ou pour être plus exact à la tapisserie de certaines chambres du palais de Kiev dont Votre Majesté se rappelle peut-être. Mais si cette observation me fait considérer de très malheureux accidents comme possibles, je n'en suis pas moins absolument convaincu que la Russie mangera l'Europe et cela dans un délai plus prochain qu'on ne saurait l'imaginer. Les Anglais qui ont un sentiment assez vrai de la force d'expansion actuelle de cet empire, sont naturellement portés à croire qu'il se jettera sur l'Inde. Je ne le pense pas. Ils prendront l'Inde mais par le mouvement naturel de l'Inde elle-même, il est vrai que le voisinage de la Russie n'y nuira pas. Mais ce que les Russes auront fait avant dix ans, ce sera d'avoir ouvert, du côté de l'Occident les écluses de l'immense amas humain qui se trouve si mal à son aise en Chine et c'est une avalanche chinoise et slave bigarrée de Tartares et d'Allemands de la Baltique qui mettra fin aux sottises et, aussi, à la civilisation

européenne. Les Etats-Unis qui ont peur de l'invasion par les Jaunes dans la direction de la Californie y gagneront peu. L'Europe y perdra tout. Il est vrai qu'elle n'a plus grand chose et ne mérite guère l'intérêt. Voilà ce qui me paraît aussi certain que Mané, Thécél Pharès...

Gobineau a D. Pedro II

Rome, Via Montebello.
28 Juillet 1879.

Sire,

Je suppose que lorsque cette lettre arrivera à Votre Majesté, la statue sera arrivée ou bien près d'arriver. Je ne puis assez dire combien je suis désireux de savoir l'impression qui l'aura accueillie; je ne sais si j'ai dit à l'Empereur que c'est une *Mime*. Elle fait sauter des boules et les reçoit dans sa main gauche. La droite vient d'en saisir une et se prépare à l'envoyer rejoindre les autres. L'intérêt que j'ai voulu donner à cette figure, ressort de ce qu'elle est triste, et, esclave asiatique, fait son métier de *Mime* sans chercher à séduire. J'ai voulu faire une création assez mélancolique et non pas sensuelle. On prétend que j'y suis parvenu. Votre Majesté en décidera.

L'Italie ne peut pas parvenir à se faire un ministère. Celui d'aujourd'hui n'a juste qu'assez d'existence pour tenir debout pendant l'absence de la Chambre. Je remarque qu'en France, on est dans une position analogue. Le Ministère ne satisfait ni les Chambres, ni le Président, ni le vrai chef, M. Gambetta, mais on le garde parce qu'on ne sait comment en faire un autre. J'ai dans l'idée que le gouvernement constitutionnel ou plutôt parlementaire, ayant pour résultat certain d'opérer dans les classes gouvernantes par suffocation graduelle de toute la valeur chez les hommes, après avoir épuisé les médiocrités, ce qui n'est pas long, finira par ne plus trouver personne et mourra sous l'influence de l'azote...

J'ai reçu une lettre de Monsieur Wilfrid Blunt que Votre Majesté a bien voulu recevoir à Londres. Il vient avec Lady Anne Blunt de faire un long voyage dans l'Arabie méridionale et y a vu de très belles choses. Il est maintenant à Smila, dans l'Inde, auprès de Lord Lytton, notre ami commun, et je tâche de lui persuader d'aller un peu voir la région de Pamir. Les derniers voyages tant russes qu'anglais sont on ne peut plus intéressants. Je suppose que Votre Majesté a vu celui du Colonel Préjalowski au lac Lob-Nour. Tout l'avenir et l'avenir prochain de l'Europe se promène de ce côté-là. C'est par ces routes que la Russie va amener l'Asie Orientale, la Chine comprise, au milieu du borbier occidental. Je suppose que j'aurai fini mon livre sur cette question vers le commencement de l'hiver. J'ai corrigé les dernières épreuves de l'autre; mais l'éditeur me fait la mine de vouloir ne le faire paraître que vers Octobre ou Novembre. Adieu, Sire, je suis bien heureux de vous savoir si bien portant et, en somme, avec bien des ennuis, prenant la vie comme elle est; mais j'avoue que j'ai aussi bien de la hâte de voir Votre Majesté. Quand cela sera-t-il?...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 18 Août 1879.

Gobineau,

Voilà votre lettre qui est toujours un événement heureux pour moi qui vous est sincèrement affectionné et comme la statue tarde, je m'empresse de vous répondre en vous donnant aussi de mes nouvelles. Oui, j'ai eu dernièrement de quoi me chagriner, mais c'est l'état économique du pays qui me fait penser sérieusement, quoique la sagesse politique, chose peu vulgaire chez les hommes qui se disent politiques, parvienne, avec de la persistance qui n'est pas facile d'obtenir, car les partis sont fort mal organisés, parvienne à vaincre les difficultés.

Heureusement, le Nord du Brésil souffre beaucoup moins de la sécheresse, les pluies n'ont pas été suffisantes, et c'est ici qu'il ne pleut depuis plus de deux mois. Le peuple commence à souffrir de la diminution d'eau. Le ciel est d'une limpidité désespérante, l'été approche et il faut songer à la salubrité de la ville avec beaucoup de zèle.

Je continue à m'occuper comme toujours, mais les bonnes causeries comme celles des dimanches me manquent, et, en fait de beaux-arts, il n'y a presque qu'à en parler. Vous êtes admirablement bien placé à ce propos et je compte sur vos jugements au sujet de ce que vous en saurez et surtout en aurez vu.

Que me dites-vous des peintures anciennes découvertes récemment près de la Farnésina?

Rappelez-moi à l'excellent cardinal et à sa société si bien choisie et croyez que si je ne vous écris pas autant de fois que je le voudrais, c'est parce que je suis presque continuellement à la besogne, et on ne cause bien qu'avec un peu de loisir.

Adieu! A un autre loisir qui, j'espère, sera long. Votre statue sera le sujet d'une lettre qui vous plaira, mais viendra-t-elle?

Quelles nouvelles avez-vous reçues de votre fille Diane?...

Gobineau a D. Pedro II

Rome, 24 Août 1879.

Sire,

Il y a une telle absence d'intérêt vif en toutes choses que je crois n'avoir jamais vu un moment aussi vide. On prétend que les peuples heureux n'ont pas d'histoire; il faut croire que les nations actuelles de l'Europe ont atteint le comble de la félicité, car on ne parle guère de ce qu'elles font, ne faisant rien. Je suis porté à croire

que les peuples abattus sont aussi silencieux que les peuples heureux. Il paraît qu'ici les négociations avec l'Allemagne et la Russie étaient en bonne voie d'aboutir et l'intérêt de la religion y est si grand que l'on pouvait penser à une solution favorable. Mais tout reste en suspens pour une considération qui a aussi bien du poids. L'état financier est très critique au Vatican et le parti cléricale en France et en Pologne menace de donner de moins en moins si l'on ne tient pas rigueur à Berlin et à Pétersbourg. Ce n'est pas une considération très apostolique mais il faut avouer pourtant qu'elle a du poids. Il n'y a personne, absolument personne à Rome en ce moment. Je n'y suis resté, moi-même, dans la plus complète solitude que parce que je change d'atelier et le transport de mes marbres me force à rester là. Madame Minghetti est à Bologne, la comtesse de La Tour à Sorrente, la princesse de Teano avec tous les siens dans l'Engadine et les ambassadeurs un peu partout mais aucun ici. Il y en a encore pour deux mois de cette solitude. J'ai dix endroits à aller, ce qui me décidera à n'aller nulle part. J'imagine que mon éditeur ne veut faire paraître mon livre qu'au commencement de l'hiver. C'est l'opinion de Renan placé dans le même cas que moi et qui ne parvient à rien publier en ce moment. Il a passé ici il y a une huitaine de jours et va prendre les bains d'Ischia. Il m'a eu l'air peu enchanté de ce qu'on peut prévoir du plus prochain avenir à Paris. Je ne l'ai pas contredit là-dessus...

Gobineau a D. Pedro II

Rome, Via Montebello.
3 Septembre 1879.

Sire,

Il n'y a rien de plus vrai que cette ancienne parole : "il n'est pas bon que l'homme soit seul". Je suis tout seul et je trouve le fardeau pesant. Il n'y a pas à Rome

une seule personne, je ne dirai pas amie, mais de connaissance. Le Cardinal Hohenlohe qui est censé être ici, est à son nouveau diocèse d'Albano et Liszt qui vient d'en être fait chanoine n'est pas encore revenu de Perth. Bref, pas âme qui vive! Je lis immensément et de toutes sortes de choses pour me rendre possible le travail de création. Car de ne parler à personne engourdit singulièrement l'esprit. Je n'en viens pas moins de faire une découverte: c'est que, positivement, *Ivanhoé* est un chef-d'oeuvre. Autrefois, il y a bien longtemps, j'aimais passionnément Walter Scott et puis la période *Drang und Sturm* est venue et j'y ai couru comme tout le monde et, comme je suis essentiellement conciliant, j'ai répété avec l'esthétique actuelle que *Ivanhoé* était de la littérature de pendule. Il n'y a décidément pas de jugement plus faux. Le moyen âge est parfaitement vrai et bien étudié et bien rendu dans *Ivanhoé*, sans compter la magnificence du paysage qui est incomparable. Seulement, au temps de Walter Scott, le temps de Richard Coeur de Lion, le XIIe. siècle n'était pas encore connu et, en bloc, ou prenait tout le Moyen-Âge dans Froissart. *Ivanhoé* est donc parfaitement vrai mais transposé au XVe. siècle. Là, il n'y a positivement pas une critique à faire.

Je suis allé voir la tête d'Antinoüs chez le Marquis Vespignani. Il y a de fort jolis détails, il ya des choses fort critiquables mais je suis convaincu que c'est aussi bon que la grande masse des statues et bustes romains dont je n'admire pour ma part, rien du tout. C'est la source de toute la sculpture honnête, modérée et ennuyeuse. Comment la chose peut-elle être mise seulement en discussion quand il n'est personne qui n'avoue que les plus belles statues de Rome ne sont autre chose que des copies de deuxième ou troisième ou quatrième main d'originaux grecs perdus? Alors on se rejette sur l'intérêt historique. C'est fort bien mais ce n'est plus l'intérêt d'art qui n'existe réellement que dans l'oeuvre grecque originale, dans l'oeuvre du moyen-âge, dans celle de la Renaissance et dans les bronzes bouddhiques. Seulement, il y a des vérités très difficiles à faire sentir. Combien d'hommes aiment le beau en lui-même, le vrai en lui-même, exprimé par la peinture, la sculpture et la musique?

Adieu, Siré, j'espère que Votre Majesté est toujours aussi bien portante qu'elle se félicitait de l'être et que les ennuis de toute nature ne sont pas trop pressants. Comme je voudrais voir l'Empereur ici de nouveau! La nature y est incomparable!...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 27 Septembre 1879.

Gobineau,

Voilà vos lettres du 24 Août et 3 Septembre. Quand vous souffrirez de la solitude, causez avec celui qui vous est sincèrement attaché. J'y gagnerai doublement, car vous me mettrez en train et ma solitude est encore plus sensible que la vôtre. Cependant, l'étude me réjouit toujours, et l'époque est plus aux sciences qu'aux beaux-arts. Avouez que dans cette réflexion, il y a de l'esprit conciliatoire, quoique je voudrais bien me retrouver dans mes dimanches ou en Grèce, questionnant sur l'éternel sujet.

Que j'aime à vous entendre parler ainsi du noble seigneur d'Abbotsford. J'ai déjà visité deux fois son manoir à cause des romans qui ont fait mes délices depuis mon adolescence!

C'est en Ecosse que je les ai dûment appréciés. Que je me rappelle son *Ivanhoé!* Comme il commence bien, décrivant l'arrivée des voyageurs chez Gédric. Le paysage y est merveilleusement décrit quand le terrible Templaire et l'abbé bon vivant rencontrent Gurth. Lisez aussi *Waverley* et pensant aux lacs des Higlands, allez les admirer après dans la nature. N'oubliez pas *Mid Lothian's Heart*. J'ai fait mon pèlerinage à St. Levaro où l'on conserve encore la maison de Sennie Dean et l'Abbé — à cause de Lochleven et les *Puraitains* que je préfère nommer *Old-Mortality*. Je me suis caché aussi derrière un des piliers de la crypte de St. Mungo à Glasgov.

Enfin, je ne quitterai pas Sir Walter Scott sans parler de sa charmante arrière petite-fille qui a été si bonne pour moi en ce château où l'on parle du bon et noble seigneur. On m'y a donné l'autographe d'un manuscrit fort curieux qu'il n'a pas terminé.

Mais les affaires m'arrêtent à cette causerie si agréable et il ne me reste que le temps nécessaire pour vous répéter que je n'ai pas reçu encore votre statue.

Je pense comme vous jusqu'à un certain point. Le mérite des statues romaines n'est presque jamais original. Je ne me suis pas habitué au côté artistique du bouddhisme.

Adieu! Parlez-moi souvent de vos connaissances qui sont encore miennes en grande partie, et croyez toujours à la réciprocité de l'affection de

Votre tout dévoué
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Rome, via Montebello.
30 Septembre 1879.

Sire,

Je reçois la lettre de Votre Majesté du 18 Août. Je suis bien peiné des soucis pesants et sérieux qui, par ce temps de disette au Brésil, affectent l'Empereur et si justement. L'Europe aussi est cruellement éprouvée par la température. La Sicile a été stérilisée par la sécheresse de l'hiver, pendant que le même hiver noyait tout en Italie, surtout dans la Haute Italie et en France. Mais ceux qui ont charge d'âmes comme Votre Majesté ne prennent pas parfaitement patience. Les affaires d'Asie se gâtent de plus en plus. Ce malheur dans l'Afghanistan rejette l'Angleterre dans un nouveau courant d'aventures et, à vrai dire, sa politique n'est plus autre chose dans

le monde. D'une guerre à Sierra Leone, elle a couru à une campagne en Abyssinie; elle bataille avec les Zoulous et, maintenant, pour soutenir la gloire plus régulière qu'utile de cette ubiquité, il lui faut conquérir chez les Afghans, chez les Turkomans, au nord du Seyndhy, après avoir pris Chypre dans le but de faire vivre les Turcs. Tout ce bruit et ce débraillé ne peuvent mener bien loin ni durer longtemps sans aboutir à des catastrophes.

En France Votre Majesté a vu que des gens ramenés de la Nouvelle Calédonie ont été accueillis avec l'engouement de la mode par le commerce de Paris qui croit là se piquer d'une générosité très habile et sur les 600 convicts revenus, 150 ont déjà été arrêtés et emprisonnés pour vol. Tout le caractère de l'Occident, dans ces temps ci, est misérable et mesquin au delà de toute idée.

Je ne crois pas qu'on publie grand chose ni qu'on fasse beaucoup. Les idées sont ailleurs, ou plutôt elles ne sont nulle part. Je n'ai pu encore voir Liszt qui est pourtant à Tivoli avec le Cardinal. Il est venu me voir mais j'avais été moi-même faire une courte visite à la Comtesse de La Tour qui, revenue de Sorrente, s'est arrêtée à Olevano dans les montagnes au-dessus de Palestrina. Elle fait sur une seule toile une étude de sept têtes d'enfants et de jeunes filles qui est une fort belle chose.

Je suis bien désireux de savoir enfin que la Statue est arrivée en bon état à Votre Majesté et surtout si elle plait à l'Empereur, j'en serais ravi. J'attends avec un désir extrême d'en savoir son avis détaillé comme Elle me le promet. Le Comte de La Tour va être assez heureux pour servir auprès de Votre Majesté. Bien que je sois fort son ami, l'Empereur ne me trouvera pas suspect si je fais grand cas de la droiture de son caractère et de la bonté de son esprit. Moi aussi, je voudrais bien servir le plus tôt possible Votre Majesté; mais surtout, dans des conditions qui permissent de causer, comme à Rio ou en voyage, car j'avoue que je n'aime pas beaucoup la course au clocher ou les occasions rares et prises aux cheveux qui se présentent seules à Paris...

Gobineau á D. Pedro II

Rio, 1^{er}. Octobre 1879.

Gobineau,

Je ne veux pas tarder à vous dire que je viens d'ouvrir la caisse de votre *Mime*. Elle n'est pas encore placée convenablement pour l'apprécier, mais je puis vous dire dès à présent que l'expression me plait beaucoup.

Rien de nouveau. Ecrivez-moi souvent, faites-moi respirer un peu de l'atmosphère des beaux-arts et croyez que si le corps commence à compter les 54 ans, l'esprit est toujours jeune. Que je regrette mes dimanches!

J'ai été très content de savoir la bonne réussite de NordeusKiold. Je connais ce savant dès Philadelphie et vous devez vous rappeler que je l'ai rencontré à Stockholm.

Que je vous envie l'existence que vous menez à Rome! Les moments de solitude se rachètent bien vite avec une jouissance double. Parlez-moi de tout ce que vous savez devoir m'intéresser.

J'ai écrit tantôt à Messala. J'ai toujours aimé la Grèce et je n'oublierai jamais le trop court séjour que j'y ai fait.

Adieu! Croyez toujours à la sincère amitié de

Votre bien attaché
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau á D. Pedro II

Rome, 18 Octobre 1879.

Mon livre vient enfin de paraître et je suppose qu'en même temps que cette lettre, Votre Majesté va le recevoir. Cela me fait penser que voilà bien des sujets sur lesquels je suis pressé de savoir l'opinion de Votre Majesté: la

Statue de la Mime, d'abord et maintenant cet ouvrage-ci. Pour la première, je compte les jours, car il me semble qu'au premier matin, je puis bien maintenant apprendre que le marbre est arrivé devant son juge et je désire si fort que l'impression soit ce que je la souhaite que je prends patience avec grand peine. Pour l'autre affaire, c'est-à-dire le livre, il est bien vrai que j'ai passé ma vie à en recueillir les documents et à en préparer les bases. Je n'ai fait que pour lui l'*Essai sur l'Inégalité des races* et c'est pour lui que j'ai écrit l'*Histoire des Perses*, afin de bien voir moi-même si le tempérament des races ariennes résistait et restait le même dans tous les climats. Maintenant que mon livre est fait quant aux applications historiques, vivement les explications intellectuelles et morales, et c'est l'*Amadis*. Je sais très bien que dans le temps où je vis, j'aurai autant de mal et de peine que j'en ai eu pour achever toute mon oeuvre, mais cela importe peu. J'avance dans la troisième et dernière partie de l'*Amadis* et je voudrais bien publier la seconde dans le cours de l'année prochaine. Mon éditeur pousse les hauts cris de la désolation en me disant que toute littérature sérieuse est bien malade. Je le crois d'autant plus facilement que l'*Assommoir* de M. Zola a maintenant plus de cent éditions et on le traduit dans toutes les langues. Un Français qui a passé par ici me racontait que cet illustre M. Zola ne cache pas son profond mépris pour tout ce qui s'est fait avant lui; il appelle ceux qui ont recherché des inspirations différentes des siennes "des gens qui font des culbutes dans le bleu de l'azur". Il préfère infiniment les faire dans la boue et il s'en tire comme on voit. En vérité, ce temps-ci est, dans son genre, admirable; Mgr. Cataldi qui arrive de Paris où il a porté les barettes des nouveaux Cardinaux a été reçu par la *Maison militaire* de M. Grévy. Quant on pense que l'on a fait tant de révolutions et tant de phrases, coupé le cou à tant de gens qui n'en pouvaient mais et mis l'Europe sans dessus dessous pour qu'à la fin apparaisse M. Grévy avec une maison militaire, c'est à tomber à la renverse de stupéfaction. Il est vrai que tous les petits bourgeois de l'univers sont ravis. Ils se voient tous, et chacun, dans un prochain avenir, entourés d'une maison militaire.

Le cardinal Hohenlohe a célébré l'autre jour la prise de possession du canonat de Liszt à Albano et m'avait fait l'honneur de m'y inviter; mais, par accident, j'étais allé à Subiaco de sorte que j'y ai manqué, ce dont j'étais désolé. On va commencer à revenir à Rome. Pour moi qui n'en ai pas bougé de l'été, je ne trouve pas ce séjour désagréable. Il est vrai qu'on est mort très bien de la fièvre mais c'est que les ingénieurs s'en sont mêlés en travaillant le cours du Tibre. L'ingénieur est assurément un des animaux les plus nuisibles de la création, pour les monuments d'abord et pour la vie des hommes ensuite...

Gobineau a D. Pedro II

Rome, 25 Octobre 1879.

Sire,

J'ai reçu ce matin les deux lettres de Votre Majesté du 27 septembre et du 1er. octobre. Votre Majesté a bien pensé combien j'étais anxieux de savoir la *Mime* arrivée en bon état, et surtout plaisant à Votre Majesté. Mais elle n'était pas encore placée et autant que je puis me l'imaginer, elle était même encore dans la caisse. J'attends avec bien de l'impatience le jugement que Votre Majesté m'a permis d'en attendre de sa part. J'ai aimé beaucoup mon travail et qu'il ait réussi, me comble de joie. Tout ce que l'Empereur me dit sur Walter Scott, je le ressens de même avec une vivacité extrême. *Old Morhediley* m'a charmé, je l'ai relu précisément le dernier et j'en suis encore tout charmé. Je vais prendre *Warwerly*. Je comprends du fond du coeur tout le plaisir que Votre Majesté a eu à voir les lieux où a vécu l'auteur de si belles choses et qui a si bien aimé les idées qu'il a représentées. Je suis dans une disposition toute propre à sympathiser avec lui en ce moment où ma troisième partie de l'*Amadis* m'absorbe. Je ne crois pas qu'on dira jamais plus de vérités dures en langage plus

dur à l'époque actuelle et c'est un emploi que je remplis volontiers, car ma haine et mon mépris pour tout ce qui se fait va toujours ascendant. En outre, l'*Amadis* est la métaphysique de l'historique d'*Ottar Jarl*. Votre Majesté l'a certainement reçu maintenant, cette grande et première occupation de toute ma vie. J'attends l'opinion de l'Empereur là-dessus comme sur la *Mime* et plus encore. Voilà bien de sujets de conversation pour les dimanches, si Votre Majesté y pense à ces dimanches inoubliables et à nos conversations à bord et à celles sur la montagne de Scutari. Que fais-je, moi? Tout cela reviendra-t-il quelque jour? J'en ai vraiment bien besoin. Mais il y a au travers tant de choses! Et les faits matériels et ce que Votre Majesté nomme les jaloux. Des premiers on se débarrasse avec du temps, quelquefois; des seconds, presque jamais. Je ne suis plus seul, Madame de La Tour est revenue et pas trop bien portante; le prince de Téano et sa charmante femme de même; et le baron d'Uxkull, l'ambassadeur de Russie que je trouve plein de bon sens et M. Kendell chez qui je vais dîner avec Liszt qui me charge de présenter tout ses respects à Votre Majesté. Les Minghetti ne sont pas encore, ni Bonghi. Je suppose que l'Empereur a lu le livre de Renan, l'*Eglise Chrétienne*. Il est si chrétien là dedans que je ne serais pas étonné qu'après avoir fait sa cour à l'Académie, il ne fit sa cour aussi aux évêques. A tout péché miséricordie. Ce que j'ai vu de plus beau depuis longtemps, c'est le discours du Maréchal de Monteuuffel aux gens de Metz. Je suis sûr que Votre Majesté est de mon avis. Adieu, Sire, l'Europe est dans une position qui s'aggrave chaque jour. Le très mal commencera avant peu et voilà la famine qui est imminente en Italie et en France. Nous sommes aux environs du Ve. siècle...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 1^{er}. Novembre 1879.

Gobineau,

Votre Mime me plait, mais je n'ai pas encore pu la placer tout à fait à son avantage; mais, dans peu de temps, j'en causerai avec vous; mais quelle différence de ces dimanches qui me manquent chaque jour davantage.

La sécheresse des provinces du Nord ne me fait pas tant souffrir à présent, mais, dans ma position, j'ai toujours beaucoup de quoi me préoccuper. La patience ne me fait pas défaut, je tâche d'accomplir mes devoirs, mais vous devez vous faire une idée de combien je dois me ressentir du peu de liberté dont je puis jouir. Que vous devez être heureux à Rome et que ces montagnes du côté de Subiaco sont pittoresques.

J'ai été bien content du choix de votre ami de Latour pour la mission d'Italie dans mon pays et je lui ferai l'accueil dont il est digne. Je pense tout à fait comme vous à propos de la politique de Beaconsfield et l'Inde me rappelle les fables de votre ami Lord Lytton dont j'ai vu une traduction et voudrais bien en posséder l'original. J'y trouve beaucoup de profondeur d'idées et d'esprit.

Comment va Blount et la petite fille de l'un de mes poètes de prédilection? Que dites-vous de l'ouvrage sur les Mirabeau? Il a dû vous plaire, car je connais votre caractère personnel. En vérité, l'époque est à tout niveler, à tout confondre, mais que peut-on en dire si l'on réfléchit que tout le monde a toujours marché ainsi. La bonne littérature disparaît presque, mais les sciences font toujours de grands, d'immenses progrès, quoiqu'elles empiètent souvent trop.

Voici de bons moments pour moi presque finis. Heureusement, j'ai devant moi, trois journées presque sans affaires et je compte me rattraper du côté de ce qui plait à l'esprit. Vous voyez donc bien que je ne suis pas exclusif dans mes goûts et, surtout, que je suis très personnel dans mes affections.

Ecrivez-moi plus souvent, faites-moi partager vos plaisirs si fortifiants de Rome et ne mettez jamais en doute le prix que j'attache à nos causeries.

Adieu! J'ai transmis aux miennes l'expression de vos sentiments dont elles vous remercient fort et enfin je suis forcé de finir pour recommencer aussitôt que le permettra la vie trop resserrée pour l'amitié de

Votre très attaché
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II à Gobineau

Rio, 15 Novembre 1879.

Gobineau,

J'ai reçu hier votre lettre si intéressante pour moi. En même temps m'arrivait votre *Ottar-Jarl* que je commencerai à lire ce soir même et compte finir demain dans la journée. Ces études-là me plaisent beaucoup et, comme vous le savez, je ne proteste que contre ce que je trouve de trop absolu dans votre doctrine sur les races humaines.

La *Mime* sera bientôt le sujet d'une bonne causerie.

Ce que vous dites de l'époque que nous traversons, est très juste, mais heureusement nous nous en garantissons par l'étude du beau et des questions qui intéressent le progrès de l'humanité.

Je vous écris à la hâte comme le démontre, du reste, la manière dont j'ai employé le papier, mais le temps me presse. Heureusement les Chambres ont cessé leurs travaux et je jouirai dorénavant un peu de mon temps.

Que je regrette nos dimanches! Essayez de les renouveler un peu dans votre correspondance. Votre part est meilleure que la mienne, mais je ne vous cède pas dans les sentiments que je vous consacre.

Adieu!

Votre tout attaché
D. Pedro d'Alcantara.

Parlez-moi de tout. Vous venez de visiter Subiaco et cependant vous ne me dites rien de cette gorge si pittoresque et de l'église si curieuse, si moyen-âge. Adieu!

Encore deux mots. Le récit *On the account of a recent journey from Bagdad to Bushire by Wilfred S. Blunt*, doit être fort intéressant. Lady Anne l'a accompagné. Vous comprenez pourquoi je me hâte de vous en parler.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 9 Décembre 1879.

Gobineau,

Je relis votre livre. Il me plaît surtout parce que je vous y retrouve tout entier. Dans peu de jours, vous aurez mon opinion complète à ce sujet.

J'ai chargé un artiste de placer convenablement votre *Mime*, selon mes indications; je le presse, mais il est, à présent, fort occupé et voilà pourquoi je ne vous en ai pas déjà parlé comme je le désire.

Rien de nouveau dans ma vie. Comment trouvez-vous le discours de Henri Martin? Il me plaît beaucoup.

Les articles de Bersot sur Cousin sont d'une grande valeur. On écrit à présent que peu de fois comme il l'a fait. Je n'ai pas encore lu le livre de Renan. Du reste, comme vous le savez, je suis fortement attiré par les lectures scientifiques où j'acquiers presque toujours quelque chose.

Adieu! A bientôt. Racontez-moi votre vie de Rome. Quelle belle musique vous devez entendre chez le cardinal Hohenlohe.

Adieu!

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau á D. Pedro II

Rome, 2 Décembre 1879.

Sire,

Je suis si heureux et si touché de la bonne lettre que m'écrit Votre Majesté que je ne saurais assez comment le dire. J'y réponds tout de suite, ayant, au fond, un constant désir de parler à Votre Majesté et un ennui profond de ne pas vous voir. Mais que faire? Ce qu'on aime, on ne l'a pas et il faut pourtant vivre. J'ai bien hâte que Votre Majesté ait pu voir la *Mime* dans les meilleurs conditions possibles et sous son aspect nécessaire. J'ai fait de mon mieux et ce qui me plaisait le plus à faire. Je voudrais qu'en sculpture cette oeuvre fût de mes plus marquées et plus personnelles. D'autant que c'est pour Votre Majesté que je l'ai faite et que tout se réunit ainsi pour m'y faire tenir.

J'ai fini la première moitié de la III^e. partie de l'*Amadis* et je l'ai interrompue pour quelque temps, afin de terminer avec un renouvellement suffisant d'idées et je suis très passionné pour la traduction du *Koush-Namèh*. C'est très difficile et nécessitera beaucoup de notes et de commentaires très agréables à faire mais compliqués. Il n'y a que le difficile d'intéressant. J'ai trouvé le nom poétique de l'auteur, mais non encore son nom réel et j'écris dans l'Inde, et à Téheran pour tâcher d'en trouver davantage. Mohl dans son *Shah-Namèh* ne sait pas même l'existence des *Koush-Namèh* ni le nom de l'auteur du *Bahman-Namèh* et je viens de trouver que les deux poèmes sont de la même main et du même cerveau. Rien n'est plus piquant que ces problèmes.

J'espère que Votre Majesté aura enfin reçu la *Vie d'Ottar-Jarl*. La plupart des gens en France ne comprennent pas ce que j'ai voulu faire et s'amuse à croire que l'idée généalogique y est tout. Il me semble cependant que j'ai fait ce qu'on n'a jamais fait jusqu'ici en écrivant de l'histoire sur les hommes même et non sur des théories et des généralités et que le fait de montrer un même caractère et une même nature se continuant en

générations ininterrompues vaut la peine qu'on le remarque. Mais l'esprit français est pourri et ces gens qui ont inventé la République pour voir un Grévy donner des parties de chasse à un Gambetta dans les bois de Marly ne sont pas aptes à rien concevoir qui n'est pas bassesse.

On n'est pas encore trop arrivé à Rome et le monde n'y commence pas. D'ailleurs j'ai trop à faire pour me presser d'y aller beaucoup quand il sera en activité. La Reine a été assez souffrante cet été, mais on assure qu'elle va mieux et elle arrivera ici dans quelques jours. La politique générale tourne péniblement, poussée par les causes internes qui entraînent l'Europe vers sa dissolution, retenue par l'effroi général de voir commencer des conflits dont on ne saurait imaginer ni la fin, ni encore bien moins, supposer le but. Les choses se traineront ainsi plus ou moins longtemps, peut-être des mois, à peine un an, deux ans, et nous aurons le dégoût de voir les explosions, au milieu de l'ignorance et de la petitesse de coeur et d'esprit de ce qui s'appelle aujourd'hui des hommes d'Etat. Què je voudrais cependant penser que je ne serai pas trop, trop longtemps, sans embrasser encore Votre Majesté! L'attachement est la plus belle chose de la vie et il est vrai que nous aurions tant et tant à nous dire! Comme je donnerais gros pour me retrouver avec Votre Majesté sur la route de Mégare et même dans ces montagnes de la Corinthe! Voilà ce qui vaut la peine de vivre! Mais pourquoi n'irions-nous pas en Norvège? Il n'y a rien de plus charmant que la route de Christiania à Trondhjem...

Gobineau a D. Pedro II

Rome, 14 Décembre 1879.

Sire,

Je reçois la lettre de Votre Majesté du 15 novembre et j'y réponds tout de suite. Elle me fait un plaisir extrême. La situation économique s'améliore dans les provinces du Nord, ce qui est immense pour le coeur de Votre Majesté et les Chambres ont fini leurs travaux, ce qui va donner à l'Empereur un peu de paix. L'import-

tance des deux biens n'est pas égale, mais la paix et quelque peu de loisir qui la suivent sont deux bonnes choses. Aussi, je prends grande part au vrai bonheur et au moindre bien-être. Je serais très heureux de savoir les impressions de Votre Majesté sur la Mime et peut-être, plus encore sur *Ottar-Jarl*. J'ai voulu montrer que l'histoire des hommes, c'est-à-dire des familles qui sont l'homme complet, serait une base plus réelle de connaissances que les collections vagues de généralités que l'on donne pour explication de l'Histoire et qui changent tous les dix ans avec l'esprit des populations métissées qui les imaginent et j'ai pensé ainsi inventer une nouveauté utile à proposer. J'ai donné le budget et l'emploi d'une seigneurie féodale et montré que c'était une institution utile et nullement sottement oppressive comme on le prétend tous les jours. Peut-être Votre Majesté verra-t-elle encore que j'ai dit çà et là, d'autres choses qu'on ne semble pas avoir aperçues. Assurément, la descendance d'Ottar n'est pas pour moi une chose indifférente. Que penserait l'Empereur qui me connaît si bien si je me permettais un tel mensonge? Mais Votre Majesté est certainement convaincue que si je n'avais eu qu'à raconter des choses à moi importantes et à moi seul, je ne me serais pas occupé pendant tant d'années de recherches et de travail pour en édifier le public. Je disais l'autre jour à Votre Majesté que j'avais reçu quelques critiques qui me paraissaient assez peu raisonnables. Depuis lors, il m'est arrivé des lettres d'une toute autre nature. Un curé du Beauvoisis m'écrit à ce sujet et a parfaitement compris mes idées et mon but, et, ce qui me fait un plaisir extrême, me promet d'autres enseignements qui seront d'un poids très heureux dans la prochaine édition. Ce que j'attends avec impatience, c'est l'impression de Votre Majesté. Car on ne travaille tout à plein que pour qui l'on aime le plus. J'écris aujourd'hui à Wilfrid Blunt au sujet de son livre et à lord Lytton pour l'engager à envoyer à Votre Majesté *The fable in song*, pensant que Votre Majesté les recevra de lui avec plus de plaisir que de moi ou de l'anonyme. Je suis plus que jamais enfoncé dans ma traduction persane et j'y ai trouvé deux choses fort curieuses, un catalogue de livres byzantins qui, tout résumé qu'il est, prouve ce qu'on a toujours

nié, que les Asiatiques ont recherché les Historiens de la Rome d'Italie autant que les écrits médicaux ou philosophiques et qu'ils ont gardé des traces des plus anciennes hérésies chrétiennes qu'on ne soupçonnait pas. Je traduis en ce moment un passage relatif à Simon le Magicien qui va ravir Renan. Mais c'est mon troisième *Amadis* qui est ma grande affaire et mon buste d'*Ariane*. Je fais aussi le portrait (en buste) d'un baron allemand. Dois-je envoyer l'*Histoire d'Ottar-Jarl* à Madame la Princesse Impériale d'Allemagne? N'est-ce pas abuser de sa constante bonté pour moi que je dois à Votre Majesté? Adieu, Sire, il fait un tel froid qu'on n'a jamais rien vu de pareil à Rome, et quelle misère! Le Cardinal de Hohenlohe présente tous ses respects à Votre Majesté. Liszt va bien; Bonghi est reparti pour Naples mais va revenir. Minghetti ne me paraît pas près du Ministère...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 25 Décembre 1879.

Gobineau,

Je vous envoie mes meilleurs souhaits pour la Noël.

J'avais bien prévu que vous seriez descendant d'Ottar-Jarl. Votre livre m'intéresse beaucoup. Vous y peignez, à grand traits, le moyen-âge, et quand je lisais le nom de Froissard, je me rappelais les lectures les plus attrayantes de ma jeunesse. Votre ouvrage sera le sujet d'une lettre écrite à loisir à Pétrópolis.

Pour la *Mime*, celui qui doit la placer, traîne d'une manière qui m'agace. Il le sait déjà. J'aime à aller vite, mais, pour les oeuvres d'art, je voudrais toujours les goûter.

Toujours beaucoup à faire, et les lectures intéressants à me combler le bureau. Cela m'irrite parfois, mais la réflexion arrive bientôt pour me faire prendre patience.

Que vous devez vous trouver bien à Rome. Ah! si j'avais du moins les anciens dimanches! Enfin, je vous ai déjà dit ce qui me consolait en alimentant aussi l'activité de l'esprit qui, cependant, aurait besoin d'être équilibré par celle du corps. Mais pour le faire, il faudrait du temps et avec qui causer en se promenant; car, ici, il n'y a presque pas de but pour marcher sans s'en apercevoir.

Adieu! A bientôt dans le loisir des montagnes. Vraiment il y a des traits dans votre écrit que l'on n'apprécie justement qu'à la seconde lecture.

A présent, je comprends tout à fait votre passion pour la poésie du moyen-âge. Un de vos ancêtres a déjà adopté le nom d'un des chevaliers de la Table-Ronde.

Adieu! Comment va votre lecture de Walter-Scott? Je vous envie.

Votre bien affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

CAPITULO XIII

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 3 Janvier 1880.

Gobineau,

Vous lirez les nouvelles de Rio. Ces nouvelles m'affligent profondément. C'est la première fois que cela arrive à Rio depuis 1840. Il y a presque quarante ans que j'y préside au Gouvernement sans qu'il y ait eu besoin de tirer sur le peuple. Heureusement, il semble que tout se remet à son ancien état.

Je vous écris bien peu et presque seulement pour vous souhaiter une nouvelle année comme vous la désirez. Que je regrette de ne pas pouvoir vous parler de votre livre si intéressant! La *Mime* est déjà placée sur son piédestal. Elle me plaît beaucoup. Il y a-t-il de la physionomie, quelque souvenir, ou même portrait? Elle exprime bien l'action. La maigreur de ses bras et de ses jambes indique sa condition, mais je trouverais peut-être les seins trop pleins. Je la regarde souvent, surtout du côté droit que je préfère.

Je n'ai pas de temps pour vous écrire à présent mon impression complète.

Merci de votre lettre si bonne! Oui, je n'oublie jamais tout ce que nous avons admiré ensemble et nos causeries si intéressantes pour moi.

Adieu! Quelles nouvelles avez-vous reçues de votre fille à Athènes?

Votre tout affectionné .
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Rome, 7 Janvier 1880.

Sire,

Comme je ne lis jamais de journaux, je n'ai su qu'aujourd'hui l'alerte qui a eu lieu à Rio. J'espère que ce fait n'a eu rien de trop fâcheux et qu'on aura réussi promptement à venir à bout de la réaction. Les choses n'en sont pas en Amérique au même point qu'en Europe et on y peut avoir une certaine mesure de confiance dans le rétablissement du calme qui ne serait ici que de l'imagination. Votre Majesté entend parler de la misère qui s'appesantit très fort sur tous les pays européens. On meurt de faim à Paris, en pleine rue; les choses ne vont pas mieux ici; en Irlande, c'est pis; en Allemagne, on ne sait que faire; les finances russes sont de mal en pis et partout on fait des phrases. Je n'ai pas une grande idée de la continuation d'un état de paix qui puisse atteindre à dix-huit mois et, dans tous les cas, se prolonger beaucoup au delà. Pendant que les gouvernements temporels sont de plus en plus secoués par des nécessités de toutes sortes, le Vatican paraît atteint, lui aussi, par la misère et commence à voir se tarir toutes les sources d'argent. On commence à ne plus savoir ce que deviendra le denier de Saint Pierre. J'ai peur que d'ici à peu de temps, il n'y ait de ce côté là de grands efforts vers les expédients et les conséquences de pareils efforts.

On me dit que le discours de M. Taine a été lu par des gens de ma connaissance et qu'il est fort agréable. Je vois que celui de Henri Martin a plu à Votre Majesté. Mais je n'en ai aucune idée. Je vais chercher les articles de Bersot. Mais tout cela n'est pas trop mon affaire. Renan va aller en Angleterre au mois de mars pour faire des Conférences sur l'Eglise primitive. On l'a appelé et je suis porté à croire que Monsieur le Doyen Stanley est un de ceux qui le demandent. Blunt m'envoie un discours qu'il a prononcé à la Société de Géographie. Je le joins à cette lettre pensant que Votre Majesté y sera intéressé par l'accident grave qui a failli arriver à Lady Anne. Blunt a été sur le point d'en avoir un pire car il avait

été question pour lui de se joindre à la mission du Colonel Cabagnari et il aurait été massacré sans nul doute. Le livre sur le nouveau voyage n'a pas encore paru et Blunt s'empressera de le faire parvenir à Votre Majesté.

Je suppose que Votre Majesté est au courant des progrès qu'ont déjà fait les travaux destinés à faire rentrer l'Oxus dans son ancien lit. Il paraît que les retenues d'eau et les digues de Bokhara ont déjà été détruites. Comme le résultat de ce redressement sera de rendre de nouveau cultivable la rive orientale de la Caspienne et, par conséquent, de rouvrir cette route aux armées du nord et de l'est, j'avoue que je considère cette question comme une des deux ou trois plus grandes de toutes celles que le monde actuel puisse présenter. Je ne puis dire à Votre Majesté combien je suis heureux de l'attention qu'Elle donne à l'*Ottar-Jarl*. J'ai reçu des lettres qui m'ont fait le plus grand plaisir à ce sujet et je prévois la seconde édition qui contiendra des renseignements qu'on me promet et qui me feront entrer beaucoup plus avant dans les choses que je ne vois pas encore clairement, que je n'espérais pouvoir le faire. Comme c'est la grande affaire de mon esprit et de mon coeur, Votre Majesté peut penser si j'en suis heureux. Mais comme je choqe l'esprit moderne! C'est décidément irréconciliable et j'en suis aussi charmé que du reste. D'autre part, les gens bien pensants sont très scandalisés du peu de vénération que je montre pour les rangs; positivement j'aurais dû me contenter de vivre au Xe. siècle, mais je ne suis pas propre au XIXe...

Gobineau a D. Pedro II

Rome, 28 Janvier 1880.

Sire,

Je suis très chagriné des nouvelles de Rio et rien ne m'étonne moins que la triste impression que ces méchantes affaires ont produit sur le coeur de Votre Majesté. Tous ces jours-ci, Madame la Comtesse de La

Tout et moi nous en avons parlé en mille manières en revenant sans cesse sur ce que Votre Majesté en ressentirait. C'est une chose bien triste qu'un prince ait du cœur et de la tête quand les peuples d'aujourd'hui n'en ont pas et la condamnation la plus décisive qui se puisse porter contre les foules, c'est de les voir si folles, si sottes, si mal inspirées en fait de bon droit quand elles ont, depuis quarante ans, l'expérience d'un souverain comme vous l'êtes devant leurs yeux et que, d'autre côté, ce qui se passe en France montre entre les mains de qui l'on tombe quand on court les aventures. Rien n'est plus répugnant que les tristes sottises de ce temps-ci. Elles n'ont même plus pour excuse les illusions passionnées d'il y a quatre vingt ans.

Je suis bien heureux que la *Mime* plaise à Votre Majesté. C'était une des choses que je souhaitais le plus. Votre Majesté me demande si c'est un portrait ou un souvenir. Ni l'un ni l'autre. C'est purement une idée et j'ai voulu exprimer dans cette jeune tête: une sorte de sévérité chagrine qui contraste avec la danse à laquelle la *Mime* est astreinte. C'est une captive.

Je voudrais bien trouver quelque église qui me commandât ma Vierge. Je crois en avoir parlé à Votre Majesté. La Madone couronnée est bénie par l'Enfant Jésus qu'elle porte entre ses bras. C'est le: *Benedicta in mulieribus* et il est curieux qu'on ne l'ait jamais fait. Mais je ne sais si je l'exécuterai jamais. Je n'ai pas assez d'argent pour le risquer avant qu'on me l'achète. Votre Majesté a raison pour la poitrine de la *Mime*. Elle est un peu trop pleine pour l'âge.

L'*Histoire d'Ottar-Jarl* m'occupe de plus en plus. Je reçois des notes nouvelles de bien des gens que je n'ai vus de ma vie et qui comprennent que, si on écrit ainsi l'histoire des familles, il en résulterait une nouvelle façon et plus juste et plus profonde et plus intéressante de voir l'histoire des peuples. Mais ce qui m'intéresse au plus haut degré, c'est que c'est dans le nord de la France, parmi les populations d'origines germaniques, que l'on comprend ce que j'ai fait. Dans le Midi, à Bordeaux, on n'y comprend absolument rien du tout. N'est-ce pas vraiment gallo-romain?

Je suis très avancé dans le IIIe. *Amadis* et je finirai cette année. Il n'y a, dans ce temps, que le travail per-

sonnel qui serve et j'en suis si convaincu que, depuis plus d'un an, je n'ai pas ouvert un journal. Je ne sais les choses qu'en gros et comme on me les raconte et je suis si pénétré que tout le monde actuel va finir horriblement mal que le détail ne m'en intéresse pas. Avec le travail personnel il n'est pas possible d'avoir autre chose que l'attache de plus en plus vive et étroite pour ses affections. Votre Majesté peut assez penser combien je suis occupé constamment de ce qu'Elle fait et de ce qu'Elle éprouve. Je voudrais bien être tous les dimanches à Saint-Christophe au milieu des livres de Votre Majesté ou dans le petit salon d'en bas. Je crois même que j'aimerais mieux encore la plage d'Odessa avec la mer devant. J'ai, de ces promenades de Crimée, un souvenir dominant et si attendrissant pour moi! En somme, ma vie est liée si intimement, si étroitement à Votre Majesté que, chaque fois que je fais ou vais faire ou ai fait quelque chose qui me paraît d'un intérêt quelconque, je sens monter en moi la question de ce que Votre Majesté en pensera. C'est tant dans la vie que d'aimer pour tout de bon! Parce que je ne lis pas les journaux, je me recommandais toujours auprès de Votre Majesté à la bienveillance de Madame la Princesse Impériale et l'Empereur ne me disait pas qu'Elle était en Europe. J'ai vu, le jour de son départ d'ici, que Son Altesse Impériale avait vu la Reine le même jour. Mais Sa Majesté l'Impératrice est à Saint Christophe et j'ose me mettre à ses pieds. Adieu, Sire, j'embrasse Votre Majesté avec le respect et la tendresse et le dévouement qu'Elle connaît.

Cte. de Gobineau.

Gobineau a D. Pedro II

Rome, 12 Février 1880.

Sire,

Je n'ai jamais, que je croie, été plus préoccupé de Votre Majesté que pendant tous ces jours-ci. Ces irritantes histoires de Rio m'ont mis hors de moi parce que je

pensais et repensais comme Votre Majesté devait certainement les prendre à coeur et j'avoue que j'en avais un souci extrême. Tout est fini, mais je voudrais bien être sûr qu'il n'en est pas resté dans l'âme de l'Empereur une amertume difficile à faire passer. C'est la première fois que chose pareille arrive pendant toute la durée de son règne. La Comtesse de La Tour et moi nous en avons parlé et reparlé sans cesse et je voudrais bien être sûr qu'aucune impression n'en reste au fond de votre coeur, donnant ce goût que l'absorption de l'ingratitude et de la sottise donnent si aisément à une âme de la trempe particulière de celle de Votre Majesté. Les lettres de l'Empereur sont rassurantes mais Votre Majesté, moins que personne, ne laisse jamais échapper le dernier mot sur ces sortes de choses et je serai plus injuste que personne, de trop peur qu'il faudrait faire autrement, bien que je puisse le désirer.

Je suis tout à fait enfoncé dans la IIIe. partie de l'*Amadis* et ces jours-ci il ne m'en restera plus à écrire que les deux derniers chants. En somme, quand tout va être fini, c'est un poème de vingt mille vers et qui traite de toutes les choses de ce temps-ci, le darwinisme comme la politique et la mort de la société moderne. Je ne dis pas que ce soit bien; il est assez clair que, si je croyais que j'ai tort de faire une oeuvre pareille, qui, par ce qu'elle existera, sera de tous points, forme et fonds en contradiction avec ce qu'on aime, approuve ou recherche aujourd'hui, je n'aurais eu rien de plus aisé que de ne pas la commencer et, l'ayant commencée, de ne pas la finir. Je ne me dissimule pas du tout que j'aurai la plus grande peine à publier les deux dernières parties et une peine plus grande encore à les faire lire par un public qui n'a de goût que pour l'*Assommoir* et pour *Nana*. Le mal sera augmenté par le Commentaire que je joindrai au poème et qui expliquera tout, à tous les points de vue, esthétique, aussi bien que social et moral avec une franchise entière et par conséquent assez rude. Mais, précisément, à cause de tout cela, je me sais gré de faire une chose difficile, dangereuse, et qui, au moins, me vaudra l'aveu du courage. Si je ne dis pas cela à Votre Majesté, je ne sais pas au monde qui que ce soit avec la Comtesse de La Tour, avec qui je puisse parler

de ce qui me touche. Mais, pour ne pas passer toute cette lettre à ne parler que de moi, j'ai vu assez souvent Madame Ristori cette semaine et l'autre. Elle est très charmée de son voyage en Suède où elle a eu des succès en réalité très grands. Le Roi l'a comblée de toutes manières et la population a imité le Roi dans toutes les villes. Bref, ce n'a été que bouquets et gerbes de fleurs au physique comme au moral. J'ai dit à Madame Ristori que je le dirais à Votre Majesté parce qu'elle m'a dit qu'il était gênant de raconter soi-même ces sortes de choses sur soi-même.

Ce qui est d'une autre nature et réellement fort triste, c'est l'état de santé de la pauvre Reine. Elle se remet peu ou si lentement qu'on ne le remarque guère. Il y a ici la princesse Louise de Prusse qui a été visiter l'autre jour des tombes étrusques que l'on vient de trouver dans la nécropole de Tarquinius. Helbig qui en arrive, me dit que celles-ci n'avaient pas été dépouillées comme celles que l'on connaissait déjà, par des voleurs de l'époque romaine. On y a découvert un charmant miroir et des vases qui paraissent tous de travail grec. Voilà à peu près tout ce que je vois de nouveau par ici. Adieu, Sire, je souhaite bien que la prochaine lettre de Votre Majesté me parle de bonne santé et de repos d'esprit...

D. Pedro II a Gobineau

Pétropolis, 13 Mars 1880.

Gobineau,

Soyez tranquille; la triste affaire du commencement de l'an m'a affligé profondément, mais la conviction que j'ai d'avoir tâché, toujours, d'accomplir mon devoir de Monarque constitutionnel, me console. Vous me retrouveriez la même disposition d'esprit, et que de bonnes causeries ferions-nous, les dimanches!

Je me rappelle aussi, parfaitement, les moments passés ensemble sur Cabale, rive de la Mer Noire. Je suis occupé continuellement, je n'ai jamais connu l'ennui et

l'étude des sciences a pour moi l'attrait que vous connaissez, quoique j'aime aussi les beaux-arts avec enthousiasme.

La lecture de votre *Ottar-Jarl* m'a beaucoup intéressé. Je vous y reconnais souvent.

L'idée de faire apprécier les qualités d'une même famille à travers les âges est bien à vous. L'influence des milieux différents sur les deux branches est saisissante, mais le caractère de la souche persiste toujours.

La continuation de l'*Amadis* me rapprochera encore de vous, et j'aurai ainsi l'occasion de vous dire ce que je pense sur toutes les questions que vous agiterez.

Je serai demain à St. Christophé et je jetterai, du moins, un coup d'oeil sur la *Mime*. Vous vous plaignez presque d'un peu de réserve de ma part, mais vous ne pouvez pas mettre en doute, à toutes les causeries que nous avons eues, la confiance que vous me méritez, et c'est dans mon caractère de parler de moi seulement quand je vois qu'il le faut pour que l'on me fasse justice.

Je passerai encore une semaine, au moins, dans ces montagnes qui me plaisent surtout pour la tranquillité que j'y trouve. Adieu!

Comptez toujours sur l'affection de

Votre bien attaché
D. Pedro d'Alcantara.

On parle de belles trouvailles à Pergame et je me procure des photographies des sculptures les plus importantes. J'en ai écrit à la Princesse Impériale d'Allemagne ainsi qu'à propos de ce que l'on trouve à Olympie.

D. Pedro II a Gobineau

Gobineau,

On m'écrit que vous êtes abattu. Cela m'afflige. Que souffrez-vous? Du courage! Votre amour pour le travail doit vous donner beaucoup de consolation. Moi, je les y trouve, aussi, au milieu des déboires de la politique.

Rien de nouveau. Je suis descendu, peut-être définitivement, de Pétrópolis. Il fait encore très chaud ici, mais là je ne pouvais pas vaquer comme il faut à de certaines obligations.

Votre livre m'intéresse beaucoup, mais je crois que je ne pourrai vous en parler qu'à bâtons rompus.

Que me dites-vous de la Russie? Il me semble qu'on y retourne aux temps des Ivans. Ce pays aurait besoin de deux ou trois Pierre le Grand.

Que vous êtes heureux de pouvoir vous livrer entièrement à vos penchants artistiques et à une littérature digne de l'esprit humain! A présent, je regarderai plus longtemps la *Mime* dont je vous ai communiqué ma première impression tout à fait favorable.

Comment va votre traduction du perse? Je n'ai presque pas de temps pour ces études qui me plaisent tant; cependant, je fais autant que je puis pour me débarrasser de cette politique qui m'étouffe quelquefois.

Adieu! Savez-vous ce que j'ai à faire dans peu d'instants? Je dois m'occuper avec le nouvel organisateur du Ministère, qui est arrivé tantôt de Bahia, de cette tâche ingrate.

Ecrivez-moi toujours comme nous causions et comptez toujours sur

Votre ami bien attaché
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 24 Avril 1880.

Gobineau,

Quel silence et on vous disait mal portant!

Cela m'inquiète et j'attends bientôt une lettre de vous qui me rassure complètement. Je n'ai rien à vous dire sinon que les affaires ne m'ont pas laissé écrire sur votre livre comme je le ferai.

Je vois tout ce qui se passe en Europe et se répercute jusqu'à un certain point au delà de l'Océan. Il faut s'occuper plus sérieusement de l'éducation du peuple et ne pas l'exploiter pour des intérêts plus ou moins avouables. Cependant, je ne suis pas ennemi de mon siècle comme vous, et la doctrine de l'évolution est exacte dans son fondement.

Les débats des Chambres ont commencé à me priver de plusieurs heures pour mes lectures de prédilection, mais je suis toujours en train et tâche de bien employer mon activité. Malheureusement, ma position ne me permet presque pas la personnalité que, cependant, je ne pousserais pas aussi loin que vous.

Quel bel ouvrage vient de publier Berthelot. Je lui en ai déjà écrit.

Adieu! A tantôt! J'espère que les affaires politiques — tristes affaires en général — ne me seront pas autant sur les reins. Adieu! Toujours

Votre bien attaché
D. Pedro d'Alcantara.

Excusez le caractère de l'écriture, quoique cela paraisse une petite revanche.

Gobineau a D. Pedro II

Rome, 27 Mai 1880.

Sire,

Je reçois à l'instant la lettre de Votre Majesté du 24 avril et j'y réponds tout de suite. Comment se fait-il que mes lettres tardent tant à arriver à Votre Majesté! J'ai peur qu'il ne s'en perde. Car je n'ai pas du tout le sentiment que je demeure si longtemps sans vous écrire. Sans compter que la dernière n'était pas la fleur des pois en fait de contenu. Franchement, je voyais les choses un peu en sombre parce que j'avais mal aux yeux

et que je n'étais pas trop bien. Je suis obligé de prier Votre Majesté de me pardonner sur le peu l'habitude que j'ai du style mélancolique et, bref, on ne peut pas être parfait bien que j'y tiendrais tant, surtout vis à vis de Votre Majesté qui ménage si peu mon écriture. Quand je pense pourtant qu'il n'existe pas une personne vivante pour laquelle je fasse tant d'efforts de calligraphie qu'avec Votre Majesté! Et dire que cela me réussit si peu! Mais je reprends pourtant toutes mes prétentions à la haute vertu; d'abord, il me semble que j'écris dans ce moment comme un maître juré en écriture de luxe, et par dessus le marché, je ne gémiss pas le moins du monde. Santé et yeux s'arrangeront... Je suis sûr que Votre Majesté va déchiffrer tout couramment cette formule musulmane, même malgré les discours parlementaires. Nous allons être dans le beau de ce système. Les nouvelles Chambres se sont ouvertes hier, ou plutôt avant hier. Minghetti m'a assuré qu'ils (les Conservateurs) avaient soixante voix de majorité, que c'était insuffisant pour prendre les affaires mais, assez, cependant, pour former un noyau considérable; je suppose que, dans la pratique, cela veut dire qu'avec une coalition d'une partie de la gauche, on pourra espérer quelque part dans la formation d'un cabinet. Ce qui le frappe surtout, c'est que, sur l'ensemble même des élections, son parti a compté soixante quinze mille voix de plus qu'à la dernière épreuve, ce qui prouve, suivant lui, un réveil considérable des sympathies conservatrices dans le pays. Si, maintenant, on se demande ce que les Conservateurs feront du pouvoir quand ils l'auront, ils en feront identiquement la même chose que la gauche, parce qu'ils n'ont pas inventé autre chose, d'où je conclus que le gouvernement parlementaire (je ne parle pas du système anglais *en Angleterre*) finit assez vite pour ne plus trouver en lui-même d'autre vie possible que les imaginations à la française: quod avertat a nobis Dominus. Massari a été réélu, il est aux anges. Le prince de Téano n'a pas été nommé; Madame Minghetti a un chapeau neuf charmant. Je serai bien heureux, quand on laissera quelque peu le temps à Votre Majesté pour m'écrire sur *Ottar-Jarl*. Je reçois d'excellentes lettres à son sujet et les gens qui aiment l'Histoire s'en occupent. La seconde

édition quand je la ferai aura bien du nouveau. J'ai des notes excellentes et je compte en avoir d'autres qui le seront encore davantage...

Gobineau a D. Pedro II

Rome, 1 Juin 1880.

Sire,

J'espère que Votre Majesté est un peu débarrassée des jouissances de l'éloquence parlementaire et a repris une part de ses loisirs pour le travail d'esprit tout pur. Ici, cela va recommencer avec la nouvelle chambre. Je souhaite que les résultats soient bons mais je n'en suis pas trop sûr. Tout prend en Europe une direction si singulièrement cahottée qu'on ne saurait guère prévoir les choses. Les notes pour la nouvelle frontière à donner à la Grèce ne réussissent pas trop bien. Les Albanais ne veulent pas absolument quitter le gouvernement turc et si on les y contraint par force, je me demande comment la Grèce maintiendra les effets de cette force. Nous verrons avant peu de singuliers résultats.

Je pars après-demain pour aller en France. Je resterai à peine quelques jours à Paris pour mes affaires et j'irai de suite près de Beauvais, chez le Général de Clermont-Tonnerre avec qui je passerai un mois environ. C'est un ancien pays des Gournay et j'en reçois des renseignements excellents comme aussi de Bourges où j'irai probablement aussi, attiré par un archiviste plein de zèle pour *Ottar-Jarl* dont je me promets des merveilles. Il faut aussi que je raconte quelque chose à Votre Majesté. Le peu d'argent que j'ai, je l'ai envoyé en Norvège. L'Europe m'inspire, dans un temps prochain, moins que de la confiance malgré sa grande richesse, et un ami que j'ai à Thronhjelm, m'a placé mon argent dans le pays même d'*Ottar-Jarl*. Ne suis-je pas assez bien traité par le sort? Je le serai tout à fait si mon ami Berna, de la rue d'Ajuda, m'achète mon monument funèbre dont je lui envoie la photographie par La Tour. Je ne doute pas que celui-ci ne soit arrivé à Rio et n'ait eu l'honneur de voir Votre Majesté.

Jeanne fait sa première communion demain et est toute entière à ses dévotions comme cela doit être, ainsi que la Comtesse qui les partage avec elle. C'est dans ces dispositions excellentes que je vais les laisser pour ne les retrouver que dans quelques mois. Je ne connais pas du tout le livre de Berthelot dont Votre Majesté me fait un si grand éloge. Mais, d'une part, je ne doute pas que de cet excellent esprit il parte des choses excellentes et, comme d'ailleurs, il doit s'agir là de chimie, je pense ce n'est pas trop mon affaire. Mais Renan m'en parlera certainement à Paris. Il est enchanté de son voyage en Angleterre, de l'accueil qu'il y a trouvé et des résultats de ses conférences.

Je ne peux pas encore travailler car je continue à avoir des yeux pour ne pas voir comme les Idoles des Anciens. Cependant, je vais mieux et j'espère beaucoup dans mon voyage pour me tirer de cette calamité qui ne peut pas durer toujours. J'ai, cependant, fini ces jours-ci un bas-relief qui m'a été commandé par une dame allemande de Hanôvre et qui me semble être assez bien. Mais que de peine quand on n'y voit pas! Je n'ai jamais rien fait de si difficile. Adieu, Sire, j'écrirai à Votre Majesté aussitôt que je serai en place à peu près...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 15 Juin 1880.

Gobineau,

Votre Lettre du 24 Avril m'a fait bien de la peine. Je comprends ce que vous devez souffrir, surtout moralement, de votre mal aux yeux. Que ne suis-je là pour des causeries qui, du reste, seront supplées par la conviction d'une amitié qui ne vous fera jamais défaut.

Mon voyage à la province Paraná m'a beaucoup plu. Ce sont de beaux champs semés de ces *Araucaris* magnifiques de 30 ou 40 mètres de hauteur.

La température, presque toujours de moins de 15.° cent. et même un matin de — 2.° m'a fait beaucoup de bien. Mais, à mon retour, j'ai trouvé infiniment à faire

et je ne sais pas quand je serai un peu au courant de ce que j'ai reçu d'intéressant d'Europe.

Prochainement, je vous écrirai une bonne lettre. La troisième partie de l'*Amadis* doit être fort intéressante, et je suis sûr que vous y avez mis beaucoup du vôtre. Ceci vous soutiendra toujours dans vos luttes avec la société qui ne peut pas toujours se faire voir par ses meilleurs côtés.

Adieu! Il y a beaucoup de temps que je ne reçois pas de lettre de la Princesse Impériale mais je lui ai déjà parlé de vous comme devait parler un ami.

Votre bien affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Solesmes (Sarthe)
25 Juillet 1880.

Sire,

Je viens de recevoir la lettre de Votre Majesté à son retour du Paraná et je suis bien touché et bien reconnaissant de sa sollicitude pour moi. Je sais à peu près, ce me semble, ce que j'ai. J'ai une anémie assez prononcée qui me donne une grande faiblesse et qui, s'étant portée sur les yeux, me met à peu près hors d'état de lire et d'écrire. Je crains bien que Votre Majesté ne me fera pas trop de compliments sur la calligraphie de cette lettre que je ne peux guère lire moi-même. Mais, en somme, peut-être, je vais mieux et je raconterai plus gaiement mes malheurs à Votre Majesté dans quelque temps. Je suis venu voir ma soeur ici, dans son abbaye bénédictine, pour savoir si le Gouvernement chasserait la communauté comme il menaçait de le faire. Pour le moment on les laisse tranquilles. Je voudrais que cela pût durer jusqu'à ce que M. Gambetta et son camarade

le Général de Galiffet sauvent la religion, la propriété, la famille, etc. Ils ne demandent pas mieux pour le moment. Quel pays!

Je pars lundi pour la Suisse. Peut-être que l'air des montagnes me remettra et me rendra la vue. On me le fait espérer! Je ne peux, cette fois-ci, que dire ces quelques lignes pour me mettre aux pieds de l'Impératrice et rappeler à Votre Majesté un respectueux attachement, un dévouement qui dureront autant que moi. Qui vous aime plus que votre fidèle

Cte. de Gobineau.

Gobineau a D. Pedro II

Karlsbad, 12 Août 1880.

Sire,

On m'a envoyé ici et je ne remarque pas encore que mes yeux aillent mieux. J'espère pourtant que cela finira bien. J'ai grand désir d'avoir des nouvelles de Votre Majesté en tous temps, mais naturellement encore plus en celui-ci où je ne suis pas très distrait comme de raison par ce mauvais état de ma vue. Ce que je viens de voir de la France est la désolation de l'abomination. Je ne comprends pas qu'on puisse demeurer au milieu de cette pourriture et ce qui me frappe surtout, c'est la bassesse et l'ineptie de ce qu'on appelle les partis conservateurs. Le goût de s'amuser et de perdre du temps et de se rendre impropre à tout, est plus honteux chez ceux-là que le développement des appétits chez leurs adversaires. Je ne crois pas avoir entendu une parole raisonnable pendant les deux mois que je viens de passer. Je n'ose en écrire davantage à cause de l'état de mes yeux qui explique, sans le justifier, l'état de mon écriture et je finis en priant Votre Majesté de me mettre aux pieds de

l'Impératrice et de penser au plus respectueux et plus attaché de ses serviteurs.

Cte. de Gobineau.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 22 Août 1880.

Gobineau,

Votre lettre du 25 juillet ne m'a pas tout à fait tranquillisé et je m'empresse de vous dire combien je m'intéresse à la complète jouissance des belles qualités que vous savez si bien faire apprécier par vos amis. Ces mots vous étaient dûs de la part de celui qui n'oublie jamais nos causeries et toutes nos preuves d'affection, surtout quand un si grand chagrin vient de vous frapper ainsi que votre fille chérie.

Prochainement, nous causerons de la seule manière qui nous est possible. L'intelligibilité de votre écriture doit nous rassurer complètement.

Je vous prie de présenter mes sincères condoléances à votre fille Diane et de compter toujours sur les sentiments de

Votre bien attaché
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Calusen, 17 Septembre 1880.

Sire,

Je viens de recevoir hier la lettre que Votre Majesté m'a fait l'honneur de m'écrire le 22 août dernier et qui

après avoir couru assez raisonnablement après moi a fini par m'atteindre ici. Je suis extrêmement touché de tout ce que Votre Majesté veut me faire l'honneur de me dire d'affectueux sur la perte que je viens de faire du baron de Guldencrone. C'est un grand malheur pour sa famille. Ce qui ne l'est pas moins, c'est le parti que sa femme avait pris sans me prévenir et sans pressentir mon opinion d'aller avec tous ses enfants en France voir sa mère. Il en résulte des choses fâcheuses dont je ne veux pas, au moins, en ce moment, importuner Votre Majesté.

Mes yeux vont un peu mieux mais pas encore tout à fait bien. Ce qui reste dans un très mauvais état, ce sont mes forces et je ne puis ni marcher beaucoup, ni veiller, ni rien faire. Je suis, cependant, occupé à corriger la 2^{ème}. partie de l'*Amadis* et de finir la 3^{ème}. parce que tout va paraître chez un éditeur allemand et en Allemagne. Je publierai en même temps une gravure de mon buste d'*Amadis* et une de celle d'*Oriane*. A la tête du 1^{er}. volume on mettra une gravure du portrait que Madame la Comtesse de La Tour a fait de moi. C'est une grosse affaire et j'y emploie toutes mes forces. Adieu, Sire, je vais à Venise voir la Comtesse de Schleinitz et de là je retourne à Rome. Je vous écrirai aussitôt que je serai chez moi...

Gobineau a D. Pedro II

Rome, 15 Novembre 1880.

Sire,

Me voilà rentré chez moi. Mais comme il y a longtemps que je n'ai de nouvelles de Votre Majesté! J'ai écrit de tous les coins de la Bohême et du Tyrol à l'Empereur. Mais je n'ai eu qu'une pauvre lettre! En somme, je ne vais pas trop bien et il y a des moments où j'ai même été assez mal; mais je m'en tirerai grâce au ciel comme de tout. Seulement mes yeux ne vont pas

encore bien. C'est le pire et il en résulte de pauvres lettres dont je demande bien pardon à Votre Majesté.

J'ai passé quinze jours environ à Venise avec la Comtesse de Schleinitz et chez sa mère, la princesse de Hatzfeld et les Wagner. Nous avons beaucoup parlé du *Perceval* qui avance beaucoup. Je les ai vus toute la journée et je suis revenu surtout très touché de Madame Wagner que j'ai toujours beaucoup aimée mais maintenant plus que jamais.

Que dit Votre Majesté de la façon dont on pratique en France la liberté d'association et la liberté religieuse? C'est admirable! Les pères bénédictins viennent d'être chassés de chez eux. Les bénédictines n'ont pas été troublées et ma soeur continue à rester chez elle. Mais pour combien de temps?...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 23 Novembre 1880.

Gobineau,

Non je n'oublie jamais les amis; mais il ne faut pas leur écrire seulement des mots, seulement pour les assurer de ce dont ils doivent être bien certains. Cependant, un trop long tems serait au dessus du pouvoir de contention de l'amitié.

Votre petite lettre m'a causé donc un vrai plaisir et j'espère que je saurai bientôt que vous êtes de nouveau rendu à vous-même.

Ma vie est toujours affairée, et, partant, jamais ennuieuse. La causerie me manque trop, mais je m'en suis fait une espèce avec de certains bons livres qui ne vieillissent jamais.

Rien en fait de beaux-arts. Opéra muet depuis longtemps et pas de peinture ou de sculpture. Je contemple d'autant plus la *Mime*, à laquelle je trouve beaucoup de sentiment. On voit qu'elle vous est sortie d'un jet, dans un de vos meilleurs jours. Même la gorge me semble à présent naturelle. Que je voudrais en causer

avec vous! Le temps de Pétropolis approche et, là, je suis plus à moi-même.

Je ne vous parle pas de la société actuelle, car il vaut mieux s'y résigner. Ce que j'aurais à vous en dire, ne ferait qu'augmenter votre pessimisme. Que chacun travaille à l'améliorer selon ses meilleurs moyens!

J'espère pouvoir vous écrire à Pétropolis une longue lettre sur votre livre où il y a beaucoup à apprendre sous une forme qui souvent ne promet pas autant.

Qu'une lettre plus réjouissante pour l'Ami m'arrive bientôt de vous et ne craignez jamais de confier vos chagrins

à Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Rome, 29 Décembre 1880.

Sire,

Avec quel plaisir infini j'ai reçu la lettre du 23 novembre de Votre Majesté! Je vois que l'Empereur mène toujours le même genre de vie et, s'il y a beaucoup de choses de trop ou qui ne sont pas aussi adoucies que leur nature un peu sèche voudrait qu'elles le fussent; en somme, l'habitude, et la ferme résolution qu'en a Votre Majesté, réussit à faire tout passer, ce qui est le point principal. L'Amiral Duperré me dit qu'un savant, Monsieur Collin, membre des Académies de Bruxelles et de Turin, et qui est quelque chose aussi à l'Académie des Sciences à Paris, a eu l'honneur d'adresser à Votre Majesté par l'entremise du Baron d'Itajubá, un livre fort bien fait sur les plantes médicinales du Brésil. Il souhaiterait bien vivement une décoration de Votre Majesté et l'Amiral Duperré me dit qu'il en est digne. Je me rends donc à la prière que me fait mon ami de tous les temps, en transmettant cette prière à l'empereur.

La Reine d'Italie est, elle aussi, très bien portante et l'on prétend que l'hiver sera très gai. Pour moi, je suis gai parce que j'ai tout à l'heure fini la 3^{eme}. partie de tout l'*Amadis*. J'ai des lettres pleines d'intérêt de Madame Wagner. Lui, Richard Wagner, s'occupe de *Parsifal* pour l'année prochaine. Adieu, Sire, je supplie Votre Majesté de me mettre aux pieds de l'Impératrice et de recevoir avec sa bonté ordinaire l'expression du plus tendre et plus entier dévouement, de son très attaché et soumis serviteur.

Cte. de Gobineau.

CAPITULO XIV

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 7 Janvier 1881.

Gobineau,

Je vous souhaite la meilleure des années.

Celle qui vient de finir n'a pas été très mauvaise pour moi. Cependant, mes fils et petits fils me sont revenus et je vais passer tous les dimanches avec eux à Pétropolis où ils habitent à cause du changement de climat pour les enfants qui sont bien gentils.

La réception de Pasteur à l'Académie française doit être intéressante à cause des discours sur Littré de la part du savant croyant, et de Renan, le littérateur philosophe sans croyances. Cependant, que les choix faits par les 39 immortels sont souvent injustes.

Quand viendra la dernière partie de votre *Amadis*? J'ai hâte de vous voir de nouveau tout à fait en train.

Adieu! A bientôt et de Pétropolis où j'ai des loisirs et une température qui ne brûle pas comme celle de ces derniers jours.

Quelles nouvelles avez-vous reçues de Diane?

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Pétropolis, 7 Février 1881.

Gobineau,

Votre lettre du 29 Décembre m'a causé un vif plaisir car elle me prouve que vous revenez à votre état habituel.

Quand vous écrirez aux Wagner, je vous prie de leur dire que je me rappelle mon trop court séjour à Bayreuth et que je suis anxieux de lire ce que l'on dit de l'exécution de *Parsifal*.

Et de Mme. de Schleinitz quelles nouvelles me donnez-vous?

Je vous ai déjà écrit sur ces demandes de décoration. Que les ministres brésiliens indiquent ces personnes au Gouvernement si elles le méritent comme Mr. Collin.

Ici je travaille bien mieux qu'à Rio malgré les deux promenades que je fais tous les jours.

Tous les miens auxquels je transmets toujours vos souvenirs, se portent bien et il ne manque que les causeries avec les amis transatlantiques.

La publication sur les trouvailles de Pergame faites par Humann, que j'ai beaucoup vu à Smyrne, m'a fort intéressé.

On vient aussi de découvrir une statue de Minerve à Athènes. On la dit fort belle.

Votre dernier livre est sur ma table et j'aurai ici du temps pour vous en écrire comme je le désire.

Dites-moi si la photographie ci-jointe vous rappelle l'ami?

Adieu! Ecrivez-moi plus souvent si cela vous fait plaisir et parlez-moi de tout comme dans nos dimanches de St. Christophe.

Bien des souvenirs à votre fille Diane. Comment vont vos petits fils?

Adieu! A bientôt.

Votre bien attaché
D. Pedro d'Alcantara.

D. Pedro II a Gobineau

Rome, 22 Mars 1881.

Sire,

J'ai été très heureux de la lettre de Votre Majesté du 7 février qui vient seulement de m'arriver. J'étais sans

nouvelles de Votre Majesté et je trouvais le temps un peu long. Je voudrais écrire plus souvent et mieux, mais mes yeux ne me laissent pas toute liberté. J'espère que cela reviendra. Je vais écrire à Madame Wagner et je ne manquerai pas de faire la commission de Votre Majesté. On ne donnera pas encore *Parsifal* cette année. Mais on va donner le *Ring der Niebelungen* au mois de mai à Berlin. Je devais y aller avec les Wagner mais c'est un peu trop pour moi. Je ne les verrai qu'au retour à Bayreuth, où j'irai aussitôt qu'ils vont y revenir. J'ai fini la 3^{ème}. et dernière partie de l'*Amadis*, mais il faut encore la corriger et de cela je ne peux pas dire que c'est peu de chose. J'imagine que je peux m'attendre encore à des difficultés. Cependant le point principal est fait. Les choses sont tristes en Europe comme le voit Votre Majesté. Tout cela finira certainement mal et pour tout le monde. C'est l'inconvénient de vivre dans un temps d'épuisement et de décadence. Je ne vois pas comment on pourrait se tirer d'affaires...

Je suis bien reconnaissant à Votre Majesté du portrait. J'avoue, cependant, que j'aime toujours mieux celui de Saint-Pétersbourg...

D. Pedro II à Gobineau

Rio, 8 Mai 1881.

Gobineau,

Votre lettre du 22 Mars m'a donné la bienvenue à mon arrivée de Minas. Une des provinces de plus d'avenir quand il y aura de bonnes routes qui la relieront avec le reste du monde d'une manière facile. Cependant l'aorte du chemin de fer y est déjà entrée et commence à s'anastomoser. Je vous en parlerai bientôt un peu longuement. Lisez ce que St. Hilaire en a dit dans son voyage si intéressant. Ses réflexions servent encore aujourd'hui.

Allez à Bayreuth et jouissez de ce dont je n'ai joui que pendant trop peu de temps.

J'attends la dernière partie de votre *Amadis* avec impatience.

Je vous trouve assez mélancolique. Je voudrais bien aller causer avec vous en vous portant un peu de mon optimisme. Croyez au moins que tous vos amis désireraient vous savoir content.

Je viens de répondre à une lettre de Mme. Marjolin qui me parle de vous dans les mêmes sentiments.

D'ici je n'ai rien à vous dire d'intéressant si ce n'est ce que vous savez déjà.

Ma femme vous remercie de vos souvenirs. Ma fille ne revient que vers la fin de l'an. J'étudie et lis et m'occupe comme toujours. C'est ma grande consolation comme celle de recevoir des lettres de ceux que j'affectionne.

Adieu! A tantôt.

Votre tout affectionné

D. Pedro d'Alcantara.

Il semble que Mr. de Schleinitz est tombé en disgrâce à cause de son opposition à Bismark, mais je suis sûr que sa femme dans la hauteur de son esprit ne se soucie guère de cela.

Si vous allez à Bayreuth entendre le *Parsifal*, asseyez-vous dans le premier rang tout près de la rampe, — d'où j'ai entendu *Rheingold* et songez à mon regret de ne pas y être aussi.

La mort de Paul de Saint Victor a été un vrai chagrin pour moi quoique je ne connaisse que ses ouvrages. J'espère que l'on continuera la publication de *Les Deux Masques*, dont la lecture m'a ramené en Grèce. Heureusement, celle-ci vient de s'agrandir un peu, mais la Crète appartient encore à l'Ottoman.

Je n'oublie pas ce que je vous ai promis à propos de votre dernier livre; mais les occupations surgissent sans cesse et quoiqu'aimant beaucoup les Beaux-Arts, vous savez qu'il m'est difficile de ne pas lire ce qui puisse me mettre un peu à même des progrès de la science. Cependant, je regarde votre *Mime* presque toutes les semaines et je trouve que vous rendez votre idée d'une manière frappante...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 22 Août 1881.

Gobineau,

J'ai été aussi content de recevoir votre lettre du 10 juillet, surtout parce que vous y vois l'activité d'esprit que je vous connais.

Vous venez cependant d'admirer à Berlin le *Ring der Niebelungen* et de reconnaître que les belles choses peuvent encore produire de l'enthousiasme. Vous étiez aussi à Chameade qui doit être charmant, surtout à cause des qualités si estimables de la châtelaine.

J'ai lu un de ces jours-ci quelques pages de Froissard pour que votre ami ait ainsi, quoique par rêve, une petite part dans vos jouissances de tout ce qui est beau. C'est un excellent endroit pour écrire vos nouvelles féodales qui doivent être aussi émouvantes que celles de l'Asie. Les temps mérovingiens se présentent peut-être à mon esprit à travers le souvenir de la lecture de l'ouvrage admirable de Thierry qui m'a presque enchanté, mais je ne puis pas oublier le caractère de ces rois et de Frédégonde surtout, qui était bien personnel.

Avez-vous lu les derniers livres de Victor Hugo? On ne peut qu'admirer la vivacité de ce vieillard et il y a beaucoup de véritables poésies.

On annonce la publication prochaine du *Marc-Aurèle* de Renan, et je l'attends avec impatience. Ce nom là me rappelle que j'ai enfin trouvé l'ouvrage de Caussin de Perceval que vous m'aviez indiqué. Je vais le lire quand j'aurai plus de loisir.

Adieu! A tantôt du moins par le désir que j'ai de causer avec vous, comme aux dimanches de St.-Christophe. Ma fille est bien sensible à votre souvenir.

Je vais inaugurer un de ces jours-ci le trafic du chemin de fer de Rio à St. João d'El-Rei, Ouest de Minas. Ce sera l'affaire de quatre journées loin de St.-Christophe. J'aime beaucoup ces fêtes là quoiqu'elles me distraient de mes occupations favorites.

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

J'ai remarqué avec plaisir que l'on a élu sénateur Berthelot, quoique la chimie politique réussisse difficilement.

Adieu! Je voudrais vous écrire encore davantage, car mon esprit est plus en repos ce jour-ci; mais il faut vaquer aux affaires et, je vous l'avoue franchement, il y a des publications scientifiques qui me tentent.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 15 Septembre 1881.

Gobineau,

Fort content de votre lettre où je reconnais que vous vous rendez à vous même.

J'attends avec impatience la fin de votre *Amadis* qui me rappelle aussi notre voyage en Russie.

Le tableau que présente l'Europe ne m'édifie pas certainement, mais je ne crains ou plutôt espère comme vous l'invasion des Barbares.

J'ai beaucoup regretté la mort de St. Victor. Je crois que l'on publiera la continuation de son bel ouvrage: *Les Deux Masques*.

Tout ce qui se rapporte à l'électricité, m'occupe fort en ce moment-ci. J'espère que l'on naviguera bientôt en ballon. Ce sera le bonheur des amis absents.

Ma femme est bien sensible à vos souvenirs et me prie de vous le témoigner.

Il commence à faire chaud, mais pas autant qu'en Europe où le nombre de degrés a été presque celui de l'Egypte...

Quelle traversée admirable vient de faire Massari et Mattenci mort après avoir parcouru le plus long chemin jusqu'à présent de la côte orientale à l'occidentale de l'Afrique.

Les faits de ce jour consolent un peu des misères de l'époque et je soutiens que la Société a beaucoup gagné, en général, après le Moyen-Âge.

Les Grecs sont très joyeux de leur nouveau territoire, mais ils auraient pu en gagner davantage en se rendant plus nécessaires à la solution temporaire du reste de la question d'Orient, toujours plus ou moins menaçante. Mais cela viendra.

Adieu! A tantôt moins laconiquement, car je vous parlerai de l'exposition d'électricité.

Je lis le livre de Croiset sur Pindare. Ces lectures en ne troublant pas les devoirs indispensables me procurent de bonnes journées intellectuelles.

Adieu!

Votre tout attaché
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Pise, 18 Novembre 1881.

Sire,

J'avais presque peur que cette lettre ne pût trouver encore Votre Majesté à Rio et j'étais en quelque hésitation à l'écrire; mais madame la comtesse de La Tour m'écrit que je le peux faire et qu'elle ne sait pas encore le moment du départ de Votre Majesté du Brésil. De sorte que j'écris toujours parce que je veux remercier Votre Majesté de sa bonne lettre qui m'est arrivée à Chaméade au moment où je m'en allais à Paris. Je suis resté là environ trois semaines chez mon beau frère et je suis venu ici. Au fond, je n'ai rien trouvé à y faire et ce que j'ai le plus admiré, c'est qu'on abat les rues que j'ai vu faire pour en bâtir d'autres de même mode. C'est une bonne ville qui se reconstruit tous les quinze jours. Du reste, tout me paraissait aller de la même façon. J'ai retrouvé Pise dans (son) ancienne méthode avec son église incomparable et son Longarno qui vaut la peine qu'on le garde. Mais on ne songe pas à l'ôter.

J'ai retrouvé Madame Marjolin toujours la même et avec les mêmes fons sentiments et mêmes sages idées que vous lui avez toujours connues. Je lui ai écrit ce matin.

Je vais à Rome dans une quinzaine de jours et je courrai d'abord chez Liszt, car on me dit qu'il n'est pas bien portant. Peut-être n'est-ce comme nouvelle que l'ancien reflet de sa méchante chute à Weimar, et de cela il est tout à fait rétabli. Mais nous en saurons le détail tout de nouveau.

Wagner est à Palerme. Je devais y aller avec lui, mais je ne suis pas assez fort pour faire de ces grandes entreprises en ce moment. J'ai donc dû y renoncer. Je le verrai au printemps à Bayreuth pour la représentation de Parsifal. Il est absolument dominé par cette nouvelle grande affaire et je comprends à merveille qu'il s'y soit donné tout entier. Il n'est pas tout à fait voué à ce qu'il a déjà fini. Il a l'idée de faire un nouvel Opéra et c'est tout naturel qu'il y pense très activement. C'est un sujet indien et, en réalité, un poème sur l'origine première de ce sujet immense. Il est bien l'homme qu'il faut pour penser concevoir et exécuter de pareils thèmes.

Je ne peux penser tranquillement à l'idée de voir Votre Majesté. C'est un trop grand plaisir pour que je n'y songe qu'à moitié. Enfin il paraît que cela sera et j'imagine pour cet été. A quel point je le désire et la fête que je m'en fais, c'est à peine ce que je peux dire...

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 4 Novembre 1881.

Gobineau,

Votre lettre du 1er. Octobre vous montre à moi mieux portant et vous savez combien je dois en être content.

Je connais et lis avec *beaucoup* d'intérêt Spencer.

Vos réflexions sont très justes. La sociologie est une synthèse de toutes les sciences. *Qui trop embrasse, mal étreint.*

J'attends avec impatience vos récits de Bayreuth, où certainement vous aurez exprimé à Wagner l'estime que je concède à son talent.

La lecture de tout ce que l'on publie à propos de l'exposition d'électricité, m'occupe énormément. Mon enthousiasme presque poétique pour les sciences augmente tous les jours.

L'opéra: *Mephistofelès* de Boito m'a beaucoup plu. Je voudrais bien avoir votre opinion à ce sujet. Je pense que Wagner doit faire cas de Boito comme musicien.

L'opéra est fini et je rentre presque tout à fait dans ma vie intérieure où, du reste, on trouve de grandes jouissances de l'esprit.

Adieu! J'ai transmis vos souvenirs et croyez que vous avez ici bien des personnes qui vous sont attachées. Les anciens dimanches sont toujours présents à la mémoire de

Votre tout affectionné
D. Pedro d'Alcantara.

CAPITULO XV

Gobineau a D. Pedro II

Rome, 8 Février 1882.
9 Via Solferino.

Sire,

J'ai reçu hier la lettre de Votre Majesté du 7 Janvier. Je suis plus reconnaissant que je ne peux dire de tout ce que Votre Majesté m'écrit de bon et d'affectueux à l'occasion de la nouvelle année! Votre Majesté ne saurait douter de la sincérité de tous mes vœux pour son bonheur constant et ce que Votre Majesté me dit de la santé et de la grâce des jeunes princes me donne une satisfaction que je ne pourrais dire.

J'espère que l'Empereur a reçu et lu les livres nouveaux qui l'intéressent, entr'autres celui de Renan sur Marc-Aurèle. Il a eu la bonne grâce de me l'envoyer. Mais je suis obligé d'avouer que j'ai trop peu d'admiration pour Marc-Aurèle, ses phrases et ce fond de cuistrie qui forme le caractère et le bien de ce temps où il a vécu. Ce ne sont pas plus des choses pour ma sympathie que tous les Antonins du monde et les temps où ils ont vécu. Je suis un homme du Moyen-Age et j'y reste. J'aurai aussi vu avec plus d'édification que Renan, Taine et Maury eussent eu la simple idée, en faisant des livres avec les miens, eussent eu l'honnêteté de le dire. Mais ce n'est pas du temps. Je le mettrai dans la préface de la prochaine édition de *l'Inégalité des Races*. Je crois qu'il est temps d'en faire une autre. On vend, en ce moment à Rome, au profit du libraire, un exemplaire des *Races* pour 100 francs. Mais moi je n'ai guère profité de cela. Didier l'éditeur de trois de mes livres, *Les Religions et les philosophies dans l'Asie Centrale*, *les Nouvelles Asiatiques* et *Ottar-Jarl* m'annonce qu'il a tout

vendu, qu'il n'en reste pas chez lui un exemplaire, mais ne me donne pas un sou, parce qu'il juge à propos de ne rien donner. C'est très joli mais peu profitant. Il y a ici avec Liszt qui vient de partir, son gendre Olivier que j'ai consulté de l'avis de Liszt — mais il m'assure que je pourrai plaider mais que je n'en aurai pas un sou davantage. Le traité des *Écritures Cuneiformes* est vendu de même tout entier et me rapporte quoi? 240 frs. Vous voyez que je ne ferai pas fortune avec les libraires. Mes livres se vendent tout entiers et ne me rapportent rien. Adieu, Sire, je ne vais pas trop bien. Mais, je guérirai et quand je serai guéri, je n'en serai ni plus ni moins le serviteur dévoué que je suis et serai toujours avec le plus profond respect de Votre Majesté.

Cte. de Gobineau.

D. Pedro II a Gobineau

Rio, 25 Mars 1882.

Gobineau,

Merci de votre lettre. Elles me causent toujours le plus vif plaisir, surtout parce que j'y vois que votre esprit est toujours actif. J'espère que l'on fera plus de justice à la valeur de vos écrits et j'attends avec impatience la fin de votre *Amadis*.

Ma vie est toujours celle que vous savez... Je ne m'ennuie jamais; cependant, beaucoup d'amis sont loin de moi.

Moi et les miens jouissons de Pétropolis où nous retournons, ce soir, après la fête où vous me manquez toujours dans le corps diplomatique ou, plutôt, parce que votre présence me promettait un prochain dimanche d'excellente causerie.

Je ne lis rien à présent de fort intéressant. La traduction de l'Écclésiaste par Renan ne m'est pas encore arrivée.

La livraison du "corpus inscriptionum semiticarum" m'a beaucoup intéressé.

La découverte des monuments trouvés en Chaldée occupe avec raison le monde archéologique. C'est une nouvelle face et progrès des beaux-arts dans l'antiquité.

Les miens me chargent de force souvenirs pour vous et vous savez que vous pouvez compter toujours sur l'affection de

Votre bien attaché
D. Pedro d'Alcantara.

Gobineau a D. Pedro II

Château de Chaméane, par le
Vernet — la — Varenne,
près Issoire, Mont d'Or,
France. 10 Juillet 1882.

Sire,

J'ai été très content de recevoir une lettre de Votre Majesté! Et je ne la méritais pas trop, car il y a bien longtemps que je restais fort muet. J'ai quitté Rome où je suis resté quinze jours. Je suis parti pour Bayreuth. Le maître m'a emmené à Berlin où j'ai vu le *Ring der Niebelungen* et, à cette occasion, le plus beau triomphe qu'on se puisse imaginer. La ville de Berlin en a été enthousiasmée autant qu'on peut l'être et j'ai éprouvé une bien grande joie en voyant que de belles choses pouvaient pourtant être admirées, quelquefois et à fin, presque autant que des sottises.

Madame la comtesse de La Tour a eu la bonté de me permettre de venir la voir à Chaméane et je crois que j'y resterai jusqu'à l'hiver où je retournerai à Rome. Chaméane est charmant; c'est du plus pur et du plus vieux moyen-âge. C'est un pays de montagnes, fraîches et vertes autant que possible. Je suis ici de toutes manières le mieux du monde.

Je fais mes *Nouvelles féodales* et je crois que j'y commencerai une histoire complète des Mérovingiens où je montrerai au milieu de quelle canaille, ils ont eu le malheur de vivre, c'est à dire des Gallo-Romains qui dans ce moment-ci tournent à M. Grévy et à M. Gambetta.

J'aurai beaucoup à travailler mais j'arriverai au bout. Je ne pense pas aller du tout à Paris cet été. Peut-être irai-je au printemps quelques semaines chez Madame de Schleinitz et de là à Bayreuth pour voir le *Parcifal* qui sera alors donné pour la première fois.

Adieu, Sire; je finis parce que je n'écris pas très facilement...

Gobineau a D. Pedro II

Château de Chaméane, 12 Août 1882.

Sire,

Je ne me remets pas trop et surtout je n'y vois pas trop clair. C'est pourquoi j'ai quelque peine à pouvoir écrire à Votre Majesté. J'ai fini l'*Amadis*, tout à fait. Renan m'offre de se charger de le faire imprimer à Paris. J'en suis fort touché car je ne peux pas me dissimuler que ce n'est pas trop de son avis, mais il veut bien y mettre de la sympathie pour mes ouvrages et pour moi; je ne lui en dois que plus de reconnaissance. Comme mon *Amadis* est celui de mes livres auquel je tiens particulièrement, je suis plus touché encore que je ne saurais dire. Aussi je m'occupe de ce qu'il deviendra plus que j'ai fait encore pour rien.

Madame de La Tour est très occupée aussi de la restauration de Chaméane. Il lui faut surveiller la reconstruction de tout son toit, ce qui n'est pas une petite affaire. Mais c'est vraiment charmant. Il n'y a pas de doute que toute cette construction avec ses huit tours ne soit au plus tard du 13.^e siècle. Il est vrai qu'elle a été rarrangée au 16.^e; mais tout le gros de l'oeuvre a conservé son caractère du vrai moyen-âge.

Votre Majesté ne doit pas être très édifiée du tableau que présente l'Europe. Rien de pareil ne s'est jamais vu depuis la destruction de l'Empire d'Occident mais ce qui est surtout intéressant c'est que c'est absolument la même chose et les mêmes gens. Je lisais hier la des-

truction de villages dans la Tunisie et à côté les détails sur des déclarations de dévouement que viennent apporter des Basch Kyrs de la Steppe au dessous d'Orenbourg. Leurs chefs parlaient très bien russe et l'Impératrice leur a fait raconter les détails de leur vie intérieure. C'est ce qu'on fera à Paris dans quelques années. Mais ils camperont alors auprès de Saint-Denis.

J'espère que Votre Majesté n'est pas trop fatiguée par le temps et, peut-être, ne fait-il pas aussi chaud au Brésil que nous l'avons cette année en France.

Adieu, Sire. Je prie Votre Majesté de ne pas oublier et de croire toujours à mon dévouement. Je vous supplie de vouloir bien prier Sa Majesté l'Impératrice d'agréer une part du profond respect avec lequel je suis de Votre Majesté le plus tendrement et profondément attaché serviteur

Cte. de Gobineau.

Gobineau a D. Pedro II

Rome, le 28 Août 1882.

Sire,

Je reçois à l'instant la lettre de Votre Majesté du 25 Mars. Abbattu, non, je ne le suis pas, mais j'ai mal aux yeux et, aujourd'hui particulièrement, j'y vois si mal que je ne puis suivre qu'en gros ce que j'écris. J'ai tout le côté gauche engourdi; on me dit que cela vient du foie. Mais c'est gênant. J'en suis fort tourmenté et, en réalité, je n'en souffre pas. Mais ce sont des taquineries, et j'aimerais mieux ne pas les avoir. Je ne travaille pas très commodément avec cela et même il y a bien des jours où je ne peux pas travailler du tout. Ce qui m'ennuie davantage c'est qu'il me faut renoncer à la sculpture. J'ai naturellement les artistes de profession contre moi. Car où a-t-on entendu parler d'un ancien ministre qui ferait de l'art? Il n'y a que le pauvre Carpeaux qui admettait cela et qui était devenu mon ami. Guillaume aussi

m'avait fait faire des compliments de ma *Pia*. Mais à quoi cela me sert-il? Tous les gens de métier font plus de bruit et sont actifs contre moi. Les gens du monde qui les entendent, sont charmés de se persuader qu'un homme du monde est naturellement incapable de faire quelque chose de beau. On me donne des compliments dont je ne me soucie pas, mais à part quelques portraits payés le moins possible, on croirait compromettre son goût en me commandant quelque chose. Le marbre est très cher pour que je puisse le faire sans qu'on le paye, de sorte que la morale de mon histoire est que je renoncerai à la sculpture. La statue de la *Mime* est trouvée belle et je m'en réjouis puisqu'elle plaît à Votre Majeste et lui appartient. Ce sera ma seule statue puisque je ne puis en faire d'autres. Le monument que j'avais fait de deux grandes figures, le duc de Melzi qui me l'avait commandé, s'étant remarié, n'a plus voulu le prendre pour obéir à la seconde femme... et avec mille ennuis et des pertes, je l'offre au duc d'Ajuda. Le comte de La Tour lui en portera la photographie et si je lui vends à vil prix, j'en débarrasserai mon atelier et rendrai l'atelier au propriétaire et c'est bien fait. De sorte que je ne suis pas trop content de se côté là. Si je considère l'autre côté, je crois que Plon ni aucun éditeur n'a voulu faire une seconde édition de *l'Essai sur l'Inégalité des Races*. De plus. Plon m'avertit que les livres d'Hi stoire ne se vendent pas et qu'il ne pourrait m'en prendre. Il ne voudrait que des Romans "ni bons ni mauvais", c'est son expression; pas *l'Assommoir*, sa dignité ne le lui permet pas; mais pas la *Prison d'Edimbourg*, personne ne le voudrait lire. *L'Amadis* ne va qu'à un trop petit nombre de lecteurs, naturellement, de sorte que pour publier la seconde et la troisième partie, il faudra que j'en fasse les frais comme pour la première. C'est le moindre mal mais ce qui est sérieux, c'est que les éditeurs ne s'occupent guère des livres où ils n'ont pas d'argent engagé. De tout cela résulte-t-il que je sois abattu? A Dieu ne plaise. Pas le moins du monde! Mais je trouve un peu que la vie est dure. Cela ne m'empêchera nullement de finir la 3e. partie de *l'Amadis* à laquelle je travaille, et l'honneur d'avoir fait un poème de dix huit à vingt mille vers sur la société du Moyen-Age et sa suite par la société moderne me restera.

Seulement, je trouve que je n'ai rien de plus que beaucoup de peine et le sentiment de beaucoup d'iniquités. Mais Votre Majesté est bien assurée que le diable ne se vantera pas de m'avoir cassé par le milieu du corps ni fait faire un de ces livres ni bons ni mauvais, si chers à mon éditeur et que je ne voudrais pas avouer. Si je retrouve mes yeux et que je puisse travailler librement, je ne serai pas même, je ne dis pas de mauvaise humeur, je ne le suis pas, mais contraint et un peu crispé. J'ai peur que Madame la Princesse Impériale d'Allemagne, avec toute son indulgence que l'ai bien sentie et dont j'ai été touché extrêmement, ne soit disposée à ne me voir que militant. En vérité, elle ne connaît guère que cela de moi. Mais Votre Majesté sait que ce n'est que l'écorce et qu'il me faut bien avoir une carapace quand on est de telle nature qu'on serait foulé aux pieds si cela était au pouvoir de ceux qui sont... , autour de ce qui n'est pas de leur espèce. Adieu, Sire; Votre Majesté me dit: écrivez-moi toujours comme si nous causions. Voilà ce que j'aurais dit à Votre Majesté si j'étais en ce moment dans le cabinet de l'Empereur à Saint-Christophe. Mais j'en ai presque honte et je ne voudrais pas que l'Empereur le prit pour une plainte...

INDICE DOS PRINCIPAES NOMES CITADOS

(os numeros indicam as paginas)

A

Agassiz, 17, 168, 187.
Agoult (condessa de), 319.
Alcantara (D. Pedro d'), 69,
83, 87, 89, 146, 164, 236.
Alencar (José de), 49, 271.
Alexandre II (imperador da
Russia), 240.
Amari, 247, 249, 253, 268.
Ampere, 199, 208.
Aumale (duc d'), 37, 39, 62,
70, 118, 150.

B

Balzac, 316.
Barbey d'Aurevilly, 187.
Barral (Condessa), 20, 36,
43, 46, 48, 53, 62, 80, 117,
123, 130, 138, 169, 197, 205.
Barral (Dominique de), 164,
169.
Bassari, 264.
Basterot, (conde de), 273.
Beaconsfield, 306.
Beethoven, 193, 195, 201, 270,
284.
Berna, 334
Bernardelli, 244, 248, 272.
Bersot, 311, 317, 321.

Bertrand (Alexandre), 173,
175, 180.
Bismarck, 28, 29, 111, 149,
157, 160, 176, 197, 240, 241,
350.
Blunt, 292, 306, 322, 321.
Bom Retiro, 222.
Bonghi, 253, 259, 266, 268,
283, 287, 305, 314.
Borgia (Cesar), 121, 135, 143,
148, 233, 316.
Brosses (Charles de), 241, 272.
Buckle, 171.
Buffon, 272.
Bulow (Hans de), 319.

C

Cabagnari (coronel), 321.
Cairolí, 251, 270.
Calprenède, 178.
Candeuil, 275.
Carlos XIII (da Suécia), 79,
96, 111, 116, 149, 150.
Carpeaux, 367.
Cavour, 239.
Caxias, 272.
Chambord (conde), 40, 99,
151.
Chopin, 277.

Clermont, Tonnerre (general de), 333.
 Cotegipe (barão), 12, 16, 155.
 Cousin, 311.
 Crispi, 227, 239, 252.
 Cursi (Padre), 235, 243, 244, 250.
 Cuvillier-Fleury, 161, 186.

D

Dante, 119, 153, 204, 316.
 Darwin, 163, 171.
 Decazes (Duque), 211.
 Delaroche, 231.
 Dias Antonio Gonçalves, 151.
 Disraeli, 271.
 Dohuhoff (condessa), 245, 259.
 Donizetti, 316.
 Doré (Gustave), 282, 316.
 Duperré (Almirante), 342.

E

Eu (conde d'), 123, 238, 253, 259, 261.
 Eu (condessa d', Princeza Imperial), 49, 123, 172, 177, 180, 183, 205, 215, 216, 245, 254, 259, 261, 272, 335, 336.

F

Ferrare (Cardeal de), 280.
 Flaize, 256.
 Franchi, 248.
 Froissart, 296, 314, 352.

G

Galliffet (General), 281, 336.
 Gambetta, 28, 208, 292, 310, 336, 365.

Garnier, 208.
 Goethe, 119, 170.
 Gounod, 218.
 Grétry, 214.
 Guilherme I (imperador da Alemanha), 239, 268, 337.
 Gundelkrone (barão), 49, 141, 143.
 Gundenkrone (Snra. de), 224, 227, 228, 252.
 Gustavo III (da Suécia), 77, 111, 116, 149.

H

Haeckel, 168, 184.
 Halzfel (princeza), 340.
 Hohenlohe (Cardeal de), 234, 235, 239, 243, 244, 270, 276, 277, 280, 283, 287, 295, 303, 312, 314.
 Hubner (Barão de), 176.
 Hugo (Victor), 162, 186, 213, 227, 316, 352.

I

Ingres, 213.
 Itajubá (Barão), 342.
 Itaúna (Visconde), 103, 108.

J

Javalý (barão de), 289.
 Julio II, 121, 178, 233.

K

Kendell (de), 278, 305.

L

La Fontaine, 316.
 Lamartine, 344.
 Lambetti, 264.

Lanfrey, 199, 208.
 Leão X, 121, 168, 178.
 Leão XIII, 239, 247, 248, 251.
 Linné, 74, 76, 87, 88, 98, 99.
 Liszt, 259, 270, 276, 277, 280,
 283, 284, 295, 300, 303, 305,
 314, 318, 355.
 Littré, 129, 151, 346.
 Lonfellow, 153.
 Luini, 201.
 Luiz Philippe (rei), 40, 70,
 151.
 Luiz (principe de Orléans e
 Bragança), 252, 272.
 Lytton (Lord), 174, 187, 292,
 306, 313.

M

Mac-Mahon, 201, 317.
 Macchi (Mgr), 247.
 Marco-Aurelio, 361, 370.
 Margarida (Rainha), 247, 250.
 Martin (Henri), 311, 317, 321.
 Massari, 253, 332, 354.
 Mattenci, 354.
 Melzi (Duqueza), 201, 359.
 Mérimée, 18, 27, 35, 44, 155,
 158, 159, 161, 164, 174, 175,
 186.
 Messala, 225, 231, 248, 264,
 285, 301.
 Miguel, Angelo, 121, 233.
 Minghetti (Snra.), 259, 278,
 284, 287, 295, 305, 332.
 Minghetti, 235, 239, 240, 243,
 244, 253, 314, 332.
 Mirabeau, 306.
 Monteuffel (Marechal de),
 305.
 Mursa (Major), 125, 137, 138,
 139, 141, 147, 156, 158.
 Musset (Alfred de), 344.

N

Napoleão I, 49, 213.
 Napoleão III, 27, 28, 49, 199.

O

Olivier (Emile), 162.
 Oscar III (da Suécia), 94,
 110, 115, 176.
 Osman, Pacha, 240.

P

Paranapiacaba (Barão), 28.
 Paris (Conde de), 39, 40, 151.
 Pecci (Cardeal), 272.
 Peixoto (Afranio), 30.
 Pinto, Roquette, 27.
 Pio IX, 239, 247, 248, 250.
 Plon, 158, 368.
 Postolacca (Prof.), 264.
 Praxiteles, 261.
 Prejalowky (coronel), 30.
 Prévost Paradol, 19, 27.
 Prokesk, Osten, 34, 40, 76,
 208, 236.

Q

Quatrefages, 102, 173, 179,
 183, 184.

R

Rabelais, 316.
 Raffalowicz, 264.
 Renan, 18, 20, 27, 35, 45, 54,
 57, 65, 67, 68, 71, 100, 105,
 128, 129, 213, 234, 266, 268,
 295, 305, 311, 314, 321, 334,
 346, 352, 361, 363, 365.
 Rigny (Almirante de), 266.
 Rio Branco (Visconde), 51.

Ristori, 326, 344.
Rouge, 18, 27, 54.
Rubinstein, 213.

S

Saint-Hilaire, 350, 358.
Saint Victor (Paul de), 351,
353, 358.
Sallier de la Tour (Victor),
212, 300, 306, 334, 344, 368.
Sarto (André Del), 267.
Saxe-Cobourg (Principe Au-
gusto), 49, 53, 83, 107.
Schemann (Ludwig), 15, 16,
30, 153, 337, 272, 273, 372.
Schleinitz (Snr.), 350.
Schleinitz (Baroneza), 245,
284, 289, 339, 340, 347, 360.
Scheffer (Ary), 213.
Scudery, 178.
Simeoni, 248.
Sorel, 201, 209.
Spencer, 356.
Spix, 187.
Standhal, 174, 175.
Stanley, 321.

T

Taunay (Visconde), 24, 28,
241, 255, 274.
Taunay (Alfredo), 255.
Taunay (A. de Escragnolle),
28, 274, 358.
Teano (principe de), 305, 332.
Teano (princeza), 259, 270,
276, 277, 280, 283, 284, 295,
300, 303, 305, 314, 318, 355.

Thiers, 38, 41, 44, 46, 47, 48,
51, 52, 56, 99, 123, 208, 279.
Thierry (Augusto), 252, 258.
Tocqueville, 266.
Tour (Condessa de La), 109,
212, 224, 226, 227, 229, 235,
237, 238, 246, 247, 249, 252,
254, 256, 259, 262, 265, 268,
276, 295, 300, 305, 323, 325,
326, 327, 339, 344, 355, 358,
359, 360, 364, 365, 370, 371.

U

Urfé (Honoré d'), 187.

V

Vernet (Horace), 213.
Victor-Emmanuel I, (rei da
Italia), 239, 241, 253.
Vinci, 201, 202.
Visconti, 245.
Vital (Dom), 154.
Viveiro de Castro, 50, 77, 155.
Voltaire, 142, 150, 497.

W

Wagner (Snra.), 318, 340,
343, 349.
Wagner, 201, 212, 213, 223,
283, 284, 289, 318, 319, 340,
343, 347, 349, 355, 356, 357,
360.
Wittgenstein, 243, 246, 252.

Z

Zola, 302, 303, 344.

★ Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Graphica da "Revista dos Tribunaes" á Rua Xavier de Toledo, 72, em São Paulo, para a Companhia Editora Nacional em Outubro de 1938.



D. PEDRO II NO EXILIO



O CONDE ARTHUR DE GOBINEAU